



TESE DE DOUTORAMENTO

**RELAÇÕES VINCULARES E
APRENDIZAGEM SOCIAL NA PRAZA
DO MERCADO DE ABASTOS DE
SANTIAGO DE COMPOSTELA: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Gilgleide de Andrade Silva

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN EDUCACIÓN

SANTIAGO DE COMPOSTELA
2021



DECLARACIÓN DO AUTOR/A DA TESE

Dna. **Gilgleide de Andrade Silva**

Título da tese: **Relações vinculares e aprendizagem social na Praza do mercado de Abastos de Santiago de Compostela: um estudo etnográfico**

Presento a miña tese, seguindo o procedemento axeitado ao Regulamento, e declaro que:

- 1) A tese abarca os resultados da elaboración do meu traballo.
- 2) De ser o caso, na tese faise referencia ás colaboracións que tivo este traballo.
- 3) Confirmo que a tese non incorre en ningún tipo de plaxio doutros autores nin de traballos presentados por min para a obtención doutros títulos.
- 4) A tese é a versión definitiva presentada para a súa defensa e coincide a versión impresa coa presentada en formato electrónico

E comprométome a presentar o Compromiso Documental de Supervisión no caso de que o orixinal non estea na Escola.

En **Santiago de Compostela, 13 de Maio de 2021.**

Sinatura electrónica



AUTORIZACIÓN DO DIRECTOR/TITOR DA TESE

D./Dna. **Germán Vargas Callejas**

En condición de: **Director/a**

Título da tese: **Relações vinculares e aprendizagem social na Praza do mercado de Abastos de Santiago de Compostela: um estudo etnográfico**

INFORMA:

Que a presente tese, correspóndese co traballo realizado por Dna Gilgleda de Andrade Silva, baixo a miña dirección/titorización, e autorizo a súa presentación, considerando que reúne os requisitos esixidos no Regulamento de Estudos de Doutoramento da USC, e que como director/titor desta non incorre nas causas de abstención establecidas na Lei 40/2015.

En **Santiago de Compostela, 13 de Maio de 2021.**

Sinatura electrónica

Para Bibi, Cauzinho e Carlos.

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

A Germán Vargas, professor da *Faculdade de Ciencias da Educación da USC*.

A Rosa Verdugo, professora da *Faculdade de Ciencias Económicas e Empresariais da USC*.

A Jakson Renner Rodrigues Soares, professor de *PDI da Universidade de A Coruña*.

A Dalva de Andrade Monteiro, professora do Departamento de Saúde da UEFS.

Ao professor Vianney Mesquita.

A Isabel Méndez Naya e Charo Babío da *Cooperativa e Empresa de Insercción Laboral Conservas Anaco*.

A Graciela Chatelain, coordenadora pedagógica do CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Enrique Pichón-Rivière) Bahia/Brasil. Também a Maura Avena e Milena de Mariz.

A Monique Farguiev, diretora de *Soeurs et Rêves* pela comunicação visual.

A María Cana Villar, diretora da *Biblioteca de CC. Económicas e Empresariais USC*

Ao Arquivo Histórico Universitário da USC.

À Biblioteca *Concepción Arenal*, da USC, nas pessoas de Amália, Xulia, Suso e Julio.

À Biblioteca do Museu do Povo Galego e à Biblioteca Central de Galicia.

Ao Sindicato Labrego Galego, na pessoa de Conchi Mogo Alonso.

À Sociedade Cooperativa Galega, empresa que gestiona a *Praza*.

A todas as pessoas trabalhadoras da *Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela*, sem as quais este estudo não seria uma realidade.

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

Aos meus amados meninos: Carlos Cauzinho, Silas Bibi, e Carlos companheiro, por serem a luz no mar revoltoso e frio.

A amada família: mãe e pai (Guilherme de Oliveira e Dalvani de Andrade) e irmãos (Monique, Moisés e Érikson).

A todos os meus familiares, que não têm nomes expressos para evitar ciúmes por uma ordem e por um possível esquecimento. A esta minha amada família, pela força presenteada, ainda que na grande distância, agradeço pela crença no alcance dos meus sonhos e objetivos. Agradecerei de maneira expressa à nova geração familiar que representam esperança de um futuro mais justo: Tauane, Vitória, Sofia, David, Carlos, Hibrain, Brian, Davi, Maria Luiza, Isadora, Gabriela, Iolanda, Felipe e Vida.

A Celina e Marina.

As minhas históricas e grandes amigas e sempre financiadoras - Dalvinha, Mona e Rocío.

Às duas chefas de Anaco e hábeis promotoras: Isabel Méndez Naya e Charo Babío.

As/os agentes entrevistados que não têm nomes e sobrenomes pela lei de proteção de dados.

Às quatro grandes amigas na Galiza - Rosinha, Yosmere, Ro e Moniquiña- por aguentarem minhas reclamações, reconfortando-me as dores, e pela grande ajuda intelectual, emocional e material.

Às mulheres que me habitam, amigas de toda a vida - Monique, Dalvani, Dadma e Dalva - pelo exemplo de vida, ombros oferecidos e lágrimas enxugadas.

As minhas amigas históricas, Margarethe, Vânia Melo, Carla, Vania Melina, Monica Heloane, Ivana, Conchita, Mariana, Telma e Milena, pelas palavras presenteadas e por sempre estarem na minha vida e lembranças.

Aos grandes amigos, irmãos de alma: Hudson, Jakson e Delmar.

À minha sempre orientadora de vida, Ivia Alves, agradeço por escutar meus desabaços e aguentar meus questionamentos inoportunos; e também pelos debates ideológicos.

Às amigas e amigos do Brasil, por me guardarem no coração com a esperança do retorno.

Também às amigas e aos amigos da e na Galiza, por me terem no coração com o desejo de existência, independente do possível distanciar.

Aos colaboradores deste estudo Vianney, Péricles, Moisés, Toti, Yas, Camilo, Moni, Rosi, Rosa, Yos, Dalvinha, Daise e Vicente.

A todas as pessoas da Praça do Mercado de Abastos, da cidade de Santiago de Compostela, que contribuíram para este trabalho, em especial, àquelas que abriram as portas das suas profundas memórias, e que de maneira sincera e encantadora compartilharam comigo suas matrizes de aprendizagem.

E aos demais, que não têm nomes expressos aqui, mas que, de alguma forma, contribuíram para o alcance e concretização de estudo.

Meu sincero e mais profundo agradecimento; agradecimento profundo de quem sabe que na vida só alcança realizações para quem sonha junto, porque “sonho que se sonha só é só um sonho”, mas sonho que se sonha em comunidade é realidade.

RESUMO

A Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela (Praza) - localizada na Galiza, Espanha - é um universo social singularizado que está afincado como lugar comunitário vincular de ancestralidade, no qual suas(seus) agentes trabalhadoras(es) se caracterizam por compor um coletivo construído através de desdobramentos históricos de reminiscências da história da humanidade. Nesse contexto, se propôs a presente investigação cujo objetivo principal é: *conhecer e compreender quais são e como se desenvolvem as práticas educativas que garantem o funcionamento e a permanência da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela a partir da sistematização e análise das relações vinculares, das matrizes de aprendizagens e das dinâmicas de aprendizagem social, individuais e coletivas, das(dos) agentes deste entorno comercial, educativo e cultural emblemático de Santiago de Compostela*. Nesse sentido, as “Relações vinculares e aprendizagem social na Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela” são um estudo etnográfico que consideraram a abordagem do etnoconhecimento ao reconhecer as/os agentes sociais trabalhadoras(es) da *Praza* como sujeitos habilitados pela *práxis* (Freire, 2009), socioculturalmente configurados (Vigotsky, 1998) e organizados como grupo unido por princípios de satisfação de necessidades (Pichón-Rivière, 2005), quer dizer, sujeitos socialmente construídos, historicamente determinados e organizados que aprendem e adquirem conhecimento através de relação social histórica.

Infere-se que a Praça de Abastos de Santiago de Compostela é constituída como um contexto educativo e de relações vinculares através das quais se cultiva uma identidade social. Assim, dois aspectos vão relacionar a leitura feita da *Praza* como um lugar identitário de aprendizagem que permanece ativo: por um lado, o

vínculo, como relação estabelecida por agentes sociais, pautado em uma inter-relação e composto por uma mútua necessidade compartilhada, por meio de processos de comunicação e aprendizagem (Pichón-Rivière, 2005: 5) e, por outro lado, se dá pelas modalidades com as quais o grupo organiza e significa o universo de suas experiências, quer dizer, seu universo de conhecimento (Quiroga, 2012: 35), enquadramento extraído das matrizes de aprendizagem de Quiroga (2012) e ampliado para matrizes de aprendizagem compartilhadas (MAC).

É por via das matrizes de aprendizagem compartilhadas, manejadas nos processos de vínculo da *Praza*, que se pode entender tanto a sobrevivência ao longo dos anos como a permanência e a atualidade deste lugar representativo da Galiza. Assim, a sobrevivência, permanência e atualidade ocorrem no enquadramento dos processos coletivos de aprendizagem social por meio da superação dos obstáculos com a adaptação ativa à realidade - aprendizagem social - em que este espaço singular continua existindo, assegurando e endossando a sua tarefa grupal, a de viver da *Praza*.

No estudo, a *Praza* é entendida a partir da perspectiva educativa e compreendida como um espaço de formação social contínua, onde o conhecimento é elaborado e flui da prática cotidiana, em uma relação ecológica com o outro ser humano e com o meio ambiente, em dinâmicas comunitárias fora das estruturas de formação institucional-escolar. Um contexto histórico, de ancestralidade humana, em que desde a antiguidade e de forma transgeracional - pela tradição ligada a laços de consanguinidade ou não - se transmite uma forma de ver e compreender o mundo, organizada em matrizes de aprendizagem que se fundamentam na forma como as pessoas neste espaço constroem a sua identidade social e profissional, e organizam as suas respostas às transformações que ocorrem no tempo. Assim, em termos educativos, a *Praza* é um lugar de cultivo da tradição inserida num ambiente espacial e temporal da modernidade, onde os valores culturais do passado se conjugam com as inovações sociais, econômicas e tecnológicas que dão origem a conflitos entre os que a cultivam e mantêm o legado e a herança cultural ancestral, opondo-se aos agentes

de uma modernidade alheia a um modelo de produção econômico, educativo e cultural neoliberal e globalizador.

Conclui-se que na *Praza* os processos educativos são transversais, quer dizer, atravessam todos os fenômenos da vida; e que é através de relações vinculares em aprendizagem social, confluída no grupo e no sujeito, que são resgatadas e forjadas estratégias para se manterem vivos na modernidade, singularizada atualmente como sociedade do conhecimento, da comunicação e da informação ou sociedades do saber. Essas dinâmicas e estratégias de sobrevivência falam da troca ou intercâmbio de elementos, de necessidades, do mundo rural, da agricultura, do papel da mulher, da assunção de novas tecnologias, das inovações no mercado, do projeto das Indústrias Culturais e da projeção futura deste espaço econômico, social e cultural. Práticas, processos e tópicos que se concretam nas dinâmicas educativas-comunicativas da vida cotidiana das(dos) trabalhadoras(es) na *Praza*.

Palavras-chave: Aprendizagem social, educação, matrizes de aprendizagem, vínculo social, *plaza de mercados de abastos*, grupo, cultura, comunidade, tradição, Indústrias Culturais, etnografia, etnoconhecimento.

RESUMEN

La Plaza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela (Praza) - ubicada en Galicia, España - es un universo social singular afincado como un lugar comunitario vincular de ancestralidad, en el que sus agentes trabajadoras(es) se caracterizan por componer un colectivo construido sobre la base de reminiscencias de la historia de la humanidad. En este contexto se plantea la presente investigación, cuyo objetivo principal es: *conocer y comprender cuáles son y cómo se desarrollan las prácticas educativas que garantizan el funcionamiento y la pervivencia de la Plaza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela a partir de la sistematización y análisis de las relaciones vinculares, las matrices de aprendizaje y las dinámicas de aprendizaje social, individuales y colectivas, de los agentes de este entorno comercial, educativo y cultural emblemático de Santiago de Compostela*. En este sentido, “Relaciones vinculares y aprendizaje social en la Plaza del Mercado de Abastos de Santiago de Compostela” es un estudio etnográfico que considera el abordaje del etnoconocimiento al reconocer a las y los agentes sociales que trabajan en *Plaza* como sujetos capacitados por la *praxis* (Freire, 2009), configurados socioculturalmente (Vigotsky, 1998) y organizados como un grupo unido por principios de satisfacción de las necesidades (Pichón-Rivière, 2005), sujetos socialmente construidos, históricamente determinados y organizados que aprenden y adquieren conocimientos a través de relaciones sociales históricas.

Se entiende a la Plaza de Abastos de Santiago de Compostela como un espacio educativo y de relaciones vinculares a través de las cuales se cultiva una identidad social. Así, dos aspectos marcan la lectura de la Plaza como un lugar activo de aprendizaje y de construcción identitaria: por un lado, el vínculo como relación de comunicación y aprendizaje basada en la interacción y la necesidad

mutua y compartida de los agentes sociales (Pichón-Rivière, 2005: 5) y por otro lado las matrices de aprendizaje compartidas con las que el grupo organiza y significa el universo de sus experiencias, es decir, su universo de conocimiento (Quiroga, 2012) ampliada para matrices de aprendizaje compartidas (MAC).

Es a través de las matrices de aprendizaje compartidas, manejadas en los procesos de vinculación de la Plaza que se puede comprender tanto la perpetuación a lo largo de los años como la permanencia y actualidad de este lugar representativo de Galicia. Así, la perpetuación, la permanencia y la actualidad se dan en el marco de los procesos de aprendizaje sociales colectivos, que permiten superar obstáculos por medio estrategias educativas de adaptación activa a la realidad - el aprendizaje social- que facilita la permanencia de este espacio singular y asegura el cumplimiento de la tarea del grupo, esto es: la de vivir de Plaza.

La Plaza, desde la perspectiva educativa se comprende como un espacio de formación social continua, donde el conocimiento se elabora y fluye a partir de la praxis cotidiana, en una relación ecológica con los demás seres humanos y con el entorno, en dinámicas comunitarias ajenas a las estructuras formativas institucionales-escolares. Un contexto histórico, de ancestralidad humana donde, desde tempos antiguos y de forma transgeneracional, a través de la tradición ligada a lazos de familiaridad sanguíneas o no, se transmite una manera de ver y comprender el mundo organizada a partir de matrices de aprendizaje que fundamentan la forma como las personas de este espacio construyen su identidad social, profesional y organizan sus respuestas frente a las transformaciones operadas en el tiempo. En términos educativos la Plaza es un lugar de cultivo de la tradición incrustado en un entorno espacial y temporal de modernidad, donde se conjugan valores culturales pasados con las innovaciones sociales, económicas y tecnológicas que dan lugar a relaciones de conflicto entre quienes cultivan y mantienen la herencia cultural ancestral frente a los agentes de una modernidad ajustada a un modelo económico, educativo y cultural neoliberal y globalizador.

Se concluye que en la Plaza de Abastos los procesos educativos son transversales en cuanto atraviesan todos los fenómenos de la vida. Asimismo, las relaciones vinculares y de aprendizaje social forjan y constituyen estrategias que garantizan la pervivencia de la plaza y sus agentes en el contexto de la modernidad, singularizada actualmente como la sociedad del conocimiento, la comunicación y la información o sociedades del saber. Estas dinámicas y estrategias de supervivencia hablan del trueque, de la satisfacción colectiva de necesidades, del mundo rural, de la agricultura, del papel de la mujer, de la asunción de las nuevas tecnologías, de las innovaciones en el mercado; del proyecto de las Industrias Culturales y de la proyección futura de este espacio económico, social y cultural. Prácticas, procesos y temas que se concretan en las dinámicas educativas-comunicativas de la vida cotidiana de las/los trabajadoras/es de la Plaza.

Palabras clave: Aprendizaje social, educación, matrices de aprendizaje, vínculo social, plaza de mercado de abastos, grupo, cultura, comunidad, tradición, Industrias Culturales, etnografía, etnoconocimiento.

ABSTRACT

The Plaza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela (Square) - located in Galicia, Spain - is a singular social universe that is established as a connecting community place of ancestry, in which its workers are characterized by composing a collective built on the basis of reminiscences of the history of mankind. In this context, the present research main objective is: *to know and understand what the educational practices are; how they are developed that guarantee the operation and survival of the Plaza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, based on the systematization and analysis of the relationship links, which is the learning matrices and the dynamics of social learning - individually and collectively from the agents of this emblematic commercial, educational and cultural environment of Santiago de Compostela.*

In this sense, "**Bond of relationships and social learning in the Plaza del Mercado de Abastos de Santiago de Compostela**" is an ethnographic study that considers the approach to ethnoknowledge by recognizing the social agents who work in the *Plaza* as subjects trained by *praxis* (Freire, 2009), configured socio-culturally (Vigotsky, 1998) and organized as a group united by principles of satisfaction of needs (Pichón-Rivière, 2005), that is, socially constructed, historically determined and organized subjects who learn and acquire knowledge through historical social relations.

The Plaza de Abastos de Santiago de Compostela is understood as an educational space and links of relationships through which a social identity is cultivated. Thus, two aspects mark the reading of the Plaza as an active place of learning and identity construction: on the one hand, the bond, as a communication and learning relationship based on interaction and the mutual and shared need of social agents

(Pichón -Rivière, 2005: 5) and, on the other hand, the shared learning matrices with which the group organizes and signifies the universe of its experiences, that is, its universe of knowledge (Quiroga, 2012) extended for shared learning matrices (MAC).

It is through the shared learning matrices, managed in the processes of linking the Plaza, that it is possible to understand both the perpetuation over the years, as well as the permanence and timeliness of this representative place in Galicia. Thus, perpetuation, permanence and actuality occur within the framework of collective social learning processes, which allow overcoming obstacles through educational strategies of active adaptation to reality - social learning - which facilitates the permanence of this singular space. and ensures the fulfillment of the group's task, that is: to live in Square.

The Square, from the educational perspective, is understood as a space for continuous social training, where knowledge is elaborated and flows from daily practice, in an ecological relationship with other human beings and with the environment, in community dynamics apart from institutional-school training structures. A historical context, of human ancestry where, from ancient times and in a transgenerational way, through the tradition linked to blood ties or not, a way of seeing and understanding the world organized from learning matrices is transmitted, which they base the way in which the people in this space construct their social and professional identity and organize their responses to the transformations that have taken place over time.

Thus, in educational terms, the Plaza is a place of cultivation of tradition embedded in a spatial and temporal environment of modernity, where past cultural values are combined with social, economic and technological innovations that give rise to conflict relationships between those who cultivate and maintain the ancestral cultural heritage, in the face of the agents of a modernity adjusted to a neoliberal and globalizing economic, educational and cultural model.

It is concluded that in Plaza de Abastos the educational processes are transversal insofar as they go through all the phenomena of life. Likewise, bonding and social learning relationships forge and

constitute strategies that guarantee the survival of the square and its agents in the context of modernity, which is singled out as the main source of knowledge, communication and information or knowledge societies.

These dynamics and survival strategies speak of: barter; the collective satisfaction of needs; the rural world; the agriculture; the role of women; the assumption of new technologies, the innovations in the market; of the Cultural Industries project and the future projection of this economic, social and cultural space. Those are practices, processes and themes that are specified in the educational-communicative dynamics of the daily life of the workers of the Plaza.

Keywords: Social learning, education, learning matrices, social bond, food marketplace, group, culture, community, tradition, Cultural Industries, ethnography, ethnoknowledge.

RESUMO EN GALEGO

A Praza do Mercado de Abastos de Compostela - localizada en Galiza - constitúese como un contexto educativo e de relacións vinculares a través das cales se cultiva unha identidade social. Así, dous aspectos van relacionar a lectura feita da Praza como un lugar identitario. Por un lado, o vínculo, como relación establecida por axentes sociais, pautado nunha inter-relación e constituído por unha mutua necesidade compartida por medio de procesos de comunicación e aprendizaxe. Nas palabras de Pichón-Rivière (2005), “vínculo que defino (...) como um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (Pichón- Rivière, 2005:5). Por outro lado, polo coñecemento das matriz de aprendizaxe definida por Quiroga (2012), como “modalidad con la que cada sujeto organiza y significa el universo de su experiencia, su universo de conocimiento” (Quiroga, 2012:35), esta ampliada para MAC -matrices de aprendizaxe compartidas- no encadramento dos procesos colectivos de aprendizaxe social.

A realidade socioeducacional da Praza dá lugar a múltiples situacións que non están exentas de tensións e conflitos, entre formas de vida, modelos económicos, discursos e prácticas educativas ancoradas na herdanza cultural. Esa herdanza cultural, para seguir existindo, debe necesariamente poderse encaixar nas singularidades da sociedade contemporánea. Nese sentido, os suxeitos que conforman o grupo da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela serán os que van determinar en última instancia a resignificación do segundo lugar máis visitado na cidade de Santiago de Compostela -a Praza- ficando atrás en número de visitas soamente a Catedral compostelá.

Así, ante a afirmación de que as “prazas de abastos” están desaparecendo, de maneira antagónica, o que se dá é xusto o contrario, continúan existindo (Guàrdia & Oyón, 2007). Dada esa permanencia, resiliencia ou resistencia, cales son os procesos educativos desenvolvidos polo colectivo traballador na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela para que esta prosiga viva? En base á cuestión proposta, o obxectivo central do estudo exprésase nos seguintes termos: *coñecer e comprender cales son e como se desenvolven as prácticas educativas que garanten o funcionamento e a supervivencia da Praza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, a partir da sistematización e análise das relacións vinculares, as matrices de aprendizaxe e as dinámicas de aprendizaxe social, individuais e colectivas, dos axentes desta contorna comercial, educativa e cultural emblemática de Santiago de Compostela*. O obxectivo xeral foi desenvolvido nos seguintes obxectivos específicos:

1.- Contextualizar, de maneira histórica, cultural, social e educacional, os axentes da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

2.- Describir a diversidade de actividades das(dos) axentes da Praza -paisanas, donas(os) de postos, traballadoras(es) deses postos, administración, entre outras - desenvolvidas na Praza, e establecer, por medio das matrices de aprendizaxe, as relacións desas actividades cos procesos de ensino e formación das (dos) axentes que estimulan a vida nese contexto.

3.- Comprender os vínculos educativos das(ddos) varias(os) axentes sociais que desenvolven as súas actividades na Praza, como vendedoras(res), paisanas, organizadoras(es) e xestoras(es) dese espazo.

4.- Sistematizar as prácticas educativas -coñecemento, información e capacidades dos diferentes axentes traballadores da Praza co obxectivo de saber o nivel de formación que teñen, as estratexias usadas para transmitir coñecementos por medio das xeracións e ao longo do tempo, e as expectativas que se ten no plano socioeducacional, alén de entender como se dá a renovación xeracional.

5.- Describir e categorizar o vínculo -as necesidades-educacionais como matrices de aprendizaxe do colectivo traballador da Praza como grupo social no enfoque pichoniano (2005), que actúan na Praza do Mercado de Abastos, para entender as accións que van garantir a sustentabilidade dese espazo socioeducacional no paso do tempo e no futuro.

6.- Coñecer as funcións actuais do sector social da Praza no ámbito da dinámica cotiá, en termos socieducacionais, alén de estudar a relación entre os procesos educativos e a preservación e revitalización dun espazo tradicional, foco de gran visita local, nacional e estranxeira, propia do contexto actual das sociedades do saber e do coñecemento.

Para desenvolver e alcanzar os obxectivos propostos procedeuse á sistematización da acción investigadora nun informe que comprende nove capítulos que, de forma sucinta, preséntanse a continuación:

Capítulo 1. Fundamentos educativos e sociais para a aprendizaxe colectiva. Neste primeiro capítulo desenvólvese unha base teórica que vai fundamentar o estudo dos procesos de aprendizaxe das traballadoras e traballadores na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, a partir do enfoque educativo, tanto vincular-grupal, como socio-cultural. A armazón teórica centrarase no estudo de autores como Pichón-Rivière (2005) que destaca as ideas de vínculo e grupo; Quiroga (2012), quen sistematiza a noción de matrices de aprendizaxe; Paulo Freire (2003), na perspectiva do suxeito da praxis, e Vigotsky (2011), no encadramento da teoría sociocultural.

O prisma aquí considerado entende transmisión cultural, continuidade dun colectivo, como innovación cultural, segundo o teórico Anthony Giddens (2001); a vincularidade, a partir de Pichón-Rivière (2005); e a Educación Social, como “teoría da acción educadora da sociedade” de Quiroga (2012), entendendo, segundo o profesor Quintana Cabanas (2001), que é a propia sociedade a que achega condicións fundamentais para unha educación individual e social.

Neste primeiro capítulo tamén se aborda o concepto de “capacidade” de Amartya Sen (2009), presentando diferentes ópticas en capacidades. Para este concepto a educación, como ferramenta social, ten unha función básica. Nesta perspectiva, afóndase no tema das capacidades e o enfoque de xénero, necesaria para comprender o perfil da muller traballadora na Praza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

Capítulo 2. “A actividade de mercado como proceso histórico de construción cultural e de aprendizaxe social”. Neste capítulo sistematízase o desenvolvemento simbólico-histórico da Praza do Mercado de Abastos de Compostela como espazo de necesidade e de vínculo configurado a través do tempo, e afóndase na importancia da educación na abordaxe da Praza como contexto de dinámicas vitais grupais e de aprendizaxe.

Pártese desde a primixenia conformación da humanidade nos primeiros asentamentos humanos, cando se iniciaron as formas de intercambio (de necesidades) que no desenvolvemento da historia fanse máis complexas ata conformar estruturas como o foro, a ágora, o zoco e construcións materiais e sociais análogas en Mesoamérica.

A Praza do Mercado de Abastos de Compostela non é só produto da tradición, senón tamén dunha herdanza vincular, un legado comunitario forxado na relación dialéctica entre os procesos educativos e as prácticas de construción cultural comunitaria-grupal que, no tempo, se resignifican a través da dinámica social de aprender a aprender.

Capítulo 3. “A configuración histórico-vincular da praza de mercado”. Neste capítulo sistematízase o desenvolvemento histórico da Praza do Mercado de Abastos de Compostela configurado a través do tempo. Pártese da conformación e do desenvolvemento da historia que configura estruturas e organizacións diversas ata chegar á feira, concibida como “espazo residual de soberanía da cidadanía” (Salazar Vegara, 2003). Sumado a ese feito, realizouse un resumo dos principais aspectos e da armazón histórica da Península Ibérica e do Estado español, situando a Praza do Mercado de Abastos de Compostela ao longo da historia antiga, moderna e actual, ademais de

facen o matiz no percorrido pola simbología do imaxinario rural galego e do papel da muller nesta estrutura singular que é a Praza.

Capítulo 4. “Tradición e industrias culturais”. Neste capítulo realízase un percorrido polas principais referencias conceptuais que abordan o tema da tradición e a cultura coas súas diferentes perspectivas, dando as pautas para a construción do marco teórico que permita comprender a dinámica social e educativa dun pobo. Tamén se aborda o concepto de Industrias Culturais para contextualizar o estudo no marco actual da sociedade da información e a comunicación, facendo unha crítica a esta e traendo o enfoque das “sociedades do saber e do coñecemento” de Matterlart (1980).

A cultura así é comprendida como un proceso educativo e social -teórico, ideolóxico e práctico- desenvolto na faceta da continuidade e/ou da ruptura, que entende e potencia unha perspectiva de tradición dada en canto transferencia de coñecemento e dun modo de vida concibido como tradicional que persiste, contraposto por prácticas culturais de resistencia e disidencia.

Na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela experimentáanse as dinámicas de resistencia e de loita simbólica que teñen lugar na relación dialéctica entre tradición e cultura, ás veces conflitiva (relación pechada e cíclica) no marco da interacción local-global.

Capítulo 5. “A metodoloxía da Investigación”. A metodoloxía aplicada para o desenvolvemento desta investigación é de corte cualitativo, na súa vertente etnográfica, centrada no etno-coñecemento (Jiménez, Tomei e Burrola, 2016) que comprende o suxeito social en canto axente habilitado pola praxe (Freire, 2003).

No marco da etnografía aplicáronse técnicas propias dos estudos cualitativos como a observación encuberta e participativa; a entrevista vincular en profundidade; a revisión documental e a recompilación fotográfica, todo iso co obxectivo de recoller datos de primeira man e ordenalos para a súa análise, na liña de dar resposta ao obxectivo central da investigación: coñecer as relacións vinculares e a

aprendizaxe social desenvolta na Praza de Abastos de Santiago de Compostela.

A sistematización da información fundamentouse nas propostas teóricas de Gonsalves (2001), Restrepo (2016), Vales (1997) e Nunes (2017); así mesmo recorreuse a ferramentas informáticas para organizar a información.

O enfoque etnográfico marcou o desenvolvemento das etapas da investigación, desde a proposta de construción teórica, o traballo de campo, o proceso de sistematización e análise da información ata a presentación do informe, centrado na comprensión das dinámicas educativas e socioculturais practicadas pola comunidade de traballadoras e traballadores da Praza do Mercado de Abastos da capital de Galiza.

Capítulo 6. “A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela”. O capítulo seis desta tese define a investigación desenvolvida no seu contexto específico: a Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, a súa configuración e a conformación dos seus axentes sociais tradicionais -as traballadoras e os traballadores da Praza- coas súas dinámicas enfocadas para a herdanza e o legado, compoñendo a descrición para partir do material colleitado en campo e estruturado nos aspectos da configuración económica; as infraestruturas e instalacións externas, organizando, e significando dese xeito o universo social das súas vivencias aliñadas estas a partir dunha armazón emerxente de modos de vida e en exercicios diversos que configuran os tipos humanos nunha taxonomía de ocupacións na Praza.

As dinámicas constitutivas do suxeito son entendidas como función social da educación que forxa o suxeito hábil para vivir en colectividade en canto vincular de necesidades -por forxar un universo social de resistencia- neste espazo cultural destacado de grupo comunitario.

Capítulo 7. “Lugar instituído *versus* lugar emerxente”. Neste sétimo capítulo descríbense as referencias bibliográficas sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela atopadas no ámbito dos

lugares instituídos. Nel desagreganse os textos de linguaxe académica (pola condición do prestixio que ostentan) e, doutra banda, contempla os outros lugares de fala polos cales se vehiculan os relatos maioritarios dados sobre a Praza. Por tanto, faise a lectura dos contextos literarios descritos e cuestiónanse os seus lugares de fala a partir da crítica á vida cotiá (Quiroga & Racedo, 2003). A través deste enfoque búscase desvelar o que subxace nos discursos dominantes, normalizados e instituídos como hexemónicos.

Así mesmo, especificase como a transmisión de coñecemento (educación social en matrices de aprendizaxe compartidas) pode constituírse en mecanismos de manutención e/ou de resistencia de aspectos culturais consolidados nun modo de vida concreto. Para iso afóndase na abordaxe da teoría de xénero, o rural (este tamén desde a perspectiva de xénero) no concepto do “Outro”, entre outros aspectos. A Praza do Mercado de Abastos de Compostela pasa a ser así, e á vez, un lugar de invisibilidade -aínda que desvelado a través da “crítica á vida cotiá” de Quiroga e Racedo (2003)- e tamén de posibilidade de construción doutras realidades e de potencialidade para (re)describirse (Rorty, 2010).

No descrito contexto vincular a muller abastiana (da Praza de Abastos), aínda que invisibilizada ou periferizada, é protagonista da historia e escenifica á vez o lugar de periferia e de resistencia. Compón xunto ao colectivo traballador da Praza na súa totalidade, un lugar de posibilidades, dadas a partir da traxectoria das voces emerxentes (das persoas ou lugares portavoces) no encadramento dos procesos educativos obstaculizados ou dados na adaptación activa á realidade (Pichón- Rivière, 2005).

Capítulo 8. “Matrices de aprendizaxe compartidas e procesos socioeducativos na Praza de Abastos de Compostela”. Neste capítulo analízanse os procesos educativos que teñen lugar na Praza, constituída por dinámicas educativas tecidas no marco da tradición e a través de matrices de aprendizaxe compartidas entre as/os axentes sociais que a compoñen.

As ditas matrices, elaboradas a través da herdanza e o legado, constitúen a base das formas de vincularidade que fundamentan a

convivencia comunitaria e os procesos de aprendizaxe social no contexto da Praza, configurada como espazo representativo da sociedade galega. Nesta perspectiva, na Praza experimentáanse dinámicas de aprendizaxe social que marcan traxectorias vitais, sintetizadas en resumos biográficos, elaborados a partir dos datos recolleitos a través das entrevistas vinculares en profundidade, as cales ilustran as experiencias, vivencias e coñecementos, persoais e colectivos, do proceso de aprendizaxe social no marco da Praza de Abastos de Santiago de Compostela.

Capítulo 9. “Prácticas educativas e constitución da comunidade vincular na Praza de Abastos”. Neste capítulo abórdase o tema das prácticas educativas e sociais que fomentan a construción dunha comunidade vincular na Praza de Mercado de Abastos, é dicir, o conxunto de relacións que permiten configurar a comunidade da Praza de Abastos. A análise fundaméntase na proposta metodolóxica de Pichón-Revier (2005), que desenvolve un conxunto de vectores para a comprensión do proceso de construción dun grupo, no noso caso, da comunidade de convivencia e de intereses da Praza de Abastos. Os mencionados tópicos ou vectores pichonianos fan referencia aos procesos de afiliación, as relacións de pertenza, as dinámicas de cooperación, o exercicio de pertenza, a práctica da comunicación, a conexión empática e a aprendizaxe.

A comunidade das persoas traballadoras na Praza organiza e significa o seu universo colectivo de aprendizaxe social. Nela desenvólvense dinámicas de interacción que resultan de procesos comunicativos e educativos que se fundamentan e, ao mesmo tempo, expresan as matrices de aprendizaxe do colectivo da Praza, cuxa existencia e situación, pasada e presente, está condicionada pola calidade dos vínculos elaborados e experimentados na convivencia cotiá no contexto do mercado. Un conxunto de dinámicas vinculares que expresan problemas, estereotipos, necesidades, dificultades e, de forma paralela, expectativas e esperanzas para a constitución dun grupo máis cohesionado, cooperativo e solidario.

Tras o desenvolvemento dos descritos capítulos do informe de investigación conclúese que a relevancia deste estudo radica na

relación entre a educación e as estruturas sociais dos axentes traballadores no espazo da Praza, un proceso propio de vinculación. De maneira específica, búscase a comprensión das estratexias sociais para a creación de espazos de supervivencia da tradición como legado e herdanza histórica, no ámbito das sociedades do saber e do coñecemento -alén de alcanzar o obxectivo de revelar as posibilidades e estratexias de proxección futura e de integración ou re-significación, educativa e cultural da Praza na dinámica social contemporánea.

A realización desta pescuda ten unha relevancia significativa en niveis distintos: en primeiro lugar, envolve un esforzo académico importante para recuperar e sistematizar o coñecemento que foi desenvolvido neste espazo de vida dinámico, plural e representativo da sociedade galega; segundo, os resultados da pescuda poden ser usados para proxectar, de modo máis sostible, as vivencias culturais e económicas da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, que fornece coñecemento adicional no desenvolvemento do tradicional da cidade de Santiago; terceiro, o estudo pode reforzar tanto o carácter económico da Praza de Abastos compostelá, como tamén de vínculo, porque tivo como obxectivo verificar e sistematizar as habilidades cognitivas e prácticas educacionais que influencian o desenvolvemento de actividades socioeconómicas; e cuarto, e de maneira fundamental, entendeu o proceso de vínculo e das matrices de aprendizaxe para garantir a permanencia, que, *per se*, xa é un factor de notoriedade. Do mesmo modo, a sistematización das (dos) axentes sociais chave e as relacións desenvolvidas por eles fundamentan a estratexia e a permanencia conquistada. Finalmente, o estudo documental para a elaboración do informe de investigación permitiu organizar e sistematizar o conxunto de materiais que foron xerados en torno a este espazo de vida, de maneira representativa, sendo este traballo unha achega relevante para a construción dun activador de banco de datos sólido sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela.

En definitiva, a Praza constitúese como un contexto educativo e de relacións vinculares a través das cales cultívase unha identidade social, cuxo mantemento e actualización ocorren por medio da aprendizaxe, da superación como adaptación activa á realidade. Ese

lugar identitario organízase a partir do vínculo inter-relación constituído por unha mutua necesidade compartida a través de procesos de comunicación e aprendizaxe (a partir de Pichón- Rivière, 2005)-; e tamén por matrices de aprendizaxe compartidas -modalidade coa cal un colectivo organiza e significa o universo das experiencias colectivas, ou universo de coñecemento culturalmente construído (Quiroga, 2012). Así, a través do vínculo e as prácticas educativas dinamizadas nela é como a Praza pode ser entendida na faceta adaptada do aprender, na supervivencia ao longo dos anos, como súa permanencia na modernidade.

Para terminar, cómpre indicar que neste estudo se describiron as relacións vinculares de aprendizaxe social que se están a dar na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, mais non pretendeu dar por datadas todas as posibilidades de configuracións dos procesos educativos, porque estes son vivos e están en constante proceso de mutación e conformación. Desá forma, o estudo da Praza segue aberto por ser un espazo de aprendizaxe social vital que perdura.

ÍNDICE

Limiar	53
Introdução	65
 PARTE I Referencial Teórico-Conceitual.....	85
 CAPÍTULO 1. Fundamentos educativos e sociais para a aprendizagem coletiva.....	87
1.1. Pichón-Rivière teórico do vínculo, do grupo e do método do Grupo Operativo	91
1.2. As Matrizes de Aprendizagem.....	95
1.3. Sinergia da práxis na concepção freireana e pichoniana	109
1.4. Pensamento pichoniano reverberando Vigotski	110
1.5. Dinâmicas de aprendizagem e educação social	116
1.6. Educação, desenvolvimento humano e o enfoque das Capacidades	124
1.6.1. Capacidades e o prisma da mulher	130
 CAPÍTULO 2. A atividade de mercado como processo histórico de construção cultural e de aprendizagem social.....	137
2.1. Antecedente: pré-história, o neolítico.....	141
2.2. Mesopotâmia: a cidade e o mercado.....	150
2.3. A atividade de mercado nas sociedades antiga.....	153

2.3.1. Ágora.....	153
2.3.2. Foro	157
2.3.3. Zoco.....	161
2.3.4. Mesoamérica: o invento do Outro.....	167
2.4. Reminiscências históricas	174
CAPÍTULO 3. A configuração histórico-vincular da plaza de mercado	177
3.1. Configuração da feira livre e o trânsito ao Mercado Público.....	180
3.2. Contextualização histórica: representações de práticas sociais e sistema dominante	190
3.2.1. Etapa Medieval na Península.....	191
3.2.2. Modernidade no Estado espanhol	207
3.2.3. Novo mundo, nova era: República	211
3.2.4. Atualidade na Galiza da Comunidade Europeia.....	217
3.3. Realidade galega rural e o modo de produção capitalista	226
3.3.1. A informalidade econômica na <i>Praza</i>	236
CAPÍTULO 4. Tradição e Indústrias Culturais	241
4.1. Vínculo como legado e tradição.....	246
4.1.1. A tradição como mecanismo de construção de cultura 251	
4.1.2. Cultura: terreno da ideologia.....	255
4.1.3. As modalidades de esquecimento.....	259
4.1.4. Modernidade líquida?	261
4.2. Indústrias Culturais na SIC ou na SSC	269
4.2.1. Cultura como indústria	269
4.2.2. Indústria moderna da cultura	272
4.2.3. Cultura como empresa na era tecnocrônica	280
4.2.4. Reorganização mundial: cultura como aparato	286
4.2.5. Outra sociedade da informação é possível	296
4.2.6. Turismo Cultural	304

PARTE II Referencial Metodológico -Contextual..... 317**CAPÍTULO 5. A Metodología da Investigação 319**

5.1. A opção metodológica qualitativa	321
5.2. Aproximação conceitual à etnografia	323
5.3. Etapas da investigação	330
5.4. As técnicas para a coleta de informação	341
5.4.1. A observação	341
5.4.1.1. A observação encoberta	343
5.4.1.2. A observação participante	352
5.4.1.3. Observação não participante	354
5.4.2. A entrevista vincular em profundidade.....	354
5.4.2.1. Blocos e segmentos da entrevista vincular em profundidade	360
5.4.2.2. Mostra e critério de seleção para a entrevista vincular em profundidade	363
5.4.2.3. Controle das entrevistas em profundidade ...	368
5.4.3. O Questionário	372
5.4.4. O estudo documental	377
5.4.4.1. Procedimento de visitação às bibliotecas.....	378
5.4.4.2. Resumo das visitas às bibliotecas	383
5.4.5. O registro fotográfico	384
5.5. A organização da informação e processo de análise	385
5.5.1. Transcrição e tratamento da informação	386
5.5.2. Análise dos dados.....	388
5.5.2.1. Chaves de análise do material coletado em campo.....	389
5.5.2.2. Fundamentação para a estrutura dos resumos biográficos	392
5.6. Os papéis da investigadora - do investigador	398
5.7. Validez do estudo	399
5.8. Problemas da investigação e limites metodológicos	401

5.9. Aspectos éticos.....	404

CAPÍTULO 6. A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela 407

6.1. Resumo histórico da Praza de Abastos	408
6.2. Características atuais da Praza de Abastos.....	414
6.2.1. A cultura.....	415
6.2.2. A Organização econômica.....	422
6.2.3. As infraestruturas.....	426
6.2.4. As instalações externas à <i>Praza</i>	439
6.3. Sujeitos e ocupações na Praza de Abastos	443
6.3.1. Tipos humanos que dinamizam a Plaza de Abastos ...	444
6.3.2 Taxonomia de ocupações na Praza de Abastos	448
6.4. Estratégias e formas de comunicação	459

PARTE III Referencial Analítico - Interpretativo 465

CAPÍTULO 7 Lugar instituído *Versus* lugar emergente 467

7.1. Abastos em bibliografias: o lugar instituído	469
7.1.1 Sondagens arqueológicas e indagações culturais	474
7.1.2. Fragmentos urbanos, estilhaços humanos	477
7.1.3. Tipologias arquitetônicas e dos ausentes do Mercado compostelano.....	485
7.1.4. Outros lugares literários instituídos	503
7.2. A Questão da mulher e a Praza do Mercado de Abastos de Compostela: o lugar do emergente.....	505
7.2.1. Revisão e empoderamento	506
7.2.2. Coletivo majoritário definido no Outro	511
7.2.3. Invisibilidade e silêncio na Praza do Mercado de Abastos de Compostelana.....	514
7.2.4. O agrário e rural: vestígios no suburbano.....	517
7.2.5. Mundo camponês e relação de gênero	521

7.2.6. A mulher abastiana e a crítica à vida cotidiana.....	527

CAPÍTULO 8 Matrizes de aprendizagem compartilhadas e processos socioeducativos na Praça de Abastos de Compostela 531

8.1. Dinâmicas Horizontais de Aprendizagem Social	533
8.1.1. Processos horizontais e atividades de transferência de conhecimento.....	536
8.2. Dinâmicas verticais de aprendizagem social	540
8.3. Identidades e trajetórias socioeducativas na <i>Praça</i>	543
8.3.1. Resumo biográfico das trajetórias educativas	545
8.3.2. Abordagem dos trajetos educativos	575
6.3.3. Ideais intensas das entrevistas vinculares	592
6.4. Matrizes de aprendizagem comuns para a formulação de conhecimento	600

CAPÍTULO 9. Práticas Educativas e Constituição da Comunidade Vincular na Praça de Abastos 609

9.1. Vetores pichonianos.....	611
9.1.1. Os processos de Afiliação.....	613
9.1.2. As relações de Pertença	620
9.1.3. As dinâmicas de cooperação.....	622
9.1.4. O exercício da pertinência	625
9.1.5. A prática da Comunicação na <i>Praça</i>	629
9.1.6. A conexão da “Telé”.....	640
9.1.7. O vetor da Aprendizagem.....	641
9.2. A comunidade vincular na Praça de Abastos	645
9.2.1. Relações vendedor – vendedor	648
9.2.2. Vendedores – Consumidores	656
9.2.3. Vendedores – Gestores	659
9.2.4. Vendedores - Turistas	662
9.2.5. Relações familiares	664
9.3. Uso e impacto das TICs na construção da comunidade de Abastos	666

9.4. Fatores que quebram as relações na Praça de Abastos	677
CONCLUSÕES	689
REFERÊNCIAS	729
ANEXOS.....	773

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema do enfoque das matrizes de aprendizagem.....	97
Figura 2 - Esquema da construção das matrizes de aprendizagem compartilhadas.....	97
Figura 3 - Esquema da dialética das matrizes de aprendizagem compartilhadas.....	98
Figura 4 - Esquema da construção cultural dialética das matrizes de aprendizagem compartilhadas.....	98
Figura 5 - Esquema do cone invertido	103
Figura 6 - Esquema do movimento do Cone Invertido	103
Figura 7 - Esquema dos temas centrais na Pré-História:.....	146
Figura 8 – Esquema dos temas centrais na Mesopotâmia	153
Figura 9 – Esquema dos temas centrais na Ágora.....	156
Figura 10 – Esquema dos temas centrais no Foro	159
Figura 11 – Esquemas dos temas centrais no Zoco.....	164
Figura 12 – Esquema dos temas centrais na Mesoamérica	173
Figura 13 – Esquema da aprendizagem compartilhada e aproximações entre o pretérito e o momento atual da <i>Praza</i>	175
Figura 14 – Culturas e predomínio ideológico.....	257
Figura 15 - Esquema dos setores das Indústrias Culturais e Criativas	295
Figura 16 - Gráfico das Indústrias Culturais	298
Figura 17: Plano da <i>Praza</i>	431

Figura 18 - Postos da Praça do Mercado de Abastos	454
Figura 19 - Distribuição dos postos da Praça	455
Figura 6: O Cone Invertido e seus Vetores de Funcionamento.....	642

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo teórico conceitual pichoniano: Vínculo, Grupo e Grupo Operativo	102
Quadro 2 - Teóricos e teorias sistematizadas para leitura do contexto da <i>Praza</i>	114
Quadro 3 - Enquadramento das práticas educativas do coletivo trabalhador da <i>Praza</i>	117
Quadro 4 - Desenvolvimento e necessidades humanas (“Desarrollo y Necesidades Humanas” Marx-Neff, 1994: 79)	126
Quadro 5 - Contexto histórico do processo de construção da Praza do Mercado de Abastos de Compostela	215
Quadro 6 - Trajetória histórico-teórica das Indústrias Culturais a partir da concepção da SIC (Sociedade da Informação e da Comunicação ou da era tecnotrônica)	291
Quadro 7 - Indústrias Culturais na Praza do Mercado de Abastos de Compostela	301
Quadro 8 - Cronograma geral da investigação	337
Quadro 9 - Tabela de controle da observação encoberta	347
Quadro 10: O período da observação	352
Quadro 11: Mostra Geral do Estudo	368
Quadro 12: Controle das entrevistas vinculares em profundidade	369
Quadro 13: Gráfico dos boxes (postos ou <i>casetas</i>) na <i>Praza</i>	375
Quadro 14 - Ficha técnica do questionário	376

Quadro 15: Visita às bibliotecas (formulário para o registro de documentos)	377
Quadro 16 - Critérios de transcrição das entrevistas	387
Quadro 17: A estruturação dos resumos biográficos	397
Quadro 18 - Parâmetro para a validade do estudo da <i>Praza</i>	400
Quadro 19: Esquema dos tipos de trabalhadoras/es na Praza	443
Quadro 20 - Perfil do Nível Escolar da Entrevistas	544

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1, 2 e 3 - Lugares itinerantes na <i>Praza</i>	160
Fotografias 4 e 5 - Primeiro documento encontrado sobre a <i>Praza</i>	189
Fotografias 6 e 7 - Sinergias com o conceito de galeria: exposição artística na <i>Praza</i>	299
Fotografias 8 e 9: O etnógrafo como sujeito participante	324
Fotografias 10, 11, 12, 13 e 14: Contexto da etnografia participante	342
Fotografias 15, 16, 17 e 18: Postos de trabalho fixo, pedra, improvisado e ambulante	349
Fotografias 19 e 20 - Primeiro projeto <i>Praza</i>	409
Fotografias 21 e 22 - Etapas na construção da <i>Praza</i>	410
Fotografia 23: “Quatro anos de Obras”	411
Fotografias 24 e 25 - Telhado que liga as naves e fachada da aula Sociocultural	412
Fotografia 26 - Usos múltiplos: aula sociocultura e gastrocultura.....	412
Fotografia 27, 28 e 29: O rural como pilar cultural	416
Fotografias 30, 31 e 32: Atividades cotidianas, algumas reconhecidas e outras à margem da normativa legal	418
Fotografias 33, 34, 35 e 36 - Renovação geracional no público da <i>Praza</i>	419
Fotografia 37 - “Desde o campo à cidade”	420
Fotografia 38 - Em feminino.....	421

Fotografias 39 - Idosas na Praça	421
Fotografias 40, 41 e 42: Acessos à <i>Praza</i>	427
Fotografias 43, 44, 45, 46 e 47: Estabelecimentos do setor gastronômico da <i>Praza</i>	428
Fotografias 48, 49 e 50: Bancos de pedras, postos de trabalho	432
Fotografias 51 e 52: Infraestruturas atuais que dinamizam a venda na <i>Praza</i>	437
Fotografias 53, 54 e 55: Modalidades habituais de comunicar	438
Fotografias 56, 57 e 58: Comunicação propagandística.....	438
Fotografias 59 e 50: Instituições das/dos trabalhadoras/es da <i>Praza</i>	442
Fotografias 51, 52, 53, 54, 55 e 56: Representações da <i>Praza</i>	460
Fotografias 57 e 58 - Atualidade: numeração e especificação das naves e consigna	495
Fotografia 59 - Presença da <i>Asociación de Usuarios de Casetas</i> (ASUCA).....	496
Fotografias 60 e 61 - Pessoas conversando na <i>Praza</i>	511
Fotografia 62 - A mulher na <i>Praza</i> . “1950. Regreso da praça de Abastos por praça de Galicia. Foto Ramón Sánchez Estalote” (Ortigueira & Neira, 2013: 114).	515
Fotografias 63, 64 e 65 - Alguns espaços de trânsito da mulher na <i>Praza</i>	525
Fotografias 66 e 67: Dinâmicas culturais e sociais na <i>Praza</i>	628
Fotografias 68 e 69: Rural/Urbano.....	631
Fotografias 70 e 71: Assembleia de agricultoras(es).....	655
Fotografias 72 e 73: Intercâmbio, mercadoria e dinheiro	657
Fotografias 74, 75, 76 e 77: Diversidade de trânsito e de encontro de pessoas.....	663

Fotografias 78 e 79: Tecnologia da cotidianidade: elevador e serviço de entrega em domicílio.....	667
Fotografia 80: Proposta tecnológica que não vingou na <i>Praza</i>	668
Fotografias 81, 82 e 83: Falta de integração entre elementos da TICs (estado de fluidez, em que a tecnologia ainda não alcançou o lugar instituído na <i>Praza</i>).....	670
Fotografias 84, 85, 86 e 87: A tecnologia como recurso cultural de interatividade comunicacional.....	671
Fotografias 88, 89 e 90: As Tics integradas na <i>Praza</i>	676
Fotografias 91 e 92: A venda informal	680
Fotografias 93 e 94: Dinâmicas reivindicativas.....	684
Fotografias 95 e 96 - Portas de acesso à Praza	777
Fotografias 97 e 98 - Caderno de campo de viagem (diário pessoal como turista-estudante)	779
Fotografias 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105 e 106 - Setores entrevistados.....	819

LISTA DE SIGLAS

ABRACEN	Associação Brasileira das Centrais de Abastecimentos
APA	American Psychological Association
APA	Asociación Psicanalítica Argentina
ASUCA	Asociación de Usuarios de Casetas de Abastos
BIC	Biblioteca
CE	Comunidade Europeia
CEASA	Central de Abastecimento S.A.
CEASAs	Centrais de Abastecimentos S.A.
CEDAW	Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (conhecida pelas siglas em inglês CEDAW)
CETFDICM	Tratado internacional das Nações Unidas assinado em 1979 (CETFDICM é a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, conhecida pelas siglas em inglês CEDAW)
COVID19	Corona Virus Dieresis 2019
CIEG	Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Henrique Pichón-Rivière
DCMS	Department for Digital, Culture, Media & Sport (das siglas em inglês para Departamento de Cultura, Meios e Esporte)
DEA	Diploma de Estudos Avanzados
ECRO	Esquema Conceitual Referencial Analítico
EDC	Educação
GATT	General Agreement on Tariffs and Trade (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio ou Acordo Geral sobre Aduanas e Comércio)
GO	Grupo Operativo
IC	Indústrias Culturais
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MA	Matrizes de Aprendizagem

MAC	Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas
ONU	Organização das Nações Unidas
ONU Mulheres	Organização das Nações Unidas
PMAC	Praza do Mercado de Abastos de Compostela
RAE	Real Academia Española
RU	Reino Unido
SA	Sociedade Anônima
SCI	Sociedade da Comunicação e da Informação
SIC	Sociedade da Informação e da Comunicação
SSC	Sociedades do Saber e do Conhecimento
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TER	Turismo no Espaço Rural
TIT	Trabajo de Investigación Tutelado
UE	União Europeia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
USC	Universidade de Santiago de Compostela

*A veces hay que darle vuelta a la hoja
y comenzar de nuevo aunque cueste o duela.*

Dolores Ibárruri

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros.
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

Cora Coralina

Tudo começa quando no ano de 2005, um grupo de quarenta e sete estudantes provenientes do Brasil, da cidade de Salvador, Estado da Bahia, chega à Universidade de Santiago de Compostela. Essa citada relação se deu no marco do programa de convênio bilateral interuniversitário¹ entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a USC, no nível acadêmico compreendido como Bacharelado em Letras no Brasil ou de “Licenciatura en Filología” ou “Grao en letras modernas” na Espanha. É quando, junto com estes estudantes, um olhar estrangeiro projetou-se na “Praza do Mercado de Abastos de Compostela”², situado na Galiza, Espanha.

¹ <http://www.usc.es/es/perfis/internacional/mobilidade/bilateral.html> (Consulta feita em 28 de setembro de 2016)

² Antes de seguir com a abordagem, é relevante fazer uma apóstrofe sobre a alcunha do lugar social que será o contexto da investigação. Os termos, expressões ou nome “Mercado de Abastos de Santiago” e “Praza Abastos” estão fixados em uma das suas portas de acesso ao recinto território deste estudo (Ver Anexo número I). A maneira, porém, como a comunidade local se relaciona com o citado lugar é simplesmente por meio da designação *Praza*. Esse apelido (*apodo*), que está no idioma da *Comunidade Autónoma de Galicia* (em galego), é o que será utilizado em todo este trabalho de agora em diante. Essa forma de designar a *Praza* parte da aceitação do etnoconhecimento como base do estudo, porque se faz próprio um termo de uso popular e local, além de ser um apelido que manifesta a íntima relação

Sistematizar os caminhos percorridos ao longo deste estudo, originando-se desde o primeiro contato com o objeto de investigação é relevante e tem dimensão basilar. Não somente para poder contextualizar o lugar no qual a tese de doutorado foi enquadrada, senão que, de maneira fundamental, atende a finalidade de demarcar na trajetória interativa de educação social nas relações estabelecidas e, destarte, poder dar forma ao estudo etnográfico desenvolvido ao longo dos anos; com suas pausas e distanciamentos resultantes necessários para assim alcançar contatar, aceder, adentrar, sistematizar e entender o universo socio educacional vincular grupal e comunitário das pessoas e agentes que compõem a *Praza*.

Estabelecer o objeto de investigação se deu de maneira posterior ao contato com o objeto de estudo. Sendo assim, os primeiros convívios com a *Praza* se apresentaram de maneira espontânea, um encontro vivencial com o outro em termos de relações sociais naturais. A reflexão posterior para um desenho de estudo científico, entretanto, está expressa dentro e a partir desse contato prévio e inconsciente. Esses momentos “espontâneos” não poderiam estar ausentes, dado que foi nesse lugar de encontro que se forjou o vínculo com a Praza do Mercado de Abastos de Compostela e os posteriores interrogantes que levaram ao desenho de estudo composto no Programa de Doutorado em Educação.

Há a necessidade de sistematizar os antecedentes que conformaram, tanto os questionamentos da investigação, como também a metodização deste. Quer dizer que esses primeiros contatos

social com esse lugar iconográfico. Somente o diminutivo sentimental no idioma próprio da região já sinaliza a qualidade de pertença e apropriação simbólica que se tem da *Praza*. Ao nomear *Praza*, já está entendido socialmente o lugar de que se fala, sem que haja a necessidade de nutrir de mais palavras para a sua localização. E nesse ínterim, porém, a *Praza* será utilizada também de forma composta, como “Praza do Mercado de Abastos de Compostela” também as variantes em “Praza de Mercado”, “Mercado de Abastos”, entre outras formas de nomear recolhidas em campo, utilizando, dessa forma, as diferentes formas de nomear este lugar identitário local. É importante sinalizar que o conceito de “mercado” e de “abastecimento” também serão chaves de estudo, porque integram um imaginário social diverso e próprio do lugar especificado.

são basilares da parte inicial, já que vão dar o alicerce e o foco do atual estudo, inscrito e centrado em âmbitos de investigação de desenvolvimento comunitário, a partir do conceito de comunidades. O olhar de fora (da estrangeira estudante) personalizado, conduzido por uma peregrina alemã, percorreu em um dia a cidade “Compostela monumental”³. A estudante em intercâmbio, ao chegar à cidade de Santiago de Compostela, não pôde aceitar o alojamento fixo por um período de uma semana aproximadamente. Sendo assim, os primeiros momentos de estada em Santiago se deram em um apartamento-albergue, compartilhado entre a estudante brasileira e um casal de caminhantes. Neste casal, uma mulher de nacionalidade alemã fazia o Caminho de Santiago, sem intermitência, ao longo de dez anos. Foi esta companheira de apartamento que abriu as portas da *Praza* à estudante brasileira, a responsável por apresentá-la, seguindo a rota tradicional que marca, depois da Catedral, o segundo lugar mais visitado da cidade.

No contexto de visita guiada, da mão de uma alemã, passando pela Catedral, com ritual do *botafumeiro* (o turíbulo brasileiro), também por praças diversas das quais não se fixava o nome, igrejinhas, até culminar no espaço da “feira” da “Praza do Mercado de Abastos de Compostela”, do qual a peregrina alemã afirmava: “-Este é um dos lugares turísticos mais belos da cidade de Santiago”. É assim que a pauta da *Praza* como lugar turístico é fundada na percepção da estudante brasileira. Essa questão relativa a lugar turístico é tratada por Azeredo Grünewald (2003), ao assinalar que o foco da visita turística está posto na busca do diferente e exótico, no lugar do Outro.

³ A expressão “Compostela monumental” alude à imagem que ganha forma concreta e se entende por um movimento que dá corpo à ideia de transladar características próprias da arquitetura santiagouesa, relativamente aos seus monumentos, à realidade e dinâmicas sociais, no mesmo nível ou de forma similar de importância dos monumentos, que são imponentes e grandiosos. Ainda que, de maneira pragmática e formal, o termo vem de uma organização comercial e empresarial que reúne comerciantes, empresários e profissionais do Casco Histórico de Santiago de Compostela (na Espanha), sob essa expressão <https://compostelamonumental.es/inicio/>

Essa concepção da *Praza*, porém, como espaço de turismo nesse enquadramento do Outro, do diferente ou exótico, dá-se também o questionamento que turva a diversidade de olhares e a vinculação subjacente no contexto da *Praza* abastiana⁴, como lugar de abastecimento material e também simbólico.

A categorização desse espaço, que era visitado pela primeira vez como “lugar turístico”, determinou a pauta interativa deste primeiro contato que define uma situação ou lugar social a partir de categorias, relações ou papéis interacionais que se estabeleceram nesse primeiro contato com a *Praza* desde o “olhar de uma turista” e se desenvolveu ao longo dos seis primeiros meses de vivência da cidade de Santiago de Compostela.

Cheiros estranhos, nunca sentidos, uma infinidade de cores representadas por diversas mercadorias: vestimentas, bebidas, objetos desconhecidos, carnes, peixes, mariscos, frutas e verduras que não se distinguiam, chuva, frio, vozes, movimentos, e gente, idosas e mulheres.

A presença das mulheres na Praza do Mercado de Abastos de Compostela, desde o momento zero, já enseja uma série de inquietações e questionamentos: por que tantas, quase que exclusivamente mulheres? Há de se deixar em evidência o fato de que, já no primeiro momento de contato inicial e espontâneo com a *Praza*, a questão da mulher e sua maior presença se erige como fundamento

⁴ O termo “abastiano”, e mais bem o de “mulher abastiana” é cunhado por nosso enfoque e será utilizado no estudo do presente prisma educativo da *Praza* porque põe este coletivo como paradigma e singulariza a “Praza do Mercado de Abastos de Compostelana”. Entende o coletivo em questão como próprio do contexto singular especificado da sociedade galega em Santiago, além de aludir à significação da atividade de mercado e do conceito de abastecer, daquelas pessoas ou mulheres que abastecem, que nutrem no material e no simbólico ao grupo e comunidade: ou mulheres que abastecem, que nutrem no material e no simbólico ao grupo e comunidade: “todos los gentilicios(...) pueden funcionar como adjetivos y como sustantivos(...), el gentilicio se halla sistemáticamente dentro del relacional; aunque una gran parte de los adjetivos relacionales admiten el deslizamiento hacia su uso como calificativos” (Almela Pérez, 2013: 5).

de interação, motor de produção de diálogos e busca de conhecimento desse universo social afetado por problemáticas de gênero.

O espaço da *Praza* parecia estar marcado pela ocupação de determinados coletivos, como pode ser a presença da mulher na Praça do Mercado de Abastos de Compostela como e posta como espaço feminizado ou de segregação horizontal.

O conhecimento do ambiente vivenciado da *Praza* foi uma construção progressiva, de idas e vindas, porquanto o fato de não saber identificar alguns dos objetos e alimentos que se apresentavam às pessoas visitantes exigia uma atitude interativa e, em contrapartida, também se chocavam com a sensação de familiaridade implícita: tudo era diferente! Afirmando? “Ou, tudo era diferente?” se dava de forma interrogativa?

O olhar estrangeiro, focado nas diferenças ou na busca de similaridades, com o que cada lugar socioeducacional tem como referência, resulta nos contrastes de discursos e vivências. Nesse sentido, afirmar e exclamar que “tudo é diferente!” ou se questionar se realmente essas diferenças existem em uma parcialidade ou totalidade - “tudo é diferente?” - atende ao olhar do Outro que se aproxima de uma realidade histórica, direta ou indireta, já conhecida em termos de anamnese. Conformam-se reminiscências, memória social.

A observação de certa maneira participante ora se distancia e se coloca na posição de ser o Outro, no espaço próprio do estrangeiro, do que vem de fora do País, o que observa desde fora o território e os outros; e ora se funde com o presente vivenciado na identificação. É que a “feira” - termo que descreve a Praça do Mercado de Abastos de Compostela nestes momentos iniciais de interação, existe em qualquer lugar do mundo, ou seja, é um espaço social que não é próprio de um país ou região, nem individual ou particular de uma cultura.

Diferente ou próprio? É como se a *Praza* somente pudesse ser entendida a partir de dois lugares de fala estanques, um da estrangeira-forânea ou outro desde o local-nativo - como se não houvesse a possibilidade do diálogo ou um lugar de comunicação entre esses dois extremos, negando, assim, o lugar de fala comum e a interação dos

sujeitos simbióticos comuns ou afins: “(...) la tendencia del pensamiento occidental a considerar que una investigación tiene perfil sociológico cuando se ocupa del estudio de sus propias comunidades y, en cambio, considerar que posee un perfil antropológico cuando se refiere a comunidades que, desde aquí, puedan verse como exóticas” (Moure, 2001: 43). Sem saber se tratava-se de uma interação social com o diferente? Ou seria este um entrelugar no meio do Outro e do próprio?

O espaço de interação em termos de distância estabelecido pela estudante-turista do Brasil ora era o diferente, ora como o próprio. A maneira de dar nome, porém, à interação posta era a dúvida da estudante. Assim, a *Praza* era a feira, para ela, a estudante de intercâmbio. A ação de nomear um lugar, uma vivência ou um aspecto social, é definida e estudada mediante a relação entre a língua e uma comunidade cultural. O objetivo é sistematizar, todavia, um relato que recolha a relação social dada na Praza no entrelugar socioeducacional da memória histórica coletiva, entendida como ancestralidade de grupo, para Pichón-Rivière (2005), e das matrizes de aprendizagens para Quiroga (2012). Não em termos de enquadramento, consoante descreve Moure (2001), como “comunidades próprias” ou de “comunidades exóticas” (Moure, 2001: 43). Trata-se de entender a *Praza* como lugar cultural que existe na construção simbólica das pessoas, quer sejam locais ou estrangeiras e no entrelugar do próprio e do nosso. Trata-se de um lugar vincular compartilhado e ancestral.

No primeiro momento, a turista, e, por enquanto, estudante brasileira, emitia julgamentos relativos às cores dos produtos e do público majoritário feminino e qualificava aquele espaço como exótico. Esse nomeado “lugar turístico” dado por meio do caleidoscópio dos fluxos durante meses justificou o olhar proveniente do exterior. A semelhança estava latente, entretanto, bastava o desejo de querer ver a proximidade sociocultural de dois mundos, separados apenas por um oceano e por substantivos e verbos, no sentido de como se descreve o que se vê e o que estava sendo vivenciado, dado por meio de trânsitos que durante meses justificou o olhar proveniente do exterior: “A materialidade das redes e fluxos cria uma nova estrutura social em todos os níveis da sociedade (...) uma sociedade que poderia

ser chamada sociedade dos fluxos, já que os fluxos não são feitos somente de informação, mas de todo o material da atividade humana (capital, trabalho, mercadorias, imagens, viagens, papéis mutáveis em interação pessoal etc.)” (Castells, 1996: 29).

Para o olhar do Outro, da estudante visitante, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela era uma feira e o uso de “mercado” ou *Praza* para definir o espaço visitado e vivenciado representava um problema, tanto de definição, como de representação de mundo; como também, e principalmente, de interação no marco das práticas socioeducacionais⁵ que já se pautava em preceitos etnográficos como vivência investigativa, descrição do vivenciado em diário de campo de viagem (ou diário pessoal), dentre outros (Anexo número II).

Nos estudos de Banón Hernández (1996), a forma como se nomeia o interlocutor é um tema de muita sensibilidade porque, mediante a ação de dar nome, o que se faz é descrever, categorizar e qualificar socialmente, “Del mismo modo, una palabra puede ser intercambiada por algo diferente: una idea. (...) Al formar parte de un sistema, reviste no sólo un significado, sino también, y sobre todo, un valor (...)” (Latouche, 1975: 29-30). Na interação, a definição da palavra feira é compreendida como sinônimo da palavra mercado⁶, de tal maneira que aquele espaço, apresentado e nomeado de “lugar

⁵ No ano de 2016 se dá o início da tese doutoral. Sendo assim, na parte metodológica posterior ao momento descrito se dará a sistematização das visitas à *Praza* em termos de estudo etnológico. Aqui, o que se faz é sistematizar os precedentes da investigação, o que também contou com o diário de campo, ainda que não estivesse pautado dentro do estudo de doutorado.

⁶ Aqui é muito importante ter em consideração que o estudo de doutorado está sendo escrito no idioma português normativo, oficial do Brasil. Além disso, toda a abordagem a respeito do conceito, definição e sentido de uso da palavra feira ou mercado se faz para demarcar, contextualizar o processo da relação com o objeto de investigação, a partir dos enfoques que põem ao etnógrafo um papel importante no estudo. Entender a confusão para entender o objeto de investigação a partir destes conceitos linguísticos se fez fundamental para prevenir possíveis confusões interpretativas.

turístico” ou “mercado”, passa a ser uma feira⁷ no momento interacional primário com a Praça do Mercado de Abastos de Compostela e posteriormente abarca-se a estrutura da CEASA⁸ como equivalente à *Praça*.

Na realidade social e, portanto, linguística da estudante brasileira, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela era uma feira, contrariamente a um mercado que era um supermercado. A palavra “*mercado*” ou “*praça*” para a estudante estrangeira brasileira opunha-se a “*Praça*” ou a “*Mercado*” galego. Essa questão que pode ser entendida como linguística, na verdade, é tema de definição e interpretação de mundo, porque o “Mercado”, em maiúscula, era um nome próprio, porém que se exibia ao olhar de fora indiferente à realidade social que define como mercado uma estrutura social e simbólica profundamente singularizada: “la influencia que las condiciones de vida de una comunidad tiene sobre su lengua” sistematizada por Moure (2001: 44) retirada de Whorf, (1954, 1956) e a percepção dos falantes/ouvintes na hora de estabelecer um espaço sociointeracional, não somente linguístico, se não que fundamentalmente prático, é quando o que se pensa (imaterial e simbólico) toma forma de discurso, no enquadramento de Michel Pêcheux (1978) que descreve o discurso como prática social da ideologia. A palavra muda tudo e o sistema de valores estabelecido por esta, e, além de nomear, chamar, intitular ou apelidar, também tece relações sociodiscursivas e conforma na estrutura de relações de valores, fundamentando o estabelecimento da aprendizagem do mundo.

Durante mais de 30 meses, entretanto, o condicionante linguístico da “ação de dar nome” sustentou confusões fundamentais na compreensão e proximidade da comunidade da *Praça*. Sendo assim, e já que a língua é, de maneira fundamental, um instrumento de

⁷ Feira no uso do português baiano.

⁸ CEASAs - centrais de abastecimento de mercado atacadistas (Araújo Mourão, 2008: 15) é a estrutura similar às *Plazas de Mercado*, sendo que a “praça” em português não equivale a *praça*.

comunicação, se estruturou a tendência em buscar um, e apenas um, significante para cada significado. Assim, seguia-se na cotidianidade da relação estabelecida entre visitante-observadora e a Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Seguir na cotidianidade significa não ter a posição de crítica à vida cotidiana necessária para não estigmatizar e obstaculizar ou paralisar o universo de aprendizagem (Quiroga & Racedo, 2003).

A então feira (*Praza*) era bordejada quase que diariamente pela pessoa-estudante-brasileira-turista (desde o ano de 2006 a princípios de 2008), que se sentia identificada com aquela realidade vista pelo sentimento narcísico, como aquele que “mira um espelho e o acha belo” e, após superar os portões de ferro e adentrar o miolo da *Praza*, tudo era familiar. A atividade executada naquele espaço, a organização espacial das mercadorias, a dinâmica de trânsito dos sujeitos compradores e visitantes (dentre outros processos e perfis de agentes sociais), todas estas informações convergiam para um ator-social individual e coletivo, de grupo humano coeso, às mulheres trabalhadoras do espaço nomeado feira (*Praza*). Essas mulheres passarão a ser o objeto principal do olhar do Outro nesse momento de contato pós-inicial enfocado no extinto Trabalho de Investigação Tutelado (TIT). No ano de 2017, ingressa-se no (já extinto) programa de “Doctorado de Linguística General” da USC. Coursaram-se as disciplinas e, em 2008, defendeu-se o Trabalho de Investigação Tutelado (TIT) intitulado *A língua das Mariposas: para uma metodologia de estudo do falar das mulheres da Praça do Mercado de Abastos*. Para este estudo, teve-se uma interação social com a *Praza* pautada nos parâmetros científicos etnográficos e o Trabalho de Investigação Tutelado apresentou-se dentro do programa de doutorado em Linguística Geral da USC.

A história da *Praza*, contudo, tem sujeitos sociais determinantes na sua conformação, aqui se impõe o foco nas (nos) agentes sociais trabalhadoras (es)⁹ da feira *Praza*, sendo que, dentre esses, um coletivo alcança protagonismo dentro do grupo: são as mulheres abastianas.

A questão da presença de mulheres e das agricultoras na Praza de Abastos como questionamento se aglutina com a pergunta -qual a história da *Praza*?- e, dessa forma, o estudo da *Praza* (e uma possível história desta) passa a ser, também, o estudo das mulheres e de suas histórias, dada sua presença e predominância. No primeiro momento de contato de interação consciente (acadêmico) e com o coletivo abastiano, desenvolvido nos anos iniciais de estudo para a obtenção do Diploma de Estudos Avançados (DEA) em *Linguística Xeral*, entrevistou-se em profundidade uma trabalhadora da *Praza* com o objetivo de sistematizar uma metodologia para o falar das mulheres na feira *Praza*. A partir do encontro de tais vivências descritas e transcritas acima, como também destes dois questionamentos -qual a história da *Praza* e quem são essas mulheres trabalhadoras deste espaço?- surgiu o interesse em estruturar uma história das mulheres da *Praza*, tendo como objeto de estudo o falar das mulheres, deste lugar, considerando, para isto, o corte e o marco teórico das narrativas históricas polifônicas: “Todo discurso social es, por naturalizar, polifónico, pero a géneros textuales en los que la explicitud de esa polifonía es una de sus características constitutivas...” (Banon Hernandez, 1996: 17). É quando a voz de uma é, não somente, a voz de todas, se não que se trata da voz de um lugar social comunitário e grupal especificado.

O aludido estudo não foi desenvolvido na *Faculdade de Filoloxía da USC*. Depois do TIT, fez-se uma mudança de programa de doutorado, porém, esses citados argumentos descritos

⁹ Um aspecto fundamental tratado no presente informe de tese consiste na educação social que fez possível a permanência desse lugar social, o seguir vivo, existindo, estando essa permanência entendida como fator a ser estudado e que consiste em um dos pilares para a conformação da *Praza*, são suas(seus) agentes trabalhadoras(es).

anteriormente compõem uma base de conhecimento etnográfico que seguirá no estudo de enquadramento educativo posterior.

A estudante de terceiro ciclo migrou para o programa de Doutorado em Educação da USC em 2012 com propostas e delineamentos não concluídos. Por conseguinte, retorna à abordagem da *Praza* em 2016, já com um outro projeto de estudo, dessa vez orientado para os processos educacionais das trabalhadoras e dos trabalhadores organizados em torno de um objetivo comum (a tarefa de viver da *Praza*). Sendo assim, e já na etapa de tese doutoral no Programa de Doutorado em Educação (2016), com o projeto para o estudo dos processos educativos na *Praza*, a pesquisa passará por uma etapa de recolha de dados por meio da metodologia da etnografia (sem poder prescindir em nenhum momento das dinâmicas e interrogações iniciais descritas neste limiar) na busca de tecer, compreender e estruturar um conhecimento por meio da vivência social participante de enquadramento no etnoconhecimento.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades do saber e do conhecimento - termo usado por Mattelart Delcourt & Mattelart, (1984) em contrapartida à Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC) - um elemento se institui como fundamental. Tanto para o poder leve – suave - (Keohane & Nye, 1988), que procura garantir a hegemonia, na qual a concentração continua sendo sua definição mais tangível; como também, e em igual medida, para os espaços de soberania popular ou de afirmação da cidadania. Esse é o lugar que projeta e defende a diversidade, contrapartida na equação da hegemonia, resolvida no direito dos povos aos bens públicos coletivos, sejam eles materiais ou simbólicos. Esse aludido elemento ou lugar é a cultura, que continua deixando o terreno do simbólico para ser alcançado pelo material (Mattelart, 1988).

A cultura, independentemente de ser um espaço para disputa (Mattelart & Neveu, 2004), é, de maneira primordial, a forma concreta da educação social (Vygotsky, 2001). Cultura é, enfim, o elemento tangível e observável do processo educativo social dos povos, entendida, como as Matrizes de Aprendizagem para o sujeito (Quiroga, 2012), sendo enquadrada aqui como as Matrizes de Aprendizagem Compartilhada (MAC), ou seja, a maneira como um povo forja, organiza e significa o seu universo social de aprendizagem, compondo a cultura da comunidade ou um caldo de cultivo desta, um arcabouço cultural.

Nesse sentido, o desenvolvimento comunitário abastiano - comunitário a partir de Paiva (2003) ao considerar o aspecto da interpretação do mundo e intervenção no real priorizando o local, o regional e o contato, sem prescindir contudo do sujeito da

modernidade (este como coletivo e agregado em sociedade) gera uma série de riquezas no momento atual e moderno¹⁰. Sendo que muitas destas riquezas estão concentradas nos nomeados aspectos culturais. Essa aludida riqueza, que é coletiva, no atual momento histórico está em disputa e é no embate entre a apropriação indevida e a redistribuição da riqueza (simbólica-material) que se dão muitos processos socioeducacionais na *Praza*.

A Praza do Mercado de Abastos de Compostela (*Praza*) - localizada na Galiza, Espanha - se constitui como um contexto educativo e de relações vinculares através das quais se cultiva uma identidade social. Assim, dois aspectos vão relacionar a leitura feita da *Praza* como um lugar identitário. Por um lado, o vínculo, como relação estabelecida por agentes sociais, pautado em uma inter-relação e constituído por uma mútua necessidade compartilhada por meio de processos de comunicação e aprendizagem. Nas palavras de Pichón-Rivière (2005), “vínculo que defino (...) como um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (Pichón-Rivière, 2005:5). Por outro lado, é pelo conhecimento das Matrizes de Aprendizagem definido por Quiroga (2012), como “modalidad con la que cada sujeto organiza y significa el universo de su experiencia, su universo de conocimiento” (Quiroga, 2012: 35), esta ampliada para MAC no enquadramento dos processos coletivos de aprendizagem social.

Por via das Matrizes de Aprendizagem manejadas nos processos de vínculo da *Praza* que se pode entender, tanto a sobrevivência ao longo dos anos, como sua permanência e atualidade do Mercado de Abastos. Assim, a sobrevivência, permanência e atualidade ocorrem por meio da adaptação ativa à realidade para que este espaço singular

¹⁰ A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela é espaço de sobrevivência de muitas trabalhadoras e trabalhadores. Também é lugar de visita turística, por exemplo. É um lugar de representação do mundo em dinâmicas históricas, de uma riqueza material que se apresenta em termos de cultura, como espaço simbólico e iconográfico da cidade de Santiago e/ou também da Galiza em seu conjunto.

continue existindo, assegurando e endossando a sua tarefa grupal, a de viver da *Praza*.

Entender esta tese inscrita nos estudos de desenvolvimento comunitário é de fundamental importância para poder inferir seu foco principal, dado que o projeto está centrado no estudo das (dos) agentes sociais trabalhadoras (es) da *Praza*, nas práticas educativas destes, moldadas por meio dos tempos e especificadas na *Praza*. Dessa maneira, infere-se que a *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela está configurada como um espaço que é também econômico social, porém e principalmente educativo cultural e que está ao mesmo tempo integrado no contexto sociocultural e econômico das sociedades do saber e do conhecimento. Entendem-se a cultura e o tradicional em termos de educação social, como herança e legado identitário em projeto e transmitido ao passo do tempo e de geração em geração, por um lado. Em contrapartida, as sociedades do saber e do conhecimento como novos caminhos a afrontar, integrando, rechaçando ou na construção do entrelugar, como reconstruir, simbolizar e ressignificar algo que é posto por um contexto global (das SIC, por exemplo) sem negar, silenciar ou obstaculizar as sinergias com o cenário local.

A realidade socioeducacional da *Praza* dá lugar a múltiplas situações que não estão isentas de tensões e conflitos, entre formas de vida, modelos econômicos, discursos e práticas educativas ancoradas na herança cultural. Essa herança cultural para seguir existindo deve necessariamente poder se encaixar nas singularidades da sociedade contemporânea. Nesse sentido, os sujeitos que conformam o grupo da *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela serão os que vão determinar em última instância a ressignificação do segundo lugar mais visitado na cidade de Santiago de Compostela - a *Praza* - ficando atrás em número de visitas somente da Catedral compostelana.

Assim, ante a afirmação de que as “*plazas de abastos*” estão desaparecendo, de maneira antagônica, o que se dá é justo o contrário, continuam existindo (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Dada essa permanência, resiliência ou resistência, quais são os processos educativos desenvolvidos pelo coletivo trabalhador na *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela para que esta prossiga viva?

Dessa maneira, o objetivo central do estudo de doutorado foi o de sistematizar as práticas sociais (como socioeducacionais) das e dos agentes trabalhadores na *Praza*. Assim, precisa-se entender quem são esses agentes para estruturar as suas práticas educativas - como Matrizes de Aprendizagem Compartilhada - desses múltiplos agentes trabalhadores, unidos por uma tarefa compartilhada, para poder compreender as dinâmicas sociais que permitem configurar um espaço de vida que vive e transita entre a herança identitária e a modernidade. Estas são enquadradas como processos vinculares ancestrais e de permanência na ressignificação espiralada para a conformação da cultura do saber, quer dizer, da aprendizagem social. Trata-se de conhecer as estratégias para manter-se e projetar-se no tempo como uma comunidade grupal, dado que, no período da modernidade líquida (Bauman, 1999), a permanência é por si só um fator de êxito.

Delimitação dos problemas e objetivos

Malgrado os prognósticos e augúrios de que as *plazas de mercados* vão desaparecer, a realidade cotidiana dessas dinâmicas continua existindo (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007) e sendo essa permanência uma realidade. Quais, então, constituem os processos educativos dados na *Praza* para que esta continue existindo? Assim, o estudo demanda conhecer e analisar as práticas educacionais e os vínculos como educação cultural das (os) agentes sociais trabalhadores da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, localizada na Galiza, Espanha.

O objetivo geral e fundamental desta tese é o de conhecer os processos educativos manejados na *Praza* para que ela permaneça se mantendo viva ao longo dos tempos e projetando-se ao futuro. Busca-se apresentar quem são os agentes trabalhadores da *Praza* por meio de uma realidade conformada e singularizada por um legado socioeducacional de vínculo, que é, por sua vez, sociocultural e histórico, entendendo que esse espaço singular, que é a Praza do Mercado de Abastos de Compostela, para sobreviver e continuar existindo, deve ser constituído necessariamente por meio da coexistência de um entrelugar: entre a tradição (legado e herança) e a

modernidade (presente e devir), na sociedade do saber e do conhecimento (na qualidade do momento atual), ambas conformadas e perpetuadas por meio das matrizes de aprendizagem.

No momento atual, a permanência parece desaparecer, cedendo lugar ao estado da modernidade líquida (Bauman, 1999), na qual nada alcança ter forma e permanecer. Ou seja, na fase vigente de colisão entre o tradicional e o moderno postos na *Praza - De que maneira se conforma, se desenvolve e se mantêm por meio do tempo a Praza do Mercado de Abastos de Compostela?* - Esses questionamentos são entendidos desde a perspectiva das práticas e dos grupos socioeducacionais vinculados. É a principal resposta perseguida pelo estudo aqui apresentado, que passa, necessariamente, por entender as realidades, as tensões e os projetos socioeducacionais na Praza do Mercado de Abastos de Compostela, desde uma leitura atual. Em síntese, o objetivo é de *compreender quais são e como se dão as práticas educativas que garantem a vivência e prevalência da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela no englobamento das (dos) agentes trabalhadoras(es) nesta.*

Para responder ao objetivo proposto se parte das seguintes perguntas da investigação:

- a) Quem são os agentes sociais trabalhadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela?
- b) Como se dá o processo de permanência em espaços entendidos como legado ou herança identitária como é a Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela?
- c) Que papel tem a educação - entendida como Matrizes de Aprendizagem - nessa permanência e nesse espaço?
- d) Que agentes sociais - como pautas e funções¹¹ - são os responsáveis-chave nesse processo de permanência a partir do conceito de vinculação e de grupo?

¹¹ Porta-voz, perturbador etc., segundo Pichón-Rivière (2005).

e) Que pares sociais manejam as mulheres na qualidade de agentes comunitários e grupais-chave na *Praza* de hoje?

Para poder responder o objetivo principal expresso nas perguntas anteriores, são sistematizados os seguintes objetivos específicos:

- Contextualizar, de maneira histórica, cultural, social e educacional, os agentes da Praza do Mercado de Abastos de Compostela.
- Descrever a diversidade de atividades – “paisanas”, donos de postos, trabalhadores desses postos, administração, entre outros - desenvolvidas na *Praza*, e estabelecer, por meio das Matrizes de Aprendizagens, as relações dessas atividades com os processos de ensino e formação das (dos) agentes que estimulam a vida nesse contexto.
- Compreender os vínculos educacionais dos vários agentes sociais que desenvolvem as suas atividades na *Praza*, entre os quais, vendedoras, vendedores, “paisanas”, organizadores e gestores desse espaço.
- Sistematizar as práticas educacionais - conhecimento, informação e capacidades - dos distintos agentes trabalhadores da *Praza*, com o objetivo de saber: o nível de formação que têm, as estratégias usadas para transmitir conhecimentos por meio das gerações e ao longo do tempo, e as expectativas que - se tem no plano socioeducacional, além de entender como se dá a renovação geracional.
- Descrever e categorizar o vínculo - as necessidades - educacionais como Matrizes de Aprendizagem do coletivo trabalhador da *Praza* como parceiros sociais em grupo no enfoque pichoniano (2005), que atuam na *Praza*, para entender as ações que vão garantir a sustentabilidade desse espaço socioeducacional no passo do tempo e no futuro.
- Conhecer as funções atuais do setor social da *Praza* no âmbito da dinâmica cotidiana, em termos educacionais sociais. Além

de estudar a relação entre os processos educativos e a preservação e revitalização de um espaço tradicional, foco de grande visitação local, nacional e estrangeira, própria do contexto atual das sociedades do saber e do conhecimento.

Os objetivos específicos do estudo buscam reconstituir e revelar: quem são os agentes trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela; qual é a visão que se tem da educação; como este fator gera transformação social; que tipo de educação tiveram os agentes sociais que trabalham na *Praça*; como essa educação irá influenciar o desenvolvimento e a manutenção de suas atividades de trabalho; quais interesses políticos, econômicos, sociais e culturais que estão subjacentes como pano de fundo de cada ação para a manutenção e existência da *Praça*; como também, busca-se entender como as estruturas sociais na *Praça* são projetadas por meio das histórias educativas não regradas, porém em sinergias com as histórias escolares, formativas e educativas – englobadas pelas Matrizes de Aprendizagem - no desenvolvimento das capacidades dos parceiros e agentes sociais para exercer autonomia pessoal e as qualidades de cidadãos (os) e trabalhadoras (es) na trama da *Praça* no contexto grupal. No sentido de compreender o que é a educação social e como esta se dá na *Praça* e qual o papel que a *Praça* desempenha dentro desses circuitos sociais em termos de vínculo e cotidianidade, de existência e sobrevivência, que aspectos são combinados para a manutenção da tradição (herança e legado) e da modernidade (atualidade) para continuar existindo. Esses são os questionamentos que guiaram os objetivos específicos.

A proposta de estudo centra-se na utilização da etnografia como ferramenta metodológica para compreender e analisar as diferentes ações educativas, ao considerar a *Praça*, não somente, um simples instrumento e espaço social para compra e venda de produtos e mercadorias, mas sim, e principalmente, de representação do mundo, nas dinâmicas dos processos educativos individuais e coletivos.

Metodología e técnicas da investigação

A metodologia aplicada para este trabalho está ancorada nos estudos etnográficos, manejando procedimentos de observação, observação participante, entrevistas, entre outros. Os procedimentos etnográficos utilizados se deram na busca de meios para aceder ao etnoconhecimento da *Praza*, que implicou conhecer de maneira profunda as práticas educativas e os vínculos subjacentes às ações da vida cotidiana, na visão do mundo e nas expectativas dos agentes sociais que trabalham na Praza do Mercado de Abastos de Compostela.

O plano metodológico recorreu à etnografia como o modelo central de pesquisa. O estudo partiu, entretanto, da elaboração de instrumentos qualitativos e quantitativos (o que não alcançou ser aplicado por causa da COVID19), com especial atenção para a abordagem qualitativa. Com base na etnografia, foram usadas várias técnicas de coleta de dados, observação encoberta, observação não participante e observação participante, entrevista vincular em profundidade, entrevista vincular guiada, entrevista guiada, estudo documental e registro fotográfico.

As ações de recolha de informação qualitativa estavam desenhadas para serem complementadas com a concepção e implementação de um questionário para coletar informações sobre as características educacionais específicas dos parceiros e coletivo social trabalhador na praça do mercado de abastos de compostela, que desenvolvem suas atividades neste contexto socioeducacional, porém, em razão da pandemia por COVID-19, esta técnica não foi aplicada. Os dados obtidos do questionário (Anexo Número III) estavam desenhados para atender a complementar as informações recolhidas mediante técnicas qualitativas no enquadramento do etnoconhecimento. Sem possibilidade de aplicação do questionário ao coletivo trabalhador na *Praza*, se fez uma tomada de informações com a administração da *Praza*.

De maneira mais detalhada, aplicaram-se as técnicas expressas sequentemente.

- a) A observação encoberta, observação não participante e participante. A encoberta consiste em desenvolver uma investigação do contexto abastiano sem que as(os) agentes trabalhadoras(es) neste conhecessem o objetivo da visita. A observação não participante se deu em todo o transcurso do estudo e se caracteriza por estar na *Praza* assumindo diferentes papéis – passeante, investigadora, visitante, turista, cliente em potencial e compradora - para recolher uma gama de diversidade de informações. A observação participante supôs a presença da pesquisadora no contexto de estudo por um período, que permitiu recompilar as informações necessárias para uma descrição detalhada da investigação espacial e dinâmicas educativas e sociais da *Praza do Mercado de Abastos de Compostela*.
- b) As entrevistas vinculares em profundidade, aplicadas às pessoas selecionadas de maneira intencional, porém, com base em critérios graduados que atenderam aos requisitos do plano de pesquisa consistentes em ser trabalhador da *Praza*, buscando agentes de variados setores de venda e serviço, que fossem representativos numericamente, como também o de serem os agentes sociais ativos entre o coletivo amplo da *Praza*.
- d) As entrevistas vinculares guiadas obedeceram a mesma estrutura descrita anteriormente, porém, se valeu de uma guia estrutura de perguntas devido a dinâmica laboral na *Praza* e da pouca disponibilidade de tempo das agentes sociais entrevistadas.
- e) A entrevista guiada foram desenhadas para aceder a agentes da gestão da *Praza* e se estruturou em uma lista fechada de perguntas objetivas (nenhuma delas de opinião) que buscou recolher informações estadísticas e de normativas, dentre outras.
- f) Estudo documental foi a busca de material bibliográfico sobre a *Praza* e foi feito em diversidades de bibliotecas e também na rede internacional de dados.
- g) Registro fotográfico se realizou durante o processo de campo nas fases de observação encoberta, participante e não participante com o objetivo de recolher testemunho visual sobre os fenômenos observados e analisados.

h) O questionário, que não foi implementado em razão da pandemia covid-19. Seria de aplicação proposta a todas(os) os vendedoras(es) e trabalhadoras(es) de posto fixo da *Praza*, como também a algumas “paisanas” e ambulantes. Seria feito com a intenção de reunir informações estatísticas concretas sobre a formação e outros aspectos relacionados com os seus discursos, narrativas, sensibilidades e práticas educacionais que influenciaram ou determinaram as distintas atividades desenvolvidas na *Praza*.

Ademais, fez-se um estudo documental e bibliográfico que foi desenvolvido ao longo de todo o trabalho de estudo de doutorado, feito com o fim de entender e sistematizar a informação gerada por meio do tempo em torno das atividades da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. O citado estudo documental foi realizado em bibliotecas, bases de dados, páginas *webs* e por meio de instituições que tinham informações coletadas sobre o patrimônio educativo, cultural e social da “*Praza*”, de maneira mais detida e especificada.

Antecedentes da investigação

A literatura e documentos de revisão desenvolvidos para a preparação deste plano de investigação leva à conclusão de que não há, ou não se encontra, nenhuma história da Praça do Mercado de Abastos de Compostela como tal e desde uma perspectiva científica. Também não foi encontrado nenhum estudo que aborde os discursos, as realidades e as práticas educativas das (dos) parceiras sociais que desenvolvem suas atividades na *Praza*. Além disso, os estudos desse ambiente social, cultural e educacional vertebral da sociedade galega, em termos de patrimônio histórico, imaterial e humano, são escassos. Esta constatação impôs a necessidade de realizar uma pesquisa socioeducativa desde o enfoque cultural (Vygotski, 2001), centrado e especificado no prisma das Matrizes de Aprendizagem (Quiroga, 2012), que revelasse, desde uma contingência científica, as muitas dinâmicas educativo-culturais que têm facilitado a sobrevivência e consolidação deste espaço, ancorado na tradição, como herança e legado no decurso do tempo, mas com uma perspectiva clara de projeção, a qual se dá por meio de uma constante tensão entre tradição

(estrutura social que permanece e é resignificada) e modernidade, que envolve o perímetro da transformação social e luta entre um projeto alheio à comunidade abastiana ou a formulação de um caminho próprio.

A busca de bibliografia e de literatura inicial para desenhar o projeto de pesquisa foi conduzida por meio da rede de dados *Internet* e também da revisão das bibliotecas e arquivos da cidade de Santiago de Compostela. Verificou-se que o tema educacional é pouco desenvolvido e não foi encontrado nada em concreto sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela com esse enfoque, quer dizer, o prisma educativo sociocultural. Na consulta feita no ciberespaço aparecem 67.400 resultados (consulta realizada no mês de fevereiro de 2018) e, na busca em bibliotecas físicas da cidade de Compostela, se tem no corpo deste trabalho um quadro informativo dos títulos encontrados e a sua localização individualizada.

As referências alcançadas na rede internacional de dados sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela centra o foco no ambiente de vida, na promoção comercial e turística, ambas feitas com suporte numa abordagem jornalística ou de difusão e por meio de recursos como o *site* da Sociedade Galega Corporativa ou de um livro ilustrado e com linguagem de viagens (Sesar, 2015), como também de *webs* de visitantes-turistas. Encontrou-se, também, no entanto, a chamada para bolsas de estudo para fazer compras na *Praza*, proposta pela USC (ação já extinta), como exemplos do universo discursivo sobre esta.

Em adição às bibliografias citadas há pouco, encontram-se três textos. São as referências bibliográficas científicas concretas sobre a *Praza* vistas na biblioteca da USC: Rosende Valdés (2002) *Fragmentos urbanos de la Compostela ochocentista: la Plaza-Mercado*; Chao Álvarez (2007) *Sondaxes arqueolóxicas no Mercado de Abastos de Santiago de Compostela* e Leon Pestonit (1998) *Tipologías arquitectónicas del Mercado de Abastos compostelano*. Os textos referidos abordam o Mercado do ponto de vista do patrimônio material e arquitetônico da cidade de Santiago de Compostela. Também, desde o lugar acadêmico, foram topados em busca virtual

alguns artigos referentes à Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Apesar da escassa referência no que diz respeito às questões relativas à *Praza* desde o enquadramento acadêmico, todas as bibliografias citadas foram importantes fontes de pesquisa, considerando o discurso destas em relação ao grupo que compõe a Praça do Mercado de Abastos de Compostela. A falta de estudos de caráter educativo e social, todavia, permite vislumbrar o significado e a utilidade o plano de pesquisa desenvolvido, que buscou sistematizar um conjunto de informações relevantes para compreender as interações e práticas educacionais na *Praza* e sua permanência como chave e patrimônio, tanto simbólico cultural como econômico.

Relevância do estudo

A relevância deste estudo radica na relação entre a educação e as estruturas sociais de agentes trabalhadores em espaços da *Praza*, processos próprios de vinculação, bem assim de maneira específica, em sua busca da compreensão das estratégias sociais para a criação de espaços de sobrevivência da tradição como legado e herança histórica, no âmbito das sociedades do saber e do conhecimento - além de perseguir como objetivo revelar as possibilidades e estratégias de projeção futura e de integração ou ressignificação de ferramentas (atuais ou resgatadas) na dinâmica social contemporânea.

A realização deste plano de pesquisa tem uma relevância significativa em níveis diferentes: em primeiro lugar, envolve um esforço acadêmico importante para recuperar e sistematizar o conhecimento que tem sido desenvolvido neste espaço de vida dinâmico, plural e representativo da sociedade galega; segundo, os dados resultantes da pesquisa podem ser usados para projetar, de modo mais sustentável, as vivências culturais e econômicas da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que fornece conhecimento adicional no desenvolvimento do tradicional da cidade de Santiago de Compostela; terceiro, o estudo pode reforçar o caráter econômico da Praça de Abastos compostelana, como também de vínculo, e tem como objetivo verificar e sistematizar as habilidades cognitivas e

práticas educacionais que influenciam o desenvolvimento de atividades socioeconômicas; e quarto, e de maneira fundamental, entender o processo de vínculo e das Matrizes de Aprendizagem para garantir a permanência, que, por si, já é um fator de notoriedade. Do mesmo modo, a sistematização das (dos) agentes sociais-chave e as relações desenvolvidas por eles fundamentam a estratégia e a permanência conquistada. Finalmente, o estudo documental para a elaboração da tese permitirá organizar e sistematizar o conjunto de materiais que tenham sido gerados em torno deste espaço de vida, de maneira representativa, sendo este trabalho uma chave para a construção de um ativador de banco de dados sólida sobre a Praça do Mercado de Abastos de compostela.

Construção e estruturação do informe de tese

Em termos de estrutura, esta investigação consta de três grandes blocos, divididos e nomeados em partes interligadas. A primeira parte está composta do referencial teórico, a segunda do referencial metodológico contextual e a terceira reúne a parte analítica e interpretativa dos dados recolhidos em campo. Os três grandes blocos temáticos deste estudo albergam capítulos organizados de maneira sistemática de acordo com as características em termos de conteúdos e com lógica sequencial.

A primeira parte, ou grande bloco, intitulada “Referencial teórico-conceitual”, está composta de quatro capítulos, nos quais é abordada a fundamentação dos supostos do estudo, o que faz referência aos conceitos, teorias e enquadramentos especificados da parte teórica do informe de investigação.

O primeiro capítulo, que se intitula “Fundamentos educativos e sociais para a aprendizagem coletiva”, empreende uma base teórica que vai tecer todo o trabalho de estudo dos processos educativos das pessoas trabalhadoras na *Praza* com atividade de mercado, a partir do enfoque educativo, tanto vincular-grupal como sociocultural. O citado trecho teórico se dará com suporte em Pichón-Rivière (2005) como teórico do vínculo e do grupo, Quiroga (2012) como a sistematizadora do conceito das Matrizes de Aprendizagem, Freire (2003) na

perspectiva do sujeito da práxis e Vigotsky (2001) no enquadramento da teoria sociocultural. Por intermédio do diálogo entre os citados estudiosos, lê-se o contexto histórico, cultural e educativo da *Praza* do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, demarcando o conjunto do capítulo no “vínculo” e na teoria do grupo de Pichón-Rivière (2005), como também nas Matrizes de Aprendizagem, de Ana Quiroga (2012), ampliando este último como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas.

Cuidou-se, também, de recorrer a algumas referências teóricas da educação, pondo o foco na função social desta a partir da transmissão cultural com o conceito de vínculo. O prisma aqui considerado entende transmissão cultural, continuidade de um coletivo, como inovação cultural, segundo o teórico Anthony Giddens (2001), a vinculação com base em Pichón-Rivière (2005), a Educação Social como “Teoría de la ação educadora da sociedade” e as “Matrizes de Aprendizagem”, de Ana Quiroga (2012) como compartilhada pela comunidade, dado que nesta se recorrem a aspectos tanto dos fenômenos coletivos a modo de educação, como também parte da sociedade e base nesse processo de educação social, entendendo, segundo o professor Quintana Cabanas (2001), ao especificar que é a própria sociedade que aporta condições fundamentais para uma educação. Também se louva em Paulo Freire (2003), que especifica o sujeito da práxis, culminando com o aporte teórico de Vygotski (1995), que estrutura a teoria cultural na conformação do sujeito. Ademais, no primeiro capítulo, se aborda o conceito de “Capacidade”, de Amartya Sen (2009), apresentando diferentes ópticas do citado tema em Capacidades, na qual a educação, como ferramenta em prática social tem uma função basilar. Nessa perspectiva, ademais, se aprofunda no tema das Capacidades junto com o enfoque de gênero, como a leitura de uma particularidade de diversidade de perfis femininos da *Praza* posto em cena em termos de relações sociais e perspectiva de empoderamento da mulher trabalhadora da *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela.

“A atividade de mercado como processo histórico de construção cultural e de aprendizagem social” é o segundo capítulo. Nele se centrou em sistematizar o desenvolvimento simbólico-histórico da

Praza do Mercado de Abastos de Compostela como espaço de necessidade e de vínculo configurado por meio do tempo. Aprofunda-se na importância da ciência da educação social, ao abordar a *Praza do Mercado de Abastos de Compostela* como espaço de conformação de processos grupais históricos e de aprender na *práxis*. Para isso, se toma como marco inicial a própria conformação da humanidade, com os primeiros assentamentos humanos, no contingente da produção que deu passo ao intercâmbio de mercadorias, lugar de conformação do vínculo instituído na pré-história. Logo, se estruturou uma sistematização da Mesopotâmia, Foro, Ágora, *Zoco* e Mesoamérica, não como cadeia (desenvolvimento progressivo), senão como rede neste processo de elaboração, desenvolvimento, de significação e ressignificação, com o centro nas dinâmicas socioeducativas nos citados momentos da história como processo de superação e construção de outros significados.

O terceiro capítulo é “A configuração histórica-vincular da *plaza de mercado*” e neste aborda-se a feira concebida como “espaço residual de soberania da cidadania” (Salazar Vegara, 2003), e também seu desenvolvimento à *plaza* e ao *mercado de abasto* (similar às CEASAs no Brasil) que sobrevivem como espaço que deriva do citado processo histórico dialético e vincular, arraigado em recursos grupais e educativos de base ancestral. Somado a esse feito, se procedeu a um resumo dos principais aspectos e do enredo histórico da Península Ibérica e do Estado Espanhol, situado na atividade de mercado e na Praza do Mercado de Abastos de Compostela à extensão da história antiga, moderna e atual, além de nuances no recorrido pela simbologia do imaginário rural galego e do papel da mulher nesta estrutura. Pelo fato de a Praza do Mercado de Abastos de Compostela ter estruturas organizativas mudadas do momento histórico, e a conformação de outras matrizes de aprendizagem forjadas com amparo na citada trajetória histórica, se tem o fio histórico condutor de construção cultural da feira como processos educativos que vão configurar o que hoje conhecemos e reconhecemos como *plaza* de maneira geral, porém e também singularizada como Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, como nervo modular da imagem da cidade de Santiago de Compostela, depois da Catedral.

Em resumo, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela não é somente uma tradição, senão uma herança vincular, um legado comunitário forjado pelo vínculo, na dialética dos processos educativos cambiantes e da comunidade grupal que a compõe para continuar existindo na ressignificação de aprender a aprender.

No quarto capítulo - “Tradição e Indústrias Culturais” - cuidou-se de recorrer às principais referências conceituais que abordam o tema da tradição com suas variadas perspectivas e estabelecer um marco teórico de linha de estudo para entender a tradição como dinâmicas sociais e educativas como projetos construídos, desenvolvidos e consolidados ao longo da história como herança, enfocados no contexto do local e universal. Ademais, neste capítulo, se trabalha o conceito de Indústrias Culturais para poder contextualizar o estudo dentro do aspecto da SIC – Sociedade da Informação e da Comunicação - e suas ferramentas práticas como políticas concretas que levam a Praça do Mercado de Abastos de Compostela à Sociedade da Informação. Nesse contexto de reminiscência da “soberania popular” (Salazar Vegara, 2003) que é a *Praza*, se tem a sociedade do saber e da informação (opondo-se ao projeto político da pós-modernidade ou atualidade) posta em prática por via das políticas entendidas dentro do conceito de Indústrias Culturais. A cultura, assim, é versada como educação social, modelo teórico-ideológico, de continuidade, que entende e potencializa a “tradição” - legado e herança - desde a atualidade e suas ferramentas como transferência de conhecimento e de um modo de vida no qual o estudo da que foi um dia feira, hoje *Praza* (como rama desta primeira), entendida como o estudo de um modo de vida tradicional (de herança e legado) - ancestralidade - persiste em sinergias e em vigência. Por outro lado, o contexto global no local se dá na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, desde a implantação de projetos ideológicos e políticos alheios que enterram a cultura e a ancestralidade, sendo esta dinâmica recorrente na formulação da história da *Praza*.

Por outro lado, o segundo grande bloco desta investigação, entendido como “Parte II: referencial metodológica-contextual”, compôs-se, por sua vez, de um grande capítulo, a saber: “A

Metodologia da Investigação”. É o único capítulo do segundo bloco - de número cinco, no qual há uma sistematização detalhada dos métodos utilizados no estudo.

A metodologia da investigação foi a etnográfica e está especificada em etnoconhecimento. O enfoque ocorreu de maneira fundamental como qualitativo, porém desde uma concepção multidisciplinar de usos de ferramentas.

No âmbito metodológico, foram utilizadas ferramentas qualitativas, como a observação encoberta e a participativa, a entrevista vincular em profundidade, dentre outras. Esses instrumentos foram utilizados com o objetivo de recolher dados sólidos e concretos para conformar um banco de dados composto de matrizes para triangular as informações recolhidas. Para essa tarefa de recolha e organização, foram utilizados critérios científicos específicos, bem assim diversificados programas informáticos.

No capítulo cinco, por conseguinte, é desenhado e dissertado com esteio em diversos tópicos, tais como e de maneira mais detalhada: “1. A opção metodológica qualitativa”, “2. Aproximação conceitual à etnografia”, “3. Etapas da investigação”, “4. As técnicas para a coleta da informação”, “5. A organização da informação e processo de análise”, “6. Os papéis da investigadora”, “7. Validez do estudo”, “8. Problemas da investigação e limites metodológicos” e “9. Aspectos éticos”, no qual se teve como fundamento a etnografia, pilar para todo o conjunto do texto descrito. Em síntese, e como os próprios subtítulos indicam, tratou-se de sistematizar a etnografia no marco deste estudo sobre os processos educativos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

O “Referencial empírico-analítico”, a terceira e última grande parte deste informe de investigação está composta de quatro capítulos, o sexto, sétimo, oitavo e nono, estando especificados os capítulos nos seguintes títulos “A Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela”, “Lugar Instituído *versus* lugar emergente”, “Matrizes de aprendizagem compartilhadas e processos socioeducativos na Praça de Abastos de Compostela” e “Práticas educativa e construção da comunidade vincular na Praça de Abastos”.

Nos capítulos interpretativos, procedeu-se à leitura e à triangulação dos dados coletados. No sexto capítulo, se define a investigação desenvolvida no seu contexto específico, a saber: os processos educativos dados na *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela - sua história ao longo dos anos - com seus agentes sociais tradicionais que são as trabalhadoras e os trabalhadores da *Praza*, lendo suas dinâmicas enfocadas na herança e legado - entendidos como função social da educação como vinculação neste espaço cultural destacado -, constituído como vínculo que conforma o grupo.

O sétimo capítulo é “Lugar instituído *Versus* lugar emergente”. Ali se descrevem as referências bibliográficas sobre a *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela que foram encontradas no âmbito dos lugares instituídos. Por um lado, desdobra os textos de linguagem acadêmica (pela condição de prestígio que ostentam) e, por outro, contempla os outros lugares de fala pelos quais se veicula a *Praza* (por serem os relatos majoritários que são dados sobre a *Praza* abastiana). Para tanto, se faz a leitura dos contextos literários descritos, e se questiona seus lugares de fala a partir da crítica à vida cotidiana (Quiroga & Racedo, 2003). Por meio do enfoque da crítica à vida cotidiana, se busca desvelar o que subjaz nos discursos dominantes, normalizados e instituídos como verdade. Ademais, nesse capítulo, se descreve o modo como a transmissão de conhecimento (educação social em matrizes de aprendizagem compartilhadas) constitui-se em mecanismos de manutenção e/ou de resistência de aspectos culturais consolidados em um ou vários modos de vida concretos. Para isso, aprofunda a abordagem, enfocando, junto à teoria de gênero, o rural (este também desde a perspectiva de gênero), no conceito do “Outro”, entre mais aspectos. A *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela passa a ser, assim, e ao mesmo tempo, um lugar de invisibilidade (ainda que desvelado por meio da crítica à vida cotidiana), porém de possibilidade de elaboração de outras realidades e de potencialidade para (re)descrever (Rorty, 2010). No descrito contexto vincular, a mulher abastiana, ainda que tornada invisível ou periférica, é protagonista da história e se faz, ao mesmo tempo, o lugar tanto da periferia como de resistência, compondo, junto ao coletivo trabalhador

da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela em sua totalidade, um lugar de possibilidades, postos a partir da trajetória das vozes emergentes (das pessoas porta-vozes) no enquadramento dos processos educativos dados na adaptação ativa à realidade (Pichón-Rivière, 2005).

No oitavo capítulo abordaram-se as dinâmicas horizontais e também as verticais do processo do conhecimento e adentrou-se nas identidades socioeducativas das pessoas da *Praza*, compondo um resumo biográfico de cada agente social entrevistada(o) e sistematizando as matrizes de aprendizagens comuns para a construção do conhecimento. Também se sistematizaram as ideias substanciais recolhidas a partir das entrevistas vinculares em profundidade e guiadas, além de descrever sobre as matrizes de aprendizagem comuns e a formulação do conhecimento como dinâmica coletiva.

No nono capítulos se compõe a descrição e interpretação com base no material coletado em campo e estruturando a leitura com suporte nas variantes sistematizadas por Vargas Callejas (2001) e também dos vetores de Pichón-Rivière (2005); além de descrever as relações da comunidade vincular e analisar o impacto das SICs nesta comunidade. Abordou-se também nos aspectos que fraturam os vínculos estabelecidos e os tipos de comunicação necessárias para manter os processos de aprendizagem operativos.

As “Conclusões” obtidas resultam em um segmento no qual são especificadas as conclusões do estudo e sugeridas recomendações, atinentes a aspectos concretos de melhora da *Praza* em termos de perspectivas. Essas também podem ser transferidas a outras realidades semelhantes à realidade e atividades desenvolvidas na Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, na Galiza/Espanha, na qual o desenho e implantação de políticas concretas encontram neste estudo uma linha de plano e programa fundado no etnoconhecimento.

Controle epistemológico

A produção textual da investigação, passou por uma revisão primária por variadas instâncias de controle. A primeira observação se deu pela análise de múltiplos estudiosos de áreas diversas, atendendo à transversalidade textual, como no grupo de estudo. Também é necessário ressaltar que, por meio da publicação de resultados preliminares da investigação, em cursos e seminários, obteve-se certa análise de especialistas que avaliaram, de maneira indireta, tanto os métodos empregados no estudo, como as interpretações e/ou explicações obtidas.

A pesar da carência de estudiosos que abordem a investigação educativa ligada a espaços singulares como os da Praça de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela e a consequente escassa produção científica sobre o tema, em todo momento se cuidou a coerência teórica e a abordagem científica dos sujeitos e do contexto de estudo. Para cumprir com este propósito se fundamentou o trabalho nas perspectivas educativas e sociais de teóricos como Paulo Freire, Lev Vigotski¹², Pichón-Revière e Ana Quiroga. E desde uma perspectiva mais próxima, se contou com a assessoria e o acompanhamento crítico da Professora Rosa Verdugo da Universidade de Santiago de Compostela, principalmente no processo de desenho do trabalho de campo.

Para assegurar una comprensión fundamentada del objeto de estudio se recurrió a la Investigación de los documentos referidos al mismo, realizando una búsqueda minuciosa en los archivos, bibliotecas y otras fuentes documentales de la ciudad de Santiago de Compostela. Una tarea que sirvió para comprender la Plaza de Abastos em términos propios de su contrucción arquitectónica e histórica, com limitadas referencias estudios de carácter social, cultural y mucho menos educativos, uma dificultad que há sido, em la medida de lo posible, solventada a través de la discusión com el diretor del trabajo.

¹² Vigotski grafado seguindo o formato recorrente no Brasil, com dois "is" latino, a partir de Prestes (2021).

PARTE I

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

CAPÍTULO 1.

FUNDAMENTOS EDUCATIVOS E SOCIAIS PARA A APRENDIZAGEM COLETIVA

Síntesis en Español

En este primer capítulo se desarrolla una base teórica que va a fundamentar el estudio de los procesos de aprendizaje de las trabajadoras - trabajadores en la Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, a partir del enfoque educativo, tanto vincular-grupal, como socio-cultural. El entramado teórico se centrará en el estudio de autores como Pichón-Rivière (2005) que destaca las ideas de vínculo y grupo, Quiroga (2012) quien sistematiza la noción de Matrices de Aprendizaje; Paulo Freire (2003) en la perspectiva del sujeto de la *práxis* y Vygotski (2001) en el encuadre de la teoría sociocultural.

El prisma aquí considerado entiende transmisión cultural, continuidad de un colectivo, como innovación cultural, según el teórico Anthony Giddens (2001), la vincularidad a partir de Pichón-Rivière (2005), y la Educación Social como “teoría de la acción educadora de la sociedad” Quiroga (2012) entendiendo, según el profesor Quintana Cabanas (2001), que es la propia sociedad la que aporta condiciones fundamentales para una educación individual y social.

En este primer capítulo también se aborda el concepto de “Capacidad” de Amartya Sen (2009), presentando diferentes ópticas del citado tema en Capacidades, en el cual la educación, como herramienta social, tiene una función básica. En esta perspectiva, se ahonda en el tema de las Capacidades y el enfoque de género, necesaria para comprender el perfil de la mujer trabajadora en la Plaza de Mercado de Abastos de Compostela.

Não se entende a Praça¹³ do Mercado de Abastos de Compostela (*Praza*) somente em viver a experiência de transitar por ela. Não se compreende as pessoas e agentes sociais da *Praza* através de uma conversa com as “*placeras*” e “*placeros*”¹⁴. Não se descreve o sistema educativo da *Praza* por meio de literatura dispersa ou mediante vozes oficiais da história. A realidade comunitária não está acessível somente com uma olhada. Se a realidade coletiva e gregária fosse como se apresenta a simples vista, toda a ciência seria um despojo (Marx, 2014).

Ao universo abastiano¹⁵ somente foi possível adentrar pela conjugação dos aspectos supracitados, a saber, transitar no espaço da *Praza*, conversar com as pessoas protagonistas nesta e organizando um referencial teórico assentados em distintas fontes bibliográficas. Sendo que toda a descrita trama se dá amparada nos processos educativos, estes concebidos enquanto educação cultural a partir de uma ancestralidade vincular comum.

Nessa investigação o conceito de grupo de Pichón-Rivière (2005) estará em constante diálogo com a realidade da *Praza* y com o conceito de comunidade. Assim, define-se comunidade como o lugar do sujeito coletivo em ação de luta pela busca da manutenção da diversidade: “Os sujeitos individuais e coletivos podem escapar aos ditames do poder, às pressões da alienação, graças ao impulso dado

¹³ “Praza” em galego (relativo ao castelhano “*plaza*”) será usado sempre em letra maiúscula, em itálico e como uso de nome próprio.

¹⁴ Forma de dar nome às pessoas trabalhadoras da “Praza”, relativo e de modo similar ao feirante, como trabalhadoras da feira. Análogo a “*placera*” e “*placero*” (em castelhano), como pessoas trabalhadoras da *Praza*.

¹⁵ O termo “abastiano”, e mais bem o de “mulher abastiana” é cunhado por nosso enfoque e será utilizado no estudo do presente prisma educativo da *Praza* porque põe este coletivo como paradigma e singulariza a “Praza do Mercado de Abastos de Compostelana”. Entende o coletivo em questão como próprio do contexto singular especificado da sociedade galega em Santiago, além de aludir à significação da atividade de mercado e do conceito de abastecer, daquelas pessoas ou mulheres que abastecem, que nutrem no material e no simbólico ao grupo e comunidade.

pela existência da pluralidade, da expressão múltipla. A comunidade é esse sujeito coletivo” (Paiva, 2003: 26).

A “comunidade” está delimitada no momento moderno e atual de dinâmicas da globalização e desigualdades, segundo Paiva (2003) ao assimilar que a “proposta comunitária surge como nova possibilidade de socialização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais amplo” (Paiva, 2003: 26). Nessa é necessário abordar e estabelecer a “comunicação comunitária” no sentido de incidir na interpretação do mundo e intervenção no real, priorizando o local, o regional e o contato sem prescindir do sujeito na modernidade, nas palavras da teórica:

Consequentemente, a interpretação do mundo, bem como a intervenção no real, assume um estatuto em que se prioriza o local, o regional, o contato, sem abrir mão do aparato técnico que envolve o indivíduo na aura do despertencimento e nomadismo, próprio da era atual (Paiva, 2003: 26).

Por outro lado a educação é assimilada de maneira abrangente como processo de educação social, de necessidade vincular e de aquisição de ferramentas para a vida, a partir da experiência pessoal (verticalidade) e coletiva, comunitária grupal (horizontalidade), ambas como aspectos de uma mesma realidade. Ou seja, a educação na Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá através da vivência ao longo do tempo e também cotidiana, direta ou indireta, com o outro e com o meio (ecológica), definida pelos processos grupais que está histórica e socialmente determinada, no qual o grupo é instituído como uma imposição para a existência: “Vivir con otros es una necesidad inherente a la condición humana, de la que se han ido preñiendo diversos modos de articular las relaciones sociales” (Caride, 2006: 157).

Por esse ângulo, as duas facetas do processo educativo (ensinar e aprender) estão, não somente vinculadas, mas bem conformam um todo indivisível. É uma unidade, sustentada pelas ações ouvir, questionar, perguntar, perscrutar desenvolvida em dinâmica

espiralada, na qual cada fim representa um novo começo de acordo com a teoria pichoniana. É o que Pichón-Rivière (2005) considera a unidade do aprender em ensinar e aprender:

Devemos identificar basicamente o ato de ensinar e aprender com o ato de inquirir, indagar ou investigar, e caracterizar a unidade “ensinar e aprender” como uma contínua e dialética experiência de aprendizagem em espiral, na qual, num clima de plena interação, descobrem, ou redescobrem, aprendem e “se ensinam” (Pichón-Rivière, 2005: 133).

Por um lado este trabalho será embasado em Pichón-Rivière (2005) a partir da Teoria do Vínculo, a Teoria do Grupo e da proposta do Grupo Operativo. Esses enfoques entendidos desde a necessidade na conformação do vínculo, e, portanto, do processo vincular para a conformação do grupo. De outra forma, a sistematização das matrizes de aprendizagem (Quiroga, 2012) apresentada pela estudiosa com base na ação de apreender a realidade na significação do universo social, o que se infere para poder engendrar cultura.

Os dois autores supracitados estão definidos e delineados com os relativos diálogos teóricos e conceituais entre Paulo Freire (1969), na qualidade do sujeito à medida da prática - “(...) los hombres son seres de la *práxis* (...)” - (Freire, 1969: 111); e de Vygotski (1989), enquanto Teoría Sociocultural: “toda función psíquica superior aparece dos veces en la escena del desarrollo infantil; primero como actividad colectiva, como actividad social (...) la segunda vez como actividad individual, como procedimiento interno del pensamiento del niño, como función intrapsíquica” (Vygotski, 1989: 218).

Da confluência entre esses quatro estudiosos, é que se estabelece o marco teórico substancial para a leitura dos processos educativos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Quer dizer, a *Praza* é entendida como um espaço social vincular histórico de aprendizagem cultural, construído e pautado na necessidade, e que se fundamenta como contexto grupal, que por sua vez está focado em uma tarefa que forja o grupo, podendo esse ser operativo ou não. Operatividade para Pichón-Rivière (2005) é base para aprendizagem ativa à realidade “la

posibilidad de promover una modificación creativa o adaptativa según un criterio de adaptación activa a la realidad” (Zito, 1985: 6).

É desde o lugar do vínculo dado pela necessidade que a *Praza* - enquanto resultado de um processo histórico dialético vincular de educação cultural - se escreve e se ressignifica ao longo dos tempos, tracejado através da dinâmica do grupo que alcança a operatividade, e, por isso, continua sobrevivendo.

1.1. PICHÓN-RIVIÈRE TEÓRICO DO VÍNCULO, DO GRUPO E DO MÉTODO DO GRUPO OPERATIVO

Enrique Pichón-Rivière (1907-1977) foi um médico da área da psiquiatria, nascido na Suíça e domiciliado na Argentina, hoje nomeado e reconhecido como um dos introdutores da psicanálise naquele país. Fundador da *Asociación Psicanalítica Argentina* (APA) e da Escola de Psicologia Social na Argentina.

A *Escuela de Psicología Social del Sur*, atualmente, distingue estudos interdisciplinares hoje a instituída e consolidada maneira de ler e entender o mundo a partir dos processos grupais, similarmente sócio educativos (dentre outros), extrapolando a disciplina da psicologia social que, de maneira tradicional, define ao teórico em questão, Pichón-Rivière (Becerra, 2015: 2-3).

Malgrado, porém, essa realidade multidisciplinar, certo é que os escritos do estudioso foram plasmados com base no conhecimento teórico e prático da disciplina que estuda a mente humana. Quer dizer, foram sistematizados a partir da medicina-psiquiatria-psicologia e, de maneira mais específica, apoiada na psicanálise e singularizada em psicologia social alcunhada por seu nome, quer dizer, de enquadre pichoniano.

Pichón-Rivière, na sistematização do seu arcabouço teórico, elabora uma teoria da doença mental descrita como “conduta desviada”, que se dá a partir da deterioração da comunicação e do fracasso na aprendizagem da realidade (diálogo). Essa modalidade dialogal, em um dado momento do desenvolvimento social, de acordo

com o teórico, aparece na recorrência de formas arcaicas de mecanismos defensivos. É através desse mecanismo defensivo, posto a partir da resistência à mudança (ou seja, através do mecanismo de resistência à mudança) que há a conformação material dos mecanismos defensivos. Os mecanismos de defesa se plasmam a partir dos dois medos básicos presentes em todos os seres humanos e em todas as dinâmicas sociais: o medo da perda e o medo do ataque (Pichón-Rivière, 2005:139)¹⁶.

Malgrado, porém, a origem que marca os princípios sistematizados por Pichón-Rivière desde o espaço da psicologia social, igualmente certo é que estas abarcam hoje o lugar do multidisciplinar, e é no livro “El Proceso Grupal” (1981¹⁷) que está elaborado o que se entende como os fundamentos do “vínculo”, dentre outros, que é, de maneira sintética, a interdependência dialética entre o sujeito e o seu entorno. Isso o autor descreve como “a inter-relação dialética entre o homem e seu meio” (Pichon-Rivière, 2005: 2). Também é no livro *O Processo Grupal* (2005) que se recolhem os textos no qual Pichón-Rivière sistematiza vários conceitos que vão convergir na estruturação do Grupo Operativo (GO), a saber: Vínculo e a Teoría do Grupo.

a) O vínculo

O vínculo é definido como o processo de comunicação e aprendizagem na relação interna e mútua entre o sujeito e o objeto e sua inter-relação através de processos de comunicação e aprendizagem (Pichon-Rivière, 2005: 5) ou “(...) a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento” (Pichón-Rivière, 1998:3).

¹⁶ Aprendizagem, diálogo, mecanismo de defesa e de resistência à mudança, dentre outros, são termos e conceitos pichonianos que serão sistematizados para compor a base teórica para a análise dos processos educativos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

¹⁷ Livro que recompila palestras e escritos de Pichón-Rivière. Para este estudo faz-se uso do texto na versão de 2005 traduzida para o português.

Assim, o vínculo é, em suma, “uma estrutura dinâmica, movida por motivações (...), que rege todas as relações humanas” (Amaral, 2007: 10).

Pichón-Rivière define o vínculo como “uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processo de comunicação e aprendizagem” (Pichón-Rivière, 2005: 5). A motivação, estímulo e impulso desse vínculo se encontram na necessidade - “La necesidad es la base, el motor de la relación con el otro, su fundamento” (Quiroga, 2014: 87) - ou necessidades, no plural. De maneira que todo vínculo demanda obrigatoriamente um emissor, um receptor, uma codificação e decodificação da mensagem, na qual o sujeito e o objeto interactuam e se retroalimentam.

Na estrutura vincular há a interdependência dos elementos que a compõem e se alimentam de maneira mútua. Essa inter-relação está marcada pela gratidão ou frustração, determinando assim o chamado vínculo “bom” ou vínculo “mau” (Pichón-Rivière, 2005: 5). Dessa maneira, o fator ou elemento que vai dar base para a conformação do vínculo em todas as relações vinculares, e assim também no lugar social da *Praza* é a necessidade - a necessidade é o fundamento motivacional do vínculo (Pichón-Rivière, 2005: 5)-, o vínculo também pode ser usado no plural, necessidades.

Aplicando a teoria de Pichón-Rivière a realidade social da *Praza* tem-se a conformação de um vínculo pautado em uma necessidade compartilhada, que é caracterizada como a necessidade de viver da *Praza*. Em torno dessa necessidade se conforma o grupo das pessoas trabalhadoras da Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Esse grupo abastiano vai manifestar uma série de fortalezas e de debilidades nesse processo vincular e educativo de dinâmicas comunitárias grupais, ou seja, de processos de aprendizagem da realidade.

Dessa maneira, aprendizagem é, de modo resumido e a partir do enfoque de Pichón-Rivière e Ana Quiroga, a aprendizagem da realidade, ou seja, a experimentação e vivência do mundo social, que estarão determinadas pelo vínculo - quer dizer, pela relação das satisfações das necessidades primárias (enquanto gratidão ou

frustração) e a partir da interação dos quatro aspectos descritos anteriormente, ou seja, emissor, receptor, codificação e decodificação -, vínculo que constitui o sujeito, e que, a sua vez, são as próprias e elementares experiências sociais que fundam e instituem o sujeito: “entende-se o vínculo (...) como o veículo das primeiras experiências sociais, constitutivas do sujeito como tal” (Pichón-Rivière, 2005: 6) e estas vão determinar as pautas educativas da sociedade-grupo e do sujeito (individual e grupal).

Outrossim, e especificada no livro “Teoria do Vínculo” a partir do material coletado por Fernando Taragano (2007) em um curso sobre “metodologia da entrevista” ministrado por Pichón-Rivière a partir de outubro de 1956 a janeiro de 1957, tem-se a questão do padrão de comportamento que propende para a repetição (*pattern*) e engloba a conduta, as diferentes formas de ações e de papéis. O autor sinaliza que a noção de vínculo é mais concreta do que o uso mais comum dado na noção de vínculo a partir da teoria psicanalítica. Também acrescenta que se pode definir o vínculo como uma relação particular com o objeto e, nessa relação particular se estabelecem condutas que tendem a repetir-se. O autor concreta: “Essa relação particular tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando um *pattern*, uma pauta de conduta que tende a repetir automaticamente, tanto na relação interna como na relação externa com o objeto” (Pichon-Rivière, 2007: 17).

Se partimos do estudo dos processos educativos das(dos) agentes sociais trabalhadoras(es) na *Praza*, através do enquadre pichoniano, podemos estabelecer essas aludidas pautas de condutas repetidas de forma automática; tanto histórica, na transformação da feira em *Praza*, como também as condutas própria do atual grupo trabalhador da *Praza* no aqui e agora, quer dizer, na cotidianidade do sujeito em situação. O processo de venda (contato com os clientes), o processo de relações entre companheiras(os) de trabalho (que podem ser positivas ou negativas), dentre outros, aludem a essas dinâmicas vinculares.

Todos esses processos estão entendidos e englobados no referido *partem* como processos educativos, quer dizer, pautas de

condutas, ensinadas e aprendidas que se repetem automaticamente. Esses citados processos educativos desenvolvidos com esteio em Pichón-Rivière são ampliados e nomeados por Quiroga (2012) como as matrizes de aprendizagem. Para adentrar, entretanto, o universo teórico da estudiosa Ana Quiroga é fundamental acessar com anterioridade a teoria do vínculo pichoniano para depois entender como as matrizes de aprendizagem se estruturam em processos educativos grupais pensados para o enquadre de leitura da *Praza*.

O ângulo de investigação dos processos educativos da Praza do Mercado de Abastos de Compostela enfoca esta como um processo grupal entendido à luz da sistematização teórica de Pichón-Rivière, quer dizer, a partir dos conceitos de vínculo e grupo. Esse lugar do grupo, a sua vez, está forjado a contar de uma estrutura vincular histórica, e é nesse lugar histórico e grupal de vínculo que a Praza do Mercado de Abastos de Compostela é lida.

1.2. AS MATRIZES DE APRENDIZAGEM

Essa parte será fundamentada nas aportações da teórica Ana P. de Quiroga, que é uma Psicóloga Social argentina nascida em Rodeo em 1967. Trata-se de uma prestigiosa intelectual com uma larga trajetória em estudos multidisciplinares de rama pichoniana, e que a dia de hoje produz e reflexiona sobre o sujeito em situação e trabalhando em Psicología social pchoniana. Diretora da “Primera Escuela Privada de Psicología Social” fundada por Enrique Pichón-Rivière em Buenos Aires, é Quiroga a intelectual que sistematizou e cunhou o conceito de “Matrices de Aprendizaje” no livro “Matrices de Aprendizaje: constitución del sujeto en el proceso de conocimiento” publicado em 1997.

Segundo Quiroga (1997) as matrizes de aprendizagem são as distintas maneiras ou formas com as quais cada sujeito organiza e significa suas experiências nos campos do pensar, do sentir e do agir. Com base nisso, adita-se que existem matrizes mais flexíveis, que podem facilitar os processos de aprendizagem, e, por outro lado,

matrizes mais rígidas que, de maneira geral, tendem a dificultar a relação com os processos de conhecimento e aprendizagem.

O conceito de matrizes de aprendizagem definido por Quiroga (1997) como universo individual, requer, para o presente estudo uma ampliação dessa formulação. Em um contexto mais amplo, entende-se e aplica-se a formulação das matrizes de aprendizagem como as experiências das e dos agentes de um grupo social, ou de um determinado coletivo com vinculação histórica.

Assim, no presente estudo depreendem-se as matrizes de aprendizagem como matrizes de aprendizagem compartilhados (MAC), por conceber que em cada processo individual está subjacente um sujeito histórico e o que se descreve como o “universo individual” é, de *per se*, coletivo. Em outras palavras, trata-se de inferir como as matrizes de aprendizagem se estruturam enquanto processos educativos grupais, em expressões ou caldo de cultura popular na época das sociedades do saber e do conhecimento. Dessa maneira, e adentrando o pensamento de Vygotski (2001):

(...) la experiencia social colectiva, que también constituye un nuevo fenómeno en el hombre. Éste aprovecha no sólo las reacciones condicionadas que se establecieron en su experiencia personal (...) sino también los vínculos condicionados que se han establecido en la experiencia social de otras personas (Vygotski, 2001: 92).

As matrizes de aprendizagem podem ser entendidas a modo ilustrado com a expressão - como EU aprendo a aprender o mundo - a partir da definição construída por Quiroga (1997). Em alternativa, amplia-se o conceito quiroguiano para dar sentido às práticas em processos educativos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, passando a ter as matrizes de aprendizagem compartilhadas elucidada com a expressão - como NÓS aprendemos a aprender o mundo - (delimitada para o estudo da *Praça*).

Figura 1 - Esquema do enfoque das matrizes de aprendizagem



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 2- Esquema da construção das matrizes de aprendizagem compartilhadas



Fonte: Elaboração Própria.

Retomando Pichón-Rivière, e a partir do conjunto dos 18 artigos, textos ou escritos reunidos no livro *O Processo Grupal* (2005), com as bases teóricas e conceituais sistematizados em cima, dentre outras interpretações e vertentes não sinalizadas aqui¹⁸, tem-se os aspectos que serão trabalhados nos estudos da *Praça*. Porém, não desde seu entendimento e uso primário, no sentido da configuração do sujeito e suas experiências sociais que o conformam¹⁹, e para a instauração de uma psicologia social. Se não que aplicados a fenômenos sociais atuais na vivência cotidiana comunitária, e no caso específico do presente estudo, em espaços da afirmação da cidadania, de “busca da soberania popular”, (Salazar, 2003) ou de remanescentes históricos de vinculação originária que está encarnado e pervive no hoje, na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

¹⁸ Ainda que hajam sido base para a sistematização da teoria pichonia, aspectos como o ego, as neuroses, a loucura, a família, dentre outros, estes não foram detalhados da sistematização aqui devido a que se distancia do foco do presente trabalho.

¹⁹ Das bases iniciais, por exemplo: “Nessa relação mãe/ filho é possível a satisfação de ambos, já que a mãe se vincula ao seu bebê a partir de suas próprias necessidades” (Quiroga, 1997).

Esse é o foco projetado sobre a *Praza* para entender os processos educativos dados nesta, a partir do coletivo trabalhador e seus referenciados processos de aprendizagem, em que o vínculo e as atividades sóciolaborais são seu fundamento²⁰ entendidos desde a educação social no enquadre das MAC que é, também, uma expressão da maneira como se adquirem ferramentas e aprende-se a viver em sociedade, comunidade ou grupo, em um tempo histórico determinado e incidindo nas possibilidades de conformação cultural, concernente a um caldo de cultivo de processos culturais populares, nos quais, de forma inevitável está-se operando o movimento dialético do eu-nós (sujeito-grupo).

Figura 3 - Esquema da dialética das matrizes de aprendizagem compartilhadas

MATRIZES DE APRENDIZAGEM COMPARTILHADA



(Estudo da Praza)

Figura 4 - Esquema da construção cultural dialética das matrizes de aprendizagem compartilhadas

MATRIZES DE APRENDIZAGEM COMPARTILHADA



(Estudo da Praza)

Fonte: Elaboração Própria.

Pichón-Rivière refere-se a uma “mayéutica grupal” como aprendizagem no grupo. “Mayéutica” dada a partir de Platón que “se

²⁰ Em apartados posteriores se fará uma sistematização da atividade de “mercado” configurada desde a base da conformação social-humana.

inscribe en la doctrina y la práctica educativa promovida por Sócrates. Su rasgo distintivo consiste en propiciar en el alumno un aprendizaje a partir del auto-reconocimiento de su ignorancia” (Soto & Corral, 2018: 523), conhecimento ou aprendizagem através da indagação dentro do grupo, que constitui a aprendizagem pessoal e dos demais membros do grupo.

Pichón-Rivière plantea el aprendizaje como “mayéutica grupal”. La experiencia de grupo sitúa concretamente en el proceso de interacción, a la que caracterizábamos recién como dialéctica entre sujetos. En esa dialéctica y en la praxis común que configura el grupo todos y cada uno son protagonistas de su proceso de formación, de su “alumbramiento”. Los integrantes del grupo son hijos de su propio aprendizaje. En esa dialéctica se accede al conocimiento de sí y de los otros, y es el diálogo grupal el que posibilita la conceptualización, el logro de un nivel simbólico que integra el plano experiencial y lo supera (Quiroga, 2014 : 160).

Por conseguinte, afirma-se que na Praça do Mercado de Abastos de Compostela há o espiral da configuração do vínculo e se entende este vínculo dentro dessa realidade que tem muito de atividade laboral e de autodependência entre os agentes sociais trabalhadores da *Praza* ao longo dos anos.

Não obstante, o vínculo especificado no hoje da *Praza* foi originado e afincado em um passado histórico que remonta ao próprio sistema vincular humano, no seu surgimento e conformação. Trata-se do sujeito como sujeito social, na qual o conhecimento ocorre como prática e em relação social: “Esta concepção do conhecimento, como processo de produção social e de um sujeito coletivo, demarca e orienta nossa tarefa no campo da aprendizagem” (CIEG, 2010: 18).

Através das teorias manejadas neste estudo compõem-se um referencial teórico que abarca princípios e perspectivas engendrando uma trama de relações e reflexões teóricas na qual Pichón-Rivière adquire preponderância pelos conceitos sistematizados ou por perspectivas e temáticas abordadas. Dentre esses se destacam o Grupo

Operativo (GO) e os mecanismos de resistência porque incidem diretamente na dinâmicas situadas na *Praza*.

a) Grupo Operativo

O Grupo Operativo (GO), técnica sistematizado a partir da “Experiência Rosário” em 1958²¹, é um grupo centrado na tarefa composto por pessoas que operam em contexto grupal e no qual a “técnica operativa visa a que o grupo constitua um ECRO de carácter dialético, onde as contradições relativas ao campo de trabalho devem referir-se ao próprio campo da tarefa grupal (práxis)” (Pichon-Rivière, 1988: 14). Assim, o Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) seria “un conjunto organizado de conceptos universales que permiten una aproximación adecuada al objeto particular. Se facilita así el enfrentamiento de la situación concreta a indagar o resolver” (pág. 1).

A sigla ECRO está entendida enquanto conjunto articulado de conhecimentos, sendo que o “esquema conceitual” é um “sistema de ideas más o menos generales, de proposiciones que establecen las condiciones según las que se relacionan entre sí los fenómenos empíricos” (Pichón-Rivière, 1977: 1). Já o termo “referencial” (do ECRO) alude ao campo ou segmento de “realidad sobre el que se piensa y opera y a los conocimientos relacionados con ese campo o hecho concreto, a los que nos vamos a referir en la operación”. Por último, o aspecto “operativo”, critério de verdade ou de operatividade, diz respeito à “adecuación de lo pensado o enunciado con el objeto”, trata-se, pois, de que a interpretação científica da realidade pressupõe mudanças: “la posibilidad de promover una modificación creativa o adaptativa según un criterio de adaptación activa a la realidad” (Pichón-Rivière, 1977: 1). Em suma, o ECRO é:

Un conjunto de conocimientos que proporciona líneas de trabajo y de investigación. (...) El descubrimiento se hace

²¹ A experiência do Rosário ou Laboratório social (trabalho em uma comunidade) a cargo de Pichón-Rivière, com base numa didática multidisciplinar fundamentada no método da ação ou da investigação operativa (Pichón-Rivière, 2005: 112).

posible por la adecuación del esquema conceptual del investigador a las características del fenómeno a investigar. Se trataría entonces de una adecuación de la hipótesis a la realidad... El aspecto referencial alude al campo, al segmento de realidad sobre el que se piensa y opera y a los conocimientos relacionados con ese campo o hecho concreto a los que nos vamos a referir en la operación...(Pichón-Rivière, 1977: 1).

Em síntese, com aplicação à leitura da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, se trata de ter como o centro de análise a tarefa grupal que se especifica em viver da *Praza*. Para assim poder desvelar a tarefa implícita que assinala a ruptura do grupo. A tarefa velada que fala ou se concreta dentro de estigmas e estereótipos bloqueiam a aprendizagem e a comunicação grupal, enunciando assim que há um bloqueio ao progresso e à mudança. Nas palavras de Pichón-Rivière (2005),

A técnica de grupo por nós criada, chamada de grupos operativos, caracteriza por estar centrada, de forma explícita, numa tarefa que pode ser a aprendizagem..., o diagnóstico das dificuldades de uma organização profissional, a criação publicitária, etc. A esta tarefa subjaz outra, implícita, que aponta para a ruptura, através do esclarecimento dos modelos estereotipados que dificultam a aprendizagem e a comunicação, significando um obstáculo a toda situação e progresso ou mudança (p. 173).

Os conceitos trabalhados antes e resumidos no quadro seguinte serão utilizados para entender as relações estabelecidas entre as trabalhadoras e os trabalhadores da *Praza*, em como se dão os processos de comunicação e aprendizagem que circulam nesse espaço vincular e que é chave para explicar a realidade de permanência da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Quadro 1 - Resumo teórico conceitual pichoniano: Vínculo, Grupo e Grupo Operativo

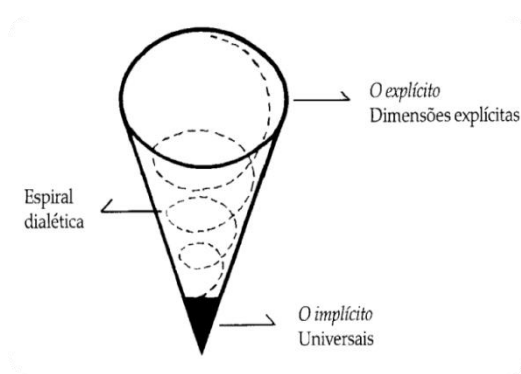
Conceitos (Pichón-Rivièrè)	VÍNCULO, GRUPO E GRUPO OPERATIVO
Vínculo	Tendo como concepção de sujeito, “ser de necessidades que se satisfaz socialmente”, Pichón-Rivièrè entende que é a necessidade que move o ser humano para se relacionar com o mundo, com o intuito de satisfazê-la. Essas relações são estabelecidas de maneira dialética, a partir da comunicação estabelecida entre emissor, receptor, codificação e a decodificação da mensagem, configurando dessa forma uma estrutura vincular, na qual existe uma interdependência entre os elementos que a compõe. Nessas experiências vinculares, a necessidade pode ser satisfeita ou frustrada, organizando assim o mundo interno de cada sujeito. Ou seja, o vínculo é uma estrutura complexa de relação, atravessada por processos de comunicação e aprendizagem (Pichon-Rivièrè, 2005: 5).
Grupo	Entende-se por grupo o conjunto de pessoas interligadas em um tempo e um espaço determinados, organizadas e unidas em torno de uma tarefa comum, compartilhada. Essa tarefa é, em última instância, a própria razão de ser, de existência do grupo. Nesse contexto de grupo, dá-se uma representação mútua na dimensão ecológica (do sujeito com ele, com os outros e com os elementos que o rodeia).
Grupo Operativo	Grupo centrado na tarefa. A relação grupal será dada e estará tecida a partir dos papéis desempenhados pelos integrantes durante o acontecer grupal. As relações estabelecidas promovem aprendizagem, a partir da operatividade do grupo que se adapta ativamente à realidade para alcançar a tarefa. Porém, vale ressaltar que além da tarefa explícita, existe também uma tarefa implícita, que consiste na superação dos obstáculos que surgem como resistência ao processo de transformação e aprendizagem grupal, dificultando a realização da tarefa. A tarefa é o que constitui e o que dá fundamento ao grupo. Trata-se de uma técnica ou procedimento que busca a operatividade do contexto grupal, quer dizer, a realização e promoção da tarefa grupal, a partir do processo de aprendizagem afincada no “aprender a aprender” (na qual a experiência ou processo de aprendizagem individual dá-se enquanto um aprendizagem inter-relacionada - grupal -, dialética, de múltiplas conexões, na práxis comum, unidos por uma tarefa compartilhada). No Grupo Operativo o conceito de doença para Pichon-Rivièrè, é a não adaptação ativa à realidade, quer dizer, quando a aprendizagem encontra-se obstaculizada ou paralisada.

Fonte: Elaboração Própria.

b) O Cone Invertido pichoniano

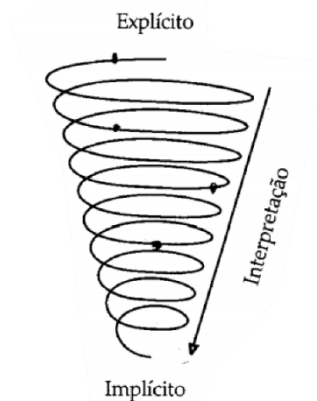
O cone invertido é um instrumento criado por Pichón-Rivière para realizar a leitura do grupo. Conforma um esquema que ilustra a dinâmica dialética do explícito e do que subjaz a este, como processos que estão relacionados entre si. Ou seja, para determinar e regular o funcionamento do Grupo Operativo, Pichón-Rivière propõe o esquema do cone invertido, um instrumento que organiza a leitura grupal.

Figura 5 - Esquema do cone invertido



Fonte: Pichón-Rivière, 2005: 69.

Figura 6 - Esquema do movimento do Cone Invertido



Fonte: Pichón-Rivière, 2005: 278.

O movimento instaurado com base no esquema do cone invertido é dialético, no qual a tarefa é a de dirimir situações de estancamento. Esse movimento dialético é uma espiral que vai desde o explícito ao implícito:

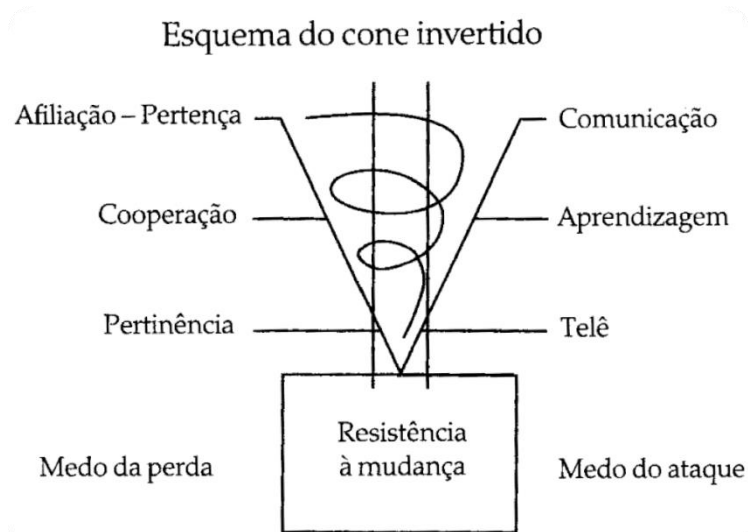
Tese, antítese e síntese podem levar justamente à situação de movimento no interior do grupo, com a possibilidade de aprender sem o temor de perder. Assim, o perder fica deslocado diante da possibilidade de um aprender operativo... com essa técnica do explícito ao implícito, para, através desse processo, o aparecimento de um novo explícito, ou para a explicitação do que estava latente que

se mostrava perturbador ou gerador de conflitos (Pichón-Rivière, 2005: 227).

Com amparo nesses conceitos, é possível fazer a leitura do grupo, de como se encontra o grupo lido e guiado a partir de vetores. Desse jeito, o processo grupal é ilustrado e lida a sua realidade grupal através de seis vetores, que estão ordenados nos dois lados do cone. Os vetores do cone invertido são os seguintes: Afiliação-Pertença, Cooperação, Pertinência, Medo da Perda (do lado direito do cone) e Comunicação, Aprendizagem, Telê e Medo do Ataque (lado esquerdo do cone).

O cone invertido é assim um esquema que está constituído de vetores que sinaliza o estado do grupo tecido em dinâmicas de inter-relações e em formato espiralado, que vai desde o explícito (manifesto) ao implícito (latente), em cuja base (no vértice) se localiza o medo da mudança como resistência.

Figura 7 - O cone invertido e seus vetores de funcionamento



Fonte: Pichón-Rivière, 2005: 268.

O esquema do cone invertido (com seus vetores e espiral) de Pichón-Rivière é uma ferramenta que se faz para poder analisar os

grupos. O espiral que está dentro do cone é o espiral do grupo que é descrito como espiral do conhecimento, no qual os aspectos explícitos das dinâmicas grupais estão em cima e o implícito baixo, na ponta. Os vetores, ou as modalidades de interação grupal, são os seguintes: afiliação-pertença, cooperação e pertinência (do lado esquerdo), e a comunicação, aprendizagem e telê (no lado direito). Com esses vetores se podem avaliar os processos de aprendizagem, porque em grupo sempre se está em processo de interação (aprendizagem).

No lado esquerdo os vetores vão indicar como estão os processos grupais, já no lado direito, os três vetores o que mostra é a possibilidade de avaliar os obstáculos que o grupo enfrenta para poder realizar a tarefa comum.

c) Mecanismos de resistência: medo da perda e medo do ataque

Em “Nosso instrumento de trabalho” - artigo do livro *O Grupo Operativo. Pressupostos teóricos* (2005), Pichón-Rivière aprofunda no aspecto dos medos, que consiste na falta de instrumentos ou ferramentas por parte do sujeito para afrontar uma realidade, sendo que estes medos - da perda e do ataque - existem de maneira interdependente, vão conformar a inquietude cara a permuta, alternativa ou metamorfose (Pichón-Rivière, 2005: 161). No enquadre pichoniano os medos básicos vão incidir nos processos de aprendizagem:

Toda aprendizagem produz uma vivência do medo da perda e de medo do ataque que são os pontos importantes de solução no processo de aprendizagem. Há, pois, um medo da perda do já conseguido e o temor de perder a defesas (medo do ataque). Ambos constituem os medos básicos que dificultam toda aprendizagem (Pichón-Rivière, 2005: 267).

O citado medo ao diferente, à mudança, é configurado como um problema ou impedimento na comunicação. Quando há o problema o desenvolvimento grupal se paralisa ou é obstaculizado pela influência da presença do estereótipo e da rigidez, no contexto da comunidade do

grupo, conformando assim uma resistência a mudança, na qual a tarefa se vê seriamente afetada, gerando as situações dilemáticas. Nas palavras do professor Pichón-Rivière:

(...) dois medos básicos, duas ansiedades básicas que caracterizamos como medo da perda e medo do ataque: a) medo da perda do equilíbrio já obtido na situação anterior, e b) medo do ataque na nova situação, na qual o sujeito não se sente adequadamente instrumentado. Os dois medos, que coexistem e cooperam, configuram - quando aumenta seu montante - a ansiedade frente à mudança, geradora da resistência à mudança. Tal resistência à mudança se expressa em termos de dificuldades na comunicação e na aprendizagem. O desenvolvimento do grupo se vê obstaculizado pela presença do estereótipo no pensamento e na ação grupal (Pichón-Rivière, 1988: 14).

Na Praça do Mercado de Abastos de Compostela temos a conformação de uma situação grupal, organizada a partir de uma tarefa compartilhada: “Tarefa, outro princípio organizador de grupo é um conceito que diz respeito ao modo pelo qual cada integrante do grupo interage a partir de suas próprias necessidades” (Amaral, 2007: 10). A comunidade ou coletividade da *Praza* permanece ao longo do tempo e está instaurada em um lugar especificado, na qual há as relações mútuas com a efetivação de “uma tarefa” que, a simples vista se tem no terreno do implícito, que é o de viver ou sobreviver da atividade da *praza* ou de *mercado*, compondo dessa maneira um grupo: “Todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna (dimensão ecológica), configura uma situação grupal (...)” (Pichón-Rivière, 2005: 163). Quer dizer que o que configura e compõe um grupo, o que dá forma e homogeneidade é o que fazer, é uma tarefa em comum. “Todo grupo se propõe explícita ou implicitamente uma tarefa, que constitui seu objetivo ou finalidade” (Pichón-Rivière, 2005: 163).

Há de se ter claro, porém, que a tarefa do grupo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela não transita somente na atividade de compra e venda de mercadorias. Existem dinâmicas de serviços

que são oferecidos, como o de restauração, por exemplo, também há dinâmicas simbólicas, dentre outras, nas quais se faz restritivo fazer alusão à atividade de mercado ou de compra e venda como tarefa. De aí que a tarefa tenha sido tipificada de maneira ampla, como necessidade de viver da *Praza*.

No grupo da Praza do Mercado de Abastos de Compostela atual existem situações dilemáticas visíveis, outras invisibilizadas e silenciadas (a situação dilemática paralisa ou obstaculiza o funcionamento do grupo). É um fato, entretanto, que o grupo da *Praza* há mais de 140 anos alcança o diálogo necessário para seguir superando os medos e seguir sendo configurado como um grupo de grande diversidade, que conserva uma tarefa homogênea. Mantendo-se, assim, a *Praza* como um espaço social vincular, fundado e sustentado por um vínculo que por sua vez se construiu desde o lugar das necessidades.

De outra parte e agregando a sistematização das matrizes de aprendizagem (Quiroga, 2012), se entende a educação enquanto social, no sentido material. Quer dizer, a maneira, o modo ou forma, a base (das matrizes) na qual o sujeito apreende e aprende o mundo, organizando o seu universo social, a sua realidade grupal no terreno do pensar, do sentir e do agir de forma compartilhada. Assim, o processo educativo está fundamentado no contexto e na relação, e se desenvolve de maneira dialética através de variedades de dinâmicas de aprendizagens individuais e social. Nas palavras de Pichón-Rivière: “estendendo-se a noção de situação de aprendizagem a todo processo de interação, a todo tipo de manipulação ou apropriação do real, a toda tentativa de resposta coerente e significativa às demandas da realidade (adaptação) (...)” (2005: 1). A aprendizagem está posta sempre como aprendizagem social, como desenvolvimento social histórico: “La enseñanza es, en consecuencia, el momento interno necesario y universal en el proceso del desarrollo infantil, pero no de las capacidades naturales, si no de las capacidades históricas del hombre” (Vygotski, 1989: 219).

Toda situação de aprendizagem, no entanto, vai produzir dois medos básicos (Pichón-Rivière, 2005). Consoante já expresso, são

“duas ansiedades básicas” caracterizadas enquanto: “a) medo da perda do equilíbrio já obtido na situação anterior, e b) medo do ataque na nova situação, na qual o sujeito não se sente adequadamente instrumentado” (Pichón-Rivière, 2005 : 11).

Pondo em situação a teoria no contexto grupal da Praça do Mercado de Abastos de Compostela depreende-se, a modo de exemplo, o tema da instauração da nave gastronômica da *Praza*, a hoje instituída “nave 5”, que reúne locais de gastronomia e restaurantes, que no seu momento a implantação desse setor levantou bastantes polêmicas e tensões entre o grupo da *Praza*. Essa realidade de roce pode ser ilustrada através de jornais, nos quais se veiculava: “Aumenta el desencuentro en torno a la nave 5 de la Praza de Abastos” (Mosteiro, 2016) ou “La apertura de cuatro locales lanza al fin la polémica nave 5 de la Plaza” (Fernández, 2017)²². Como pode ser depreendido, configurou-se a manifestação do medo da perda e de ataque. Isso está evidenciado ao confrontar-se com ter que responder a uma mudança especificada, tanto no sentido de introduzir um novo setor de venda na *Praza*, como o de propor uma nova estética ao espaço físico já conhecido, além de dinâmicas diferenciadas, que se impõe com a entrada de novos membros ao grupo, entre outras. O desenvolvimento das dinâmicas de medos, entretanto, que gerou muitas tensões no princípio, concedem lugar a outras práticas em que se evidencia a superação da situação dilemática, fundando a aprendizagem. Hoje os restaurantes da *Praza* compõem a realidade da diversidade grupal abastiana.

De outro ponto de vista, no presente de atualidade da *Praza* e para entender a tarefa, o sentido desta, para poder regular e administrar as dinâmicas do grupo, é de primeira importância, para a superação dos processos de obstaculização dado pelos aspectos dos

²² Exemplo de notícias nos jornais sobre o tema:

https://www.lavozdegalicia.es/noticia/santiago/santiago/2016/02/12/crece-desencuentro-torno-nave-5-praza-abastos/0003_201602S12C1995.htm
<https://www.elcorreogallego.es/santiago/ecg/apertura-cuatro-locales-lanza-fin-polemica-nave-5-plaza/idEdicion-2017-08-02/idNoticia-1067324/>

medos básicos, instituir mais espaços para diálogos, dado que a superação das situações dilemáticas é fundamental para a manutenção do grupo concentrado na tarefa.

A tarefa no caso da Praça do Mercado de Abastos de Compostela será um dos motivos preponderantes de permanência e resignificação ao longo dos anos. Ao falar de trajetória histórica trata-se de uma vincularidade que já existia mesmo antes desse espaço ser nomeado de Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que hoje está configurado como o grupo das trabalhadoras e trabalhadores da *Praza*, cuja existência está condicionada pela existência de uma tarefa específica que é compartilhada, e que seu cumprimento está orientado a satisfação de necessidades,

Necessidades, que para Pichón-Rivière constituem-se em um pólo norteador de conduta: o processo de compartilhar necessidades em torno de objetivos comuns constitui a tarefa grupal. Nesse processo, emergem obstáculos de diversas naturezas: diferenças e necessidades pessoais e transferenciais, diferenças de conceitos e marcos referenciais e do conhecimento formal propriamente dito (Amaral, 2007: 10).

Há de ter claro, no entanto, que se faz uma ampliação à teoria pichoniana porque, ainda que seja certo que a tarefa vem sendo a mesma, igualmente certo é que são agentes sociais (integrantes do grupo) variáveis ou cambiantes na prática social de processos educativos dados ao longo dos tempos e que vêm sendo integrados ao grupo da Praça compondo um novo grupo nestes movimentos e variações.

1.3. SINERGIA DA PRÁXIS NA CONCEPÇÃO FREIREANA E PICHONIANA

Paulo Freire (1921-1997), considerado como um dos teóricos mais influentes em termo de educação do imediatamente passado século, enquadra o ser humano construído e determinado pela prática. O sujeito só é sujeito enquanto ser da *praxis*, afirma Freire: “(...) los

hombres son seres del quehacer “emergen” del mundo y objetivándolo pueden conocerlo y transformarlo con su trabajo” (Freire, 2003: 111).

No livro *Pedagogía do Oprimido* de 1969, Paulo Freire, confere forma à educação social, que se estrutura na vivência em prática e em contexto com outros seres humanos, educando-se em comunhão. Estando assim sujeito e contexto sempre determinados pelo momento histórico e pela sociedade de antes e da atual na qual se vive: “Ahora, ya nadie educa a nadie, así como tampoco nadie se educa a sí mismo, los hombres se educan en comunión, mediatizados por el mundo” (Freire, 2003: 90).

No pensamento freiriano o sentido da educação é social, dinâmica e o seu curso é móvel e variante. O teórico expressa que o ser-sujeito é sempre coletivo e que a realidade, nesse processo é constantemente mutante “(...) comprensión del mundo que, en su relaciones con él, (...) no ya como una realidad estática sino como una realidad en transformación, en proceso” (Freire, 2003: 94).

Essa realidade do contexto do pensamento freiriano vai compor a base teórica do entender a realidade sócioeducacional da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, na qual o coletivo trabalhador é versado a partir do conjunto e contexto como grupo ou sujeito como coletivo histórico, o denominado sujeito da *praxis* em Freire, ou sujeito em situação em Pichón-Rivière (2005).

A aproximação teórica entre os dois estudiosos se dá enquanto sinergia, contribuindo e endossando que o sujeito social existe enquanto coletivo-grupal (nunca isolado ou fundamentado nele e para ele mesmo), que a pedagogía está constituída enquanto prática liberadora e libertadora e que se trata, não somente de uma abstração teórica, senão que de uma pedagogía para a libetação, de aprender a aprender.

1.4. PENSAMENTO PICHONIANO REVERBERANDO VIGOTSKI

Outro teórico, que junto a Pichón-Rivière, Ana Quiroga e Paulo Freire que permitirá entender as dinâmicas educativas na Praça do

Mercado de Abastos de Compostela é o bielo-russo Vygotski Lev Semiónovich.

Vygotski, psicólogo Russo-Soviético (1896-1934) será considerado no seu enfoque da teoria histórico-cultural. Esse entende o ser humano como ser social constituído como tal a partir da interação com o outro e com seu meio, que o modifica e ao mesmo tempo, e de forma continuada, é modificado por este: “la conducta humana no es sólo el factor biológico, sino también el social (...). La experiencia del hombre (...) es función compleja de toda la experiencia social de la humanidad y de sus distintos grupos” (Vygotski, 2001: 94). Ao igual que para Richard Rorty (2010) ao enquadrar a realidade social em um único mundo no qual se pode falar de viver, como vida humana, como realidade social: “Tanto los humanos como los animales accedemos al mundo natural a través de los sentidos, pero sólo los seres humanos hemos superpuesto un segundo mundo al mundo natural (...)” (Rorty, 2010: 198). É nesse contexto do sujeito histórico-cultural que o coletivo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela está pensado.

É com base nos textos reunidos nos livros *Psicología Pedagógica. Un Curso Breve* que se adentra o universo conceitual de Vygotski (2001). O teórico que define a educação enquanto uma herança, como um processo social pautado na mudança afirma: “La educación significa siempre, en última instancia, el cambio de la conducta heredada y la inoculación de nuevas formas de reacción” (2001: 58). Enquadramento que concerne à teoria pichoniana em adaptação ativa à realidade, na superação dos medos, dentre outros aspectos.

Vygotski, esse estudioso que defende que a elaboração da mente humana como assente no social e fundamenta conceitos importantes na hora de ler a *Praça* através das suas reminiscências com Freire, Quiroga e Pichón-Rivière enquanto concepções e enfoques sinérgicos, afirma que o ser humano é um ser político pela própria natureza e que está constituído de relações sociais:

Precisamente la psicología de una persona determinada, aquello que tiene en la cabeza, es la psiquis que estudia la

psicología social. No existe ninguna otra psiquis. Cualquier otra cosa es metafísica (...); por eso afirmar que esta psicología del hombre individual no puede ser marxista, es decir social, (...) significa no comprender la afirmación fundamental de Marx de que “el hombre en el sentido más literal es *zoon politicon*”²³, no solo un animal al que es inherente la comunicación, sino un animal que solo en sociedad puede individualizarse”²⁴ (Vygotski, 1989: 45).

A idéia apresentada em Vygotski (1989) alberga a tese da psicologia social de Pichón-Rivière (2005), o objeto do individual e do social presente em Quiroga (2012) e a questão da *práxis* presente em Freire (2003). Nesse sentido, os estudos no âmbito da *praxis*, do grupo, da interação social, dos paradigmas da aprendizagem e da cultura são o elo que desenha o diálogo entre os teóricos citados. Os quatro são alinhados no calidoscópio da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, na qual o caráter sócio-histórico é prevalente.

Em definitivo, o estudo do sujeito e o seu entorno, social e historicamente determinado, ou seja, um sujeito ancorado no social e histórico, vai convergir nos estudos dos teóricos apresentados, dentre as quais as similitudes entre Pichón-Rivière e Vygotski (que não se conheceram) são impremeditadas. Como recorda Chayo: “Las coincidencias entre estos autores al afirmar que es a partir de la interacción con otros en una tarea o actividad conjunta que se constituye el plano intrasubjetivo, son sorprendentes” (Chayo, 2004: 8).

Entender a relação entre o processo de identidade cultural de um grupo social ou comunidade e das matrizes de aprendizagem em MAC consiste em aceitar que as práticas educativas vivenciadas na *Praza* estariam contribuindo para as construções identitárias e culturais da sociedade galega. Por um lado facilitaria os processos vinculares e

²³ Animal social (grego).

²⁴ C. Marx. *Manuscritos económicos* de 1857-1858. C. Marx y F. Engels. Obras, t. 12, p 710.

interacionais e, assim, do objetivo de todas(os) as(os) agentes sociais trabalhadores na *Praza*, levando então ao fortalecimento da identidade cultural da Praza do Mercado de Abastos de Compostela e sua permanência. *In alia manu*, porém, debilitando esses aspectos ao distinguir esses mesmos processos vinculares nas facetas do vínculo negativo, como poderia ser a ancoragem no passado que impossibilite mudanças para a manutenção no futuro. Quer dizer, reconhecendo o vínculo nos seus dois aspectos constitutivos, positivo e negativo (gratificação e frustração): “En el vínculo sujeto, mutua interrelación y objeto son escindidos en: sujeto bueno/mútua interrelación/objeto bueno: (el sujeto experimenta la gratificación); sujeto malo/mutua interrelación/objeto malo; (el sujeto experimenta la frustración)” (Balello, 2010: 6). É que os dois aspectos do vínculo estão intensamente representados e desenvolvidos nas dinâmicas da *Praza* de hoje.

Pichón-Rivière, Quiroga, Freire e Vygotski confluem, em definitiva, na leitura do sujeito com esteio em processos materiais, que compreende necessariamente o processo histórico, social e cultural como educação social e a aprendizagem como apoderamento da realidade para modificá-la: “El aprendizaje es un proceso de apropiación instrumental de la realidad” (Pichón-Rivière, 2005). Essa aprendizagem se dá promovida pelo emergente social - “el emergente será tomado en tanto signo, que indica, alude, señala, muestra, etc., una determinada situación” (Beyer, 2014: 7) -, em cada aqui e agora, é a prática social configurada, posta e questionada, e nessa luta se reinscrevem a comunidade e o grupo. Entende-se emergente, com base Beyer (2014) como um signo de uma determinada estrutura: “La noción de emergente como signo permite abrir el espacio de la intervención: será a través de la decodificación, la comprensión, el análisis de esos signos como se podrá realizar la intervención (... de aprendizaje en el grupo...)” (Beyer, 2014: 9).

Quadro 2 - Teóricos e teorias sistematizadas para leitura do contexto da *Praza* (continuação).

SINERGIAS, COESÃO OU IMBRICAÇÃO DAS TEORIAS ANTERIORES PARA A LEITURA DA PRAZA		
Contexto para o estudo da <i>Praza</i> (2017-2021)	Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas (MAC) e Ancestralidade	Os paradigmas da aprendizagem (processos educativos) e da cultura são o elo que desenha o diálogo entre os teóricos citados anteriormente, a saber: Enrique Pichón-Rivière, Ana P. de Quiroga, Paulo Freire e Levi Vigotski. . Matrizes de aprendizagem compartilhada: O que se descreve como o “universo individual” (Quiroga, 1997) é, de <i>per se</i>, coletivo. Esse aludido é o sujeito da <i>praxis</i> em Freire (2003). Assim, para o estudo do coletivo trabalhador da <i>Praza</i> depreende-se as Matrizes de Aprendizagem de Quiroga (1997) como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas (MAC) por conceber que em cada processo individual está subjacente um sujeito histórico coletivo (ou sociocultural segundo Vigotski, 2001). Amplia-se, dessa maneira, a formulação do conceito de Matrizes de Aprendizagem, e o universo individual passa a ser coletivo. Enquadrado em um contexto mais amplo, entende-se as Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas como as experiências de um grupo social (ou dos agentes sociais e sujeitos integrantes desse grupo, ou de um determinado grupo) construído a partir de uma vincularidade ou trama vincular histórica (ou ancestral). A ancestralidade aqui entendida se faz na configuração dos vínculos instituídos nos primeiros assentamentos humanos. . Ancestralidade: O Processo vincular ancestral é um tipo de vincularidade histórica ou trama vincular. Ocorre, quando, a partir de uma necessidade, os sujeitos se vinculam, instituindo e construindo a aprendizagem, através da vivência, da apropriação da realidade. Ancestralidade é o processo de aprendizagem cultural. É quando o sujeito aprende a ser sujeito, apreendendo a realidade social que o conforma, na qual o vínculo, e as atividades sócio-laborais, são seus fundamentos, entendidos desde a educação social, enquanto MAC, que é a maneira como adquirimos ferramentas e aprendemos a viver em sociedade (em um tempo histórico determinado, convergendo com Quiroga, 1997 ao falar do sujeito específico para um tempo determinado) conformando, dessa maneira, um caldo de cultivo para o que pode ser entendido como cultura (popular no sentido de anti-hegemônica), um sujeito histórico (coletivo, comunitário grupal) que com suas dinâmicas em choque com o hegemônico conforma um modo de vida próprio. Pichón-Rivière, Quiroga, Freire e Vigotski confluem, em definitivo, na leitura do sujeito, a partir de processos materiais, que compreende, necessariamente, o processo histórico, social e cultural, como educação social e, a aprendizagem, como apoderamento e apropriação da realidade para modificá-la. A <i>Praza</i> de hoje, entendida desde o foco dos processos educativos como cultura, está pautada na ancestralidade, quer dizer, emerge já nos primeiros assentamentos da humanidade. São os processos educativos, no sentido da prática, que vão configurar o sujeito, enquanto ser social e de necessidades, ao mesmo tempo em que a cultura emerge desta prática social comum. Vale ressaltar que a cultura tem com o ser humano uma relação dialética: ela estrutura o sujeito histórico e é estruturada por ele. É quando a aprendizagem é também um instrumento para a apropriação da realidade, como apropriação instrumental da realidade para transformá-la em Quiroga, 1997.

Fonte: Elaboração Própria.

Em concordância com as propostas teóricas descritas para compreender as práticas educativas na Praça do Mercado de abastos de Santiago de Compostela, são relevantes os seguintes conceitos: o histórico, o social e o cultural e junto a estes a ideia de vínculo. Posto que, através do vínculo, pautado nas necessidades, é que as e os agentes trabalhadores da *Praza* vão assumindo e superando os obstáculos, ao largo dos anos, em função da tarefa que os une e que pressupõe a existência do próprio grupo. É pelo atravessamento mediante o centro na tarefa compartilhada de forma inconsciente que se garantiu a superação dos medos, no movimento dialético, espiralado.

Essa tarefa se fez homogênea de tal maneira em razão da diversidade grupal que se tem na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, e que, amalgamado os fluxos e influxos (sucessos e crises), foi redefinida. Assim, foi na superação dos problemas que o grupo alcançou a resignificação para continuar existindo. Dessa maneira, será observado que a importância material concreta e material simbólica da *Praza* transcende o contexto moderno, chegando a atingir aspectos que remontam ao fundamento humano, de humanidade no seu conjunto.

1.5. DINÂMICAS DE APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO SOCIAL

As práticas educativas do coletivo trabalhador da *Praza* em seu conjunto estão desenhadas e assinadas dentro de um contexto de educação entendido enquanto social e enquanto cultural no âmbito da teoria vigotskiana (Vygotski, 2001). É nessa realidade de enquadramento social da educação que se interpreta de maneira específica um espaço como âmbito laboral - a *Praza* -, a partir do lugar “vincular” (Pichón-Rivière, 2005), no qual se conforma um “processo grupal” (Pichón-Rivière, 2005), de configuração e de mudanças das “matrizes de aprendizagem” (Quiroga, 2012), enfocado na realização da tarefa (a de viver da *Praza*), enquanto motor de ação, que une e vincula esse coletivo especificado como trabalhadoras e trabalhadores da *Praza*.

Quadro 3 - Enquadramento das práticas educativas do coletivo trabalhador da *Praza*

A PRAZA (PMAC)	DESCRIÇÃO
Contexto	A Praza do Mercado de Abastos de Compostela como espaço de aprendizagem social e de construção cultural
Vinculo	Relações grupais-interpessoais de necessidade compartilhada
A tarefa	Viver da Praza/Atividade Laboral
Grupo	Trabalhadoras e trabalhadores da Praza
Processo Grupal Educativo	Configura novas e muda ou ressignifica as Matrizes de Aprendizagem e compõe MAC

Fonte: Elaboração Própria.

A educação não deveria estar especificada em social porque ela pressupõe o lugar de coesão constitutivo do ser humano que não deve ser fragmentado nem seccionado por contextos. Configura um universo social fundamentado por todos os espaços e esferas da vida humana e constituída de contextos de significações (históricos, sociais, políticos, etc.), que deve ser elaborado de maneira íntegra e negando a fragmentação entre o pensar, o sentir e o agir conforme a ideiação de Pichón-Rivière (2005).

Toda aprendizagem social se realiza no marco de uma cultura definida, quer dizer, é um processo de constituição do sujeito através da fundamentação e expressão de conhecimentos compartilhados a través das matrizes de aprendizagem de Ana Quiroga (2012) e também com o fator da experiência das gerações anteriores e as formas adaptativas (Vygotski, 2001). Em conceitos pichonianos “Dizíamos que era fundamental levar em conta que o sujeito real da produção cultural é um sujeito coletivo, um grupo social” (CIEG, 2010: 19).

Assim, a educação não começa nem termina na escola - espaço físico concreto -, nem no processo de formação regrado - sistema de escolarização -, ainda que estes hajam sido gerados a partir da educação social, no enfoque aqui utilizado; e o conceito de concentrar empregado para entender os processos grupais da *Praza*, valem

também para entender o processo educativo em termos de aprendizagem social versada também em espaços laborais; em espaços sociais que não se limita à escola, senão que abarcam ao meio social como contexto educativo: “La educación, afortunadamente, deja de ser patrimonio de la escuela, sobrepasa la esfera del tiempo escolar y va más allá de los espacios del aula. La educación es concebida como una característica de la existencia humana” (Petrus, 1997: 10). Assim, para demarcar a concepção, cobra sentido a definição atual presente em Quintana Cabanas (2001) na qual expressa o pensamento de Aldo Agazzi no tocante ao risco de que direção tomar, enquanto sociedade:

Según el nuevo punto de vista, la educación social y la Pedagogía Social son considerados como la teoría, la ciencia y la metodología educativa de una sociedad preocupada en tomar conciencia de las propias tareas educativas y en buscar la forma de realizarlas de un modo válido y concreto... (...) define que cosa debe hacer la sociedad no tanto para la educación (política educacional y política escolar), si no para poder ser educadora (Quintana Cabanas, 2001: 21).

Fica-se, também, em alguns conceitos chaves no momento de entender o trabalho Praça do Mercado de Abastos Compostela e transcrevem-se os conceitos e visões de educação social como pilar do enfoque. Esses, em Petrus, encontra-se a perspectiva histórica na visão de García Garrido (1871) que lista em cinco tópicos, nos quais os aspectos como o espaço de desenvolvimento, os valores que se transmite em determinada sociedade, a força do conjunto social sobre o cidadão individual e, por fim, o poder político e objetivos práticos para a vida em sociedade, são constitutivos. García (1871) citado por Petrus (1997):

1. Educação Social entendida em função del espacio donde se desarrolla: la sociedad.
2. Educação Social concebida como la transmisión de los valores educativos propios de una sociedad determinada.
3. Educação Social como la influencia educativa que ejerce la sociedad en su conjunto sobre el ciudadano.
4. Educação Social entendida como

influencia de los poderes públicos con fines políticos o para la vida social (Petrus, 1997: 11).

Esses cinco aspectos são as referências conceituais em que se assenta a educação social entendida neste trabalho; em sinergias com os teóricos Pichón-Rivière (2005), Quiroga (2012), Freire (2003) e Vygotski (1989) de maneira fundamental. As abordagens se dão, de forma respectiva, Teoria do Vínculo e Processos Grupais, as matrizes de aprendizagem, sujeito da *praxis* e Teoria Cultural.

Por se tratar de estudo científico, quer dizer e de acordo com Bunge (1980) “racional, sistemático, exacto, verificable y por conseqüente, fiable” (Garrido Arroyo, 2009: 54). na base do enfoque do fenômeno social da *Praza* como um espaço de educação social, busca-se entender o ser humano no seu contexto social, que no caso específico deste estudo é, de maneira fundamental, o âmbito laboral, para conhecer o lugar que este ocupa, sistematizar suas dinâmicas coletivas, como seus agentes sociais trabalhadores específicos da *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela entendem o espaço no qual vivem e se conformam como coletivo, seus conflitos, afetividades e sobrevivência, etc é o foco desde a perspectiva da educação social, processos socializadores que se aborda o objeto de estudo.

O contexto educativo está definido como apoio na conformação de um sujeito em situação, cujo vínculo é fator constitutivo - vínculo aquí também entendido como encontro: “(...) la reflexión sobre la educación ha de comenzar por la reflexión sobre el hombre (...). El hombre es, pues, un ser de relaciones en su esencia subjetiva a la vez que en sus encuentros objetivos” (Moreno, 1975:28-29).

Os aspectos sociais da educação em termos de espaços coletivos se fazem com o objetivo de estudar representações da vida cotidiana em crítica da *Praza* enquanto movimento social histórico, múltiplo e interdisciplinar, amparado no conceito de educação social como conformadora do ser humano e ao mesmo tempo da cultura, e também da sua transmissão, enquanto herança e legado, podem, também, ser de encontros.

Histórico, neste passo, é expresso no sentido do próprio desenvolvimento humano ao longo da história, no qual a feira e depois a *Praza* são erigidas com funções específicas, tanto para desenvolvimento coletivo e pessoal, como para manutenção de um sistema, construindo um todo e conformando um espaço social que pode ser de encontro ou de choque. Esse lugar social comunitário é múltiplo porque se estabelece entre distintos agentes sociais através de determinados rôis ou papéis: vendedores, compradores, promotores, visitantes, turistas, etc.

Vargas (2002), baseando-se nos teóricos Trilla e Quintana, a ação educativa não se concebe nem se restringe a espaços e tempos sociais específicos, se não todo o contrário. A educação é entendida por Vargas (2002) em um sentido amplo que contempla todos os âmbitos da vida humana, e que se apresenta em três aspectos constitutivos, a saber, o social-socialização, global-inculturação e o individual-construção pessoal: “la educación concebida (...) como um proceso de socialización, de inculturación y de construcción personal (...) que rebasa al sistema institucional y abarca todas las esferas de la vida humana” (Vargas, 2002: 84), na qual educação e processo de socialização podem ser equiparados, entendendo educação de maneira ampliada:

Equiparar la educación al proceso de socialización aporta un elemento sustancial en la construcción de la cultura. Esta tarea implica múltiples aprendizajes que, en la mayoría de los casos, se realizan a través de procesos no sistematizados racionalmente, que se filtran en la existencia cotidiana en tanto que productos de la costumbre o la creencia, y que sirven como medio para transmitir, intercambiar, crear y re-crear el repertorio cognitivo, moral, social y afectivo de una comunidad (Vargas, 2002: 84).

É, enfim, o similar enfoque que utiliza Pichón-Rivière (2005), ao definir o conceito de aprendizagem que “Baseia-se numa didática que a caracteriza como a apropriação instrumental da realidade, para modificá-la. A noção de aprendizagem vincula-se intimamente com o critério de adaptação ativa à realidade, através do qual se explicita a

ideologia que sustenta esta instituição” (Pichón-Rivière, 2005: 143). Como também nas palavras de Freire (2009), na qual o aprender constitui o processo fundador enquanto prática humana: “Fue siempre como práctica humana como entendí el quehacer docente” (Freire, 2009: 138); “Aprender precedió a enseñar o, en otras palabras, enseñar se diluía en la experiencia realmente fundadora de aprender” (Freire, 2009: 25).

A denominação da prática educativa utilizada neste estudo do indivíduo histórico trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, nas palavras de Vargas (2002):

Tiene su lugar en las vivencias cotidianas del sujeto y la relación que establece con el entorno, en actividades económicas, políticas, culturales, sociales, etc., y en el marco de instituciones sociales como la familia, los medios de comunicación, las confradías, las asociaciones, los sindicatos, etc. Carece de una organización rígida y sistemática, ya que no depende de un ente social con finalidades específicamente educativas. Por tanto, su vehículo son aquellos estímulos y experiencias sociales que sin ser intencionalmente formativos, ni estar planificados y previstos en un escenario institucionalizado, producen resultados educacionales que contribuyen a la formación de las personas y a su integración en la sociedad (Vargas, 2002: 84).

Em Pichón-Rivière a questão das vivências cotidianas do sujeito descrita por Vargas toma forma de práxis e de unidade do ensinar e aprender, enquanto processos sociais: “Essa concepção de aprendizagem como práxis, como relação dialética, leva-nos necessariamente a postular que o ensinar e aprender constituem uma unidade, que devem acontecer como processo unitário, como experiência contínua e dialética de aprendizagem” (Pichón-Rivière, 2005: 242).

A respeito do prisma dado pela sociologia da educação é importante inferir para entender a *Praza* questões desenvolvidas por Durkheim (1978), relativa e específica ao caráter social e histórico do fenômeno educativo: “O porvir não pode sair do nada: não podemos

construí-lo senão com os materiais que nos tenha legado o passado” (Durkheim, 1978: 72). O teórico aborda a matéria da realidade social histórica dada sem opção, sinalizando a questão das práticas educativas que são históricas e socialmente determinadas: “Da mesma forma, estamos mergulhados numa atmosfera de idéias e de sentimentos coletivos que não podemos modificar à vontade; e é sobre idéias e—sentimentos desse gênero que repousam as práticas educativas” (Durkheim, 1978: 60).

Ainda no enquadre da sociologia da educação tem-se Bourdieu (1999) e Althusser (1988), nos quais há chaves postas sobre a educação, cultura e ideologia que são relevantes. Em Althusser (1988) enfatiza-se a do discurso como prática social da ideologia, que abarca o caráter histórico, social e ideologizado da educação social. Em Bourdieu (1999) destaca-se a realidade hegemônica dominante e sua aceitação através do estado de submissão, porém este pode ser questionado através de possibilidades de resistência advinda da prática social, como uma autorização simbólica derivado do resistir:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. Porém, por mais exata que seja a correspondência entre as realidades ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo (...). A indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica (Bourdieu, 1999: 22).

Entender a *Praza* desde a perspectiva das aprendizagens e da educação social acarreta concebê-la como um espaço de educação contínuo, dado através da *praxis* e na relação ecológica (com outros seres humanos e com o entorno) de maneira comunitária, fora do

âmbito da instituição escolar, permanente e desenvolvida ao longo dos anos, quer dizer, de ancestralidade humana e de maneira histórica (desde tempos antigos) e transgeracional (passado por gerações sociais e também por redes com laços, que podem ser familiares e sanguíneos, ou não); e que na modernidade conjuga valores culturais passados e recebidos por um grupo dominante, de prestígio - determinado pelo modelo de produção - ou de choque, negação ou resistência a este cânon, que recebe e desenvolve esta como um legado ou herança, conformando, em definitiva, um modo de vida e de sobrevivência.

Ademais, no citado enquadramento abastiano há dois aspectos constitutivos da *Praza* e, por isso, representativos da realidade da *Praza*: o tópico da ruralidade galega (que será abordado posteriormente) e a questão da mulher.—Sem o caráter rural, aldeão e camponês a Galiza não pode ser lida no seu passado: “sen os campesinos non se pode entender nin a arquitetura nin a história de Santiago” (Otero Pedrayo, 1969). Tampouco no presente, ainda que a Galiza já não seja considerada de maneira estrita como um território agrário (Soto Fernández, 2015:3).

Sin embargo, aunque desde el punto de vista económico el sector agrario juega un papel secundario, el papel social y cultural del mundo rural aún es muy relevante, por las vinculaciones familiares y culturales y por la permanencia de la propiedad, que en el caso de las tierras a monte (más de dos tercios del total de la superficie) se reparte entre propiedad individual y propiedad comunal (los Montes Vecinales en Mano Común) (Soto Fernández, 2015:3).

Por outro lado, a presença maioritária da mulher na *Praza* está carregada de simbologia e matizes identitário. Ambos os aspectos estabelecem relação com a idéia de transmissão cultural como processos educativos grupais.

Nesse contexto da educação social e da conformação e transmissão cultural é que cobra valor o conceito das capacidades humanas, do sujeito social relativo ao saber fazer, dos instrumentos para esse cenário. É, em definitivo, o que Pichón-Rivière (2005)

define como aprendizagem e a condição para que esta se dê: “Entendemos por aprendizagem a possibilidade de abordar um objeto, apoderar-se instrumentalmente de um conhecimento para poder operar com ele (...)” (Pichón-Rivière, 2005: 269-270).

1.6. EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO HUMANO E O ENFOQUE DAS CAPACIDADES

Outra teoria aplicada ao estudo dos processos educativos da Praza é o sistematizado por Amartya Sen (2009) e que se tem como complementaridade a proposta de Pichón-Rivière (2005), relativa às possibilidades das pessoas ou agentes sociais em adquirir ferramentas para a vida.

Amartya Kumar Sen é um dos teóricos mais destacados na atualidade, comumente conhecido e difundido como detentor do Prêmio Nobel de economia em 1998 e como o idealizador do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das políticas das Nações Unidas, este sistematizado a partir do enfoque das capacidades (“*capabilities approach*”). Entretanto Sen trabalhou com diversidade de conceitos que vão desde a ética dos direitos humanos, até aspectos da diversidade cultural: “Inferimos cuatro notas constitutivas en la definición de Sen de los derechos humanos, una definición no abstracta o trascendental, una visión compleja, una propuesta ética y el valor universal integrando la diversidad cultural” (Ibáñez Ruiz del Portal, 2014: 306). Assim, esse catedrático situado no campo da Filosofia e da Economia na atualidade é considerado desde diferentes disciplinas nas quais sua teoria encontrou um avanço significativo²⁵.

²⁵ Não se demarca como objetivo do estudo sistematizar a teoria nem mapear os principais teóricos que seguem e desenvolvem esta linha de estudo; entretanto, busca-se coordenar aspectos próprios da Praza de Abastos compostelana, entendido a luz da teoria de Sen em dois aspectos. Por um lado relativo a capacidades e educação, e por outro lado, referente à aplicação das capacidades ao estudo da mulher.

O enfoque da *capacidade*, de acordo com seu teórico pioneiro, é definido como um prisma global, a partir dos benefícios pessoais e assentado na base da oportunidade, na qual as diferenças sociais são vistas como desigualdade de conhecimentos (ou seja, “*capacidades*”) (Sen, 2009: 263). Nessa perspectiva, as referências teóricas fundamentais para o desenho desse foco vêm da filosofia, economia e política, bases nas quais se assentam o ângulo a definir.

El enfoque de la capacidad es un enfoque general, cuyo foco es la información sobre las ventajas individuales, juzgada desde el punto de vista de la oportunidad y no de un “diseño” específico sobre la mejor organización de la sociedad. (...). La perspectiva de la capacidad apunta a la relevancia central de la desigualdad de capacidades en la evaluación de las disparidades sociales (...) (Sen, 2009: 263).

Já em Nussbaum (2012b) encontramos uma resposta relativa à definição da “capacidade”, em termos filosóficos e políticos abordando a potencialidade humana. Para isso, a autora propõe o uso no plural de “*capacidades*” (perspectiva dada pela citada estudiosa) no qual afirma: ““¿Que son las capacidades? Son las respuestas a la pregunta: ‘Que es capaz de hacer y de ser esta persona?’”. Por decirlo de otro modo, son lo que Sen llama “libertades sustanciales”...) “(Nussbaum, 2012b: 40), que são o acesso à vida e à participação em atividades políticas econômica, dentre outras.

Outro teórico que expandiu o enfoque do desenvolvimento a partir das pessoas, do indivíduo é Neff (1994), ampliando para isso a visão ao conceito de “autodependência”: “Necesidades humanas, autodependência y articulaciones orgánicas, son los pilares fundamentales que sustentan el desarrollo a Escala Humana” (Marx-Neff, 1994: 30).

Quadro 4 - Desenvolvimento e necessidades humanas

Desarrollo y necesidades humanas

Cuadro 10 Matriz de síntesis negativa (Bolivia)

	Ser	Tener	Hacer	Estar
SUBSISTENCIA	Ignorancia	Corrupción	Explotar	Falta de infraestructura en general, Mala distribución poblacional
PROTECCION	Inseguridad	Arbitrariedad institucional	Discriminar	Discriminación espacial
AFECTO	Inseguridad	Pérdida de valores morales	Engañar	Aislamiento geográfico, Distanciamiento familiar
ENTENDIMIENTO	Ignorancia	Sistema educativo obsoleto	Marginar, dogmatizar	Ambientes inadecuados, distanciamiento, falta de redes de comunicación
PARTICIPACION	Discriminación	Centralización, No respeto de los Derechos Humanos	Prejuizar	Carencia de infraestructura básica
OCIO	Desorientación, Represión	Ausencia de sistemas educativos	Manipular	Falta de tiempo propio por estrategias de supervivencia
CREACION	Alineación	Sistema educativo memorístico	Subestimar	Falta de tiempo y ambientes adecuados para investigar y crear
IDENTIDAD	Dominación	Falta de políticas de integración y protección	Aldoctrinar	Crecimiento urbano irracional
LIBERTAD	Autoritarismo	Injusticia	Dominar	Dependencia

Fonte: Marx-Neff, 1994: 79.

Marx-Neff (1994) sistematiza e conjuga o que o autor denomina como dez matrizes ou síntese negativa, tendo em conta o caso boliviano, relacionando este com quatro aspectos sistêmicos. Sistêmico no sentido de considerar que não há grau de importância em termos de necessidades e ao mesmo tempo há uma inter-relação das várias necessidades do sujeito (Marx-Neff, 1994: 78). A inter-relação das necessidades e a inexistência de grau de importância entre elas sinalizado por Neff (1994) vinculam as necessidades ao processo educativo em contexto de ferramentas grupais.

A educação, portanto, se enquadra na formação de capacidades, educação é, em definitiva, construção de capacidades. Quer dizer, se dota de capacidades condicionadas por herança social e também por oportunidades (concretas na atualidade) que são oferecidas à cidadania.

Em Ciências da Educação um dos teóricos que trabalha com as sistematizações de Amartya Sen aplicadas à educação é o professor Cejudo Córdoba (2006), da universidade de Córdoba/Espanha. O estudioso avala o papel fundamental e de grande relevância da educação presente na teoria do desenvolvimento, por um lado, e da capacidade humana, por outro (pp. 366).

Cejudo Córdoba propõe a aplicação das ideias de Sen à educação desde a conceitualização do caráter emancipatório da educação: “(...) por un lado, pensar mediante las capacidades la dimensión emancipatoria de la educación (...)” (Cejudo Córdoba, 2006: 366), ratificando com grande destaque o seu valor a partir da natureza da universalidade do ensino (pp. 369), como também enfocando a partir da igualdade de oportunidade, este tema último extraído de London e Formichella (2006:19).

Também, Martha Nussbaum (2012b), a respeito da educação, sinaliza o papel singular e de destaque no enfoque das capacidades - utilizado no plural, conforme ela própria personaliza e amplia o termo - (Nussbaum, 2012b: 38) afirmando: “La importancia de la educación ha sido un elemento central del enfoque de las capacidades desde sus comienzos” (Nussbaum, 2012b: 181). Porém, ainda com a ênfase na educação, a teórica amplia o enfoque de educação e capacidades ao afirmar que a importância da educação é basilar para a mulher e seu processo de avance e liberação, vinculando dessa maneira a educação e capacidades ao enfoque de gênero ou de coletivos especialmente vulneráveis.

Em *Desarrollo humano y capacidades. Aplicaciones de la teoría de las capacidades de Amartya Sen a la educación* Cejudo Córdoba (2006) reproduz a lista das capacidades sistematizadas pelo professor Amartya Sen (2009) e faz um destaque nas que são propriamente educativas (señaladas en itálica):

— estar sana; — vivir largo tiempo; — ver; — satisfacer sus necesidades nutritivas; — tener una vivienda; — tener ropa; — ser respetada por los demás; — participar en la vida social de la comunidad; — tener vacaciones; — estar junto a sus seres queridos; — elegir con conocimiento de causa; — estar equilibrada; — sentirse feliz; — estar satisfecha; — *tener una educación; — leer y escribir; — realizar operaciones aritméticas básicas; — estar escolarizada; — usar los conocimientos y destrezas escolares; — comunicarse; — argumentar; — tomar parte en los adelantos científicos y humanísticos; — crear cosas; — estar bien informada; — encontrar un buen empleo* (Cejudo Córdoba, 2006: 369).

Dos 25 tópicos 11 estão relacionados com a educação, segundo Cejudo Córdoba (2006), entretanto, desde a educação social, esta lista poderia ser ampliada. Caso se parta do princípio de que os processos sociais de educação vão promover a conformação de habilidades e atitudes para, por exemplo, “participar en la vida social de la comunidad, tener vacaciones, estar junto a sus seres queridos, elegir con conocimiento de causa” (Cejudo Córdoba, 2006: 369), essa lista de aspectos próprios da educação estaria amplificada, ou até mesmo poderia abarcar todo o conjunto dos aspectos listados por Sen (2009).

Os citados tópicos das *capacidades*, junto com a noção das matrizes de aprendizagem (Quiroga, 2012) e da teoria do grupo de Pichón-Rivière (2005) entendem-se como base medular nos conceitos da educação, entendendo a lista de Sen (2009) como maneiras de empoderamento - quer dizer, de aprendizagem no fim prático - e apropriação de ferramentas para o desenvolvimento efetivo da vida. Aprendizagem que em palavras de Pichón-Rivière (2005) é “a possibilidade de abordar um objeto, apoderar-se instrumentalmente de um conhecimento para poder operar com ele (...)” (Pichón-Rivière, 2005:269-270).

De acordo com Cejudo Córdoba (2006), os elementos que compõem a lista das capacidades há uma mútua e interdependência que aludem às competências educativas:

Asimismo, la aplicación del enfoque de las capacidades a la pedagogía desvela que, contra la presuposición de Sen de que las capacidades son mutuamente independientes, entre ellas existen interconexiones que no pueden explicarse con diferencias en los ingresos sino en los niveles educativos (Cejudo Córdoba, 2006: 378).

Assim, é no conceito da educação como capacidades essenciais e de empoderamento (estando estas vinculadas) é que se entende a *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela e seus agentes sociais trabalhadores, enquadrados no processo grupal abastiano. As capacidades seriam as ferramentas para o empoderamento. O empoderamento relativo à aprendizagem no olhar pichoniano que entende a “*aprendizagem* a possibilidade de abordar um objeto, apoderar-se instrumentalmente de um conhecimento para poder operar com ele, conseguir uma incorporação” (Pichón-Rivière, 2005: 269-270).

Com procedência na lista de Cejudo Córdoba (2006: 369) pode-se visualizar a vida das/os agentes trabalhadoras(es) na *Praza* no marco das capacidades e o processo grupal da seguinte maneira, a modo de ilustração: “realizar operaciones aritméticas básicas” (há um domínio total desse saber aplicado à vida cotidiana na atividade de mercado dada na *Praza*, independente de grau de escolarização); “estar escolarizada” (na *Praza* há uma diversidade de graus de educação regrada que vai desde pessoas que foram pouco à escola, até as que acederam à universidade); “comunicarse; - argumentar” (são duas ferramentas com um grau de desenvolvimento importante devido à atividade laboral desempenhada na *Praza* pelas/os trabalhadoras(es); “tomar parte en los adelantos científicos y humanísticos” (este lugar pode ser de ausência total ou de um grau de manejo grande, a depender do lugar de fala e da história social de cada pessoa e agente trabalhadora); “encontrar un buen empleo” (igual que no anterior especificado, tanto o ter ou o não ter um bom emprego são dois lugares que se dão na *Praza*).

A ausência de capacidades ou necessidade de capacidades, no contexto da *Praza* tem um duplo sentido. Ao mesmo tempo que

convergem em sinergias e potencializam a *Praza*, também danifica suas estruturas históricas e simbólicas. Dentro da mesma comunidade grupal há agentes que manejam (têm acesso) a essas capacidades e outras não. Está em jogo a adaptação ativa à realidade, como também a leitura crítica (crítica à vida cotidiana) e a não aceitação de certas dinâmicas. Todas essas questões convergem na aprendizagem e transformação do real, nas palavras de Pichón-Rivière:

Entendemos por adaptação ativa, aprendizagem do real, a relação dialética mutuamente modificante e enriquecedora entre sujeito e meio. Aprender é realizar uma leitura da realidade, leitura coerente, e não aceitação acrítica de normas e valores. Ao contrário, buscamos uma leitura que implique capacidade de avaliação e criatividade (Transformação do real) (Pichón-Rivière, 2005: 242).

A sistematização das capacidades, ordenadas em conceitos resumidos em uma lista concreta posto no estudo da *Praza*, é descrita e entendida a partir da tarefa compatilhada dentro do especificado grupo, não de sujeitos ou indivíduos especificados.

1.6.1. Capacidades e o prisma da mulher

Além do prisma da educação, e sob outra perspectiva, têm-se as capacidades direcionada a leitura da realidade das mulheres, tanto como crítica a realidade social, como enquanto empoderamento enfocado aos aspectos de vida autônoma e laboral do coletivo feminino.

O conceito de Capacidades constitui a educação enquanto ferramentas aplicadas à prática social do sujeito. Nessa perspectiva, además as Capacidades junto com o enfoque de gênero apreende uma particularidade relativa à diversidade dos perfis femininos da Praza do Mercado de Abastos de Compostela colocado no cenário abastiano em termos de papéis sociais, tanto de perspectiva de empoderamento da mulher trabalhadora, como da mulher simbolizado na palavra “abasto”, a que nutre, abastece ou provê e brinda de alimentos.

A questão da mulher enquadrada no estudo do coletivo trabalhador da *Praza* se faz fundamental, tanto porque se trata do coletivo maioritário em termos de agentes trabalhadores, como também das particularidades que se dão como papéis sociais constituídos na presença da mulher na Praza do Mercado de Abastos de Compostela, pelo fator da feminilização e do teto de cristal, como também e de forma basilar na figura das *paisanas*²⁶.

O uso e aplicação da teoria das capacidades relativa aos estudos de igualdade de gênero tem na professora Martha C. Nussbaum (2012a) a principal estudiosa que estrutura o desenvolvimento dos conceitos de Amartya Sen, tanto no âmbito teórico-conceitual, como no uso prático relativo à desigualdade de gênero. A importância dessa ótica, entretanto, já se encontra em Sen de maneira atomizada:

Una de las bases de clasificación particularmente pertinentes en este contexto es el género o sexo. Existen disparidades sistemáticas en las libertades que gozan los hombres y las mujeres en las diferentes sociedades y tales disparidades son a menudo irreducibles a diferencias de ingresos o de recursos (Sen, 1995:140).

Nussbaum (2012a) amplia e sistematiza, entretanto, o que a própria estudiosa define como “Mi concepción de la libertad y la capacidad de las mujeres” (Nussbaum, 2012a: 150), dando, dessa maneira, um prisma pessoal e novo (p. 286) ao desenvolvimento do estudo fundado nas capacidades, enfatizando para isso e especificando nas mulheres e nas meninas: “Hasta el momento me he centrado en la pregunta acerca del modo en que mi enfoque protegerá las capacidades de las mujeres adultas como ciudadanos plenamente iguales a los hombres. Pero la crianza de las niñas es igualmente importante (...)” (Nussbaum, 2012a: 307).

É importante marcar, contudo, que o presente estudo não segue a linha teórica sistematizada por Nussbaum em sua totalidade²⁷,

²⁶ Mulheres que vendem o excedente da produção doméstica na *Praza*.

²⁷ Nussbaum propõe um enfoque baseado em dois princípios: “el principio de cada persona como un fin”, quer dizer, sistematiza o princípio da capacidade em cada

porém, sim utiliza a base suposta pela estudiosa relativa à família como um produto da ação do Estado. Esta questão está sistematizada em *Las mujeres y el desarrollo humano* (2012a). No citado livro, a teórica desenha e entende a família concebida a partir do Estado: “Pero, de hecho es claro que la figuración de la estructura familiar y los privilegios y derechos de los miembros de la familia son en muchos aspectos producto de la acción del estado” (Nussbaum, 2012a: 343-344), discrepante assim das posições que consideram a família similar ou semelhante às instituições autônomas, voluntárias ou independentes do estado: “hasta este punto, la familia aparece como algo análogo a otras instituciones voluntarias en la sociedad que parecen tener su propia existencia aparte del estado, pero que están limitadas exteriormente por la regulación del mismo” (Nussbaum, 2012a: 344).

A estudiosa defende que a família é um produto do estado, não sendo uma entidade em si mesma. A forma de associação entre as pessoas não conforma decisões voluntárias e pessoais que fazem os indivíduos, se não que estão determinadas pelas diretrizes do Estado (e do grupo, segundo Pichón-Rivière, 2005). O que é a família, enquanto definição e constituição estabelece relação com o tema legal e político de Estado. Ou seja, está dado por este ente superior a vontade individual. A própria definição de família está posta de maneira legal e política, muito mais profunda que outras associações humanas que, igualmente estão regidas por leis e são instituições. O sentido social e político, todavia, passa pelo cumprimento de umas normas legais (Nussbaum, 2012a: 346). A definição, os privilégios e direitos, dos membros de uma família são determinados pelo regime. É esse ente superior que vai marcar as normas e pautas nessa estrutura (Nussbaum, 2012a):

pessoa; este junto ao “principio de la restricción moral”, ambos plasmados no livro “*Las mujeres y el desarrollo humano*” (2012b). É importante frisar que o texto dessa tese não faz uso desse enfoque, porém sim utiliza a sistematização teórica da estudiosa em questão que considera a família como um produto da ação do estado e gênero.

La familia, sin embargo, es producto del estado en un sentido mucho más directo de que son esas otras organizaciones voluntarias. Porque, en realidad, no existe entidad alguna que sea “la familia” y en la cual el estado intervenga o deje de intervenir. La gente se asocia de muy diferentes formas, vive en común, se ama, tiene hijos. A cuál de esas forma se ha de denominar “familia” es asunto legal y político, nunca un asunto que decidan las partes por sí mismas. El estado constituye la estructura de la familia a través de sus leyes, definiendo qué grupo de gente pueden considerarse como familias, definiendo qué son el matrimonio y el divorcio, qué son la legitimidad y la responsabilidad paterna, etc. Esta diferencia hace una diferencia: el estado está presente en la familia desde el comienzo, de una manera que se da en forma menos clara en las corporaciones religiosas o en la universidad; es el estado el que dice qué es eso y que controla cómo una persona se torna miembro de ello (Nussbaum, 2012a: 345).

A importância de entender a relação entre a família e o Estado se faz ampliada a realidade abastiana que nasce e é erigida como uma instituição do Estado. O Estado no nível de prefeitura (*concello*) é o dono da Praça do Mercado de Abastos de Compostela assim que a organização comunitária do grupo da *Praza* estará sempre submetida à determinação desse ente, porém não sem tensões e pugnas próprias dadas por projetos discrepantes.

Esses aspectos tratados por Nussbaum (2012a) serão de grande importância ao entender as relações familiares presentes na *Praza*, tanto como herança de posto de trabalho, como os relativos aos aspectos de prioridade na hora de ocupar um posto, dentre outros aspectos que serão detalhados no devido apartado das interpretações dos dados coletados em campo. É que na Praça do Mercado de Abastos de Compostela os postos de trabalho podem ser herdados, também, na hora da licitação das *casetas* (boxes) a mulher tem prioridade, ainda que o controle real da atividade (se é de mando feminino ou masculino) se dará em função de outros aspectos como o setor da atividade (o açougue - *carniceria* - está mais representado por homens e a fruteria por mulheres, por exemplo), dentre outros. Em

definitiva, a questão familiar tece muitas redes e dinâmicas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Sob outro ângulo, um novo tópico trabalhado por Nussbaum (2012b) relativa a sua perspectiva (uso e aplicação das capacidades nos temas relacionados às mulheres) diz respeito a financiamento de atividades laborais e econômicas para mulheres, é uma maneira de dar contexto para a autonomia e empoderamento. Este aspecto também será de grande importância para o estudo sócioeducacional de *Praza* porque as fontes de financiamento são vistas como difíceis de serem alcançadas para alguns coletivos femininos. Relações familiares e a questão da mulher são dois prismas das capacidades de Nussbaum (2012b) que aportam conhecimento às dinâmicas interacionais da *Praza*.

Ter-se-á em conta, porém, a lista das capacidades com o enfoque educativo, que foram entendidas como categorias de estudo no desenho da enquete. Essas mais o enfoque de gênero, tanto desde as famílias, como em termos de finamento.

A educação social e a questão da mulher serão entendidas e costuradas a partir das capacidades como ferramentas: a educação é basilar para a mulher e seu processo de avanço e liberação, e a educação social é constitutiva de todo e cada um dos sujeitos.

Porém, antes de ler a *Praza* a partir da lista do enfoque das capacidades e educação (Cejudo Córdoba, 2006), e amparado nas matrizes de aprendizagem (Quiroga, 2012) entendendo a Praça do Mercado de Abastos de Compostela primeiro como lugar de vínculo, é necessário inferir o seu desenvolvimento histórico e social, e poder entender quem são os coletivos presentes nesse espaço sócio-educativo que é a *Praza*, enquanto lugar vincular dos sujeitos históricos. Nesse enquadramento, a mulher (coletivo trabalhador maioritário) vai estar imbuída e catalogada com rois que se desenham e se deslizam entre o marginal e a resistência.

Em sumo, é nos âmbitos educativo e dos estudos relativo à igualdade de gênero que Amartya Sen “perdeu sua identidade” originária para converter-se em outros e novos arquétipos, a partir de

estudos no âmbito da ciência da educação vinculada ao gênero é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela se entende nas Capacidades (como ferramentas de ação educativa), ainda que abordada como contexto grupal multifacetada, no qual as trabalhadoras e os trabalhadores compõem um lugar singular relacional de necessidade mútua e compartilhada.

CAPÍTULO 2.

A ATIVIDADE DE MERCADO COMO PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTRUÇÃO CULTURAL E DE APRENDIZAGEM SOCIAL

Síntesis en Español

En este capítulo se sistematiza el desarrollo simbólico-histórico de la Plaza del Mercado de Abastos de Compostela como espacio de necesidad y de vínculo configurado a través del tiempo. Ahondando en la importancia de la educación en el abordaje de la *Praza* como contexto de dinámicas vitales grupales y de aprendizaje.

Se parte desde la primigenia conformación de la humanidad en los primeros asentamientos humanos, donde se iniciaron las formas de intercambio (de necesidades) que en el desarrollo de la historia se complejizan hasta conformar estructuras como el Foro, el Ágora, el Zoco y construcciones materiales y sociales análogas en Mesoamérica.

La Plaza del Mercado de Abastos de Compostela no es sólo producto de la tradición, sino también de una herencia vincular, un legado comunitario forjado en la relación dialéctica entre los procesos educativos y las prácticas de construcción cultural comunitaria-grupal que, en el tiempo, se resignifican a través de la dinámica social de aprender a aprender.

Para entender a conformação atual da feira, das *plazas*, e de forma específica a Praça do Mercado de Abastos de Compostela nas suas singularidades é necessário chegar -se às origens históricas vinculares deste lugar social. Essa gênese histórica se dá não somente em matéria de espaço e tempo delimitado, senão abrangente, na própria conformação social dos assentamentos primitivos e das civilizações antigas.

Trata-se de contextualizar a história da atividade de mercado e lugares de abastecimentos (ou nutrimento) em termos sócio-histórico e cultural-econômico, no processo de aprendizagem das vivências humanas e humanizantes, segundo a teoria sociocultural vigotskiana e de outros estudiosos atuais, como em Amado (2017) que apresenta um triângulo composto das três partes (processos educativos, realidades sociais e culturais) que convergem e compõem o sujeito resultante do patrimônio cultural.

As práticas e processos educativos constituem, com as realidades sociais e culturais a que se ligam, um triângulo em cujo centro, pela dinâmica interativa dos seus lados, se desenvolve um indivíduo com uma personalidade própria, se prolonga o processo de hominização e humanização (pela atualização e desenvolvimento do patrimônio cultural) (Amado, 2017: 23-24).

O estudo da conformação do ser humano emparelhado à construção cultural tem na teoria vigotskiana sua máxima expressão. Vigotski (2001) sistematiza em três aspectos a diferença entre animais e seres humanos. Esses últimos empregam de maneira ampla as experiências das gerações anteriores. É essa herança social que distingue o homem do animal. A adaptação ativa é o segundo fator. O terceiro é a consciência (Vygotski, 2001: 94-94). Por outro lado, o estudioso Rodríguez (2005), ao adentrar na teoria de Vigotski, afirma que o ser humano é um ser social por antonomásia. Esse professor fala do fundamento social para o surgimento dos processos psíquicos superiores que caracterizam o ser humano, fundados na “ontogênesi” (atividade de comunicação) e da “filogênesi” (do trabalho) sistematizados por Vigotski (Rodríguez, 2005: 110).

São os processos educativos no sentido da prática que vai conformar o sujeito como ser social e de necessidades - “el sujeto humano es un ser de necesidades que solo se satisfacen socialmente en relaciones que lo determinan. Nada hay en él que no sea resultante de la interacción entre individuos, grupos y clases” (Pichón-Rivière, 2015). Com relação à construção do indivíduo de necessidade Pichón-Rivière (2005) traz o conceito de vínculo, ampliando esse enquadramento teórico às ciências sociais ao falar das possibilidades de análise das inter-relações grupais em situação de mudança. O próprio Pichón-Rivière (2005) sugere esses princípios vinculares para a leitura de comportamentos grupais, sendo que essa visão se plasma com suporte em seis funções ou categorias especificadas - “modalidades de interação que se observam em todo grupo de tarefa” (Pichón-Rivière, 2005: 216) -, sendo elas: pertença, afiliação, cooperação, pertinência, aprendizagem, comunicação e telê (categorias ilustrada no modelo do cone invertido por Pichón-Rivière, 2005: 268).

Os estudos de Pichón-Rivière e Quiroga conferem grande importância ao vínculo e à forma de vínculos sociais. Esse vínculo constitui a base para os processos de comunicação e aprendizagem, em que o ser humano é concebido como sendo de maneira imanente um sujeito social (Soares & Ferraz, 2007: 53). É quando a aprendizagem é um instrumento para a apropriação da realidade: “como apropiación instrumental - por el conocimiento - de la realidad, para transformarla” (Quiroga, 1997: 6). Ou, e como forma de definir, é o que Vigotski chama de adaptação ativa às necessidades do ser humano “con la adaptación de la naturaleza a sí mismo” (Vygotski, 2001: 93).

Por conseguinte, a teoria sistematizada por Pichón-Rivière e Ana Quiroga parte da base de princípio do ser humano como um ser social, que se relaciona com o outro e com o grupo, por meio de relações pautadas em vínculo, na qual o sujeito é um ser de necessidade. É justo através dessa necessidade que vai sendo construído o processo vincular de maneira dialética, determinado historicamente e que funda pautas e condutas, em matrizes de aprendizagem: “(...) el vínculo de dos se establece siempre en función

de outros vínculos historicamente condicionados en el sujeto y que, acumulados en él, constituyen lo que llamamos el inconsciente” (Pichón-Rivière, 1992: 23). Da mesma maneira nas palavras de Vigotski: “Ya vimos que él único educador capaz de formar nuevas reacciones en el organismo es la experiencia propia. (...). Solo el vínculo que le ha sido dado en su experiencia personal” (Vygotski, 2001:113).

Além do contexto teórico dos autores citados anteriormente, a condição de educação do estudo apresentado aqui também se faz no sentido quiroguiano, de matriz ou modelo interno de aprendizagem. Ou seja, “Definimos entonces como matriz el modelo interno de aprendizaje a la modalidad con la que cada sujeto organiza y significa el universo de su experiencia, su universo de conocimiento.” (Quiroga, 2012: 35). Assim, e para Vigotski, que considera o fator biológico como princípio das reações herdadas, a natureza social da educação é basilar (Vygotski, 2001: 113). De tal maneira, é nessa acepção de educação como prática social no enfoque cultural e também das Matrizes de Aprendizagem que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela que será versado, na apropriação da idéia de que o ser humano é resultado de um processo histórico-cultural (Delval, 2002: 20).

Trabalha-se com o conceito de Matrizes de Aprendizagem ou o modelo interno de aprendizagem definido por Quiroga (2012: 35). Desde essa base, se configura para este estudo a inferência das Matrizes de Aprendizagem aquinhoadas no processo grupal. Quer dizer, quando as Matrizes de Aprendizagem se manifestam ecoadas ou retumbando no contexto da comunidade no grupo, na esfera do comum compartilhado, distribuído e associado. É o que se entende como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas (MAC). Amplia-se assim, para o estudo da *Praza* as Matrizes de Aprendizagem para MAC.

Dessa maneira, por via do conceito sociocultural desenvolvido por Vigotski (2001) e das MAC, ampliadas a partir de Quiroga (2012), que se adentra a história e aos processos educativos dados na Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Quer dizer isto que a *Praza* de

hoje é resultado de um longo trajeto humano vincular de construção e socialização do conhecimento em prática, de construção cultural. É a educação social que vem sendo ressignificada e sobrevive ao longo do tempo e por meio da dialética da comunidade do grupo, desde esferas ancestrais.

Insistimos em afirmar que a dialética grupal recupera para a aprendizagem o caráter social da produção do conhecimento. Permite o intercâmbio de informação, de experiências vitais, o confronto de estilo de aprendizagem. Informação, experiência e estilo que podem ser processados e articulados numa síntese grupal enriquecedora para todos e para cada um dos integrantes. É por isso que sustentamos que, num trabalho grupal fundado na experiência e no intercâmbio entre os integrantes, os conceitos perdem seu caráter abstrato, tornando-se progressivamente concretos e ricos em conteúdos reais (CIEG 2010: 24-25).

É quando se tem o conceito ampliado para Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, no qual se conformou uma vinculação e que atesta a aprendizagem de caráter social e que remonta a períodos ancestrais (desde os primeiros assentamentos humanos), porém que continuam sendo dadas e ressignificadas na atualidade.

2.1. ANTECEDENTE: PRÉ-HISTÓRIA, O NEOLÍTICO

A concepção de feira, *praza*, *plaza de mercado*, mercado de abasto, dentre outros, tal como se configura e se apresenta nos dias atuais, não existia nas tribos e povos na pré-história. O surgimento, entretanto esses espaços (na medida da prática pautada na necessidade) e as dinâmicas basilares desenvolvidas hoje, isto sim, remontam a épocas neolíticas²⁸, partindo do advento do

²⁸ “Neolítico. Esta noción (...) designa convencionalmente el final de la edad de piedra. El Neolítico se identificó inicialmente en Europa en base a criterios “tecnológicos” (presencia de piedra pulimentada, presencia de cerámica), y posteriormente, siguiendo a G. Childe (...) sobre criterios “económicos” (presencia

desenvolvimento cultural desde economia doméstica (produção e socialização de bens) e a posterior origem do comércio.

Em finais do Neolítico é quando se dá, por um lado, a divisão social do trabalho e sua especialização, e, por outro, o surgimento da excedência, como consequência do desenvolvimento da agricultura, e todos os aspectos simbólicos: “cultura” antes de estas transiciones, fue el crecimiento y la marcha de las cosechas y los animales y, por extensión, el crecimiento y la marcha de las facultades humanas” (Williams, 1997: 22). Assim, través de um processo tecnológico, o sujeito social organiza o universo de aprendizagem materializado em ferramentas e estratégias (já não no simbólico, senão em feitos): “La tecnología es el conjunto de conocimientos que permiten al hombre construir objetos máquinas para adaptarse y transformar el medio que le rodea” (Muñoz & San Nicolás, 2010: 17).

O intercâmbio (a troca) passa a ser uma prática social que se desenvolverá até consolidar o aparecimento do que hoje se nomeia e reconhece como feira, *praza* ou mercado, quando a “*economia*”, segundo Guijarro (2010), vai representar um salto qualitativo de grande envergadura nas dinâmicas das comunidades humanas.

Cuando se definió el Neolítico por primera vez, el criterio establecido fue esencialmente tecnológico (...). Con el paso del tiempo esa división técnico-tipológica se fue aquilatando y dotando de sentido mediante el añadido de elementos (...) No obstante, desde un momento temprano de la investigación se advirtió que la verdadera transición, el elemento que señalaba un inequívoco salto lógico en la escala del desarrollo cultural fue la economía (...). De forma resumida, el cambio se situó en la aparición de una economía doméstica entendida como la base de un control de las especies animales y vegetales por parte de las comunidades humanas (...) (Jiménez Guijarro, 2010: 495).

de la agricultura y de la ganadería). Finalmente, desde los años ochenta, J. Cauvin lo identificó con base a un cambio de las mentalidades...” (Aurenche & Kozlowski, 2003: 171). O desenho do estudo da Praza do Mercado de Abastos de Compostela se faz entre as duas últimas acepções.

Quando os excedentes das plantações começam a ser trocados por outros objetos, primeiro de maneira direta - de mão a mão - entre os membros da comunidade, e, posteriormente, de maneira mais ampla e socializada com outros assentamentos, já se configura um espaço coletivo e compartilhado de relações sociais de mútua necessidade de um processo vincular que vai sendo desdobrado até a conformação do que hoje nomea e se assente como atividade de mercado.

Essa troca aparecida nas sociedades primitivas fazia-se em um tempo e em um espaço físico que poderia estar centralizado, localizado e concentrado, ou não. Estudiosos como Aurenche e Kazlowski (2003) ilustram de maneira clara esse fenômeno social. Discrepa-se, entretanto, do enfoque dado, quer dizer, não é um sistema de produção com base na demanda, é uma relação grupal vincular de necessidades compartilhadas. Ou seja, o que os teóricos descrevem como “sistema de producción en base a la demanda” na verdade, é a configuração de um processo vincular - quer dizer, de necessidade - sem precedência, que dá forma mais homogênea à organização grupal do assentamento humano. Ou seja, é no processo vincular histórico que se entendem a existência do fenômeno descrito pelos estudiosos, as mudanças e o desenvolvimento cultural.

Está-se diante de um desenvolvimento de grande envergadura que se funda no cultural, “homogeneidad cultural” (Aurenche & Kozlowski, 2003: 155) no qual os artesãos, sujeitos com atividades especializadas, também (com a troca como atividade coletiva grupal) foram cimentados em uma uniformidade e semelhança cultural inédita e universal, que vai definir a etapa neolítica (Aurenche & Kozlowski, 2001).

La naturaleza de los materiales y la complejidad de las técnicas de fabricación exigirían una especialización avanzada que invita a preguntarnos sobre la existencia, en estas comunidades neolíticas, de artesanos especializados. A partir de este punto se reabre el viejo debate, imposible de zanjar, sobre si eran los productos acabados los que circulaban, o bien si eran los artesanos itinerantes los que fabricaban estos elementos mientras se desplazaban de

poblado en poblado. En el primer caso, debemos suponer la existencia de un sistema de intermediários, ¿también especializados?, encargados de distribuir los productos acabados a grandes distancias (Aurenche & Kozlowski, 2003: 155).

A citação apresentada sintetiza várias questões que, tratando do surgimento do processo de fabricação artesanal e dos sujeitos que a produzem, desvela a questão da dinâmica da distribuição dos produtos fabricados, ainda que com o interrogante em que “si eran los productos que circulavam ou si eram os artesãos” (Aurenche & Kozlowski, 2003: 155). Nesse sentido e dentro da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá os dois fenômenos (circula a mercadoria, mas também há a venda ambulante, quer dizer, que também circulam as pessoas). À continuação, os teóricos seguem especificando o contexto Neolítico adentrando a aparição da cultura e do gado como aspecto de homogeneização:

Fueran cuales fuesen las modalidades adoptadas, nos “inclinan” a admitir la existencia de un sistema de producción en base a la demanda y de distribución de bienes de consumo o de prestigio. Incluso si los detalles se nos escapan, sólo una organización análoga a un cierto tipo de “mercado”, que implicase oferta y demanda, puede explicar la existencia de este fenómeno. Podemos atribuir probablemente a una organización de este tipo la homogeneidad cultural, nueva y casi universal – a escala del Próximo Oriente – (...). Esta homogeneidad define al Neolítico, tanto como la aparición de la agricultura y la ganadería (Aurenche & Kozlowski, 2003: 155).

Também os autores expõem uma provável dinâmica de oferta e demanda, ainda que discrepante dessa apropriação de oferta e demanda no Neolítico, como já foi dito, dado que se trata mais de relação vincular, de mútua necessidade compartilhada. Logo, aborda em analogia os primeiros assentamentos humanos e a atividade de mercado, entendendo o Neolítico como terceira etapa da pré-história, e no qual se desenvolve uma economia inicial de comércio em forma de intercâmbio, o “trueque”.

Buscar los orígenes del comercio es imposible, pues el intercambio de bienes es una de las características propias del hombre en cuanto a tal y puede remontarse, incluso, a los primeros *homo sapiens* conductualmente modernos que habitaron África hace decenas de miles de años, antes de su dispersión por todo el globo (Amunátegui & Carvajal, 2016: 1).

Outra referência de estudo de territórios no Neolítico sinaliza as mudanças nas estruturas sócio-econômicas, resultando em grande impacto ideológico na conformação de variados aspectos sociais. Desde o próprio início do desenvolvimento da humanidade, como a conformação de uma atividade de “*mercado*” - de troca vincular - e de arte, por exemplo. García Atienzar (2010) utiliza a expressão “*realidad socioeconómica*” para entender as dinâmicas desse momento histórico, a arte e a cultura e suas relações com as dinâmicas “*socioeconomica*”, e situa a arte em foco quando afirma que esta poderia se manifesta para justificar a realidade nova e sociol-econômica: “la transformación/consolidación de las estructuras socioeconómicas en las que las actividades pastoriles (...). Así, el arte se convertiría en un instrumento de refuerzo y justificación de la nueva realidad socioeconómica generada tras el asentamiento inicial en los territorios de expansión neopionera” (García Atienzar, 2009: 2010). Trata-se do impacto e mudança do universo simbólico, dada as mudanças nas dinâmicas de produção e de troca, “*comércio*” (para alguns estudiosos) ou intercâmbio, configurando imaginários sociais que se materializam em arte.

Nas economias mais primitivas (entendida como a primeira forma de organização humana que buscava atender às necessidades básicas do indivíduo no grupo) tem-se consolidada a troca. O mesmo excedente da produção, entretanto, que assenta as bases para a troca, classificada como maneira igualitária vincular, dá contexto material para a apropriação indevida e o surgimento das classes, fundando e concretizando, dessa maneira, uma mudança no processo vincular entre os sujeitos, que subsiste até os dias atuais.

Há que frisar, porém, que não se adentra aqui na questão posterior, da apropriação indevida e o surgimento das classes que se

dá a partir da realidade de configuração do aparecimento do excedente da produção. Há que se deixar claro, entretanto, que, nesse momento se deu uma mudança significativa e fundamental no processo vincular que está sendo sinalizado a respeito do vínculo. Ou seja, fica para trás a sociedade coletiva e surge ou instauram-se, se desenvolvem e se consolidam as sociedades de classes. Há uma mudança na estrutura vincular entre os seres humanos: “De hecho hay historia debido a que cambia la estructura de los vínculos entre los hombres” (Bernal, 2014: 5).

Para os Babilônios, Egípcios, Gregos e Romanos, Árabes, Astecas, Incas e Maias, dentre outros agrupamentos ou contexto social do passado, o intercâmbio de produtos e bens de várias categorias se deu com profundas mudanças nas dinâmicas interacionais e vinculares. Como consequência, se tem a conformação de um espaço próprio para essa atividade (o intercâmbio de produtos e bens), dentre outras dinâmicas, que retroalimenta as citadas sociedades, ainda que se dêem como base vincular diferenciada do comunitarismo (o comunitarismo entendido como um vínculo inicial que foi rompido). Essa configuração vincular de intercâmbio, porém, se institui com tal força que chega a adquirir uma importância sem precedentes para a história e desenvolvimento da humanidade, na acepção dos processos grupais humanos. É assim que a história da Praça do Mercado de Abastos de Compostela deve começar a ser enfocada, a partir deste lugar discursivo da ancestralidade, que segue vinculando pessoas e povos motivada pela raiz de mútua necessidade compartilhada.

Figura 7 - Esquema dos temas centrais na Pré-História:



Fonte: Elaboração Própria.

Tanto em épocas neolíticas, como nas posteriores sociedades humanas, e ao largo da composição e estrutura da própria história

destas, como também em épocas modernas e atuais, a atividade da *Praza*, feira ou mercado²⁹ segue e permanece viva, ainda que ressignificada, desde o ponto de vista simbólico de necessidades materiais tocáveis, espirituais e relacionais. São práticas dadas de forma concreta, em termos das atividades que se desenvolvem nesses espaços simbólicos de atividade de troca ou mercado, fundadas na relação de classe.

Desde o intercâmbio até a compra-venda de mercadorias e serviços, trilha-se um longo caminho de desenvolvimento histórico-humano que, ainda nos dias de hoje, não parece prescindir do processo vincular como base, ancorado na ancestralidade e na necessidade compartilhada. Essa necessidade é a que vai sentar os pilares de uma instituição - a *Praza* - que tem suas origens afincadas em um passado tão distante que pode ser datado de 7000 a.C.³⁰

Esse espaço cultural-social-económico e, de maneira fundamental, de dinâmicas educacionais (como a maneira como o indivíduo no grupo se erige e se entende), segue tendo um caráter de rotunda atualidade para os seres humanos ao reescrever-se e ressignificar-se através dos tempos e que se expressa em universo cultural humano.

A natureza educativa desse processo, na construção de um universo compartilhado pelos seus membros, se dá na elaboração de uma aprendizagem no viver em grupo, como também a de satisfazer as necessidades individuais e coletivas (instauradas na pré-história comunitária). Dessa maneira, se estruturam os princípios de uma educação social remanescente histórico, no sentido quiroguiano: “(...) desde o começo da História e como condição da mesma o grupo é um sistema de relações cujo sentido é empreender ações destinadas a

²⁹ A equivalência ao termo em castelhano *plaza*, *plaza de mercado* ou *plaza de mercado de abastos*, como também galego *praza* é CEASA no Brasil.

³⁰ O presente estudo parte do processo vincular no Neolítico a partir do contexto do trabalho e da comunidade. O contexto em data é padrão nos estudos específicos do tema, cita-se por exemplo a Capote que utiliza esse lugar datado (Capote, 2013: 184).

satisfazer as necessidades de seus integrantes. (...)” conjugado à aprendizagem prática (Quiroga, 2014: 5) e “Em cada experiência há uma aprendizagem explícita que se objetiva e condensa num conteúdo ou numa habilidade” (Quiroga, 2014: 1).

Essas denominadas habilidades, versadas por Ana Quiroga (2014), estarão entendidas no aspecto do sujeito, da horizontalidade do grupo como “Capacidade” em Amartya Sen (1995). Ainda que a base do satisfazer as necessidades dos integrantes do grupo tenha sofrido uma drástica mudança,³¹ em forma de fissura e/ou rompimento, configurada na apropriação indevida do excedente da produção socialmente produzido; assim, desde as sociedades antigas até as atuais, as necessidades da comunidade já não foram atendidas como na ancestralidade das sociedades primitivas. Igualmente certo é que estas seguem sendo pilares e marcam pautas de condutas na atualidade.

Outro aspecto importante, em termos fundacionais de estruturas sociais, se dá através do processo de mudança, na substituição do velho pelo novo, em espiral. Essa dinâmica espiralada que vai elevar as estruturas sociais a um nível superior: “El aprender se desarrolla como una secuencia no lineal, sino espiralada” (Quiroga, 2014: 5), no qual o novo para poder existir se constrói e se constitui a partir do velho, compondo o transcurso de mutação, no qual cada final marca um novo princípio.

Esse fenômeno de mudança se dará através de processos de inovações - movimentos tecnológicos ou de modernização - com formas de fazer diferente e de estabelecer outros vínculos, novos ou modificados, das sociedades antigas. É nessa dinâmica em espiral que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela segue seu curso hoje. Reconstruir-se e incorporar elementos novos não é algo contemporâneo para os seres humanos; mais bem está dentro de um padrão de comportamento que se repete, é o *pattern*, descrito por

³¹ “El sistema neolítico, organizado y desarrollado a lo largo de un extenso milenio (8300-7000 a.C.), se encontró, a pesar de su eficacia, sometido al cambio a partir del 1000 a.C.” (Aurenche; Kozłowski. Barcelona, 2003 pág.: 120).

Pichón-Rivière (2015) como um modelo de conduta reverberado: “La mayoría de las innovaciones, incluso si tuvieron sus tanteos durante el Protoneolítico (...). A lo largo de ese milenio asistimos a la desaparición definitiva del viejo mundo, sustituido casi en todas partes, aunque con ritmos diferentes, por un nuevo mundo: el Neolítico” (Aurenche & Kozłowski, 2003: 115).

Entender a feira atual de maneira geral, mas também a Praça do Mercado de Abastos de Compostela de maneira específica, passa necessariamente por entender as origens históricas em termos espacial e temporal, também de contexto da conformação social dos primeiros assentamentos humanos e das civilizações antigas, enfocando o histórico-sócio-econômico no processo de aprendizagem ecológica. Ou seja, do ser humano com outro ser humano, e desses com seu entorno na conformação da humanidade e seu desenvolvimento, no qual o processo de resignificação e ao mesmo tempo de substituição do velho pelo novo se dará de maneira espiralada, quer dizer, dialética. Assim, o velho traz em si os fundamentos que o destruirão.

Em que realidade sócio-histórica se conforma o que hoje entendemos como Praça? Esta realidade e configuração se remontam a períodos históricos, sociais e sócio-educacionais antigos, pré-históricos e se aplica como um dos enfoques de estudo dos processos educativos.

A feira, a Praça, *plazas de mercado*, etc foram modelados a partir da atividade de intercâmbio e a satisfação das necessidades, em um processo vincular basilar de associação, ao mesmo tempo, da conformação da humanidade, e assim sobrevive até dias atuais esse fenômeno, antes “feira”, que segue existindo e redescrivendo-se. É uma instituição universal, concreta, que na atualidade percebe-se, por exemplo, na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Dessa maneira, entende-se a atividade de mercado na Praça do Mercado de Abastos de Compostela hoje como sendo uma atividade vincular. O vínculo é definido por Pichón-Rivière como sendo “la mínima unidad de análisis” (Pichón-Rivière, 2000:) e é a partir dessa unidade de análise que se entenderá o início do processo vincular que

foi desenvolvido até se conformar na atividade de mercado, tal como se entende no momento contemporâneo.

Apreende-se vínculo assim, como base para o processo de comunicação e aprendizagem. Ou seja, através da interação que é vincular, é que se dá a aprendizagem: “Y somos también en cada aquí y ahora el punto de llegada de una historia social y vincular que puede ser caracterizada como una trayectoria de aprendizajes” (Quiroga, 2012: 34).

2.2. MESOPOTÂMIA³²: A CIDADE E O MERCADO

É na Mesopotâmia que o desenvolvimento dessa atividade vincular ancestral (entendida hoje como atividade de mercado) ganha corpo. Esse é também o lugar no qual se dá o desenvolvimento de ferramentas sociais para o incremento qualitativo e quantitativo da atividade e, por conseguinte, o fortalecimento da vinculação, de necessidades intercambiadas e compartilhadas.

En pocas palabras, a pesar de la predominancia de las áreas económicas de subsistencia y de distribución, en Mesopotamia existía el espacio económico para el desarrollo de tipo comercial que satisfacía las necesidades de intercambio tanto dentro de las unidades políticas urbanas, como entre ellas. Si bien su importancia fue variando en cada período histórico, y existió un mercado declive en sus actividades hacia mediados del segundo milenio a.C., estos constituyeron el corazón de una suerte de economía capitalista ya durante el Imperio Neoasirio durante la primera mitad del primer milenio a.C., gracias a un comercio basado en intercambios de mercado (Perelló & Carvajal, 2016: 39).

³² “La primera fase de transformación cultural en el área de los ríos Tigris y Eufrates, lo que después será la Mesopotamia, se ubica en el período conocido como protoneolítico, alrededor del 7500-5500 a.C.” (Márquez Pullido, 2014).

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela já na Modernidade também foi construída com o objetivo de satisfazer às necessidades de fornecedores existentes no momento histórico, instituída a partir de 1870³³ (Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014: 17), dentre outros objetivos. Da mesma forma, também teve momentos de êxito e declive, porém segue resistindo, ressignificando-se e sobrevive. Essas correspondências entre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela e o passado na Mesopotâmia não são casualidades, antes atendem a fenômenos próprios de um espaço de ligação que vai sendo ressignificado ao longo da história. Dessa maneira, as Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, quer dizer padrões coletivos e construção de ferramentas comunitárias para apropriação do contexto social em constante processo de troca, também como aprendizagem da realidade relacional vincular histórica.

A importância subjetiva do espaço de mercado como lugar vincular é tão acentuada que foi motora de evolução, inclusive em termos de numeração e de código escrito. Na Mesopotâmia, na China, em *Mesoamérica* e quiçá em Egito, se inventou a escrita (Mosterín, 1993: 31), a qual é a coroação da busca e necessidade de registrar informações: “La escritura representa el estadio final en un proceso histórico de registro creciente de informaciones” (Mosterín, 1993: 30). A pesar de que antes da escrita já se tem sistemas gráficos numéricos desenvolvidos a partir de unidades métricas, que serviam de base de medida, igual de certo é que essas representações se davam para lembrar um número de objeto ou mercadoria enviado ou recebido, por exemplo.

Ou seja, o sistema numérico, a escrita, o dinheiro, dentre outros, se darão e estarão plasmados em ressonância com a atividade de mercado no contexto da sociedade de classe, vinculada ao desenvolvimento dos primeiros assentamentos urbanos como o posta em um cenário de uma elaboração cultural do conhecimento, segundo Márquez Pullido (2014: 4), “La ciudad era mucho más que la simple

³³ Ainda que o primeiro documento encontrado, que faz alusão à Praça é de 1832 (A.H.U.U.S.C, fl. 193).

acumulación generacional de conocimientos (...) puestos al servicio del ser humano. Se trataba de una elaboración cultural del conocimiento, una interpretación simbólica del medio cósmico y de la organización política de las instituciones” A questão das classes citada antes é a concepção apresentada da seguinte maneira em Vigotski:

Por ejemplo, los conceptos de clase social y de lucha de clase se manifiesta con toda nitidez cuando se analiza el sistema capitalista, pero son también la clave de todas las formas precapitalistas de la sociedad, aunque las clases sociales sean distintas, y no se den las mismas formas de lucha. Es decir, se trata de diferentes estadios concretos en el desarrollo de la categoría “clase social”. Pero todas esas características, que permiten diferenciar las formas históricas de épocas anteriores de las formas capitalistas, no sólo no se borran, sino que, por el contrario, únicamente resultan accesibles cuando se analizan a partir de categorías y conceptos obtenidos del análisis de otra formación superior (Vygotski, 1991: 262).

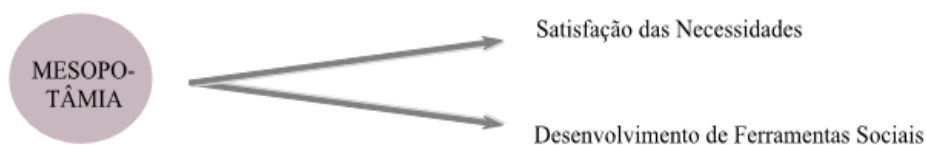
Em outras palavras, a atividade de mercado propicia e engendra uma série de ferramentas sociais, tanto no processo de desenvolvimento humano, como na composição de um encadeamento cultural; em Amartya Sen (1955) essas ferramentas desde o individual é denominada “Capacidade”.

As primeiras cidades que surgiram na Mesopotâmia aproximadamente entre 4000 a 3000 a.C., tinham sua organização ao redor do templo, onde havia ruas e um conjunto de habitações em que conviviam milhares de pessoas dedicadas a uma grande diversidade de atividades: carpinteria, joalheria, panaderia, escultura, pintura, música, etc (Márquez Pullido, 2014: 4).

Ao redor da grande cidade, havia dezenas de hectares de terras usadas para diversos cultivos (Márquez Pullido, 2014: 4). Dessa maneira, localizar o surgimento da atividade de mercado na Grécia ou em Roma carece de sentido, dado que a estrutura de cidade e a existência de uma atividade de “mercado” como funcionamento e dinâmica já eram plenas nas cidades da Mesopotâmia. Assim, entender o tradicional e o legado de um espaço como pode ser a Praça

do Mercado de Abastos de Compostela hoje passa, obrigatoriamente por entender e reconhecer uma reminiscência histórica que vincula ao sujeito em cima da conformação e configuração do medievo, de uma Europa ou inclusive de estados nacionais.

Figura 8 - Esquema dos temas centrais na Mesopotâmia



Fonte: Elaboração Própria.

Conceber a Praça do Mercado de Abastos de Compostela por meio dessa cosmovisão para além de Europa vai determinar o entender da representação abastiana hoje, que é diversa, multidisciplinar, representativa do local e global e que ressoa como uma cultura comum, um espaço de encontro de anamnese, que seguirão sendo re-simbolisadas no desenvolvimento de processos históricos, sistematizadas continuamente.

2.3. A ATIVIDADE DE MERCADO NAS SOCIEDADES ANTIGA

2.3.1. Ágora

A estrutura das atividades sociais e comerciais nas feiras, *prazas*, *plaza de mercado*, etc. hoje podem ser assados com uma simples olhada às descrições de que eram esses espaços nas sociedades antigas. Na Grécia, por exemplo: “se instalaba cada día un sinfín de hombres y mujeres con los productos frescos de sus cercanas huertas, los animales de caza o corral y otros alimentos de elaboración casera, como quesos...” (López Melero, 2009: 117-118), onde as pessoas, independente do sexo, ofereciam produtos alimentícios. Essa encenação social se dava em um local específico e determinado com denominação própria.

Na antiga Grécia, já existia completamente conformado o “centro comercial”, que se denominava Ágora. Além de centro comercial, entretanto a Ágora era o centro cultural e político da sociedade, lugar no qual transcorria a toda a vida social das cidades-estados na Grécia antiga. Considerada como o próprio início das pólis (*cidades-estado*). A Ágora constituía-se desde o nível econômico e comercial, até o religioso, político, cultural, dentre outros: “Pero el verdadero centro de vida y actividad, tanto económica como social y política, de Atenas era el ágora (...). En el espacio abierto se ofrecían, entre las nueve y las doce horas del día, los más variados productos, distribuidos por especialidades” (López Melero, 2009:18).

Também para os estudiosos Fontana (2001) a Ágora tinha funções diversas, especificadas em atividades sociais variadas: “El ágora era fundamentalmente el centro de la actividad humana secular... El ágora realizaba las funciones de mercado, de punto de encuentro para el intercambio de productos y noticias, y de núcleo de las actividades sociales, políticas y judiciales...” (Fontana, 2001:311). Era, sem dúvida, o lugar de aprendizagem social: “Recordemos que la educación en Platón, Plutarco o Pestalozzi ya era vocacionalmente social (...) la plaza pública (el ágora) es, además de la casa y la academia, uno de los espacios pedagógicos más estimables” (Caride, Grandaille & Caballo, 2015).

Fontana e Pontán (2001) ao citar uma Ágora específica de uma cidade grega, enfatizam o caráter amplo desse espaço superlativo, destacando personagens (papéis e categorias sociais) e ações concretas da vida cotidiana, daquela realidade que deixa marcas claras do antigo no moderno da atualidade: “El ágora se hallaba flanqueada por varios pórticos de columna cubiertos, llamados stoas. (...) Rodeando las estructuras permanentes y en el interior de las stoas podían verse tiendas, las mesas de los banqueros (...) gente que compraba y vendía todo lo necesario” (Fontana, 2001: 312).

Nessas feiras antigas ou lugar de atividade de mercado (dentre outras especificações), além de centro religioso, político e econômico na antiguidade, vendiam-se variados gêneros (animais, verduras, telas, utensílios, etc.). Além disso, as práticas das atividades desenvolvidas

nesse espaço social eram igualmente diferenciadas, marcadas por dinâmicas e papéis sociais definidos e diversificados. Tudo sobre regras concretas, sistematizadas e estabelecidas.

Certos papéis sociais e categorização de atividades também já estavam instituídos na antiguidade. López Melero (2009) sinaliza nos seus estudos a existência, desde a antigüedad, da figura do vendedor ambulante, por exemplo, além de notificar o rol social de desprestígio desses agentes citados. Definindo a Ágora como um espaço de trabalho de mulheres e homens, e descrevendo a atividade de vendas e categorizando os produtos vendidos como de hortas próximas, animais e outros produtos alimentares, o estudioso também define a figura dos “magistrados” que se nomeavam “agorónomos”, que eram os encarregados de vigiar as atividades comerciais e de fazer cumprir as normas (López Melero, 2009: 115-117). Essas dinâmicas e papéis sociais dadas na antiguidade seguem vigorando em espaços como a Praça do Mercado de Abastos de Compostela na qual há figuras de controle e da ordem especificadas (pessoas da segurança e policiais), mas também da gestão (Cooperativa), também da limpeza, dentre outros. Há registros que refletem categoria de atividades e valores sociais nessas feiras ou mercados antigos e que perduram até hoje. Dessa maneira, pode-se constatar como as categorias sociais, tanto em termos de diferenciação como em conceitos discriminatórios (tal qual no sentido do prestígio e das relações de poder) podem ser herdadas. Como exemplo dessas dinâmicas pode-se tomar o coletivo ambulante que, já nas sociedades antigas, ocupam um lugar de desprestígio:

Lo que se fabricaba en los talleres atenienses se vendía allí mismo, y en muchos casos se hacía de encargo. Sin embargo, también existía desde antiguo la figura del vendedor ambulante, que acudía a las aldeas en los días de mercado e iba por las casas de labor ofreciendo artículos muy diversos. Este tipo de comerciante, que gozaba de poca estimación social, vendía también en el Ágora. Unos magistrados especiales denominados agorónomos vigilaban las actividades comerciales y hacían cumplir las normas establecidas (López Melero, 2009: 115-117).

As práticas sociais educacionais do espaço de necessidade são, de modo objetivo, um legado e herança identitária e cultural. As capacidades transmitidas através de um longo transcurso histórico, que hoje seguem tendo plena vigência e se especificam em educação social como padrão cultural. Isto é, a aprendizagem como ferramenta de apropriação da realidade (segundo a teoria de Pichón-Rivière, 2005) é herdada, há um padrão comportamental, são Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas.

Figura 9 - Esquema dos temas centrais na Ágora



Fonte: Elaboração Própria.

Similarmente, alguns estudiosos de feiras livres sinalizam como uma das particularidades mais marcantes nas feiras o tópico da informalidade (Menezes, 2005; Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016). No contexto aludido à informalidade engloba-se também a diversidade de modos de trabalhos existentes, como também a relação da feira ou de espaços de mercado periférico ou marginal:

Nesse sentido, há indicações de que nos espaços urbanos de países periféricos a informalidade funciona como componente que guia e enquadra a feira-livre como espaço próprio de baixo estrato da economia das cidades suburbanas. O espaço urbano das cidades dos países periféricos fornece várias indicações que servem como elemento norteador, para que possam enquadrar com segurança a feira-livre como pertencente ao circuito inferior da economia urbana dos países periféricos (Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016; Santos, 1979).

Essa questão do espaço periférico e circuito inferior da economia pede sentido no contexto. Trata-se de um caso de trânsito, de liquidez (Bauman, 2002) no processo de mudança de papéis e funções no qual o estado atual da *Praza* não adquiriu uma formato fixado, no aspecto de circuito periférico ou de lugar de centralidade e transita entre esses dois lugares. Estão em jogo diferentes posições enfrentadas (periferia *versus* centralidade) e outras possibilidades de enquadramento.

Ainda na dinâmica da contextualização no marco histórico de desenvolvimento e ressignificação da atividade de mercado, tem-se como sinônimo da Ágora (grego) o Foro (equivalente Romano). Ambos são considerados predecessores da feira ou da *Praza* na atualidade histórica e do que é visto como moderno.

2.3.2. Foro

Na Roma antiga, o termo Foro era usado para determinar o lugar no qual se estabelecia o mercado, que naquela altura estava localizado fora da cidade, daí o nome *forum* (do Latim) que significa fora e representava de maneira aberta uma ligação entre as cidades romanas com o mundo exterior, um espaço público e comum nas antigas urbes romanas. Esse espaço intitulado Foro tinha, da mesma maneira que a Grécia antiga, funções financeiras, religiosas, administrativas, econômicas, dentre outras. Era um lugar no qual os romanos faziam toda uma ampla vida social pautada nas necessidades, tanto material como espiritual.

Visualizar o Foro como um espaço de trânsito é compreensível. De trânsito e, também, como um lugar que une o que está fora ao que está dentro. É o inter-lugar como um espaço singular que não representa nenhum dos dois ângulos, e ao mesmo tempo sendo esses dois aspectos concomitantes (questões que tangem no coração da Praza do Mercado de Abastos de Compostela) na interseção do público e do privado, por exemplo. Com o passar do tempo,

entretanto, a partir do século VII a. C.³⁴ o Foro foi transferido para dentro, trasladado para o centro da cidade, lugar no qual estava situada toda a estrutura social de grande relevância. Assim, no movimento dinâmico, o que estava fora e o que ocupava o lugar fronteiro (material e simbólico) depois são transmutados para o centro. Núcleo esse entendido tanto de maneira físico-geográfica, como de maneira simbólica. Esses movimentos dialéticos e mutantes do contexto social em espaço de necessidade se dão através das mudanças por dinâmicas de aprendizagem postas à cotidianidade dos processos grupais.

No Foro já trasladado ao centro das cidades Romanas, têm-se as *plazas*. Quer dizer que o movimento de trasladar o Foro de fora para dentro das cidades repercute tanto no sentido social do lugar (que deixa de exercer o papel de ligação e passa a ser lugar central), como na conformação arquitetônica destas. Quer dizer que os Foros, uma vez dentro das cidades romanas, passam a ser configurados de maneira singular na arquitetura, as tão conhecidas fachadas com pórticos das cidades romanas, conhecida como sendo o lugar do coletivo: “En sus orígenes, el ‘espacio público’ (o espacio de ciudadanos) fue un sitio abierto en el que las familias, familias y tribus que constituían la ‘sociedad urbana’ de la antigüedad deliberaban cara a cara y a viva voz para decidir colectivamente lo que competía al destino de todos. Ese espacio fue llamado “ágora” entre los griegos y “foro” entre los romanos” (Salazar Vergara, 2013: 17). Também há que sinalizar a centralidade e diversidade de funções do citado espaço, como, por exemplo, das atividades que se desenvolviam como “cívicas”: “la plaza cívica para los europeos, es la máxima

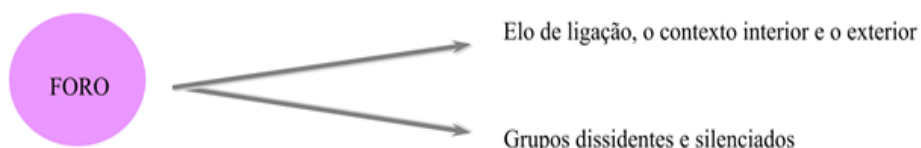
³⁴ O século VIII a. C. foi um período de grandes e profundas mudanças nas civilizações: Grécia seguia expandindo-se, primeiros Jogos Olímpicos (776 a.C.), nascimento da Grécia Antiga. Por que o Foro passa para dentro da cidade? Pela importância ou para proteção de invasores? Para melhor controlar as atividades nelas desenvolvidas? Não se encontrou informação que trabalhe o tema, entretanto, esse fato de o Foro estar fora e o seu movimento em direção à centralidade sinalizam o processo de avanço e também de retrocessos, de expansão e de introspecção dados em espaços sócio-culturais e educacionais, como pode ser a *Praça* e que a transforma e constitui.

representación de esta idea de ciudad, el lugar donde los representantes y representados se juntan para debatir los intereses de la ciudad” (Tapia, 2014: 12).

Consideram-se os foros como antecessores das *plazas* ou feiras ressignificadas e que sobrevivem na atualidade social e econômica moderna (Salazar Vergara, 2013). Estes precedentes conformam um sistema de relações entre sujeitos que estabelece uma unidade com as dimensões culturais, sociais, éticas, econômicas, ambiental, educativas, tanto nas dinâmicas comerciais, como nos processos educativos, como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas que vigoram até os dias atuais.

Retomando o aspecto da venda ambulante, por exemplo, a visão depreciativa relativa à figura do ambulante representa uma concepção ideológica a respeito dos diversos papéis sociais existentes nos espaços de intercâmbio e de atividade de mercado, este visto desde fora, distanciado do lugar do coletivo que vivencia esse papel social. A atividade ambulante, no entanto, é entendida de forma diferente desde o lugar de fala dos sujeitos dessa posição, como autorização, como prática de quem se dedica a ela por sobrevivência. Também é lido a partir daquele que subleva a norma, rebelar-se a um sistema estabelecido ou propõe outra maneira de estar, fazer e atuar. É o que Scott (1990) nomeia de grupo um subalterno que desenvolve uma subcultura dissidente.

Figura 10 - Esquema dos temas centrais no Foro

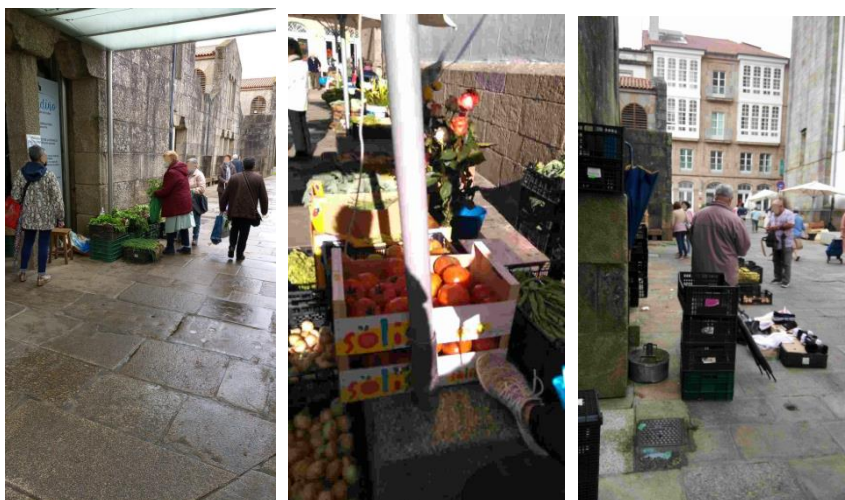


Fonte: Elaboração Própria.

Campoy García (2015) em seu estudo sobre “O Teatro Popular de Marionetas”, sinaliza esta nomeada feira enquanto um meio de comunicação subalterno e que, se aparando nos estudos de Scott (1990) e suas terminologias, entende as expressões de dissidência

distintivas como um discurso oculto da subalternidade: “(...) se ben en cada contexto histórico e cada situación de dominación específica, cada un dos grupos poida xerar espazos de disidencia e expresións resistentes específicas” (Campoy García, 20015: 30). A dissidência como maneira de expressar resistência soma-se ao aspecto da itinerância. Essa característica itinerante um dos principais fatores que vai se tornar a característica diferencial e basilar desse coletivo que integra uma subcultura específica.

Fotografias 1, 2 e 3 - Lugares itinerantes na *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2020 e 2018.

De todas as maneiras se fala de uma prática social estigmatizada, tanto a do vendedor ambulante, como a do feirante em si mesmo, porém, e também de resistência desde tempos históricos antigos, é que, hoje, seguem em pleno vigor. Quer dizer, esses papéis perifizados seguem em voga e remetem a uma (hipotética) ancestralidade vincular: vendedores ambulantes, em banco de pedra, montando o “expositor” com caixas, dentro ou fora da *Praza*, são exemplos ilustrativos do lugar social itinerante.

Entender o passar do tempo e a permanência desses lugares comuns, sua manutenção, postas em aplicação e em plena validade e

permanência, vai determinar a prática atual a respeito dessa vivência e traquejo humano na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, lugar social, político e educacional que forja e determina condutas por intermédio através da representação e ressignificação de função e seu entendimento para canalizar o discurso oculto, ilustrar a heterogeneidade, interpretar o diferente e expressar a resistência.

2.3.3. Zoco

No contexto da invisibilidade e periférico, e em razão da relevância histórica da cultura muçulmana na sociedade da península ibérica (mesmo que subjacente ou ocultada) é necessário também referir ao termo “Zoco” como lugar do silêncio da heterogeneidade, variado e híbrido dado que “É no silêncio que as diferentes vozes do sujeito se entretecem em uníssono. Ele é o amálgama das posições heterogêneas” (Orlandi, 2007: 90). A configuração dessa estrutura social matizada, para também poder entender hoje a configuração da Praça do Mercado de Abastos de Compostela na modernidade (modernidade aqui entendida como início e desenvolvimento do capitalismo no século XIX segundo Perry, 1986³⁵), está ligada ao feito do apagamento do período islâmico na Península (1500). Esse aludido apagamento dado principalmente na Galiza e em Santiago de Compostela, no contexto sócio-histórico de terceira cidade do mundo em termos rotas de cristianismo - “El islam en la Península Ibérica termina abruptamente a finales del siglo XV...” (Salvatierra Cuenca, 1995: 16) -, pese a isso, a conformação da Praça do Mercado de Abastos de Compostela deve ser entendida também com o conhecimento do Zoco como espaço de educação (ativo, interativo e multifacetado em plenitude) em medida de economía social, e também

³⁵ Ainda que o estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se iira no enfoque sistematizado por Dussel (2000), relativo ao “deslizamiento semántico del concepto de “Europa”” (Dussel, 2000: 40), incluir a óptica diferenciada faz parte da cosmovisão e perspectivas sobre a modernidade, aquí como desenvolvimento do capitalismo, que vai dar significado ao estudo do surgimento dos conceitos dos edifícios dos mercados acristalados.

de ocultação e silenciar, de um contexto e realidade vivenciados em sinergias, inclusive do que se tenta apagar.

O Zoco, por sua vez, de raiz árabe *suq*, é entendido de maneira mais extensa, como um tipo de mercado ou feira tradicional, localizado em uma praça dentro da cidade. Sua importância, para depreender o estudo da configuração na atualidade das feiras, *prazas*, *plazas de mercado*, etc. plasma-se na importância comercial no sentido do próprio desenvolvimento das cidades e a grande importância nas sociedades muçulmanas passadas e presentes:

El principal sector económico de las sociedades islámicas medievales era, como en el resto de las sociedades de la época, la agricultura, pero, al contrario de lo que sucedía en la mayoría de las sociedades feudales cristianas, el comercio jugará desde el principio un papel fundamental, clara herencia de la tradición comercial de la sociedad árabe preislámica. Este componente comercial incidirá de forma importante en el desarrollo de las ciudades, ámbito que parece casi imprescindible para el desarrollo comercial, como centro de producción y consumo de productos manufacturados, lo que implica la existencia de mercados, el más característico de los cuales será el zoco (Salvatierra Cuenca, 1995: 16).

Tem-se claro como a agricultura e o comércio, como conceitos e modelos de atividades sociais se juntam e, já nesse momento, o comércio se configura como superior à agricultura, embora dependa desta para sua existência. A iniciante, e/ou em processo de desvinculação entre agricultura e comércio já se esboçava de maneira paulatina nas sociedades antigas.

Ainda que seja certo que a importância comercial e econômica não seja tão significativa na atualidade, a religiosa e simbólica sim: “Em toda ciudad musulmana (...) su centro es siempre la mesquita catedral... El segundo elemento de la ciudad musulmana es el mercado (...). La unión de los zocos y la mesquita ejerce una extraordinaria y poderosa atracción (...)” (Torres, 1985: 9). Isto é, essa relação estabelecida entre Catedral de Santiago de Compostela e Praça do Mercado de Abastos de Santiago se plasma não por casualidade, senão

que está assentada em um padrão dado, que está sendo retomado e ressignificado na atualidade.

Quer dizer, Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas reverbera o *partem* pichoniano (padrão que se repete), uma certa repetição e ressignificação em espiral (posto em um nível superior) de uma mesma MAC: “Se encara desde la história, desde el pasado. Lo vivido, lo aprendido es el referente, el marco referencial y de experiencia desde el cual interpretar el presente. Si no podemos reconocer lo diferente no podemos aprender” (Quiroga, 1997:13). A educação é processual e está historicamente determinado, se constitui de maneira dialética, na qual a identidade do Zoco dialoga e reverbera na *Praza*.

Pichón-Rivière propõe a aprendizagem como uma “maiêutica grupal”, maiêutica no sentido socrático da palavra. Na práxis comum, cada um recupera seu próprio saber e experiência e o saber e a experiência do outro. Na dialética de interação e da tarefa compartilhada, todos e cada um são protagonistas de seu esclarecimento como sujeitos do conhecer. Todos são filhos de sua própria aprendizagem. É o diálogo grupal que possibilita a conceitualização, a conquista de um nível simbólico que integra o plano de experiência, mas também o supera. É elaborado assim um marco referencial comum que orienta para a ação (CIEG, 2010: 25).

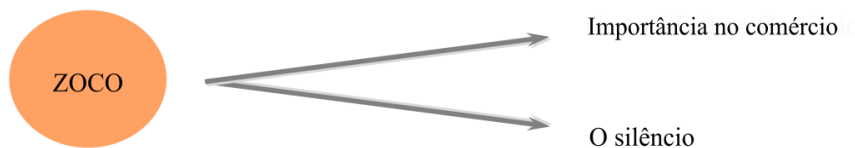
Esse marco referencial comum, comunitário, aqui se nomeia de Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas que, além dos processos educativos concretos, também compõem o caldo de cultivo da cultura, o lavradio de aspectos representativos de um coletivo. O zoco é, indiscutivelmente, um lugar de socialização (García Atienzar, 2009: 95).

A cultura do mercado existe e sobrevive, como legado e herança, independente de sistema econômico, modelo social e de momento histórico como ancestralidade, ainda que ressignificada e matizada, no contraste e no adaptar-se, através dos fluxos e dos influxos, da superação do conflito, para assim, seguir existindo.

Múltiples factores: geográficos, históricos, económicos, normativos, administrativos, de urbanismo, etnológicos, productivos, etc... y sociales están integrados en la comprensión de lo que puede ser un zoco. La “cultura del zoco” nos puede ofrecer, además de su temperatura comercial y económica, una densa información...” (Salvatierra Cuenca, 1995: 29).

Ao longo da história, o que se compreende como Zoco vai muito além da definição em termos de palavras, sendo não somente um lugar de compra e venda de vários elementos, se não e principalmente um lugar central onde se desenvolve a vida comunitária de uma localidade, coincidindo com o descrito anteriormente a respeito do desenvolvimento em Roma e Grécia antigas.

Figura 11 - Esquemas dos temas centrais no Zoco



Fonte: Elaboração Própria.

É importante destacar, entretanto, que o Zoco tem características próprias ou particularidades. Sinalizar essas diferenças neste estudo tem especial relevância devido ao fato da cristalização social em uma estrutura sócio-histórica católica da cidade de Santiago de Compostela. Os vestígios de um legado gregário, entretanto, permanecem, não como uma unidade nem linearidade, se não como múltiplos e ressignificados. Ainda que encobertos ou silenciados, senão como múltiplos, no processo do recuo descrito por Orlandi: “O silêncio é assim a “respiração” da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito” (Orlandi, 2007: 1).

Entendendo o Zoco dá para se entender as estruturas sociais que superam este desenho social fechado e cristianizado em uma maneira

específica de conceber a realidade social, que é, de maneira oposta, sempre plural, múltipla. Quer dizer, a cultura do mercado, como prática social, existe, ainda que apenas no imaginário histórico, como modo de vida e, no processo grupal, atende a uma necessidade compartilhada e historicamente instituída, e não a de particularizar-se em exclusivo e ser reservada a um momento histórico, continente, região ou país.

Para o estudioso Chalmeta Gendrón, no livro *El señor del zoco en España*, (1973), a óbvia definição de mercado árabe em dicionários não alcança abarcar o mínimo necessário do seu significado, nem para defini-lo para entendê-lo. Sendo assim, o teórico desenvolve ao longo do seu extenso estudo o significado social e económico do que se nomeia como “zoco”. O investigador conceitualiza o termo a partir de vários enquadramentos e fala do ““solar del mercado” lugar de encuentro para la transferencia de bienes de unas manos a otras (...) solar del mercado no tiene por qué ser forzosamente motivo que justifique la aparición automática de la teoría económica creada por los economistas” (Chalmeta Gendrón, 1973: 31).

Também, na citação seguinte, ilustra-se uma conceitualização do lugar de mercado desde uma posição específica e singularizada, na qual as atividades e relações humanas podem ser diversas. O citado raciocínio que alude à posição do sujeito vai configurar uma maneira de entender e de viver a feira, *praza* ou *plaza de mercado*, etc.; não é somente um mecanismo de oferta e preço, do ponto de vista comercial, mas trata-se de um amálgama histórico e simbólico em constante emergência na atualidade.

Un lugar de mercado no precisa de un “supply-demand-price mechanism”. (El mercado mediaeval se acerca mucho a este tipo.) El lugar del mercado no necesita siquiera implicar un precio (libre o fijado) y cabe sea un mero lugar de encuentro para trueque de un determinado género por otro. Puede tener emplazamiento fijo y estar constantemente abierto, o sólo en determinados días; puede tener instalaciones permanentes (edificios) o transformarse en yermo después de la celebración del mercado. Cabe, asimismo distintos emplazamientos y

diferentes épocas, estableciéndose una especie de círculo en el que las mismas personas viajan de un lugar a otro; y entonces tenemos “ferias”. Como se desprende de lo anterior, hay que tener sumo cuidado – y ello puede tener importantes consecuencias – para no presuponer automáticamente que la aparición del vocablo “mercado” en un texto histórico implica un “supply demand-price mechanism” en la sociedad y época estudiadas (Chalmers Gendron, 1973: 34).

O estudioso deixa claro como alguns matizes no funcionamento desse mercado podem gerar uma mudança na hora de dar nome. Além disso, adverte sobre possíveis confusões. Sendo assim, antes de designar e usar um vocabulário específico é de indescartável importância contextualizar os fatores estudados em determinada sociedade e época histórica, no que toca ao estudo das feiras, *praza*, *plaza de mercado*, etc. e seu desenvolvimento ao longo do tempo para poder inferir a multiplicidade de lugares que podem alcançar e abarcam a *Praza*.

Empreender o passado aporta luz ao entendimento da configuração da Praça do Mercado de Abastos de Santiago na atualidade, porque sinaliza e situa práticas recorrentes, dinâmicas, práticas ou processos educativos que, como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, configuram a realidade da atividade de mercado como âmbito social educativo: “ciertos fenómenos colectivos son medios de educación” (García Hoz, 1991: 19) em um setor sócio-cultural econômico que não pode ser entendido sem aspectos históricos antigos que hoje são dados no Mercado de Abastos.

Sintetizando, o zoco, como um momento silenciado na história da Galiza, segue existindo na qualidade de contexto social de atividade de mercado, nos matizes de práticas e na memória identitária de uma prática social fundada no silêncio e reelaborada em processos grupais, como uma maneira de contestação, de resistência: “Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)” (Orlandi, 2007: 29).

O Oriente ocupa um lugar eminente na história universal, mas o mundo árabe-muçulmano ocupa um lugar modesto demais em muitos espíritos. Essa amnésia tem uma história.... quando a Europa conseguiu estabelecer seu domínio sobre quase todo o planeta. Ela teve que não apenas controlar o presente dos povos que ela havia dominado, mas também apagar do seu passado o que poderia lhe fazer sombra (Reynaert, 2015: 15)³⁶.

Scott (2003) também fala do oculto como constitutivo da conduta “Lo que queremos decir, más bien, es que el lenguaje del discurso oculto no sólo ilumina la conducta o la explica, también a contribuye a constituir esa conducta” (Scott, 2003: 264). Assim, o zoco vive na conduta de mercado na Praça do Mercado de Abastos de Santiago, embora haja sido silenciado.

2.3.4. Mesoamérica³⁷: o invento do Outro

Prévio a pormenorizar a Mesoamérica é necessário aludir à construção do discurso do “Outro”, enquanto leitura pautada no oposto imbuído de distância e de uma valoração a partir de um lugar de poder. A construção e instituição do “Outro” que se fará na permanência dos ausentes ou silenciados desde o lugar de poder e de privação de um “Outro”.

Essa estrutura a partir da existência do “Outro” está posta de forma reiterada, quer dizer, se dá como “(...) repetição de uma situação passada” (Pichón-Rivière, 1985: 64). Além desse aspecto que passa pelo próprio, e da maneira como os sujeitos na posição de poder definem o conceito do “Outro” está tomado de um pensamento dominante configurado como um pensamento hegemônico que salta a todas as esferas da vida, inclusive e de maneira fundamental, a cultural em hegemonismo

³⁶ Tradução própria.

³⁷ Esse termo “Mesoamérica” foi dado por Paul Kirchhoff em 1943 (Bueno Bravo, 2012: 138).

cultural³⁸. É o que Pachón Soto (2007) descreve na reprodução do “Outro” perpassado previamente pela leitura do próprio que, ao definir a si mesmo, exclui o “Outro” no interjogo do ser e do não ser:

Discurso basado en un imaginario que produce o reproduce una visión del sí mismo e instituye una visión del Otro. Es preciso aclarar que por imaginario aquí entendemos: “construcción simbólica mediante la cual una comunidad (racial, nacional, imperial, Sexual, etc.) se define a sí misma” y en la medida en que se define a sí misma, excluye al Otro, o traza una línea divisoria entre lo que considera su ser y su no-ser (Pachón Soto, 2007: 15).

Quando Pachón Soto (2007) fala da colonialidade do poder, aplicando este conceito a realidade de América Latina colonizada, se exclui a natureza de classe na configuração do “Outro” como política de silêncio, de exclusão. Aqui se entende, porém, essa colonialidade do poder como uma maneira de construir e de ler as classes populares a partir da exclusão do “Outro”, ou em forma de autodependência, porque, para que exista o lugar de poder, há obrigatoriamente que existir o “Outro” (e vice versa). É o que Pichón-Rivière (1985) chama de “papel” ou “papel do vínculo”, neste caso na faceta do vínculo perverso porque silencia e despossui uma parte da humanidade, colocando esse “Outro” na própria conformação desse lugar entendido como o lugar do “Outro” despossuído e dominado. Assim, supressão e/ou invisibilidade do conhecimento produzido por determinado coletivo, quer seja cultural, simbólico, histórico, social, etc. se dá de modo parcial e fragmentária. É uma política de colonialidade do poder, que, no caso de América Latina, entendendo hoje o colonialismo como hegemonismo, no qual o discurso hegemônico é ideológico-cultural, absorve o próprio sujeito dominado. Quer dizer, a maneiras como os coletivos populares se entendem e se definem vão estar perpassada por uma óptica e elaboração simbólica do poder e da existência do “Outro”. Nas palavras de Pachón Soto:

³⁸ Althusser (1988: 8), cita como “AIE cultural”, sendo AIE Aparato Ideológico do Estado.

La colonialidad del poder creaba imaginarios de la cultura europea donde se excluía al otro; a la vez todas sus producciones culturales, sus formas de producir conocimiento, sus imágenes y símbolos, se subvaloran, invisibilizan o simplemente se suprimían o prohibían. La colonialidad del poder permitió la amputación cultural indígena (...). El colonialismo, pues, no sólo se vale de una dominación militar, económica y política, sino que requiere de la creación de un discurso que reproduce la visión del colonizador e instaura esa visión en el interior del dominado, deformando así su propia concepción. Es un ataque al centro de la identidad del Otro (Pachón Soto, 2007: 21).

O ataque à identidade do “Outro” também se dá aqui na Europa, onde a forma de produzir conhecimento subvalorou ou torna invisível e suprimem comunidades ou coletivos sociais.

Condensando o olhar do “Outro” na construção da trajetória histórica e ancestral (não a contar desde a Europa como se faz habitualmente), pode-se aportar grande elemento de análise, além de entendimento do coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e seus processos educativos comunitários. Nesse contexto universal e ancestral é que se entende a atividade vincular de troca no caso da América Central (*mesoamérica*).

Nessa parte do continente a citada atividade que vincula os sujeitos carece da existência do “Outro”, porque a existência do “Outro” pressupõe colonialismo e se dá em escala global, em direção à divisão do mundo posto como resultado do Tratado de Tordesillas em 1494 que divide o mundo em duas grandes áreas de influência, uma castelhana e outra portuguesa (Varela, 2019). Nas sociedades antigas de América Latina, no entanto, os Maia, Asteca e Inca também vão apresentar sistemas que evocam uma atividade alusiva comum, simbolicamente entendida como atividade vincular de intercâmbio, ou

“atividade de mercado”, por utilizar uma nomenclatura conhecida³⁹. É o comércio primitivo mesoamericano (Maia-Inca e Asteca).

Assim, para não confundir a história antiga como desencadeamento de fatos horizontais, nem como linha condutora e de desenvolvimento a uma Europa futura e atual, também para não cair no centralismo e etnocentrismo, há que desenhar o desenvolvimento desse espaço atual vivido e entendido como enleio de câmbio, de intercâmbio, de troca, de atividade de mercado, feira ou *praza* dentro de uma trama mais ampla; de um enredo e enquadramento no contexto crítico utilizado pelo professor Dussel (2000), em que essa tradição (a da atividade vincular de intercâmbio) não é exclusivamente europeia, e que o estudioso de maneira crítica nomeia de “deslizamiento semántico del concepto de “Europa”” (Dussel, 2000: 40). O teórico assegura: “Con esto queremos dejar muy claro que la cronología Grécia-Roma-Europa es falsa, es ya manejo posterior conceptual ideológico” (Dussel, 2000: 40).

Roxana Tapia (2004) no estudo “Contribuciones para la construcción de la teoría sobre la ciudad latinoamericana” fala das atividades econômicas, entendidas através das cosmovisões da arqueologia e da arquitetura. Nesse é apontada a realidade dentro do contexto latino-americano, relido por meios de outros significados, porém, com marcas próprias, em que se reinterpretem costumes antigos, singularizando e fazendo do encontro, ou choque, algo particular e dado também por uma ancestralidade (Tapia, 2004).

Por outro lado, contudo, no movimento histórico, nessa atividade se encontra uma intercessão (em forma de encontro ou de choque), na qual o movimento colonial e urbano entendido como próprio da europa marca as pautas espaciais, comerciais e subjetivas, fincando uma estrutura e moldes ditos europeus, ao deter o poder do discurso: “Las actividades económicas clásicas de los pueblos precolombinos, es otra de las huellas que han quedado registradas (...).

³⁹ Sobre um amplo estudo acerca da maneira de ler e dar nome a atividade do “comercio mesoamericano” ver Noejovich (1993) em *La Cuestión del comercio y los mercados na América precolombina*.

Los mercados por ejemplo, fueron y siguen siendo espacios de encuentro, es el espacio social por excelencia de las ciudades latinoamericanas (...)” (Tapia, 2004:10).

Nesse sentido, ao antever a existência do mercado ou lugar de abastos (abastecimento) nas cidades latino-americanas, no contexto de pertença, bagagem coletiva, ainda que na junção em choque, encontro ou convergência; esses lugares de abastecimento tomam forma à medida que compõem os costumes culturais determinados e especificados, porque aspectos de uma ancestralidade locais ou tradicionais vão deixando vestígios e traços na nova ou ulterior configuração.

O debate a respeito dessa conformação, contudo, tanto da maneira de dar nome, como de relações sociais particularizadas como dessemelhantes, marca pautas no enfoque das diferenças, ainda que reconhecendo um nomeado “comércio mesoamericano”.

Nada puede sorprender, entonces, que aquello que los españoles llamasen mercado no fuese tal sino algo que a sus ojos tenía un aspecto parecido, una forma con algunos rasgos semejantes. Y así como podemos diferenciar las llamas de las ovejas (...) es lógico trabajar con la hipótesis que los mercados no eran realmente mercados (Noejovich, 1993: 20).

Entender o entrelugar, a ressignificação que se dá e segue sendo construída a partir de matrizes, estas amparadas em um vínculo comum (na qual a necessidade é universal) estando estas matrizes compondo a conjunção das configurações práticas, em dinâmicas e modos de vida variado e heterogêneo, é a forma como pode ser entendida a atividade vincular de intercâmbio (ou “atividade de mercado”), por exemplo. Essa passa por dar sustento de significação a partir de diferentes sociedades, ou contextos sociais, não entendida desde uma cadeia horizontal e progressiva, senão que multifacetada, na qual as diferenças vão deixando marcas, singularizando a trama comunitária grupal.

Todo organismo es “organismo-en-un-medio”. Esa es la unidad de análisis, ya que el organismo es un sistema abierto, en un intercambio permanente de materia con ese medio. La dinámica interna de ese organismo, la

transformación de la materia en su interior y el intercambio de material con el medio provocan una desestabilización, una desestructuración o desequilibrio que amenaza la unidad del organismo. Esa desestabilización, desequilibrio o transformación es registrada como *necesidad*. (...) la necesidad, promueve no sólo un movimiento interno si no una nueva forma de intercambio, de acción sobre el medio y situación, buscando una nueva estructuración, un nuevo equilibrio. Logrado éste se registra como *satisfacción* (Quiroga, 1997:7).

Assim, conhecer a atividade de intercâmbio de produtos através dos processos vinculares de necessidade, anexado ao momento histórico, conforme ao modo de produção vigente e em um contexto histórico e social especificado, passa por conceber essa atividade em diferentes enquadramentos. Quer dizer, o valor dado a alguns elementos sociais vão sendo reconfigurados. Dentre esses elementos está a forma de dar nome às dinâmicas. Desse jeito, considera-se a atividade de mercado dentro e a partir de uma cosmovisão universal: “La cosmovisión es la manera de concebir el mundo a partir de percepciones, valoraciones y conceptualizaciones, por las que el individuo o las sociedades, interpretan su propia naturaleza y de todo lo existente a su alrededor” (Tapia, 2004: 3). Para os incas, por exemplo, o que se considerava sagrado e com valor de ouro eram os alimentos, que ficavam armazenados em “collcas”, uma espécie de depósitos (Tapia, 2004: 8). Hoje esse valor se translada na representação do valor dinheiro. Nas sociedades incas, também, se identifica um sistema agrícola que tinha um grande desenvolvimento e de estradas-conexões; com cidades, com funções comerciais, elementos fundamentais para a existência de uma atividade de troca ou de mercado.

Bueno Bravo (2012) fala de uma “aldeia global” no século XVI, fazendo analogia ao que ela sinaliza como sendo “objetivos econômicos no império azteca”, México, Guatemala, Honduras, Belize, El Salvador y Costa Rica (a Mesoamérica dos séculos XV e XVI, como também anteriormente) devido a que seus produtos “se distribuían en los mercados de ese “mundo conocido””, concluído e assumindo a existência de comércio: “comercio fue una de las

características fundamentales que compartieron y que impulsó el desarrollo de esta área, bautizada en 1943 por Paul Kirchhoff como “Mesoamérica” (Bueno Bravo, 2012: 137-138).

Toda essa realidade vai configurar o que foi descrito como “atividade de mercado”, pela faceta do intercâmbio, da troca, ainda que especificado ou particularizado e que, por características diferenciadas e ou matizadas, seja atribuído a uma denominação distinguida e entendida desde outros padrões e critérios de prática social, visão de mundo, dentre outros.

Exemplo da ausência da linearidade na história, quando se fala de atividade de feira ou de mercado, etc., é que estas atividades sociais podem ser encontradas e identificadas como tais em sociedades antigas e de vários lugares sociais históricos e simbólicos⁴⁰.

Figura 12 - Esquema dos temas centrais na Mesoamérica



Fonte: Elaboração Própria.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela como espaço urbano público, como um centro referencial da vida galega, dentre outros, em variados aspectos na atualidade, é resultado do desenvolvimento histórico humano que deu origem a uma diversidade de configurações, definições, matizes e funções. Quer dizer, mediante a composição do desenvolvimento, mudanças e reconfigurações das Matrizes de Aprendizagem Compartilhada dados a partir da necessidade. É quando os processos educativos se enquadram na concepção de uma necessidade compartilhada e configuram o sistema de matrizes de aprendizagem grupal nas dinâmicas de empoderamento e de aprendizagem da realidade.

⁴⁰ A famosa feria de Nijni Novgorod - Rússia ou Pingyao - China, por exemplo, é a ancestralidade dada por um processo vincular humano comum, não somente de Europa.

Si tenemos en cuenta que el aprender se dá desde el apremiante impulso de una necesidad vital y que el aprender significa reconstruir en una actividad interna el objeto externo, que se opone, que puede estar presente o ausente, ser gratificante e frustrante, quizás podamos comprender *por qué* hay una identificación entre aprender-aprehender-apropiarse del objeto de la necesidad (Quiroga, 1997:8).

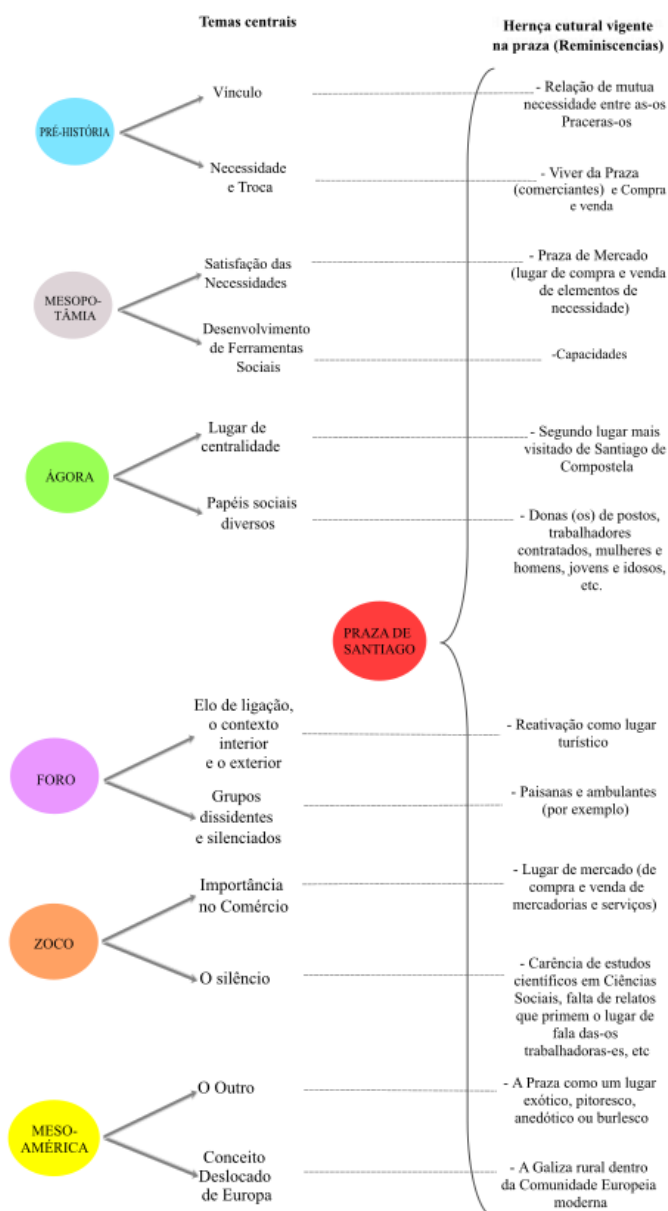
Assim, no momento atual, de fluxo intenso de gente, inclusive intercontinental, essas identidades dispersas vão sendo conjugadas na Praça do Mercado de Abastos de Santiago, e isso só se dá já não com o choque com o diferente, senão que no encontro cultural do que se reconhece no “Outro” um “nós” é, em grande medida, um lugar vincular comum, ancestral e por isso universal.

A visitação volumosa da Praça do Mercado de Abastos de Compostela (de sujeitos proveniente dos cinco continentes) se dá a partir de olhares múltiplos, de posições diversificadas e de lugares heterogêneos que convergem no lugar de necessidades compartilhadas. Esse movimento da convergência, no qual o sujeito se configura no “Outro” congregado, é ressignificação, é o que Otávio Paz (1968) nomeia de realidade integral ao converter o “Outro” em “nós” em que se configura a “plena existência”: “Para que eu possa ser terei que ser outro. Sair de mim, buscar-me entre os outros. Os outros que não são si eu não existo. Os outros que me dão plena existência” (Paz, 1968). Assim, a maneira de nomear a experiência é diluída em sinergias ou multifacetada em reuniões e se configura não como próprio do “Outro” colonial, senão como um lugar de encontro.

2.4. REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS

No esquema abaixo, ilustra-se a realidade aproximativa entre os temas centrais em determinados contextos sociais passados (pré-história, mesopotâmia, ágora, foro, zoco e mesoamérica) e a relação desses lugares com o dado hoje na Praça do Mercado de Abasto de Compostela como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas (herança cultural vigente e/ou ressignificada).

Figura 13 - Esquema da aprendizagem compartilhada e aproximações entre o pretérito e o momento atual da *Praza*



Fonte: Elaboração Própria.

Trata-se de um *Paterm* - padrões que se repetem - na Praça do Mercado de Abasto de Compostela ainda que resignificados. O esquema aproximativo entre os temas centrais abordados previamente sob as epígrafes de Pré-história, Mesopotâmia, Ágora, Foro, Zoco e Mesoamérica se dão hoje na comunidade do grupo abastiano como reminiscências histórica, lugar de ancestralidade ou de Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas.

CAPÍTULO 3.

A CONFIGURAÇÃO HISTÓRICO-VINCULAR DA PLAZA DE MERCADO

Síntesis en Español

En este capítulo se sistematiza el desarrollo histórico de la Plaza del Mercado de Abastos de Compostela configurado a través del tiempo. Se parte de la conformación y del desarrollo de la historia que configura estructuras y organizaciones diversas hasta llegar a la feria concebida como “espacio residual de soberanía de la ciudadanía” (Salazar Vergara, 2003). Sumado a ese hecho, se realizó un resumen de los principales aspectos y del entramado histórico de la Península Ibérica y del Estado español, ubicando la Plaza del Mercado de Abastos de Compostela a lo largo de la historia antigua, moderna y actual, además de hacer el matiz en el recorrido por la simbología del imaginario rural gallego y del papel de la mujer en esta estructura singular que es la *Praza*.

No processo de conformação, mudança e de alteração da *praza* ou *plaza de mercado* no fluxo do velho que dá lugar ao novo, e no processo de conformação das sociedades ao longo da história, a atividade de mercado vai sendo transformada, ao mesmo tempo em que os processos vinculares vão sendo mudados e reconfigurados.

As metamorfoses que vem vivendo a Praça do Mercado de Abastos de Compostela e das/os seus agentes sociais trabalhadores, que se reconstróem de maneira vibrante no processo histórico, não estão isentas de choques, dado que ao processo de mudança subjaz a confrontação entre o diferente (novo) e o instituído (a realidade atual). Quer dizer, e de fato, encontram-se carregada de tensões e conflitos como um processo constitutivo “La estructura vincular es conflictiva. (...) El conflicto hace parte de la estructura vincular” (Bernal, 2014: 6). Mesmo assim, os citados processos alcançando novas maneiras de reescrever-se e permanecem pulsantes através do tempo.

Permanecer, existir, guardando o vínculo de uma trajetória herdada e identitária, e ainda que através de dinâmicas de ressignificações e ruptura, as/os agentes trabalhadoras/es alcançam seguir refazendo-se, perdurar e sobreviver. Por esse ângulo, os processos de modernizações intrínsecos à história ou mudança nos espaços de atividades de mercado, no qual as tensões e o choque dão saída ao novo, entendidos como “processos de modernização”.

Si hemos podido contribuir en la comprensión de las fuentes desde donde emana el valor de la feria y el trazado significativo a partir del cual éste se concretiza, entonces lo dicho aquí podría ser provechoso a la hora de pensar los procesos de modernización por los que las ferias están atravesando y que, como hemos dicho, no están exentos de complejidades y paradojas relacionadas, sobre todo, a la difícil tarea de cambiar sin dejar de ser lo que las hace ser ellas mismas (Browne, 2012: 116).

No dicionário normativo da língua galega, a palavra “mercado”, do latim *mercatu*, substantivo masculino, significa “1.) Comercio público que se fai nun lugar determinado. 2.) Lugar público e permanente para este comercio” (Ares Vazquez, 1988: 1279). Por sua vez, no dicionário da língua portuguesa “mercado” provém do latim *mercatu*, também substantivo masculino, entretanto, rotula-se: “1.)

Lugar onde se comerciam gêneros alimentícios e outras mercadorias. 2.) Povoação, cidade ou país onde há grande movimento comercial; empório; A Península Itálica, durante a Idade Média, transformou-se num grande mercado. 3.) Permutação ou troca de produtos e/ou valores; o comércio: As medidas do governo visam a incrementar o mercado externo, etc.” (Buarque, 1986: 1120).

Por sua parte, o termo “feira”, do latim *feria*, substantivo feminino, explica-se: “1.) Reunión de xentes nun sitio público en días sinalados, fixos ou variables, da semana, mes o ano coa finalidade de vender, mercar ou intercambiar productos ou manufacturados” (Ares Vazquez, 1988: 912). Em português normativo “feira”, do latim tardio *feria*, substantivo masculino tem-se “1.) Lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias” (Buarque, 1986: 769).

Dessa maneira, e ignorando as pequenas diferenças de definições no que toca à palavra “feira”, no conceito de uso diário, comum, esta poderia ser um “mercado” na Galiza, simplificando uma realidade social complexa, na qual se destacam as seguintes diferenças: no mercado há um dono, na feira são vários; no mercado há um preço, na feira se pode pechinchar; o mercado é um espaço fechado, a feira aberto; o mercado é um espaço privado (com um dono especificado), a feira é pública e coletiva.

Ou seja, mercado e feira, são palavras dialéticas, porque um mercado é um “supermercado” em língua portuguesa (na dinâmica do emprego social da língua em Salvador). Os supermercados ou centros comerciais são considerados para alguns estudiosos uma evolução - forma de continuidade - da feira a *praza de mercado*: “(...) la irrupción de los nuevos criterios liberalizadores de la economía (...). La intensa renovación de los sistemas de mercado, propia del siglo XIX, se dio sobre estos hilos de continuidad” (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Aqui reside a dificuldade de entender a *praza* como *mercado* e não como feira, porque a atividade de “mercar”, comprar ou vender, ficou subjacente e não se tinha (no entendimento do vocabuário) o contexto histórico da fundação das *plazas de mercado* em Espanha.

3.1. CONFIGURAÇÃO DA FEIRA LIVRE E O TRÂNSITO AO MERCADO PÚBLICO

Para poder conceber e interpretar os termos *praça* e *mercado*, na Galiza, como sinônimo de feira, no idioma português, é necessário uma contextualização histórica relacionadas com implantação de projetos políticos determinados. Sem perder, entretanto, a linha metodológica que entende a feira ou o *mercado* como um espaço de necessidade e intercâmbio, no qual são trocados ou comercializados, não somente produtos diversos por meio de dinheiro, mas também conhecimentos e informações de todo tipo. Além de ser um local onde se estabelecem relações pessoais (familiares) e grupais (comerciais, agremiações, etc.) com determinados e específicos fins e ou funções. Toda essa realidade pautada na necessidade que forma o vínculo social é entendida como vínculo para Pichón-Rivière (2015), sendo essa uma verdade, tanto nas sociedades pré-históricas, antigas, medievais, como nas sociedades burguesas.

O vínculo segue existindo hoje, no aqui-e-agora, ainda que matizado e mutado a partir, e por um lado, de projetos políticos determinados e, por outros, dos processos grupais que conformam as trabalhadoras e trabalhadores. No estudo especificado da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, no qual o nome dado ao espaço vai restringir e/ou matizar esse contexto vincular, fixado por um grupo de trabalhadores singular, ou por um processo grupal peculiar, ou inclusive por um projeto social diferenciado, na conjugação, o sentido social das palavras *praça*, *mercado* e *abastecimento*. A conjugação dessas palavras eslatece o sentido simbólico desse lugar representativo da sociedade.

De efeito, a forma de dar nome, quer seja feira ou *praça*, vai estar determinada primeiro por um contexto sócio-econômico, mas também pelas experiências vitais vivenciadas em um contexto histórico recebido como herança ou legado simbólico. Assim, a definição do Outro, através do próprio é, da mesma forma, uma pauta ou conduta herdada.

Desse modo, as definições do contexto modeladas nos dicionários representam uma fotografia desde determinado momento histórico, ou de uma visão ou cosmovisão de mundo. No caso da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é entendida e ressignificada a partir do contexto social da França Revolucionária de 1790.

En la Francia revolucionaria de 1790, fueron abolidos todos los derechos feudales vinculados a los mercados, estos pasaron a ser responsabilidad exclusiva de los municipios. La expropiación de bienes eclesiástico y de la nobleza emigrada permitió la sustitución de las viejas estructuras por los nuevos organismos estatales. La organización centralizada del estado dio al proceso de sustitución una coherencia y una amplitud sin precedentes (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007).

No caso concreto da Praça do Mercado de Abastos de Compostela a propriedade é da Prefeitura (do *Concello* de Santiago). É o que Guàrdia Bassols e Oyón Bañales (2007: 3) descrevem entendido como “un servicio público”, é um espaço público-comunitário⁴¹. A Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um *mercado de abasto municipal* (similar às CEASAs no Brasil) definida como tradicional.

Assim, o novo na configuração atual desses espaços, como pode ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, está determinado pelos processos históricos e sociais específicos de cada sociedade e localidade, e em constante diálogo com “o Outro”, mais do que nunca universal, dada a particularidade da visita intensa e diversa que recebe, diuturnamente, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

O Outro aqui é entendido e fundado na prática social com realidades confrontadas, em entender e nomear o desconhecido vinculado no Outro instituído e generalizado em oposição:

⁴¹ Importante a questão entendida como reminiscência histórica, a busca de restaurar uma relação vincular.

Es claro que esa invención de América y de sus habitantes, es decir, la invención del Otro, es un mecanismo que hace parte de un discurso colonial. Discurso basado en un imaginario que produce o reproduce una visión del sí mismo e instituye una visión del Otro (Pachón Soto, 2007: 15).

Conquanto, porém, a separação efetivada entre feira e *mercado*, lugar ou centro de abastecimento ou *praça*, é na ideia e identidade da feira que se dão as marcas de pautas para a conformação do *mercado* municipal, herdado ou importado de França do século XIX.

O que não era sabido, quer dizer, o que não existia no imaginário e forma de nomear a *Praça*, era o fato de que os mercados na Europa são entendidos de maneira consensuada como força modeladora das cidades europeias desde o Medievo, e na nomeada primeira fase de construção dos mercados metálicos do século XIX (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1). Dessa maneira, entendidas as chaves para designar o que é um *mercado* ou *plaza de mercado*, e também por que esse não pode ser entendido como uma feira, supera-se o período de estranhamento e adentra-se a fase da analogia.

Sendo esse outro aspecto singular dos mercados na Europa, é que são entendidos de maneira consensuada enquanto força modeladora das cidades europeias desde o medievo, também na nomeada primeira fase de construção dos novos mercados metálicos do século XIX (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1).

Mercado, Praça de Mercado ou *Mercado de Abastos* seria o equivalente a um interlugar matizado entre feira-empório, a partir da construção linguística de feitos sociais relativos à atividade de feira ou *mercado*. De todas as maneiras, contudo, é notório que o *mercado* descende e estabelece conexão com a feira, no sentido do legado e da herança identitária, e das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas.

O professor Gabriel Salazar Vergara (2007), nos seus estudos sobre a feira sistematiza o desenvolvimento histórico deste espaço como descendente de Ágora. De acordo com o teórico, a feira, como herdeira da história, é entendida como um espaço residual da

soberania, forjada e desenvolvida na Ágora: “Las “ferias libres” representan de algún modo la recuperación parcial (...) de la antigua soberanía integral del pueblo; y el espacio público (...), revive parcialmente la cultura social y el diálogo abierto del antiguo espacio público del “ágora” (Salazar Vergara, 2007: 89). O lugar do popular, da cultura popular como território peculiar está localizado na feira, esta como remanescente também da feira medieval: “la cultura popular extraoficial tenía um território propio en la Edad Media y en el Renacimiento: la plaza pública constituía un segundo mundo dentro del oficial de la Edad Media” (Bajtin, 1987: 139). Quer dizer que, além de ser um lugar de soberania popular desde as instâncias de poder (instituições como religião, estado), também dialogava (aliava-se ou se opunha) com esta outra maneira de soberania, a popular, a extraoficial.

Para conceber e distinguir de maneira ampla a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, é necessário ter sistematizado o desenvolvimento histórico dessa realidade sócio-educacional antes feira. Esse estudo, entretanto, se centra na apropriação e abordagem da Praça do Mercado de Abastos de Compostela que, na composição histórica, não isenta de tensões e conflitos, um dia deixou de ser uma feira e passou a ser um mercado. Essa questão descrita através das variáveis definições se fundamenta em que a *plaza* ou *mercado*, ou *plaza de mercado* se dá a concentração e controle dos bens de uso e consumo de maneira incrementada, no processo de mudança do sistema feudal para o capitalismo; também na construção arquitetônica de edifício específico para esse fim, que, no caso da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um modelo importado.

O surgimento da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um diálogo com os espaços entendidos como feira. Também, e ao mesmo tempo, um distanciar dessa, tanto de maneira estrutural, como conceitual e prática. Aqui emergem novas e diferenciadas Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas. Nesse contexto, o termo “abastos” é entendido como lugar de abastecimento das cidades: “Con la abolición (...) de los modelos de abastecimiento del Antiguo Régimen basados en el monopolio y la especialización de determinados edificios (...), los mercados municipales se convertirán en los nuevos centros del

abastecimiento de alimentación fresca para un consumo saludable” (Seño Asencio, 2013: 132). Assim, o contexto do estudo se tece entre a trama de significado do *mercado*, da *praza* e de abastecimento, do qual sempre está subjacente o conceito feira.

A atividade de mercado, ou a relação do trabalho na feira (livre), ou na feira entendida como espaço de mercado ou abastecimento (com sua estrutura e conceito próprio e ressignificado) é aliciente, pois se conformam um sistema de relações que é configurada a partir desse arcabouço em formato de rede, na qual os espaços urbanos de cidades de países periféricos enquadram a feira livre em um “circuito inferior da economia urbana dos países periféricos” (Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016: 3). Essa periferia da economia urbana desenvolvida nos mercados, como se dá, por exemplo, na Praza do Mercado de Abastos de Compostela, se aglutina com a concepção do caráter ultrapassado desses espaços que parece tender a desaparecer, mas pervive:

(...) los mercados se asociaron a un formato del pasado que, tarde o temprano, debía pasar a mejor vida. La experiencia ha demostrado, sin embargo, la alta capacidad de supervivencia de los mercados frente a los rápidos ciclos de auge y obsolescencia de los nuevos formatos comerciales (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1).

É propriamente este caráter em supostos de ultrapassado (no sentido de velho, arcaico, antigo e obsoleto), um dos elementos que faz essa estrutura forte hoje, pois essa se assenta em uma história tão antiga, no suporte da ancestralidade, de herança e legado, que se configura como um espaço de resistência, de reminiscências, remetente ao surgimento dos primeiros assentamentos humanos, como uma certa anamnese de contexto de “soberania” (Salazar Vergara, 2003), do comunitarismo.

Salazar Vergara (2003) defende, como o próprio nome indica, que a feira é, em suas origens, o espaço próprio da soberania popular, e que hoje essa soberania se dá de maneira residual, nas palavras do estudioso: “En sus orígenes, el ‘espacio público’ (o espacio de ciudadanos) fue un sitio abierto (...). Ese espacio fue llamado “ágora”

entre los griegos y “foro” entre los romanos. Era el lugar donde el pueblo ejercía directamente su soberanía” (Salazar Vergara, 2017: 17). Ao mesmo tempo, a abordagem de Salazar Vergara (2003) retira do foco a pobreza e sistematiza a feira popular como fundamentada no autêntico, retomando o conceito e reafirmando que é a feira, de maneira alicerçar, um espaço com resquícios, resíduo de poder comum e do povo.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela, quando é construída e passa a ser um lugar de prestígio, não era a oposição aos poderes centrais, senão a configuração prática de idéias e ideais políticos concretos, que se desenhava na concentração nas mãos do Estado de uma atividade popular, regulada antes pela igreja e pela nobreza, na realidade do medievo. Quer dizer que há diferenças entre a feira e a *Praça*, mas também semelhanças em reminiscências.

Embora, no entanto, o estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela considera que o lugar de soberania popular existiu, mas esse não se encontrava nas sociedades antigas gregas e romanas, como localiza Salazar (2003). Na Grécia antiga, por exemplo, somente eram cidadãos os homens nativos, existia a escravidão, as mulheres não tinham direitos políticos nem legais, a sociedade estava dividida em classes. Em Roma (do Foro) operava algo similar. Ou seja, o lugar da residência da soberania popular é como poder que emana do povo, e esta se deu na comunidade primitiva, onde as necessidades coletivas no desenvolvimento histórico-social era o que determinava a produção, não o contrário.

Do mesmo modo, as feiras da Idade Média têm a própria estrutura e conformação. Isso é assim porque o comércio estabelecido em um momento dado vai atender às necessidades históricas concretas e em consonância desse próprio momento histórico, em que a culminação do sistema capitalista se forja e se tem a dilatação da troca vinculada à produção rural, separando essas dinâmicas. Quer dizer que dos intercâmbios das unidades de produção rural (fenômeno novo e que não aconteceu com a mesma intensidade em outras etapas históricas) foi que resultou a singularidade primordial da sociedade europeia nascente, segundo Guàrdia Bassols & Oyón Bañales (2007):

“El auge del gran comercio y el posterior nacimiento del capitalismo serían consecuencias posteriores de la dinámica desencadenada. Esta función primigenia y generadora de los mercados locales resulta legible en la propia forma de las ciudades de origen medieval” (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 2).

Por outro lado, a partir dos finais do século XVII e meados do século XVIII, o Ocidente vive um movimento social sem volta que desembocará no nascimento das cidades modernas, como substituta das cidades medievais, em que a conformação e consolidação da classe burguesa se alcançam e rompe com o modelo social feudal. Nesse contexto, a França, ainda que também no Reino Unido, passa a ser a sociedade que estabelece os modelos que logo serão importados/exportados (segundo o foco) a muitas cidades européias, como Espanha, entre outros.

En la Francia revolucionaria de 1790, fueron abolidos todos los derechos feudales vinculados a los mercados. Éstos pasaron a ser responsabilidad exclusiva de los municipios. La expropiación de bienes eclesiásticos y de la nobleza emigrada permitió la sustitución de las viejas estructuras por los nuevos organismos estatales. La organización centralizada del estado dio al proceso de sustitución una coherencia y una amplitud sin precedentes. (...). Los espacios y edificios de mercados, como las alhóndigas, o los mataderos quedaron inscritos en el sistema de equipamientos, al igual que las prefecturas, los hospitales, las escuelas públicas, los establecimientos judiciales, las cárceles, los cuarteles de policía, los teatros, las salas de espectáculo, los museos y los mismos edificios religiosos, entendidos como un servicio público (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 5).

O Estado é o novo ente de destaque nesse processo convulso no qual as matrizes de aprendizagem compartilhadas se recomporão para superar mudanças. Nesse contexto, tanto o Estado como o conceito do público emergem de maneira frontal ao medievo. Assim, ainda que influencie o modelo e estrutura franceses, certo é que, de maneira local e na ressignificação da feira medieval em feira livre, e desta a

estrutura de *praza de mercado de abastos*, se dará um opulento salto com grandes matizes e profundas mudanças.

Um exemplo é como a religião sobrevive aqui em Espanha. Porém, na França, malgrado ser o modelo absorvido, o processo foi oposto: “La expropiación de bienes eclesiásticos y de la nobleza emigrada permitió la sustitución de las viejas estructuras por los nuevos organismos estatales” (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 2). Quer dizer, a importação de um novo modelo de relação entendida como comercial se fará com adaptações e adequações ao local.

É nesse contexto histórico que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é gerada, no século XIX. Essa construção, entretanto, que data de dois séculos atrás é somente espacial, se dá como estrutura arquitetônica. Porque, como foi sistematizado, as práticas e a história social e educativa da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, entendida no movimento histórico como a partir do foco da vincularidade e ancestralidade começaram na pré-história até 7000 a.C. Esse movimento social dado em processos de aprendizagem hoje pode ser estruturado, entendido e nomeado de variadas maneira: feira, *mercado*, *praza de mercado*, empório, CEASAS⁴², supermercado, centro comercial, dentre outros espaços envolvidos na troca, no intercâmbio de necessidades.

E por um lado, entretanto, é certo que todas essas diferentes denominações derivam, de alguma maneira, das sociedades antigas, e das cidades medievais, e muitas delas com influência islâmica, podendo isso até ser percebido em alusão e intercessão às sociedades americanas antigas. De outra parte, certo é que, na atualidade, cada um desses lugares se configura com a diversidade local como vigente e motora de mudanças. Assim, a Praça do Mercado de Abastos de

⁴² No Brasil, esse constructo, conceito e dinâmicas pareadas e similar à *Praza* somente se deu por volta de 1960 e também foi uma expressão francesa: “Consultoria elabora por técnicos franceses sugere a SUDENE a criação de centrais de abastecimento dentro do projeto de melhoria do abastecimento das grandes cidades do nordeste brasileiro” (Abracen, *pagina web*).

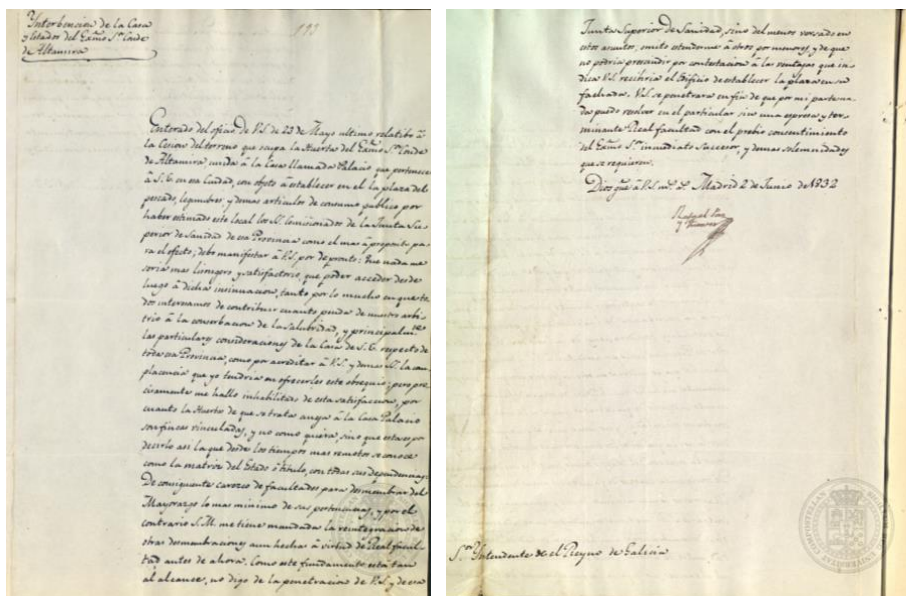
Compostela é, e será, a vitrine da localidade, o mostruário do local. Ou seja, trata-se de como cada localidade se faz expositora do típico, do particular e do próprio ao estrangeiro, ao Outro, aprofundando na ênfase do diferente.

La plaza es un elemento definitorio de todos y cada uno de los núcleos urbanos hispanoamericanos. Mejor o peor arreglada, con más o menos elementos decorativos o florales, con el monumento al procer o al héroe local, con su kiosco de música; o bien, desnuda, destacándose los edificios de todos sus lados, la plaza mayor (de armas, de la constitución) representa la mejor imagen de cada pueblo. Es como su fachada, como el escaparate de cada núcleo (Solano Pérez-Lila, 1982: 154).

Quer seja no âmbito arquitetônico, econômico, climatológico, público, etc, os espaços das feiras ou *prazas* terão fatores característicos gerais e outros intrínsecos ou personificados. Nesse sentido, os fatores que aportam diferenças locais podem ser dados a partir de diversos movimentos: função, simbolismo, arquitetura, espaço público e aberto, centralidade ou não, condições históricas de várias naturezas, dentre outras. Esses elementos compõem um todo no qual passado e história recente se unem, conformando um indivisível, o histórico vivenciado e ressignificado no aqui-e-agora dará o tom da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

A feira, a *praza*, o *mercado e abastos* para ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, teve que deixar de ser feira, no sentido estrito, uma vez que foi construída, entendida e difundida como tal no século XIX, quando em 1870 iniciam-se as obras do que se nomeia como “Mercado Primitivo” em León (1998). Ainda que o primeiro documento encontrado sobre a *Praza* é do ano de 1832.

Fotografias 4 e 5 - Primeiro documento encontrado sobre a Praça



Fonte: A.H.U.U.S.C., fl: 193 e s.n..

Essa construção se dá também nas dinâmicas socioeducacionais das vivências cotidianas, nesse cenário delimitado como local. Um lugar singular tecido através de uma história social que passa necessariamente pelo Neolítico, por Mesopotâmia, Ágora, Foro, Zoco, Astecas, Maias e Incas e Feira, como tantos outros lugares e particularidades não sinalizados. Sendo esses territórios configurados como “enterlugar” e interlugar, e que compõem uma realidade simbólica na singular Praça, forjada, quer seja através de choques ou/e encontros. Também e de maneira fundamental de escrever-se em um contexto vincular histórico (de matrizes de aprendizagem compartilhadas forjado ao longo dos anos e em diferentes momentos históricos, assim como particular), entendido com características de próprio, do local, uma identidade que singulariza esse lugar identitário que é em concreto a Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

Las personas nos vamos identificando a través de un largo proceso de interiorización con grupos y rasgos que nos

definen, y que descubrimos como propios y definitorios de nuestro ser personal... la identidad no es solo una autopercepción, sino una relación dinámica e interactiva con los otros (Bartolomé, 2004, p. 69).

Nesse contexto vincular e ancestral como próprias, de longos processos grupais de interiorização, as configurações sociais vão sendo dadas (Bartolomé, 2004: 69), porém não sem profundas e intensas pelepas, quer dizer, não são colocadas sem choques ou disputas, pois há confrontação de projetos.

3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DE PRÁTICAS SOCIAIS E SISTEMA DOMINANTE

É importante entender os tópicos sociais anteriores ao atual para, dessa maneira, poder encarar a *Praza* como um espaço histórico-cultural e sócioeducativo enraizamento ou de vínculo que configuraram as matrizes de aprendizagem compartilhadas. Além disso, a contextualização histórica se dá também para entender os diferentes modelos sociais vigentes (hoje e ontem) e como estes vão determinar a maneira de pensar do conjunto da sociedade, seu imaginário identitário, suas dinâmicas, dentre outras simbologias.

Inferir as dinâmicas educativas pressupõe também entender a história oficializada da cidade de Santiago de Compostela, esta dentro do Estado espanhol e a partir de um modelo sócio-histórico Europeu. Nesse sentido, a França é a que marca moldes e modelos seguidos por Espanha no referente à construção de mercados públicos (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 3). Entretanto, o entendimento histórico no contexto da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, enquanto lugar de coesão identitário e de simbologias, está ancorado em uma história social de trajetória memorável, e seu entender passa também por distinguir, de maneira prévia, a história medieval da Península Ibérica.

3.2.1. Etapa Medieval na Península⁴³

Considerando a história oficializada, entender-se que o início da Idade Média se dá na queda do Império Romano Ocidental e o seu fim com a ocupação da instituída América por volta de 1492, ou com final do Império Bizantino marcado em 1453, entendendo o período de tempo entre os séculos V ao XV no qual se dá a Idade Média.⁴⁴

Na leitura histórica da Idade Média trata-se de delinear um enquadramento sócio-histórico para entender os fundamentos constitutivos, materiais e simbólicos da Praça do Mercado de Abatos de Compostela como resultado de dinâmicas socioculturais-educativas sucedidas na Idade Média.

Nesse período, a sociedade de Santiago de Compostela e a sistematização do seu comércio foram se obedecendo as mudanças e tensões desenvolvidas ao longo dessa etapa da história. Também vai arrastar e manter, no entanto, uma série de práticas de atividade de mercado já existentes nas sociedades antigas, transladadas, ressignificadas e desenvolvidas nos mercados medievais. Isso é assim porque, como já se sabe, a atividade de mercado existia e era desenvolvida de maneira plena no contexto social e organizativo da história antiga.

É, contudo, preciso entender os mercados medievais como pilar para a construção das ciudades medievais, argumentação recorrente na bibliografia acadêmica que estuda as *plazas*, os *mercados*, as *plazas de mercado*: “La historia de los mercados ha sido escasamente estudiada, aunque exista un notable consenso de que han sido la fuerza modeladora de las ciudades europeas desde el

⁴³ Início se dá no ano de 476 e 1492 (séculos V-XV).

⁴⁴ Faz-se aqui, no entanto, um parêntese porque é importante e necessário deixar dito que a Idade Média, seus conceitos e datas serão entendidos e aplicados no contexto europeu e do que viria ser Espanha, de maneira que escapa aos objetivos deste trabalho o debate a respeito de questões etnocentristas e das formas e ou parâmetros de leitura do mundo ocidental-Europeu transladada a outras civilizações ou contextos sociais.

medieval” (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1). De acordo com os citados estudiosos, o mercado foi o ingrediente que cimentou a cidade europeia, que a modelou fisicamente desde a baixa idade média como realidade social e econômica (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1). Quer dizer que é no medieval da Península Ibérica que se cristalizam dinâmicas e conceitos ainda manejados nos dias de hoje.

Compostela es la más antigua de las ciudades medievales de Galicia y, durante muchos siglos, su centro urbano más representativo y influyente. Desde la edad media, como lugar de peregrinación, sede metropolitana y cabeza de un poderoso señor feudal -hasta la época contemporánea- como capital política y activo foco de creación y difusión de cultura -la historia de Santiago es muestra particularmente rica de la rica historia gallega (Portela Silva, 2003: 13).

Essa importância atribuída ao medieval é o que determina a necessidade de entender essa época sócio-história para poder aceder ao imaginário local e atual, partindo de definições identitárias ou discursos que focam e concebem a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como uma feira medieval (ou um lugar derivado desta). Nesse sentido, considera-se que são remanescentes históricos e/ou de memória histórica coletiva somada às políticas identitárias intencionadas, admitindo-se a redundância. O sentido de políticas identitárias intencionadas é, por exemplo, intervenções no âmbito do marketing turístico na atualidade ou de projeto de conformação ideológica de um lugar, por exemplo. Isso é assim porque a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, sua construção arquitetônica, por exemplo, data no século XIX. Quer dizer, de mercado medieval a Praça do Mercado de Abastos de Compostela tem muito pouco, ou quase nada, ao menos no que tange a sua construção, estrutura arquitetônica e também conceitual porque está posta a partir de um contexto de percepção e ideário social moderno.

De fato, a própria ideia e concepção de *mercado* (moderno) são, em grande sentido, uma negação da Idade Média, em seu modo de vida. Sendo que o *mercado* é mais uma expressão de burguesia nascente. Ler a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como

medieval é a busca e tentativa simbólica de restaurar a feira que um dia foi. É tentar vincular o atual a um passado que se tem como lugar de prestígio, na abstração do lugar próprio de Europa. É também, e em grande medida, a tentativa de negar o divórcio e ruptura da estrutura da feira que se deu na construção das *prazas, mercado* ou *plazas de mercado*.

Por outro lado, como parâmetro temporal - sem entrar no debate da existência de um povoado durante a antiguidade situada em terras da atual Santiago, descrita por Caamaño & Suárez (2003) - a cidade de Santiago de Compostela pode ser entendida em um marco datado e de surgimento historiográfico entre 832-830, com o suposto descobrimento do sepulcro do Apostólo Santiago⁴⁵, em plena guerra de mundos, no qual toda a Península Ibérica vivia e se construía de lutas desenhadas e utilizadas debaixo da bandeira de brigas religiosas entre árabes e católicos.

Nesse sentido, a religião é um dos elementos basilares para a manutenção do feudo: “Un elemento primordial en el mantenimiento del feudalismo es la iglesia, la cual desde un primer momento va a jugar un papel fundamental en la obtención de pactos con los conquistadores, al menos al nivel de la jerarquía secular” (Acién Almansa, 1998: 292).

Passados três séculos, de batalhas entre concepções de mundos, em decorrência de fatores políticos e históricos, os conceitos católicos são os vencedores e serão implantados, passando a ser os hegemônicos. Essa realidade também marcam pautas nas construções e nos processos de aprendizagem do mundo, do universo social do sujeito individual e grupal comunitário que logo será refletido na feira medieval e posteriormente na *Praza*.

A pauta religiosa é também fundamento. A construção da Catedral de Santiago coincide com o processo de emersão do mundo

⁴⁵ “(...) o próprio descobrimento do sepulcro num momento ainda non determinado do primeiro tercio do século IX” (Compostela na Historia. Santiago de Compostela, 1999: 17).

feudal, iniciando-se em 1075 foi concluída em 1212. Foram quase 140 anos de construção do templo, porque o conjunto da Catedral e seus arredores se plasmaram ao longo de 10 séculos, do século IX ao XIX, quando não somente se construiu uma catedral, com seus edifícios anexos, senão e fundamentalmente toda uma maneira de ver, de entender e vivenciar o mundo.

Remarcar a destruição da cidade de Santiago por Almanzor (uma possibilidade de construção que não imperou), como também sua reconstrução, porque a partir desse fato se recompõe a cidade de Santiago que sobrevive até hoje. Trata-se da Compostela católica, já fortificada, ao redor do século XI. Igualmente inegável, no entanto, é a presença da identidade e simbologia árabe, inclusive incidindo na conformação da atividade de mercado por meio do comerciante (*mercadero*):

La actividad comercial que, en un primer momento, arranca de un modelo binario, esto es, se concentra en dos polos, en el norte y el sur, y más específicamente en el área de control eslavo-escandinavo y el dominio musulmán del Mediterráneo. Dos áreas geográficas diferentes, dos climas distintos, dos culturas singulares dan lugar a un profesional del mercadeo con dos personalidades propias: el mercader hanseático y el mercader italiano (Caballero Camino, 2016: 146).

Portela Silva e Pallares (2003) indicam que a conquista iniciada em 711 estava composta de três entes (exércitos árabes, beréberes e os habitantes de Galicia), sendo que este último tratava-se da antiga *Gallaecia* (os que não vingaram na Galiza), decrevem os teóricos: “conocieron la disolución de los vínculos políticos que los habían unidos hasta entonces (...). Pero no establecieron lazos sólidos y duraderos con los nuevos dominadores; como en otras muchas partes a lo largo y ancho del territorio peninsular” (Pallares & Portela Silva, 2003: 129).

O lugar da *Gallaecia*, de maneira similar ao da presença árabe, foram lugares sociais concretos e que de certa maneira seguem sendo lacunas - silenciadas ou pouco visibilizadas – malgrado os estudos

como os de Pallares e Portela Silva (2003), dentre outros. Estudos nos quais se enquadram a Galiza, depois da implantação do ideário católico, dentro de uma Europa que já configurada assim (desprovida de árabes, beréberes) desde tempos remotos:

Ainda pela Ibéria andava a Primeira Cruzada e já o mito religioso de Santiago vocacionava Compostela para vir a tornar-se a Jerusalén da Finisterra. A “Estrada de Santiago” ou o “Caminho de França”, com sua fantástica estrutura de apoio sócio-religioso aos milhões de peregrinos a Santiago, haveria de levar a Galiza a abrir-se, ao longo dos séculos, para a Espanha continental e, através dela, para a Europa (Antunes, 1983: 59).

Importante é destacar, pois, que a superação do sistema medieval e a implantação de outros e novos parâmetros sociais em Santiago de Compostela, relativo ao estabelecimento das *prazas de mercado*, se dará incluindo a religião católica que foi a pedra angular da cidade de Santiago de Compostela. Essa inclusão católica no contexto de construção das *prazas* ou *mercados* está expressa em diferenças, tendo em conta o modelo introduzido a partir do Francês. Nesse sentido, a cultura do *zoco* nunca se apagará como dinâmica sócio-cultural e de identidade socioeconômica, ainda que isso se tenha dado por influência de França, quer dizer, pela importância dos mercados muçulmanos na conformação dos mercados franceses e estes, por sua vez, trasladados ao Estado espanhol. É quando o silenciar e apagar encontra resistência e é ressignificado por outras vias, ainda que sigam nos estratos do ocultado.

O domínio dos árabes é ainda mais evidente no comércio, porque, ao contrário dos cristãos da Idade Média, eles não desprezam essa atividade... Este desenvolvimento do artesanato e do comércio faz a prosperidade do império e contribui para o desenvolvimento das cidades. Enquanto o Ocidente continua a ser rural, o Oriente Árabe vive uma urbanização precoce (...) as cidades árabes vibram com

atividade comercial incessante, também brilham com sua vida cultural⁴⁶ (Noesser, 2011).

A influência que exerce a sociedade árabe, em razão das diferenças nas dinâmicas de comércio, do desenvolvimento das atividades artesanais, dentre outros, vai pressupor a preponderância em outros contextos, em razão da base cultural e de atividade comercial intensificada que, abriu precedente, inclusive para o Ocidente.

Por outro lado, o fator de conformação religioso na Península fará com que a *praza de mercado*, e mais ainda a Compostelana, tenha matizes e particularidades peculiares, por ser fonte de abastecimento de locais e peregrinos, por estar permeada por um público nativo, tambémromeiro e forasteiro.

O certo, porém, é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela não é uma cópia fiel do mercado francês, não em termos de práticas sociais e subjetividades. Nesse desenho “novo”, a diferença de França, por exemplo, o clero e a igreja seguirão sendo protagonistas, malgrado a ruptura com o modelo hegemônico medieval para a conformação dos *mercados* e *prazas*. A Praça do Mercado de Abastos de Compostela se plasma com base numa realidade católica basilar.

En la Francia revolucionaria de 1790, fueron abolidos todos los derechos feudales vinculados a los mercados. Éstos pasaron a ser responsabilidad exclusiva de los municipios. La expropiación de bienes eclesiásticos y de la nobleza emigrada permitió la sustitución de las viejas estructuras por los nuevos organismos estatales (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 2).

⁴⁶ Tradução própria: “La domination des Arabes est plus nette encore dans le commerce car, contrairement aux chrétiens du Moyen Age, ils ne méprisent pas cette activité... Ce développement de l’artisanat et du commerce fait la prospérité de l’empire et contribue à l’essor des villes. Alors que l’Occident reste rural, l’Orient arabe connaît une urbanisation précoce... Si les cités arabes vibrent alors d’une incessante activité marchande, elles brillent aussi par leur vie culturelle” (Noesser, 2011).

A separação estado-igreja católica em razão de aspectos gestados em épocas anteriores e em luta, dada e impulsionada com vontade política de ocupar territórios que eram muçulmanos e que se desenhou sob o conceito de embate entre muçulmanos e cristãos, dentre outros aspectos, dará lugar à configuração política que, no momento da construção, tanto física como simbólica, da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, se fará visível, não como o que deveria ser - uma separação - entre Estado-clero, como se deu em França, senão como uma estrutura relacional que vai configurar um espaço social singular que é um montante ou inclui aspectos diferenciados (ou antagônicos), ainda que isso se dê diante ao tecido de silêncio. Um dado sugestivo é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela está desenhada e tutelada entre duas igrejas: Santo Agostiño e San Fiz de Solovio.

La ideología, lo sabemos bien, no es un reflejo de lo vivido, sino un proyecto de acción sobre él. Para que la acción tenga alguna posibilidad de ser eficaz, la disparidad entre la representación imaginaria y las “realidades” de la vida no debe ser demasiado grande. Pero a partir del momento en el que el discurso se hace oír, se cristalizan nuevas actitudes que modifican la manera que poseen los hombres de percibir la sociedad a la que pertenecen (Duby, 1980).

Entende-se, com efeito, o contexto histórico medieval como um projeto político que constrói representações que modificam e marcam, não somente, a percepção da realidade, senão também, as dinâmicas dos sujeitos no mundo.

Outro fator a ser marcado, relativo ao contexto medieval em Santiago de Compostela é o trânsito de pessoas proveniente de todos os lugares do mundo, um feito que favoreceu um comércio intenso e diverso. Dessa forma, a Praça do Mercado de Abastos, e a feira prévia a esta, recebeu como herança esse fluxo, compondo um lugar instituído que é basilar na própria conformação da cidade e também do imaginário e contexto simbólico: “En el caso de nuestra ciudad, aún hemos de tener en cuenta su condición de centro de peregrinación, lo que se traducirá en un mayor desarrollo de ciertos sectores (...) a

satisfacer la demanda de productos y servicios jacobeos” (Caamaño & Suárez, 2003: 108). Da mesma maneira que nas sociedades antigas, na centralidade da Ágora, Foro, Zoco, do mercado da América Central, dentre outros, se tratava de um lugar social cêntrico, de desenvolvimento e que atendia às demandas de sobrevivência de toda a comunidade.

A base católica e o trânsito de gente de diferentes lugares se somam a um terceiro fator, o desenho do contexto social dentro de muralhas medievais: “La muralla era el elemento que daba entidad a las ciudades en las sociedades antiguas” (García Atienzar, 2009: 11). Essa relevância em termos de poder, de controle de fluxo humano e de mercadoria também se dava em valia tática, “la muralla tenía un valor estratégico que se puso de manifiesto en algunos momentos decisivos de la historia política compostelana” (Caamaño & Suárez, 2003: 89). A muralha é mais do que aspecto material e monumental, pois configura “modos cognitivos”, condutas alusivas, representativas e alegóricas próprias de heranças simbólicas de dinâmicas do passado. Esses nomeados modos cognitivos recorrentes e seguem deixando marcas profundas e seguem pautando dinâmicas de transformação na atualidade.

(...) Mayer ha introducido un modelo cognitivo procedente del pasado ya que subraya la presencia de una gran muralla con sus correspondientes cubos, elemento del que no queda constancia en el plano de 179655. Con todo, sin muralla material, Santiago de Compostela seguirá siendo una ciudad limitada por esa muralla, transformada con el paso de los años en ronda de circunvalación. Otro ejemplo de cómo la plasmación gráfica, a pesar de su aspiración objetiva, también queda determinada por esos modos cognitivos es comprobar cómo el cambio más apreciable en el espacio urbano de la ciudad en 1886 es la construcción del nuevo mercado de abastos (1870), contiguo a la iglesia de San Agustín y de San Fiz de Solovio, lugar donde en 1796 todavía se mantenía el cementerio, huertas y edificaciones de los Condes de Altamira (Monterroso Montero, 2011: 46).

A muralha também cobra importância como elemento que garantia benefícios aos senhores feudais. Esses se multiplicavam porque não somente se beneficiavam do trabalho servil e/ou escravo, senão que passaram a estruturar uma série de excedentes que lhes eram entregues ou tomados - apropriação - em forma de impostos. Esse processo é entendido como urbanização, no qual a conformação da feira, ou atividade de mercado, adquire um salto qualitativo e quantitativo como atividade sóciomercantil, no qual a muralha delimitadora de um espaço marcava pauta: “Además de esta función defensiva, la muralla era también un instrumento de control fiscal de primer orden ya que el paso obligado a través de las puertas permitían controlar (...) y percibir una variada gama de impuestos” (Armas, 2003: 88).

Emprega-se a expressão sóciomercantil porque se entendem a feira e o mercado como espaços que abarcam esses dois conceitos, e que não devem ser dissociados; ainda que seja certo que no processo de desenvolvimento histórico a feira passe a ser, também, um espaço simbólico no qual outras atividades cobram sentido como um locus de passeio e ócio (Campoy García, 2015). Trata-se, em fim, de um lugar de aprendizagem social que transita entre aspectos simbólicos (materializados) e mercadológicos.

Tanto a construção como o desaparecimento das muralhas em termos de significação vão pautar as manifestações das mudanças sociais. Ainda que os estudiosos Caamaño e Suárez (2003) ao sinalizar as revoltas de 1116 (Revolução Comunal de Compostela), também em 1467 (Revolta Irmandiña), dentre outras ocorrências que tiveram a muralha como vital para a manutenção do sistema, também não se nega que o valor concreto chegou ao final: “Aunque en Época Moderna el camino de la desaparición de la muralla como símbolo del poder municipal era irreversible” (Caamaño & Suárez, 2003: 89). Deixando de ser símbolo de poder e constitutiva no medievo, passa a ser referência turística na atualidade - é o poder da cultura na modernidade - cultura materializada e consumida:

Se ha impuesto poco a poco una noción de cultura instrumental, funcional, en relación con la necesidad de

regulación social del nuevo orden mundial bajo la égida de los nuevos imperativos de la gestión simbólica de los ciudadanos y de los consumidores por los estados y las grandes unidades económicas (Mattelart & Neveu, 2004: 159).

Na atualidade, a importância desse fato relativo à visitação turística cobrará força ao entender a Praça do Mercado de Abastos de Compostela em termos de localização e dentro do enredo histórico de Santiago de Compostela, em um ponto estratégico do que foi uma das portas da muralha medieval. Esse valor emblemático que faz alusão a um momento histórico passado é um valor, um bem para a cidade e para a *Praza* que a vincula à sociedade medieval e marca o testemunho da história que não se pretende esquecer.

Há que ter, porém, como atual que todas essas mudanças de edificação e de conceitos transcorrem ainda no cerne histórico do medieval (ou nele se inicia), em que se desenham os espaços sociais de trânsito de gente, de acesso de produtos e de contato com o exterior, por exemplo. Dessa maneira, as matrizes de aprendizagem são compartilhadas e gestadas neste momento em muitos aspectos e pervivem, reguladas e continuadas ou ressignificadas.

O trânsito de pessoas no medievo sobrevive ressignificado em trânsito de gente no moderno, ainda que com diferentes papéis ou relações sociais, o de turistas na atualidade, por exemplo, também de um neoperegrino. O espaço de poder demarcado pelas muralhas do medievo também sobrevive em poder simbólico, estando conservada uma parte da muralha medieval no contexto arquitetônico da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Nesse contexto histórico, do Medievo transfigurado no hoje, vão sendo tecidas redes de significações, se escreve e reescreve, ressignificando as matrizes de aprendizagem compartilhadas, na educação entendida como educação social do sujeito, na apropriação de ferramentas para a existência em situação, como sujeito da *práxis* freiriana. Assim, ao adentrar a rede de significado social, é importante ter em conta a noção de que o novo somente é construído a partir das bases do pretérito, ainda que subjacente no silêncio ou ressignificadas.

Assim, Santiago de Compostela é uma cidade de origem medieval, na qual a estrutura política feudal imprime as diversas dinâmicas sóciocomerciais, que ainda deixam marcas no hoje.

a) Descentralização Versus Concentração ou movimentos de fluxo e influxo

A atividade de mercado (de feira e/ou comércio) Compostelano na Idade Média estava disperso, ou seja, descentralizado e sem um lugar único para a sua realização. Sendo assim, há a descentralização da “atividade comercial” que é uma das características das cidades medievais na alta idade, no que tange ao desenvolvimento da atividade na feira medieval, com uma desaceleração significativa nas atividades comerciais, no sentido da sua organização interna.

Entende-se, dessa maneira, por dispersão, a organização comercial dentro da própria cidade feudal. Assim e por outro lado, a centralização, como característica do feudalismo, que se concretiza no desenho do feudo com a conformação estrutural fechada. Em palavras de Caballero Camino (2016: 477), “obedeciendo a una racionalidad teológica-nació con vocación de eternidad y se consolidó como sistema cerrado” em si mesmo, escassa de contato com o mundo exterior (isso como realidade própria da alta Idade Média).

Contudo, isso não quer dizer que as práticas sociais sejam somadas ou superpostas ao desenvolvimento do processo histórico, senão que esses elementos ou se conjugam ou se solapam, e é na sobrevida ou no desaparecimento que são construídos os espaços de identidade “tradicional” (herdados), porém isso estará sempre sobredeterminado pelo sistema social que se constitui como hegemônico. Esses conceitos, entretanto, estariam em todos os aspectos sociais, por exemplo, enfocando nos processos educativos, descritos por Bourdieu nos termos da “causalidade do provável” (Bourdieu, 1998: 42).

A ideia de Bourdieu é a de que, pelo acúmulo histórico de experiências de êxito e de fracasso, os grupos sociais iriam construindo um conhecimento prático (não plenamente

consciente) daquilo que está e daquilo que não está ao alcance dos membros do grupo - dentro da realidade social na qual eles estão inseridos -, e das formas mais apropriadas de ação (Martins Nogueira & Martins, 2009: 54).

Deve ser sinalizado, entretanto, que posteriormente, na sociedade capitalista, o desenho e construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá a partir de um espaço e dinâmicas de feira, que, com a construção do edifício, se concreta e se administra de maneira supostamente diferente. O movimento oposto, no entanto, o de expansão, nesse microespaço da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e arredores (o movimento de expansão) segue sendo dado semanalmente. Nos dias mais dinâmicos e laboriosos, a *Praça* é amplificada, ou seja, as atividades próprias de mercado (de compra e venda), como outras mais alargadas, se dão não somente dentro dos portões de ferro, no interior do edifício do Mercado de Abastos de Compostela, senão que se expandem por todo o perímetro. Constata é que as matrizes de aprendizagem compartilhadas, que operam nesse espaço por via dos coletivos trabalhadores, estão vinculadas aos fluxos e influxos, já não históricos e próprios de variados sistemas sociais e políticos, senão (e também) de dinâmicas sociais constitutivas, intrínsecas da *Praça*.

Os fluxos e influxos do passado são, na verdade, pautas recorrentes, de maneira dialética, espiralada. Ou seja, atualmente essas influências, processos, movimentos e concentrações e disseminação seguem vigentes. Trata-se de um *partem*.

b) “Mercadeiro”, o comerciante viajero

Como consequência ao desenvolvimento da atividade de mercado dentro do feudo, além do caráter descentralizado, soma-se esta dinâmica, figura do mercador viajante, elemento de fissura ou abertura nesse modelo social organizado sobre a base do feudo, além do caráter descentralizado, soma-se esta dinâmica no transito do mercador fundado no conceito da liberdade: “al igual que la civilización agraria había hecho del campesino un hombre cuyo estado

habitual era la servidumbre, el comercio hizo del mercader un hombre cuyo estado habitual era la libertad” (Pirenne, 2011: 86).

A memória histórica do mercador viajante, remonta aos tempos pré-históricos, como herança cultural e do diálogo entre assentamentos humanos, quando havia determinados agentes que se encarregava da troca entre diferentes núcleos. O viajero medieval antecede às uniões de feudo.

Nessa etapa histórica, juntamente com o fluxo de mercadorias, se dava o fluxo de pessoas, e com estas a mobilidade de idéias. Isso já se deu antes, na pré-história humana, quando o fluxo de gente é motor de trocas e mudanças, uma ação dinamizadora que consolida a transformação.

O lugar simbólico do comerciante viajante está ressignificado na atividade de mercado. Suas dinâmicas são elementos chaves na dinamização das matrizes de aprendizagem. Na atualidade da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, essa função dinamizadora é atribuída a diversidade práticas e sujeitos. Essa transcendentalidade da figura do comerciante viajante é posta como centralidade no Medieval e alcança um desenvolvimento que questiona o sistema medieval:

Definitivamente, los mercaderes medievales van a transformar la sociedad, dice H. Pirenne, “no son los continuadores de los mercaderes del pequeño comercio local de los siglos IX y X”. Realmente, esa “nueva” práctica mercantil que poco a poco va a ir permeando las estructuras de la sociedad agraria, traerá consigo, a su vez, una nueva mentalidad (Caballero Camino, 2016: 145-146).

Nessa faceta do diálogo entre o fechado e o aberto, de movimento de fluxo e influxo, além da figura do mercador tem-se também o tópico da Universidade de Santiago de Compostela, tanto em imagem identitária, como em relação ao fluxo de gente, dentre outros aspectos identitários e de grande simbologia para a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

c) A Universidade

O desenho ou configuração política que se quis de Santiago de Compostela também tem na Universidade um pilar de centralidade, além das ações estritamente religiosas como ideologia, domínio e também de fonte de arrecadação. A universidade nasce imbricada com a religiosidade - “Durante buena parte del Medievo, la cultura fue un producto esencialmente eclesiástico: los clérigos eran la clase letrada por antonomasia” (Mitre, 1999: 69) - e a importância dessa instituição se funda tanto em aspectos ideológicos como políticos, e é na necessidade de abastecer e de nutrir a população do necessário para a vida e as dinâmicas sociais dadas, como também nos impostos retirados das atividades comerciais, que se nota a importância primordial das funções de feira e de mercado.

O incremento de fluxo de gente ocasionado por meio do incentivo às universidades vai gerar um espaço no qual a atividade de mercado se consolida, sendo de fundamental importância para a sobrevivência e a manutenção do centro urbano singularizado por seu caráter religioso e universitário:

Fue el ayuntamiento compostelano, estrechamente unido a instituciones como la Universidad y la Sociedad Económica, quien orientó la regeneración compostelana conciliando tradición con modernidad (...). Para ello no tuvieron que renunciar a sus mitos, simplemente los adecuaron a los nuevos tiempos. El Apóstol peregrino (no el Apóstol guerrero) y su Universidad fueron sus dos grandes bazas (Barreiro Fernández, 2003:474).

A importância do lugar de abastecimento para os núcleos urbanos universitários na sociedade medieval incrementa a relevância do lugar de convergência social: “las ciudades, universitarias también se beneficiaron de la presencia de un grupo de población que favorecería el crecimiento demográfico, permitía a sus mujeres matrimonios socialmente ventajosos, impulsaba el desarrollo económico, el consumo de bienes materiales y culturales, etc.” (Torremocha, 2004:162).

Esse rasgo de espaço de centralidade social e de dinâmica de mercado foi transferido como aspecto simbólico para a atualidade da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Como já sinalizado aqui, se configura o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago. Em relação ao consumo feito por estudantes universitários, a promoção feita pela USC que premiava com bolsas para a compra de produtos frescos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela (*El correo gallego*, 26 janeiro 2011) pode ser entendida como alusão e sinergia com outros períodos.

d) Crise de produção: decrescimento e salto ao novo sistema

A realidade do sistema medieval, contudo, não era homogênea, havia diferenças, e também grandes semelhanças (Domínguez González, 2008: 17). Por exemplo, a Galiza medieval de 1230 era uma grande potência (com uma corpulenta estrutura econômica com peso no rural, próprio das sociedades medievais), independente da coroa de *Castilla*, com um poder local que se dividia entre o clero e a nobreza. Esse lugar de poder, entretanto, foi deteriorado até chegar ao fim, com a mudança definitiva dos fundamentos sociais daqueles tempos: “O triunfo social dos labregos no cambio de século corre paralelo ao fim da fidalguia, dos señores que se mantiveron con poder no agro con distintas fórmulas dende tempo inmemorial, modificando as relacións sociais rurais” (Fernández Prieto, 2007: 169).

O citado contexto frutífero do medieval galego, entretanto, vai despejar-se em etapas de decrescimento e conflitos. Um fato de relevância na construção da era moderna dado na Península Ibérica, por exemplo, é o fato da *Revolta Irmandiña*, uma rebelião que conota a transição da Idade Média para a Idade Moderna (Barros Guimeráns, 2006), revolta que parte de vários episódios prévios de rebeliões locais por diferentes irmandades, como afirma Barros Guimeráns: “La gran revuelta de 1467 no cayó del cielo... ni fue producto de una “conspiración secreta”; vino precedida de múltiples ensayos parciales, por zonas y localidades, especialmente intensos a partir de 1451, en las rías de Pontevedra y Arousa” (2006:37).

A grande guerra social *Irmandiña* foi uma revolta social na Galiza de 1467 a 1469, uma das maiores guerras na Europa do século XV, feito que já deixa claros sinais de que se estava conformando e gestando uma mudança nas sociedades daqueles tempos em direção à ruptura do sistema. A revolta, entretanto, foi reconduzida, ainda assim, uma nova maneira de vida estava em pleno processo de construção. A *Revolução Irmandiña* foi uma vitória campesina, uma revolução mental, política e cultural construída desde bases alheias ao lugar de poder vigente, segundo Barros Guimeráns (2006: 43): “La revolución irmandiña es, con certeza, la última manifestación de la identidad de Galicia construida desde abajo”.

Malgrado a asfixia da *Revolta dos Irmandiños*, como consequência de um período de convulsão que vai gerar uma ampla crise no sistema de produção, a decadência do sistema feudal chegar a um novo modo de vida, em uma nova era; entretanto, essa ruptura inicial como marco darseá de maneira mais intensiva na França, que a *posteriori* marcará tendência na construção de *prazas*, empórios, lugares de abastecimentos e *mercados públicos* (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007), nomenclaturas do que hoje entendemos e nomeamos de maneira própria como Praça do Mercado de Abastos.

É importante sinalizar para o fato de que na Idade Média a economia estava baseada no modelo de subsistência, na qual a norma era a produção do justo e necessário para manter-se com vida. O excedente da produção nesse contexto era de obrigação política:

Considerándolo así sucede que una economía de subsistencia, como su propio nombre indica, es una economía donde cada campesino produce poco más de lo necesario para mantener vivos a sí mismo y a su familia. Apenas se produce para el excedente, y las veces que se hace lo es por motivos de carácter político-jurisdiccional (...) El campesino está obligado a transferir el excedente de su trabajo en forma de tributos al señor feudal (Domínguez González, 2008:2).

Entender essas mudanças do contexto galego (de maneira específica no âmbito da sociedade de Santiago de Compostela) marca

a diferença nos estudos centrados na compreensão da realidade dinâmica (econômica, política, social, cultural e educacional) que um dia foi uma feira medieval e que dará lugar a uma Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Isso é assim porque a feira que se fez (ou foi construída) é não somente tetemunha de uma dinâmica social, porquanto é parte integrante nesse início, auge e decadência da Idade Média no processo de simbologia de lugares sociais e de mercado, senão que vai determinar a conformação atual de *Praza* e suas dinâmicas como processos educacionais herdados.

Cada um dos episódios sistematizados (de maneira resumida) deixarão sinais na construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, e suas matrizes de aprendizagem compartilhadas são tidas como herança e farão parte das memórias vivenciadas hoje. Trata-se de um lugar onde reside e se encenam as matrizes de aprendizagem compartilhadas, dadas por uma vinculação ancestral que vem sendo modificada e ressignificada a cada momento histórico, que é expressa em espiral dialética no cotidiano da comunidade grupal, em que cada final é também um outro e novo início.

Em fim, as atividades desenvolvidas naquele período passado continuam existindo hoje, ainda que de maneira (re)simbolizada e (re)modelada, dada como emblemática no movimento em diálogo de crescimento e também de crise, de fluxo e influxo ou de centralização e descentralização, dentre outros movimentos de abertura e fechamento colocados como processos de dinâmicas sociais de aprendizagem.

3.2.2. Modernidade no Estado espanhol

No século XVIII, com as Guerras de Sucessão (1701-1713) e a posteriori a Revolução Burguesa em França (1789-1799), junto com aspectos de caráter internos, se dá a construção do imperialismo como nova e diferente etapa da história humana. É a busca da divisão do mundo, a procura do domínio de matéria-prima e o movimento de capital: “La exportación de manufacturas - declaran doctamente - no caracteriza al imperialismo; éste se define por el control de fuentes de

materias primas, el reparto del mundo y la exportación de capitales” (Marini, 1974: 4). Nessa nova etapa, o excedente da produção é fundamento da sociedade e o mercado o seu fim, o destino.

A concepção de idade moderna faz referência ao período histórico que se desenvolve, de maneira geral, desde o Renascimento até a Revolução Francesa, e ainda que esta seja uma maneira de pensar o passado com suporte em modalidade européia e ocidental (Sánchez, 1999: 117), igualmente certo é que são os ideais renascentistas e a revolução burguesa que irão marcar as pautas para a conformação dos mercados implantados no Estado espanhol e, portanto na Galiza.

No século XVI, um novo mundo entra no processo que se designa de maneira tradicional de “descoberta da América” que vai ser configurada como uma etapa de domínio dos povos a escala global, na qual a terra é deslocada, ampliada. Quer dizer, o mundo é compreendido e configurado de maneira definitiva como um globo, conformando a etapa de ruptura com esse modelo medieval fechado e adentrando a luta pela divisão do mundo, na disputada por parte das grandes potências naquele momento histórico, estando a Península (Espanha e Portugal) entre as citadas grandes potências, o que vai resultar num período de crescimento interno acelerado e dinamização de atividade de mercado, dentre outros: “Ya en los siglos XVI y XVII la expansión europea hacia el resto del mundo había resituado importantes riquezas que se abrieron camino en el sistema interno” (Williams, 2001: 346).

Outro dado importante configura-se o entendimento da Ilustração cresce: o interesse pela educação e pelo progresso científico que deixam marcas na organização social. Essas mudanças vão abonar o terreno social para uma transformação significativa em termos de imaginário, sistema e conformação social. Quer dizer, limpeza, ordem, educação, progresso, etc.: são palavras de lei, que vão amparar e dar formato a políticas concretas às ânsias de concentração e controle por parte da nova classe emergente refugiada já não nas cortes, senão que no Estado.

A etapa moderna se dá com o fim do sistema feudal (não em datas fixas, mas em ideologia e práticas sociais). Também é o fim de

várias práticas sociais anti-hegemônicas como, por exemplo, a inquisição, a mudança da monarquia por um sistema parlamentarista, com uma constituição e, em fim, o nascimento, desenvolvimento e consolidação de uma burguesia nacional, com seus matizes, fluxos e influxos.

O mercado compostelano recebe as modificações sociais próprias da época: intensifica-se o trânsito de mercadorias e de pessoas. Todavía, a descentralização continua a marca desse modo de mercado entendido ainda como feira. Demarcações do momento histórico, porém, assente no salto caro à intensificação de atividade industrial e mercantil se farão notar na dinamização e crescimento dos lugares sociais de atividade de mercado representado em feira.

Assim, o fim do sistema feudal nunca se deu para a feira, nem para a Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Esse nomeado fim, em linguagem de identidade e cultura, representa processos que vão deixando marcas, rastros, metas e indícios que conformam um todo na dialética do que vem a frente. Quer dizer: o que se nomeia de fim de um processo nada mais é do que a construção dialética do novo, que não pode ser conformado sem as raízes aferradas do antes.

Nessa nova configuração, vem o incremento populacional, muda o sistema econômico, transforma-se a configuração social e se modifica a maneira de governar, está é alterada. Têm continuidade as disputas dentro do grupo dirigente, porém a configuração que se tem destas transcorre em forma de demandas ou pleitos:

Es la renovada vestimenta de una ciudad que, a mediados del XVIII, se ha convertido, si atendemos al número de habitantes, en la más importante del norte y noroeste de la península sobre la base de la economía rentista, artesanal y mercantil propia del Antiguo Régimen. Los pobres y la gente del común, con más o menos acomodo, componen la mayor parte de la población gobernada por el reducido grupo de personas y familiares que integran la jerarquía eclesiástica, la hidalguía y la oligarquía burguesa; los conflictos en el interior de ese núcleo dirigente, que durante la edad media habían dado lugar a fuertes

estallidos de violencia, no desaparecen; pero se expresan ahora en los litigios (...) (Portela Silva, 2003:16).

A feira ou a atividade de mercado compostelana, como parte integrada na própria sociedade vai passar por esses processos e mudanças, lentas e progressivas, à extensão temporal, dados em formatos de processos educativos. Assim, a conformação e desenvolvimento local estarão marcados intrinsecamente por esses processos, ainda que não se saiba ou não se dê a conhecer.

No período do século XIX a Praça do Mercado de Abastos de Compostela passa a ter uma conformação espacial e arquitetônica atual, delimitada e centralizada, de propriedade do Estado (do *Concello*/prefeitura). Em 1870 se projeta e em 1871 são iniciadas as obras de construção do que foi designado como “Mercado Primitivo”, datado em 1874 (Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014: 17), na nomeada era dos mercados de cristal, de influência francesa. Trata-se de uma época de grandes mudanças.

O século XIX, também conceitualizado como século das invenções, ou “das descobertas” que também vão dar configuração a partir da ebulição (choques e conflitos) transvestida de crescimento é construída o edifício da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Porém, essa realidade havia iniciado muito antes, dado que é no movimento dialético que se fincam as bases para o futuro.

É nesse século e no terreno onde estava o *pazo*⁴⁷, a horta e os jardins dos Condes de Altamira que se inicia a construir uma “não feira”, e sim um “mercado”, centralizado e com uma estrutura própria definida que dará lugar ao que hoje percebemos, vemos, entendemos e nomeamos como Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Tal fato que se desenvolve em uma época política de muita mudança ideológica e social e que vai desembocar na efervescência da Primeira República (1873-1874) e também da segunda República Espanhola (1931-1939).

⁴⁷ *Pazo* é uma espécie de casa e solar galego da nobreza, especialmente construído no sistema feudal.

3.2.3. Novo mundo, nova era: República

A revolução espanhola de 1868, que alguns historiadores denominam como revolução democrática e outros como revolução burguesa (Fuente, 2006), foi um momento social e político de profundas mudanças no mundo, com suas características e matizes históricos próprios de destruição e construção: “A depresión de finais do século XIX é, como todas as crises, unha fase destrutiva e á vez seminal” (Barreiro Fernández, 2007: 71). Essa revolução é enquadrada por alguns teóricos como um ensaio democrático protagonizado por militares e por civis dirigentes de partidos (Fuente, 2006: 234), e que dão sinais de mudança de mentalidades e de vinculações de coletivos diferentes, grupos para um fim comum. Por um lado, aqui há de sinalizar tanto a construção de dinâmicas coletivas novas (que rompem com praxes assentadas e hegemônicas), como também a vinculação de coletividades dessemelhantes, ainda que unidos em função de objetivos comuns.

De outra banda, os acontecimentos políticos que desembocam na proclamação da primeira República em 1873, e, em 1874, a Restauração da monarquia da família Borbón, aportam luz a respeito da mentalidade da época, que vai marcar e determinar as ações práticas naquele momento e que serão espalhadas no futuro.

Em distintos espaços da vida social e política, além de assentar as pautas para formação cidadã hegemônica para o futuro, a educação e mentalidade dos coletivos sociais se verá refletida, em grande medida, nas estruturas sociais históricas ressignificadas, como pode ser a construção do edifício da Praça do Mercado de Abastos de Compostela que vai ser erigido como modelo de modernidade, que recolhe o arcabouço simbólico de dinâmicas sociais passadas e as (re)enquadra como atual, nova, moderna.

Em 1870, Santiago de Compostela era um centro nevráugico, lugar com um comércio dinâmico e de grandes disputas políticas entre as posições Carlistas e Republicanas. Nesse contexto, no qual se tinha o mercado elaborado de 1870 como espaço centralizado e projetado para ser o recinto de intercâmbio. Dá-se lugar às obras, e em 1874, às

instalações da negação da feira, na construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que começam a ser utilizadas, havendo este sido desenhado pelo arquiteto Augustín Gómez Santamaría em pavilhões de ferro e cristal, como marca de um conceito ideológico, identitário e arquitetônico francês. Ou seja, nada próprio, nem particular ou típico.

O nome dado a esse lugar limitado de mercado, encontrado na literatura de fontes primárias sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela recolhido na literatura sobre a *Praza* é “Mercado Primitivo” (León, 1998; Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014).

Otro servicio importante para la mejora del bienestar de la población urbana de Compostela era el relativo al mercado de abastos. En este aspecto, la decisión más importante fue su centralización en una plaza única, que agrupó todos los mercados dispersos por la ciudad (...). La concentración de los mercados en un espacio propio tuvo lugar hacia 1870, cuando se construyeron los cobertizos de la Plaza de Abastos sobre la cerca y en las huertas del conde Altamira, entre Solovio y San Augustín (Villares, 2003: 509).

De fato, vários estudiosos marcam esse momento histórico como de grande crescimento para a Galiza em termos de uma explosão agrária iniciada em 1903 (Fernández Prieto, 2007).

Em 28 de julho de 1914, entretanto, explode a Primeira Guerra Mundial que dura até 1918. Obviamente, essa realidade alterou todo o funcionamento da atividade de mercado, tanto em fornecimento como em produtividade, acarretando efeitos na sua própria conformação moderna da feira transformada em Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Por exemplo, a desaceleração e o retrocesso da atividade tanto de produção (matérias-primas, alimentos), como, e em consequência, de compra e venda (queda do poder aquisitivo). De outra maneira, em 14 de abril de 1931 se ocorreu a proclamação a República em Espanha, que substitui a monarquia de Alfonso XIII.

A primeira guerra mundial e a segunda república espanhola sinalizam grandes mudanças refletidas nas dinâmicas sociais e na construção do futuro no plano material e simbólico.

No ano de 1938, em plena República, em razão do envelhecimento e ruína da estrutura da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, feita com materiais inapropriados à realidade climatológica galega, com elementos de vidro e metal, nos moldes franceses, se projetou um novo mercado, e nesse citado ano deu-se o início das obras.

A idéia e moldes franceses absorvidos pelo Estado espanhol não tiveram longa vida. O Mercado velho ou mercado primitivo foi substituído por um novo, ao cargo e na direção do arquiteto Joaquín Vaquero Palacios, quem propôs a construção em pedra, inspirada nos edifícios românicos, esse que vemos e sentimos hoje e que tanto se deseja como medieval.

No período da Segunda Guerra Mundial (1939 e 1945) foram desenvolvidas as obras do mercado atual (o mercado tal como conhecemos hoje): “El conflicto más importante y destructivo de la historia de la humanidad” (Aracil, Oliver & Segura, 1998: 17); também se dá em plena Guerra Civil Espanhola (18 de julho de 1936 a 1 de abril de 1939): “Todo ello quedó roto. Excedentes de productos alimenticios en una zona, frente a una población hambrienta en la otra” (Sánchez Asiaín, 1999: 43); do mesmo modo que em épocas de ditadura, que em 01 de abril de 1939, no final da guerra civil se instaura como regime franco-fascista. Nesse contexto de desenlace, a Galiza adentrará no momento mais cinza da sua história, quando serão plasmadas dinâmicas e conceitos que deixaram o país imerso no desposuimento, uam vez arrebatada a democracia. Sendo esse o período no qual o mercado de pedra, o atual, conclui sua construção (edificação arquitetônica) e é aberto para seu funcionamento em um período histórico no qual todos os avanços foram truncados, degradingolados e recuados.

A Historia expropriou a ditadura. Galicia converteuse, na segunda metade do século XX, demograficamente, no país dos emigrantes pobres que seguían saíndo cara ao mundo despois de cen anos de emigración continuada, economicamente, no do atraso agrario, culturalmente, no dos ignorantes que seguían falando maioritariamente en dialecto, antropoloxicamente, volvemos a ser o país das

meigas e a morriña, politicamente, o dos que fixeron a guerra de Franco (Fernández Prieto, 2007: 14).

Defeito, Lourenzo Fernández Prieto (2007) fala da interrupção da explosão agrária galega iniciada em 1903 e que foi interrompida pelo golpe de estado que instaurou a ditadura de Franco (Fernández Prieto, 2007). Em palavras de Campoy: “A guerra civil e a posguerra supuxeron unha verdadeira creba nese proceso; o retroceso conseguinte borrou todos os avances experimentados durante o período anterior” (Campoy García, 2015: 105).

Por fim, a Praza do Mercado de Abastos de Compostela é construída, demolida, reconstruída e sobrevive em períodos de grandes convulsões sociais, locais e internacionais, sendo que depois das citadas guerras passa a ter uma configuração testemunhada na atualidade, que vai ser reconstruída e se desenvolver no marco do regime totalitário franco-fascista. Depois adentrará e sobreviverá na democracia vigente.

Quadro 5 - Contexto histórico do processo de construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela

DATA	CONTEXTO HISTÓRICO
1832	Primeiro documento encontrado que faz referência à construção de uma <i>Praza</i> em Santiago de Compostela
1868	Revolução Democrática espanhola
1870	Projeto de construção do <i>Mercado Primitivo</i> (de ferro e vidro)
1871	Início das obras do mercado de ferro e vidro
1873	Primeira República Espanhola
1874	Restauração da Monarquia Borbón
1874	Abertura do Mercado Primitivo (de ferro e vidro)
1914	Início da Primeira Guerra Mundial
1918	Final da Primeira Guerra Mundial
1931	Proclamação da Segunda República Espanhola
1936	Início da construção do Mercado
1936	Início da Guerra Civil espanhola
1939	Fim da Guerra Civil Espanhola e Instauração da Ditadura Militar Franco Fascista
1939	Início da Segunda Guerra Mundial
1945	Final da Construção do Mercado de Pedra (o atual)
1945	Final da Segunda Guerra Mundial
1945	Abertura da Praça de Pedra (o Mercado Atual)
1975	Fim da Ditadura franquista (Início da Democracia)
2006-2014	Reforma da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela (estrutura atual amplificada com a construção de um novo pavilhão/ <i>nave</i> , a <i>aula sociocultural</i>).

Fonte: Elaboração Própria.

Em 1945, registram-se anos de obras e entre duas guerras, o mercado de pedra se impõe, denominado por León (1998) de “Mercado Atual”. O que se pode perceber, ver, viver e constatar hoje consolida um longo e histórico caminho de aprendizagem social, tecido de tensões e conflitos, entre diferentes concepções de mundo, que transitam entre o tradicional e o moderno, dentre outros, dinâmicas que endossam os processos de aprendizagem social construídos na história da *Praza*.

A Praza do Mercado de Abastos de Compostela se constituiu por meio de uma trajetória que nunca conheceu uma volta ao passado porque foi constantemente ressignificada por meio do vínculo existente no grupo comunitário que a compõe e que se concreta nesse lugar social iconográfico do ser humano, presente como atividade de mercado e de necessidade que vive e sobrevive por meio das reconfigurações das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas por seus atores.

Ainda que seja certo que os lugares de mercado com a Praza do Mercado de Abastos de Compostela estejam passando por um involução - “El centro de la ciudad y su forma de comercio tradicional y minorista entraron en crisis” (Hernández Cordero, 2017: 167) -, igualmente certo é que esse encadeamento de períodos de retrocessos e progressos se constitui processos recorrentes, espirais dialéticos. São movimentos relativos a crescimento e depressão, de descentralização e de concentração e também de fluxo e influxo. Nesse sentido, a história social de espaços de mercado que é a *Praza* demonstra que estes lugares, antes de desaparecerem, o que alcançam é a transformação, operada em processos de aprendizagem e de apropriação e adaptação ativa à realidade. Dessa maneira, e assim, sobrevivem, ainda que na (re)significação e (re)configuração, em novas e diferentes formas de estar na Praza do Mercado de Abastos de Compostela.

Os vínculos existentes, a história sabida e por saber compõem as Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas abastianas no hoje. O processo da adaptação ativa à realidade, quer dizer, à aprendizagem, que para seguir existindo se efetivada quando medievo e idade moderna dialogam: “Las razones económicas, políticas y culturales

que explican el éxito de la Compostela medieval siguen actuando durante la edad moderna (...)” (Portela Silva, 2003: 15). A Praça do Mercado de Abastos de Compostela é também medieval pelas simbologias que há conformaram. Constitui um lugar de encontro e coesão, não por sua construção arquitetônica, mas sim pela elaboração simbólica expressa no cenário atual a partir de processos históricos.

3.2.4. Atualidade na Galiza da Comunidade Europeia

Em 1985, a “cidade velha” de Santiago de Compostela é declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Essa eleição política vai seguir construindo uma história, uma compostela e, em consequência, uma Praça do Mercado de Abastos de Compostela⁴⁸, não há que esquecer que nesse circuito de patrimônio da humanidade a *Praza* está posta como um dos lugares de centralidade.

É por intermédio da educação, como transmissão cultural que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela concentra e reflete muitos aspectos da história social de Europa, da Península, de Espanha e também Galega. A agricultura, o diálogo desta com a atualidade, o cooperativismo, a língua e o cultivo da identidade da cultura galega, a gastronomia, etc. são exemplos da educação social transfigurada na Praça do Mercado de Abastos de Compostela como transmissão cultural.

⁴⁸ Basta olhar como se define a cidade de Santiago patrimônio da Humanidade na página web da UNESCO www.unesco.org e em <http://whc.unesco.org/en/list/347> “**Ciudad vieja de Santiago de Compostela** Sede de uno de los más célebres lugares de peregrinación de la cristiandad y símbolo de la lucha de los cristianos españoles contra el Islam, esta ciudad del noroeste de España fue arrasada por los musulmanes a finales del siglo X. Totalmente reconstruida en el siglo siguiente, Santiago de Compostela es una de las zonas urbanas de mayor belleza del mundo, realizada por sus monumentos románicos, góticos y barrocos. Los más antiguos se concentran en torno a la catedral, tumba del apóstol San Santiago, a la que se accede por el magnífico Pórtico de la Gloria” (Consulta feita em 06/04/2018).

Com efeito, o novo rótulo, o da Santiago de Compostela como Patrimônio da Humanidade, supera os aspectos particulares, como também uma maneira de dar nome a um lugar, porque entram em cena questões próprias da identidade vigente, de um coletivo histórico que continua se inscrevendo e reinscrevendo-se na história, persistindo e sobrevivendo através do tempo, ao conjugar passado e presente em diálogos e sinergias.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela está inserida e é ponto de visitas massivas, reconhecida como o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago de Compostela o que a promove, mas também desencadeia novos atritos, mais choques.

A visitação turística, a falta de movimento esperado de dinâmica de compra-venda, a dificuldade em atrair novos clientes, as diferenças de opiniões não debatidas, dentre outros aspectos, tem se configurado em obstaculização nos processos de aprendizagem Pichón-Rivière (2005), define aprendizagem como apropriação da realidade para transformá-la, cuja noção de aprendizagem está intimamente ligada com transformação: “Baseia-se numa dialética que a caracteriza como a apropriação instrumental da realidade, para modificá-la. A noção de aprendizagem vincula-se intimamente com o critério da adaptação ativa à realidade, através da qual se explicita a ideologia que sustenta esta instituição” (Pichón-Rivière: 2005, 242). Esse processo de aprendizagem na *Praza* atual enfrenta desafios ao afrontar aspectos novos.

Outro dado de relevância a sinalizar relativo ao lugar moderno da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá em 12 de junho de 1985, quando o Estado espanhol assina o tratado de adesão à Comunidade Européia. Ainda é necessário pontuar que a solicitação formal para a entrada nessa nova configuração geopolítica se deu em 1977 (quase uma década de mudanças internas, adequações e também esperas) para poder compor esse espaço de *status*. Esse lugar de importância e prestígio que é a Comunidade Européia aporta às dinâmicas sociais maior possibilidade de *bem estar*, mas também outros aspectos de desigualdades e contradições. O citado *status*, porém, entende-se aqui a partir da teoria pichoniana que enquadra o

status como potencializador de situações de solidariedade, empoderamento, dentre outros aspectos que se plasnam com a superação das inseguranças:

Ascensão social (*status*): ascensão é o sinônimo de saúde ou de bem-estar mental, elevação do nível de aspiração e corresponde a uma capacitação aperfeiçoada que a torna possível. A isso se acrescenta uma crescente solidariedade, acompanhada de um sentimento de liberdade interior, como uma diminuição de incerteza, da dependência e da submissão, produtos da insegurança prévia (Pichón-Rivière, 2005: 153).

Esses processos de mudança e de construções e ressignificações vão conformando simbologias e novas Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas. Assim, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela nessa nova era é europeia e é parte do patrimônio da humanidade. Nesse sentido, o movimento de expansão no processo de fluxo e influxo segue produzindo outras inovações e novas dinâmicas e identidades culturais na ressignificação das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, sem esquecer. Quer dizer, então, que se assenta na transmissão cultural dada e encarnada na Praça do Mercado de Abastos de Compostela uma memória de resiliência dialética constante: “Toda sociedad (...), todo grupo humano desde el más depauperado al más rico, elitista y aristocrático ha activado y activa procesos, tanto formales y informales, para transmitir sus rasgos culturales más importantes a las nuevas generaciones” (Lisón Tolosana, 2005: 7).

A adjudicação no ano 2000 que concede à Cooperativa das trabalhadoras e trabalhadores a gestão da Praça do Mercado de Abastos vai marcar uma diferença substancial, própria das/dos agentes sociais ativas/os na *Praça*. É quando as trajetórias de vida e visão do mundo das pessoas trabalhadoras no lugar abastiano vão ser postas em prática.

Quando a horizontalidade se cruza com a verticalidade no processo grupal, cumpre-se a tarefa, é processo educativo disposto na concreção da adaptação ativa à realidade, no qual uma série de

enfoques e estratégias são postos em cena para superar as contradições que se expressam no viver da cotidianidade. É a comunidade do saber que retoma aspectos da soberania popular ao pôr em prática pontos da história social fundado em princípios de solidariedade e de economia social, nas palavras de Mattelart:

Utopías sociales inhumadas y declaradas arcaicas hasta hace poco vuelven a la superficie, y muestran la centralidad del principio de solidaridad en la construcción de una sociedad y de una economía no regida por el productivismo y la ideología de la cifra. Adentro de estas utopías está la utopía de la mancomunidad del saber. La pregunta recurrente es: ¿Quién va a poner la regla? O bien uno se contenta con alegar a favor de la intervención de los poderes públicos y del rol económico del Estado, hasta el día en que advendrá otra crisis, o bien se reanuda con el principio fundador de la soberanía popular y la primacía de lo político. Lo que supone que se opere un salto cualitativo en la participación de los ciudadanos en la gestión de las grandes cuestiones vivas que interpelan a la sociedad y a su porvenir, y entre ellas, la forma que tomará la sociedad del saber al plural (Mattelart, 2011: 70).

A gestão em formato cooperativa é um êxito social e conforma a força vincular das trabalhadoras e trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, ainda que este tenha sido dado (ou se dê) também por choques e conflitos. Pertence ao conhecimento em termos de cultura, de cultura popular na configuração de redes sociais para dar respostas a problemas configurados em contextos coletivos grupais. Muños (2005: 304) sinaliza a noção que com a cultura dá-se a possibilidade de imaginar outras modalidades econômicas de relações sociais coletivas.

Essa fortaleza, entretanto, que se mostra na conformação da Sociedade Cooperativa Galega (empresa que gestiona a *Praza*) é, ao mesmo tempo que exitosa, também uma debilidade. Isso é assim em decorrência dos processos grupais e da cristalização das relações sociais transmutados à cooperativa e que estão sendo dados de maneira estereotipada (discriminação de gênero, por exemplo), além

de encontrar sérios problemas para configurar espaços para diálogo e deliberação coletiva, como também é trazida em cena a resistência à mudança, o que é configurado como formas de rigidez diante da tarefa comum (a de viver da *Praza*), dentre outros aspectos: “La resistencia al cambio organizativo es una reacción natural (...). El cambio lleva tiempo, e incluso, aunque pueda dar resultados positivos a largo plazo, de inmediato suele ir asociado con ciertos niveles de cansancio y tensión. Así pues, el cambio no suele reforzar inmediatamente y puede generar resistencia” (Maher & Zins, 1989: 36).

Essa relação vincular fundada na necessidade e na interdependência da tarefa compartilhada compõe um processo grupal que se tem nas figuras dos papéis adscritos no jogo simbólico de relações sociais. Esses papéis são “un modelo organizado de conduta relativo a una cierta posición del individuo en una red de interacción ligado a expectativas propias y de los otros” (Pichón-Rivière, 2005), no qual se tem como papéis o líder, o sabotador, o porta-voz, o alcaguete e o bode expiatório. Essas relações serão manejadas nas dinâmicas da Cooperativa da *Praza*, porém estão sendo dadas de modo cristalizado em certos agentes.

Embora haja questões relativas aos choques dentro da Cooperativa, certo é que o tópico cooperativista da *Praza* está amparado em antecedentes históricos simbólicos de grande transcendência. Exemplo desse contexto de simbologia histórica (não tão atual) foi relativo à agitação social em torno aos dias no qual se desenvolveria a atividade de mercado. Nesse sentido, o estudioso Villares (2003) ilustra de maneira clara esse processo social que põe o foco na organização popular:

Larga fue la lucha desplegada entre comerciantes y dependientes por esquivar la ley del descanso dominical, acordada por el gobierno de Moura en 1904, que provocó un interesante debate entre los concejales compostelanos (...). Las fuerzas vivas de la ciudad, con la patronal, las sociedades de oficios (...) se empeñaron en esta reivindicación. Las propias vendedoras (“regatonas” y “vendedoras de retales”) del mercado hubieron de recurrir al patrocinio del mismo Montero Rios para lograr

satisfacción a sus demandas. El asunto todavía resurgió durante la II República, pues en 1931 se celebró un referendun ciudadano “para restablecer el mercado dominical” derogado en tiempos de la Dictadura (Villares, 2003: 5010).

A citação ilustra um enquadramento social ativo, de reivindicações coletivas, composta por agentes sociais de variados contextos e estratos, organizados em torno a um tema que foi mostrado de maneira recorrente. Esse assunto teve resolução por via de mecanismos de democracia direta⁴⁹. Um referendo popular, entendido como avanço nos métodos para solucionar conflitos ou diferenças grupais, se dá como uma das maneiras mais coletivas e horizontais de alcançar consenso.

Importante também sinalizar, nessa nova etapa da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, a era “*update*”, a reformulação e construção entre 2011 e 2014 de um novo lugar dentro e compondo essa “moderna” (nova ou atual) configuração da *Praza*. Trata-se do lugar de gastronomia, ócio, reunião, formação e lazer, um pavilhão que tem o nome de *aula sociocultural*. O arquiteto responsável desse ciclo foi Francisco José Vidal Pérez.

Outro fato a ser destacado (independente da cronologia) é a construção da página web e outros serviços dentro do marco mais tecnologizado na modernidade da *Praza*: a instalação de portas automáticas, elevador, serviço de entrega a domicílio, etc. é indicadora de mudanças dados no processo de aprendizagem ativo à realidade, quer dizer, formas adaptativas à mutante realidade social.

Essas citadas transformações alcançam grande transcendência para a Praça do Mercado de Abastos de Compostela porque as novas configurações trazidas por elas impõem mudanças substanciais, tanto na geografia, como, fundamentalmente, na dinâmica do processo

⁴⁹ “Se entiende por democracia directa un conjunto de instituciones que permiten que los ciudadanos emitan su opinión y decidan sobre temas particulares directamente en las urnas, a través del sufragio universal y secreto” (Altman, 2001: 29).

grupar abastiano. Reunir todos esses diferentes elementos citados vai pressupor mudanças de grande relevância.

Os três aspectos acima citados - deflagração da cidade de Santiago como Patrimônio da Humanidade, entrada de Espanha na Comunidade Européia e as obras recentes na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, marcaram e enquadram, de maneira concreta, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como um espaço da denominada Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC), ou mais bem de feitio próprio e genuína Sociedades do Saber e do Conhecimento (Mattelart, 2004).

Na apropriação da SIC tem-se uma política cultural entendida como específicas das Indústrias Criativas, estas como políticas concretas que submergem a Praça do Mercado de Abastos de Compostela na era da cultura materializada. Por um lado, se dá tanto em aspectos físicos e visíveis, como pode ser a presença de maquinaria moderna no pavilhão sociocultural, de sistemas modernos de *marketing*, de comunicação direta e indireta com clientes, provedores, entrega em domicílio, dentre outros aspectos. Por outro lado, também como simbólicos, a presença de outros sujeitos e agentes sociais advindos de variadas procedências, tanto formativa como de habilidades práticas e também de perspectivas e projeção, ao final com outras verticalidades até então não empregadas no grupo.

Nesse lugar social em decurso de profundas mudanças, as contradições são igualmente proeminentes. As práticas sociais e os processos educativos desenvolvidos no lugar da *Praza* continua sendo de diversidade e importância material e simbólica. Também, no entanto, albergam grandes tensões e disputas a partir dos dessemelhantes projetos entre vários entes de poder e dos agentes sociais mais ativos e quantitativos: vendedores, mulheres do campo (*paisanas*), agricultoras/es compradores, turistas, administração, *Concello* (prefeitura), por exemplo. Essas peijas vão desembocar em uma série de contradições, confrontações e tensões próprias dessa citada diversidade de agentes sociais ou lugares de fala sem consonância com a tarefa (a de viver da *Praza*). Suas diferentes visões e concepções de mundo e da Praça do Mercado de Abastos de

Compostela e dos diversos enfoques de como deve ser seu funcionamento são desencadeantes de atritos.

Na realidade descrita de diferenças, a ausência ou diminuição do diálogo, como também, e principalmente, como resultados de políticas importadas, tem-se uma obstaculização (ainda que parcial) dos processos de aprendizagem. É quando muitos pontos conflitivos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela estão sendo escamoteados e assim não se tem solução das diferenças e, em consequência, não se pode avançar em aprendizagem coletivo. Nesse sentido, a *Praza* tece novos projetos e outras configurações na modernidade, ainda que alguns desses desenhos e formatos portem tensões e medos básicos (de ataque e de desposseimento).

Atualmente, a construção definitiva da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é, mais do que nunca, uma realidade em elaboração. Essa estará marcada inevitavelmente pela história que a sustenta, o que se entende como herança e legado na dinâmica da hibridização e coexistência sinérgica. Para e na interação vincular dos processos grupais estabelecidos pelas Matrizes de Aprendizagem Compartilhada como educação social (a maneira histórica e dialética na qual os sujeitos organizam o universo social coletivo, ou seja, a conformação de um caldo de cultural popular), arrimadas na ancestralidade, e assim seguir na aprendizagem: “O propósito geral é o esclarecimento dado em termos dos medos básicos, aprendizagem, comunicação, decisões, etc. Dessa maneira, a aprendizagem, a comunicação, o esclarecimento e a resolução da tarefa coincidem com a cura do grupo” (Pichon-Rivière, 2005: 99).

Outro fato atual e que transcorreu ao longo de anos na *Praza* foi o debate a respeito de “o que fazer com a “nave número 5?”⁵⁰, e que parece ter chegado a consenso em 2016, ainda que com fissuras e albergando um aspecto configurador novo na conformação sempre viva, ativa e modernizadora. Essas mudanças se deram configuradas

⁵⁰ O pavilhão ou *nave 5* passou por várias propostas de configurações ao longo de mais de cinco anos até ser constituída como uma zona de venda de produtos elaborados, mas para serem consumidos fora do recinto da *Praza*.

no cerne do setor de restaurantes e gastronomia (*restauración*) e esteve sustentada pelos promotores e detratores dessa configuração que, de momento, parece estar para ficar e enraizar-se na estrutura já consolidado dos demais fenômenos modernizantes - quer dizer, de mudanças - na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Os seis últimos fatos citados acima - 1) a nomeação como cidade patrimônio da humanidade pela Unesco, 2) a entrada de Espanha na Comunidade Européia - CE-, 3) a gestão da Praça do Mercado de Abastos de Compostela através de uma cooperativa, 4) a construção de um novo espaço gastronômico dentro da *Praza*, 5) a construção da *página web*, do elevador, para ofertar mais serviços e 6) a eleição da atividade a ser desenvolvida na nave 5; todos esses são exemplos da diversidade de processos de mudanças assente também em conflitos e tensões que vão dando outras configurações e aportando novas identidades à *Praza*, na qual as mudanças e tensões são próprias do que Pichón-Rivière descreve como “resistência à mudança”:

E esse tratamento ou método para mobilizar os núcleos estereotipados, fixos ou que dificultam a aprendizagem, surge da observação de que em algum momento do desenvolvimento encontramos uma série de dificuldades (estudadas pela teoria da aprendizagem) que se manifestam na vida comum, cotidiana e que precisam ser permanentemente revistas como técnicas que foram absorvidas num momento dado, mas que, diante de novas exigências, já não se revelam adequadas nem operativas (Pichón-Rivière, 2005: 278).

Como obra de agentes sociais ativos que tecem história, mas também de posições políticas específicas e/ou de lugares de poder, dentro do contexto das nomeadas Sociedades do Saber e do Conhecimento, entendida no presente trabalho como contexto da vida moderna, há certa busca de corrigir as dificuldades de aprendizagem. Em todo o descrito, têm-se exemplos concretos e práticos de como a *Praza*, que tem uma trajetória ancorada em uma herança e em um legado cultural ancestral, também vai fazendo próprio aspectos e ferramentas modernas: a Praça do Mercado de Abastos de Compostela

também está integrada na dita Sociedade do Saber e do Conhecimento, conquanto mantenha elementos que parecem vir do passado, que representam um valor maior particularizado em uma identidade.

Também a ressignificação da Praça do Mercado de Abastos de Compostela vai fazendo os próprios olhares e sentidos atuais e modernos, sem esquecer, apagar, ocultar ou negar os aspectos históricos que a construíram. Ressignificar para continuar existindo - é um dos pilares do êxito da permanência da Praça do Mercado de Abastos de Compostela ao longo do tempo. Na tarefa superada (ou operacionalizada) pelo coletivo que a compõe, continua vigente o lugar abastiano. É, pois, um processo de aprendizagem, a adaptação ativa à realidade (Quiroga, 2007).

No contexto histórico descrito, ainda há uma base sempre presente a ser abordada, um pilar que conecta a realidade passada, recorrente e atual, compondo uniformidade e coesão na Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Trata-se do rural e da identidade da roça, antes campesina e agora agrícola. Essa realidade galega agrária dá sentido à simbologia trazida pelo contexto medieval, mas e também de agricultura na conjuntura moderna e vigente como própria da identidade e das percepções que falam da Galiza como o destino rural.

3.3. REALIDADE GALEGA RURAL E O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O campo na história da humanidade é o lugar de importância vital. Ainda que este espaço de necessidade e relevância varie e transite entre o prestígio e/ou desprestígio, com o advento do capitalismo, porém, igualmente certo é que a vinculação de necessidade com este lugar comum afincado no rural pervive e é incrementado, tanto no simbólico como no material. Essa realidade pautada na necessidade do campo vem desde os primeiros assentamentos e sobrevivem até os tempos que correm: “En la larga historia de los asentamientos humanos, siempre se conoció

profundamente esta conexión entre el campo del que todos, directa o indirectamente, obtenemos lo necesario para vivir” (Williams, 2001: 25).

Assim, é a partir desse lugar, ora de prestígio, ora de depreciação, que emerge uma elaboração do que é a sociedade galega ao longo da sua história, dada no ontem, porém e também na época atual. Do mesmo modo que a questão da terra, como ruralidade na sociedade galega, já forjada como semente no medievo, esse elemento ou lugar comum estará modelado e ressignificado na *Praza*, quer seja dando nome e definindo este lugar como próprio no aspecto da roça ou da pessoa lavradora, com se dá, por exemplo, na presença das camponesas (*paisanas*), também na perspectiva do rural como elemento cultural e como rústico (do passado e do local), bem como nos produtos de localidade ou de suas cercanias, dentre outras significações.

Para a humanidade a relação entre campo e cidade era simbiótica. E continua sendo. Nessa circunstância a estudiosa Armas (2003), descrevendo a cidade de Santiago medieval ilustra a vinculação campo-cidade como um marco de contexto unitário e de retroalimentação:

En la Edad Media las murallas nunca supusieron una separación rígida entre lo rural y lo urbano. La ciudad se proyectaba extramuros buscando los campos y huertas necesarios para su abastecimiento, y el campo continuaba dentro de las murallas recordando la procedencia agraria de unos artesanos y comerciantes que nunca la olvidaron de todo. Ya en los siglos XII y XIII existían en Santiago varios arrabales fuera de la muralla que daban paso a un amplio cinturón de huertas y campo (Armas, 2003: 94).

A menção prescrita ilustra o grau de importância simbólica em termos de ausência da que pode supor a existência de uma separação entre campo e cidade medieval. Nesse contexto as muralhas não separavam nem dividia nada, tratava-se mais de uma realidade de trânsito e retroalimentação, de autodependência.

É um lugar recorrente pensar na comunidade galega como agrária. A Galiza é conhecida e difundida através de seus traços rurais: “O rural é o espazo e a actividade que máis define ao territorio do galego tamén contemporaneamente” (Barreiro Fernández, 2007: 10). Sendo o rural o setor de maior peso em quantidade de atividade galega, segundo Muñiz de las Cuevas (1998: 11), de maneira similar, é também lugar de significativa importância agrária, bem como em qualidade e simbologia; ainda que o rural o setor de maior peso em quantidade de atividade galega, segundo Muñiz de las Cuevas (1998: 11), de maneira similar, é também lugar de significativa importância agrária, bem como em qualidade e simbologia - ainda que seja certo que, segundo alguns teóricos, a Galiza já não seja considerada como um território agrário (Soto Fernández, 2015:3). Sendo as roças uma manifestação da cultura galega, trata-se de uma realidade histórica que segue reverberando no hoje, por exemplo.

Europa ocidental, entre 1880 e o fim da Segunda Guerra Mundial vivenciou o que Eugen Weber (2010) denomina o “fin dos *terroirs*” que explica, em palavras de Campoy “como a cultura popular labrega acabou por ser reempresada por modos de vidas e de produção urbanas e industriais” (Campoy García, 2015: 9). Em muitas localidades galegas, no entanto, o rural ainda é uma reivindicação popular simbólica, o que dá lugar a diversas manifestações, tanto de silêncio ou ocultação, trilhando em alguns segmentos por um folclorismo, ainda assim, também se dá em ressignificação e sinergias, além de ser um aspecto reivindicativo como modo de vida que deve ser atualizado para inumeráveis coletivos.

As características que Eugen Weber enumera para a Francia dos *terroirs* (que poderia traducirse como a Fracia das leiras) son casi as mesmas da cultura labrega tradicional galega (...). Porén, na Galiza o mundo de ralacións do Antigo Réxime tiña as súas particularidades, nomeadamente no relativo ás relacións coa igrexa (Campoy García, 2015: 103).

Trata-se da “cultura labrega tradicional galega” (Campoy, 2015: 103) análoga à francesa, porém matizada com o contexto religioso

católico já descrito como elemento de conformação política e identitária na construção da cidade de Santiago de Compostela e da Galiza, além e também como lugar (e fim) de caminho de peregrinação cristã.

A existência, entre a França e a Galiza, de particularidades nesse processo de transformação, na qual a aliança entre uma incipiente classe burguesa e pequena nobreza, como particular, segundo afirma Campoy García (2015), se dá de maneira cruzada, concerne a uma forma de mistura, segundo a estudiosa. É o que se entende como uma hibridização entre esses dois setores sociais, que vai gerar um retardo grande no processo de mudança na Galiza (Barreiro Fernández, 1979), relativamente ao desenvolvimento do capitalismo e dos processos industriais.

Nesse contexto, a missão econômica da feira (ou em lugares de atividade de mercado) é objeto de mudança, e vai perdendo sua simbologia: “as feiras perderam progressivamente a sua función económica e socializadora e devíñeron simple parques de atraccións” (Campoy García, 2015: 102). Essa análise de feira pode ser trasladada à realidade dos espaços de atividade de mercado, como pode ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Além de falar da relação entre o rural e do religioso, entretanto, há que entender o contexto da mentalidade burguesa principiante no que um dia viria a ser a capital da Galiza e a Compostela Patrimônio da Humanidade. De tal modo, entender a burguesia nascente vai assentar a base de entendimento de aspecto de manutenção do rural transmutado (e seus matizes locais próprios) presentes e transfigurados ainda hoje na *Praza*.

A terra da leira e da cultura tradicional campesiana medieval, vinculada a um contexto clerical, é o terreno no qual se assenta a emergência dos burgueses. Nesse sentido, outras matrizes de aprendizagem carecem de entendimento a respeito da geografia social local, que devem ser sinalizadas. Campoy García (2015), ao sistematizar o processo da mudança cultural durante a instauração do capitalismo, afirma que a cultura popular labrega ou campesiana foi substituída por um modo de vida de produção urbana e industrial.

Vive-se o que o teórico Eugen Weber (2010) denomina como o fim do “terroirs”, em que a convivência entre dois setores sociais (clero e nobres) e a classe camponesa como compatível e tranquila era inverossímil.

Quer dizer que entre a igreja, o clero e comunidade rural existia uma relação apenas aparente de harmonia e que, na Galiza, o sentimento anticlerical era marcante, onde o povo de maneira dissimulada exercia uma resistência simbólica, com emprego e exercício de “feiras, festas, veladas (fiadeiras e muiñadas, etc.) e chocalladas”, como maneira representativa e típica de configurar rechaço. Essa é uma maneira de manifestação antissistema que se recolhe a partir do enfoque apresente no estudo de Campoy García (2015: 103-104).

Embora esse lugar do campo como definidor, advindo da herança histórica da Galiza, na qual o rural medieval alcançou desenvolvimento notável, além de haver sido plasmado em bases sociais comunais de grande avanço a partir de contextos cooperativistas e de identidade do campesinato, sobrevive e dialoga hoje como aspectos simbólico em sinergias, mas também como manifestações e dinâmicas práticas. Igualmente certo é que a identidade rural transmutada, com o advento do capitalismo, não se instaura sem contradições. Quer dizer, dá-se choque entre a burguesia, o clero e a classe campesina.

Similarmente às manifestações nos espaços de atividade de mercado denotam, sem nenhuma dúvida, uma oposição ao instituído (ao clero, por exemplo) e ao mesmo tempo configura uma resistência à mudança de sistema (não conjugando o novo ao velho), no qual o rural passa a ocupar o lugar do proscrito, de inferior em termos de prestígio. Está essa mudança de vínculo instaurada no período de implantação da ditadura fascista (Campoy, García 2015; Fernández Prieto, 1990).

A sociedade galega viveu e continua vivendo uma série de conflitos relativos ao imaginário da sociedade rural. Os estudiosos Hervés Saya, Ferández González, Ferández Prieto & Artiaga Rego (1997), dentre outros, selecionam três tipos de conflitos rural na

Galiza, e o relativo aos campestinos em um novo lugar de modelo social, o que eles chamam de “instâncias novas”. Nessa condição de novas instâncias e no descrito pelos estudiosos citados, entende-se como a ruralidade é subtraída a partir de interesses distanciados ou contrários aos interesses das sociedades agrárias:

entre el campesinado (grupos subordinados rurales) o el conjunto de la sociedad rural con instancias nuevas, ajenas en su origen e intereses a la sociedad agraria o dominadas/dirigidas desde fuera del mundo rural, especialmente los originados por la actuación del naciente Estado liberal y aquéllos que se producen en torno al desarrollo del mercado (Hervés Saya, Ferández González, Ferández Prieto & Artiaga Rego, 1997: 167).

Ruralidade em contraposição com a burguesia é a base de conformação da realidade vigente, esta mais a questão do rural degradado como identidade imposta pela ditadura militar franquista. É quando o rural passa a ser depreciado com o advento da classe burguesa no poder do estado e, posteriormente e de maneira incrementada, com o sequestro do Estado pela ditadura - Estado posto em modo totalitário.

No livro *Picheleiros* de Mercedes Galteria Pintos (2014) fala-se da construção de Compostela como “composita lugar ben edificado” consoante com um entre lugar tecido a partir do enfoque dos burgueses e dos campestinos. Segundo a autora, essa interrelação é um bem ainda vigente:

(...) Ordoño II (...) decretaba que calquera persoa que puidese permanecer carente e días sen ser reclamado considerárase home libre. A consecuencia foi a chegada de numerosos habitantes da contorna, pero tamén de perergrinos que decidieron ficar entre nós. O Primerio compostelán coñecido era un francés chamado Bretenaldo Franco, citado nun documento do ano 995. Esa avalancha trouxo como consecuencia a urbanización do territorio controlado polas autoridades que todo o regulaban (...) habitadas por burgueses dedicados na súa maioría a entender as necesidades dos miles de peregrinos que aquí

chegaban. (...). Fóra da muralla medraron arrabaldes con campos e hortas que lle proporcionaban o alimento traído directamente polos labregos que adornan ennobrece as súas rúas, “sen os campesinos non se pode entender nin a arquitectura nin a historia de Santiago”, interrelación que por fortuna sigue viva (Pintos, 2014: 9).

A citada estudiosa describe uma mentalidade burguesa especificada no local. Quer dizer, uma burguesia com ações de vendedora ou distribuidora. Afirmando que se trata de uma escassa visão: “Mágoa que esta riqueza non tivese repercusión na terra, eran xentes con poucas miras que se conformaban con vivir comodamente, xerando un patrimonio que non reinvestían no país, carentes de imaxinación industrial, (...) palabras de Eiras Roel, practicaban o inmovilismo económico” (Pintos, 2014: 74). Trata-se, porém, de falta de projeto político local vinculado com as mudanças globais que estavam em marcha no contexto da época.

Falar da particularidade campesina na Galiza e do advento do capitalismo se dá no sentido de entender como realidades que deveriam se opor estão alinhadas. Para essa conformação social particular galega, de convivência de duas identidades que parecem chocar-se (ou negar-se), mas que até hoje, ainda que com mudanças, continua existindo e marcando pautas sociais que na Praça do Mercado de Abastos de Compostela são notórias. É como a situada no cenário de uma Europa moderna ancorada à história passada, a um rural constitutivo que se transfigura na encenação da cotidianidade rural, ora como característica positiva, ora como negativo. Quer dizer, as Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas que são postas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela trabalham com a identidade do aspecto da ruralidade galega em benefício desse espaço social e das pessoas trabalhadoras ali, ainda que, por certo momentos ou contextos, a ruralidade pode ser tida como uma característica vinculada a uma percepção ou maneira de atraso.

A descrita realidade (a ruralidade na faceta positiva e negativa) é posta e se concretiza como Matriz de Aprendizagem que continua marcando pautas coletivas de comportamento grupal. Quer dizer, o

rural da idade média solapado à realidade imaginária ou identitária galega, como um momento de glória que ficou cristalizado continua sendo revisitado, ainda que hoje também se tenha essa ruralidade como um lugar daquela sociedade que não evoluiu. A realidade, porém, é outra. Trata-se de resistência, de seguir encenando um modo de vida vincular e campesino a partir dos aspectos de ápice de desenvolvimento agrário dado na Idade Média galega e também da ancestralidade humana, na qual o cultivo caracteriza o ser humano em traços de desenvolvimento sustentável.

A atividade da feira ou de mercado se dá imbuída de resistência simbólica. Na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, ainda que esta, em um determinado momento, haja querido deixar de ser feira, igualmente certo é que, na atualidade, o retorno a esse lugar originário, como uma nuance de resgate, é permanente. A resistência simbólica se dá e é ressignificada pelo coletivo trabalhador da *Praza*, na presença da ruralidade, por exemplo, como aspecto visível e procurado.

De maneira concisa, a apropriação agrária e campesina está abordada na bibliografia manejada no decorrer do texto, falando da Galiza rural com base em cinco tópicos, a saber: a) a falta de visão da burguesia local; b) o caráter de burguesia centrado na atividade de compra e venda (comerciantes); c) a construção ideológica da harmonia entre a igreja, clero e campesinos (processo de hibridização); d) o franquismo; e) o caráter do capitalismo que escamoteia o valor e importância do campo e f) a resistência. Além disso, outros aspectos não pormenorizados aqui, como podem ser o fato da burguesia industrial na Galiza não ser própria, senão externa, e a questão da imigração, dentre outros.

Por outro lado, Xose Manuel Beiras (1981) sistematiza cinco pontos no qual resume os tópicos relativos ao “atraso económico de Galicia”, são eles: uma frustração social prematura, raquitismo burguês e absentismo aristocrata, êxodos, falta de solidariedade institucional e colonização financeira; sendo estes tecidos e resultando no lugar que pode ser uma chave para entender o “atraso econômico de Galicia”, segundo o estudioso, ainda que o teórico não se centre na

questão do agrário galego de forma específica, igual de certo é que o rural está compondo toda esta visão de Beiras (1981).

Em referência a questão da ruralidade, Beiras (1981) pontua uma questão relativa ao imaginário do agrário que diz respeito ao regime de minifúndio, negando o enfoque de que o agrário galego não poderia progredir em virtude dessa questão e existência de minifúndios. De maneira contrária, o autor sustenta que os minifúndios inclusive, poderia ser um valor que em certa maneira está assentado no rural e em uma percepção e modo de vida muito local:

Tampouco deixa de medrar a nosa economía campesiña porque haxa minifundio: fórmulas de cooperación comunitaria bem sinxelas permitirían ampliar a escada das explotacións agrarias, modernizar a sua tecnoloxía e dinamizalas funcionalmente sin que o minifundio o impidira -sempre que se removeran os verdadeiros oustáculos que impiden semellante reforma e que fundamentalmente se atopan, no nas nosas estruturas campesiñas, senón, para empezar, na lei de cooperativas de 1942 (Beiras, 1981: 20).

O estudioso aponta para duas questões esclarecedoras de grande transcendência no entender do aspecto agrário galego. Primeiro, afirma que os minifúndios não são um problema e, segundo, que a maneira de organização em cooperativa foi desvirtuada.

Nesse sentido, fazer um realce na questão cooperativista que foi, desde há muito tempo, um elemento estruturante da sociedade galega, sendo este um foco de relação social basilar da estrutura galega: “Solamente una organización cooperativista poderosa, tanto en la producción como en la distribución, y controlada por las comunidades paisanas, daría cabo a esa situación de absoluta dependencia” (Beiras, 1981: 177). Assim, também em Lisón Tolosana (1971), ao descrever a sociedade galega encontra-se uma descrição campesina que é um valor a resgatar:

Las formas de organización comunitaria hasta ahora reseñadas subrayan la interdependencia de los vecinos al afrontar problemas comunes, la necesidad de formas de

comunicación - a diferentes niveles - para resolverlos, y la ordenación local de la actividad para conseguir más eficaces resultados. Es obvio que el despliegue de toda la compleja gama restante de modos - también de distintos niveles - de interacción vecinal irá perfilando poco a poco la sinergia individuo-grupo, la naturaleza de la comunidad. El conjunto facilitará el análisis; el todo revelará la especificidad de las partes. He aquí una visión panorámica de colaboración vecinal, comenzando por el calendario de ayudas mutuas (Lison Tolosana, 1971:123).

Negando o imaginário que ler o campo e o individualismo galego como sinónimos e resultante da justificativa do suposto atraso, os citados teóricos pñem en evidência a potencialidade do contexto agrário galego. Por fim, Beiras (1982) rompe com um sistema de leitura e sinaliza o estigma galego-campesino-atraso: “nin a conduta social do campesiño galego nas comunidades básicas, nin as institucións enxebres do noso medio rural son “individualistas” (...). Individualista é mesmamente o espírito do sistema que non xeremolou na nosa sociedade campesiña: a economía de mercado capitalista” (Beiras, 1981: 20).

As questões listadas por Beiras (1981) se compñe no presente estudo com as apropriações de Fernández Prieto (2007) que aponta a ditadura franquista como a instauradora de um imaginário de atraso e ao mesmo tempo com a ruptura com a memória e com o agrário:

Podemos decir que viemos de un pasado descoñecido. Pensabamos que viñamos do atraso e da miseria. Esa conciecia, construída nos anos sesenta, foi avalada polas ciencias sociais sobre dous piares xa indicados: o esquecemento dun pasado (...) e máis o peso dun agro empobrecido identificado coas fontes do atraso. Á ruptura de civilizacións que foi a guerra civil seguiu a posguerra máis longa de Europa - vinte anos - ata rachar o fío da memoria (Fernández Prieto, 2007: 14).

O imaginário estabelecido sobre o rural galego se deu em silêncio de uma parte próspera, além de substituir e escamotear a importância do rural na construção e manutenção do sistema advindo.

Além disso, significa um projeto político que colocou a Galiza em suspensão, para logo empurrá-la a um passado que nunca existiu de fato.

Em síntese, todos os elementos assinalados a respeito dos tópicos da ruralidade galega continuam vivos e são fontes constitutivas da aprendizagem social do ser e do estar galego na Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

3.3.1. A informalidade econômica na Praça

Somado à questão da ruralidade, há outro aspecto que endossa a prática do contexto bucólico ou rústico, na abordagem da realidade da feira e dos espaços de atividade de mercado como atrasado, velho ou ultrapassado. Sendo outra e uma das particularidades mais marcantes relativa à diversidade de modos de trabalhos existentes nas feiras ou em lugares de atividade de mercado, é o tópico da informalidade (Menezes, 2005; Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016).

A informalidade na Praça do Mercado de Abastos de Compostela é uma das partes constitutiva de um processo comunitário grupal que segue conjugando diferentes setores da sociedade galega, sendo que a informalidade é, por horas perseguida, por outras inexplorada.

Nesse ângulo da informalidade, há indicações de que nos espaços urbanos de países periféricos⁵¹ a informalidade funciona como componente que guia e enquadra a feira livre como espaço próprio de baixo estrato da economia das cidades suburbanas. Ainda que a *Praça* não seja uma feira livre é apropriada a analogia.

O espaço urbano das cidades dos países periféricos fornece várias indicações que servem como elemento norteador para que possam enquadrar a feira-livre (no presente caso a *Praça*) como pertencente ao circuito inferior da economia urbana dos países

⁵¹ Como periféricos há alusão a Espanha dentro da CE e a Galiza dentro do território espanhol.

periféricos (Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016 & Santos, 1979). Ou seja, o caráter rural da Praça do Mercado de Abastos de Compostela está também endossado como características ou aspectos tidos como próprios do âmbito da estrutura econômica urbana de perímetro inferior.

Essa questão do espaço periférico e circuito inferior da economia, no contexto da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, faz sentido específico como um ser não sendo, dado que a *Praza* foi, em um passado não tão distante, o centro comercial da cidade de Santiago de Compostela. A Praça do Mercado de Abastos de Compostela, entretanto, está situada na parte mais nobre da cidade de Santiago; além de ser um edifício de propriedade pública do *Concello de Santiago*, o que faz com que esse estado de periferia atual seja uma análise moderna entendida com nuances e variações própria do *locus* de estudo. É, porque, um caso de trânsito, de liquidez (Bauman, 2002) no processo de mudança de papéis, no qual o estado atual da *Praza* ainda não adquiriu uma conformação fixada. Estão em jogo diferentes possibilidades de enquadramento, tanto relativamente à imagem da ruralidade e de capital da sociedade européia, como de espaço central (da vida social, econômica, etc.) ou periférico, dentre outros.

Na leitura da *Praza* como uma vitrine, expositor ou mostruário, estão em jogo dois construtos, um interno e outro externo; um relativo ao que somos e outro a como queremos que nos vejam (ou como nos veem). A partir do lugar dos processos de aprendizagem social, o sujeito coletivo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se questiona: O que somos? Decadência ou manutenção cultural?

A Praça como vitrine da sociedade galega ou de um modo de ser galego não está definido nem instituído, pois ainda transita por esses dois lugares, a saber, de decadência e de manutenção cultural. Essa questão pode ser ilustrada com as camponesas *paisanas*: por um lado têm-se mulheres idosas envolvidas em sacolas de lixo para se proteger da chuva - uma imagem de decadência. Por outro lado, essas mesmas mulheres idosas que vendem o excedente da produção na Praça do Mercado de Abastos de Compostela representam a força de um povo

na defesa de um modo de vida na figura das senhoras trabalhadoras do campo (*labregas*). É, enfim, um lugar de testemunho e de “cultura de resistência”:

Los modos de protesta que definen el repertorio son sociológica e historicamente distintivos de las clases subalternas, especialmente del campesinado, porque parten de un acervo histórico, de un pasado común, de una “cultura de resistencia” que proporcionan recursos que la población puede aprovechar (...) (Cabana Iglesia, 2013: 43).

Está em jogo, afinal, uma possibilidade de construção de identidade que pode alinhar-se aos estereótipos já constituídos a respeito do que é ser Galiza, tanto em termos de promoção, como de negatização, ou não.

Segundo o estudiosos Fernández “La sobredimensión del atraso condicionó y condiciona todavía demasiado el modo de pensar el presente y el pasado por los científicos sociales” (Fernández Prieto, 1990: 5) e também o contexto amplo da sociedade galega, como o que pensam deles mesmos, e também como se veem, qual a percepção do outro da realidade local. Aqui está disposto tanto conceitos estereotipados e folclorizados, como silenciados e velados.

O lugar social de visibilização abastiano, entretanto, também pode ser uma oportunidade para o resgate de imaginários que põem em cena outras “galizas”; ainda que a realidade rural siga sendo depreciada, também há um clamor social emergente que reclama o retorno do rural em dinâmicas de sustentabilidade: “Na atualidade, o modo de producción de alimentos que se está potenciando desde as políticas agrárias do neoliberalismo é, desde todos os puntos de vista, totalmente insostible” (Senra, 2005: 21).

Assim, a estigmatizada, silenciada, endurecida, ocultada, ou invisibilizada realidade rural continua marcando pauta, pois em contextos de resgate, como pode ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, o rural emerge como uma força motora e transformadora, amparado na história que ratifica o lugar de êxito agrário e de protagonismo do campesino: “Sexa como for, todos os

autores concordam no protagonismo social do campestre na sociedade galega do XIX” (Campoy García, 2015: 105).

Nesse sentido, é o processo comunitário grupal que está vivenciando o coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela que emerge como força motora de manutenção e geração de dinâmicas próprias do processo de aprendizagem descrito por Pichón-Rivière (2005). A adaptação ativa à realidade, como processo educativo, vai depender de como sejam direcionadas e se componham novas ou diferentes ações, em função das transformações sociais e econômicas que vão constituir o futuro que se espera (ou que se construa), como já não se faça em importação de modelos externos, senão que dialoguem em dialética e continuando e ressignificando com o melhor do local, sem ser assimilado pelo pior do global.

CAPÍTULO 4.

TRADIÇÃO E INDÚSTRIAS CULTURAIS

Síntesis en Español

En este capítulo se realiza un recorrido por las principales referencias conceptuales que abordan el tema de la tradición y la cultura con sus diferentes perspectivas, dando las pautas para la construcción del marco teórico que permita comprender la dinámica social y educativa de un pueblo. También se aborda el concepto de Industrias Culturales para contextualizar el estudio en el marco de actual de la sociedad de la información y la comunicación, haciendo una crítica a esta y trayendo el enfoque de las “sociedades del saber y del conocimiento” Matterlart e Pimme (1980).

La cultura así es comprendida como un proceso educativo y social – teórico, ideológico y practico - desarrollado en la faceta de la continuidad y/o de la ruptura, que entiende y potencia una perspectiva de tradición dada en cuanto transferencia de conocimiento y de un modo de vida concebido como tradicional persistente, acosado por prácticas culturales de resistencia e dicidencia.

En la Plaza del Mercado de Abastos de Santiago de Compostela se experimentan las dinámicas de resistencia y de lucha simbólica que tienen lugar en la relación dialéctica entre tradición y cultura, a veces conflictiva (relación cerrada y cíclica) en el marco de la interacción local - global.

A palavra “tradição” ou “tradicional” parece prescindir de definições, como se somente com expressá-las fosse suficiente para alcançar suas acepções; como se estes vocábulos já tivessem alcançado tamanha autonomia, e assim poder-se definir-se por eles mesmos; como se somente com nomeá-los já fosse suficiente para expressar e definir um conceito e sua aplicação. Refletir, porém, sobre esse termo e seus usos, dentro de um determinado momento histórico, e através de variados enfoques, é de crucial importância, dado que sua significância pode chegar a definir de maneira geral a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como um espaço “tradicional”, e, por sua vez, o coletivo trabalhador deste como promotor da tradição local.

Para poder entender quais são e como se compõem os processos sócio-educacionais desses agentes que conformam a *Praça*, a transmissão geracional, sua permanência ao longo do tempo, dentre outros aspectos, como também seus fluxos e influxos (fluidez e sucesso *Versus* enfraquecimento e declínio), pensar e inferir a palavra, o conceito e o uso de “tradição” ou “tradicional” é de primeira ordem e importância. Isso é assim porque seu valor e sua relevância vão estabelecer as pautas definidoras e identitárias do citado coletivo.

A definição mais plana de tradição, sem passar pelo sentido negativo do termo, é que esta assinalar a repetição ao longo dos anos de hábitos e costumes. É a transmissão de costumes e comportamentos por gerações. Seguindo com essa perspectiva, a tradição pode alcançar compor aspectos de uma cultura em razão da continuidade e ao seu caráter histórico. Sendo assim, empregam-se costume e tradição como sinônimos.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1983) descrevem o caráter da invariabilidade, a não variação e a fixação de uma prática com características fundamentais para definir um aspecto como tradicional, como também o próprio conceito de tradição. Os estudiosos também, contudo, acrescentam dois conceitos que fundamentam uma visão atual da tradição, e que em um princípio parece negar os dois aspectos citados anteriormente, “invariabilidade” e “fixação”, que se nomeiam como “inovação” e “mudança” - sempre e quando nesses dois

aspectos não se perca a ideia de sequência, ou seja, na “continuidade social” mantêm-se a tradição: “El objetivo y las características de las “tradiciones”, incluyendo las inventadas, es la invariabilidad” (Hobsbawm & Ranger, 1983: 8).

A repetição, como a fixação de normas, é uma das chaves para o conceito de tradição. A ideia de cadeia, de continuidade, conforma a abstração de conservação que engendra o conceito de tradição, na qual a inovação é um fator que não dissipa o anterior, segundo Hobsbawm e Ranger (1983).

El pasado, real o inventado, al cual se refieren, impone prácticas fijas (normalmente formalizadas), como la repetición. La “costumbre” en las sociedades tradicionales tiene la función doble de motor y de engranaje. No descarta la innovación y el cambio en un momento determinado, a pesar de que evidentemente el requisito de que parezca compatible con lo precedente o incluso idéntico a éste le impone limitaciones sustanciales. Lo que aporta es proporcionar a cualquier cambio deseado (o resistencia a la innovación) la sensación de lo precedente, de la continuidad social y la ley natural tal y como se expresan en la historia (Hobsbawm & Ranger, 1983: 8).

A noção de um precedente e de continuidade social para compor uma acepção do termo tradição engendra-se em um momento social, com seus respectivos objetivos. Superado o sistema feudal no Estado nascente é o lugar onde se encontra o sentido e uso da tradição. Ou seja, passada a Revolução Francesa e alcançada a consolidação do capitalismo, com um rótulo diferencial e particularizante, dado que a coletividade do campesinato dá lugar ao indivíduo. Porém, para poder ser individualizado, de maneira prévia, tem que haver um coletivo; esse é o entendimento de estudiosos como Hobsbawm e Ranger (1983). É precisamente dessa necessidade de individualizar um coletivo que o termo *tradição* ganha força e significação atual.

Nesse sentido e contexto, a educação teve um papel de destaque, cumprindo a função de formar um novo homem para uma nova sociedade, na qual é fundamental a configuração do conceito de homem que transita do camponês ao cidadão. Sendo assim, afirmar-

se que a tradição é um “invento” moderno, uma composição, um discurso para definir e validar uma sociedade e um ser humano ainda por construir, ou em construção: “La estandarización de la administración y del derecho dentro de ella, y, en particular, de la educación estatal, transformaba a las gentes en ciudadanos de un país específico: “campesinos, en franceses”, por citar un libro que viene al caso” (Hobsbawm & Ranger, 1983: 274).

A tradição, como ideia moderna, nasce com a conformação dos Estados e posteriormente com a consolidação das fronteiras nacionais e a necessidade prévia a esta de particularizar um povo e justificar e validar, assim, a instituição nascente. Dessa forma, - se afirma que a tradição é a organização ou divisão das pessoas dentro de parâmetros modernos de estruturas ou formas de entender as relações sociais nesse novo tempo - dentro de um estado nacional, quando as pessoas (os campesinos) passam a ser cidadãos de um Estado. Dessa maneira, a tradição, o clássico, particulariza, singulariza e, assim, de certa maneira, incompatibiliza e se contrapõe ao universal.

O teórico Settis (2006) reporta-se a esse aspecto universal, contrapondo-se ao próprio local ou particularizante de uma cultura. Para isso, parte da base teórica do estudo de textos literários, mediante interrogações, advogando pelo enfoque global e incluindo outras realidades para entender o clássico: “¿Homero es de veras más “nuestro” que de los musulmanes? ¿O quizá (...) pertenecen a un horizonte global mucho más vasto en el cual la antigüedad “clásica” tiene su pequeño puesto entre otras antigüedades-indias, chinas mayas-, todas igualmente legitimadas (...)?” (Settis, 2006: 13).

Com suporte em enfoques modernos, surgem várias disciplinas que vão ter como foco de estudo a tradição e a cultura em âmbito científico que buscou estudar a tradição, na qual esta compõe um conjunto de crenças, hábitos, costumes, leis, práticas, doutrinas, etc., que se transmitem de geração em geração e que, através e mediante essa repetição e continuidade, permite a conformação de uma cultura.

Para os teóricos Hobsbawm e Ranger (1983), que apresentam um estudo das “tradições inventadas”, no livro *La invención de la tradición*, embora não neguem a existência de uma tradição de

maneira explícita, mas sim concentram a ideia de que o que se nomeia de tradição, muitas vezes, não somente é algo tão antigo, senão que muitas das tradições são atuais e outras inclusive inventadas.

La “tradición inventada” implica un grupo de prácticas, normalmente gobernadas por reglas aceptadas abierta o tácitamente y de naturaleza simbólica o ritual, que buscan inculcar determinados valores o normas de comportamiento por medio de su repetición, lo cual implica automáticamente continuidad con el pasado. De hecho, cuando es posible, normalmente intentan conectarse con un pasado histórico que les sea adecuado (Hobsbawm & Ranger, 1983: 8).

Ao abordar o tema das tradições inventadas, os autores sinalizam a repetição como estratégia para automatizar, e enfocam na intencionalidade e busca de objetivo oportuno - “adequado” - descrevendo o mecanismo na qual são representadas. Assim a expressão “tradição inventada” que é colocada em uma acepção dilatada: “sentido amplio, pero no impreciso. Incluye tanto las “tradiciones” realmente inventadas, constituidas e formalmente instituidas, como aquellas que emergen de un modo difícil de investigar, quizás durante unos pocos años, y se establecen con gran rapidez. (...)” (Hobsbawm & Ranger, 1983: 7-8).

O certo é que uma determinada comunidade ou coletividade vai apresentar configurações que podem ser lidas como particulares ou próprias de uma sociedade ou de determinada cultura: “Al fin y al cabo, vivimos insertos en redes tradicionales –empezando por la lengua, la tradición por excelencia- que, entre otras cosas, posibilitan el progreso: “quizá los dioses puedan prescindir olímpicamente de las tradiciones”, los seres humanos no” (Fernández Sebastián, 2013: 65).

Dessa forma, a tradição existe porque foi inventada pelos modernos, porém, o que faz com que “um” ou “alguns” costumes, hábitos e comportamentos, dentre tantos outros, sejam mantidos e transmitidos por gerações e ao longo do tempo é de índole política e de maneira maioritária intencional, dada a partir de um projeto

político, quer dominante ou hegemônico, quer periférico e de resistência.

Sendo assim, a única tradição que existe de fato, e como tal, é a tradição humana (similar ao atributo distintivo da condição humana, na acepção de cultura de Levi-Straus, 1988), e as diferenças obedecem a questões históricas e de conformação desta (não de uma tradição própria ou específica a partir do natural ou espontâneo), que vão singularizando alguns processos de uma sociedade, delimitado de maneira fundamental por fronteiras políticas e de confrontação entre posições diferentes.

4.1. VÍNCULO COMO LEGADO E TRADIÇÃO

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela está inscrita numa longa trajetória humana histórica pautada na vinculação de uma necessidade compartilhada. É o que se nomeia aqui como lugar ancestral vincular.

A citada necessidade está entendida dentro da Teoria do Vínculo e dos Processos Grupais (Pichón-Rivière, 2005), como uma vincularidade pautada na necessidade, fazendo com que, em grande medida, a Praça sobreviva como parte e fator de desenvolvimento da identidade humana, hoje posta no cenário da atividade de mercado, uma relação que conflui em sinergia identitária e que se plasma em matrizes de aprendizagem compartilhadas. Assim, tradição e tradicional são entendidos desde esse ponto de origem, como o da necessidade e da vincularidade humana que compartilha lugar identitário comum, de confluência mútua. Essa realidade, porém, conjuga outros aspectos da dinâmica social no constructo de uma certa tradição local. O presente estudo entende a tradição nas seguintes perspectivas:

a) Como realidade hegemônica

A tradição se marca dentro de uma realidade hegemônica, estruturada por “tradiciones electivas o selectivas” (Fernández

Sebastián, 2013); ou o que García (2011) chama de “cultura como civilização” em um processo de classificação para dominar: “A nombre de la modernidad se construyeron muchas categorías dicotómicas para poder entender, y en este proceso se echó mano de lo concreto y objetivo para facilitar las operaciones de clasificación, igualación, comparación, medición y dominación” (García, 2011: 249-250), na qual o sentido e função da tradição constrói, valida, justifica e mantém uma ideologia dominante promovida por seus agentes-sujeitos dominantes em detrimento de outros dominados. É o que Fernández Sebastián (2013) nomeia de “los constructores de las grandes ideologías contemporáneas” (Fernández Sebastián, 2013: 67), sem negar, contudo, nesses processos a nomeada cultura da resistência, quer dizer, a luta anti-hegemônica.

b) Como cultura de resistência

Quer dizer e a pesar da configuração de homogeneidade e difusão da cultura dominante, entretanto, também está presente a cultura da resistência, inscrita como luta anti-hegemônica; ou o que Campoy García (2015) descreve como duplo movimento, o de contenção e o de resistência.

Sendo que cultura da resistência é na verdade uma certa anticultura porque se trata de uma luta anti-hegemônica que coletivos populares engendram e concretam como um modo de vida e que tem a função da manutenção da memória social e da não aceitação de um reduzir a diversidade, pois a hegemonia se constitui na negação à diversidade. Cultura de resistência ou “narrativas mediadoras” (Carral, Carreira, Villa & Torres, 2016), são lugares de fala que podem representar o contraponto aos grandes discursos instituídos: “identificar e analisar as narrativas mediadoras tem um papel importante; elas costumam assentar nos discursos de largo alcance previamente elaborados e, de regra, são lidos com referência implícita ou explícita, consciente ou inconsciente, por afirmação ou negação, aos grandes discursos” (Carral, Carreira, Villa & Torres, 2016: 266).

c) Como trayectoria histórica

Entende-se o uso da palavra tradição no sentido do percurso desenvolvido pelos agentes sociais da Praça do Mercado de Abastos de Compostela ao longo do tempo - tempo pré-histórico, passando pelo antigo, até o moderno (em dinâmicas de rede de significações e sinergias) - nos aspectos de permanência e ou cristalização de características conservadas e desenvolvidas por meio de etapas como herança ou legado. Não de todo próprias ou personalizadas, senão que particulares ou particularizadas em determinado contexto, ao estabelecer a conformação de práticas sociais concretas, dentro de uma trajetória no marco, por exemplo, de um Estado nacional (e seus projetos especificado), em determinando momento histórico e com seus diferentes e próprios aspectos regionais, de resistência, de anti-cultura, dentre outros.

d) Como expressão de um sujeito da *práxis*

De acordo com Pichón-Rivière (2005: 238) o ser humano é um ser da *práxis*, que “só se satisfaz socialmente em relações que o determinam”. O sujeito não é só um sujeito relacionado, é um sujeito produzido numa *práxis*, “Nele não há nada que não seja o resultante da interação entre indivíduo, grupos e classes” (Pichón-Rivière, 2005). A Praça do Mercado de Abastos de Compostela parte de uma trajetória histórica na qual a necessidade segue existindo, o que faz com que essa realidade seja uma realidade tradicional e própria do sujeito em *práxis*, não tanto (ou somente) de um constructo de projeto político como tradição particularizante.

e) Como imposición

Conforme Fernández Sebastián (2013) é necessário “... entender pues las tradiciones (...) más que como una herencia recibida de las generaciones anteriores, como un legado histórico imaginado y elaborado por el propio legatario” (p. 68). Nesse “legado elaborado pelo próprio legatário” estão em jogo os personagens, figuras sociais que podem elaborar esse citado “legado”, contrapostos a outras figuras, personagens e agentes sociais que o único que alcançam é

reproduzir o imposto, aceitar a imposição de um “próprio” que foi elaborado por outros: “Os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem como querem... a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos” (Marx, 1971: 29). Até que ponto se constrói uma realidade tradicional com tomada de posição clara, vontade e consciência é um questionamento que pode ser elaborado através da imposição por projetos políticos hegemônicos no qual e de acordo com Macedo (2002) “Os temas cultura, poder e processo decisório estão inter-relacionados” (p. 4).

Assim, problematizar o termo e o uso dos conceitos *tradição* e *tradicional* é também problematizar e questionar os lugares comuns de algumas leituras enviesadas dos aspectos sociais constituídos de diversidade, e, com maior razão, dos aspectos socioeducacionais, dado que a própria utilização do termo *tradicional* parte de uma concepção e foco particularizante, de um humanismo que em si mesmo nada mais é do que a busca do “tradicional”, ou melhor, exprimindo, do antigo, de um passado comum em uma dinâmica de construção do ser humano dada em aprendizagem social, quer dizer – meta-aprendizagem.

Buscar o passado para entender o presente e construir um futuro por meio do termo legado ou herança pressupõe um salto à ideia de identidades permeáveis e híbridas (que se contrapõe ao invariável e às práticas fixas na tradição), ainda que articulada com a continuidade. Legado e herança prognosticam querer aceitar, como também pretender negar, ou não aceitar, em primeira instância. Ao mesmo tempo, deixam clarividente o aspecto do tradicional como um discurso dentre muitos outros, um discurso que se sobrepõe a outros, retornando ao estudioso Fernández Sebastián (2013: 68): “...entender pues las tradiciones (...) más que como una herencia recibida de las generaciones anteriores, como un legado histórico imaginado y elaborado por el propio legatario”.

A Praça do Mercado de Abastos de Santiago é uma realidade reproduzida por coletividades, por diversidades de vozes que convergem em grupo. A diversidade dessas categorias vai gerar uma coesão grupal denominada “tradição”, ou seja, cristalização identitária

e de imaginário específico por meio de processos de herança e legado, conformados por meio de luta a partir de variadas posições e em um determinado momento histórico. Essa, no entanto, não anula a emergência, ainda que eventual, de outras vozes, dissonantes ou contrapostas nas resistências. Nesse sentido, falar de herança e legado adquire uma significação mais representativa e definitiva da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Intenta-se, entretanto, falar em termos de tradição, esta conformada de maneira imperiosa em duas vertentes - a universal e a local. “El registro antropológico, por otro lado, toma la cultura como un indicador de la manera en que vivimos, el sentido del lugar y el de persona que nos vuelven humanos, esto es, ni individuales ni enteramente universales” (Miller, 2004: 11). Assim, como herança e legado, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é tradicional porque:

- É familiar: reconhecemos-nos nesse espaço social de necessidade (universal);

- O desenvolvimento desse espaço coletivo mantém-se através do tempo (universal);

- Há transmissão geracional, ainda que esta venha sendo reduzida (local);

- Se vêm refletidos aspectos singularizados da cultura galega: nos produtos que são vendidos, nos tipos humanos que a constitui, na língua que utilizam (local).

Nos quatro aspectos listados anteriormente há o tópico da continuidade social (Hobsbawm & Ranger, 1983). O que não pode ser precisado sem partir de uma posição política e tendo em conta o caráter universal e local, em sinergias, retroalimentando-se de forma constante. Nessa continuidade, faz-se referência à universalidade das ações nos espaços de mercado no traçado do tempo ou ao desenvolvimento da Praça do Mercado de Abastos de Compostela como simbologias, no contexto europeu, sem deixar de ser local. Ou seja, tendo em conta as concepções burguesas desse lugar como atividade de mercado. Nesse sentido, ganha força a expressão de Fernández Sebastián (2013) “tradiciones electivas o selectivas” na

qual se dá um acolhimento ao legado histórico e subjetivo das gerações passadas ressignificado pelos receptores “como un legado histórico imaginado y elaborado por el propio legatario” (Fernández Sebastián, 2013: 68) que caminha em duas vias. Quer dizer, sem deixar de ser um projeto estranho, se faz e também próprio.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela, nesse sentido, transita no contexto que Gómez-Redondo (2013) nomeia como “vínculo patrimonial”, que se configura a partir da faculdade de comunicar e coletivizar a herança e legado grupal. Nessa perspectiva, as novas gerações antes de serem agentes propagadores de uma realidade cultural (de herança e legado) singularizada como própria, se apodera dela - a compreende e a pratica, atua, elege, a faz própria, reproduz e a reelabora-, nas palavras de Gómez-Redondo (2013: 71): “La generación receptora, antes de convertirse en una nueva generación emisora, procesa, interviene, selecciona, patrimonializa y reelabora el acervo patrimonial para poder transmitirlo”.

Nessa amálgama de possibilidades de legado e herança é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela continua sendo inscrita no entre-lugar do passado e presente. Quer dizer, no aqui-e-agora como saberes plasmados em pautas de conduta, sem ter em conta como será o futuro. Descobre-se, porém, e se reinventa no lugar dos saberes, e está convocada a compor a cultura local através do caminho de uma ancestralidade comum, compartilhada.

4.1.1. A tradição como mecanismo de construção de cultura

Na “Declaração de México sobre las Políticas Culturales”, se expresa que: “(...) la cultura puede considerarse actualmente como el conjunto de los rasgos distintivos, espirituales y materiales, intelectuales y afectivo que caracterizan a una sociedad o un grupo social” (UNESCO, 1982), ou seja, a cultura abarca grandes dimensões e distintos aspectos da vida humana em coletividade.

O marco no qual se especifica a cultura é tão amplificado que enquadra contextos diversos, como são as artes, maneiras de vida, os valores, dentre outros: “Ella engloba además de las artes y las letras,

los modos de vida, los derechos fundamentales al ser humano, los sistemas de valores, las tradiciones y las creencias” (UNESCO, 1982), entre outros aspectos tanto materiais como simbólicos e espirituais.

O conceito de cultura é diverso e complexo e, segundo José M. Amado Mendes (1996), existem várias definições de cultura. Essas serão empregadas a partir da perspectiva que sejam adotadas. O estudioso cita, para tanto, três noções de cultura: uma relativa ao processo de humanização (de conformação do ser humano), outra como um patrimônio social (dança, música, crenças, religião, dentre outras) e a terceira como cultura material, relativa aos meios de trabalho, riquezas naturais, experiência do homem, etc. (Amado, 1996).

Também é pertinente entender a cultura como a ação ou o efeito de cultivar, definição própria da etimologia do conceito de cultura. Primeiro, porque estabelece uma relação histórica com a terra, com o cultivo e com a produção da roça. Depois, porque pressupõe ainda, uma vontade anterior, dado que toda ação, dinâmica ou movimento infere uma vontade prévia, forma ou tomada de posição. A acepção de cultivar não restringe, entretanto, mais aspectos de possibilidades e de enquadramento da cultura da *Praza*.

Assim, a cultura, ou uma definição desta, encontrou no passado diversas leituras possíveis. Ainda hoje, na descrita modernidade líquida, essa tendência é vigente. A expressão e conceito usado por Bauman (2000) “modernidade líquida” se entende como realidades sociais das dinâmicas atuais que rapidamente perdem forma, podendo ser reconfigurada e desconfigurada de forma contante, adquirindo diversas e diferentes perspectivas, tanto de domínio como de resistência. Da mesma maneira é que, no processo da tradição, a cultura encontra muitas perspectivas e está contextualizada em bibliografia diversa: “La noción de cultura es una de las que, dentro de las ciencias sociales, han suscitado los trabajos más abundantes y también los más contradictorios” (Mattelart & Neveu, 2004: 13).

Para poder estabelecer uma idéia dessas possibilidades de leituras do aludido termo, já em 1952 Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn listaram cerca de 150 definições e usos de cultura, que vão

desde aspectos relacionados com níveis de erudição, passando por produções artesanais, dentre outros. Nessa amálgama de significados, o enfoque dos processos educativos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela passa por assumir que o sujeito social é uma elaboração cultural: “O homem é essencialmente um ser de cultura” (Cuche, 2004: 3)⁵². Segundo Amado (1996), existem várias definições de cultura e essas serão empregadas a partir da perspectiva que sejam adotadas. O teórico insiste e adverte ainda que há vários tipos de cultura: “não basta falar de cultura, em geral, dada a existência de diversos tipos de cultura” (Amado, 1996: 47).

Assim, delimitar a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como um lugar da cultura passa por entender e descrever de maneira pormenorizada esse lugar que transita entre a conformação do sujeito, no aspecto vincular de ancestralidade, expresso nas dinâmicas da *Praça*, e da cultura materializada posta no contexto abastiano, no qual a cultura se abstrai em bens e ferramentas (Even-Zohar, 1999).

Na atualidade, dois aspectos são de grande importância para entender a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como um modo de vida e prática coletiva de um grupo. A primeira é a entendida como sujeito da prática e segundo é a questões como a hierarquização das culturas em “culturas superiores” e “inferiores” ficam totalmente ultrapassadas e passa a dicção identidade cultural, que neste documento sistematiza dois pontos que são fundamentais para inferir o estudo. São elas, uma forma de estar no mundo – modo de vida - e a outra por ser forjada na *práxis* com o outro, abstraído no ponto primeiro do documento da UNESCO (1982): “Cada cultura representa un conjunto de valores único e irremplazable, ya que las tradiciones y formas de expresión de cada pueblo constituyen su manera más lograda de estar presente en el mundo” (UNESCO, 1982).

Nas duas especificadas questões relativas à identidade cultural, temos a “tradição” (herança e legado) como forma de um povo representada no mundo instaurado. Essa realidade foi e continua sendo

⁵² Tradução própria: “L’homme este essentiellemente un être de culture” (Cuche, 2004: 3).

base de construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, ao entender essa existência como modo de vida, expressão cultural transmitida ao longo do tempo e por via de práticas sociais concretas. É a modo de educação social que se entendem essas práticas.

A vida na *Praza*, como relação de educação social e atividade para sobrevivência, é, na realidade, uma manifestação da identidade cultural histórica local em sinergia com dinâmicas universais. Educação social é entendida aqui como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, a forma como se aprende a apreender o mundo (Quiroga, 2012). Nas palavras de Macedo, “A cultura é apreendida pelo homem por meio do processo de aculturação, a partir do qual aprende ou adquire os valores do grupo ou sociedade em que está inserido” (Macedo, 2002: 3).

Outro aspecto abstraído da Organização das Nações Unidas (ponto quatro) trata da identidade cultural como um “patrimônio comum da humanidade”, forjada, renovada e enriquecida no constante diálogo com outras culturas. Configura a “identidade cultural histórica local”: “E essa cultura internalizada influenciará esse sujeito em suas relações sociais, podendo ser modificada a partir de suas experiências em diversos grupos, ao longo do tempo” (Macedo, 2002: 3). Nesse sentido, a cultura histórica local da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é uma parte da cultura humana, na qual o contato e a troca de experiência fazem com que esta realidade continue existindo, ainda que de forma ressignificada. Aquí reside o aspecto da universalidade, da vincularidade que dá sentido humano, independentemente de “culturas” à atividade de mercado; ainda que se trate de um construto a partir de sinergia, de um próprio que também é “nosso”, uma forma de reverberação.

Todas las culturas forman parte del patrimonio común de la humanidad. La identidad cultural de un pueblo se renueva y enriquece en contacto con las tradiciones y valores de los demás. La cultura es diálogo, intercambio de ideas y experiencias, apreciación de otros valores y tradiciones, se agota y muere en el aislamiento (UNESCO, 1982).

Nesse marco, tanto do local e próprio como da diversidade humana (universal), infere-se, com amparo na realidade diária da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, como segundo lugar mais visitado por turistas na cidade de Santiago de Compostela. Essa verdade é um aspecto moderno em sinergia com o passado e que vem configurar a identidade atual dinâmica na realidade social da *Praza* - prática essa fundada no antigo de centralidade no mercado. Nesse sentido, a Praça é particular, própria e autóctone - local e ao mesmo tempo coletiva, geral - e global. Essa verdade é um aspecto moderno em sinergia com o passado e que vem configurar a identidade atual dinâmica na realidade social da *Praza* - prática essa fundada no antigo, dado que a cidade de Santiago é cidade de peregrinação (forjada nessa matriz desde a Idade Média), recebendo o espaço de mercado grande afluência de pessoas. Dessa maneira, gente de variados lugares e procedência compõe o local e o enriquece.

4.1.2. Cultura: terreno da ideologia

Blanca Muñoz (2005), no livro *Modelos Culturales: teoría sociopolítica de la cultura*, adentra no terreno da cultura e seu conceito vinculado ao fenômeno da transformação social no mundo moderno e aborda a questão da soberania, entre outros:

Cualquier referencia concreta al tema cultural pasa necesariamente por las transformaciones de la soberanía, la legitimidad o las identidades lingüísticas y nacionales, por no aludir a las formas de interpretación colectivas de la realidad. Así si entendemos el concepto de cultura, en un sentido amplio, como las formas de clasificación y comprensión de lo real en un grupo o grupos específicos, nos reencontramos con una de las temáticas que más incidencias está teniendo en la transformación de la sociedad industrial capitalista heredada desde el siglo XVI (Muñoz, 2005: 16-17).

Muñoz (2005) põe o enfoque na ideologia. Essa ênfase na ideologia é relevante para o estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, porque entende a cultura como prática social coletiva

histórica, todavia contextualizada em um sistema econômico, determinando: “La cultura como forma de clasificación de la realidad ha devenido en el aspecto más objetivo sobre los diferentes modos de construir la realidad en al entrada de un nuevo siglo (...). Nunca como ahora hablar de economía es hablar de ideología” (Muñoz, 2005:304). Em fim, a cultura se dá em prática social da ideologia e a economia que vai determinar a existência das classes populares na cotidianidade, como pode ser a *Praza*.

Assim, neste estudo, o trabalho como ação social é o nódulo central da conformação estrutural da sociedade e os processos educativos dados na Praza do Mercado de Abastos de Compostela: “El proceso de trabajo está en el núcleo de la estructura social” (Castells, 1997: 253) é um exemplo prático de como dinâmicas do terreno ideológico-cultural deternimam a vida cotidiana da cidadania.

Além dessa análise detida sobre ideologia e cultura, Muñoz (2005) discorre sobre a cultura e os diferentes enfoques, muitas vezes antagonicos e se detem no aspecto atual forjado entre o objeto cultura e a ideologia na medida da classificação coletiva no qual a cultura está imersa em um “sistema de clasificaciones colectivas sobre el que se está desarrollando una “lucha soterrada” de enorme complejidad. La Cultura (...), se encuentra sumida en una nueva guerra fría con ataque provenientes desde la economía, la política o la comunicación mediática (Muñoz, 2005: 17).

Por meio da fundamentação cultural, todo um sistema de valores substanciais está sendo articulados em lutas na busca do predomínio ideológico. É quando a estudiosa afirma que testemunhamos um “antagonismo entre culturas que, unas veces, parece antagonismo religioso y otras conflicto económico (...). Es en el tema cultural en donde se está llevando a cabo enormes y complejas luchas por hacerse con la hegemonía ideológica de las sociedades culturales actuales” (Muñoz, 2005: 17). Dessa maneira, o aspecto cultural se torna cêntrico para entender qualquer fenômeno social, principalmente os que entendem a cultura em última instância, como educação social, conforme se axtai do estudo da Praza do Mercado de Abastos de Compostela.

Figura 14 - Culturas e predominio ideológico

MATRIZES DE APRENDIZAGEM COMPARTILHADA



(Estudo da Praça)

Fonte: Produção Própria.

É de fundamental importância entender a cultura como sistema de práticas e de valores desenhados por meio de processos de pugnâncias e lutas, nos quais a construção do que é (e não é) cultura passa por elaborações e representações ideológicas transpostas em projetos políticos, sendo objeto de estudo de diferentes disciplinas.

Entender a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como espaço cultural parte também de uma leitura que transita em aspectos antropológicos e sociológicos, estes como lugar de cultura, no qual questões relativas ao estudo do diferente contraposto ao próprio perdem sentido (Augé, 2004), quer dizer que as diferentes disciplinas não estão contrapostas.

La terminología “antropología cultural” suele aplicarse a trabajos etnográficos de carácter holístico que se centran en estudiar cómo las diversas formas de la cultura afectan a la experiencia individual, o en ofrecer una visión global de las creencias, costumbres e instituciones de un pueblo. La terminología “antropología social” se aplica a los

trabajos etnográficos que intentan delimitar un sistema concreto de relaciones sociales (la vida doméstica, las leyes, la política, la economía). En la antropología social se otorga mayor atención a las bases organizativas de la vida social (Crespo, 2016).

Nas diferentes disciplinas são expressos aspectos científicos que vão sustentar os estudos atuais a respeito da cultura. Thomas Barfield (2001), no *Diccionario de Antropología*, afirma que a antropologia social e a antropologia cultural se inscrevem em tradições teóricas diferentes, ou independentes (2001: 43-48), também Augé (2005) e Augé e Colleyn, (2006: 9) descrevem estas diferenças, porém ambas convergem ao adentrar na temática da cultura. Outros estudos abordam as terminologias utilizadas na matéria cultural como objeto de estudo de diferentes disciplinas, entendendo estas tanto por suas diferenças ou como por suas semelhanças, segundo Crespo (2016). Porém, para o estudo da *Praza* se adota a trajetória do antropólogo Bronislaw Malinowski (1977) que se distanciou destas distinções descritas e inscreve o trabalho no sentido desta discrepância descrita por Barfield (2001), segundo o qual este enquadramento pode haver-se dado pela influência de Lévi-Strauss (1998) que é provável que marque tendência ao afirmar que a antropologia social e cultural faziam parte da etnologia e que são virtualmente indistinguíveis; concepção também endossada por Marc Augé e Colleyn (2006:9).

Ambas as assinaturas construíram e ao mesmo tempo aportaram fundamentos aos estudos da identidade e a respeito dos lugares identitários cotidianos (Augé, 2008: 8)⁵³ e para este estudo da *Praza do Mercado de Abastos* os termos antropologia social e a antropologia cultural não são considerados de forma separada para entender e enquadrar a leitura da temática da *Praza* como lugar de cultura. Nesse sentido, conjugaram-se os fundamentos das aludidas disciplinas sem distinção.

⁵³ Não é tema de estudo deste texto sistematizar o desenvolvimento histórico dessa disciplina, nem listar seus teóricos principais. Para isso, ver Austin Millá, 2000; entretanto, os conceitos entendidos dessas disciplinas e enfoques darão corpo ao estudo cultural feito para demarcar o foco da leitura empregado na *Praza*.

4.1.3. As modalidades de esquecimento

Quando a ausência de relatos e de enfoques passa a fazer parte de um traçado histórico, adentra-se o terreno do esquecimento. Nesse sentido, partimos de Marc Augé, que sistematiza em seu livro *Las formas del Olvido* (Barcelona, 1998a) e apresenta três modelos de esquecimento - o retorno, o suspenso e o começo - extraídos de ritos africanos e sulamericanos pelo autor, ao afirmar que o esquecimento nestas três modalidades é emblemático (Augé, 1998a: 65).

Nas palavras de Augé (1998a), “retorno” entende-se através das suas funções, rever um passado perdido e vincular-se a um passado mais arcaico: “La primera es la del retorno cuya principal pretensión es recuperar un pasado perdido, olvidando el presente – y el pasado inmediato con el que tiende a confundirse – para restablecer una continuidad con el pasado más antiguo, eliminar el pretérito “compuesto” en beneficio de un pretérito “simple”” (Augé, 1998a: 66). O autor baseia-se para isso na forma ritual da possessão de uma pessoa por um espírito antigo e traz essa experiência, na qual se deve esquecer o que se viveu e se fez. O paralelo dessa forma de esquecimento toma forma na Praça do Mercado de Abasto de Compostela ao tê-la como medieval no terreno popular. Essa é uma manifestação do “retorno” descrito por Augé (1998a) na prática social sobre a *Praza*. Outro aspecto do retorno presente na *Praza* é o lugar do rural, das pessoas e dos produtos do campo, introduzido na Praça de Abastos de pedra; a que foi construída depois do derrubamento do *Mercado Primitivo*, a Praça do modelo acristalado importado de França.

Por outro lado, tem-se o “suspenso”, nas palavras do estudioso “...cuya pretensión principal es recuperar el presente seccionándolo provisionalmente del pasado y del futuro y, más exactamente, olvidando el futuro por cuanto éste se identifica con el retorno del pasado” (Augé, 1998a: 65). Para a sistematização deste aspecto do esquecimento, o autor se baseia na escenificação na cena de inversão de uma mulher ou de um escravo que se proclama rei, por exemplo. Relativo a esse ponto dois, o “suspenso”, se dá na Praça do Mercado de Abastos de Compostela na presença das camponesas, agricultoras

paisanas. As agricultoras (em versão vendedora e ao mesmo tempo como figura medieval nas feiras) que vendem o excedente da produção na *Praza*.

Por último, o “começo”, que por sua vez, e para fechar os três aspectos sistematizados do esquecimento, descreve e define o autor “Su pretensión es recuperar el futuro olvidando el pasado, crear las condiciones de un nuevo nacimiento que, por definición, abre las puertas a todos los futuros posibles sin dar prioridad a ninguno” (Augé, 1998a: 66). O autor sistematiza o começo a partir do engendramento de um nascimento como metáfora. Esse terceiro aspecto do esquecimento teorizado por Augé e plasmado na Praza do Mercado de Abastos de Compostela se dá a partir da implantação de outros e novos setores como o pavilhão de gastronomia e restaurante (*hosteleria y restauración*) que parece desconfigurar a *Praza*.

Augé, afirma, ao final, que estes três elementos (retorno, suspenso e começo) se encontram no presente (Augé, 1998a: 68), no qual a memória e o esquecimento estão em jogo (Augé, 1998a: 89), regulando dessa maneira o próprio esquecimento: “El olvido nos devuelve al presente, aunque se conjugue en todos los tiempos: el futuro, para vivir el inicio; en presente, para vivir el instante; en pasado, para vivir el retorno; en todos los casos para no repetirlo” (Augé, 1998a: 104).

Segundo Augé (1998a) o esquecimento tem a função categórica de afiançar a permanência: “Es necesario olvidar para estar presente, olvidar para no morir, olvidar para permanecer siempre fieles” (Augé, 1998a: 104). Em sintonia com o teórico Augé a Praza do Mercado de Abastos de Compostela se dá e está sendo tecida por meio do esquecimento, em grande medida, e alcança sobreviver nem paralisar-se pelas tensões, conflitos e choques. Todos os pontos de esquecimento, entretanto, assinalados por Augé (1998a) emergem na *Praza*.

A importância na abordagem dos pontos do esquecimento em Augé (1998a) fundamenta a configuração de muitas práticas educativas que estão ativas na *Praza* e dos processos de mudanças. O retorno, suspenso e começo descritos estão caracterizados em Pichón-

Rivière como emergentes sociais, como fatos que emergem de uma trama de significados buscando na contemporaneidade uma forma de atualização das dinâmicas sociais que pressupõem obstáculos.

A vinculação com um passado mais arcaico no “retorno”; o “suspense”, que desconfigura o passado e o futuro, e o “começo”, que traz o futuro independente do passado como fundamento, conformam a aprendizagem social em adaptação ativa à realidade, quer dizer, são os mecanismos sistematizados em três aspectos do esquecimento para a modificação e evolução de uma realidade educativa social cultural.

4.1.4. Modernidade líquida?

Por outro lado, um aspecto importante do conhecimento sistematizado a respeito da Modernidade e utilizado no estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá com a aportação de Zygmunt Bauman (2013), que fala da conjuntura moderna (pós-Modernidade) como um lugar sem configuração, amorfo. A partir do citado teórico, tem-se a sistematização da “modernidade líquida”, estruturada na contraposição entre líquido *Versus* sólido.

Uso aquí el término “modernidad líquida” para la forma actual de la condición moderna, que otros autores denominan “posmodernidad”, “modernidad tardía”, “segunda” o “híper” modernidad. Esta modernidad se vuelve “líquida” en el transcurso de una “modernización” obsesiva y compulsiva que se propulsa e intensifica a sí misma, como resultado de la cual, a la manera del líquido – de ahí la elección del término -, ninguna de las etapas consecutivas de la vida social puede mantener su forma durante un tiempo prolongado. La “disolución de todo lo sólido” ha sido la característica innata y definitoria de la forma moderna de vida desde el comienzo(...) (Bauman, 2013: 17).

Zygmunt Bauman, com a metáfora da fluidez sistematiza a natureza da etapa atual da história da Modernidade (Bauman, 2000: 8). No livro, o teórico se propõe a examinar o que o autor chama de cinco conceitos básicos, ao abordar a condição humana, sendo eles:

emancipação, individualidade, tempo/espço, trabalho e comunidade (Bauman, 2000: 14). Todos esses cinco aspectos serão entendidos no estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela desde a perspectiva centrada na questão tempo-espço.

A emancipação está entendida como capacidades e empoderamento já descritos ao sistematizar aspectos da teoria de Sen (2009), e é tido em diálogo; também a individualidade e a comunidade entendidas ecom, e respectivamente, como verticalidade e horizontalidade proposta pela teoria de Pichón-Rivière (2005). Ao analisar esses cinco aspectos, Bauman (2000) parte da abordagem do tempo/espço como base fundamental no estudo da Modernidade. Segundo ele, esta é uma característica da vida moderna da qual derivarão todas as demais características. Nas palavras do autor “Ese atributo es el cambio en la relación entre espacio y tiempo” (Bauman, 2000: 14). Nesse sentido, o teórico define Modernidade quando esses dois fatores se separam da prática vital e entre si (Bauman, 2000: 14).

No estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela observa-se que o tempo parece ter parado, cristalizando um espaço social que continua reescrito. Manuel Castells afirma que “Somos tiempo encarnado, al igual que nuestras sociedades, hecha de historias” (Castells, 1997: 506). A própria afirmação de que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um mercado medieval enfatiza esta questão do tempo e espaço, ainda que esse enunciado seja questionável desde aspectos da construção arquitetônica⁵⁴.

A vida moderna da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, contudo, parece contradizer a liquidez, pois esta continua existindo, tanto como monumento e também como atividade social: “La “disolución de todo lo sólido” ha sido la característica innata y definitoria de la forma moderna de vida desde el comienzo” (Bauman, 2013: 17). Aquí se trata, porém, de entender a cristalização do tempo sem contraposição à fluidez na vida moderna, pois certo é que a Praça é um espaço dissolvido à proporção do tempo e susceptível de

⁵⁴ O primeiro documento da Praça do Mercado de Abastos data de 1873, o nomeado por alguns teóricos como Mercado Primitivo, mercado de vidro e ferro.

dissolução: “En lugar de las formas en proceso de disolución, y por lo tanto no permanentes, vienen otras que no son menos – si es que no son más – susceptibles a la disolución y por ende igualmente desprovistas de permanencia” (Bauman, 2013: 17).

É importante entender que o processo de mudança é inerente à realidade social e cultural viva, vibrante, em prática. Esse processo de mudança passa também por destruição e/ou transformação, ressignificação e troca de elementos diversos, entretanto, essa realidade não é a mesma que os fenômenos “susceptibles a la disolución” que engendra a desapareição em Bauman (2013).

Embora suscetível de aniquilamento, todavia, a *Praza* permanece, mantendo certa “tradição” (herança e legado, tanto universal como local), que não nega em absoluto a liquidificação, porque o que se dá no sentido de cristalização de alguns sinais identitários da Praza nada mais é que, por meio dessa sistematização do tempo/espço, na Praza do Mercado de Abasto de Compostela, não se desfaz totalmente, senão que se reescreve, ora por intermédio de choques, ora por via de encontros ou redescrições.

Essa certa ou suposta manutenção da *Praza*, em um período e espaço, pressupõe haver-se inscrito em um tempo. no qual a liquidez se encontra com o público, coletivo e de esfera do poder público, como agente social que mantém a Praza do Mercado de Abastos de Compostela, malgrado a fluidez moderna: “En la actualidad, toda liberación verdadera demanda más, y no menos, “esfera pública” y “poder público”. Ahora es la esfera pública la que necesita desesperadamente ser definida contra la invasión de lo privado – paradójicamente, para ampliar la libertad individual (...)” (Bauman, 2000: 57). Nesse sentido, a conformação dos seus processos comunitários grupais de acordo com o enfoque de Pichón-Rivière do grupo (2005) dado na Praza na conformação da Sociedade Cooperativa Galega, por exemplo, para administrá-la em razão do esvaziamento da presença do Estado, vai marcar a diferença.

O que enfatiza isso é o caráter da permanência da *Praza* como espaço de poder (poder no sentido de “poder fazer”, poder seguir e construir identidades), e ou espaço do privado e próprio do Estado

como prefeitura (*Concello*) da cidade de Compostela, em processo de liquidação, pois a vida social, como educação social, gerou um sistema de contato e de transmissão de saber no qual a Praça está perdendo sua permanência. Bauman afirma que “o poder se distancia da rua e do mercado” (2003: 45), ou seja, da vida social e política dos sujeitos postos em lugares de atividade de mercado.

O êxito da permanência da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se erige da relação desenvolvida através do tempo, na qualidade grupo, a saber, o grupo trabalhador neste espaço sócioeducativo vai dar forma e coesão à Praça. Neste sentido, a tarefa (fundada na necessidade), enquanto a finalidade desse grupo de sobrevivência, quer seja em troca direta (elementos de necessidade) ou quer em forma de dinheiro (para ser trocado por elementos de necessidade), vai conformar o coletivo que é erigido por uma tarefa comum, compartilhada. Nas palavras de Pichón-Rivière:

Todo conjunto de pessoas, ligadas entre si por constantes no tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação interna, propõe-se explícita e implicitamente uma tarefa, que constitui sua finalidade. Podemos então dizer que estrutura, função, coesão e finalidade, junto com um número determinado de integrantes, configuram a situação grupal que tem modelo natural no grupo familiar (Pichón-Rivière, 2005:173).⁵⁵

Quer dizer que na *Praza* há uma situação grupal constituída por uma necessidade compartilhada (a de viver da Praça do Mercado de Abastos de Compostela). Esse grupo, por sua vez, está organizado em um tempo e um espaço determinado (edifício e arredores da *Praza*).

Manuel Castells (1997) no livro *La era de la información, volumen I La sociedad red* também trata do tempo e do espaço, enfatizando a grande importância destes dois aspectos na vida social: “Espacio y tiempo son las dimensiones materiales fundamentales de la

⁵⁵ Pichon-Rivière (2005) sistematiza sua teoria a partir da Psicanálise, dentre outras bases teóricas. Por esse motivo a sistematização teórica apresenta elementos de base no grupo familiar, dentre outros.

vida humana” (Castells, 1997: 453). Castells (1997) sistematiza o conceito de espaço como matéria e o define a partir da prática social que está relacionada a outros aspectos ou produtos materiais, como podem ser as pessoas, por exemplo: “(...) según la asunción de que “el espacio es un producto material en relación con otros productos materiales -incluida la gente- que participa en relaciones materiales determinadas (históricamente) y que asigna al espacio una forma, una función y un significado social” (Castells, 1997: 488).

O teórico sinaliza, entretanto, que o tema da relação entre espaço e sociedade, conquanto seja de modo aparente simples, na verdade é de grande complexidade e isso se dá porque o espaço e a sociedade estabelecem relação intrínseca, imbricada, amalgamada.

A complexidade da concepção social do espaço se dá porque na devida construção do espaço, são articulados interesses opostos na própria dinâmica geral da estrutura social, no qual os agentes sociais manifestam interesses e valores opostos ou diferentes, que derivam em conflitos e estratégias contraditórias: “Las formas y procesos espaciales están formados por las dinámicas de la estructura social general, que incluye tendencias contradictorias derivadas de los conflictos y estrategias existentes entre los actores sociales que ponen en juego sus intereses y valores opuestos” (Castells, 1997: 488).

Além desse aspecto, há que ter em conta a noção de que o entorno historicamente construído e herdado também vai compor o espaço: “La tarea no es fácil, porque el reconocimiento aparentemente simple de una relación significativa entre sociedad y espacio oculta una complejidad fundamental. Y es así porque el espacio no es un reflejo de la sociedad, si no su expresión” (Castells, 1997: 488). Nesse sentido, o processo histórico presente na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, composto através do tempo se dá como herança identitária, um legado cultural. É quando o desenvolvimento grupal se fixa e permanecem vivos, nas palavras de Castells: “Además, los procesos sociales conforman el espacio al actuar sobre el entorno construido, heredado de las estructuras socioespaciales previas. En efecto, el espacio es tiempo cristalizado” (Castells, 1997: 488).

O que vai influir, porém, de maneira determinante na dinâmica da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, em termos de permanência, será o grupo de trabalhadores desta. Esse coletivo, sem face nem alcunha, que vive da Praça, alcança que esta perviva. Essa realidade de contexto grupal está, de outra forma, amparada em uma estrutura social de propriedade do Estado.

Por outro lado, a permanência sinalizada por Bauman (2013), e a perda desta - o esquecimento descrito por Augé (1908a) -, não pode ser entendida na questão da mercantilização da cultura, como afirmam muitos teóricos, como Horkeheimer e Adorno (1994). Isso é assim porque a finalidade lucrativa, o uso das mercancias e a necessidade do comércio forjaram a própria construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, tanto física como imaginária: necessidades, como elementos fundantes dos grupos, segundo Pichón-Rivière (2005). Essa é uma verdade inquestionável. Assim, a atividade de mercado compõe na Praça uma estrutura simbólica que não está fundada na mercantilização, senão na vinculação dos processos sociais (em necessidades compartilhadas em troca).

A par dessa realidade, entretanto, as relações sociais forjadas a partir dessa necessidade “mercantil” (no sentido “comercial” de troca e necessidade) - “Todo acto mercantil, entraña el intercambio voluntario entre dos actores de bienes o servicios. Yo me desprendo de algo y tú me das algo” (Castaingts, 2004: 123) -, é um pilar na existência da Praça. Outra questão é a relativa ao hegemonismo cultural e a apropriação indevida tratada por Muñoz (2005), como se verá em segmentos subsequente.

A cultura da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, no sentido da transmissão e troca de conhecimento, tanto para a mercantilização, como para atender a necessidade de relacionar-se socialmente, entre outras, é forjada também por meio da educação na sociedade galega, similar à realidade do espaço de feira: “La institución de la feria respondía a las necesidades de intercambio económico y a las condiciones de vida propias de los pueblos gallegos. La dispersión del hábitat, la falta de carreteras hacía

indispensable la reunión periódica en un lugar determinado” (Méndez, 1988: 183-184).

A cultura da Praça foi instaurada primeiro no sistema de espaço de relação social (este dado como remanescentes na ancestralidade) e depois no aspecto “mercantil” (de comércio). Ambos os aspectos se edificam com base no sistema de poder no qual uma classe detém o poder sobre outras, e as necessidades pessoais, individuais e coletivas se forjam e se erigem com suporte nessa dinâmica de domínio sobre o coletivo. Nesse sentido, a determinação de construir o edifício da Praça em 1870 foi de tinta política e ideológica, estando concentrado e delimitado por uma estrutura política e econômica determinada e implantada com procedência no modelo francês.

Assim, não existe na Praça do Mercado de Abastos de Compostela a livre vontade natural-humana de relação social. Há, entretanto, necessidades vitais que vinculam as pessoas em sinergias entre o espaço concreto e simbólico da PMAC - necessidades variadas em um contexto unitário da *Praça*. Necessidade de produção ou venda por certos setores da sociedade (no caso das *paisanas* por exemplo) que, ao venderem o excedente da produção fazem parte do processo, no sentido de que lhes determina uma função específica a essas agentes sociais (função esta que passa pela manutenção de um modo de vida e de uma identidade herdada). Para outros a atividade de venda, saltando o processo de cultivo, e modificando a feira livre medieval (caracterizando a venda de produtos), é o que abarca o lugar da/o vendedora/vendedor contratada/or para vender ou para prestar um serviço. Também no processo de controle da distribuição da produção, que na data de 1870 estava nas mãos do Estado (não de um certo livre comércio, como está hoje). Ou seja, o grupo se faz operativo na tarefa de viver da atividade de mercado, dentro de um novo conceito social de livre mercado, como contextualiza Muñoz:

La revalorización de los fenómenos mercantiles en el área de la cultura viene a determinar, sobre todo, el que los individuos se adapten a los complejos sistemas de estatus - en cuanto distribución del poder y privilegio en una sociedad de clases sociales- construido tras las dos guerras

mundiales, acomodandose, en definitiva, a la situación de dominación colectiva consolidada (Muñoz, 2005:205).

Obviamente, o enfoque da mercantilização que a autora Muñoz e San Nicolás (2010) e outros teóricos assinalam não aborda a questão específica da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, senão do lucro por em cima da cultura e a venda da cultura como serviço, suplantando o sentido da cultura como bem, como direito humano fundamental, como simbólico que já se fez material. Faz necessário, contudo, citar e entender como a teoria se aplica à Praça de maneira atual.

Isso se dá porque a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um entre-lugar na qual o lucro não pode ser entendido como a negação do direito à cultura, que na atualidade alcança ser materializada mediante políticas concretas, no tocante às “indústrias culturais”, por exemplo, como se verá em subseções posteriores. É que distante de ser um lugar neutro, no qual se dá o processo de “oferentes” e “demandantes” no qual se tem um preço aceitável por ambas as partes e debaixo de leis de “oferta y demanda”, dão-se muito mais questões assimétricas que se oculta com o nome “mercado” (Castaingts, 2004: 120).

Es evidente que sí hay ofertas y demandas, pero que éstas se desenvuelven en un campo mercantil en el que actores de fuerza asimétrica entran en relaciones sujetas a reglas, en donde los productos se evalúan en el interior de una cultura y los intercambios son regulados por instituciones. No hay un solo tipo de mercado, hay diversos campos que dan lugar a procesos de intercambios mercantiles y no mercantiles (Castaingts, 2004: 120).

Por fim, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela transita entre a herança ancestral sólida (fixa e consistente) e a modernidade líquida de Bauman (2013), ora em sinergias e ora em combate. Igualmente, dessas citadas dinâmicas (de sinergias e combate) emergem aspectos ancestrais de vincularidade, de base na necessidade compartilhada, como também de atividade de mercado como forma de intercâmbio mercantil (mercadoria) ou não mercantil, sendo que a

expressão “não mercantil” se entende a partir de Sabourin (2007): “Laville (1996) que identificam, ao lado da economia de mercado capitalista (ou economia mercantil), a economia pública associada à redistribuição de recursos pelo Estado e a economia não mercantil ou não monetária, assimilada ao princípio da reciprocidade” (Sabourin, 2007: 3).

4.2. INDÚSTRIAS CULTURAIS NA SIC OU NA SSC⁵⁶

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um espaço de legado e herança ancestral. Um contexto cultural e de elaboração de cultura não somente como valor imaterial e humano, senão e de maneira fundamental, como contexto social que gera riqueza (não somente simbólica), inclusive como a cultura materializada e rentabilizada postas a partir do contexto de indústrias culturais.

Assim, os fenômenos desenvolvidos no sentido de conjugar as novas tecnologias e inserir a Praça do Mercado de Abastos de Compostela na definida “Sociedade da Informação e do Conhecimento” serão chaves que estão sendo dadas em mecanismos de processos de mudanças instaurados na Praça de Abastos. Nesse sentido, as “Indústrias Culturais” vão atuar, tanto como arcabouço ideológico, como em ferramentas práticas e concretas para o contexto descrito de transformação, no enquadramento teórico-ideológico da Sociedade da Informação e da Comunicação (SIC) e do contraponto descrito por Matellart & Pimme (1980) com a sociedades dos saberes e do conhecimento.

4.2.1. Cultura como indústria

A expressão “Indústria Cultural” foi utilizada por primera vez na bibliografía científica em 1947 pelos teóricos Max Horkheimer e

⁵⁶ Sociedades do Saber e do Conhecimento descrita por Mattelart (1980) em contraposição ao conceito da Sociedade da Informação e da Comunicação (SIC).

Teodoro W. Adorno⁵⁷. Em *Dialética de la Ilustración* (1979), neste livro que recolhe discussões e debates ao longo dos anos no meio acadêmico, no qual dissertam sobre a cultura de massas, os mecanismos de dominação e sobre a indústria moderna da arte e do ócio, os autores apresentam um capítulo intitulado “La Industria cultural” - no singular -, designando, dessa maneira, uma forma de ler e entender os fenômenos da arte e da cultura.

No citado livro, os teóricos sistematizam a posta em prática da cultura e seu uso como indústria, fazendo uma crítica a essa realidade dos mecanismos que Horkheimer e Adorno (1979) denominam de mercantilização da cultura moderna e da concepção da arte utilizada como uma simples mercadoria de uso e de consumo:

El arte es una especie de mercancía, preparada, registrada, asimilada a la producción industrial, adquirible y fungible; pero esta especie de mercancía, que vivía del hecho de ser vendida y de ser, sin embargo, esencialmente vendible, se convierte hipócritamente en lo invendible de verdad, tan pronto como el negocio no solo es su intención si no su mismo principio (Horkheimer e Adorno, 1979: 203).

Em *La Industria cultural*, Horkheimer e Adorno (1979) fazem uma crítica à cultura vendida e comprada, à cultura industrializada e de massas, sob o modelo liberal. Essa concepção-sistematização teórica encontrou e segue tendo profundas críticas em razão do enfoque subjetivo (Mattelart & Pimme, 1980). Igualmente certo, porém, é que na etimologia do termo e concepção da política das “Indústrias Culturais”, Adorno e Horkheimer são figuras imprescindíveis.

Na origem do debate e do uso do conceito e do termo, entretanto, também se encontra o conceito de “arte burgês”, não industrial, sobre o qual dissertou com anterioridade Walter Benjamin no livro *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*

⁵⁷ Sobre a expressão Indústria Cultural e o ano de publicação, de acordo com Mato (2000) 1979-1947. Em Lebrún (2014) se tem o ano de 1949 e em Bendassolli (2009) o ano assinalado é 1985.

(2006) que, segundo o estudioso Daniel Mato (2000) trata do mesmo tema e enfoque de Horkeheimer e Adorno, sem que estes hajam citado a Benjamin (Mato, 2000: 157). Benjamin desenvolve o tema desde um enfoque similar aos de Horkheimer e Adorno, abordando e questionando a “mercadologização” da cultura como conceito e enquadramento.

Horkeheimer e Adorno (1979) e outros teóricos, como Walter Benjamin (2006), sistematizam uma análise do desenvolvimento dos mecanismos de produção e difusão da cultura, que faz desta uma indústria, tratada como um mero mercado que deve ser rentável.

Segundo Muñoz (2005) e Mattelart e Pimme (1980), porém, o debate não deve estar centrado na cultura como desvinculada do contexto social e político, e não se trata de uma abordagem técnica, senão constitutiva: “Pero se hace necesario constatar que, en ciertos casos, la crítica legítima de la industria cultural está muy estrechamente ligada a la nostalgia de una experiencia cultural libre de ataduras con la técnica” (Mattelart & Pimme, 1980: 6).

Em Mattelart e Pimme (1980) e Muñoz (2005), a análise da cultura se dá tendo como base a leitura do liberalismo desde o foco do modo de produção e das forças produtivas que têm a cultura como monopólio e meio de controle social. Contrariamente, e em Austrália no ano de 1994, e posteriormente no Reino Unido, no ano de 1998, o debate sobre a cultura se desenvolve com um discurso da riqueza coletiva dado no lado antagônico ao enfoque de Mattelart e Pimme (1980) e Muñoz (2005). Quando o Ministro da Cultura, Meios de Comunicação e Esporte do Reino Unido, Chris Smith publica com o termo “Indústrias Criativas” disserta sobre as dinâmicas da arte e sua contribuição para a economia britânica (Throsby, 2001: 127).

O mesmo término, escrito, agora no plural - Indústrias Culturais - ou o sinônimo em “Indústrias Criativas” vai marcar um antes e um depois em baliza de cultura, seu enfoque, seu uso, e também seu desenvolvimento prático.

En Australia, por ejemplo, el influyente documento Creative Nation publicado por un modernizante Partido Laborista, y vinculado a una fuerte coalición de política

cultura de activistas y académicos, asumía la cultura popular y comercial post-años sesenta como elemento fundamental para construir una nueva identidad en una nueva era (O'Connor, 2011: 38-39).

Bendassolli, Wood, Krischbaum e Cunha (2009) para entender o tema em foco interpreta as indústrias culturais como políticas (ações) concretas na concepção da Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC), que vão ser motores de mudança para os contextos tradicionais, como pode ser o da sociedade compostelana, e, de maneira específica da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

4.2.2. Indústria moderna da cultura

É fundamental entender o traçado político resumido nas linhas anteriores para se conhecer o projeto ideológico implementado com as Indústrias Culturais e suas políticas concretas desenvolvidas em lugares sociais representativos da cultura local, como pode ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

A terceira via, ou a Terceira Via britânica, é definida, segundo seu agente e político mais representativo (e grande defensor desta) como uma política de ideias, sem que esta seja confundida com ideologia, segundo ele: “Siempre he creído que la política tiene que ver, ante todo, con las ideas. Sin un decidido compromiso con objetivos y valores los gobiernos son ineficaces (...). Además, las ideas necesitan etiquetas para hacerse populares y calar en un amplio sector” (Blair, 1998: 53). Ideias (ideologia) e formato (projeto)^b são os aspectos constituintes de qualquer política, quer partidista, quer de projeto público, entre outros.

A opção política descrita, entretanto, é apresentada como “desideologizada” (como se esta possibilidade fosse factível), estando, dessa maneira, a nomeada Terceira Via descrita no âmbito partidário e político de centro, de uma suposta neutralidade (nem de direita nem de esquerda, e também como um pouco de cada uma), na qual essas opiniões apresentam uma imagem, tanto de agentes sociais (políticos),

como de bandeira e representação partidária (um partido político específico): “La Tercera Vía oboga por una socialdemocracia modernizada, apasionada en su compromiso con la justicia social y con las metas del centro-izquierda, pero al mismo tiempo flexible, innovadora y con visión de futuro a la hora de conseguir estos objetivos” (Blair, 1998: 54).

Em Anthony Giddens (não como político, porém sim como teórico) se encontram de maneira esquemática a definição e os valores da terceira via, sendo esses “valores” os seguintes: “Igualdad, Protecctión de los débiles, Libertad como autonomía, Ningún derecho sin responsabilidad, Ninguna autoridad sin democracia, Pluralismo cosmopolita, Conservadurismo filosófico” (Giddens, 1999: 82). Com efeito, estão postulados os parâmetros de definição do suposto futuro político. Ou seja, novos processos de aprendizagem foram postos à sociedade por via de um projeto ideológico-político que se desenhou desde instâncias de poder (ainda que ainda não governamental do momento).

A definição dada, entretanto, de uma política concreta definida como Terceira Via por Blair, (1998) e Giddens (1999), por exemplo, ultrapassa o contexto de origem/definição (quer dizer, do Reino Unido e do partido Laborista de Blair) e passa a ser um modelo a ser exportado aos países da Comunidade Europeia, como se deu no Estado Espanhol, por exemplo, onde as políticas do RU teriam importância basilar.

Ainda em Giddens (1999), encontra-se a ideia da importância do Reino Unido, dentro das concepções da Terceira Via, como política exportada para essa Europa da Comunidade Europeia “transnacional”: “(...) está surgiendo una agenda sustanciosa de los debates socialdemócratas, una agenda a la que el Reino Unido tiene mucho que ofrecer. Cuanto más verdaderamente transnacionales se conviertan estos debates, mejor. Incluso dentro de Europa (...)” (Giddens, 1999: 182).

Por outro lado, também há sistematizações opostas à expressa anteriormente por Giddens (1999), que entende a Terceira Via não precisamente como um bem social, político nem cultural. Dentre

outras críticas, dispõem-se as relacionadas a uma desigualdade salarial (concentração da riqueza), por um lado, e a descentralização dos países europeus, por outro, como aspectos negativos sinalizados por Hillebrand (2007):

Uno de los problemas que explican esta situación es el impacto negativo de la globalización y la europeización (como versión específicamente europea de la internacionalización) sobre la situación económica relativa de los trabajadores. Otro problema que debe enfrentar la izquierda es el discurso pasivo ante las tendencias globalizadoras e internacionalizadoras. (...) Este discurso refleja cada vez menos el sentir de la población, que aspira a que los Estados-nación asuman un papel más proactivo que el que les asignaba la nueva izquierda (Hillebrand, 2007: 24-26).

Malgrado as críticas ao projeto político defendido por Blair (1998) e Giddens (1999), no entanto, é justo com a Terceira Via do Reino Unido que as Indústrias Culturais floresçam e se expandam para toda a Europa. Mais do que um projeto de um partido político, trata-se de um projeto ideológico-cultural apto para o contexto europeu em constante elaboração.

Para entender o projeto cultural prescrito e desenvolvido hoje na Praça do Mercado de Abasto de Compostela, é imperativo compreender o projeto político cultural da Terceira Via Britânica para Europa, seus antecedentes e objetivos em esferas global e local (local em termos de Europa).

No ano de 1994, na Austrália, o então primeiro ministro Paul Keating publica o documento “Creative Nation” na qual se especificam um amplo aspecto de enquadramento cultural:

En el tratado Creative Nation: Commonwealth Cultural Policy, October 1994, se recogen las medidas destinadas al desarrollo de las industrias del cine, la televisión y la radio, la difusión multimedia, el patrimonio cultural, la educación cultural, la protección de los creadores y el turismo cultural entre otros (Aguilar Losada, 2014: 4).

Nação Criativa (*Creative Nation* ou *Nación Creativa*) expressa, de maneira literal, o fato de a dicção *Indústrias Criativas* ter em conta que o presente estudo entende o termo “Indústrias Culturais” (no plural) como sinônimo de Indústria Criativa: “Na literatura científica, alguns autores empregam um ou outro desses conceitos eventualmente como sinônimos” (Bendassolli, 2009: 6).

O citado texto - “Creative Nation” - (1994) é um verdadeiro manifesto no qual se apanham a ideologia, os princípios e diretrizes a respeito da cultura e o uso prático do citado partido australiano como projeto ideológico. Esse manifesto será acolhido pelo partido *Laborista* de Toni Blair que, no seu primeiro mandato, desenvolve as “Indústrias Culturais” como estratégia política para, segundo Blair e seu partido, abrir e explorar novas frentes de trabalho, criando um nincho econômico ainda sem explorar e, assim, configurando um projeto para reativar a economia por meio da cultura. Assim, foi no Reino Unido que, em 1998, se publicou o documento DCMS (*Department for Digital, Culture, Media & Sport*) - das siglas em inglês para Departamento de Cultura, Meios e Esporte - sendo este o espaço e os agentes que vão levar à prática os princípios sócioeducativos (no sentido de educação social) rabiscados no citado documento Australiano de “Creative Nation” (1994).

Se reconoce que históricamente los antecedentes del término Industria Creativa se remontan a los años 90 en Australia, con la aparición del documento Creative Nation, (Nación Creativa) elaborado por el gobierno australiano. Proponía una política cultural orientada tanto a las artes como a su relación con las nuevas tecnologías de información y comunicación. Su introducción en Europa se materializa a través del Reino Unido mediante las diferentes instituciones del Nuevo Laborismo; como concepto clave y recurso para el desarrollo de la “Tercera vía”, quienes elaboran su propio Creative Task Force (Grupo de Trabajo Creativo), inaugurando el discurso oficial de la creatividad, desde la esfera política (Días Munizaga, 2013: 70).

O objetivo oficial, sistematizado e divulgado no documento aludido, a saber, o DCMS (1998), era o de dar saída econômica à realidade do desemprego e empobrecimento e poder, assim, rentabilizar e ativar a mão de obra do lumpemproletariado. Dessa maneira, desde o Estado (a ideologia da Terceira Via concretizada como partido no poder) foi desenhada e implementada o que hoje se conhece como “Indústrias Criativas” ou “Indústrias Culturais”, resgatando o termo utilizado anteriormente no singular por Horkeheimer e Adorno (1994), como predecessores na terminologia “Indústria Cultural”.

Para entender esse fenômeno político e socioeducativo, todavia, que é o fenômeno do surgimento e desenvolvimento das Indústrias Culturais e sua projeção, como também a sua consolidação atual, é preciso entender a realidade sóciopolítico do Reino Unido nos anos de 70-80. Nesse sentido, um jornal do Estado espanhol, em uma entrevista-modelo, ilustra, de maneira resumida, a realidade do RU naquele momento. Imerso em uma crise econômica e política de grande magnitude, instaurada em uma recessão crescente, com uma alta taxa de desemprego, dentre outros:

Gran Bretaña atraviesa actualmente la crisis económica más grave que ha conocido desde el fin de la guerra. Según las cifras publicadas ayer, cuenta cerca de dos millones de parados, o sea, un aumento de 237.000 en relación a las cifras del mes pasado, aumento que traduce un progreso considerable del número de jóvenes que demandan trabajo. Jamás, desde 1948, el paro había alcanzado semejante nivel. Se cree que la situación se va a agravar todavía más. El peso de la recesión se manifiesta igualmente por el aumento del número de licenciamientos por razones económicas. Paralelamente, las ofertas de trabajo se hacen más escasas (...). Para la primera ministra, señora Thatcher, la situación es seguramente angustiosa (El País, 1980).

Desemprego juvenil, recessão, setores produtivos em quebra, dentre outros problemas ilustram uma crise econômica e política de grande magnitude que foi conduzida com braço de ferro, restando

força a qualquer possibilidade de organização reivindicativa contrária ao projeto que vai representar um avanço no controle dos processos culturais hegemônicos. É nesse caldo de cultivo social calamitoso que as Indústrias Culturais são expressas como alternativa.

Assim, no descrito panorama social, propõe-se e é implementada a nova ideologia de controle cultural. A moderna indústria de ócio e a mercantilização da cultura moderna, no Reino Unido, sob Margareth e Major já não encontram vozes capazes de fazer uma crítica, desde nenhuma perspectiva, ao uso da cultura como se de uma indústria se tratasse e principalmente como projeto de controle social. Assim, a maneira mercantilizada de entender e praticar a cultura será a mais válida, consumida, “perseguida” e almejada, tanto pelos donos das indústrias culturais, como pelos agentes que a consomem, antes nomeados “obreiros”⁵⁸: “Los consumidores son los obreros y empleados, agricultores y pequeños burgueses. La producción capitalista les encadena de tal modo en cuerpo y en alma que se someten sin resistencia a todo lo que se les ofrece” (Horkeheimer e Adordo, 1994: 178). A esse aspecto de consumo e mercantilização da cultura subjaz uma nova maneira de dominar. Com tal característica, na “era tecnocrônica” (Brzezinski, 1970), cumpre-se a frase de impacto de Horkeheimer e Adordo (1994): “El mundo entero es conducido a través del filtro de la industria cultural” (p. 171), hoje mais que nunca, Horkeheimer e Adordo concluem em 1994 que há uma mega economia criada com os produtos da indústria cultural: “Los productos de la industria cultural pueden contar con ser consumidos alegremente incluso en un estado de dispersión. Pero cada uno de ellos es un modelo de la gigantesca maquinaria económica que mantiene a todos desde el principio en vilo” (p.: 172).

Ainda que seja certo, contudo, que os citados escritores (Horkeheimer e Adordo) fazem parte de uma tradição teórica que tratou o tema em questão e que estão presentes no desenvolvimento do

⁵⁸ Há matizes fundamentais e de crítica a Horkheimer e Adorno, como também às políticas às Indústrias Criativas, entretanto, escapa aos objetivos deste estudo sistematizá-las. Para mais informação, consultar Mattelart (1974).

conceito da terminologia “Indústrias Culturais”, igualmente certo é que as críticas às afirmações teóricas publicadas em 1994 por eles já foram feitas. Os autores tratam da vinculação ao conceito, porém em distância do conteúdo do que hoje é criticado dessa concepção da cultura:

Hoy cuando el abordaje sobre los média como industrias culturales ha adquirido una legitimidad evidente, Adorno y Horkheimer se hacen visibles. Es más, veremos que de su problemática a las realidades actuales la brecha es infranqueable. Sin embargo, ella pertenece a la genealogía del concepto. La lectura de sus planteamientos es indispensable, incluso si debe imperativamente acompañarse de la crítica (Mattelart & Pimme, 1980: 3).

Em tempos passados, os teóricos Horkheimer e Adorno (1994) se referiam e utilizavam a terminologia “cultura de massas”, que posteriormente substituíram pela expressão “Indústria Cultural”. Caso se enfoque e se considere, entretanto, a expressão “Cultura de massas” (utilizada como sinônimo de “indústria cultural”), acompanha-se outros teóricos, como o já citado sociólogo belga Armand Mattelart (1974) que, no mencionado livro *La cultura como una empresa multinacional*, acentua que a cultura de massas não pode se definir de maneira histórica, esta somente pode ser entendida a partir do contexto de Estados Unidos como país hegemônico (como única potência global) e os delineamentos proposto por este polo hegemônista. É dessa maneira que Mattelart (1974) sistematiza uma crítica aos escritores da Escola de Frankfurt:

La cultura de masas no puede definirse históricamente. Los modos de producir esta cultura y sus contenidos están ligados íntimamente a los cambios y adecuaciones que se operan en la estructura económica del polo imperialista y su proyecto expansionista. En un universo donde no se sabe quién es quién, quién fabrica la serie de TV y quién el cohete, es difícil seguir definiendo la industria cultural como una industria ligera (Mattelart, 1974: 17).

Porém, nos anos de 80, com a crise que vivia o mundo, e de maneira específica no Reino Unido, como já foi sistematizado (no

qual centenas de localidades tiveram que encarar a realidade da desaceleração da economia e de alguns setores de maneira mais intensa) na crise econômica mundial, isso por um lado. Por outra parte, o desaparecimento (ou diminuição drástica do processo produtivo) de alguns setores econômicos, como o do carvão (por exemplo e como configuração específica da crise em Reino Unido). É nessa realidade que se dará a sistematização da cultura na “era tecnocrônica”, aplicável à Europa que vai ser configurada de outra maneira que a definida no projeto no Canadá.

A partir do descrito contexto reproduzido no ideológico-político-educativo-social (tanto em Canadá, logo no Reino Unido) as Indústrias Criativas ou Indústrias Culturais serão exportada para todo o mundo, promovidas por instituições e pelas esferas políticas da Comunidade Européia e também da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, dentre outros.

(...) las Industrias Creativas se extenderá por toda Europa encontrando eco en organismos como la Unión Europea y la OCDE, convocadas a difundir la necesidad de estudios sobre creatividad, industrias creativas y su contribución a la economía europea. En el Reino Unido, el modelo utilizado por el Departamento de Cultura, Medios y Deportes (DCMS por su sigla en inglés), sobre industrias creativas incluía además de las ya tradicionales industrias culturales, al diseño, la arquitectura, la publicidad, la moda, las artes, la artesanía y antigüedades, las artes escénicas, el software y los videojuegos (Días Munizaga, 2013: 70).

A cultura no contexto descrito parte da ideia e da caracterização de “cultura material” que tem finalidade especificada. Segundo alguns teóricos, como Amado (1996), por exemplo, os objetivos da “cultura material” podem ser listado em quatro aspectos, referenciando, para tanto, ao estudioso Bucaille e Pezes (1989): meio de trabalho, objeto de trabalho (riquezas naturais), experiência do homem no processo de produção e a utilização dos produtos materiais.

Nesse descrito contexto, é que surge, de maneira prática, o que hoje se conhece e se reconhece parte da realidade cultural dos povos,

implementadas como políticas concretas, desenvolvidas na linha das Indústrias Culturais, a “cultura material”, fazendo com que muitos aspectos da cultura definida por Williams (1997) como atividade do desenvolvimento humano se somassem e compusessem a riqueza medida de um Estado, sendo considerada no Produto Interior Bruto de um país.

Essa a realidade européia é sempre aditada ao motor estadunidense (como se verá), tanto em desenho e sistematização teórico-político, como em aplicação e desenvolvimento. Europa, e o território espanhol dentro desta e, por sua vez, em termos de “Indústrias Culturais” (que é do que se trata esse apartado), seguirá o desenho e moldes da Terceira Via Britânica, que emerge como força política e ideológica supostamente renovada e renovadora. Passados, então, os momentos políticos da era Thatcher, é que um novo projeto político necessitava uma configuração, com figuras novas, reformadas ou remendadas.

O tecido produtivo dinamitado por uma crise econômica abre passo a novas formas de materializar a riqueza socialmente produzida e também de apropriação desta. Com procedência num contexto político e governamental especificado, estrutura-se um modelo que foi exportado (ou importado) por muitos estados europeus, como poder ser Espanha. É com suporte nesse contexto que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é lida, como um lugar no qual repercute o discurso das Indústrias Culturais, elaborados fora da realidade galega e sem considerar nem um aspecto do local e desse lugar de fala vital, cultural e “tradicional”.

4.2.3. Cultura como empresa na era tecnocrônica

O programa político assentado no enfoque da industrialização da cultura e a sistematização desta se dão muito antes dos já descritos *Creative Nation* (Canadá, 1994) e do DCMS (no Reino Unido, 1998); é a partir dos propósitos dos EUA, desde a própria Casa Branca, que estabelecia as políticas vestidas de ciência e tecnologia e de voz dada por Nixon com “mais indústria e mais emprego” segundo Mattelart

(1974). É quando as Indústrias Culturais nada mais são que uma política concreta dentro de um projeto político hegemônico. Nesse sentido, tem-se a seguinte sistematização do professor Mattelart (1974), focando na organização internacional:

En la ofensiva del pragmático prevalece el objetivo de la productividad de la ciencia y la tecnología. Como decía Nixon en marzo de 1973 al reorganizar las instituciones centrales que fijan la política científica y tecnológica de EEUU en el campo nacional y internacional: “Uno de los propósitos de la reorganización es el de guiar a la ciencia y a la tecnología hacia réditos más realizables, especialmente la creación de más industria y más empleos” (Mattelart, 1974:153).

Mattelart (1974) segue com sua dissertação de como se dá “la fase de lucha ideológica mundial” na era tecnocrônica, na qual a ciência e a tecnologia, e também a cultura (entenda-se no plano concreto de políticas sociais implementadas com políticas públicas em Indústrias Culturais) serão fundamentais na reorganização mundial. Sem prescindir de uma certa ironia, o estudioso disserta:

Nixon parece haber entendido “el papel clave de la tecnología en las ecuaciones políticos-económicas nacionales e internacionales” y acude profusamente al “estímulo tecnológico como herramienta para revivir la economía y también para echar las bases de una futura fuerza económica internacional”. El buen samaritano ya no es un cuerpo de paz de la era de la Alianza para el Progreso, sino un agente de ventas de los últimos modelos tecnológicos de las corporaciones en crisis (Mattelart, 1974:153-154).

No livro *La cultura como empresa multinacional* (1974) o professor Mattelart utiliza a imagem de Super-Homem (*Supermán*) como metáfora para dar a entender como, nos Estados Unidos de Nixon, se sentam as bases de uma futura força econômica internacional, reorganizada e centrada na ciência e na tecnologia. No citado livro, se faz um estudo do estado do desenvolvimento das forças produtivas, utilizando a metáfora do Super-Homem que cumpre

uma função dentro de uma cultura, sempre condicionada à necessidade que lhe suscita: “Supermán puede ser superado por una realidad cambiante y volverse obsoleto, y su función puede ser traspasada a otro actor: “Con la ciencia ya sales sobrando, Supermán” (Mattelart, 1974:158).

Super-Homem é utilizado como uma metáfora do momento histórico: antes Súper-Homem era o salvador de toda a humanidade e agora envelhecido e em uma cadeira de roda (Mattelart, 1974: 156-157), passa a ser inútil e é derrotado de maneira definitiva (p. 156). Fazendo, dessa maneira, uma alegoria com o super-herói (sociedade estadunidense) que é superado pela ciência e pelo computador, ou seja, pelo desenvolvimento das forças produtivas. A partir daí, entra em jogo o discurso do fim da ideologia assinalado pelo teórico: “Proceder a debilitar al superhombre para reemplazarlo por la ciencia y la tecnología es una tarea paralela y equivalente a la de proclamar la cancelación de la ideología por el advenimiento de la ciencia y la tecnología” (Mattelart, 1974: 159). É a era do fim da dicotomia direita e esquerda, é o futuro que se dará no momento da Terceira Via que será concretizada em 1998 no Reino Unido e logo exportado a toda a Europa.

Trata-se de uma mudança, de uma nova etapa no processo de desenvolvimento das forças produtivas que agora lança mão da tecnologia e da ciência (e da cultura materializada) uma mudança estruturada para a manutenção e incremento da hegemonia. É a cultura da era tetrônica posta nas dinâmicas de aprendizagem social para melhor dominar, a transmutação do processo do desenvolvimento das forças produtivas postos no cotidiano.

Mattelart (1974) ilustra essa realidade com a leitura do Súper-Homem morto no período de transformação: “El acto suicida del creador deja entrever que la única mano que puede asesinar a sus creaciones no es la mano o la voluntad del guionista, si no el proceso de desarrollo de las fuerzas productivas” (Mattelart, 1974:158). Nesse contexto político de negação da ideologia, é que se ostenta um modelo de cultura, mais precisa, “Indústria Cultural”, mais conforme a nova era tecnocrônica. Por meio da representação da morte de *Supermán*,

ilustra-se o que está por vir, a força passa a ser a derradeira dinâmica do passado.

É que, antes de centrar-se no Reino Unido, para entender a importância da cultura (e das Indústrias Culturais), e a partir de próprios teóricos estadunidenses, encontra-se esta política como origem que se direciona e é fundada com amparo no do papel dos Estados Unidos no mundo, já não como crítica, senão desde o foco dos seus idealizadores. Em Zbigniew Brezinski – pensador da Política, conselheiro de Segurança Nacional durante a presidência de Jimmy Carter (1977-1981), ideólogo, especialista em estudos sobre os problemas do comunismo na Universidade de Columbia, segundo Mattelart (2002: 98), dentre outras atribuições - que no livro *La era tecnocrática* (“Between two age”) do ano de 1970, há a afirmação de que a sociedade do futuro estará centrada no cultural:

La transformación que se registra actualmente, sobre todo en Estados Unidos, ya está creando una sociedad cada vez más distinta de su predecesora industrial. 1 La sociedad postindustrial se está convirtiendo en una sociedad tecnocrática; 2 una sociedad configurada en lo cultural, lo psicológico, lo social, y lo económico por la influencia de la tecnología y la electrónica, particularmente en esta área de las computadoras y las comunicaciones (Brezinski, 1970:33).

É nesse contexto político global que podem ser entendidas as políticas culturais dadas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, uma posta em cena que, além de ser importada, representa um lugar no escalão global que ocupa cada país em decorrência da relação com EUA. Quer dizer, uma região do Estado espanhol governada por “jefezuelos” (mandatários de terceira categoria) ao serviço do imperialismo estado-unidense, e não do seu povo. Ali as políticas culturais são dadas a contar das políticas europeias reféns da superpotência norte-americana e a partir do programa das Indústrias Culturais, sem para isso sequer contar com as expressões do local, excluindo as pluralidades de vozes e das diferentes manifestações culturais do povo galego.

Nesse enquadramento político-ideológico, não há lugar para todos, somente parece pendurar o que passa pela concepção tecnocrônica da sociedade. Esse processo, entretanto, não se dá sem resistência. É quando surgem vozes que, ainda sem prescindir da já instituída e hegemônica sociedade tecnocrônica, incidem e dão guarida a outra maneira de construir a realidade. É quando, a modo de exemplo, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela passa a ser apresentada como um espaço sem rentabilidade e que a determinação política passaria por privatizar a gestão da *Praza* (na gestão de Bugallo 1998-2011) como exemplo da política da era tecnocrônica nas Indústrias Culturais ao pé da rua. Essa decisão tomada desde a instância do Estado não foi aceita pelo setor trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, cumprindo, uma vez mais, a função de resistência.

Quer dizer, malgrado a urgência de privatizar a gestão da Praça do Mercado de Abastos de Compostela com a justificativa de não ser rentável para o Estado (*Concello* de Santiago), em alternativa, o coletivo trabalhador na Praça de Abastos - “*placeras e placeros*” - se organizam e compõem uma cooperativa que alcança obter a gestão da Praça do Mercado de Abastos de Compostela (configuração inédita no tecido galego em termos de organização de espaços de *plazas* e de mercados públicos). Quer dizer, trata-se de uma estratégia social que visa a manter o poder de decisão próximo aos agentes sociais trabalhadores, sem dúvida, uma manifestação cultural que busca as brechas nas políticas das indústrias culturais, indubitavelmente, uma maneira de resistência, neste sentido, nas palavras de Mattelart (2002: 159): “en la protesta contemporánea ante el proyecto de orden tecnoglobal, las formas de resistencia experimentadas se entremezclan con las inéditas”, confirmando que “hablar de cultura es entender la posibilidad de imaginar y establecer otras formas económicas y de relación social colectivas” (Muñoz, 2005:304).

Ao utilizar a unidade de idéia “Indústria Cultural”, Mattelart (1974) desenvolve a sua exposição teórica desde o foco nas forças produtivas por meio da perspectiva da superioridade Norte Americana. Quer dizer, do projeto hegemônico e suas bases para continuar afiançando-se. Esse projeto encontra-se já consolidado, isto

é, o desenvolvimento dos meios eletrônicos e das tecnologias da comunicação, que é definida como “la fase superior del monopolis cultural”, segundo Mattelart (1974), garantido e arraigado, totalmente consolidado, na atualidade. A resistência, porém, continua existindo e outras maneiras de entender e estar no mundo são postas em choque de posição, constituindo brechas e compondo outras possibilidades de relações sociais coletivas como afirmou Muñoz (2005).

No descrito contexto histórico, têm-se outra questão posta no terreno da ideologia, esta versada em termos de ausência ou inexistência. O indefensável fim da ideologia, ou, como sistematiza Mattelart, “el mito del fin de la ideología” (1974: 159) nas relações políticas e sociais que é, também, a mesma perspectiva que sustenta a Terceira Via, quer dizer, as “ideias” de centro, de uma suposta neutralidade. Na verdade, o que subjaz ao fim da ideologia é também uma maneira de hegemonismo ideológico, uma nova forma de colonização das ideias: “... la colonización total por estas nuevas formas de lucha ideológica” (Mattelart, 1974: 160). É como o citado teórico expõe a idéia errônea da ciência, da tecnologia e da cultura como deseideologizada (Mattelart, 1974: 160).

É nessa concepção de mundo tecnocrônico como projeto político e cultural que se enquadra a realidade da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Ou seja, a *Praza* é um lugar social que para ser moderno tem que assumir os projetos sociais de uma política hegemônica e que ganha forma prática em políticas públicas como passear virtualmente pelo mercado (La Voz de Galicia, 2015). Ou, no exemplo posto, a continuação que adentra no discurso do passado e do futuro (contrapostos) e na figura de um agente modernizante como lugar social ambicionado, o do turista:

Pese a ser un lugar tradicional, con una gran historia en la capital gallega, no podía quedarse anclado en el pasado y, como todo, evolucionó desde su construcción en 1873 y se ha modernizado para adaptarse a los nuevos tiempos. Sin perder su esencia, el mercado de abastos es hoy una zona turística y abarrotada en Compostela; el segundo lugar más visitado de la ciudad después de la catedral (González, 2019).

É quando o discurso do moderno somente está permitido a quem se enquadra, é quando o moderno na verdade é um tipo de moderno que está pautado em um projeto político de homogeneização e silêncio, quer dizer, de perda de autonomia e de diversidade. Esse lugar do moderno não se impõe, no entanto, sem resistência popular.

4.2.4. Reorganização mundial: cultura como aparato

Na época atual cobra visibilidade a máxima da cultura como o lugar estratégico da hegemonia. Essa centralidade no momento vigente está dada pela política “soft power” que é, segundo Mattelart, a potência de fazer com que o contrário repita um comportamento tramado e desejado: “capacidad de engendrar en el otro el deseo de aquello que usted quiere que desee, (...) llevarle a aceptar normas e instituciones que producen el comportamiento deseado. Es la capacidad de alcanzar objetivos mediante la seducción antes que por la coerción” (Mattelart, 2002: 136). Vem, por fim à cena um projeto educativo social hegemônico. É quando a cultura passa a compor a chamada “revolución de la información”. Essa dinâmica, entretanto, não se dá sem luta, oposição ou antagonismo. É que, desde o popular, se configuram elementos de resistência que convivem entre contextos de tensões, de acordo com Roger Chartier (1999). É quando as formas culturais de um passado distante são postos em vigência, em que a cultura constitui um espaço estratégico de luta pela hegemonia (Martín-Barbero, 1991: 134), ou, melhor, contra-hegemonia.

No livro *Industria(s) Cultural(es) Génesis de una idea* (1982) os teóricos Mattelart e Piemme, além de estabelecer uma crítica às visões subjetivas a respeito da cultura, também sistematizam uma análise da era tecnocrônica como um aparato, um novo sistema de poder, uma nova maneira de governar, retomando e fazendo referência, para isso, a Brzezinski (Mattelart, 2002: 98), que foi quem teorizou sobre o enquadramento das novas políticas estadunidense:

Las ambiciones de este concepto outsider son limitados puesto que no se trata solamente de circunscribir en este caso un plan de actividades industriales o de marcar las fronteras de una disciplina científica, sino de designar ni

más ni menos una nueva sociedad, la sociedad informacional "the information society", que sucede a la era industrial. Si los norteamericanos le hacen tal honor es porque sin duda ellos cuentan así consagrar el nuevo status de la información y del saber como factor primordial de producción, como "recurso de base". Pero también y sobre todo (aunque eran necesarias confesiones como las del consejero del Presidente Carter, Z. Brzezinski, para reconocerlo) como nuevo sistema de poder, como nuevo medio de gobernar (Mattelart & Piemme 1980: 8).

A indústria que materializa todas as atividades culturais, nomeada de variadas maneiras "la industria de la información" ou "la industria del conocimiento", dentre outros, é na verdade um campo vasto que vai desde a informação especificada como informação de base, ou banco de dados (financeiro, científico, comercial, etc.) como as da informação ou culturais (livros, filmes, jornais, revistas etc.) e inclusive ao conjunto do saber-fazer ou "Know-How" (patentes, ao conselhos, a gestão, etc.): "'industria de la información" o " del conocimiento" (...). Lanzada por los economistas de la Universidad de Stanford, su campo se extiende tanto a la información de base (...) como a la información- Son llamada cultural- (...) o todavía al conjunto de saber-hacer (Know-How)" (Mattelart & Piemme 1980: 8).

Nesse contexto de hegemonismo, no entanto, paradoxalmente, em 1986, na oitava volta de negociações na conhecida "Ronda Urugui" no contexto da GATT - Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio ou Acordo Geral sobre Aduanas e Comércio - (das siglas em inglês *General Agreement on Tariffs and Trade*) é que se especifica, de maneira oficial, o enquadramento da cultura e da comunicação especificada no vocábulo "serviço" (Mattelart, 2002: 129). É que o fim está na acumulação "Se vacían al ciber mundo de sus agentes sociales y el proceso de trabajo sólo se ve a través de la relación técnica" (Mattelart, 2002: 148) e "siendo elaborado por, y puesto al servicio de, un conjunto de relaciones de propiedad con fines de acumulación, y no a la inversa", em Garnham (2000: 70) a partir de Materllat (2002).

As “Indústrias Criativas” ou sua variante terminológica e de *slogan* em “Indústrias Culturais” o que vai promover e propulsar é justo essa desconexão entre a cultura especificada erroneamente como cultura de massas, relacionada com as mudanças e adequações feitas na estrutura econômica nos Estados Unidos e a dominação por meio desta - nas sistematizações de Mattelart e Pimme (1980) se trata de um novo modo para governar - como se fosse possível que a ideologia encontrasse a sua nulidade e o seu final. Os autores assinala o momento do desenho dessas políticas: “las concepciones que circula sobre la cultura de masas (...) tiene como resultado práctico aislar el análisis y en entendimiento de los productores culturales de la existencia concreta de los hombres en un sistema integrado de dominación” (Mattelart & Pimme, 1980: 164).

Dessa maneira e segundo Mattelart e Pimme (1980), a expressão cultura de massa ou a abordagem da cultura como aspecto de consumismo, é um enfoque idealista da cultura, porque té mais bem um projeto hegemomista e que não atende ao contexto histórico no qual a cultura foi plasmada: “Una visión idealista que tiende a enfocar los bienes de esa cultura como objeto y signos muertos, almacenados, que las corporaciones de la metrópoli emiten o emitieron, sin considerar las circunstancias históricas en que nacieron y se plasmaron” (Mattelart & Pimme, 1980: 164). Assim, qualquer estudo dos aspectos culturais deve saber distinguir esses conceitos.

Na atualidade, a idéia de “Indústrias Culturais” está na ordem do dia, tanto nos organismos públicos como privados. Sendo assim, e com mais razão a cultura é um pilar estratégico nas sociedades de hoje, tanto de motor de desenvolvimento econômico, como de formador ideológico, e de maneira fundamental desde esse último (Muñoz, 2005).

Alguns teóricos e estudiosos da cultura na atualidade, com amparo em distintos enfoques e disciplinas, apontam e se põem diante do conceito e uso das indústrias culturais, popularizadas na e pela Europa de Blair (em DCMS, 1998) da Terceira Via. Ou seja, ainda que o projeto da era tecnocrônica haja sido instaurado, o debate sobre o cultural contraposto às Indústrias Culturais e também presente

(Mattelart & Pimme 1980 e Mattelart 2002), não está ultrapassado nem obsoleto, continua tendo repercussões teóricas, ainda que se dê de variedade enfoques e disciplinas.

Existem estudiosos atuais que trabalham com um enfoque de matiz e crítica sobre as indústrias culturais e seu avanço em contextos periféricos presente, entre outros, nos textos de Mattelart e Pimme (1980) e Armand Mattelart (2002):

Recién en la década del 90, con la consolidación definitiva del capitalismo en la sociedad occidental, tras la caída de los muros, junto a la creciente globalización y alto desarrollo tecnológico, la expansión e interés de los estudios sobre las industrias culturales llegó hasta España, Canadá y América Latina, como se puede comprobar en los trabajos de investigadores como Enrique Bustamante y Ramón Zallo en España, los canadienses del centro de investigación Gricis: Gaetan Tremblay y Jean-Guy Lacroix, y los latinoamericanos Néstor García Canclini, Jesús Martín Barbero y Octavio Gettino, entre otros (Díaz Munizaga, 2013: 58).

No contexto de crítica, a sociedade atual desenhada e enquadrada na “Sociedade da Informação e do Conhecimento” e tendo políticas concretas relativas às Indústrias Culturais, a homogeneização da cultura é chave para entender o pensamento teórico de oposição ao descrito contexto moderno na qual a cultura é basilar: “En general, los trabajos de los investigadores latinoamericanos, tienen una especial preocupación por la desigual capacidad de producción y circulación de los bienes culturales, advirtiendo que debido a la concentración que imponen los conglomerados de los países desarrollados, especialmente Estados Unidos, los contenidos culturales tienden a la homogeneización” (Díaz Munizaga, 2013: 58).

A revalorização ou ativação de alguns aspectos da cultura desde um enfoque novo ou diferenciado, postos a partir do advento e enquanto Indústrias Culturais, é, no entanto, um fato que não pode ser negado. Assim, que não se trata de ser negacionistas, o importante e fundamental a ser entendido para este estudo é que o partido de Blair (Tony como representante de um enfoque e projeto político), a partir

de uma sistematização partidária prévia (ver *Creative Nación*, 1994 de Austrália), ambos seguindo a linha imposta por Estados Unidos (ver Brezezinski, 1970) abarcam o contexto cultural vigente hoje.

Quer dizer, o Partido Laborista acompanha e/ou continua as sistematizações ideológicas, políticas e econômica da primeira potência mundial (EUA), como origem, engrenagem e motor central desse projeto da era tecnocrônica na Europa, no qual as Indústrias Culturais têm valor de protagonista principal nas políticas do mundo desenvolvido, e também periférico, na atualidade.

Em síntese, as políticas concretas que dão novo lugar e forma em locais entendidos como “tradicionais”, como pode ser a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, e que a enquadra em uma nova era, é na verdade um projeto geopolítico compondo novas formas de garantir e manter a hegemonia. É quando o local nada mais é do que uma reprodução de um modelo estrangeiro, menosprezando o próprio e o popular.

A cultura passa a ser instrumento, com função de regente de uma nova ordem mundial, configurada na atualidade como Indústrias Culturais, quer dizer, a gestão do simbólico dos cidadãos e consumidores, pelo Estado e grandes centros econômicos. Segundo Mattelart e Neveu (2004) essa vinculação e esses objetivos constituem algo muito contraditório ao se tratar de enfoques sobre a cultura.

Se ha impuesto poco a poco una noción de cultura instrumental, funcional, en relación con la necesidad de regulación social del nuevo orden mundial bajo la égida de los nuevos imperativos de la gestión simbólica de los ciudadanos y los consumidores por los estados y las grandes unidades económicas. Esta colisión permanente del sentido hace que cualquier enfoque de la cultura, de las culturas y de su diversidad resulte profundamente ambiguo (Mattelart & Neveu, 2004: 159).

Segundo esses mesmos autores, os debates sobre a cultura e das políticas culturais foram deslocados para o lugar dos “serviços”. A gestão do Estado sobre a cultura passa a estar assim subscritas a

mercadorias culturais, e dessa maneira, de domínio da geopolítica e da geoeconomia (Mattelart & Neveu, 2004: 160).

Quadro 6 - Trajetória histórico-teórica das Indústrias Culturais a partir da concepção da SIC (Sociedade da Informação e da Comunicação ou da era tecnocrônica)

TEÓRICO	ANO DE PUBLICAÇÃO	LUGAR DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DOCUMENTO
Horkeheimer e Adorno	¹ 1947	Estados Unidos	Dialéctica de la Ilustración
Brzezinski	² 1970	Estados Unidos	La Era Tecnocrónica
Paul Keating	³ 1994	Australia	Creative Nation
Chris Smith	⁴ 1998	Reino Unido	DCM
¹ Fecha según Mato, 2000. ² Brzezinski, Z. La Era Tecnocrónica. Buenos Aires, 1970 ³ Aguilar Losada, E. Madrid, 2014: 4. ⁴ Throsby, 2001: 158.			

Fonte: Produção própria.

Com os citados antecedentes, a saber, a sistematização teórica publicada por Brezinskis no livro *A Era Tecnocrônica* (1970), a sistematização partidária “Creative Nation” na Austrália” (1994), também a do Partido Laborista de Blair (1998), põe-se em prática um projeto político, conceitos e usos da cultura em moldes e modelo “próprios” do pólo dominante. O citado contexto vai marcar pauta na estrutura geopolítica europeia e será exportado a toda Europa. Nesse realidade, os discursos contrários às políticas estadounidenses na Europa são tecidos a partir de uma aproximação excessiva às diretrizes dos EUA. É Giddens (1999) o que vai dar forma a estas “críticas”:

Las convicciones políticas de Tony Blair se ha comparado a menudo con las de los Nuevos Demócratas en Estados Unidos, y ciertamente ha habido contactos estrechos y directos entre el Nuevo Laborismo y los Nuevos demócratas. Se ha dicho que “al igual que los gobiernos de Thatcher y Major, el gobierno de Blair busca la inspiración a través del Atlántico, no a través del canal. Su retórica es americana, las influencias intelectuales que han modelado su

proyecto son americanas; su estilo político son americanos.
Esta afirmación no es de todo certa (...) (Giddens, 1999: 8).

Ainda matizando a crítica - “não sendo totalmente correta”- segundo Giddens (1999) um fato incontestável é que se trata de um projeto alheio ao contexto de Europa e que foi implantado com objetivos distantes do bem comum e do desenvolvimento social no marco dilatado da cidadania. Esse mesmo aludido lugar europeu que tão rápido alcança rupturas significativas, ter em conta a saída do Reino Unido desse projeto de Comunidade Européia (*Brexit*) depois do plebiscito de *referendum* sobre a permanência em 2016 do RU na CE. Igualmente certo é que Reino Unido jogou um papel-chave na implantação da política Norte Americana, sendo o servo fiel dos EUA e ao mesmo tempo parceiro apadrinhado-privilegiado dentro da UE.

Na Espanha, e também em regiões periféricas como é a Galiza, por exemplo, essas políticas estranhas e estrangeiras serão implantadas a partir de várias frentes, uma delas ressoa em projetos concretos dentro do que se define como “Patrimônio Natural e Cultural” (ONU, 2010) e “Outros setores das indústrias culturais” (Lebrún, 2014). Essas políticas foram postas na *Praza*, na qual foram destinados para uma reforma mais de cinco milhões de euros à *Praza do Mercado de Abastos de Compostela* para adequá-la aos tempos que correm, dando, dessa maneira, formato tangível às políticas da sociedade tecnocrônica vestidas com o conceito de Indústria Cultural, gerando rupturas e hibridização, dentre outros, na dinâmica cultural abastiana: “Estudiar cómo se están produciendo las relaciones de continuidad, ruptura e hibridación entre sistemas locales y globales, tradicionales y ultramodernos, de desarrollo cultural es hoy uno de los mayores desafíos para repensar la identidad y la ciudadanía” (Canclini, 1994: 6).

Nesse panorama, repete-se o padrão de antes, relativo à implantação de um modelo forasteiro para a comunidade local. Ou seja, no passado, não tão passado, o modelo importado (vindo de França) se plasmou na construção de mercados de ferro (o Mercado Primitivo que precede ao atual): “Se utilizó una estructura a base de columnas metálicas de hierro fundido, en el techo cubiertas a dos

perfiles metálicos, (...) y con tejados de teja plana a cinco metros en los pasajes con tejados de cristal” (León, 1998: 206). Malgrado a realidade estrutural e simbólica desse Mercado Primitivo implantada, entretanto, na descrição da estrutura da Praça do Mercado de Abastos de Compostela podem ser lidos a influência de fora e o silêncio imposto pelo forasteiro aos de dentro, ainda que se trate de uma descrição puramente arquitetônica. Ao contrastar, porém, o contexto galego com os materiais empregados, ferro e cristal, por exemplo, já se tem uma séria de questões posta ao debate identitário para o constructo das simbologias culturais que, no citado exemplo, fala de um lugar alheio ao local.

No jogo da hegemonia, de ontem e de hoje, o peso que vem sendo dado à cultura nesse enquadramento de polo de domínio e polos dominados se dá de maneira crescente. Essa progressiva importância do aspecto cultural é tal, que teóricos de variados enfoques e interpretações (inclusive com perspectivas antagônicas) reconhecem a relevância primordial do espectro cultural.

El tema central de este libro es el hecho de que la cultura y las identidades culturales, que en su nivel más amplio son identidades civilizacionales, están configurando las pautas de cohesión, desintegración y conflicto en el mundo posguerra fría... ainda em Espoleadas por la modernización, la política global se está reconfigurando de acuerdo con criterios culturales (Huntington, 1997: 20 e147).

Por outro lado, e como exemplo, tem-se a cultura como prioritária em um mundo polarizado: “El análisis cultural sigue siendo una prioridad en el mundo tal como es” (Mattelart & Neveu, 2004: 161); a função da cultura de grande importância dentro das ciências sociais: “O conceito de cultura mantém toda a sua utilidade para as ciências sociais hoje” (Cuche, 2004: 113)⁵⁹; a cultura como campo de disputa: “As formas de relações sociais em que se produz o

⁵⁹ Tradução nossa: “Le concept de culture conserve aujourd’hui toute son utilité pour les sciences sociales” (Cuche, 2004: 113).

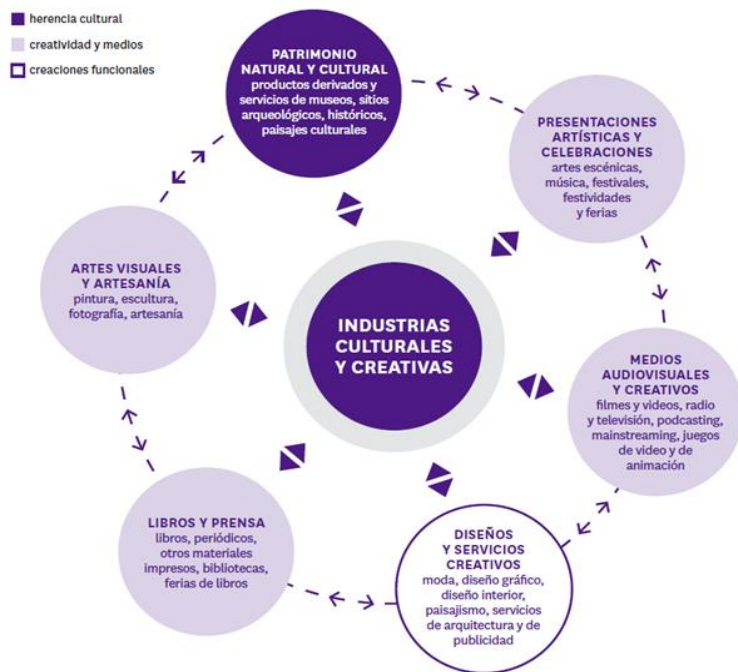
conhecimento implicam, entre nós, contradição e luta (...). Uma das formas dessa luta tem como campo ou como cenário a cultura, a ciência e a arte” (CIEG, 2010: 118). Em fim, ainda que a cultura se efetive com suporte em distintas perspectivas, igualmente certo é que a função substancial desta é decisiva como terreno para disputa da hegemonia, lugar genuíno de luta ideológica e de construção de mundo.

De maneira categórica, o papel primordial da cultura é tal que estudiosos de diferentes ideologias pautam suas teses a contar desse lugar. Quer dizer, o projeto das Indústrias Culturais não se dá somente por ser uma fonte de riqueza, senão que se trata de um lugar basilar e de importância transversal: tudo passa pela cultura, todos os fenômenos transitam pelo cultural. Mais do que nunca, a cultura é um processo educativo da humanidade, dentro de modelos sociais dados e desejados, quer do eixo hegemônico ou, de maneira oposta, grupal comunitária.

É alicerçado nesse âmbito da dimensão influente da cultura que a UNESCO (2002) publica a revisão deste conceito em um documento no qual especifica, de maneira bastante ampla, definições, usos etc., e define as Indústrias Culturais como: “aquellas industrias que combinan creación, producción y comercialización de contenidos que tiene una naturaleza cultural, que típicamente están protegidos por derechos de propiedad intelectual y que pueden adoptar la forma de servicios y bienes tangibles e intangibles” (UNESCO, 2002). No esquema seguinte se tem de maneira ilustrada esse contexto no qual as Indústrias Culturais e Criativas estão no centro de uma série de dinâmicas sociais.

Figura 15 - Esquema dos setores das Indústrias Culturais e Criativas

Sectores de actividad cultural y creativa



Fonte: Recuperado de UNESCO para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2010: 19.

Assim, o que se chama cultura, e/ou que muitas vezes tentam especificar em/ou como cultura “de”, nada mais é que uma representação, ou representações forjadas ao longo do tempo, algumas delas singularizadas em “a cultura” por determinadas estruturas de poder e de projetos políticos concretos e específicos. Nesse sentido, as Indústrias Culturais são, uma não nova, senão que uma diferente forma de fazer cultura, de fabricar cultura (produção industrial desta que a degrada): “La producción industrial sella la degradación de la función filosófica-existencial de la cultura” (Mattelart, 1982) na qual a cultura emerge a partir de um conjunto de significações essenciais de um determinado momento histórico: “La atención a las manifestaciones de superficie para acceder a la esencia de una época” (Simmel, 1903).

4.2.5. Outra sociedade da informação é possível

Nos anos de 1980, as Indústrias Culturais eram apenas um programa, hoje é uma realidade sem precedentes e segue em pleno desenvolvimento. Esse contexto, no entanto, se mostra como carente de reflexão de trajetória histórica e dos projetos políticos, malgrado o tom discrepante dado por autores reconhecidos como Mattelart & Pimme (1982).

Nesse sentido, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como espaço cultural-laboral ou laboral-cultural vai albergar uma série de projetos que são entendidos e lidos dentro de concepções próprias do enfoque das Indústrias Culturais. Essa falta de reflexão, porém, no momento passado, quer dizer, no momento da entrada dessa concepção no Estado espanhol, como também no presente, nos projetos pontuais e concretos que vão sendo aplicados ou implementados e desenvolvidos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, encontra e gera uma série de contradições na conjugação com o contexto local, por exemplo, nas palavras de Martin Hopenhayn (2004), “es un nuevo universo paradójico: descentrado en sus contenidos pero concentrado en su capitalización económica” (Hopenhayn, 2004: 92). O autor sinaliza a concentração econômica ao mesmo tempo em que passa pela fluidez cultural. Também em Díaz (2013), observa-se a centralidade e a magnitude das indústrias culturais e a consequência de desvanecer ou a possibilidade da não existência que pode se dar (ou não) ao transitar por este lugar das IC: “Ser visibles o no ser nada: industria cultural es en el ojo del huracán” (Díaz Munizaga, 2013: 58).

Ainda nas palavras de Mattelart (1984), que patenteia a relação entre cultura transnacional e aparato de dominação, afirma que é “necesario estudiar igualmente tanto la llegada de los productos culturales de carácter transnacional como los nuevos aparatos de producción cultural que, en cada espacio nacional, se van introduciendo y que corresponde a la lógica transnacional” (Mattelart, Delcourt & M. Mattelart, 1984: 54); também em Miller (2018), na versão mais atual do teórico que reconhece o malogro do projeto das Indústrias Culturais: “Una comisión europea para la evaluación de

veintinueve ciudades de cultura reveló que su principal objetivo – un crecimiento económico estimulado por la subvención pública de la cultura, con el objetivo de renovar ciudades fracasadas – se había frustrado” (Miller, 2018).

Diversos estudiosos, por fim, que abordam a temática das Indústrias Culturais, ainda que com diferentes enquadramentos teóricos, ressaltam que o projeto das IC está sob interdito. De outra parte, as dinâmicas dadas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela endossam as argumentações teóricas em termos críticos e também de não haver alcançado os resultados desejados.

Nesse contexto de crítica às IC, dão-se as construções de entrelugares plasmados na dinâmica de um movimento com duas facetas nos contextos sociais populares, como é a Praça do Mercado de Abastos de Compostela: entre encontros, “alianças transitórias” segundo Campoy García (2015) e/ou choques, “resistência” Campoy García (2015) desenvolvidos nas dinâmicas da vida cotidiana de um coletivo trabalhador organizado como tal na *Praza* em comunidade grupal e os produtos das Indústrias Culturais:

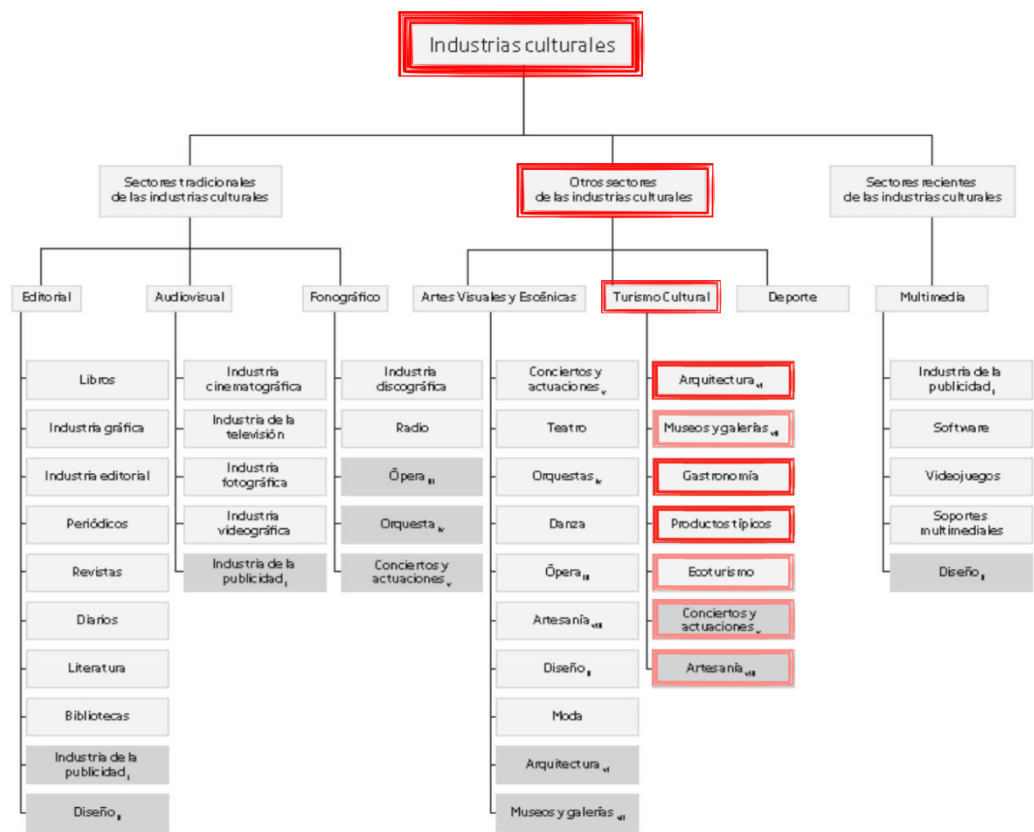
A cultura popular na sociedade das masas xorde na intersección entre os produtos da industria cultural e a vida cotiá do pobo, entendido como rede de alianzas transitorias. Esa intersección está afectada por un duplo movimento, o da contención (o que Raymond Williams chama incorporación) e o da resistencia (Campoy García, 2015: 27).

São essas políticas específicas e concretas desenvolvidas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, entendidas a partir da trajetória histórica, teórica e conceitual descrita anteriormente, as que vão marcar as novas e outras possíveis configurações nesse lugar social histórico. Trata-se de uma mudança significativa e que as/os agentes trabalhadoras/es *in loco* vão conjugando às práticas históricas locais; compondo, dessa maneira, um lugar de fala que transita entre o histórico, legado e herança passada e a Modernidade, o porvir, posto no jogo constante entre hegemonia e contra-hegemonia. Estruturando

a amálgama cultural que ilumina a *Praza* que é resultado dessas dinâmicas de alianças transitórias e choques.

Em Lebrún (2014), as Indústrias Culturais estão divididas em três setores, sendo que, para o estudo da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, o enquadramento se dá no especificado “otros sectores de las Indústrias Culturales” (p.: 47).

Figura 16 - Gráfico das Indústrias Culturais



Fonte: Lebrún, 2014: 47. Grifamos em vermelho.

Com suporte em Lebrún (2014), englobando o definido como outros setores das Indústrias Culturais, dentro do enquadramento de

“turismo cultural”, se especificam os sete contextos dos quais somente não se aplica à Praça do Mercado de Abastos de Compostela o tipificado como “museus e galerias”. Não se aplica esse de maneira literal, porque, como pode ser visto a *Praza* também traz para dentro de si esta dinâmica, a de “galeria”; sendo que as seis outras especificações são próprias da realidade abastiana atual. São elas: arquitetura, gastronomia, produtos típicos, ecoturismo (também em matizes), concertos e atuações e artesanato. Dos seis aspectos descritos, três encontram uma concretização dilatada nas dinâmicas da atualidade na Praça do Mercado de Abastos de Compostela e outras três ou são alusivas ou estão postas em perspectiva, quer dizer estão por se construir.

Fotografias 6 e 7 - Sinergias com o conceito de galeria: exposição artística na *Praza*



Fonte: Produção própria, 2018.

Arquitetura, gastronomia e produtos típicos são uma realidade na Praça e, de outra forma, o ecoturismo, concertos e atuações e artesanato, ainda que tenham presença, são configurações pouco exploradas. Todos os aspectos apontados por Lebrún (2014) englobam e estão presentes na Praça do Mercado de Abastos de Compostela na realidade das Indústrias Culturais especificada em “Turismo Cultural”.

É importante ter em conta essa perspectiva flagrante do lugar dentro do moderno e atual que se destina (ou se impõe) à Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que de turismo de maneira geral, sendo que, de maneira específica, se faz como turismo cultural no conceito teórico do que é descrito como pós-moderno.

É patente o fato de que a *Praza*, até pouco tempo, era um lugar de abastecimento ou de atividade de mercado, dentre outras especificações, e agora parece que está destinada a ser lugar de turismo. A realidade abastiana, entretanto, está sendo tecida em entrelugares. Isto é assim porque o que se concreta é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela transita tanto na acepção de lugar de turismo, como de lugar de abastecimento ou de atividade de mercado, com todas as simbologias históricas que estes últimos acarretam. Além disso, em grande medida, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela tem reservas à dinâmica de turista que se quer impor à *Praza*: “Empezó siendo una práctica aislada, pero hoy es prácticamente una pesadilla para los vendedores de la Praça de Abastos, que se está planteando regular las visitas turísticas por saturación” (Mosteiro, 2019). Ou seja, existe uma certa dinâmica de oposição ou resistência a essa política de Indústria Cultural e o fim dessa divergência não está determinado, pois, se não se apresenta como disputa, está em processo de construção. Dessa maneira, a configuração da *Praza* e as dinâmicas educativas dadas nesta está em processo de conformação.

Quadro 7 - Indústrias Culturais na Praça do Mercado de Abastos de Compostela

ESPECIFICAÇÕES EM TURISMO CULTURAL	DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS EM TURISMO CULTURA APRESENTADAS NA PRAZA
Arquitetura	O edifício é um elemento emblemático e atrativo para a visitação turística massiva que entende essa realidade como própria do passado medieval (em alusão)
Museos e Galerias	Não se d� na Praza do Mercado de Abastos de Compostela de forma literal, mas sim em prática associada a essa ideia de galeria, posto que há iniciativas de uso dando o lugar de espaço de exposição artística � <i>Praza</i> como se exemplifica em fotografias
Gastronomia	São setores de nova incorporação, ainda que no passado próximo tenha existido uma atividade de grande valor simbólico (<i>o pulpo a galega ou pulpo a feira</i>). O fato de poder comprar na Praza o que será cozinhado ali mesmo é um valor que tem aportado relevância ao contexto abastiano em termos de sinergia com o local (resultado de luta), não somente em termos de projeto ou política de IC
Produtos t�picos	Enquanto lugar no qual se vendem produtos locais de todos os setores, níveis ou categoria (ainda que dentro de uma diversidade de ofertas em termos variedade e qualidade) e que tem na etiqueta <i>made in Galicia</i> uma importância simbólica e valor acrescido que compõe um entre-lugar entre as IC e o legado local.
Ecoturismo	De maneira ampla, pode-se entender a Praza do Mercado de Abastos como um lugar que representa, em alguns aspectos, o agrário galego, nos produtos que se oferece, por exemplo. Sob outra perspectiva também se d� incorporações de produtos ecológicos ou não tratados quimicamente, dentre outros, o que além de aportar valor em temos da herança e legado local que também se ancora na concepção de sustentabilidade, de resgate de identidade, dentre outros aspectos. Porém, a questão do ecoturismo vinculado à Praza do Mercado de Abastos de Compostela ainda é uma leitura nas entrelinhas, � na verdade uma atividade possível a ser enfocada como tal, porque de fato o ecoturismo não está sendo trabalhado nem como conceito nem como projeto
Concertos e atuações	O lugar do espaço <i>Gastrocultural</i> da Praza tem acolhido (alugado ou emprestado o seu espaço) a diferentes ações (promoção de empresas, ações culturais, dentre outros). De maneira tangível esta seria uma opção factível a ser desenvolvida no contexto da <i>Praza</i> e que está alinhada ao conceito de IC, porém certo é que se trata de uma vertente por explorar
Artesanato	Encontra-se produção de artesanato entendidos como resgate de atividades tradicionais (loja de “zoco”, manutenção e reparação de guarda-chuvas) e também artesanato de desenho (jóias e bolsas de luxo, por exemplo). Ainda que exista, dada a diversidade galega no setor do artesanato, representa um espaço a ser desenvolvido porque está infra representado

Fonte: Produção Própria a partir das epígrafes de Lebrún, 2014: 47.

É importante entender o projeto de “Indústrias Culturais” como um braço do conjunto estratégico geopolítico e próprio do desenvolvimento do modo de produção atual, conhecido como revolução da sociedade da informação e do conhecimento, ou SIC ou SCI, ou maneiras outras de nomear o mesmo fenômeno que se entende como mudança em termos gerais a partir do trajeto teórico descrito por alguns enquadramentos:

Cada certo tempo un autor tenta nomear este cambio social dun xeito diferente, en función do matiz en que faga fincapé: toffler e as ondas; Touraine e as sociedades postindustriais; Bell co fin das ideoloxías e a sociedade postindustrial; Brezezinski e a tecnotrónica; Etzioni e o tecnocomunitarismo; Rostow e as etapas do crecemento; Bauman e a sociedade líquida; Castells e a era da información; Sáez Vacas e a infosociedade (...) (Romero, Gradaille, Montero & Casal, 2008: 15).

Os estudiosos citados, dissertando sobre a forma de dar nome diferente na representação do mesmo projeto, adentram o terreno das instituições denominadas “supranacionais”. Essas recolhem a finalidade de homogeneizar em “para todos”: “Pero quen dá un nome asumido por todos son as institucións públicas supranacionais, sexa ITU, ONU, EU ou calquera combinación de letras con certo poder mediático e simbólico” (Romero, Gradaille, Montero & Casal, 2008: 15), focando o debate em imposições ao local a partir de instituições que não podem representar os direitos sociais nacionais ou locais porque sequer são próprias do local, e o projeto político que defendem é alheio a este.

É nessa abrangência e descentralização que as políticas das Indústrias Culturais devem ser entendidas. Pressupondo distinguir também o conceito amplo das sistematizações teóricas da adjacência da SIC que afirma que “A emergência da sociedade do conhecimento (ou sociedade da informação) está relacionada à passagem da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial” (Bendassolli, Wood, Kirshbaum & Cuña 2009: 2), não somente atender a crítica já sistematizada e feita por Mattelart (1982), se não e também deve atender ao discurso oficial deste projeto da SIC. Nesse cenário, tem-

se, por exemplo, Castells (2000), Beck (2004), Lash e Urry (1998), ao afirmarem que a sociedade industrial foi superada e deu vez a uma sociedade pós-industrial. Nessa suposta nova sociedade, se deu a substituição da produção pelo intelectual, nas palavras de Bendassolli, Wood, Kirshbaum e Cuña (2009) e a partir de Beck (2004):

Tal passagem se dá pela mudança de uma economia fundamentada no uso intensivo de capital e trabalho, e orientada para a produção em massa, para uma economia na qual o capital tem base intelectual, fundamentando-se no indivíduo, em seus recursos intelectuais, na capacidade de formação de redes sociais e na troca de conhecimentos (Bendassolli, Wood, Kirshbaum & Cuña , 2009: 2).

Esse enquadramento teórico no estudo da Praça do Mercado de Abastos de Santiago é entendido como discurso oficial hegemônico, o qual Mattelart (1982) define como um projeto de domínio posto que essa superação da sociedade industrial não se deu, não se concretizou.

Além desse aspecto de contexto das SCI e, portanto, dos projetos concretos e levados à prática das Indústrias Culturais, há outro de contexto histórico, que fala do aspecto nacional e também de contextos laborais; estes entendem o híbrido como próprio e distingue a cultura como política, a tradição como desenvolvimento de negociação e a identidade como uma construção; este enquadramento passa pela leitura do contexto hegemônico e de resistência (validando a manutenção destes) e introduzindo o hibridismo e a realidade multicultural:

No sólo hay coproducción, sino conflictos por la coexistencia de etnias y nacionalidades en los escenarios laborales y de consumo, por lo cual siguen siendo útiles las categorías de hegemonía y resistencia. (...) también estudiar las identidades como procesos de negociación, en tanto son híbridas, dúctiles y multiculturales (Canclini, 1994: 6).

Canclini (1944), ao trabalhar com o binômio hegemonia-resistência, dá corpo teórico para a leitura da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, na qual a resistência alcança ser característica

definidora do coletivo que trabalha neste espaço, é, por fim, um modo de educação social recorrente. O citado coletivo transita entre o passado e o moderno por meio de estratégias como negociação e dinâmicas próprias do hibridismo.

O grupo das e dos agentes sociais trabalhadores na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, amparado em um contexto de herança e legado, põe em prática ferramentas de resgate da história galega para superar as dificuldades colocadas pelo moderno⁶⁰ das Indústrias Culturais (ferramentas como, por exemplo, a organização cooperativista, a importância do rural), e, dessa maneira, continuam ressignificando a práxis em processos de aprendizagem social em prol do coletivo grupal e comunitário. É, enfim, posta em prática uma outra sociedade da informação que se faz possível, e isto se dá porque a sociedade galega é, sem dúvida, uma sociedade do saber e do conhecimento⁶¹.

4.2.6. Turismo Cultural

A Praça de Abastos no presente é também um lugar turístico da cidade de Santiago de Compostela, um *estatus* que nasce da imposição. Essa situação de “formación social inédita”, para Chartier (1995) - não foi dado como opcional, senão que se fez impositiva através do exercício de poder. Chartier (1955), ao fazer referência ao tema das práticas culturais como forma de exercício de poder, expressa: “Nuestra perspectiva desea comprender a partir de los cambios en el modo de ejercicio del poder (generadores de formaciones sociales inéditas) (...) de las instituciones y las reglas que gobiernan la producción de (...) la organización de las prácticas” (p. 62).

Esse exercício de poder, entretanto, não se faz sem rejeição ou reação. Nesse jogo simbólico entre o local e o forasteiro é que se dão

⁶⁰ Moderno, que é denominado por alguns teóricos de pós-moderno.

⁶¹ “Uma outra sociedade da informação é possível” e “Sociedades do Saber e do Conhecimento” (Mattelart, 1980).

contextos de encontros e desencontros e que manifestam colapso ou falência nas dinâmicas desenvolvidas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, como, por exemplo, na configuração dos turistas como problema para o coletivo abastiano: “O turismo é uma atividade que se for mal planejada, seus atrativos podem se deteriorar de maneira que trará consequências muito negativas para o lugar e consequentemente para seus residentes e autóctones” (Rodrigues & Pires, 2015:19).

É nesse contexto do turismo de negativo que a cultura imaterial de um povo passa a ser consumida, no representativo simbólico e no concreto, o que pode ser constatado na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, e que, ademais, se dá por meio de um jogo simbólico que manifesta algumas rupturas, choques ou atritos nessa sociedade da informação e do conhecimento que obriga a que os lugares de fala sejam reformulados, quer dizer, e no caso concreto da *Praza* em um lugar de turismo cultural, como um dos principais aspectos do novo, atual e moderno presente na da Praça de Abastos. Entretanto, esse aspecto do turismo cultural também traz facetas positivas, porque quaisquer dinâmica interativa pode resultar em exercício de processos frutíferos ou daninhos:

El turismo ocupa una posición un tanto inusual en relación con las industrias culturales. En el sentido más amplio, todo el turismo, sea nacional o internacional, tiene una dimensión cultural. Los motivos de los consumidores para viajar a nuevos lugares pueden ser simplemente el ocio o la curiosidad, pero las experiencias que tienen cuando llegan a esos lugares se ubican innegablemente en un contexto cultural y están llenas de mensajes culturales que pueden ser comprendidos y apreciados o no serlos (Throsby, 2001: 145-146).

Nesse enquadramento de Throsby (2001), os exercícios sociais dados na Praça do Mercado de Abastos de Compostela são possibilidades, que tanto podem conceber processos de sinergias e de encontros e promoção da diversidade, como também (e ou) de dinâmicas negativas que vão limitar a pluralidade dos modos de vida.

O aspecto do turismo é uma das questões criticadas no âmbito dos estudos relacionados com os lugares de mercados públicos imersos na lógica das mudanças e modernização. Assim, a crítica à saturação dos mercados públicos se aborda desde conceitos como “gentificação” e da “turistificação”.

No enquadramento da “gentificação” e da “turistificação”, Adrián Hernández Cordero (2017) afirma que as mudanças dos mercados estão sendo dadas a partir da implantação de políticas públicas neoliberais, que convertem o território das cidades, uma vez mais, em território de disputas: “Los resultados apuntan a que los mercados estudiados experimentan profundos procesos de cambios a partir de la implementación de políticas neoliberales. En este contexto, surgen tensiones que sitúan en el centro del debate las disputas por la ciudad” (Hernández Cordero, 2017: 165). As afirmações de Hernández Cordero (2017) ficam, porém, estancadas nas políticas concretas da atualidade de maneira parcial, não passam pela trajetória teórica trilhada pelo estudo que engloba o enfoque de Mattellart e Neveu (2004) e Mattellart (1982).

Hernández Cordero (2017) além de não entender o turismo cultural como política concreta do projeto das Indústrias Culturais e esta, por sua vez, como aspecto dentro de um projeto de Sociedade da Informação e da Comunicação, encara o trânsito grande pessoas como “gentificação”, como aspecto negativo. O autor também assume a ideia de que o turismo somente pode ter uma faceta, a negativa enquadrada por ele como “turistificação”.

Como já afirmado, entretanto, o turismo traz possibilidades em suas dinâmicas uma dupla faceta que pode ser entendida como negativa ou positiva porque o turismo “tem se configurado tanto como alternativas econômicas valiosíssimas para as comunidades turísticas quanto para a própria revitalização cultural dessas populações em si, muitas vezes apresentando declínio indesejável de produção cultural (...)” (Azeredo Grunewald, 2003: 153). Além desse aspecto do turismo, o fato de o trânsito intenso de pessoas não dever ser lido somente a partir do aspecto negativo em “gentificação”, senão que pode ser compreendido a partir da simbologia dada em espaços de

mercado que perpassou a história da humanidade, na qual o lugar de centralidade e de fluxo massivo de gente era um pilar e valor que garantiu dinâmicas de cooperação, de coesão, de entendimento e acordos, entre outros, dado que era um lugar social transitado por todos. Quer dizer: há outras possibilidades a serem construídas para o lugar do turismo, como pode ser o turismo fraternal, por exemplo, que é concebido por este estudo das práticas educativas na *Praza*. O turismo fraternal como possibilidade está fundamentado na visão que entende a sociedade visitada como próxima, semelhante e parceira, na qual a função de aprendizagem social é o seu fim imprescindível, além da perspectiva de socialização de riquezas (material e simbólica), dentre outras possibilidades de trocas vinculares afincadas nas necessidades compartilhadas.

Desde o viés do turista, a questão cultural passa a ser uma dinâmica de duas vias; na qual visitantes e sociedade acolhedora compõem dinâmicas singulares: “Además, el turismo en términos culturales generales es un proceso de doble vía en que aparecen una serie de tipos diferentes de interacción cultural, unas positivas y otras negativas, entre los visitantes y la comunidad anfitriona” (Throsby, 2001: 146). Essa dinâmica dupla comunica-se a partir de dois lugares de fala, um relativo ao “outro” análoga ao “nós” (“*nosotros*”).

Sobre o “outro” e o “*nosotros*” Williams (2001) a partir de Sarlo (2001: 14) aborda a importância do cultural como elemento configurador das relações sociais e enquadra os dois lados como as partes integrantes no processo porque não é “solo la realidad de la comunidad rural; también es la posición que ocupa el observador en ella y su actitud en relación con ella; una posición que es parte de la comunidad que se está dando a conocer” (Williams, 2001: 216).

Não deixa de ser certo, porém, que essa nova maneira de turismo, o turismo da era moderna atual (ou pós-modernidade), descrita como turismo cultural e próprio das Indústrias Culturais como faceta da SIC, esse novo modo de turismo encontra grande desenvolvimento prático no definido como Turismo no Espaço Rural (TER), que se tece de forma fundamental como atividade complementar à atividade rural (Jiménez & Melgosa, 2010: 44).

El TER es el resultado de una conjunción de factores en las sociedades posindustriales, en donde se asientan nuevas tendencias de consumo recreativo, que se han venido a denominar «posturísticas», y donde los cambios sociales y culturales derivan de un nuevo imaginario del consumo de turismo/ocio (Cánoves & Villarino, 2000: 66).

A importância dada a esse lugar turístico entendido como sendo de “novas mobilidades”, como também de diáspora e imigrações, presentes em Mattelart e Neveu (2004), abre o campo para outra perspectiva, pois se trata de “explorar novas interdisciplinariidades” (152): “Invita a sustituir los riesgos de un exceso de homogeneidad que pueden sugerir las numerosas visiones de la identidad por un enfoque comprensivo de las “pertenencias” plurales de los agentes sociales y reflexionar sobre las hibridaciones culturales” (Mattelart & Neveu, 2004: 154). Trata-se de um lugar de construção anti-hegemônico, de uma alternativa ao enquadramento de projeto do turismo cultural das Indústrias Culturais, pondo o foco mais nas propostas do turismo sustentável.

Desta maneira, para os planejadores turísticos, um dos objetivos que almeja a sustentabilidade consiste em tornar a comunidade local mais participativa dos benefícios da atividade turística, não apenas por meio de geração de empregos terceirizada, mas também dando a oportunidade dos próprios locais (...) Deste modo, o turismo traz um grande benefício para a comunidade, visto que toda a renda gerada pelo turismo fica na própria comunidade. Além do mais, considerar que a comunidade local é detentora do conhecimento do meio, atividades, possibilidades e limitações do seu entorno faz com que a sustentabilidade tenha mais força (Rodríguez & Pires, 2015: 20).

Com projeto político - “planejadores turísticos” - entendem-se ideologias, opção por determinadas políticas em detrimento de outras. Assim, a tendência de resistência em benefício dos modos de vida e da diversidade abastiana lidas no presente estudo da *Praza* entende as ações desenvolvidas como âmbito geral da nomeada Sociedades do

Saber e do Conhecimento, no sentido e segundo Matterlart e Pimme (1980), e de maneira específica, adentra as políticas das Indústrias Culturais como sinônimo de atual e também como projeto concreto, a partir de órgãos superiores de desenho e financiamento (a Comunidade Europeia ou o Estado espanhol, por exemplo). Assim, não se deterá em representantes ou partidos políticos do momento, no sentido da gestão que fazem da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e dos recursos econômicos destinados a essa.

De fato, todas essas questões são processos educativos que querem ser dominantes e que estão postos, ou melhor, impostos, a partir de quatro grandes tópicos, em dois blocos, dos aspectos teóricos centrais para entender as dinâmicas socioeducativas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela: ideologia-cultura e hegemonismo-concentração.

Como se dissertou, trata-se de, mediante a cultura, garantir a hegemonia ideológica, que, nas palavras de Muñoz (2005), “Es en el tema cultural en donde se está llevando a cabo enormes y complejas luchas por hacerse con la hegemonía ideológica de las sociedades culturales actuales” (p.: 17), e, ao mesmo tempo rentabilizar e concentrar, apropriar-se da riqueza socialmente produzida na etapa atual alcançando a cultura. Como descreveu a estudiosa Campoy (2015), “Falar de patrimonio cultural remite inevitavelmente á noción de memoria que, ao igual que a de identidade, contitúe unha construción social e polo tanto e produto dunha axencia e de decisións historicamente adoptadas” (Campoy García, 2015: 118).

Even-Zohar (1999) sistematiza o conceito de “ferramentas ativas”, no uso dado à cultura (projeto social) e como ferramentas, no enfoque teórico de Even-Zohar (1999), no qual a cultura é uma “estratégia de ação”:

Las herramientas “activas” son los procedimientos con la ayuda de los cuales un individuo puede manejar cualquier situación ante la que se encuentre, así como producir también cualquier tipo de situación. Según Swidler, la cultura es “un repertorio, o una caja de herramienta, de

hábitos, habilidades, y patrones mediante el que la gente construye “estrategia de acción” (Even-Zohar,1999).

No contexto teórico descrito, a cultura é uma “estratégia de ação”. Essa tática de funcionamento comportamental adentra o lugar das trabalhadoras e trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, onde se pode manejar a situação socioeducativa-cultural-identitária da *Praza* amplificada ao ser galego e ao mesmo tempo questiona e constrói um outro lugar narrativo, agora no diálogo posto com o turismo e a presença massiva de pessoas, no lugar do atual, este como moderno que desvirtua o trânsito de gente como fator positivo e passa a ser “gentificado” e de “turistificação”.

Nessa realidade do turismo entendida em uma cidade Patrimônio da Humanidade, como é a cidade de Santiago de Compostela, que já tinha sido instaurada previamente como lugar de visitação turística, cidade universitária, lugar de peregrinação católica, dentre outros lugares de polo atrator e de imersão de pessoas a larga escala, conflui a *Praza* em uma instância de grande transcendência identitária porque fala desde a *Praza* e ao mundo como lugar representativo da identidade galega.

Nesse sentido, o contexto social deve estar atento às questões simbólicas que estão sendo vinculadas e veiculadas, em termos de modo de vida, de identidade do local, de historicidade, de constructo simbólico para o futuro, dentre outros. Isso é assim porque o simbólico no mundo do turismo passa por questões identitárias e próprias do arquétipo local - “El mensaje simbólico (...) posee un carácter arquetípico, es decir, forma parte del lenguaje del ‘colectivo inconsciente’” (Ramírez, 2007: 159) - e o que está em jogo nessa dinâmica relativa ao simbolismo coletivo que transita na *Praza* é o que se é e o que se quer. Ou seja, que estrutura identitária se dá e qual é a que se quer promover como típica do local. Qual o padrão e a personificação do ser e estar, do modo de vida inerente e próprio da Galiza que se quer veicular?

Todo mensaje debe expresarse en forma simbólica. Un símbolo es una imagen que presenta las siguientes características: Es aceptada universalmente, Está asociada

con una serie de contenidos internos y vivencias (...), Se proyecta sobre los conocimientos y fines del individuo” (Ramírez, 2007: 159).

Essas mensagens relativas ao que se é e ao que se quer transitam pela Praça de Abastos. São construções simbólicas que perpassam tanto o coletivo na Praça do Mercado de Abastos de Compostela até alcançar o individual de cada agente social neste lugar. Essa concreção se dá em Pichón-Rivière (2005) como os dois aspectos indissociáveis nas dinâmicas grupais, a horizontalidade e a verticalidade, respectivamente, o grupal e o individual, compondo uma realidade comunitária.

Even-Zohar (1999) descreve o valor da cultura, e desta como ferramentas, e define: “En la concepción de la cultura como herramientas, la cultura se considera como un conjunto de herramientas para la organización de vida, a nivel colectivo e individual” (p: 28). Relaciona-se, com efeito, à construção de uma cultura a partir da experiência social coletiva direcionada aos relatos encontrados na e sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Esse contexto teórico é encarnado, em carne viva, nas agricultoras da Praça de Abastos de Compostela - as “*paisanas*” - quando a presença destas é colocada pela irrupção da SIC como representante de um passado, quando na verdade se trata de uma representação de resistência e que referência um lugar de grande força da sociedade galega, que se encontra no rural histórico. Esse, porém, visto desde o lugar do uso turístico massificado e negativado, é abstraído por valores exógenos e está ocultando o valor real e histórico da ruralidade galega aprazível: “La conversión y la utilización del espacio y del patrimonio rural para un uso turístico se ha hecho a través de recurrir a valores como la autenticidad, la identidad cultural y la etnicidad (Amirou, 2000; Marie, 1977; Maccannell, 1989)” (Cánoves & Villarino, 2000: 66), degradando o local - acrescente-se. Ao aceitar, porém, esses lugares vinculares, o projeto das Indústrias Culturais faz é enfraquecê-los, ocultá-los e/ou degradá-los ou eliminá-los.

Esse lugar vincular das *paisanas*, entretanto, é próprio da resistência abastiana e esse valor continua sendo ressignificado e encontrando novas maneiras de permanecer, malgrado interesses dessemelhantes do ângulo pós-moderno. Senra (2005) fala dos interesses no contexto do neoliberalismo e sinaliza que existem travas políticas que impossibilitam que a produção agrária local chegue aos mercados locais ou de proximidade, e afirma relativamente ao lugar das *paisanas* que representa uma dupla grandeza testemunhal o da resistência agrária simbólica e do empoderamento da mulher:

quero subliñar que este tipo de venda, a venda directa, estaba case exclusivamente nas mans das mulleres, e era o que lle permitía a moitas ter uns ingresos propios cos que sacar os fillos e fillas adiante e tamén para non ter que pedirlle ao seu home para mercar as súas prendas íntimas (Senra, 2005: 22).

A partir do enfoque das ferramentas ativas de Even-Zohar (1999), enquadrado no contexto atual dos fluxos humanos, em termos de turismo e “gentificação”, por exemplo, é possível sistematizar políticas de entendimento entre agentes sociais, distanciando-se das confabulações do turismo como algo estritamente negativo. Nas palavras de Amado (1996) relato aos contatos culturais, tem-se uma abordagem de possibilidades de encontros: “ao intensificar os contatos culturais, estamos simultaneamente a trabalhar para a manutenção da paz e do entendimento entre os povos, o que deve constituir um dos objetivos prioritários de todas as nações” (Amado, 1996: 65) esse seria, enfim, um lugar de transcendência social e educativa para o lugar da visita turística. Isso, entretanto, vai depender de maneira fundamental dos diferentes mecanismos populares e de resistências que sejam levados a cabo, como também das ações políticas que sejam tomadas em benefício do local ou, de forma contrária, aos da indústria turística:

En este sentido, los espacios de destino turístico han de caracterizarse por una imagen, un simbolismo, una oferta de consumo, un territorio y una población dispuesta a personalizar, singularizar el lugar y el producto de forma que se escoja aquel lugar y no otro por su nivel de calidad en el conjunto (Cánoves & Villarino, 2000: 69).

Esse lugar de importância dado à dinâmica de visitação turística é um fenômeno do moderno atual (ou do pós-moderno da SIC) ainda que ressignificado do passado, que está incidindo de maneira frontal nas dinâmicas e processos educativos desenvolvidos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, na qual alguns setores de nova incorporação alcançam pleno desenvolvimento - restauração, por exemplo - porém, outros setores mais tradicionais estão sendo afetados - peixaria (*pescaderia*), por exemplo - que veem o incremento acentuado de visitação de turistas que não são consumidores dos seus produtos, mas que avultam e entorpecem o trânsito de possíveis compradores. Desses atritos, choques ou conflitos dados pelas diferenças de interesses pode ser construída uma nova realidade que seja fértil, favorável e próspera para o conjunto comunitário grupal do coletivo trabalhador da *Praza*, sem privilegiar setores. Essa possível construção vai depender da capacidade de diálogo dos variados agentes sociais na *Praza* e em estabelecer como centro a tarefa compartilhada pelo grupo comunitário (a tarefa de viver da atividade de mercado, da *praza*). Se não são paralisados os processos de aprendizagem através do diálogo vincular, pode-se alcançar a adaptação ativa à realidade, no enquadramento de aprendizagem pichoniano (Pichón-Rivière, 2005).

Além dos aspectos das dinâmicas interativas e de fluxo de gente, há outro fator que estabelece relação com a riqueza cultural socialmente produzida, que emerge em termo de questionamento. Nas mãos de quem vai ficar a riqueza socialmente produzida ou construída “em desenho de cultural”? Essa pergunta é a chave (e fim último) da disputa atual, posta pelos coletivos silenciados, como são as trabalhadoras e trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela que souberam se reunir em cooperativa para manter esse lugar simbólico de empoderamento e representativo do cultural galego, quando a Prefeitura (o *Ayuntamiento*) manifestou o desejo de terceirizar a sua administração por ser a *Praza* um espaço que dava perdas (que não era rentável às arcas públicas), segundo a administração: “Se utilizarán todas las tribunas en las que se discute la cuestión genérica de la liberalización en materia de inversión para contrarrestar la tesis de la regulación pública en el ámbito cultural”

(Mattelart, 2002: 130). Mais do que nunca, esses tópicos se erigem como substanciais, porque se trata de um contexto da cultura entendido desde aspectos de patrimônio.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um exemplo da vida cotidiana, na qual a hegemonia disputa, no ideológico, cultural e cultural materializado, através do controle da cultura, do que sobrevive e do que desaparece, do que é rentável ou não, tanto em termos que perpassam o ideológico até alcançar o econômico.

Em síntese, há dois aspectos fundamentais relativamente à visitação turística nos novos moldes: um se dirige à questão da identidade local a ser veiculada e a partir desta construída para traçar o futuro e outro que tem relação com a apropriação da riqueza cultural que é socialmente construída (no questionar onde ficam os benefícios dessa nova dinâmica turística) ambas imprimem uma revisão da dinâmica turística porque o “mundo existe todavía en su diversidad. Pero esa diversidad poco tiene que ver con el caleidoscopio ilusorio del turismo. Tal vez una de nuestras tareas más urgentes sea volver a aprender a viajar, en todo caso, a las regiones más cercanas a nosotros, a fin de aprender nuevamente a ver” (Augè, 1998b: 16).

Relativamente à questão da cultura e a imagem que se veicula, há que ter em conta que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela se faz como vitrine (um “*escaparate*”) da sociedade galega. Aqui estão em jogo elementos constitutivos, do que se é e do que se quer veicular como próprio da identidade galega; ter em conta neste enquadramento que a *Praza* é o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago de Compostela. Contrariamente, se está “tematizando”, simplificando e estereotipando a identidade local para ser facilmente consumida pelo turismo cultural:

El turismo como bien de consumo en las sociedades posindustriales se está tematizando (...) Se podría afirmar que los empresarios de TER han de ser unos «comunicadores», sintetizando unos «transmisores» de excepción de lo local, sea en el aspecto de paisaje, de cultura, de historia y/o de gastronomía. El consumo del turismo ya no solo es la recreación, sino que pasa por la

tematización del producto (Cánoves & Villarino, 2000: 68).

Como bem se ilustra na citação, o turismo moderno não somente transmite o que há, senão que passa a ser um elemento-chave na síntese e transmissão de um contexto local. Quer dizer, é um grande poder que não deve estar nas mãos de agentes que buscam, em linhas gerais, rentabilidade econômica na venda de ócio e experiência. Se não é melhor, trata-se do direito a dizer de um coletivo comunitário grupal. Em que faceta quer ser representada e quais as identidades e heranças mais representativas, em escolhas vinculantes que a Galiza quer ilustrar nesse grande mostruário que é a Praça do Mercado de Abastos de Compostela? Esse aspecto e essa decisão não devem estar em poucas mãos, mais bem devem ser resultado de uma reflexão histórica e de decisão popular ampla.

De todas as formas, conscientes ou não da transcendência do assunto, o coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela demonstra uma capacidade de abstração e de ação significativa. Ao difundirem-se titulares como “En Santiago planean regular el turismo en La Plaza de Abastos” (ABC, 2019) se atesta que estão em movimento formas de resistência simbólica que serão fundamentais para a conformação que se quer desse lugar singular e identitário do povo galego.

PARTE II

REFERENCIAL METODOLÓGICO -CONTEXTUAL

CAPÍTULO 5.

A METODOLOGÍA DA INVESTIGAÇÃO

Síntesis en Español

La metodología aplicada para el desarrollo de esta investigación es de corte cualitativo, en su vertiente etnográfica, centrada en el etnoconocimiento (Jiménez, Tomé & Burrola, 2016) que comprende al sujeto social en cuanto agente habilitado por la praxis (Freire, 2003).

En el marco de la etnografía se han aplicado técnicas propias de los estudios cualitativos como la observación encubierta y participativa; la entrevista vincular en profundidad; la revisión documental y la recopilación fotográfica, todo ello con el objetivo de recoger datos de primera mano y ordenarlos para su análisis, en la línea de dar respuesta al objetivo central de la investigación: conocer las relaciones vinculares y el aprendizaje social desarrollado en la Plaza de Abastos de Santiago de Compostela.

La sistematización de la información se ha fundamentado en las propuestas teóricas, de Gonsalves (2001), Restrepo (2016), Valles Martínez (1997) e Nunes (2017); de la misma forma se ha recurrido a herramientas informáticas para organizar la información. El enfoque etnográfico ha marcado el desarrollo de las etapas de la investigación, desde la propuesta de construcción teórica, el trabajo de campo, el proceso de sistematización y análisis de la información hasta la presentación del informe, centrado en la comprensión de las dinámicas educativas y socioculturales practicadas por la comunidad de trabajadoras y trabajadores de la Plaza del Mercado de Abastos de la capital de Galicia.

O desenho metodológico e o trabalho de campo foram desenhados a partir das diretrizes do programa do doutorado em Educação da *Universidad de Santiago de Compostela*,⁶² com o objetivo de abordar os processos educativos dados na Praça do Mercado de Abastos de Compostela desde a perspectiva das/dos agentes sociais trabalhadoras/es neste lugar de herança e legado cultural. É um estudo feito desde a perspectiva de diálogo com os saberes populares compreendidos como etnoconhecimento que “se dá através da articulação do conhecimento dos autóctones(...) na observação das diferentes matrizes culturais do conhecimento” (Rodríguez & Pires, 2015: 18).

Os lugares de *plaza*, com base em distintas fontes bibliográficas, são considerados como espaços em processo de desaparecimento (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Malgrado, entretanto, esse vaticínio, a *Praza* (na condição de lugar de tradição) continua vital. Dessa maneira, formulou-se a pergunta investigativa que aponta aos processos educativos individuais e sociais que incidem e permitem que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela permaneça vital e seja ressignificada.

O estudo dos processos educativos da *Praza* fez uso de bibliografias teóricas e metodológicas que compreenderam os discursos e testemunhos, os processos educativos ou a identidade social das/os agentes trabalhadoras/es como participantes em um contexto comunitário grupal, desenhando, dessa maneira, um trabalho de campo que buscou a participação dos sujeitos do estudo como voz grupal e coletiva (Pichón-Rivière, 2005) como também das Matrizes de Aprendizagem (Quiroga, 2014) entendidas como compartilhadas (MAC) com assento na óptica do etnoconhecimento.

⁶² O estudo de campo dialogou com fatores que pressupuseram reunir elementos de reflexão adquiridos previamente ao estudo de doutorado em educação, como foi sinalizado no começo do trabalho. Exemplo dessa questão foram as dinâmicas de encontro com a sociedade galega nos primeiros contatos com esta (a contar do ano de 2006) e também na etapa de estudo que desembocou no TIT (*Traballo de investigación Tutelado*) apresentado no ano de 2008.

O contexto de investigação foi desenhado e lido dentro de um enfoque qualitativo no qual se justifica a eleição pelo método em harmonia com o universo social abordado: “a opção pela metodologia qualitativa se justifica pelo caráter dos saberes e das práticas que se pretende estudar” (Andrade Torales, 2006: 165). Dessa maneira, o estudo descrito nesta investigação está concebido no campo etnográfico de enfoque qualitativo.

5.1. A OPÇÃO METODOLÓGICA QUALITATIVA

Existem distintas técnicas de investigação qualitativas (Oliveira & Cerqueira, 2012) e o melhor e mais acertado procedimento investigativo vai depender dos objetivos fixados pelo estudo – “o investigador deve saber que obxectivos persegue para así poder elixir o instrumento máis acertado” (Rodríguez & Pires, 2015: 123). Dessa maneira, estipularam-se princípios que guiaram o processo de campo trilhado pela investigação, tendo como ponto de partida a certeza de que são sistemas e recursos dados com suporte em decisões teóricas, o que Valles Martínez (1997) define como “decisión muestral” que, ainda sem negar a existência de outras perspectivas, foi encaminhado por uns princípios que serão definidos à frente, assumindo que “Não existe um caminho único e absoluto de efetivar um processo investigativo, mas sim alguns princípios norteadores. A metodologia não se constitui somente em um método ou em um conjunto de métodos, bem como na sumária descrição deste” (Andrade Torales, 2006: 159). Dessa maneira, o que se explana em sequência se fez com amparo no traçado de uma opção metodológica.

Os princípios que nortearam o estudo passam pelo método qualitativo, desenvolvido com esteio no enfoque etnográfico, tendo por base os aportes teóricos clássicos desta perspectiva de investigação, além de haver pretendido, também, fundamentar o estudo no enfoque quantitativo, como o questionário, aspiração que ficou truncada pela incursão do estado de Emergência Sanitária provocado pelo covid-19, que limitou todo tipo de interação com os sujeitos do contexto examinado.

A investigação qualitativa é constituída no estudo dos processos educativos da *Praza*, com apoio na ideia de Amado (2017) que a concebe como a “investigação das experiências de vida, dinâmicas subjetivas das sociedades e da cultura, linguagem e comunicação” (Amado, 2017: 23-24). O conceito de investigação qualitativa descrito especifica-se com base nas seguintes características, e segundo Steinar Kvale (2011 : 13-14):

- a interesse por adentrar em experiências dadas a partir de processos de interação e a busca de documentos no contexto natural;
- b não se estabelece ao princípio um contexto claro e fixo com formulações prévias de hipóteses, estas se dão no próprio processo investigativo;
- c os métodos e as teorias manejadas devem ser apropriadas ao objeto de estudo, quer dizer que se os métodos existentes não encaixam com o problema ou com o campo estudado, pode-se adaptar ou desenvolver novos métodos ou perspectivas;
- d os investigadores não somente compõem, senão que são parte importante no processo investigativo, ou pela perspectiva posta e presença direta como investigador, ou devido às experiências dadas em campo relativa ao reflexo ou rol que desempenham, posto que compõem o campo que é objeto estudado;
- e a investigação qualitativa tem em conta, de maneira exigente os problemas submetidos a estudo (uma grande quantidade de estudos qualitativos está pautada em estudo de caso; neste sentido a história e sua complexidade são um contexto fundamental para entender o que sucede);
- f é de fundamental importância no contexto investigativo qualitativo o processo de transcrever e escrever porque trata-se de transformar situações sociais complexas em transcrições, descrições, interpretações e por último apresentação de achados, descobertas e conclusões;

- g ainda que esteja evidente que o método deve ser adequado ao contexto estudado, as perspectivas para a definição e avaliação em termos de qualidade da investigação qualitativa devem, ainda assim, obedecer as maneiras específicas que sejam apropriadas para a investigação qualitativa, e inclusive para óptica específica desta.

Sendo o que foi descrito anteriormente o enquadramento geral de todo o processo investigativo aqui expresso no estudo das relações de aprendizagem social que está sendo dada na *Praza de Compostela*.

5.2. APROXIMAÇÃO CONCEITUAL À ETNOGRAFÍA

A etnografia é, ao mesmo tempo, um processo metodológico e um informe investigativo concluyente – “En ampliación del concepto, sostiene Pulido Rafael (2003) que el término etnografía designa dos cosas distintas, a saber: un proceso metodológico y un producto textual o informe final de una investigación” (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015: 197) – pelo seu amplo e confirmado uso nas ciências sociais (Silva, 2003: 16, 17 e 18), pelo seu emprego maioritário nos estudos sociais (Hammersley & Atkinson, 1994: 15) e por ser uma das principais ferramentas usada nas ciências humanas (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015: 196). Entende-se, pois, etnografia, de maneira genérica, como um método prolongado de investigação que privilegia e enfatiza o caráter da interação, no qual e através do contato direto interativo, se recolhem dados, e em que a própria interação constitui o devido objeto de estudo (Silva, 2003: 27). De maneira específica, nas palavras de Martyn Hammersley e Paul Atkinson, a principal característica dos estudos etnográficos é que eles concedem ênfase ao papel do etnógrafo como sujeito participante. Com efeito,

el etnógrafo participa, abiertamente o de manera encubierta, en la vida diaria de las personas durante un período de tiempo, observando qué sucede, escuchando qué se dice, haciendo preguntas; de hecho, haciendo acopio de cualquier dato disponible que sirva para arrojar

un poco de luz sobre el tema en que se centra su investigación (1994: 15).

Fotografias 8 e 9: O etnógrafo como sujeito participante



Fonte: Cooperativa Anaco, 2017



Fonte: Produção Própria, 2020

A etnografia surge como método de investigação social como consequência do desenvolvimento de um novo paradigma. Este se estrutura na diferenciação entre as ciências naturais e as ciências humanas, originada na filosofia antipositivista da ciência no século XIX. Ao rejeitar o padrão metodológico positivista “en plena oposición al positivismo reinante, de enraizada tradición en la realización de investigación, surge el postpositivismo, como una nueva forma de analizar la realidad, de hacer investigación desde la cual se generan variadas tendencias” (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015, p. 196), emergindo, pois, desta estruturação a ideia etnográfica.

A etnografia moderna, entendida sob os ensinamentos de Bronislaw Malinowski (1922), tem como ponto inicial o texto *Los orgonautas del Pacífico occidental*, publicado em 1922, em Londres. Para Malinowski, o “etnógrafo debía tener propósitos científicos y conocer la etnografia moderna, vivir entre la gente que estudiaba, lejos de los funcionarios coloniales y los blancos, y aplicar una serie de métodos de recolección de datos para manipular y fijar la evidencia” (Guber, 2011: 29).

No citado trabalho, Malinowski (1922), estudioso de origem polaca, ao descrever as circunstâncias nas quais desenvolve seu trabalho de observação e de coleta de informação, no estudo das ilhas dos Mares do Sul, constitui uma sistematização na qual se tem critérios científicos para a recolher indicadores em etnografia (Celigueta & Solé, 2014: 13). Sendo assim, com suporte do texto fundacional da etnografia moderna, teóricos como Guber (2011: 29) e Celigueta e Solé (2014), entre outros, resumem três características básicas que há trabalho etnográfico de Malinowski (1922).

Dar un esquema claro y coherente de la estructura social y descartar, entre el conjunto de hechos irrelevantes, las leyes y normas que todo fenómeno cultural conlleva. Se trata de relatar lo que Malinowski llama de anatomía de la cultura. Describirlos datos de la vida diaria y el comportamiento habitual de los indígenas, completando y de alguna manera dotando de vida, el esquema anterior. Descubrir las formas típicas de pensar y sentir que corresponden a las instituciones y a la cultura de una comunidad determinada, y formular los resultados de la forma más convincente posible (Celigueta & Solé, 2014: 13-14).

Sistematizar a estrutura social, apontando os feitos que constituem os fenômenos culturais, descrevendo os dados cotidianos, comportamentais e simbólicos da comunidade estudada, dentre outros, é o que Celigueta & Solé (2014: 13-14) especificam como estudo etnográfico. Concluem que uma característica básica da etnografia é compreender os fatos sociais desde o ponto de vista do outro (Celigueta & Solé, 2014) o que, neste estudo da *Praza*, configura o etnoconhecimento.

Assim, para organizar as características básicas do trabalho etnográfico aqui desenvolvido, se faz importante entender algumas outras definições do que vem a ser Etnografia, porquanto estas se dão com ênfase em distintos aspectos, e que, ainda, que não se negam, antes se completam, decerto pondo relevo em diferentes ângulos. Para Aguirre Baztán (1995: 3), “la etnografía es el estudio descriptivo de la cultura de una comunidad”, nesta se fazendo o enfoque na descrição;

para Mauss (1967), em Aguirre Baztán (1995), é uma “observación profunda, lo más completa y avanzada posible, sin olvidar nada de una tribu”, aqui o enfoque centrado na observação (Aguirre Baztán, 1995: 19). Entretanto, segundo Murdock (1945), e para Malinowski (1977), a etnografia se dá no entendimento do universo social do nativo e a sua cosmovisão. Nas palavras de Aguirre Baztán (1995), e com apoio nos clássicos citados “o objetivo final da etnografia consiste em entender o ponto de vista do nativo, da relação que este tem com a vida, qual a visão que este ostenta do mundo” (p. 19). Esse “outro”, e seu entendimento, é o enfoque dado por Malinowski, autodefinido como “cronista y portavoz de los trobriand” (Malinowski, 1977: 19).

O estudo da *Praza* buscou recolher dados em campo com o máximo de detalhes possível – observar, perguntar, escutar – dando posição de destaque aos agentes sociais trabalhadores na *Praza* sem negar a importância do lugar de investigadora em participação – “...en cierto sentido todos los investigadores sociales son observadores participantes” (Hammersley & Atkinson, 1994: 15) – por meio de uma descrição precisa, por via de uma observação rigorosa da realidade e com a interação vivenciada-participante.

Aprofundando na compreensão da etnografía, Maturana Moreno e Garzón Daza (2015) apontam três tipos ou formas de fazer etnografia – norte-americana, britânica e latino-americana –, posicionando estas como correntes e definindo-as segundo o enfoque ou a abordagem que cada uma dessas linhas utiliza no estudo etnográfico. São, assim, descritas:

La corriente norteamericana es esencialmente descriptiva, en la que se destacan los trabajos sobre culturas norteamericana, mexicana y puertorriqueña. La investigación cualitativa británica se caracteriza por su enfoque social y su propósito de crear conciencia, y en Latinoamérica, la etnografía se utiliza en la identificación de problemas educativos y no como generación de alternativas y promoción de formas de participación social para transformar dichos problemas (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015:198).

Com efeito, a etnografía se exprime aqui, com supedâneo em três dimensões: como um enfoque – na busca de entender os processos educativos do grupo da *Praza* – como método de investigação por intermédio das distintas ferramentas próprias desse prisma – observação, observação-participante, entrevistas em profundidade, coleta fotográfica, visitas a bibliotecas e entrevistas guiadas – e também como texto, concretamente como informe de investigação. O texto ora relatoriado é, assim, resultante de todo o material inventariado à extensão do estudo. Segundo o estudioso Guber (2001), no livro *La etnografía. Método, campo y reflexividad* e a partir de Pérez Gómez (2012) como enfoque, a etnografía conjuga três terrenos: primeiro, adentrar o lugar de fala de quem vive as dinâmicas sociais estudadas; segundo, na qualidade de método de investigação; e terceiro, como informe textual. Nas palavras do autor:

Como enfoque, la etnografía busca la comprensión de los fenómenos sociales desde el punto de vista de aquellos sujetos que la integran. Como un método de investigación que es realizado en terreno y donde caben las encuestas, la observación participante y la entrevista dirigida. Finalmente, como texto, el resultado, la descripción textual de los comportamientos de culturas particulares (Pérez Gómez, 2012: 422).

O objetivo de estudar desde uma perspectiva etnográfica a Praza do Mercado de Abastos de Compostela como um contexto de ligação comunitário grupal (no enquadramento de Pichón-Rivière, 2005), e de processo educativo cultural dado segundo o prisma teórico de Vygotski (2001), se harmoniza ao conceito expresso por Martínez Miguélez (1998) sobre a etnografia, como estudo da descrição de um grupo de pessoas que convivem em condição de direitos e obrigações, que compartilham um modo de vida ou situações que englobam os sujeitos no âmbito dos semelhantes e afins:

Etimológicamente, el término etnografía significa la descripción (gráf) del estilo de vida de un grupo de personas habitadas a vivir juntas (ethnos). Por tanto, el ethnos, que sería la unidad de análisis para el investigador, no solo podría ser una nación, (...), sino también cualquier

grupo humano que constituya una entidad cuyas relaciones estén reguladas por la costumbre o por ciertos derechos y obligaciones recíprocos (Martínez Miguélez, 1998: 20).

Considerando-se a proposta de Martínez Miguélez (1998), adentrou-se o espaço de Praça para entender os processos educativos constitutivos da vida cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras e descrever o modo de vida das e dos agentes sociais neste lugar que se configura como grupo organizado em torno de uma tarefa compartilhada: a tarefa de viver da *Praça*.

Essa Praça de Abastos, que já foi objeto de estudo desde a perspectiva da arquitetura (Rosende Valdés, 2002; Chao Alvarez, 2007 e Leon Pestonit, 1998), se materializa aqui como construção grupal na dinâmica cotidiana que estará distante da posição contemplativa: “Casa, caminos iglesias no pueden ser entendidos en una contemplación estática, pero su significado cultural, suficientemente estabilizado, puede cristalizar en forma de construcción material” (Fernández, 2018: 258), quer dizer, e segundo Monteiro (2010: 73) citando Becker (1944) e Victória (2000), que a realidade concreta socialmente constituída é também passível de ser entendida como riqueza social simbólica.

Antes, e de maneira contrária a esse possível olhar contemplativo, fez-se a aproximação ao contexto do objeto de estudo desde o enquadramento que Bourdieu (1987) denomina como “produto de uma dupla estruturação” (Bourdieu, 1987: 136), em cujo contexto a realidade é tratada no trânsito entre a objetividade e a subjetividade e é (re)constituída pelos sujeitos (Andrade Torales, 2006: 158), processo no qual se demandou, por meio de vínculos comuns, adentrar o mundo material e simbólico das trabalhadoras e trabalhadores da *Praça* para conhecer seus modos de vida e suas dinâmicas de aprendizagem social, constatando que “una historia particular, meticulosamente observada, se une, como debe ser, a una historia común” (Williams, 2001: 325).

Assim, o estudo se “assenta em uma visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto ‘natural’ (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve e

procurando atingir a sua ‘compreensão’ através de processos inferenciais e indutivos (...)” (Amado, 2017: 23), no entender as realidades das práticas sociais heterogêneas, complexas e diversas a partir das perspectivas múltiplas dos agentes sociais participantes (Amado, 2017).

É quando o lugar de voz passa a privilegiar as/os agentes sociais que vivem os processos socioeducativos em primeira pessoa. Põe-se no contexto o entendido como o conhecimento do sujeito em ação, o definido como “etnoconhecimento” que se concreta como saberes comuns ou ancestrais: “conhecimento tradicional” aqueles conhecimentos produzidos pelos povos (...) transmitidos de geração em geração normalmente oralmente e desenvolvidos fora do sistema social formal (...) (Cavalcanti, 2009). Assim, os dados obtidos em campo dos processos educativos dos agentes sociais da Praça do Mercado de Abastos de Compostela foram sistematizados por intermédio de relatório escrito, em consonância com a metodologia da etnografia e pressupõe a apresentação de resultados concretos: “No obstante, la etnografía es más que un método o conjunto de métodos de investigación. La etnografía es también un texto, la presentación de los resultados de una investigación en la que se han aplicado estos métodos” (Celigueta & Solé, 2014: 11). De efeito, a etnografia, além de ser uma metodologia, também resulta de um processo metodológico em formato textual, o nomeado “informe final de investigación” (Maturana & Garzón, 2015: 197).

Com procedência na fundamentação da etnografia não somente como metodologia, e também como processo metodológico (Maturana e Garzón, 2015), neste estudo da *Praza*, procede-se ao seu enquadramento, perfilado no prisma do etnoconhecimento, que desde o embasamento freiriano pressupõe reconhecer as especificidades das formas de apropriação do conhecimento dos sujeitos sociais nas experiências peculiares e representativas nas vivências da coletividade (Lima, 2001: 2).

As pedagogias inspiradas no pensamento paulofreireano insistem em partir do conhecimento do sujeito, obtido tanto de suas experiências singulares quanto das suas vivências no coletivo, no que diz respeito, à vida, ao

trabalho e às lutas sociais. Assim, reconhecer o etnoconhecimento, implica em reconhecer a especificidade das formas de apropriação (Lima, 2001: 2).

Quer dizer que o lugar de fala desta trajetória de estudo da *Praza* esteve focado em privilegiar as pessoas, as/os agentes sociais que vivem os processos socioeducativos de maneira direta e por via da sua quotidianidade laboral – é a característica do sujeito em ação descrita em “etnoconhecimento”.

Além do desdobramento do enfoque freiriano em etnoconhecimento, dá-se, também, este vinculado ao conceito de turismo sustentável. Gama e Passos (2011) reportam-se ao mapeamento participativo, articulando distintos conhecimentos na gestão de atividades turísticas sustentáveis (Passos & Gama, 2011: 327). Rodrigues e Pires (2015) especifica, por sua vez, que “Nos últimos anos surgiu no turismo sustentável um novo tipo de metodologia de trabalho cujo nome é o etnoconhecimento. Esta metodologia se dá através da articulação do conhecimento dos autóctones... na observação das diferentes matrizes culturais do conhecimento” (Rodrigues & Pires, 2015: 18). Esta abordagem em etnoconhecimento vinculado ao contexto do turismo sustentável é pertinente, dado que a *Praza* foi inserida nas dinâmicas das Indústrias Culturais conduzidas pelo turismo, que tanta oposição tem gerado pelas pessoas trabalhadoras da *Praza*.

5.3. ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO

O estudo de campo foi sistematizado em fases para poder aceitar e desvelar as dinâmicas cotidianas da *Praza*, que se constituem em complexas estruturas e compõem os processos educativos resultantes em permanência da *Praza*, e de suas/seus agentes sociais trabalhadoras/es neste lugar social ímpar. Mais à frente, estão descritas as técnicas e instrumentos que guiaram as diversificadas fases do estudo, organizadas em sete etapas.

a) Etapa: eleição do *locus* de estudo

O grupo comunitário da *Praza* e as/os agentes sociais que compõem os processos educativos dados neste contexto socioeducativo constituem o cerne deste estudo. Estabelecer, todavia, o objeto de investigação se deu de maneira posterior ao contato com o objeto de exame, sendo que os primeiros convívios com a *Praza* se apresentaram de maneira espontânea. Foi um encontro vivencial com o outro em termos de relações sociais naturais. A reflexão posterior, entretanto, para um desenho de estudo científico, está expressa dentro e a partir desse contato prévio e inconsciente.

Introdutório a esse, nas primeiras convivências com a sociedade galega, se configurou um questionamento embrionário instituído na sensação de familiaridade com um entorno abastiano. Entretanto, como isso era possível, se a investigadora (naquele momento estudante de intercâmbio bilateral) nunca havia estado na Europa?

Esse fenômeno de familiaridade, de sentir-se como “em casa”, foi o fundamento motivacional para a estruturação posterior de estudo acadêmico, forjado na busca de entender os processos relacionais que conduzem as pessoas (locais ou estrangeiras) a compor a realidade da *Praza* do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela. Dessa maneira, a eleição do estudo da comunidade da *Praza* “respondió a estos criterios, que influyeron en mi proceso de integración, facilitando una sintonía existencial con los comunarios, pero sin olvidar el compromiso científico” (Vargas Callejas, 2001: 2007).

A categorização desse espaço, que foi visitado pela primeira vez como “lugar turístico”, se desenvolveu ao longo dos seis primeiros meses de vivência da cidade na Santiago de Compostela e, posteriormente, uma série de pontos foi mostrada por meio de questionamentos relativos à história da *Praza*, das atividades desenvolvidas pelas pessoas ali trabalhadoras, da condição de existência das mulheres, da presença de agricultores e todas as circunstâncias turísticas ocorrentes neste *locus* singular.

Assim, a motivação deste estudo se deu, também, na busca de refletir sobre a ênfase e silenciar de vozes estigmatizadas,

periferizadas de coletivos marginalizados (e femininos) que constroem e manejam processos de aprendizagem nos seus afazeres diários, principalmente em atividades cotidianas laborais, como são as das/dos trabalhadoras/es da *Praza*, utilizando o enquadramento do etnoconhecimento:

En la actualidad, la investigación cualitativa ha dado un giro importante permitiendo y fomentando la participación de las personas en las investigaciones, dando lugar, por lo tanto, a investigaciones más participativas y democráticas donde se tiene en cuenta las perspectivas y voces oprimidas y silenciadas (Booth, 1996; Cortés, 2013; De la Rosa, 2008; Goodley et al., 2004; Lincoln y Denzin, 1994) (Cotán, 2016: 45).

A hipótese inicial de coletivo estigmatizado, periferizado e silenciado se deu devido ao fato de não encontrar uma história sobre a *Praza*, apesar de ser este o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago de Compostela, uma capital europeia. Tampouco encontrou-se qualquer estudo que houvesse abordado, reflexionado (ou considerado) o lugar de fala das pessoas trabalhadoras da *Praza* e, apesar das atividades de vida e sociolaboral exercidas e que tanto acolhimento, atenção e aceitação têm (de agentes locais, mas e principalmente do turístico) serem inexistentes como história ou narrativa acadêmica.

De acordo com Cotán (2016), um dos objetivos do conhecimento educativo é o de elaborar interpretações desde as percepções e experiências das/dos agentes participantes. Por este ângulo, a investigação “tiene que centrarse en dar respuesta a las cuestiones de investigación planteadas a partir de las experiencias reales de las personas” (Cotán, 2016: 45).

Dessa maneira, a relevância deste estudo se assenta nas relações estabelecidas entre educação como processos educativos do grupo relacional e sociotrabalhador da *Praza* e no que a reflexão das questões explicitadas anteriormente (entre outras) podem aportar à reflexão e/ou reparação de problemas sociais históricos, sendo que o argumento motivacional no “sentido físico, anímico y espiritual fue

equilibrada con la observancia de una actitud autocrítica durante el proceso de recolección de datos y su posterior procesamiento e interpretación” (Vargas Callejas, 2001: 2006).

b) Etapa: aproximação documental ao contexto de estudo

Passados os primeiros momentos de encontro com a realidade social abastiana descritos antes, e de forma antecipada à sistematização do Trabalho de Investigação Tutelado (TIT), no ano de 2008, iniciou-se a aproximação documental ao contexto da *Praza*. Essa busca se estendeu à procura de referências teóricas para a sistematização do projeto de estudo no Programa de Doutorado em Educação da USC, e também para o levantamento bibliográfico final focado para o estudo e produção deste ensaio.

Em todo o transcurso investigativo, o levantamento bibliográfico esteve aberto, haja vista a dificuldade para encontrar textos científicos na área humana, que foi significativa. Foram visitadas diversas bibliotecas, como também se procedeu a pesquisas na rede internacional de dados e o resultado final surpreende pela escassez de textos acadêmicos e, principalmente, no âmbito da análise social. Essa realidade teórica, de reduzida bibliografia, é um fato sinalizado por diferentes textos que afirmam que o estudo da história do mercado de maneira geral é escasso (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007: 1), sendo que, sobre a Praza de Abastos de Santiago de Compostela, é ainda mais reduzido.

Foram encontradas poucas referências acadêmicas que abordaram tópicos da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela na linha dos estudos arquitetônicos e do patrimônio material: Chao Alvarez (2007), Rosende Valdés (2002) e León Pestonit (1998). Também encontrou-se grande acervo sobre a *Praza*, mas em fonte primária, no *Arquivo Histórico Universitario da USC*.

Outras fontes importantes de informação ocorreram em literatura de viagem-turística, as de informações comerciais e as de conteúdo propagandístico da *Praza*; e também as dadas por instituições com diferentes aspectos e perspectivas. Essas últimas

literaturas, ainda que não sejam acadêmicas, aportaram linhas de construção de hipóteses para este estudo, porque, nos citados textos, há discursos sobre coletivos que transitam na Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, como os visitantes (ou turistas), compradoras/es, trabalhadoras/es e sobre o próprio coletivo trabalhador da *Praza*, por exemplo, e dentre outros.

Não obstante, durante todas as visitas às bibliotecas físicas e consultas virtuais, acerca do patrimônio histórico imaterial e humano, não se encontrou nenhuma referência científica específica.

c) Etapa: Busca de contato com coletivos e agentes sociais da *Praza*

O estudo etnográfico desenvolvido se fez enquadrado na abordagem de etnoconhecimento, de sorte que foi tecido por via de uma estreita comunicação com o coletivo que trabalha na Praça, com suporte nas abordagens afirmadoras de que “El fin de esta metodología no es otro que dar voz a los participantes para que éstas sean escuchados a través de sus experiencias, comunicadas de manera abierta” (Cotán, 2016: 45). Dessa maneira, o contato com agentes sociais trabalhadora/es da *Praza* se deu sob três estratégias, descritas à frente.

- a Contato direto e abordagem com agentes trabalhadoras/es da Praça, depois do período de observação e observação participante.
- b Busca de contato com pessoas trabalhadoras da Praça se fez também por meio de vinculação de conhecidos que fizeram a função de ponte ao diálogo desejado entre investigadora e estas terceiras pessoas.
- c Por intermédio de instituições (empresa que administra a Praça e empresas que trabalham em locais desta). Nesta etapa também deu-se, de forma conjugada e de maneira implícita, o processo de observação de toda a esfera da comunidade abastiana.

As etapas descritas anteriormente tiveram como meta aceder à diversidade de lugares de fala componente do heterogêneo grupo que configura a Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

d) Etapa: Selección de técnicas e desenho de instrumentos de investigación

O desenho dos instrumentos de investigação se fez por meio de uma minuciosa elaboração, sempre dialogando entre teoria e prática, para poder alcançar a eleição dos instrumentos de recolhimento de indicadores mais apropriados ao estudo e suas dinâmicas, e, assim, garantir a eficácia derivada da aplicação dos instrumentos pertinentes e adequados e alcançar a “información o conjunto de datos relativos a las interacciones entre los sujetos y el investigador, a sus actividades, a la descripción de su contexto, a los artefactos” Gil (1994) a partir de Vargas Callejas (2011: 241).

De acordo com Vargas Callejas (2001), o investigador sempre se encontra imerso na dialética de análise-interpretação e decisão, na qual o desenho da investigação, que também passa por estabelecer os instrumentos de recolha, da mesma forma que o próprio trabalho de campo, implica uma constante classificação e categorização em unidades de análise:

Desde un principio el investigador está inmerso en la dialéctica análisis, interpretación y decisión. Diseñar el proyecto de investigación, establecer los instrumentos de recolección de datos; optar por una muestra, un escenario, un enfoque de investigación, así como el proceso mismo del trabajo de campo implican una constante clasificación y categorización en unidades de análisis, variables(...) Muchas decisiones previas son el producto de un conocimiento y comprensión a priori de la realidad, de sus posibilidades y limitaciones (Vargas Callejas, 2011: 242).

Dessa maneira, as opções pelas técnicas e instrumentos de investigação foram traçadas por meio de um processo longo, no qual se teve em conta a prioridade em garantir consistência, confiabilidade

e validade ao conteúdo recolhido e alcançar os mesmos critérios no texto final.

Os instrumentos técnicos investigativos utilizados por este estudo, que serão detalhados no decorrer desta parte metodológica, foram os seguintes: observação encoberta, observação não participante, observação participante, busca e revisão bibliográfica, entrevistas em profundidade, entrevistas guiadas, entrevistas guiadas e tomada fotográfica.

e) Etapa: Desenvolvimento do trabalho de campo

O trabalho de campo é organizado como etapas do processo do estudo científico para a coleta de dados, efetivadas depois da revisão literária, documentação e sistematização bibliográfica e investigativa, feita tanto no arcabouço teórico, como neste de metodologia e os subsequentes, de análise. Para proceder à informação requerida, se procedeu em treze etapas: contato inicial, construção metodológica, observação encoberta, observação não participante, observação participante, descrição, contato com coletivos e agentes sociais da *Praza*, entrevistas em profundidade, entrevistas guiadas, entrevistas guiadas, questionário ou enquete e coleta de bibliografia dispersa e de material em geral sobre a *Praza* (arquivos de fontes primária, fotos, vídeos, textos literários, consulta de páginas *web*, dentre outros) e redação final deste informe.

Quadro 8 - Cronograma geral da investigação

	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Início do estudo	■					
Aproximação documental ao contexto do estudo	■					
Aproximação à comunidade	■					
Construção metodológica (técnicas e desenho de instrumentos de investigação)	■	■	■	■		
Trabalho documental	■	■	■	■	■	
Observação encoberta	■					
Observação não participante	■	■	■	■	■	■
Observação participante	■		■	■	■	
Entrevistas vinculadas em profundidade			■	■		
Entrevistas vinculadas guiadas						■
Entrevista estruturada						■
Produção do questionário			■	■	■	
Redação do informe	■	■	■	■	■	■

Fonte: Fonte: Produção Própria.

Como é observável no quadro anterior, a dinâmica do estudo se procedeu de forma dinâmica e retroalimentada entre trabalho de campo e produção textual. No estudo de campo, foram suscitadas hipóteses (dentre outros), e o retorno ao campo se efetivou para validar ou reformular conclusões.

A coleta de dados se deu, por um lado, nos espaços físicos e sociais que contenham informações sobre o contexto do estudo (bibliotecas, departamentos públicos etc.), e, por outro, no ambiente real do contexto social a ser estudado – a Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Esses âmbitos descritos são entendidos como entornos propícios para a aplicação do enfoque etnográfico, no qual, de acordo com José Filho (2006: 64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos” (citado em Gonsalves, 2001: 67), este relativo ao lugar social de atividade própria das e dos agentes trabalhadores na *Praça*. É

o que nas palavras de Gonsalves (2001) pressupõem – o encontro direto com os agentes sociais em seu contexto, o contato e interação com os sujeitos sociais a serem estudados *in situ*.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (...) (Gonsalves, 2001: 67).

À interação no espaço concreto do coletivo estudado, no entanto, também se soma a busca de informações relativa ao âmbito estudado em outros contextos, como são os arquivos históricos, associações, dentre outros. Além dos dois aspectos listados na sequência, no entanto, o conceito de trabalho de campo está vinculado ao de educação social, este como uma conformação do sujeito em seu universo concreto, na complexa construção histórica (Pichón-Rivière, 2005), como também na especificidade de um coletivo social, grupo, as/os trabalhadoras e trabalhadores da *Praza*.

A educação, em seu mais amplo sentido, está relacionada aos processos de formação humana em suas mais diversas dimensões. Sendo assim é indispensável à tomada de um fenômeno, sem que se compreenda que este é uma síntese de múltiplas determinações. Para tanto, a abordagem metodológica busca compreender os elementos que se correlacionam à pesquisa, tais como: movimentos sociais; formação humana; trabalho; educação e o princípio educativo de um movimento social em específico (...) (Ivanoski, 2015: 3).

Assim, adentrar-se o contexto de educação das pessoas trabalhadoras na *Praza* pressupõe abranger o enquadramento amplo descrito de educação, esta entendida como processo de formação humana e cultural, no qual o enfoque metodológico passa, a partir de Malinowski (1977) e descrito por Guber (2011: 29), pela reconstituição da sociedade em suas normas, aspectos e estruturas

formais, por sistematizar a vida cotidiana das e dos agentes sociais da *Praza* e recolher o ponto de vista das pessoas trabalhadoras.

Sequencialmente, se descrevem as etapas do trabalho de campo, porém é preciso sinalizar que a estrutura de apresentação desta seção e suas datas especificadas de realização não se fazem de maneira cronológica nem em etapas estanques que se abrem e se fecham de forma progressiva, senão bem respondendo às dinâmicas próprias da realidade, na qual vários acontecimentos referidos na investigação sucedem de forma paralela ou se estendem à totalidade do período de estudo.

f) Etapa: Descrição do cenário de estudo

A descrição da Praza de Abastos foi feita com base no quadro número 9 (tabela de controle da observação encoberta), utilizado para recolher as informações. Esse está junto com o caderno de anotações, os áudios, imagens, as entrevistas, que, unidos ao referencial teórico, instituíram o cenário estudado, os quais foram ordenados e sistematizados no módulo seguinte (o Referencial Analítico, segmento relativo a descrição e exame da investigação). Essa descrição do cenário se fez, como descreve Restrepo (2016), como “escritura etnográfica”:

La escritura etnográfica es el resultado de un largo proceso de destilación de los materiales obtenidos en el trabajo de campo así como del bagaje teórico que subyace al problema de investigación. Entendemos la escritura etnográfica como una fase del proceso de investigación en la cual se decantan una multiplicidad de documentos, entrevistas, observaciones e interpretaciones, en aras de producir unas narrativas etnográficas en forma de escritos, documentales, presentaciones, etc. (Restrepo, 2016: 67).

Mencionada escrita etnográfica, ainda que se entenda também como um processo que diz respeito à produção deste informe de investigação na sua totalidade, quer dizer, de tudo o que foi recolhido em campo e de trabalho de ordenação, e que é observável como resultado deste processo de campo (tendo como base os documentos

de guia do trabalho de campo); igualmente certo é que ganha forma final a descrição expressas nas seções subsequentes. Todos os capítulos posteriores (referencial analítico) versados como análise do material coletado ganham forma a partir das informações de campo trianguladas com o módulo teórico e são entendidos como escrita etnográfica.

g) Etapa: análise e redação do informe de investigação

O termo **etnografía** designa, dentre outros, um resultado final, produto de uma trajetória etnográfica – “el término etnografía designa dos cosas distintas, a saber: un proceso metodológico y un producto textual o informe final de una investigación” (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015: 197). Assim, a etnografia, além de um processo metodológico, consiste também na produção do informe de investigação, que Pulido Rafael (2003) descreve como informe investigativo concludente.

Dessa maneira, a etnografía aparece aqui com base três dimensões, entre as quais e também como texto, concretamente como informe de investigação. O texto e esse trajeto de estudo é, assim, resultante de todo o material reunido à extensão do estudo. O especialista Guber (2001), a partir de Pérez Gómez (2012), afirma que, como enquadramento, a etnografía conjuga três terrenos: primeiro o de adentrar-se o lugar de fala de quem vive as dinâmicas sociais estudadas; segundo, como método de investigação; e, terceiro, como informe textual, “Finalmente, como texto, el resultado, la descripción textual de los comportamientos de culturas particulares” (Pérez Gómez, 2012: 422).

Nesse descrito texto ganha corpo todo o arcabouço analítico e interpretativo amparado em critérios e processos fundamentados e que compõe a consistência, confiabilidade e credibilidade do estudo; contudo, as diretrizes de análise estarão sistematizadas em segmentos à continuação do texto.

5.4. AS TÉCNICAS PARA A COLETA DE INFORMAÇÃO

O processo de coleta e de registro de dados obedeceu a critério que garantisse o rigor lógico e a validade científica, para assegurar esses mesmos critérios racionais e coerentes fundamentados na credibilidade, confiabilidade, validade e consistência na análise interpretativa dos dados. Nesse sentido, estipulou-se uma série de técnicas para a recolha de informações que serão descritas nos módulos subsequentes.

5.4.1. A observação

A observação, no trabalho de campo, de acordo com Guber (2001: 57), buscou obter o máximo de dados e, para isso, foi desenvolvida em duas fases (Celigueta & Solé, 2014: 22). Essas citadas etapas são as seguintes:

- Primeira fase - de observação e descrição sistemática e controlada do entorno. Nessa fase, praticou-se a forma de observação encoberta e dissimulada (Silva, 2003: 92) e de maneira desprestenciosa – “deamulação” – (Silva, 2003: 100). Esta etapa de observação teve como início e como primeira tomada de contato com a *Praza* (como estudante de intercâmbio) e posteriormente com a sistematização para o Trabalho de Investigación Tutelado (TIT), a início dos estudos do *Doutoramento en Linguística Xeral* na Universidad de Santiago de Compostela. Entretanto, foi perfilado e estruturado somente no estudo de Doutorado em Educação.
- Segunda fase de observação e participação na *Praza*, direta e indireta. A observação participante direta se fez por meio de atividade de trabalho voluntário em um posto ambulante na *Praza*, apoiando uma cooperativa de trabalho associado e, depois, uma empresa de inserção laboral (ambas empresas de mulheres que produziam e vendiam anchovas, a empresa citada foi *Conservas Anaco*). Já a observação participante indireta se deu na participação de diversas atividades que promovia a *Praza*, como cursos de cozinha, ações e festejos

pontuais, por exemplo. Essa última participação se deu como agente visitante, passeante ou compradora, sendo que na primeira especificação o papel foi o de trabalhadora com jornadas pontuais.

Fotografias 10, 11, 12, 13 e 14: Contexto da etnografia participante



Fonte: Arquivos Anaco, 2019.



Fonte: Produção Própria, 2019.



Fonte: Facebook Mercado de Abastos de Compostela, 2016*.



Fonte: Xunta de Galicia, 2018.

*<https://www.facebook.com/page/184346348267923/search/?q=coci%C3%B1a%20de%20aproveitamento>

Maturana Moreno e Garzón Daza (2015) no artigo “La etnografía en el ámbito educativo”, assinalam os “níveis” de um estudo etnográfico, como sinônimo de etapas, citando até quatro etapas ou “níveis” do desenvolvimento de um estudo etnográfico. As referidas etapas ou níveis compreendem tanto o trabalho etnográfico em campo como fora dele, abarcando desde o contato inicial e busca de realidades a serem estudadas, a observação, a participação ativa, as entrevistas, dentre outros:

A un primer nivel, el establecimiento de una red de relaciones personales dentro y fuera del “campo” y entrenar ciertas habilidades cognitivas y sociales. A un segundo nivel, se incluyen la observación más o menos sistemática de personas que interactúan entre sí y con objetos dentro de

determinadas coordenadas espaciales y temporales, la participación activa en algunas de esas interacciones, la realización de entrevistas más o menos formales y/o estructuradas y la recopilación de artefactos producidos y/o manejados por las personas a las que se observa y entrevista (documentos de todo tipo, herramientas, etc.) [...] a un tercer nivel, otras tales como registrar lo observado, lo escuchado y, en definitiva, lo sentido y pensado durante las observaciones, las entrevistas y la participación en las interacciones, así como transcribir, clasificar y ordenar eso que llamamos “datos”. A un cuarto nivel, se incluyen actividades como la triangulación —en sus diversas variantes y, fundamentalmente, la interpretación (Pulido Rafael, 2003: 3).

Na fase de trabalho de campo no estudo da *Praza*, procedeu-se ao uso das duas descritas etapas, de acordo com o enfoque citado sobre a linha de Pulido Rafael (2003) – observação (início do contato) e observação em participação (fase posterior a toma do contato inicial) - estas como equivalentes a elementos do primeiro nível em Maturana Moreno e Garzón Daza presente no texto *La etnografía en el ámbito educativo* (2005): “A un segundo nivel, se incluyen la observación más o menos sistemática(...), la participación activa en algunas de esas interacciones” (Pulido Rafael, 2003). Quer dizer que se propõem três tipos de observação especificada para o estudo da *Praza*, como: a observação encoberta, a observação não participante (início do contato), a observação participante (posterior à tomada de contato inicial).

5.4.1.1. A observação encoberta

A justificação da observação encoberta se dá pela busca do contato inicial encoberto e pelo próprio desenho do estudo que estava em curso, em função do objetivo de investigação dos processos educativos na *Praza*, acedendo ao imaginário social a partir de uma diversidade de lugares de enfoque interacional e de fala. Durante a aplicação da observação encoberta, foram utilizadas as seguintes ferramentas para a fixação de dados: caderno de notas, diário de

campo (Celigueta & Solé, 2014), máquina fotográfica e gravadora (somente para recolher as impressões da investigadora). No “diário de campo” se faz o registro do observado em campo.

Ahora bien, reinteramos, para finalizar, que la etnografía en general y el diario de campo en particular son muy útiles a la hora de describir, explicar, comprender e interpretar realidades socioculturales e institucionales que están directamente vinculadas con nuestro campo profesional. Saber combinar la observación empírica con las cuestiones teóricas que surjan de la reflexión, tal y como nos ha enseñado la etnografía, es lo que nos permitirá conocer mejor las dimensiones profundas del comportamiento social, la materia prima que, en definitiva, forma parte de nuestro principal objeto de estudio y de trabajo (Celigueta & Solé, 2014: 79).

Uma informação necessária a respeito da diferença entre caderno de notas e o diário de campo deve ser adicionada ao estruturar o trabalho de campo. O “caderno de notas” é o que se tem em campo, registro direto e no momento da observação (Martínez Rodríguez, 2011: 28) que no estudo aqui apresentado contou também com o apoio de ferramentas como fotografias e gravações. De outra forma, o “diário de campo” constitui o primeiro tratamento dado à informação contida nas notas de campo, passando pela escrita ao formato informático e estruturada na ordem e com a sistematização padronizada da informação recolhida.

Un diario de campo es una narración minuciosa y periódica de las experiencias vividas y los hechos observados por el investigador. Este diario se elabora sobre la base de las notas realizadas en la libreta de campo o cuaderno de notas que utiliza el investigador para registrar los datos e información recogida en el campo de los hechos (Pourtois, 1992: 60).

Para o ótimo desenvolvimento do trabalho de campo, recompilação acertada das informações e boa relação com os coletivos e agentes sociais da *Praza*, garantindo o caráter encoberto dos

primeiros contatos, os aparelhos de gravação (telefone celular e gravadora) foram as ferramentas usadas no exato momento da observação e da interação social⁶³, sendo que as pontuações no caderno de notas foram feitas (ampliadas e desenvolvidas) imediatamente ao fim de cada visita à *Praza*: “Tomar nota debe parecer totalmente congruente respecto a la localización social en la que se estudia. En ciertos contextos “bien socializados”, sin embargo, tomar nota de manera evidente y continuada se percibirá como algo inapropiado o amenazador...” (Hammersley & Atkinson, 1994: 195). A descrita opção pela dinâmica de gravadora e notas eventuais atende à dinâmica de campo desenvolvida, tanto na etapa de observação encoberta, observação e observação participante (somente como nota de voz da investigadora).

Em Hammersley e Atkinson (1994) encontram-se uma lista de tópicos, um guia para o registro de campo, a “lista de chequeo elemental” de Spradley, que contempla os seguintes aspectos: “espacio, actor, actividad, objeto, acto, acontecimiento, tiempo, fines, sentimientos” (Hammersley & Atkinson, 1994: 195). É importante salientar que essa lista, como os próprios estudiosos afirmam, é primária, rudimentar, entretanto, representa e contempla elementos básicos e importantes que foram tidos em conta na hora da recolha de informações, porque “indican una serie de características relevantes del contexto que nos proponemos observar” (Hammersley & Atkinson, 1994: 203).

Por outro lado, nos estudos de Paul Willis (1988) desenvolvidos, de maneira mais específica, no âmbito da educação observa-se uma série de componentes que fundamentam o estudo etnográfico concentrados na abordagem da “cultura”. Como exemplo cita-se o fundamento estudado por Willis (1988: 6) “Elementos de una cultura” que abordou subtemas diversos, como o sexismo, o racismo, entre outros. O que Willis (1988) faz é sistematizar alguns passos

⁶³ Gravações das observações da voz da investigadora, nunca das agentes sociais sem a devida autorização.

importantes para estudos etnográficos no âmbito da educação, como devem ser os aspectos culturais, por exemplo.

No trabalho de campo desenvolvido na *Praza*, foram assumidos distintos papéis por parte da investigadora, para uma ótima integração no contexto do estudo. Inicialmente, esses papéis se ajustaram à técnica aplicada, observação na sua vertente encoberta, para a qual o trabalho da investigadora era de estudante oculta, mas o olhar projetado do outro seguramente se identificou com os seguintes papéis: o de trabalhadora, participante em atividades da *Praza*, compradora, turista, passeante, como também o de investigadora. Já na etapa de observação participante e não participante, os papéis atribuídos também eram exercidos:

En término de la práctica metodológica todo esto implica que el investigador nunca trabaja sólo como investigador, trabaja también como vecino, como amigo, como desconocido, como hombre o mujer, como occidental, europeo, español..., como profesor o escritor, como aliado, como enfermero, como mano de obra, como transportista, como administrativo... y con otros papeles que él se haya forjado o que le haya conferido el grupo que analiza y con el que convive (Velasco & Díaz, 1997: 24-25).

A observação encoberta, primeira etapa do trabalho de campo feito no desenvolvimento do estudo doutoral, foi posta em andamento ao longo dos meses de abril e maio de 2016. Ainda se há de ter em conta a noção de que o processo prévio já apontado desenvolvido na etapa do TIT foi uma base de contato que não deve ser apagada.

É importante entender os tempos destinados às diferentes etapas do trabalho. Assim, as características de um trabalho de campo em etnografia e sua duração determinam-se por fatores próprios do estudo e não ocorrem a partir de definição etnográfica ou metodológica prévia e cristalizada. Nesse sentido e em relação às características do trabalho de campo quanto ao tempo empregado, estudiosos como Maturana Morno e Garzón Daza (2015) pontuam que pode durar dias ou anos, dependendo do desenho do projeto e das características do estudo (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015: 198).

Na etapa de observação encoberta, os dados recolhidos foram sistematizados no diário de campo, para desenvolvimento posterior à “descrição” por meio de tratamento informático (Ver anexo número IV).

Quadro 9 - Tabela de controle da observação encoberta

SISTEMATIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO ENCOBERTA (a partir do caderno de notas)	
O contexto da investigação	
Lugar: Praça do Mercado de Abastos de Compostela Dia da visita: Período/horario da visita: Posição: Definir uma (observação encoberta, Observação ou observação participante) P.D.:	
Categorias observadas	
1. Espacial e estrutural: Número de entradas, portões etc; 2. Pessoal e individual: 2.1 Trabalhadoras e trabalhadores 2.2 Compradores <u>2.3 Visitantes e Turistas</u> 3. Social e coletiva: Formas de comunicação (verbal e não verbal);	Acessos; Horários de funcionamento; Postos; Ordenação e sentido deste; Condições climáticas; Postos fixos, mistos e ambulantes; Acondicionamento; Produtos; Rotinas; Provedores; etc. Práticas idiomáticas; Formas de cumprimento; Rotinas coletivas; Interações diversas; Condutas prévias a compra e venda ; Forma de efetivar a compra e venda; Mais indicadores de condutas?
RESUMO DIÁRIO DE CAMPO[1] Descrever	
[1] Caderno de notas anexo	

Fonte: elaboração própria a partir de Hammersley & Atkinson, 1994: 195 e Willis, 1988: 6.

O quadro apresentado – “Categorias observadas” – foi utilizado em todo o período de observação (tanto em observação oculta, como na observação e na participante), sendo que a sua confecção se deu como resultado da primeira fase da observação oculta e foi empregado na recolha de dados em todo o processo de campo. Ou seja, parte do período de observação oculta foi empregada para o levantamento e sistematização das categorias a serem observadas e que foram compactadas no quadro mostrado anteriormente.

Assim, depois da tomada de contato inicial - em termos de observação oculta que já foi uma etapa herdada dos primeiros contatos com a Galiza (dinâmica detalhada no limiar deste estudo) - e de consulta à bibliografia científica, estruturou-se uma guia de procedimento e campo com os seguintes temas a serem observados e que serão descritos à continuidade. Os elementos observados foram divididos em três grandes blocos com elementos que os compunham:

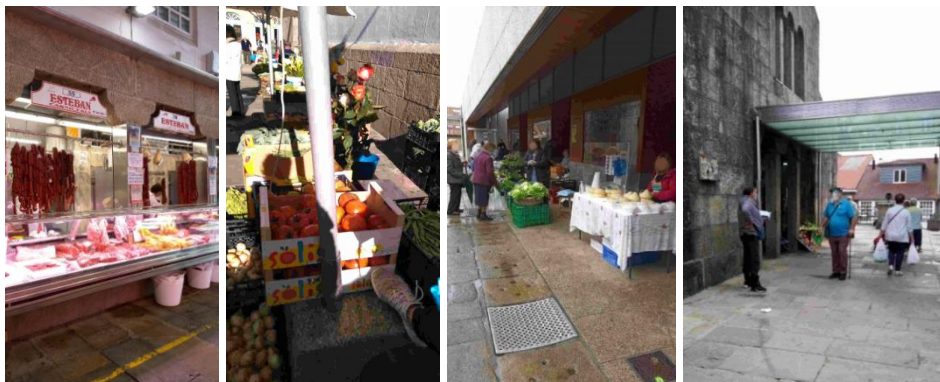
a) Espacial e estrutural

Nesse bloco, buscou-se acessar toda a estrutura de funcionamento instituído (e também os dissidentes) da *Praza*. Esse entendimento passou tanto pelo espacial-arquitetônico (número de entradas, portões etc.) para entender como se dão o fluxo de gente e a convergência à *Praza*, quais eram as possibilidades de acessos, estas vinculadas às perspectivas de reivindicação e conflitos potenciais (como pode ser a implementação de estacionamento, ampliação de horário de atenção ao público, as problemáticas da visitação turística, a saturação de pessoas aos acessos, entre outros). Também se buscou entender os horários de funcionamento, tanto de atenção ao cliente e recepção de provedores, como de trabalhos diversos e prévios à venda direta de produtos, quer dizer, buscou-se entender todo o horário no qual o coletivo trabalhador transita, labora e se organiza para poder adentrar a significação das dinâmicas socioculturais do coletivo trabalhador da *Praza* em toda sua amplitude.

Ainda neste bloco, procurou-se acessar informações sobre a estrutura dos postos de trabalho e a ordenação e sentido destes, para entender as dinâmicas organizacionais em termos de possibilidade de

admissão ao grupo da *Praza*, como também a construção identitária deste coletivo, tanto do ramo do negócio desenvolvido, como a determinação destas categorias na estruturação do posto e as dinâmicas sociolaboral e educativa realizadas e desenvolvidas como processos. Nesse sentido, também buscou-se entender e estruturar a conformação dos postos a partir de lugares de exercício laboral diverso, como pode ser a atividade não em postos fixos (licitados), como nos mistos (no qual se faz o uso das pedras e se estendem elementos de apoio improvisados) e também ambulantes para entender os diferentes lugares de fala que compõem e que convergem na *Praza*.

Fotografias 15, 16, 17 e 18: Postos de trabalho fixo, pedra, improvisado e ambulante



Fonte: Produção própria, 2019 e 2021.

Outro fator observado estruturou-se em torno das condições climáticas, sendo sabido que esta pauta, a da dinâmica estacional, estabelece relação não somente nas condições de trabalho na *Praza*, como também de fluxo de gente e de produtos que são manejados e este, por sua vez, na afluência de tipos humanos à *Praza*. A condição climática está relacionada com as dinâmicas que envolvem os produtos de proximidade, o comércio de cercania, dentre outros aspectos desenvolvidos no segmento interpretativo.

Nos tópicos do condicionamento da *Praza*, ordenaram-se conceitos – como os produtos, as rotinas e os provedores, dentre outros tópicos – que compõem grande parte da dinâmica de

organização do posto, prévio à atividade majoritária e rentável, que é a venda de produtos. Com o levantamento de informação desses temas, é acessível a ideia de que os produtos, as rotinas e os provedores (dentre outros) compõem uma simbiose que fala de aspectos culturais de aprendizagem social próprios da sociedade galega, como podem ser a dinâmica campesina e a importância dos produtos locais (*produtos do País*) para a conformação estrutural da *Praza*, entre outros.

b) Pessoal e individual

No segundo bloco da guia de observação, centrou-se nas dinâmicas entre sujeitos (etapa de observação participante), a partir do lugar de fala de trabalhadora da *Praza*: e deste lugar de falar observou-se o exercício das pessoas compradoras/es e clientes (além dos visitantes e turistas), entendendo as dinâmicas observadas como lugares emergentes, quer dizer, que do visível se estrutura uma rede de significados simbólicos entranhados em uma historicidade galega, que está implícita, e que incide nas dinâmicas atuais.

Todo o segundo bloco foi composto como trabalho de campo especificado em observação encoberta, observação não participante e observação participante na busca de levantamento de hipóteses, o que posteriormente configurou grande parte da capítulo teórico, como também das análises e conclusões do estudo.

Algumas hipóteses levantadas e questionamentos a serem investigados falam do lugar da mulher na sociedade e na *Praza*, o pensamento do novo e do velho como confrontação, a identidade campesina galega, algumas problemáticas do rural trasladadas as dinâmicas da *Praza*, entre outras.

c) Social e coletiva

Em suma, o terceiro e último bloco de observação levantou as formas de comunicação, tanto verbal, como não verbal, desenvolvidas nas distintas atividades da *Praza*.

As formas de comunicação passam desde os aspectos idiomáticos, de formas de cumprimentos, adentrando-se as rotinas coletivas sinérgicas e interações socioeducativas, como, por

exemplo, as condutas de aceitação e rejeição de dinâmicas, como formas não somente de efetivar a compra e a venda, senão de relações educativas e culturais, até alcançar as relações sociais que estão submergidas e que se manifestam como emergentes culturais.

No quadro-guia de campo, que foi construído por meio de observação encoberta em diálogo teórico, e que se manteve até o final a indagação de “mais indicadores de condutas”, para ir compondo o quadro até o final do período de campo, se tratou de compor uma estrutura para a observação que foi retroalimentada ao longo do trabalho rural.

Enfatiza-se que na observação encoberta o papel assumido foi o de visitante e para este não se fez necessária a solicitação de autorização de nenhum organismo. Nesse período, aos olhos do coletivo trabalhador da *Praza*, a pesquisadora era somente mais uma compradora em potencial e as interações se faziam no enquadramento de vendedor-cliente, ainda que este último se tenha dado em potencial porque buscou-se não adentrar este lugar (de compradora) de fala para não adquirir informação parcializada. Quer dizer que a dinâmica de ser cliente comprometeria o conteúdo da informação passada pela pessoa trabalhadora/or que possivelmente buscaria dizer o que a “cliente” quer ouvir.

Quadro 10: O período da observação

Trabalho de Campo	Período	Objetivo
Observação encoberta	- 2016 (De janeiro a abril, dois dias na semana, uma hora por dia)	Tomada de contato inicial; Estruturar uma guia de observação; Fazer o levantamento inicial de temas (supostos emergentes) que circulam na Praça.
Observação não encoberta	- 2016 (Dois dias na semana no segundo quadrimestre, uma hora por dia). - 2018 Nos dias de realização das entrevistas em profundidade.	Elaborar uma lista de temas a serem abordados como hipóteses de fenômenos a serem estudados; Sistematizar hipóteses de questionamentos a fenômenos que emergem das tramas de supostos significados históricos; Fazer o levantamento de listas de perguntas para as entrevistas em profundidade; Começar o levantamento de questões para a enquête.
Observação participante	- 30 de abril de 2016 (Colaboradora da Cooperativa Anaco 9:30-14h); - 26 de maio de 2016 (Curso “Cozinha de Aproveitamento” 11-14h); - 2018 (Primeiro sábado de cada mês do segundo quadrimestre, excetuando verão); 2019 (Primeiro sábado de cada mês, excetuando verão)	Vivenciar jornadas laborais na Praça e participar de ações diversas do contexto Abastiano; Acceder a hipóteses que subjacentes a alguns fenômenos emergentes na Praça; Seguir com o levantamento de questões para a guia da entrevista em profundidade; Seguir com o levantamento para as perguntas da enquête.

Fonte: Produção própria.

5.4.1.2. A observação participante

As informações recolhidas na etapa de observação participante se fizeram no caderno de notas e considerou-se o mesmo quadro apresentado na etapa anterior para o tratamento informático na organização da informação recopilada.

A observação participante foi desenvolvida a partir do dia 30 de abril de 2016 no horário de 9h30min - 14h e por meio de colaboração com a *Cooperativa Anaco*. Este contato foi feito como iniciativa introdutória à experientiação de atividade de *Praça*. Nesse período, todos os trâmites de autorização para esta atividade foram administrados e realizados pela cooperativa.

A primeira ação de observação participante introduziu a investigadora no universo laboral e assim em contato com elementos das relações entre trabalhadoras/es da *Praza*, como também abriu a percepção para recolher informações sobre o lugar de fala especificado, sendo estas relações compostas, ora entre sinergias, ora em oposição a outros coletivos, como podem ser os compradores, visitantes ou turistas.

A segunda ação introdutória à observação participante foi realizada no dia 26 de maio de 2016 em horário de 11-14h. Foi o curso “Coziña de Aproveitamento”, aplicado pela empresa que gerencia a *Praza* e desenvolvida na aula sociocultural da *Praza*.

Depois das duas descritas ações introdutórias, a observação participante foi desenvolvida no ano de 2018 e transcorreu no primeiro sábado de cada mês do segundo quadrimestre e no ano de 2019, excetuando o período do verão; também desenvolveu-se em fevereiro e março de 2020 (interrompida pela pandemia por COVID-19).

Essa atividade de observação participante foi desenvolvida ao longo de todo o estudo e se deu em dois pontos espaciais da *Praza*, em um banco de pedra diante da zona denominada “paredão” (inicialmente) e diante da aula sociocultural.

Durante o desenvolvimento deste segmento, pode-se vivenciar dinâmicas que transitaram entre a cooperação e a competitividade, de diálogo entre semelhantes e também de diferenciação, entre outros.

Essa etapa contemplou ações diversas, no sentido da participação ativa e específica nas atividades e da cotidianidade da *Praza de Abastos*, tais como a vivência de jornadas laborais e participação em ações diversas no contexto abastiano (como compradora, participando em atividades formativas e divulgadoras, entre outras). Nessa fase de campo, acessou-se a hipóteses subjacentes a alguns fenômenos emergentes na *Praza* e se procedeu ao levantamento de questionamentos para a construção da guia da entrevista em profundidade e para as perguntas para a enquete, que chegou a ser estruturada, porém não pôde ser aplicada.

5.4.1.3. Observação não participante

A fase de campo em observação se deu no ano de 2016 (por dois dias na semana e no segundo semestre, uma hora por dia) e também no ano de 2018 nos dias de realização das entrevistas em profundidade e também nos anos de 2019 e 2020. Assim, a etapa de campo em observação não participante se deu de forma dilatada ao longo do período de estudo. Essa ampliação foi possível porque, a cada oportunidade de visita à *Praza*, se efetivaram interação e observação sempre que as condições de registro fossem garantidas.

Os objetivos perseguidos nesta etapa foram os de elaborar uma lista de temas a serem abordados como hipóteses de fenômenos para serem estudados; sistematizar hipóteses de questionamentos a fenômenos que emergiam das tramas de supostos significados históricos; também o de proceder a um levantamento e listar as perguntas para a construção da entrevistas em profundidade e do questionário, o que seria realizado posteriormente.

Os papéis desenvolvidos pela investigadora transitaram entre a de visitante, turista, compradora (de maneira eventual) e também como investigadora, e para estes papéis não se fez necessária autorização. Relativamente às relações desenvolvidas nesta etapa, além das já sinalizadas, que falam de processos de cooperação e competitividade, de diálogo e silêncio, também, para algumas pessoas e no decorrer do tempo, ficou estabelecido que a presença da investigadora indicava a busca de algo mais e para além do objetivo de visitar e comparar na *Praza*. Por alguns agentes, fomos questionada e por outros a indagação se dirigiu as/os agentes entrevistadas/os.

5.4.2. A entrevista vincular em profundidade

A entrevista em profundidade é uma técnica de investigação de encontro face a face entre o investigador e o informante (Taylor & Bodgan, 1986), é informal e aberta – um diálogo cuja função é recopilar dados sobre a realidade investigada.

De forma geral, Richardson (1999) define entrevista a partir da sua etimologia dada pelas palavras “entre” e “vista” e afirma: “Vista

refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas” (Richardson, 1999: 207).

Trata-se de um encontro entre pessoas, planificado previamente de forma racional e em base a uns objetivos, para o desenvolvimneto de conteúdos específicos para a obtenção de dados precisos sobre a realidade estudada. Nas palavras de Andrade, as entrevistas alcançam uma amplitude de contextual:

(...) mesmo sendo a entrevista um processo único e singular vivido com cada indivíduo, suas representações, crenças, valores, atitudes e motivações não surge das mentes individuais, pois em alguma medida elas são o resultado de influências dos processos sociais, históricos e culturais em que cada um está imerso (Andrade Torales, 2006: 177).

Ou seja, para essa estudiosa, a entrevista é um transcurso vivencial e relacional, no qual as crenças, convicções, condutas, motivações, circunstâncias etc., resultam de um movimento expresso no histórico socioeducacional de cada sujeito (Andrade Torales, 2006: 177). Nesse sentido, pessoas entrevistadas e entrevistadora estabelecem uma relação dialógica e intersubjetiva, na qual as/os agentes entrevistados não são meros objetos, mas sim sujeitos que no processo dialógico compreendem, analisam, expõem seu mundo e suas relações, no marco de tratamento de um problema específico.

Nos termos de Mogarro (2015: 153) “Os testemunhos orais são fundamentais para conferir nitidez e consistência às realidades educativas que eles descrevem e explicam, funcionando de forma articulada com outras fontes de informação, relativas a esta mesmas realidades”. Nesta perspectiva, buscou-se acessar relatos multidimensionais da vida social e com narrações de vários períodos da vida das/dos agentes, tratando dos aspectos profundos de suas vivências, experiências e expectativas, neste caso, educativas, sociais e culturais, referidas a suas atividades e vivências na Praça de Abastos.

As entrevistas desenhadas, ainda que pensadas para a aplicação a partir do que a bibliografia acadêmica define como entrevista em profundidade – “encuentros reiterados cara a cara entre el investigador y los informantes” (Taylor & Bogdan, 1986: 101) e sem estrutura de perguntas e respostas (Robles, 2011), na dinâmica de coleta de informação estas entrevistas passaram por uma etapa de revisão a respeito da sua especificação. A necessidade de revisar o conceito de “entrevista em profundidade” no desenvolvimento do estudo se deu porque, na realização das entrevistas, quase todas feitas no posto de trabalho de cada trabalhadora e trabalhador (por motivo de tempo das/dos agentes sociais entrevistadas/dos), a ação prática não se enquadra de forma escrupulosa às definições teóricas de entrevista em profundidade.

Quer dizer que a dinâmica não se deu em termos do que se define como entrevista em profundidade, isto é, caracterizada por ausências de perguntas formais e diretas - “Aquí, no hay intercambio formal de preguntas y respuestas, se plantea un guión sobre temas generales y poco a poco se va abordando” (Robles, 2011) – entre outros aspectos que configuram a entrevista em profundidade, como podem ser os encontros repetidos sinalizados por Tylor e Bogdan (1986).

Dada a necessidade de constantes cortes nas entrevistas (pausas e interrupções de áudios) para que as pessoas agentes entrevistadas/os pudessem atender a clientela, repor mercadoria, atender a demandas diversas, entre outras, se impuseram dois contratempos. Primeiro, assumir a diversidade de agentes que incidiam na dinâmica de entrevistas, muitas vezes com olhares indagadores por parte das/dos companheiros de trabalho, também rompendo-se com a dinâmica cara a cara em uma/um entrevistada/o e investigadora e segundo que se fez necessário recolher com mais frequência ao texto guia da entrevista (à lista de perguntas sistematizadas como guia) que passou a ser controlado pelas pessoas entrevistadas.

Outra questão que diz respeito ao limite investigativo se deu com a mudança de dinâmicas imposta pela pandemia por COVID-19. Ante a obrigatoriedade do uso de distância de segurança e a limitação

de quantidade de pessoas, dentre outras, foi necessário, e primeiro, utilizar a estrutura da entrevista vincular em profundidade como entrevista guiada ou semiestruturada – na qual se “decide de antemano qué tipo de información se requiere y en base a ello se establece un guion de preguntas. No obstante, las cuestiones se elaboran de forma abierta lo que permite recoger información más rica y con más matices” (Folgueiras Bertomeu, 2016: 3) – quer dizer, valendo-se da guia das entrevistas em profundidade, efetivou-se a dinâmica de perguntas e respostas diretas, concretas e coesas. Segundo, foi preciso elaborar uma lista de perguntas em formato de entrevista fechada, quer dizer, entrevista estruturada, para elucidar algumas poucas questões que seriam acessadas por meio do questionário; sendo que, na entrevista estruturada, “se decide de antemano que tipo de información se quiere y en base a ello se establece un guion de entrevista fijo y secuencial. El entrevistador sigue el orden marcado y las preguntas están pensadas para ser contestadas brevemente” (Folgueiras Bertomeu, 2016: 3). Assim, elaborou-se uma pequena lista de perguntas para entrevistas pensada somente para informantes que desenvolvem alguma atividade em gestão da *Praza* (Anexo número V).

Essa questão, que não se estruturou com uma entrevista em profundidade-padrão, direcionou e determinou o estudo na faceta da colheita de informação na etapa de entrevistas a um processo que aqui se nomeia de processo vincular de entrevista. Essa dinâmica se conformou, pois, ao mesmo tempo em que se entrevistava, outras questões foram apresentadas na dinâmica entre agentes sociais e investigadora. Dessa maneira, é quando o estudo qualitativo em curso se dá com a necessidade de especificar um enfoque, questão que se recolhe em Kvale (2011), ao descrever o enfoque qualitativo e reconfigurar ferramentas e formas para a coleta de informação:

Aun cuando se supone que los métodos han de ser adecuados a lo que se estudia, los enfoques para la definición y evaluación de la calidad de la investigación cualitativa tienen que debatirse (de todos modos) en formas específicas que sean apropiadas para la

investigación cualitativa e incluso para enfoques específicos en ella (Kvale, 2011 :14).

Assim, a entrevista desenvolvida para o estudo da *Praza* teve que ser ampliada e se deu como “Entrevista vincular em profundidade”. É quando, com a base nas especificações das entrevistas em profundidade, se amalgama a vincularidade descrita por Pichón-Rivière (2005), que definiu o vínculo como uma mútua relação interdependente e de necessidade compartilhada. A investigadora tinha a necessidade de entrevistar agentes sociais trabalhadoras/res da *Praza*, e as *placeras* e *placeros* (agentes sociais trabalhadores na *Plaza*) demonstraram uma necessidade em colaborar com o processo investigativo, ou seja, em manifestar um lugar de fala, permitindo, assim, o adentramento profundo nas suas histórias de vida e dinâmicas socioeducativas em trocas fluidas e constantes.

Devido a dinâmica de trabalho das e dos agentes da *Praza*, se fez importante de maneira maioritária que as entrevistas fossem feitas no próprio contexto do lugar de trabalho, na *Praza*. Assim, este estudo idealizado a partir de entrevistas em profundidade não se concretizou em entrevistas tipificadas como “entrevistas em profundidade”. Quer dizer que a descrição encontrada de entrevista em profundidade não alcançava a ser plenamente adquirida devido a aspectos de dinâmica de trabalho (compradores, provedores, telefone, horários, dentre outras questões que “interrompia” o processo de entrevista, porém, que foi incorporado à dinâmica de campo como natural e inclusive necessária).

Nesse descrito processo de entrevista, a investigadora tem acesso às dinâmicas laborais, a interações sociais, às demandas e queixas, dentre outros aspectos que, em um ambiente apropriado para o desenvolvimento de entrevistas em profundidade, não seria possível recolher tamanha precisão de informações e matizes da dinâmicas socioeducativas. Assim, em vez de ter-se efetivado entrevista em profundidade, esta não se fez um problema, dado que se desenvolveu uma maneira de entrevista ampliada e nomeada para este estudo como “entrevista vincular em profundidade”.

Manteve-se, porém, a terminologia “em profundidade” porque o conteúdo recolhido atende a esta expressão e a dinâmica desenvolvida entre agente social e investigadora se deu de forma arraigada, quer dizer, ocorreu em contexto de confiança, escuta ativa, empatia, respeito e compreensão.

A entrevista vincular em profundidade contou com um guia de perguntas organizadas em grandes tópicos, que abre o acesso a uma ampla gama de informações, que vão desde a infância à vida adulta, com acesso ao conhecimento de fatos, sentimentos e dinâmicas de um passado que impacta na cotidianidade e é potencialmente projetado a um futuro mais afastado. A entrevista vincular em profundidade abre um espaço para diálogo, no qual as/os agentes envolvidos acedem ao conhecimento e à possibilidade de revisão que estes saberes narrados trazem.

O desenho do conteúdo da entrevista em profundidade passou, previamente, ao contexto da aplicação descrito, por um longo processo de construção das perguntas e revisão do conteúdo dos itens interrogantes para compor o roteiro da entrevista: “As entrevistas constituem o instrumento privilegiado para a recolha de dados através dos testemunhos orais e devem inserir-se num projeto de investigação, que se inicia por uma pesquisa aprofundada sobre o tema, tendo por base um roteiro cuidadosamente elaborado” (Mogarro, 2015: 152). Para alcançar o resultado final, se fez a validação do guia de entrevista a partir de revisões por parte de colaboradores do mundo acadêmico e, certamente, desde a consulta a variados agentes sociais que compõem a *Praza* e que exerceram função de colaboradores do estudo (compradores, visitantes, professores e agentes trabalhadores na *Praza*). De forma específica, desde a proposta até a concreção final, a guia de entrevista foi submetida aos seguintes controles e revisões:

- 1 Revisão do rascunho inicial por parte de diversos professores;
- 2 Posta em prova de campo com uma agente social trabalhadora da *Praza*, sob a supervisão de uma investigadora alheia ao estudo;

- 3 Revisão e ajuste dos problemas derivados da aplicação-piloto;
- 4 Versão final da guia de entrevista, aprovada pelo diretor da tese (aval final do diretor do estudo).

A entrevista foi elaborada no idioma galego (língua do país e de uso maioritário na *Praza*) e teve duas versões, a primeira que passou por uma prova de campo e a final aplicada as/aos agentes sociais trabalhadoras/es entrevistadas/dos (Anexo número V e VI). À continuação, se descrevem os elementos que configuram a guia de entrevista, destacando o bloco (8) e os objetivos de cada bloco.

5.4.2.1. Blocos e segmentos da entrevista vincular em profundidade

A entrevista vincular em profundidade foi desenhada em grandes blocos que aglutinam conteúdos similares e que são expressos por meio de questionamentos concretos (perguntas) sobre temas de importância para o estudo.

O formato em segmentos amplos foi idealizado para facilitar o desenvolvimento da aplicação das entrevistas em profundidade, na qual muitas vezes as perguntas concretas de cada bloco eram respondidas de maneira fluida, sem a necessidade de aceder ao mecanismo de pergunta e resposta. Ainda assim, dentro de cada agrupamento de questionamentos, se perguntas concretas que deveriam funcionar como uma guia para informações pertinentes a serem recolhidas.

No sequenciamento, se detalha o conteúdo buscado em cada um dos oito blocos sistematizados para a entrevista vincular em profundidade e que também foi utilizado para as entrevistas vinculares guiadas.

1º BLOCO: IDENTIFICAÇÃO

Nesta seção, buscou-se recolher informações sobre o perfil da/o agente social entrevistada/o com objetivo estatístico e de estabelecer equidade nos perfis entrevistados. Notificou-se outra vez, frisando a

importância de informar que esta entrevista é totalmente anônima e nenhuma informação de identificação das pessoas entrevistadas seria divulgada. Bloco composto por cinco perguntas.

2º BLOCO: EDUCAÇÃO - INFÂNCIA

Nessa seção, procurou-se coletar informações sobre a primeira infância no cenário educacional escolar e/ou comunitário, acedendo às primeiras manifestações de dinâmicas socioeducativas da vida. A busca foi a de entender a base do relacionamento (tanto em aspectos positivos quanto negativos) da conexão e dos vínculos nesse contexto inicial entre professores e colegas de escola (ou de contexto de vivência), em conjunto com os processos educativos. Essa parte está composta de seis questões.

3º BLOCO: EDUCAÇÃO - ADOLESCÊNCIA

Em consonância com o bloco anterior, este parágrafo buscou coletar informações do cenário da educação escolar, mas e também comunitária (cotidiana na vivência com os outros), a fim de entender a continuidade e, se foi o caso, a ruptura dos processos de ligação (vinculares) no percurso educativo, como matrizes de aprendizagem. Essa parte foi construída com quatro perguntas.

4º BLOCO: ATIVIDADE LABORAL - NA PRAÇA DO MERCADO DE ABASTOS DE COMPOSTELA

O objetivo desta seção é obter uma descrição da atividade de trabalho que é desenvolvida na *Praça*, entendendo essas atividades como resultado de processos educacionais e de formação (pessoal e coletivo) como resultado de um processo de grupo e trabalho. Esse bloco está composto por quinze perguntas.

5º BLOCO: ATIVIDADE LABORAL - RELAÇÕES VINCULARES NO LUGAR DA PRAÇA

O objetivo deste bloco, em continuidade ao anterior, é o de obter um relato das relações afetivas, emocionais e de interesses nesse contexto de grupo das/dos trabalhadoras/es da *Praça* (*placeras/placeres*), percebendo as atividades laborais desenvolvidas como necessidades que forjam o vínculo (dados com base nos

processos educativos de trabalho) que une o coletivo especificado a partir das relações sociais na *Praza*. Essa parte está concebida com sete perguntas.

6º BLOCO: DISCURSO EDUCACIONAL

Nesta parte, procurou-se recolher as expressões relacionadas ao pensar e sentir dos processos educacionais como aquisição de ferramentas para aplicação prática no contexto das atividades de trabalho. Esse bloco está estruturado com quatro perguntas.

7º BLOCO: EDUCAÇÃO – INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

O objetivo desta seção é a de compilação do entendimento, também o lugar que ocupa o uso dado às novas tecnologias, estas como ferramentas de trabalho e comunicação modernas no entorno abastiano. Essa parte está constituída de nove perguntas.

8º BLOCO: EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS

Nesta seção, a final, demandou-se recolher quais são e como se dão as expectativas, como se desenhma em relação à permanência e manutenção do espaço vincular educativo e de emprego que é a *Praza*. O bloco está composto de sete perguntas.

A etapa de entrevistas vinculares em profundidade se deu em três momentos, o primeiro de prova de campo, no qual se buscou um perfil representativo e com larga história de trajetória vital na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela. O segundo momento relcionou-se ao desenvolvimento das entrevistas conforme a possibilidade de participação voluntária e sem deter-se na consideração do perfil global⁶⁴ estipulado para ser entrevistado (trabalhadoras e trabalhadores em atividade de mercado). Já o terceiro momento ocorreu à procura específica do perfil restante a completar,

⁶⁴ Nos seguintes módulos interpretativos, será descrito o perfil global de pessoas trabalhadoras na *Praza*, sendo que o perfil entrevistado (em entrevistas vinculares em profundidade) se deteve nas/nos agentes sociais trabalhadores em atividade propriamente de mercado e que têm relação direta com a atividade de venda de produtos (ou que oferece um serviço, no caso da venda de alimentos preparados).

para, assim, poder compor o estudo a partir dos distintos lugares de falas, considerando aspectos como a equidade de gênero e setores novos na *Praza*, como, por exemplo, o de alimentos elaborados que se especificam na dinâmica cotidiana como setor de restaurantes (*hotelaria e restaurantes*).

É importante exprimir que existem 16 categorias de sujeitos e identidades que compõem a *Praza*, sendo essas: instituição proprietária da *Praza* (Prefeitura/*concello*); empresa responsável pela gestão da *Praza* (*Sociedade Cooperativa Galega*); donas/os de postos que não trabalham prioritariamente em atividade de mercado; donas/os de postos (*casetas*) trabalhadoras/es diretamente de atividade de mercado (entre outras atividades); trabalhadoras/es contratadas/o; camponeses; agricultoras/es-vendedoras/es; pessoal de limpeza; pessoal de segurança; pessoal trabalhador em bilheterias *slogans* etc.; trabalhadoras/es informais (fixas/os); trabalhadora/or ambulante; provedores; compradoras/es e clientes; passeantes e turistas. Porém, essas serão descritas, no entanto, no capítulo próprio, no contexto de estudo.

Em anexo, no quadro número XX, estão a lista dos contatos iniciais com as pessoas agentes entrevistadas da *Praza* e os dias nos quais foram realizadas as entrevistas em profundidade, listando todo o período de coleta de dados em entrevistas.

5.4.2.2. Mostra e critério de seleção para a entrevista vincular em profundidade

A seleção da mostra foi intencionada, quer dizer, foram buscados agentes específicos, ainda que dentro de certos perfis específicos com base em uns critérios de seleção que facilitaram a composição da amostragem da investigação.

A questão da intencionalidade sempre está fundamentada no conjunto do universo social estudado e do aspecto coletivo daquelas e daqueles que trabalham na *Praza* - quer dizer, na representatividade, e a partir do contexto global abastiano. Ainda que seja certo, porém, que o conceito de representatividade choque (a um nível) com seleção de

mostra intencionada, entende-se como representatividade uma “decisión muestral” (Valles Martínez, 1997) que passa por contemplar dentro do grupo social estudado a diversidade discursiva, em termos de lugar de falar e das variadas matrizes de aprendizagem, os distintos tipos sociais que estão no grupo: “Una decisión muestral puede pasar por combinar una determinación de tipos sociales y/o atributos específicos de quienes participan en el grupo social como variante discursiva” (Aliaga, Basulto & Cabrera, 2012).

De outra forma, Andrade Torales (2006) nomeia de “restrições” as devidas especificações tidas em conta dentro da mostra intencional: “algumas restrições, como por exemplo” ou o uso de critérios para a escolha dos informantes (Andrade Torales, 2006: 165). Dessa maneira, se estipularam critérios de perfil a serem entrevistados nas entrevistas vinculares em profundidade para abarcar lugares de falas particulares que compõem o coletivo especificado no comunitário grupal da *Plaza de Abastos*.

Para a seleção dos informantes, foram considerados seis critérios, estabelecidos em termos de decisão amostral na hora de considerar as/os agentes a serem entrevistados: 1) Idade, 2) Gênero, 3) Grau de instrução 4) Espaço em categoria (posto e pedra; dentro e fora dos portões da *Praza*) e 5) Âmbito (categoria de trabalho ou âmbito de atividade), 6) haver feito parte da cooperativa (este não excludente, e relativo ao coletivo trabalhador em posto fixo).

Os critérios listados foram conjugados com o aspecto de condicionante de lugar de existência, da maneira como se dá a postada em cena de cada agente trabalhadora/or possível informante, a saber: trabalhadora/or de posto fixo (administrador, titular da concessão e contatadas/os), trabalhadora/or camponês, trabalhadora/or agricultora/or, trabalhadora/or informal (fixo ou ambulante) e gerência da *Praza* (cooperativa e da Prefeitura/*Xunta*). Sendo que não foram consideradas as categorias de trabalhadora/or de limpeza, de segurança e *slogans*. Adiante, se descrevem os critérios de seleção da amostra para as entrevistas.

a) **Do critério de idade.** Deu-se preferência às pessoas mais idosas e também às mais jovens, primando pelas primeiras. Esse

critério, primeiro, considera as pessoas mais idosas, por ser o coletivo histórico depositário da história social da *Praza* ao longo do tempo; segundo, o coletivo mais jovem, por dar testemunho da renovação geracional na *Praza* com a possibilidade de sinalizar os mecanismos que o conformam e sustentam.

b) **Do critério de gênero.** Concedeu-se preferência às mulheres, tendo em conta que o trabalho na *Praza* está feito de maneira maioritária por mulheres, e essa predominância foi considerada na hora de selecionar os sujeitos a serem entrevistados - ainda que na busca final como resultados isto tenha se limitado a garantir o número proporcional de entrevistas a homens e a mulheres.

c) **Do critério de grau de instrução.** Buscou-se abarcar a diversidade das dinâmicas formativas na educação do coletivo da *Praza*. Quer dizer que ter ou não ter estudos escolares não foi a base de seleção estabelecida, senão que se buscou a diversidade dentro deste amálgama, porque se considera a importância de aceder aos distintos falares, considerando, também, variegados graus de instrução (em sentido de formação escolar). Dessa maneira, o presente estudo buscou narradoras/es e informantes com diferentes níveis de acesso às instituições de ensino oficiais, partindo dos discursos coletados, sem considerar a posição marginal, ou marginalizada, relativa ao não acesso à escolarização.

d) **Do critério de categoria relativa ao lugar de trabalho,** no sentido da prática social vigente que contemple a diversidade de formas de estar enquanto trabalhadora/or na *Praza*, tanto as relativas e nomeadas como “legais”, as/os informais, como as que não estão especificadas nessa categoria. Só se terá em conta o processo de desenvolvimento do trabalho, sendo as categorias de lugar as seguintes, dentre as cinco elencadas: trabalhadora/or de posto fixo (administrador, titular da concessão e contatadas/os), trabalhadora/or paisana, trabalhadora/or agricultora/or, trabalhadora/or informal (fixo ou ambulante) e , administração da gestão da *Praza* (cooperativa e da Prefeitura/*Xunta*).

e) **Do critério do âmbito de atividade,** que a pessoa entrevistada estivesse ativa em alguns dos âmbitos laborais próprios da *Praza*

de Abastos. Esses âmbitos estão categorizados pela cooperativa que gere a *Praza* e são apresentados na página oficial do Mercado de Abastos, sendo entendidas como âmbitos de atividades reunidos em quinze categorias (em idioma galego): 1) *Aves e ovos*; 2) *Bacallau*; 3) *Carnicería*; 4) *Conxelados*; 5) *Flores*; 6) *Froitas e Verduras*; 7) *Peixe e Mariscos*; 8) *Perfumes e Teas*; 9) *Queixo*; 10) *Restauración*; 11) *Xoias*; 12) *Pan*; 13) *Quiosco*; 14) *Chacinería*; 15) *Varios* (Mercado de Abastos de Santiago, 2012).

f) Do critério de participar da cooperativa que gestiona a *Praza* (ou haver participado). Esse não é excludente e se faz relativo ao coletivo trabalhador em posto fixo como dona/o ou gestora/or, dando prioridade a quem compõe ou compôs a cooperativa, por entender este como um espaço de referência que reúne sujeitos ativos da *Praza*.

Procurou-se compor um conjunto de critérios que recolhesse a diversidade de agentes trabalhadores presentes na Plaza de Abastos para abarcar a diversidade da *Praza*, constituída por diferentes perfis e papéis sociais. A multiplicidade de lugares de falar ocorrente na *Praza* representa um valor a ser focado e o processo de seleção de campo foi desenhado no sentido de adentrar essa multiplicidade e contemplar de maneira representativa a citada diversidade.

A busca das/dos interlocutores se pautou na procura para garantir o encontro com o nomeado bom informante, a partir da consideração dos seguintes critérios:

- Capacidade comunicativa;
- Conhecimento da realidade da *Praza*;
- Atividade e setor de trabalho na *Praza*;
- Tempo de permanência na *Praza*;
- Gênero;
- Idade;

O objetivo desta etapa de investigação foi o de desenvolver um marco de relações que facilitasse o fluxo comunicativo e a construção de um contexto de confiança para a interação e o fluxo dinâmico da informação.

Para esta etapa, contou-se com cartas de apresentação (Anexo número VII), e amparando-se na ligação com a/o agente social e/ou instituições que vincularam a pessoa trabalhadora na *Praza* (às/aos *placera* e *placero*). A pesquisadora pode aceder a agentes voluntárias/os para as entrevistas vinculares em profundidade.

Assim, contou-se com cinco agentes sociais adjuntos à *Praza* que facilitaram o acesso a agentes sociais trabalhadoras/es: dois compradores habituais e históricos da *Praza*, um familiar e também amigo de agentes trabalhadores na *Praza*, uma ativista social do rural com contatos na *Praza* e uma colaboradora de atividades de promoção à *Praza*. Também efetivou-se a abordagem direta com apresentação da carta que explicava o estudo e seus objetivos. Essas foram as estratégias para chegar a agentes que participaram na entrevista vincular em profundidade.

Por último, também se demandou contato com instituições, como a Sociedade Cooperativa Galega (cooperativa que administra a *Praza*) e também ao Concello de Santiago de Compostela (Secretaria de Comércio). Estes dois últimos contatos foram destinados à entrevista fechada (Anexo número VIII) para aclarar dúvidas de informações e poder contrastá-las, dado o enquadramento do estudo em etnoconhecimento que primou pelas pessoas agentes sociais trabalhadores em atividade de mercado.

A mostra final, eleita de forma intencionada e com base aos critérios descritos, esteve integrada por 11 agentes sociais. A lista de siglas utilizadas para referenciar as/os agentes sociais entrevistadas/os, com suas especificadas descrições, foi a que segue.

Quadro 11: Mostra Geral do Estudo

CÓDIGO	DESCRIÇÃO
EMF	Entrevista Mulher Frutaria (<i>Frutas e Verduras</i>)
EHF	Entrevista Homem Frutaria (<i>Frutas e Verduras</i>)
EHC	Entrevista Homem Marchante (<i>Carniceria</i>)
EHV	Entrevista Homem Loja de Vinhos (<i>Viñoteca</i>)
EMP	Entrevista Mulher Peixaria
EHE	Entrevista Homem Ecológico
EHA	Entrevista Homem Agricultor (Perdida)
EMAA1	Entrevista Mulher Administrativa
EMC	Entrevista Mulher Preparadora de Comida
EMA	Entrevista Mulher Agricultora
EMAA2	Entrevista Mulher Administrativa

Fonte: Produção Própria.

A lista de código sistematizada antes considerou o sexo e a categoria de atividade laboral, correspondendo, de forma respectiva: E (entrevista); M (Mulher); H (Homem); C (Comida preparada); A (Agricultora/or); E (Ecológico); P (Peixaria); V (*Viñoteca*); C (*Carniceiro*); F (Frutaria); Aa (Administração) uma e dois, respectivamente. O especificado código será empregado para identificar a/o autora/or das citações de cada testemunho utilizado.

5.4.2.3. Controle das entrevistas em profundidade

Os dados recolhidos no quadro apresentado posteriormente serviu primeiro para controlar a diversidade dos lugares de fala ao proceder à etapa de campo e da busca de pessoas para as entrevistas vinculadas em profundidade. Segundo, a necessidade de compor o quadro se fez porque, à medida que se faziam as entrevistas, também, se desenvolveu a observação dos afazeres, das dinâmicas diversas, ao mesmo tempo em que se pode compor um enquadramento que incidiu na recolha de informações na etapa de campo especificada em

entrevistas vinculares em profundidade, o que resultou em levantamento de diversidade de informações e, principalmente, de hipóteses a serem investigadas.

Quadro 12: Controle das entrevistas vinculares em profundidade

Número da entrevista: 01	Tipo de abordagem: Direta
Número de contatos prévios às entrevistas em profundidade: . cinco	Em direto: mais de cinco . Por telefone: mais de cinco
Número de encontros nos que se fizeram as entrevistas: 1	
Dias das entrevistas: . 24/09/2018	Tempo de duração do encontro: mais de três horas
Locais nos quais se fizeram as entrevistas: Cafeteria na proximidade da <i>Praça</i>	
Perfil da/o Entrevistada/o: Trabalhadora posto fixo/dona sem empregada/o	
Anos em Abastos: 34 anos*	Dias da semana na Praça: Segunda a sábado
Categoria de atividade: Fruta e Verdura	
Observação: PROVA DE CAMPO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE. *A agente social é conhecida há anos, inclusive já havia sido entrevistada para um estudo piloto anteriormente no período de TIT - Trabalho de Investigação Tutelado. - Lista de temas (questionamentos e hipóteses) levantadas: paisanas enfrentadas, buscar ASUCA, pensar nas críticas às instituições e nos espaços ocupados por mulheres.	

Fonte: Produção Própria.

As informações alcançadas, e que preencheram o quadro para cada uma das pessoas entrevistadas, se especificam da seguinte maneira, descrevendo o quadro anteriormente apresentado.

- Número da entrevista: Numeração progressiva a partir do início da entrevista. Um dos fatores de fluidez no processo das entrevistas é o número, quanto mais se entrevista, mais fluidez e naturalidade tem-se com o roteiro, a linguagem, a busca de relação etc. que foi adquirindo fluidez a cada entrevista feita.

- Tipo de abordagem: direta ou indireta. Direta é quando a investigadora aborda a/o trabalhadora/or da *Praza (placera/o)*, explicando o estudo e pedindo a participação e consultando a disponibilidade para a entrevista gravada. A indireta é quando a investigadora se vale de outras pessoas próximas e do contexto de confiança para acessar a *placera/o* para entrevistar. A indireta foi mais efetiva porque se trata de um contexto de intimidade (as entrevistas em profundidade) no qual o falar se faz possível pelo grau de relação com um terceiro, dada a dinâmica do pedido em que se faz uso de aparelho de gravação e se abordam temas íntimos etc.
- Número de contatos prévios às entrevistas em profundidade: este tem dois aspectos, direto e indireto. No direto é quando se vai à *Praza* falar com as pessoas antes da entrevista; por outro lado, por telefone, tanto chamada telefônica como por mensagem de teto (por *whatsApp*), em que há vários elementos comunicativos e de aprendizagem do outro que são postos em prática.
- Número de encontros nos que se fizeram as entrevistas: este varia de um a quatro encontros, segundo a dinâmica pautada por parte de cada pessoa entrevistada, no qual há tanto a forma discursiva mais dilatada ou sintética, como a necessidade de prolongar (ou não) os relatos por parte de quem fala.
- Dias das entrevistas: especificando as datas de cada encontro para ter em conta fatores de fluxo de clientes, mais carga de trabalho, entre outros.
- Tempo de duração do encontro: recolhe a temporalidade do processo da entrevista de forma aproximada, que nunca se deu por menos de uma hora, porque se tratou de dinâmicas cooperativas desenvolvidas mediante conversas fluidas.
- Lugares nos quais se fizeram as entrevistas: dependeu da disponibilidade e da opção das pessoas entrevistadas. A investigadora atuava em função da necessidade e preferências das/dos sujeitos sociais entrevistadas/os. Alguns queriam privacidade para poderem falar sem problema. Com base nessa

realidade, se tem os lugares distantes da *Praza*, ou inclusive pela necessidade de conciliação da vida profissional e pessoal, entre outros motivos. Em sua maioria, as opções para as entrevistas vinculares em profundidade se deram, entretanto, no próprio posto de trabalho, dado que se trata de um coletivo autônomo e que se define com pouca disponibilidade horária.

- Perfil da/o entrevistada/o: trata-se de ilustrar o lugar do discurso em termos de situação laboral e vincular, no sentido de ser trabalhadora/or em posto fixo, ou pedra, de ser dona/o ou empregada/o.
- Anos na *Praza*: o tempo que leva trabalhando na *Praza* para poder entender o contexto mais amplo das narrativas.
- Dias da semana na *Praza*: ilustrar a dinâmica relacionada com os dias da semana. A *Praza* abre para o público de segunda a sábado, porém alguns coletivos, como o das peixarias, na segunda-feira, não abrem, também o coletivo das paisanas ou agricultoras/es que vão sábado e eventualmente algum dia da semana, quintas ou sextas-feiras, entre outros.
- Categoria de atividade: evidencia o tipo do ramo de serviço que presta e com que produto trabalha na busca de recolher a diversidade de lugares de fala.
- Observação: aqui se descreve por meio de que agente social se teve acesso à pessoa entrevistada (em algumas, fazem-se referências a esses sujeitos no processo de relato); também sinalizou-se a entrevista que se fez como prova de campo do roteiro de entrevista, dentre outros aspectos que puderam incidir na entrevista e na coleta de informação.
- Lista de temas (questionamentos e hipóteses) levantadas: no transcurso de cada entrevista, iam surgindo questionamentos a averiguar, como também de hipóteses e que direcionaram o estudo, tanto no desenho final do módulo teórico, como nos resultados finais alcançados.

5.4.3. O Questionário

Malgrado o ensaio mostrado o seja desde a metodologia qualitativa no enquadramento etnográfico, o certo é que o estudo da *Praza* pretendeu conjugar técnicas qualitativas e quantitativas para a abordagem dos processos educativos dos agentes sociais trabalhadores da *Praza*, sem deter-se na pureza metodológica e baseando-se na idéia de linha contínua (*continuum*). Em metodologia, para Gamboa, “não se trata de opções radicais, mas de definir intensidades nesse continuum (...) maior elaboração e articulação de conceitos, corrigindo desequilíbrios presentes nas formas radicais dos paradigmas quantitativo-realista ou qualitativo-idealista” (Gamboa, 2007: 94), e na concepção de que não existe incompatibilidade entre os dois métodos de colheita de dados (Anguera Arguilaga, 1986: 4).

O questionário, assim, seria empregado como um meio para coletar indicadores particulares por meio do formato de questionário ou enquête. A justificação para o emprego da enquête se deu por dois aspectos. Por um lado, não se encontrou informação científica relativa ao perfil trabalhador da *Praza* nem respeitante às percepções sociolaborais ou de reivindicações e de lutas para a manutenção do grupo, tampouco dos seus modos de vida.

Por outro lado, a linha metodológica desta pesquisa optou por seguir no enquadramento do etnoconhecimento, ao pretender aplicar um questionário para que as/os agentes sociais procedessem à autodefinição, reconhecendo o lugar de saberes das/dos agentes sociais trabalhadoras/es na atividade de mercado da *Praza* (essas especificações entendidas nos aspectos de sentimento que se buscava recolher). Também o questionário atendia a impossibilidade de acessar, junto à Administração Pública, determinadas informações em consequência da lei de proteção de dados.

O questionário e a proposta para análise posterior dos dados se desenhou, também, com base ao apartado teórico amparado nos estudos de Amartya Sen (1995) no enquadre da sua lista das capacidades humanas, esta abstraída na abordagem socioeducativa com a leitura de Cejudo Córdoba (2006), para assim aunar as informações a nível dos

sujeitos, ainda que também se teve em conta as informações recolhidas nas etapas de campo. A lista das capacidades com destaque nos aspectos socioeducativos é a que segue:

— estar sana; — vivir largo tiempo; — ver; — satisfacer sus necesidades nutritivas; — tener una vivienda; — tener ropa; — ser respetada por los demás; — participar en la vida social de la comunidad; — tener vacaciones; — estar junto a sus seres queridos; — elegir con conocimiento de causa; — estar equilibrada; — sentirse feliz; — estar satisfecha; — *tener una educación*; — *leer y escribir*; — *realizar operaciones aritméticas básicas*; — *estar escolarizada*; — *usar los conocimientos y destrezas escolares*; — *comunicarse*; — *argumentar*; — *tomar parte en los adelantos científicos y humanísticos*; — *crear cosas*; — *estar bien informada*; — *encontrar un buen empleo* (Cejudo Córdoba, 2006: 369).

Tratava-se de recolher informações e estruturar uma leitura a partir das habilidades e aptidões básicas que são consideradas no Índice do Desenvolvimento Humano para poder estruturar um perfil das/dos agentes sociais na *Praza*.

Dada, entretanto, a situação de rompimento da possibilidade de mobilidade e de contato direto postos pela pandemia por COVID-19, não se efetiva a coleta de dados em campo do questionário que se encontrava já com a revisão final feita e pronta a prova de campo (anexo número III).

Assim, a não aplicação da enquete exigiu a reformulação da organização dos dados recolhidos em campo e a necessidade de fazer outras entrevistas em profundidade a outras duas pessoas trabalhadoras na *Praza*, como também de ampliar o espectro de entrevistas, adentrando o formato de entrevistas semiestruturadas a agentes do âmbito da gestão. Nesse sentido, há que deixar o registro de que a entrevista estruturada passada somente se deteve a aspectos de dados concretos, e que não foi constituída de perguntas de opinião.

Ainda que se tenha pretendido, no entanto, utilizar a ferramenta do questionário, este se colocou no âmbito da abordagem qualitativa porque

se utilizou o método etnográfico, como processo metodológico no dizer de Pulido Rafael (2003), ao afirmar que “el término etnografía designa (...) un proceso metodológico” (Maturana Moreno & Garzón Daza, 2015: 197). Quer dizer que todo o processo de construção do questionário se deu conjugando aspectos de trabalho de campo, de busca bibliográfica, de levantamento de hipóteses e gerando pontos que adquiriram questionamentos e interpretação. Ou seja, ainda que o questionário não tenha sido empregado, todo o processo para o seu desenho final (antes da prova de campo) gerou e conjugou uma amplitude de conhecimentos que impactam neste informe final de investigação.

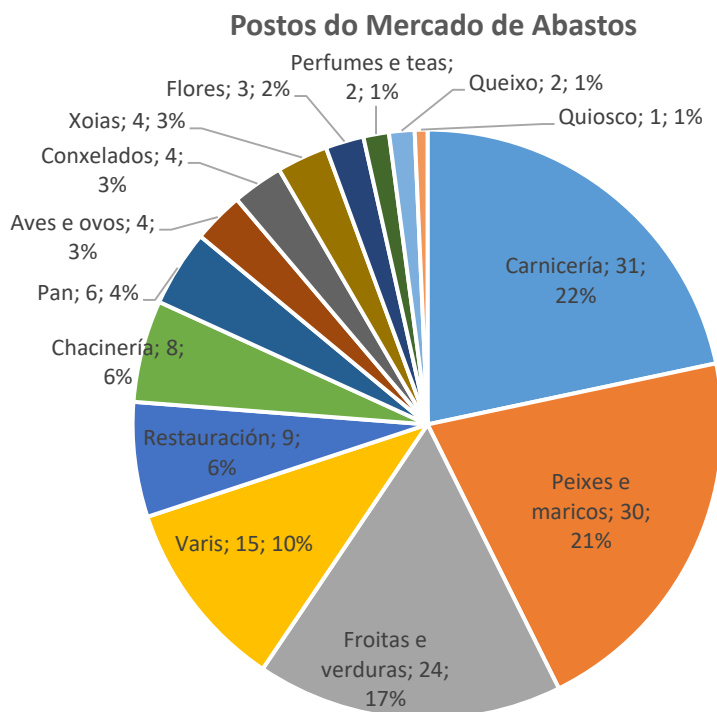
O questionário se desenhou com base no definido como “sección transversal no ponderada”, dado o objetivo de estipular o perfil dos trabalhadores da Praça Abastos, neste sentido: “El diseño de encuesta más familiar y simple es la sección única transversal no ponderada. Se efectúan una única vez en cada investigación y es el método preferido para determinar las características de una población en un momento particular” (Campbell & Katona, 1979: 37).

Em relação ao objetivo geral do questionário, considerando os aportes de Campbell e Katona (1979), tem-se: a) elaborar um perfil das pessoas e agentes sociais trabalhadores na *Praça*; b) sistematizar o perfil social em termos de idade, sexo; c) elaborar o perfil presente socioeducativo que há em Abastos, d) o perfil referente à relação grupal disposta na *Praça*; e e) as inserções das atividades na sociedade da informação e da comunicação.

De outra forma, na mostra (ponto três em Campbell e Katona, 1979 para o desenho de enquête), relativamente à quantidade de pessoas sondadas, o estudo marca como objetivo passar o questionário a todos os postos de trabalho fixos (excluindo, assim, os postos de trabalho de pedras – e agricultores que se colocam em postos improvisados ou nas pedras destinadas a este fim – além de não aceder aos trabalhadores ambulantes e ao pessoal da gestão etc.). O número de pessoas e postos que serão entrevistados, por meio do questionário, porém, em todo caso, não será inferior ao 30% (Nachmias e Nachmias, 1996 e Perrien, Chéron e Zins, 1984, cap. 7) a partir de Campbell e Katona (1979).

Esse índice de 30% do coletivo trabalhador em Abastos será regido a partir de cada setor de atividade, como também de lugar específico do ato de trabalho. Assim, tem-se no tocante ao setor ou categoria de atividade⁶⁵: 1) Aves e ovos; 2) Bacalhau; 3) *Carniceiria* (Açougue); 4) Congelados; 5) Flores; 6) Frutas e Verduras; 7) Peixe e Mariscos; 8) Perfumes e Tecidos; 9) Queijo; 10) *Restauración* (Restaurantes); 11) Joias; 12) Pão; 13) *Quiosque* (banca de revista); 14) *Chacinería* (embutidos); 15) Vários.

Quadro 13: Gráfico dos boxes (postos ou casetas) na Praça



Fonte: Produção própria, com suporte nos dados disponíveis na página da Cooperativa da Praça.

⁶⁵ Estas lista e categorização apresentadas na página da Cooperativa que administra a *Praza* foram recolhidas e aceitas por este estudo.

<http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/> (Consulta feita em 10/03/2018).

Quadro 14 - Ficha técnica do questionário⁶⁶

QUADRO: Ficha técnica da enquête ⁶⁷		
INTERESSADOS	Estudo de Doutorado em Educação USC	
OBJETIVOS	Saber: qual o perfil da- trabalhadora-or e da atividade desenvolvida em Abastos para. Conhecer: (1) Conhecer as funções atuais desse contexto social (individuais e coletivos); (2) Quais são os processos educativos dados no Mercado; (3) Como se dá a relação vincular dos agentes e setores que compõem Abastos.	
AMOSTRA	Tipo de público-alvo	Quantidade
	Coletivo Trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela	Trabalhadora-or Posto Fixo: 36,6; Trabalhadora-or donas-os de postos: Trabalhadora-or contratadas-os:

Fonte: Freitas e Mascarolas, 2002.

Para esta etapa de coleta de informação por meio de enquête se teria uma carta de apresentação que exporia os motivos do estudo e o compromisso de ética científica, dentre outros (Anexo número IX). A enquête, malgrado seu completo desenvolvimento e preparo para sua aplicação (Anexo número III), não foi empregada no coletivo trabalhador da *Praça* por motivo da pandemia mundial por COVID19.

⁶⁶ Modelo de quadro retirado de Freitas e Mascarolas (2002). Da Observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. RAE-eletrônica, Volume 1, Número 1, jan-jun/2002.

<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1159&Secao=INFORMAÇÃO&Volume=1&Numero=1&Ano=2002>

⁶⁷ Modelo de quadro retirado de Freitas e Mascarolas (2002). Da Observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. RAE-eletrônica, Volume 1, Número 1, jan-jun/2002.

<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1159&Secao=INFORMAÇÃO&Volume=1&Numero=1&Ano=2002>

5.4.4. O estudo documental

Uma quantidade significativa de informação sobre a Praça de Abastos do Mercado de Compostela está em arquivos históricos e contextos dispersos, tanto em fontes primárias (material do Arquivo Histórico Universitário da USC sem editar), como em outras linguagens (literária, blogues etc.) e também em código que não é o escrito (audiovisuais, pinturas), por exemplo.

As informações localizadas e consultadas foram as especificadas à continuação. Para tanto, contou-se com procedimento estandarizado para a recolha de informações, sendo os seguintes aspectos tidos em conta: nome da instituição, endereço, página web, nome ou identificação das ou dos bibliotecários consultados, um resumo sobre os resultado da visita, observação se for o caso e como fundamental a bibliografía localizada e acessada. Dessa maneira, estruturou-se para um controle da coleta de informação um quadro-esquema que foi utilizado para recolher indicadores desta etapa.

Quadro 15: Visita às bibliotecas (formulário para o registro de documentos)

QUADRO: Visita às bibliotecas	
Número de identificação:	
Nome da instituição:	
Endereço:	
Página Web:	
Bibliotecários consultados:	..
Resultado da Visita:	
Obs:	
BIBLIOGRAFÍA LOCALIZADA E ACESSADA:.	

Fonte: Produção Própria.

Para esta etapa, contou-se com uma carta de apresentação (Anexo número X) entregue em mão às/os bibliotecárias/os e pessoal de atenção à cidadania e agentes contactados.

Por outra parte, em decorrência da abundância do material geral encontrado sobre a *Praza* na rede internacional de dados, como também, e por outro lado, a escassez de material científico localizado em distintos lugares e fontes, esta etapa de visitas a bibliotecas e instituições – e também a consulta à rede – foram desenvolvidas no decurso de todo o tempo de estudo e elaboração deste informe de investigação.

5.4.4.1. Procedimento de visitação às bibliotecas

No mês de julho 2016, efetivou-se a primeira rodada de visitas diretas e físicas às várias bibliotecas, instituições e arquivos da cidade de Santiago de Compostela, na busca de referência librária específica a respeito da *Praza do Mercado de Abastos*. Cabe destacar, neste segmento, a grande ajuda dos bibliotecários para localizar e acessar às escassas referências bibliográficas encontradas a respeito da *Praza*. Nesse sentido, vem a busca de bibliografia pela internet (no *Google* os termos “praza do mercado de abastos de santiago de compostela”, obtendo aproximadamente 325.000 resultados em 1,14 segundo; também com os termos em castelhano “plaza del mercado de abastos de santiago de compostela”, adquirindo aproximadamente 323.000 resultados por 0,93 segundo; e no *Google académico*, com resultados de estudo na abordagem arquitetônica), sistematizou-se uma lista de instituições a visitar, as quais foram posteriormente contactadas e em seguida visitadas. Foi de significativa importância contactar por meio institucional prévio, mediante carta do professor diretor do estudo.

Nos meses de julho e outubro de 2016, as seguintes instituições foram visitadas, havendo-se obtido os resultados especificados na sequência, em ordem alfabética:

• **Archivo Histórico Diocesano de Santiago de Compostela**

Endereço: Praza da Inmaculada, 5, C.P. 15704 Santiago de Compostela.

Página Web: <http://www.ahds.es/>

Bibliotecários consultados: por motivos de proteção de dados, oculta-se esta informação.

Resultado da Visita: Nenhum documento encontrado. Orientada a ir à igreja San Félix de Solovio e falar com o padre responsável pela paróquia.

BIBLIOGRAFIA LOCALIZADA E ACESSADA:

Nenhuma; porém, há alguns documentos que datam de 1870 e 73 que não podem ser consultados em razão do seu estado físico, mas que poderia conter informação direta ou relacional sobre a *Praza*.

• Arquivo Histórico Universitario USC

Endereço: Rúa das Casas Reais, 5, C.P. 15704 Santiago de Compostela.

Página Web: <http://www.usc.es/gl/servizos/arquivo/>

Bibliotecárias consultadas: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação

Resultado da Visita: não foi possível fotografar nenhuma documentação em razão de norma da biblioteca. A documentação encontrada requer o pagamento de uma taxa de 60 euro por folha para poder ser publicada.

Obs.: Observações recolhidas no verso das folhas de visitação. Também um impresso que recolhe as especificações como um guia da consultas feitas (6 fichas).

BIBLIOGRAFÍA LOCALIZADA E ACESSADA: diversidade de documentos em fontes primárias distribuídas em vários tomos, três deles encadernados e outros dentro de caixas apropriadas, porém dispersos em folhas soltas e sem ordenamento.

• Archivo Municipal do Concello de Santiago

Endereço: Praza do Obradoiro, 1-3º andar, Santiago de Compostela.

Página Web:

http://santiagodecompostela.gal/casa_concello/servizo.php?txt=ser_arq_municipal&lg=cas&c=31

Bibliotecária consultada: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da Visita: vários arquivos de fontes primárias localizados. Conta com índice ordenado e especificado por documentação, este composto de duas listas, uma dos documentos entregues ao Arquivo Histórico Universitário (segundo a bibliotecária, os documentos mais antigos são trasladados à USC) e outra lista com os documentos presentes neste arquivo.

Obs.: Fotografias de documentos e lista dos documentos que estão nos arquivos dessa instituição. Além disso, orientou-se a visita à Calle Galeras, onde está o setor administrativo que trabalha com a gestão direta da *Praza*. Por outro lado, concederam a informação de que, para publicar qualquer documento, é necessário solicitar autorização da Prefeitura (do *Concello* de Compostela).

BIBLIOGRAFÍA LOCALIZADA E ACESSADA: Foi encontrada muita documentação de fonte primária do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, todos os documentos ordenados e recolhidos em 17 caixas classificadoras, que contêm documentação a partir do ano de 1960 até o ano de 1987. Foram consultados de maneira detida e feitas fotografias dos seguintes documentos: 1960 Reglamento del Mercado de Abastos; 1963 Disposición Municipal de Cierre del Mercado de Abastos los domingos; 1968 Modificación del art. 14 del reglamento del Mercado de Abastos; 1981 Reglamento Plaza de Abastos; 1985 Informe Sobre Reorganización Mercado de Abastos; 1994 Plano Definiório de la propuesta de prototipo de puesto de venta.

• **Biblioteca de Galicia (Biblioteca Nacional da Galícia)**

Endereço: Cidade da Cultura, Monte Gaiás, s/n, C.P. 15707 Santiago de Compostela.

Página Web: <http://bibliotecadegalicia.xunta.gal/es>

Bibliotecários consultados: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da visita: orientação para fazer consultas à rede “Galiciana” e a arquivos de jornais locais a partir de anos concretos, em especial, o arquivo do Correo Galego. Na biblioteca Nacional. De maneira concreta, localizou-se o texto referenciado na sequência (fotocópia e fotografia), entretanto, os bibliotecários consultados listaram as seguintes bibliografias: “Planos y dibujos de arquitectura y urbanismo”:

- Galicia en los siglos XVI y XVII C.D (Colegio de Arquitectos);
- Costa Buján, Pablo (tesis), 2013. La Construcción de Santiago entre 1778-1950;
- Maria Meijide, “Mercado de Abastos de Compostela”.

BIBLIOGRAFIA LOCALIZADA E ACESSADA: 1. Gómez Santa María, Agustín. “Considerações sobre o mercado de abastos para Santiago”. Fontes escritas para a história de arquitectura e do urbanismo en Galicia: (séculos XI-XX) Tomo 2, p: 1259740.

• **Biblioteca de Galicia (Arquivo de Galicia)**

Endereço: Cidade da Cultura, Monte Gaiás, s/n, C.P. 15707 Santiago de Compostela.

Página Web: <http://bibliotecadegalicia.xunta.gal/es>

Bibliotecário consultado: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da visita: (descrição perdida por problemas informáticos).

BIBLIOGRAFÍA LOCALIZADA E ACESSADA: (descrição perdida por problemas informáticos).

• **Biblioteca e Arquivo Documental Museo do Pobo Galego**

Endereço: San Domingos de Bonaval, C.P. 15703, Santiago de Compostela.

Página Web: <http://museodopobo.gal/web/servizos-biblioteca.php>

Bibliotecária consultada: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da visita: teve-se acesso a uma série de bibliografias, tanto da *Praza* de maneira específica, como da cidade de Santiago em geral, além de um texto pertinente para o presente estudo "Galicia, El matriarcado", de forma específica na página 44, que conta de acervo fotográfico. Foram tiradas fotografias, de maneira que cada uma das referências listadas abaixo conta com fotografia do corpo do texto, excepto um livro, "Sobre la policía y régimen de los Abastos" ao qual foi impossível o acesso.

BIBLIOGRAFIA LOCALIZADA E ACESSADA: 1. **Finisterre**, Revista de Galicia; 2. Publicaciones Rey Alvite. Festas patronales, julio de 1947, p- 28-29; 3. Sobre la policía y régimen de los Abastos; 4. Santiago de Compostela, fotos p.:532, Patrimonio Histórico Gallego 1993; 5." Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente, 1995;6. Compostela. Dibujo de Vaquero Palacios, julio de 1954; 7. "Galicia, El matriarcado", p44.

• **Biblioteca Pública de Santiago Ánxel Casal**

Endereço: Avda. de Xoán XXIII s/n, C.P. 15704, Santiago de Compostela.

Página Web: <http://bibliotecas.xunta.gal/santiago/es>

Bibliotecárias consultadas: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da visita: teve-se acesso a duas referências listadas abaixo, sendo que a primeira já se havia encontrado na biblioteca da USC.

BIBLIOGRAFIA LOCALIZADA E ACESSADA: 1. Mercado de Abastos : Santiago de Compostela/Henrique Neira, Miguel Seoane, Carmen E. Vázquez ; [tradución para o inglés = traducción al inglés, Zósimo López Pena]; 2. "Histórias dunha cidade DVD: Santiago de Compostela, 25 anos de Patrimonio da Humanidade: película documental / dirección, Pablo Tomé ; guión, Carlos Roma ; producción, Suso Suarez.

• **Biblioteca Xeral USC**

Endereço: Colexio de Fonseca, Rúa do Franco, s/n, C.P. 15782 Santiago de Compostela.

Página

Web:

<http://www.usc.es/gl/servizos/biblioteca/busc/centros/bibxeral/>

Bibliotecárias consultadas: por motivos de proteção de dados, oculta-se essa informação.

Resultado da visita: toda a bibliografia encontrada conta com fotocópia ou com fotografia.

BIBLIOGRAFIA LOCALIZADA E ACESSADA: 1. Rosende Valdés, Andrés A. “Fragmentos urbanos de la Compostela ochocentrista”; 2. Compostela 1780-1907”; 3. “Una historia urbana: Compostela, 1595-1780”; 4. A. Espino, Francisco. Plaza de Abastos (Manuscrito) fotocopiado. OBS: Localizada nesta biblioteca e pendente de consultar: Ga 8220 Meijíde, María : Postales desde el mercado; Ga 8041 Neira Pereira, Henrique : Mercado de abastos : Santiago de Compostela; Campoy, Comba: Comunidade lusco e fusco Nº 170 (xul 2111) pág. 8-9 PUBLIC 3945.

Além das comentadas visitas, no mês de outubro, decidiu-se revisitar as citadas biblioteca para consultas específicas de alguns textos, trazendo a sistematização da bibliografia localizada e das primeiras leituras.

5.4.4.2 Resumo das visitas às bibliotecas

A conclusão atual geral é de que a escassez de referências bibliográficas científicas, à parte do que são as fontes primárias – material sem editar, catalogar e sem analisar – é importante e que, além disso, não se encontrou nenhum texto científico que fale da Praça do Mercado de Abastos de Compostela desde uma perspectiva humana ou social, nem de nenhum caráter socioeducativo. Além disso, o enfoque geral e hegemônico que se faz e que tem uma ampla circulação e impacto na atualidade estabelece relação com o enfoque arquitetônico e turístico. A visão especificada dos agentes sociais da

Praza obedece aos relativos à citada visão, que gera, em consequência, diversos papéis sociais derivados destes, o que vem simplificando a riqueza da diversidade que caracteriza o lugar social abastiano.

Por outro lado, as conclusões específicas dessa etapa de trabalho de campo na busca de bibliografia sobre a *Praza* estão exprimidas na sequência.

- A bibliografia da Praza do Mercado de Abastos de Compostela está dispersa.
- A maioria do arcabouço bibliográfico encontrado está ainda sem editar, em manuscritos como fontes primárias, e é berço de grande riqueza material.
- Não foram achados arquivos em fonte primária do período da ditadura franquista, exceptuando uma matéria na revista *Finisterre*, n. 3 (sem data) encontrada na *Biblioteca do Museo do Pobo Galego*;
- Bibliografias acadêmicas no âmbito das Humanidades ou das Ciências Sociais que abordem a *Praza* não foram encontradas.
- Toparam-se algumas referências bibliográficas científicas focadas na arquitetura ou geografia e de promoção turística.
- É abundante a literatura de viagem, turística, periodística etc., e em diversos formatos, como, por exemplo fotográfico, pintura, vídeo, dentre outros, a respeito da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

5.4.5. O registro fotográfico

Outro instrumento utilizado para poder fixar dados recolhidos em campo com vistas a empregar na análise, e que abarcou o lugar de fundamental importância, foi a fotografia.

Durante todo o processo de estudo de campo, esse instrumento foi empregado como discurso e testemunho, considerado “fotovoz” feito abordagem da “antropologia visual” descrita por Melleiro e Gualda (2005), ao conceituarem que “la integración del lenguaje visual y escrito puede favorecer el entendimiento de los significados culturales, facilitando la comprensión de una forma más completa” (p. 55).

O instrumento da fotografia alcança tamanha importância que é descrito por Boni e Moreschi (2007), no exame no qual os estudiosos abordam o uso da fotografia para o resgate etnográfico, como “fotoetnografia”, em decorrência da dimensão da fotografia para estudos etnográfico, ao acentuarem que a fotografia, com o fluir do tempo “tem sido gradativamente incorporada como fontes de pesquisa nos estudos etnográficos” (Boni & Moreschi, 2007: 137).

O uso dado neste estudo da *Praza* ao documento visual recolhido em campo passou por seleção, com o objetivo de ilustrar e fundamentar visualmente as descrições e análises feitas: “Las fotografías empleadas para un trabajo han de ser escogidas por su intrínseco valor documental, no por su valor estético (...). El proceso de selección de las fuentes visuales ha de verse (...) por la potencialidad documental de las fotografías) (Lara López, 2014: 25).

5.5. A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PROCESSO DE ANÁLISE

Para Taylor e Bogdan (1986), de acordo Com Vargas Callejas (2011), o método qualitativo constitui uma maneira de deparar o mundo social, e também um modo de “recoger la información empírica sobre una determinada realidad, que se singulariza por un modo propio de organizar e interpretar los datos” (Vargas Callejas, 2011: 192).

Neste sentido, a qualidade da investigação também vai depender, em grande medida, da competência para sistematizar uma ordem suficiente do material coletado:

Diferentes autores (Goetz y LeCompte, 1988; Gil, 1994; Miles y Huberman, 1994; Olabuénaga, 1996; Alonso 1998) señalan formas parecidas de proceder. Casi todos coinciden en la idea de que una buena interpretación depende de la capacidad del investigador para organizar y relacionar la información (Várgas Callejas, 2011: 242).

Portanto, também foram estabelecidos procedimentos para organizar o material coletado em campo. Esses processos de organização de ferramentas e mecanismos etnográficos utilizados em outros estudos serão detalhados sequencialmente.

5.5.1. Transcrição e tratamento da informação

A transcrição das entrevistas respeitou a manifestação discursiva⁶⁸ e foi assentada, de maneira geral, nas normas estabelecidas por Nunes (2017). Consideraram-se os seguintes critérios como normas de transcrição, retirados da sistematização de Nunes (2017) com os respectivas simbologias estipuladas no quadro que se apresenta à continuação: uso de ponto em contexto declarativo (.), uso de sinal de interrogação em contexto interrogativo (?), uso de sinal de ponto de exclamação em contextos exclamativos (!), qualquer pausa não sintática, quando ocorrem hesitação, repetição e reformulação, e quando o locutor ou o documentador não termina a frase (...). Incompreensão de palavras ou segmentos (), antes da fala da entrevistadora (em *itálico* e seguido de dois pontos) “*Investigadora:*”, antes da fala da/do agente social entrevistada/o (em *itálico* e seguido de dois pontos) “*Agente Social:*”.

⁶⁸ A transcrição respeitou a manifestação discursiva (idioma e usos idiomáticos) de cada pessoa entrevistada.

Quadro 16 - Critérios de transcrição das entrevistas

BRASIL: O PRÍNCÍPIO DA NONA ILHA DOS MADEIRENSES

237

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

OCCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPILFICAÇÃO
Uso do ponto em contexto declarativo.	.	Ele emigrou em 1944.
Uso do sinal de interrogação em contexto interrogativo.	?	Ele emigrou em 1944?
Uso do ponto de exclamação em contexto exclamativo.	!	Ele emigrou em 1944!
Pausas sintáticas, incluindo a marcação do vocativo, ou seja, quando o nome próprio é um vocativo e não o sujeito da frase.	,	Teresa, diga-me uma coisa, que idade tinha quando emigrou?
Qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o locutor ou o documentador não terminam a frase.	...	Quando... fui para o Brasil... já tinha... quinze anos (pausas): A gen... a gente vai (hesitação); dos de... entre os de (reformulação); fizemos a comunhão sole... a comunhão solene (repetição); L- Quando ele foi... D- Em que ano?
O uso dos dois pontos introduz uma enumeração, descrição ou explicação.	:	Sobretudo quando a frase já vai longa com muitas vírgulas ...dos meus 3 filhos: o mais novo é médico, outro é artista...
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()	do nives de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento de palavras por alteração discursiva.	/	A rapari/moça... Tinha termi/começado...
Pausas preenchidas	Ah, eh, mmh, ih, oh, uh, ahn, ehn, ulu, tá, né, ó [olha], etc.	Obs.: diferenciar eh (marcador ou interjeição) / é (verbo); né (marcador) / não é (verbo)
Discurso direto ou citações em modo de discurso direto, introduzido por dois pontos.	"entre aspas"	Ela disse: "Não te metas nisso!"
Entoação enfática	MAFUSCULAS	...ela quer UMA solução, não qualquer solução.
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu)) ((ruído)) ((risos)) ((emoção)) ((choro)) etc.
Antes da fala do entrevistador = Documentador	D: (se houver mais de um: D e D2)	D: Bem... você trabalha? L: Trabalhei... D2: Cá... já não trabalha? L: Agora... já trabalhei muito!

BRASIL: O PRÍNCÍPIO DA NONA ILHA DOS MADEIRENSES

238

Antes da fala do informante = Locutor	L: (se houver mais de um: L e L2)	L: Trabalho muito duro! L2: Muitas noites sem dormir. D: Quantos anos esteve nesse trabalho?
Sobreposição ou simultaneidade de vozes, como não podemos sobrepor as falas na escrita, usamos um sinal para ligar as linhas.	[	L: Na casa da minha irmã... L2: [Sexta-feira... L: fazem I.A. L2: [cozinham lá.
Transcrição das palavras contritadas, sincopadas ou com alterações fonéticas, tal como são pronunciadas, apresentado as formas completas ou normativas logo a seguir, entre parênteses retos.	[]	pra e pa [para] / prá [para a] / pao [para o]; qu'a [que a] / qu'à [que há], quê [que é], etc.; co [com o] / ca [com a] / coo [com oi] / comê [como é]; tá [está] / tou [estou] / tava [estava], etc.; vô [avô] / vó [avó]; ocê e cê [você]; dum [de um] / duma [de uma]; pruma e pra uma [para uma]; etc.
As formas verbais também são registadas como pronunciadas, com a forma corrigida entre parênteses retos, assinalando a itálico as alterações fonéticas.	[]	cantaru e cantarum [cantaram], fizerem e fizere [fizeram], ere [eram], dezio [diziam], se [iam], semos [somos], tenhe [tenho], temes [temos], etc.
Colocar entre parênteses retos também a correção da posição dos clíticos e as concordâncias verbais, nominais e adjetivais.	[]	Quando/que/se/como/só/ainda/já/também/não/nunca levanta-se [se levanta], etc.; Era [eram] três dias de descanso; a gente comemos [come] todos juntos, etc.
Acrescentar algum elemento gramatical em falta na fala dos intervenientes.	[]	Começámos [a] correr; [O] meu pai e [a] minha mãe, etc.
Os elementos gramaticais desnecessários são assinalados entre barras obliquas, por interferência de outra língua ou por confusão.	/ /	Fui /a/ trabalhar; aí /se/ passaram três anos (interferências do espanhol); a gente /se/ chegava-se (confusão na posição do clítico), etc.
Colocar em itálico os empréstimos, mas também as letras que marcam alterações fonéticas do dialeto madeirense ou de formas populares, assim como os regionalismos madeirenses lexicais e semânticos.	itálico	So [lentão], well [bem], etc.; Aquilhe [aquilo], proque [porque], petrol [petróleo], etc.; Baboseira [mimos], bilhardando [cuscuvilhando], etc.
Quando existe a repetição consecutiva de preposições ou de artigos, simples ou em contração, não se coloca entre vírgulas.	Preposições com ou sem contração com artigos: a de da do das dos em na no nas nos num numa por pela	Foi a a mãe dele que fez... Fui à à escola até aos aos dez anos. Por por causa dele, agora estou pobre!

Fonte: Nunes, 2017: 237-238.

Também para agilizar a transcrição, contou-se com colaboração externa e, para garantir a confidencialidade, estipulou-se um acordo para a standardização das transcrições (Anexo número XI), como também um documento-compromisso de idoneidade para garantir o sigilo das entrevistas gravadas (Anexo número XII).

Foram considerados dois programas informáticos utilizados para organizar e perscrutar todo o material coletado em campo: *Transcribe* e *Word*. Os citados programas foram utilizados para dar formato ordenado às informações recolhidas em campo.

Há que diferenciar as ferramentas do uso posterior para a análise dos materiais. Quer dizer, os programas foram empregados para recolher e organizar, nunca se versam as ferramentas informáticas como referência para alcançar um modelo ou padrão analítico:

No existe un método estándar, no existe una vía regia para llegar a los métodos a los significados esenciales y las implicaciones más profundas de lo que se dice en una entrevista. Una búsqueda de técnicas de análisis de esta índole puede constituir una búsqueda de atajos en forma de “apaño tecnológico” para la tarea del investigador de analizar y construir significado (Kvale, 2011:136).

O trato informático das informações recompiladas em som se fez com o apoio do programa informático “Transcribe”, empregado na hora de pôr em formato físico as entrevistas em profundidade. Também relativo ao trato informático dado às informações de campo e de maneira fundamental, para o exame sistematizado posteriormente, utilizou-se o programa informático *Word*. Quer dizer, para a busca e ordenação dos testemunhos empregados na análises feitas valeu-se das ferramentas concentradas nesse programa.

5.5.2. Análise dos dados

Com base no trabalho rural ou de campo, (observação encoberta, observação, observação participante, busca bibliográfica, entrevistas, recolha fotográfica etc., coleta na guia de registros dessa fase, e conjugada com a estruturação da parte teórica) se fez a descrição da

realidade social e dos processos educativos desenvolvidos nas práticas cotidianas da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Para tanto, estipula-se e se procedeu a ordenar e analisar as informações fundamentadas na “lista de chequeo elemental” de Spradley apresentada por parte de Hammersley & Atkinson (1994), esta combinada com as variantes de estudo de Vargas Callejas (2002), que contemplou no seu trabalho as práticas educativas na construção do conceito de desenvolvimento de uma sociedade andina. Também, no entanto, serão considerados os vetores descritos por Pichón-Rivière (2005) e as Matrizes de Aprendizagem de Quiroga (2012) no enquadramento da abordagem dos processos educativos da *Praza* como ferramenta de análise da realidade e dinâmicas socioeducativas da comunidade grupal que é a *Praza*.

5.5.2.1 Chaves de análise do material coletado em campo

Vargas (2002), com a citada finalidade, descreve a vida cotidiana em um contexto andino. O professor divide em dois capítulos a explanação sobre a comunidade, sendo que, por um lado, descreve a comunidade rural andina “Aramasí” e, por outro, sistematiza os processos educativos que se dão na comunidade especificada. Dessa maneira, o professor compõe seu estudo a contar dos segmentos transcritos à frente. Esse foi o padrão considerado para análise do material coletado, ainda que se faça com as devidas adequações teóricas, a contar dos estudiosos, sinalizadas acima, para atender ao contexto investigativo da *Praza*.

Por um lado, os indicadores pelos quais Vargas Callejas (2002) descreve a comunidade rural andina narrou as relações que se davam na descrita sociedade e, por outro lado, os indicadores pelos quais Vargas Callejas (2002) sistematiza os processos educativos que são dados na comunidade andina de “Aramasí”.

Com base nos descritos elaborados por Vargas Callejas (2002), compôs-se a descrição da realidade abastiana como processos educativos vinculares de grupo comunitário em dinâmicas de Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas (ampliação a partir de Quiroga, 2012). Dada, entretanto, a natureza do estudo e do lugar especificado

– a comunidade abastiana – se fazem os devidos ajustes ao modelo de Vargas Callejas (2002), estes sinalizados por grifos, compondo assim as variantes para o estudo da *Praza* com o aporte teórico dos vetores pichonianos em diálogo com Spradley a partir de Hammersley & Atkinson (1994), desenhados desde as variantes utilizadas em tópicos para descrever o espaço social abastiano e suas dinâmicas educativas (a partir de Vargas Callejas, 2002, Pichón-Rivière, 2005, Quiroga, 2012 e Spradley, este último com base em Hammersley e Atkinson, 1994). Também se definiram indicadores para sistematizar os processos educativos dados na *Praza* (de igual maneira a partir de Vargas Callejas, 2002, Pichón-Rivière, 2005, Quiroga, 2012 e Spradley, a partir de Hammersley e Atkinson, 1994).

Nesse enquadramento descrito, o segundo, dos processos educativos na *Praza*, foi advinda de Vargas Callejas (2002) algumas chaves de leitura, nas quais essas variantes foram tidas como concepção grupal do mundo laboral e socioeducativo da *Praza* e suas práticas educativas-comunicativas do processo grupal. Não obstante, para compor a análise global dos processos educativos comunitários da *Praza*, também foram utilizados os vetores pichonianos, sendo eles: Afiliação-Pertença, Cooperação, Pertinência, Comunicação, Aprendizagem, Telê” (Pichón-Rivière, 2005: 268).

Assim, a contar dos quadros anteriores adaptados de Vargas Callejas (2002) operados com o enquadramento pichoniano, foram desenhadas, por um lado, as práticas educativas nas dinâmicas do grupo comunitário abastiano e, por outro lado, descreveram-se o espaço social e os processos do grupo da *Praza*. Ambos os delineamentos foram compostos pelo que Spradley nomeia de “El análisis de temas”: “En esta etapa se intenta describir la cultura observada señalando sus características generales y específicas. El objetivo es identificar los elementos cognitivos que constituyen una cultura(...)” (Garrido Cabezas, 2017: 5).

Neste sentido, os temas universais especificados por Spradley – os conflitos sociais, as contradições culturais, as técnicas informais de controle social, as estratégias relacionais, o *status* e a solução do conflito (Garrido Cabezas, 2017: 8) – foram aludidos e dissertados

com amparo na linguagem pichoniana, entendendo os aspectos do grupo como dinâmicas socioeducativas.

Dessa forma, o reconhecimento dos temas universais desenhado por Spradley foi posto mediante os aspectos do enquadramento de Pichón-Rivière (2005) nos seguintes tópicos: medo da perda e medo do ataque, os vetores, o emergente e o oculto, a vinculação, o adoecimento e a adaptação ativa à realidade, e também as Matrizes de Aprendizagem de Ana Quiroga (2012). Esses aspectos, como elementos que estruturam e regulam os processos de aprendizagem, foram postos no “reconhecimento dos temas universais” de Spradley, detalhados em seguida e relacionados à teoria pichoniana da seguinte maneira:

- Os conflitos sociais: primeiro tema universal de Spradley e “que puede ser identificado en todos los contextos observados. Reconocer que nuestro escenario posee una experiencia que influye en la formación y el mantenimiento de vínculos entre sus integrantes nos otorga la amplitud de visión para identificar conflictos” (Garrido Cabezas, 2017: 8), entendido aqui como o medo da perda e o medo do ataque, as duas ansiedades básicas, sendo que a identificação dos conflitos se dá na abordagem dos vetores pichonianos.
- As contradições culturais: “‘Las contradicciones culturales’ se mencionan como otro tema universal relacionado a las inconsistencias en las creencias, aseveraciones e ideas de muchas culturas” (Garrido Cabezas, 2017: 8), evidenciado no presente estudo a partir dos aspectos do emergente e do oculto, no enquadramento de Pichón-Rivière (2005).
- As técnicas informais de controle social: “‘Las técnicas informales de control social’ son un tercer tema universal indicado por Spradley. Se relaciona con las conductas aprendidas, aceptadas y compartidas por los integrantes de la cultura” (Garrido Cabezas, 2017: 8) são as Matrizes de Aprendizagem sistematizadas e nomeadas por Ana Quiroga (2012).

- As estratégias relacionais: “‘Las estrategias relacionales’ son temas universales que se refieren a las formas en que las personas se vinculan con otros que reconocen como cercanos y las estrategias que despliegan para enfrentarse a los individuos que no conocen” (Garrido, 2017: 8) - tema universal enquadrado aqui pela vincularidade pichoniana.
- O *status*: “‘El estatus’ La enfermedad es considerada una situación que no solo afecta el cuerpo sino también significa una pérdida de estatus que los invade de pesar” (Garrido Cabezas, 2017: 9) é a enfermidade como adoecimento social, o conflito ou problema grupal.
- A solução de conflitos: “‘La solución de conflictos’ es el último tema universal” (Garrido, 2017: 8), que se configura para o presente estudo na adaptação ativa à realidade sistematizada por Pichón-Rivière (2005).

Todos os aspectos listados entendem as dinâmicas do grupo como processos de aprendizagem - é o aprender a aprender pichoniano similar ao aprender na práxis e com o outro freiriano.

5.5.2.2. Fundamentação para a estrutura dos resumos biográficos

Recolher as experiências narradas e sistematizar o contexto da vida de pessoas trabalhadoras da *Praza* através de suas próprias palavras e sensibilidades é um dos objetivos marcados para este estudo e foi estruturado com base em dois aspectos, um no caráter de grande importância do discurso narrado pelas/os agentes sociais entrevistados e outro nos comentários críticos da investigação:

Un relato biográfico es un documento que recoge la narración de una experiencia vivida por una persona y expresada con sus propias palabras. Es un tipo de investigación cualitativa de carácter descriptivo en el que el relato del informante adquiere la mayor importancia. Como un tipo de artículo en concreto, el relato biográfico se compone de dos elementos: la narración del informante

y un comentario crítico del investigador (Amezcuca & Hueso, 2004:1).

As variantes utilizadas para elaborar o resumo biográfico das/dos agentes sociais entrevistadas/os estão sistematizadas a partir de blocos temáticos, quer dizer, nos oito blocos elencados no roteiro da entrevista em profundidade. Como a entrevista em profundidade se desenhou não somente para a construção de um extrato da história de vida, porém, senão que também, e de maneira fundamental entre outros objetivos, o de sistematizar os processos educativos que estão sendo dados na *Praza*, se colheu uma série de informações para este fim, reunidas nas seções posteriores em análise interpretativa da realidade.

Na formulação de um resumo biográfico, foi ilustrado o contexto do sujeito, quer dizer, o da verticalidade de um grupo diverso escolhido para ser entrevistado e pode-se aceder às matrizes de aprendizagem de cada agente entrevistada/o, quer dizer, a maneira como cada um organizou e significou o próprio universo de aprendizagem social. Assim, tem-se o resumo histórico que busca organizar as experiências vitais relatadas nas entrevistas em profundidade, que foram formuladas a partir de uma guia de entrevista, organizada em oito grandes blocos temáticos e somente depois se apresenta a sistematização da horizontalidade, quer dizer, a sistematização e análise da concepção relacional do mundo e da vida. Os oito grandes blocos citados são os seguintes:

- a) Identificação
- b) Educação-infância
- c) Educação-adolescência
- d) Atividade laboral-Praza de Abastos
- e) Atividade laboral-Relações na Praza de Abastos
- f) Discurso educativo
- g) Educação e tecnologia
- h) Expectativas e perspectivas

A sistematização do guia da entrevista em profundidade está expressa de maneira cronológica para assim se poder visualizar o antes e o depois das etapas vitais, sem, contudo, ter que obedecer a sequência estruturada, deixando para cada entrevistada e entrevistado a eleição do foco ou grau de importância de acontecimentos (também o movimento do tempo narrado), etapas ou aspecto, significando para a investigação a diversidade de discursos a partir, igualmente, da diversidade de ponto de partida e chegada de cada pessoa na constituição de cada sujeito social que compõe o coletivo trabalhador na *Praza*. As perguntas empregadas no resumo biográfico por parte de cada bloco temático foram as descritas na sequência.

- Do 1º BLOCO que recolhe os dados de identificação gerais e que abarcou: o sexo, a idade, o estado civil, o número de filhas/os (de ser o caso de tê-los), os anos que leva trabalhando na *Praza* e a categoria de trabalho (se é Frutas e Verduras, Açougue/*Carnicería*, Peixe e Mariscos, Restauração e Vários, compondo essa categoria o setor do Ecológico e da loja de Vinhos), além de contar com duas entrevistas para o setor das pessoas agricultoras que serão descritas *a posteriori*.
- No 2º BLOCO, que buscou recolher informações sobre a educação e a infância, tem-se as perguntas: lugar e ano de nascimento, como se lembra da infância, como foi a educação na escolar (ou social) durante a infância, de que professora/or da escola mais se lembra e por quê, como era a relação com as/os companheiras/os de classe ou do contexto social, (no caso de não haver ido ao colégio), qual foi a melhor e a pior lembrança da escola (ou do contexto social).
- As perguntas recolhidas no 3º BLOCO, relativa à educação na adolescência, tem-se: como foi a escola (ou a vida) na adolescência? Como eram os seus amigos nessa etapa vital, o que fazia no tempo livre, de quais coisas mais lembra se com carinho dessa etapa educativa (no caso de não haver estado na escola nessa etapa, a pergunta seria: que se lembra com carinho dessa etapa vital).
- O 4º BLOCO com o percurso da atividade laboral na *Praza* fez-se a partir das seguintes perguntas: desde quando trabalha, como foi que começou a trabalhar na *Praza*, que contasse como foi o processo para conseguir o espaço para trabalhar na *Praza*, que falasse que opinião

tinha da burocracia para obter um posto na *Praza*, que contasse coisas do trabalho, o que fazia, que descrevesse o que fazia em um dia normal, qual era a rotina de trabalho, de que maneira conseguia mercadoria, qual era a opinião a respeito da forma da gestão em cooperativa (sobre a cooperativa que gerencia a *Praza*), que contasse como funcionava a cooperativa da *Praza*, como era a *Praza* antes, quando a/o entrevistada/o começou a trabalhar na *Praza*, se considera que a *Praza* está acondicionada para desenvolver de modo adequado o trabalho, o que opina sobre o trabalho que desenvolvem, o que é o que mais incomoda ou molesta no trabalho na *Praza*, o que opinam as compradoras e os compradores.

- No 5º BLOCO, relativo à atividade laboral e às relações sociais no contexto da *Praza*. Como se sente (sentimento, emoções) no ambiente de trabalho, se não trabalhassem na *Praza* em que gostaria trabalhar, como é a convivência na *Praza* com as companheiras e companheiros, como era a relação com compradores, se tinham queixas a respeito desse coletivo, o que faziam no tempo livre, quando não estão trabalhando na *Praza*, o que pensam que as pessoas valoram nos espaços como o da *Praza*, e que ações fariam para melhorar a relação entre as pessoas que trabalham na *Praza*.

- BLOCO 6º que tratou de abarcar o discurso educativo com as seguintes perguntas: a formação que se tem, se era suficiente para fazer bem o trabalho, que pensava da formação que recebeu, qual era a opinião pessoal sobre a educação que se dava às pessoas na escola atual, se pensam que as/os trabalhadoras/es da *Praza* tinham uma boa formação, se acreditam que necessitam formação para melhorar o trabalho, e quais (no caso de que fosse positiva a resposta) e por que não, no caso da resposta fosse negativa.

- O BLOCO 7º, que se aglutinou em torno ao contexto da educação e as tecnologias, as perguntas foram as seguintes: que opinava sobre este mundo cheio de telefones, internet, redes sociais, que se tinham telefone celular e para que o utiliza, se conhecia Facebook, e se utiliza, se conhece ou utiliza alguma outra rede social, se conhecia e utiliza alguma aplicação de telefone celular para o trabalho, que meio de comunicação era o que mais utilizava para informar-se, se utilizava

internet na *Praza* e em quê, se acreditava que as novas tecnologias podem melhorar o negócio, se utilizava algum meio tecnológico para a divulgação e venda no trabalho (exemplo, se se podia pagar com cartão, plataforma de internet etc.).

- No final, no 8º BLOCO, entendido dentro das expectativas e perspectivas, tem-se as questões: você gostaria que seus filhos e filhas fizessem o mesmo que a/o senhora/or faz, que se acreditava que como está se desenvolvendo a sociedade, se no futuro vai existir esta *Praza*, o que haveria que fazer para melhorar a *Praza*, se os vendedores, gestores e a Prefeitura (*Concello*) se preocupam em atualizar e adaptar a *Praza* aos tempos que correm, e com que medidas (no caso de ser sim), que pensava ou considera que falta na *Praza*, em que se melhoraria a vida social (relação com clientes, companheiros, gestores, prefeitura etc.) na *Praza*.

- Acaba a entrevista em profundidade sempre com a indagação que se segue: depois de tudo o que falamos, há algo que a/o senhora/or quer falar? Algo que não falamos ou algum assunto que queria retomar? Agradeceu-se o tempo destinado e estipulou-se o compromisso de voltar para apresentar um resumo dos resultados do estudo, se assim o desejassem.

O guia da entrevista detalhada foi o percurso-padrão a partir do qual cada agente social estruturou e relatou sua história. Antes, porém, de apresentar a biografia de cada agente social entrevistada/o, tem-se um quadro com o contexto do processo de respostas às investigações e indagações que não se deu de maneira padronizada nem estruturada de acordo, tanto às particularidades de cada sujeito entrevistado, como da própria dinâmica da entrevista vincular que se amparou em um roteiro estruturado como um guia, não como perguntas e respostas fechadas.

As resenhas feitas aludem ao lugar de voz de cada agente entrevistada/o, a partir das lembranças sobre a vida e o grau de descrição apresentado de maneira individual. Assim, a narração da vida tem apresentação e sistematização diferente da estrutura do guia de entrevista, porque se buscou respeitar a multiplicidade de vozes dos sujeitos sociais em ação discursiva e posta em cenário atualizado no aqui e agora que cada agente teceu em suas específicas narrações.

As/os agentes sociais trabalhadoras/es da *Praza* e suas trajetórias vitais dão-se a conhecer a partir das entrevistas vinculares em profundidade, entrevistas organizadas com suporte em quatro categorias vivenciais-temporais, sendo elas: a) dados de perfil, infância, adolescência, vida adulta/atualidade no contexto laboral da *Praza* (nos blocos temáticos 1, 2, 3 e 4); b) além de duas categorias relativas à relação de vida na *Praza*, vincularidade prévia e vincularidade laboral (nos blocos temáticos 4 e 5); c) duas categorias pedagógicas relacionadas com a educação como discurso e TICs, discurso educativo e educação e tecnologia (nos blocos temáticos 6 e 7); d) e de uma categoria provável relativa a projeções, expectativas e perspectiva (no bloco temático 8). Os aspectos descritos se resumem no quadro seguinte:

Quadro 17: A estruturação dos resumos biográficos

BLOCOS TEMÁTICOS	NÚMERO DE CATEGORIAS	VIÉS OU CATEGORIA DE ANÁLISE	LOCALIZAÇÃO NO ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE
Categorias vivenciais-temporais	4	. Dados do Perfil . Infância . Adolescência . Vida adulta/atualidade	1, 2, 3 e 4
Categorias vinculares	2	. Vincularidade prévia . Vincularidade laboral	4 e 5
Categorias pedagógicas	2	. Discurso educativo . Educação e tecnologia	6 e 7
Categorias prováveis	1	. Expectativa e perspectiva	8

Fonte: Produção própria.

Assim, as particularidades de cada contexto de entrevista, tanto das relações e perfis entrevistados, como das matrizes de aprendizagem de cada sujeito, foram as que se levou em conta na estruturação de cada resumo biográfico de história de vida, com suas devidas descrições a partir do testemunho individual.

5.6. OS PAPÉIS DA INVESTIGADORA - DO INVESTIGADOR

Na prática metodológica etnográfica, o investigador nunca é somente investigador, senão que a trajetória investigativa transita por diferentes lugares de fala, exercendo variados papéis “que él se haya forjado o que le haya conferido el grupo que analiza y con el que convive” (Velasco & Díaz, 1997: 24-25).

Segundo Martyn Hammersley e Paul Atkinson (1994), uma das características fundamentais dos estudos etnográficos é que o etnógrafo é um sujeito participante, de tal maneira, “el etnógrafo participa, abiertamente o de manera encubierta, en la vida diária de las personas durante un período de tiempo(...) haciendo acopio de cualquier dato disponible que sirva para arrojar (...) luz sobre el tema en que se centra su investigación” (Hammersley & Atkinson, 1994: 15).

No transcurso do trabalho de campo, transitou-se por diferentes funções. Inicialmente, no período de observação encoberta, o papel assumido foi o de investigadora, sendo que, para este, não se fez necessária a solicitação de autorização a nenhum organismo. Ao ser, entretanto, uma dinâmica encoberta, a identidade que se carregava era a de investigadora, porém, o olhar do coletivo da *Praza*, possivelmente, considerou a investigadora como visitante, ou passeante, turista e inclusive como cliente em potencial.

No segundo momento, o da etapa de observação não participante, a investigadora assumiu e era lida por diferentes papéis - de estudante investigadora, caminhante, visitante, turista e cliente, sendo que este último se deu ao final do processo de campo, porque era fundamental acessar às informações sem o risco de que estas fossem comprometidas, contaminadas pelas dinâmicas de vendedor-cliente, na qual subjaz a busca de agradar ao consumidor. Para estes papéis não se fez necessária autorização.

No terceiro momento, o da observação participante, a investigação assumiu dois papéis em participação (aluna) de atividades direcionadas na *Praza* (cursos) porém, de maneira fundamental, o papel desenvolvido na observação em participação foi

o de vendedora, exercendo, assim, a dinâmica de *placera*. Para esta etapa de campo, contou-se com o apoio de uma cooperativa e empresa de inserção que gerenciou todos os trâmites necessários para as instâncias na *Praza*.

Com a dinâmica de aceitação de papéis, buscou-se adentrar o universo social abastiano para, assim, acessar e recolher aspectos subjacentes e ocultos da diversidade das dinâmicas da *Praza*.

5.7. VALIDEZ DO ESTUDO

A rigorosidade da investigação científica qualitativa, como a credibilidade dos resultados e das descobertas, é considerada baixo parâmetro de consistência interna do estudo e das descobertas da investigação, segundo Valdés (2006), que afirma, ademais, que a “producción de conocimientos científicos debe responder a procesos racionalmente objetivos y sistemáticos que permitan evidenciar que los resultados teóricos se infieren de los datos recogidos” (Valdés, 2006: 18).

Para alcançar a validade do estudo, recorreu-se às dimensões de credibilidade, confiabilidade e validade, especificadas no quadro elaborado por Vargas Callejas (2011) disposto abaixo.

Quadro 18 - Parâmetro para a validez do estudo da *Praza*

Cuadro 11: Niveles, estrategias y dimensiones de control

NIVELES DE DISTORSIÓN	ESTRATEGIA DE CONTROL	DIMENSIÓN CONTROLADA
1) Las teorías de fundamentación de la realidad estudiada	- La dialéctica entre teoría y práctica - Extensa revisión bibliográfica. - Elaboración de una teoría propia basada en la realidad estudiada. - Triangulación teórica	Credibilidad Fiabilidad Validez
2) Los instrumentos de recolección de datos	- Elaboración minuciosa de los instrumentos de recolección de datos. - Triangulación de instrumento para estudiar la misma realidad. - La contrastación de resultados.	Consistencia Transferibilidad Fiabilidad
3) Los sujetos y objetos de la investigación	- Estancia de un periodo necesario y prudente en el contexto de estudio. - Triangulación metodológica. - La comparación y contrastación entre lo que dicen y hacen las personas con lo que se observa.	Confirmabilidad Validez interna. Credibilidad
4) Las condiciones en que se realiza la investigación	- Planificación detallada (teórica y práctica) del proyecto de investigación. - La inmersión profunda en la vida de la comunidad. - El control cruzado de la información. - Adecuada dotación logística. - Descripción detallada de los momentos de la investigación	Credibilidad Consistencia
5) Las circunstancias y contextos irrepetibles	- Una presencia constante en el ámbito de estudio. - La descripción minuciosa de todo lo observado. - Uso de diversos enfoques de abordaje de la realidad. - Lectura de la realidad en clave histórica procesual.	Consistencia Transferibilidad

Fonte: Vargas Callejas, 2011: 254.

O quadro elaborado por Vargas Callejas (2011) classificou as camadas, estratégias e dimensões de controles de um estudo qualitativo etnográfico, tendo em conta cinco níveis de possíveis distorções: as teorias de fundamentação da realidade estudada, os instrumentos de recolha de dados, os sujeitos da investigação, as condições nas quais se realiza a investigação e as circunstâncias e contexto irrepetíveis (Vargas Callejas, 2011:). Para cada um desses níveis de possibilidades de distorção, o estudioso estruturou estratégias de controle e especificou as dimensões controladas no emprego dessas técnicas.

O estudo da *Praza*, partindo da estrutura elaborada por Vargas Callejas (2011), alcançou, dessa forma, credibilidade, confiabilidade, validade, consistência, transferibilidade, confirmabilidade e validade interna.

5.8. PROBLEMAS DA INVESTIGAÇÃO E LIMITES METODOLÓGICOS

Na trajetória do desenvolvimento do trabalho rural de coleta, o estudo encontrou alguns obstáculos que, ainda que não tenham comprometido a qualidade das informações, nem repercutido negativamente no resultado final alcançado, igualmente certo é que se faz necessário elencar alguns acontecimentos que incidiram no desenvolvimento do estudo (Monteiro, 2010) e que se configuram como limites ou problemas da investigação.

Os aludidos limites metodológicos, passíveis de serem entendidos como problemas da investigação, se deram em decorrência dos fatos elencados à frente, e que será descrito no desdobramento desta parte:

- Impossibilidade de acessar dados institucionais sobre o coletivo trabalhador da *Praza*.
- Grande quantidade de material em fonte primária com toda uma história da *Praza* em itálico, sem editar.
- Material em fontes primárias com acesso limitado para divulgação.

- Não encontrar documentação do período da ditadura militar franquista, tempo durante o qual se desenhou e inaugurou o edifício da *Praza*.
- Maior dificuldade em entrevistar pessoas do sexo feminino.
- Necessidade de reformular o enfoque de entrevista em profundidade para o de entrevista vincular em profundidade.
- O acometimento da pandemia e a impossibilidade de passar o questionário.
- Audios, fotografias e descrições de campo perdidos.

O principal obstáculo encontrado no trajeto investigativo se deu na dificuldade em alcançar dados institucionais e do coletivo trabalhador da *Praza*. Ainda que a direção do trabalho se tenha dado em contexto e desenho guiados ao etnoconhecimento (no qual os lugares instituídos e de prestígio passam a não fazer parte dos lugares a serem visitados), igual, decerto, é que, para levantar e contrastar hipóteses, o acesso a dados institucionais se fazia necessário, porém não pôde ser alcançado.

Esse impedimento no momento de acessar dados institucionais e estatísticos se constituiu, por um lado, pela lei de proteção de dados e, por outro, em razão do acometimento da pandemia por COVID-19, que impossibilitou a aplicação do questionário. Também, e neste sentido, há de frisar que não se encontram estudos específicos sobre a *Praza* na área das Ciências Humanas.

Outro fator que se enquadra na segunda abordagem, e considerado como limite em potencial, é o fato de que toda a história da *Praza* se encontra sem editar, ainda que esteja localizada e seja objeto de consulta no Arquivo Histórico Universitário da USC. A publicação desses documentos, todavia, enfrenta a tarefa de organizar o material, além das limitações para divulgação. Há que considerar, ainda, além dessa conjunção de problemas, o material não encontrado sobre a *Praza* no período da ditadura militar franquista.

Outro fator que representou grande inconveniente no processo de estudo foi a dificuldade adicional em ter acesso a mulheres

dispostas à entrevista. Isto não deixa de ser um aspecto a ter em conta pelo olhar deste estudo, porque supôs levantar a hipótese de maior impedimento de fala e maior carga de trabalho e responsabilidades acrescidas pelo fato de ser o coletivo de mulheres o de maior dificuldade de disponibilidade para entrevistas. Para atender esta questão, fez-se uso da guia da entrevista vincular em profundidade, porém aplicadas no formato de entrevista guiada, para, assim, acessar o número do testemunho de mulheres em equidade com o quantitativo de pessoas do sexo masculino.

Mais um ponto dificultoso foi o que derivou da necessidade de reformular o enfoque de entrevista em profundidade, ampliando a perspectiva para o de entrevista vincular em profundidade (prisma já descrito). No decorrer das entrevistas, a dinâmica estruturada pelas pessoas agentes envolvidas não pode ser feita a partir do conceito de entrevista em profundidade, e, por esse motivo, teve-se que voltar à revisão teórica para estruturar o enquadramento investigativo que foi desenvolvido e, assim, estipular de maneira ampliada a entrevista feita em formato de “entrevista vincular em profundidade”.

O maior incidente em termos de problema de investigação, entretanto, se deu com a perda de uma série de material levantado no trabalho de recolha de informações: áudios, fotografias e descrições de etapas de campo se perderam em um problema informático no ano de 2019; e também, em meados de 2020, ainda que este último com menor impacto.

Por fim, o acometimento da pandemia por COVID-19 restringiu as dinâmicas cotidianas, limitando o acesso e a distância social, configurando a impossibilidade de efetivar a aplicação do questionário, entre outros processos interativos que poderiam ser desenvolvidos.

Todos os acontecimentos descritos, entretanto, não pressupuseram problemas sem solução, senão que puderam ser identificados e elucidados à luz de sistematizações teóricas que atendem e dão respostas a processos de estudos etnográficos.

5.9. ASPECTOS ÉTICOS

O estudo de doutorado se encontra inserido no marco do dever da ética científica em todos os conceitos que esta frase seja aludível. Nesse sentido, duas notas éticas trazidas pelo estudioso Moreno Fernández (2005) no *Principio de la deuda contraída* e no *Principio del agradecimiento lingüístico* se marca no manejo e interpretação dos dados com máximo rigor, honradez e respeito que devem conduzir toda a pesquisa:

Concluimos este capítulo con un comentario relativo a un aspecto esencial de la investigación: la actitud y la conducta ética del investigador hacia lo investigado. El hecho de tratar con una realidad ajena, que afecta a seres humanos, en tanto que hablantes y miembros de una organización social, obliga a todo investigador, no solo al máximo rigor y honradez en el manejo y la interpretación de los datos, sino también al máximo respecto (Moreno Fernández 2005: 321).

Essa nota obedece aos dois princípios formulados por Labov e por Wolfram, e que são reproduzidos por Moreno Fernández (2005). Esses aludidos princípios se baseiam na concepção da dívida e do agradecimento como compromisso e devem resultar em estudo revertido em prol da comunidade estudada:

Labov lo llamó **Principio de la deuda contraída** (...) un lingüista que consigue datos de los miembros de una comunidad de habla tiene la obligación de utilizar el conocimiento basado en esos datos en beneficio de la comunidad, cuando ésta lo necesite.' Wolfram prefirió hablar de agradecimiento lingüístico. **Principio del agradecimiento lingüístico** un lingüista que haya obtenido datos lingüísticos de los miembros de una comunidad debería buscar el modo de devolver el favor lingüístico a esa misma comunidad (Moreno Fernández 2005: 321).

Ainda que a lei espanhola de proteção de dados (Ley Orgánica 34/2002 de Servicios de la Sociedad de la Información y del Comercio

Electrónico e Reglamento (UE) 2016/679 de 27 de abril de 2016 y en la Ley Orgánica 3/2018, de 5 de diciembre) administre a proteção e o direito, se faz importante deixar esclarecido o compromisso que se estabelece independentemente da gestão legal.

Esse “dever respeito” (“principio da deuda contraída”) se expresa tanto com o direito democrático de escolha por parte das pessoas entrevistadas como na abordagem feita na análise do conteúdo (Andrade, 2008). Sendo assim, garantir o direito à fala e escolha, em participar ou não da pesquisa proposta, de forma prévia, informando do estudo com carta de apresentação, foi uma obrigação democrática e acadêmica que se configura na prática etnográfica de consciência da função social de quem investiga.

Hay formas de incorporar a la investigación, y a la (re)presentación pública de la misma, la tensión creada por la intrusión del etnógrafo en el mundo de Otros, quiénes (por definición) poseen ideas y normas distintas de las suyas. Esto significa que, además del tema del acceso (a los individuos, a las fuentes, a la información), los etnógrafos se han sensibilizado con la cuestión del papel que desempeñan dentro de la comunidad en la que trabajan (Duranti, 2000: 134).

Considera-se a ausência de ética como injustificável. Deste modo, fez-se, nesta pesquisa, a escolha consciente das “*alianças complementarias*”, de soma a buscas de opções e do inquestionável e insubstituível direito à cidadania na nomeada ética científica: “Cada vez en mayor medida, los etnógrafos van tomando conciencia del modo en el que se les percibe, de lo que se espera que hagan, de la medida en que su personal proyecto de investigación, así como la representación de ese proyecto, no es sino el producto casual de diversas fuerzas y alianzas, a veces en conflicto, a veces complementarias” (Duranti 2000: 134).

De expressa maneira, estruturaram-se várias cartas que esclarecem os objetivos do estudo e, ao mesmo tempo, solicitam permissão para a gravação, estudo e divulgação da voz. A autorização para a gravação foi feita ao iniciar o processo de entrevista que conta

com a autorização da pessoa entrevistada dando a permissão para gravar, assentindo sua coleta e uso científico dos dados no início da entrevista.

Assim, para a o resumo da descrição biográfica de cada pessoa agente social entrevistada/o, procedeu-se a manipular de alguns dados para garantir a não identificação da fonte, garantindo, com efeito, o compromisso de sigilo das entrevistas. Excetua-se um caso (única atividade desenvolvida na *Praza*) em que se solicitou e obteve-se permissão expressa para publicar o resumo biográfico, sendo este feito a partir do próprio contexto narrativo de cada agente entrevistada/o.

Por outro lado, o uso das fotografias feitas por este estudo conta com a manipulação de todas as imagens, encobrando os rostos e a totalidade dos conteúdos que pudessem identificar os sujeitos dos processos, para garantir assim a proteção das pessoas nas suas imagens. Essa dinâmica não se fez nas publicações de fotografias de terceiros, por direitos de autoria e, assim, foram reproduzidas as imagens, com indicação das suas fontes, referenciando a origem com a bibliografia especificada.

CAPÍTULO 6.

A PRAZA DO MERCADO DE ABASTOS DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Síntesis en español

El capítulo seis de esta tesis define la investigación desarrollada en su contexto específico: la Plaza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela. En él se estructura la conformación y la configuración de las/los agentes sociales tradicionales de la Plaza - las trabajadoras y los trabajadores en esta - y sus dinámicas enfocadas a la herencia y el legado. La descripción del citado colectivo se compuso a partir del material recolectado en campo, estructurado en los aspectos de la configuración económica, las infraestructuras e instalaciones externas, organizando y significando, de esa manera el universo social de las vivencias alineadas a partir de un entramado emergente de modos de vidas y en ejercicios diversos que configuran los citados tipos humanos, componiendo una taxonomía de ocupaciones en la Plaza.

Las dinámicas constitutivas del sujeto son entendidas como función social de la educación que forja el sujeto hábil para vivir en colectividad en cuanto vincular de necesidades - por forjar un universo social de resistencia - en este espacio cultural destacado de grupo comunitario en que la Plaza es instituida como un modo de vida de agentes configurados en colectividad. De esa manera, se hizo una descripción contextual del espacio del colectivo entendido como sujetos inmersos en una estructura de significados transversales que singulariza la comunidad abastiana.

Neste primeiro capítulo de contextualização se faz um resumo histórico da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, assinalando as características atuais da *Praza*, adentrando-se em aspectos da cultura, da organização econômica e abordando as infraestruturas deste lugar social de convergência. Ademais se tem o recorrido a estratégias de sobrevivências e as formas de comunicação que são dadas na Praça compostelana.

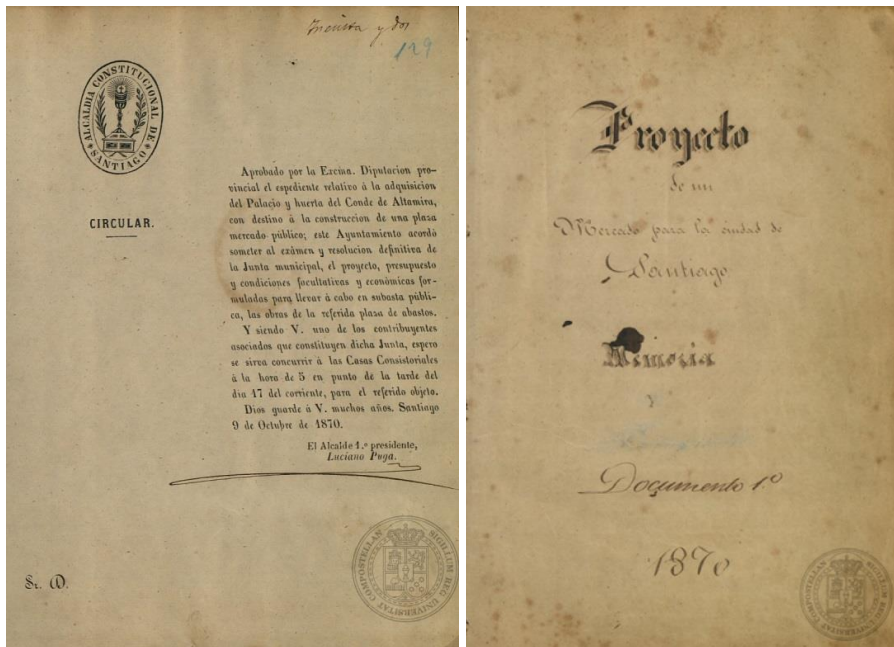
Ao fazer a descrição dos sujeitos abastianos e suas respectivas ocupações, adentrando-se no universo dos tipos humanos que dinamizam a *Praza*, estruturou-se, para tanto, uma taxonomia das ocupações desenvolvidas neste lugar de convergência social. Na realização dessa tarefa, se manejou a estruturação teórica, a observação e o etnoconhecimento, posto que não se encontrou bibliografia que trabalhasse as questões averiguadas.

6.1. RESUMO HISTÓRICO DA PRAZA DE ABASTOS

O único que se tem da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela são algumas referências em textos acadêmicos e a descrição de aspectos da arquitetura como parte da história da cidade de Santiago de Compostela. Trata-se de um edifício de pedra que, conjugado com o imaginário da cidade de Santiago, remete a pensar e a acreditar que o que se tem é uma estrutura medieval, mas não é assim.

O primeiro ano que faz referência à ideia de construção da *Praza* é encontrado no documento de fonte primária de 1832, sendo que o primeiro projeto estruturado foi encontrado em um documento específico que fixa o ano de 1870.

Fotografias 19 e 20 - Primeiro projeto Praza



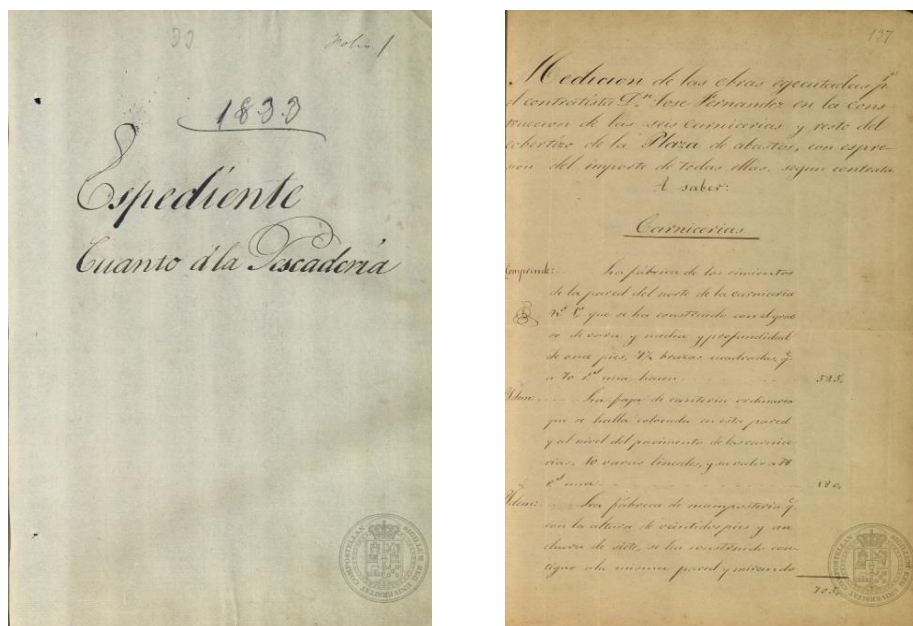
Fonte: A.H.U.U.S.C., 1870: folhas 193 e sn.

A atividade de mercado limitada em um edifício e como propriedade da Prefeitura (do *Concello*) de Santiago de Compostela está posta a partir da estrutura arquitetônica do Mercado Primitivo (o de vidro e de cristal), construção de uso inicial que data de 1874 (Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014: 5), que é quando se instaura o funcionamento de mercado delimitado em edifício, similar com a realidade que se tem hoje, distinta da atividade de feira, como já foi descrito no marco teórico.

O acesso a documentos de fontes primárias faz acreditar que a construção da primeira estrutura da *Praza* se deu através de etapas. Como pode ser lido na sequência, primeiro se constata a construção da estrutura para albergar o setor do peixe e logo o da carne, sendo que estas foram as vertentes de instauração da gestão e administração mais política (de Estado) em termos de estruturação arquitetônica e normatizada, o que deixa a possibilidade de inferência que se deu, no setor das frutas e verduras, por exemplo, a permanência ainda no

controle e ordenação popular e previamente à estrutura de mercado de propriedade do estado.

Fotografias 21 e 22 - Etapas na construção da Praça



Fonte: A.H.U. U.S.C., 1833: folhas 39 e 139.

Essa estrutura do Mercado Primitivo, de arquitetura e arcabouço ideológico francês, entretanto, posta como edifício de vidro e de cristal, foi demolida e substituída por um edifício de pedra (granito), o que permanece atualmente. A demolição do Mercado Primitivo se deu devido à acelerada deterioração deste por dois motivos: incompatibilidade do material empregado (metal e cristal) e condições climáticas da Galiza (abundante chuva e umidade) que acelerou o estrago da estrutura com o especificado material.

Fotografia 23: “Quatro anos de Obras”



Fonte: Neira, Seoane e Vázquez, 2014: 17.

O atual mercado de pedra data de 1945 (Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014: 5) e tem como nome comum Plaza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, ou simplesmente *praza*, no uso popular. Desde o físico-arquitetônico, porém, a *Praza* foi objeto de algumas modificações, desde reformas e consertos ou melhoras pontuais (descidas de água, reparos de telhados, de toldos, de sistema elétrico e algumas outras obras de baixo impacto), até uma grande reforma feita de 2011 a 2014 (Neira, Seoane & Vázquez Fernández, 2014: 5).

Nessa reforma, com um valor de pressuposto que superou os 5 milhões de euros, foram instaladas portas automáticas, alguns espaços de trânsitos entre as naves que foram ligadas com um telhado com material translúcido – para não diminuir a luminosidade e favorecer a visibilidade da beleza arquitetônica e que remonta à ideia dos primeiros mercados, sendo que este dado não foi sinalizado para a eleição do material, facilitando o trânsito em tempos de chuva no deslocamento entre naves – e, também, foi introduzido um elevador que liga a *Praza* com a *Rúa da Virxe da Cerca* e que também facilitou o acesso. Finalmente, se construiu outro pavilhão, a *Aula*

*Gastrocultural*⁶⁹ ou *Sociocultural*, com espaço para diversas atividades e que alberga tecnologia de ponta em termos de cozinha industrial. Nesta se organizam cursos e eventos diversos e que também está disponível para aluguel em valores que são determinados pelas características das atividades (se são sociais ou de empresas privadas, por exemplo), sendo o preço mínimo a partir de 300 euros.

Fotografias 24 e 25 - Telhado que liga as naves e fachada da aula Sociocultural



Fonte: Produção própria, 2019.

Fotografia 26 - Usos múltiplos: aula sociocultura e gastrocultura



Fonte: Produção Própria, 2021.

⁶⁹ <https://www.santiagoturismo.com/gastronomia-mercado-abastos>

Nessas fotografías, verificam-se, por um lado, o telhado de material translúcido e as portas automáticas. De outra parte, nota-se a fachada da nave sociocultural que outra vez coloca a *Praza* expressa a partir de padrões, formas e projetos mais europeus, como foi descrito na seção teórica a partir da concepção da SIC abstraída na conformação das políticas dentro do conceito das indústrias Culturais.

O impacto das reformas na *Praza* é assumido pelas pessoas trabalhadoras, com base em distintas perspectivas, instituídas a partir das matrizes de aprendizagem e das vivências cotidianas de cada agente social. Os testemunhos recolhidos que fazem referência às reformas são diversos e falam tanto de aceitação como de negação às mudanças; também de satisfação como de incompletude; e também de não haver estado nestes momentos e não haver vivenciado reformas:

Mira, o único cambio que foi, que non sei en que ano foi. Aquel foi un cambio que non gustou na Praza, que nem me gustou o de agora, pero aquel si. Cando (...) Estevez, pero non sei en que ano foi, pero foi nos anos 80. Eee, cando (Xerardo) Estevez fixo aquela limpeza tan grande na Praza, que, hummm, fixo unnn, como e, doulle un cambio a Praza, pero en todo, porque daquela, cando eu cheguei estaba a Praza feito un, habíaaa de todo, había uns toldos alí no Murallón, heee non tiñamos auga nas casillas, estaba todo por fora. Porque a xente a veces, “aaaí, todo por fora”, pero por dentro hai ratas, porque era así. Entonces colleu el, nos fixo, como se chama, nos puxo o acantarillado, (risas) non sei como se chama eso, (risas), non me sale... he?! Desague. Meteunos auga nas casillas, hee, puxo ventanas novas, o tellado e puxo os baños novos, fixo un, o Concello de Santiago. Fixo ali unha obra Xerardo Estevez. Pero bueno, levantou todo o suelo, he, para meter todo o alcantarillado ese (EMF).

Co concello, e que non che sei, co concello o que vin foi aí o da nave que, tiveron un montón de tempo parada (...), foi unha reforma de moitos cartos, estiveron un montón de tempo moitos casetos vacíos con xente que seguramente quere abrir os seu negocio e que polo tema de eso da burocracia Non, a reforma foi...tardaron moito en facela e

despois tardouse moito en dende que estaba feita ata que se empezou a haber negocios alí houbo un ahi un par, dous tres anos tranquilamente que estaba vacía completamente, pero bueno, (...) Si, a ver vexo diferencias, bueno por exemplo xa a nivel visual (EHV).

Non vexo cambios. Levo pouco tempo na Praza (EMC). Houbo melloras dende que empecei a traballar aquí. Antes non había, por exemplo, esas portas. Pagounas a Unión Europea para axudar os mercados. En canto a froitería especificamente, todo está máis ou menos igual que antes. Non vexo ningún cambio (EHF).

Como já sistematizado, porém, na seção teórica, a história da *Praza* não está composta somente do arquitetônico, também ultrapassa o contexto europeu e local porque se trata de um lugar construído com base numa estrutura de significações que teve início com os primeiros assentamentos humanos e passou pela Mesopotâmia, ágora, foro, *zoco*, América Central, dentre outros, repercutindo no hoje como um lugar originário comum de herança ancestral - a ancestralidade humana - e ressoando como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas em sinergias que compõem tanto a história social, como as dinâmicas socioeducativas do hoje abastiano.

Nesse sentido, a história da *Praza* não se entende somente desde o arquitetônico, senão e de forma fundamental esta é construída por sujeitos, por uma grande diversidade de agentes sociais que, com seus quefazeres, faina, labuta e missão vem construindo, mantendo e ressignificando a *Praza*.

6.2. CARACTERÍSTICAS ATUAIS DA PRAZA DE ABASTOS

A estrutura histórica e ancestral incide nas dinâmicas da atualidade da *Praza*, porém não se trata de uma transposição mecânica do passado à modernidade, senão que se constitui por meio de processos dialéticos, na prática cotidiana e no encontro com o outro, na configuração da comunidade grupal abastiana. Esse coletivo emerge de uma trama de significados, forjando uma dialética entre passado e atualidade, e destas contradições se constitui o futuro.

Aqui abordam-se três grandes aspectos relacionados às especificidades contemporâneas da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, sendo essas a cultura, a organização econômica e as infraestruturas.

No tópico da cultura são explanados diversos aspectos: o rural, a atividade de mercado (tanto as normalizadas como as que estão fora da normativa), se aborda o tema do mercado de proximidade e os produtos locais, a questão da Praça como lugar de pessoas idosas, também a predominância de mulheres e a pequena representação destas em determinados setores, as *paisanas*, o idioma local, as relações de parentesco, a Praça como lugar de grande trânsito e sinergias de pessoas. No tema da organização econômica abordado toda a questão da economia de proximidade e o assunto das infraestruturas sistematizando e problematizando os acessos e horários nos quais a vida social está organizada.

6.2.1. A cultura

Ao falar de características culturais, trazem-se à tona os recortes – projetos, delineamentos, opções, tendências e possibilidades – o que subjaz a todo construto cultural. Nesse sentido e enquadramento, a *Praça* na atualidade maneja uma série de aspectos que, conjugados, compõem a realidade cultural abastiana.

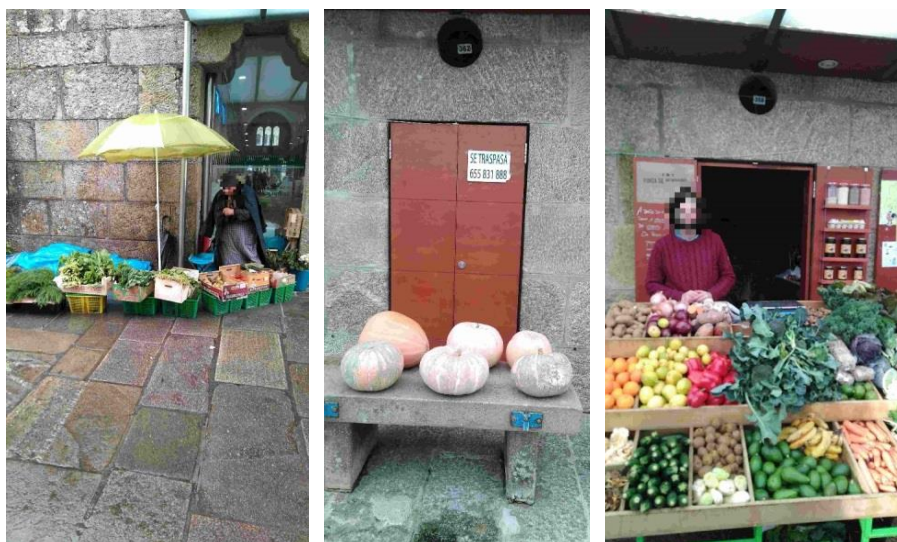
Esses aspectos e características que estão amalgamadas e que podem ser lidas em chave culturais são os seguintes, e dentre outros: a ruralidade, a atividade de mercado, as atividades fora da normativa em convivência com o legal, o mercado de proximidade e produtos locais, tanto do campo como do mar, o lugar de trânsito e de fala de pessoas idosas, a predominância de mulheres, a representação pequena de mulheres em determinados setores, as camponesas (*paisanas*), o idioma local, as relações intrafamiliares e de parentesco ou parentesco político, o lugar de grande trânsito, sinergias e/ou coesão de gente. Todos esses pontos emergem da realidade da *Praça* e que assinala um lugar comum e recorrente, é o que falam da *Praça* como lugar de representatividade cultural.

A questão rural é um dos aspectos de grande recorrência e significância na *Praza*. Trata-se de uma dinâmica firmada no passado galego e que tece uma série de significados históricos, tanto de valor simbólico de prestígio e notoriedade, como de desprestígio e depreciação. Essa simbologia do rural hoje se encarna tanto em agentes sociais como em dinâmicas e serviços e produtos.

A presença de pessoas agricultoras e a existência das camponesas é uma das facetas do rural encarnada na cotidianidade e em agentes sociais (sujeitos representativos desse lugar que fala do ser galego e da característica própria da Galiza).

Em termos de dinâmicas, têm-se a demanda de produtos da terra, a compra de provisões de agricultura familiar e a busca dos olhares, tanto turísticos como de visitantes, em direção aos aspectos que falam do rural e para este convergem. Relativos aos produtos oferecidos ou vendidos da *Praza* é de notória unanimidade a presença do rural.

Fotografia 27, 28 e 29: O rural como pilar cultural



Fonte: Produção própria, 2018.

A atividade de mercado é outra característica constitutiva da *Praça* e peculiaridade cultural fundamental desta. Constitui um exercício que ultrapassa o esquema básico de compra e venda, alcança aspectos simbólicos e das dinâmicas interacionais específicas que transitam também pela compra e venda, assim como por comunicação interativa, de passeio, de busca do necessário (alimentos e artigos), dentre outros. Estão todas elas vinculadas (no concreto e simbólico) à atividade de mercado em compra e venda no momento atual.

A par da atividade de mercado propriamente dita, conjuga-se uma série de dinâmicas e que compõem a realidade cultural abastiana. Um exemplo são as atividades que estão fora da normativa e outras que se dão em convivência com a legalidade instituída. Aqui se tem desde a venda ambulante, como a venda de agricultores e camponesas, sendo que a conjugação desses lugares de fala na dinâmica de mercado (no enquadramento e contexto europeu do século XXI) está deslocada, quer dizer que não há regulação laboral vinculada à Previdência Pública em alguns setores. Entretanto, estão sendo desenvolvidas e decorrem da raiz de esquemas e realidades que são próprias da cotidianidade da *Praça* e representativas das dinâmicas socioeducativas recolhidas de processos e dinâmicas sociais do passado (que seguem sendo atualizadas), como foi sinalizado na discussão do marco teórico a respeito da venda ambulante que estava identificada desde as sociedades antigas (na ágora e no foro), por exemplo.

Fotografias 30, 31 e 32: Atividades cotidianas, algumas reconhecidas e outras à margem da normativa legal



Nas imagens observa-se uma pessoa em atividade de *paisana* – ou agricultora – conversando com um agente de segurança da *Praza*. Também há dois trabalhadores informais itinerantes, tanto ambulante, como fixo). Fonte: Produção própria, 2020.

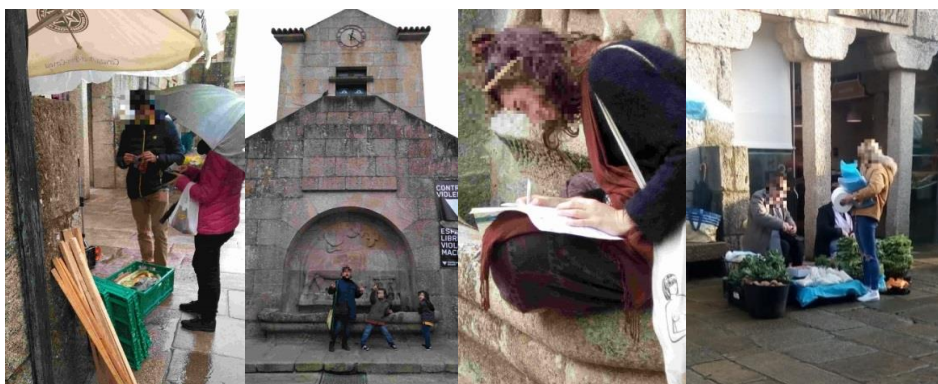
Outro aspecto que compõe o imaginário cultural da *Praza* diz respeito ao mercado de proximidade e à busca de produtos locais, tanto do campo como do mar. Essa vinculação com o próprio está carregada de simbologias de prestígio. É quando o que é nosso “*da terra*” ou “*do país*” no sentido do local e de proximidade é referenciado como algo de grande valor.

A preferência/reputação dos produtos galegos é discurso oficial, recorrente e referendado pela autenticidade dos fatos, uma realidade cultivada e mantida por grande parte dos comércios na *Praza*, tanto para a população local como para a visitante.

Outro ponto recorrente no imaginário da *Praza* diz respeito a um lugar de expressão e de trânsito de pessoas idosas, ainda que esta seja uma realidade parcial e que está em plena mudança. Entende-se que o horário de funcionamento, como a oferta de outro tipo de comércio (dos centros comerciais em *Shopping Centers*) incidem em que a *Praza* seja considerada como lugar próprio de pessoas idosas. Essa

faceta, entretanto, está em mudança, ao mesmo tempo em que é abstraída como características de valor para a visita de quem não é do lugar, porque ilustra um passado que sobrevive cultivado e continua vigente, que foi dado em um tipo de comércio que era lugar horizontal e comum e próprio do passado herdado e que subsiste pela presença de pessoas de idade avançada, idosas e autóctones, isto é, do próprio lugar.

Fotografias 33, 34, 35 e 36 - Renovação geracional no público da *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2018.

Nas fotografias, é ilustrada a dinâmica de renovação geracional (ainda que, de certa maneira, tímida) ocorrente na *Praza*, tanto por pessoas da localidade como por sujeitos de fora. Nesse sentido, num dos entrelugares (entre o local e o de fora) constata-se a presença da comunidade estudantil universitária que transita na *Praza*. Esse movimento de pessoas transportado pela *Universidad de Santiago de Compostela* está sendo configurado como um fluxo à *Praza*, gerando outras e novas possibilidades de interações e aprendizagem.

A predominância de mulheres é outro aspecto assinalado como ponto distintivo da *Praza*, particular desta, matéria já teorizada neste texto. Essa realidade de gênero na *Praza* está vinculada a outras representações discursivas relativas às mulheres, como a da presença pequena de mulheres em determinados setores – no setor do açougue (*carniceria*) – por exemplo, também no lugar das pessoas do campo

e *paisanas* como genuinamente do gênero feminino. De todas as formas, essas questões, imagens e simbologias da mulher estão tecidas em uma rede de significados que põem a mulher como protagonista e representativa desse lugar icônico que é a *Praza*. Esse *locus* de maioria em feminino, entretanto, também está conjugado a dinâmicas estereotipadas, de discriminação, silêncio e desprestígio.

Fotografia 37 - “Desde o campo à cidade”



Fonte: Neira, Seoane e Vázquez, 2014: 24.

As camponesas (*paisanas*), além do lugar do feminino, também representam de maneira conjugada uma série de simbologias e aspectos próprios do local, como a ruralidade, o da força e da função da labuta, como principalmente da questão da anciã como pilar da memória e representativa da manutenção do que antecedeu, baluarte do ancestral, a que traz na sua existência o testemunho da história, com a manutenção da herança cultural, questões, por um lado e sem tocar no outro aspecto, falam do enxovalhamento do antiquado, obsoleto ou arcaico (o coletivo idoso como velho e sem valor e que está condenado a morrer). As camponesas (*paisanas*), indubitavelmente, constituem um lugar representativo de prestígio na *Praza*, ainda que também conjuguem outras realidades, projetos e tensões nas dinâmicas abastianas.

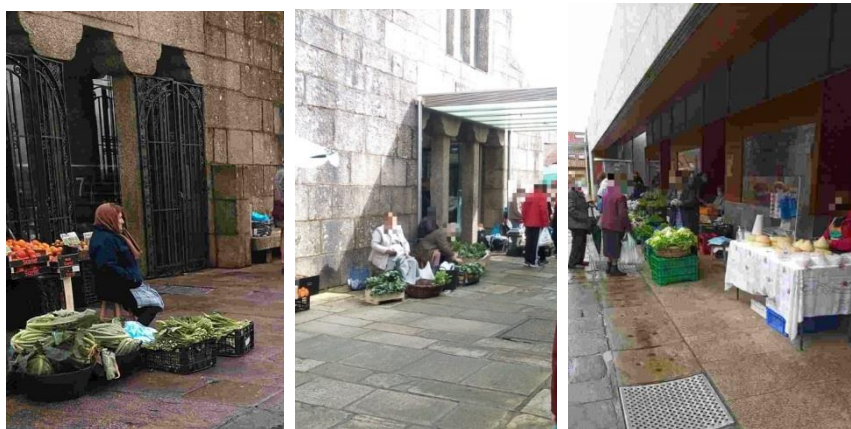
CAPÍTULO 6. A Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela

Fotografia 38 - Em feminino



Fonte: Produção Própria, 2021.

Fotografias 39 - Idosas na Praça



Fonte: Produção Própria, 2017 e 2021.

O vernáculo galego é uma das características que reafirmam a *Praza* como lugar representativo da cultura local. O galego é o idioma majoritário de uso, e este fato enfatiza o aspecto da manutenção e reafirmação do próprio como valor que não se negocia. A língua é

uma das características culturais galega e que permeia fortemente a *Praza*.

Esse aspecto idiomático é profundamente representativo, porque a *Praza* também é lugar de visitação massiva de turistas, o que poderia pressupor a migra o idiomática ao castelhano, porém isso não se d  de maneira recorrente, porquanto o padrão não   o emprego da língua castel , mas do galego.

6.2.2. A Organiza o econ mica

Dir-se-ia que o sistema econ mico da *Praza*   próprio do mercado de proximidade embasado no sistema de venda na modalidade minorista. Nesse sentido, certa parte da acep o econ mica da *Praza* transita entre esses dois conceitos, no qual e por um lado o “mercado de proximidade” diz respeito   perspectiva geogr fica e espacial, como o comércio que está próximo, e, por outro, o comércio minorista e sua acep o, segundo Rebollo (1993), que tem rela o direta com o tipo de produto que se vende (padarias, açougue, mercearias, etc.) e sua classifica o ancorada   distribui o, na qual “la principal función adjudicada al sistema de distribución comercial es la de proveer suficientes puntos de venta en los mercados tradicionales, cercanos a los consumidores” (Rebollo, 1993: 10). Assim, o comércio minorista “realiza labores de intermediación para que los productos que han sido adquiridos al fabricante o al mayorista lleguen al consumidor final en el lugar, en el momento y en la cantidad adecuadas para su compra” (Casares & Martín, 2003:332).

Isto n o  , todavia, de todo acertado porque o sistema econ mico da *Praza* suplanta os aspectos especificamente econ micos desenhados nos termos de comércio minorista de proximidade, dado que se se trata bem mais de um modo de vida, posto que se d  com base na concep o de “mercados de reciprocidade” (Sabourin, 2009: 56) ou, de maneira similar, “circuitos curtos” ou “circuitos de proximidades”, em que “indica-se a ideia da constru o de mercados que priorizem a proximidade espacial, articulando a esta, a informa o interpessoal, o fortalecimento de sociabilidades, bem como as rela es

de solidariedade e reciprocidade entre os actores envolvidos” (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 49).

Nesse sentido, os referenciados teóricos nos termos dos “mercados de reciprocidade” ou “circuitos curtos” põem a ênfase na relação tridimensional dada em lugares de mercados de circuitos de proximidades, nos quais se conjugam aspectos econômicos, sociais e culturais: “os espaços de comercialização se constituem como ambiente em que relações econômicas, sociais e culturais se mesclam”, afirmam ao analisar as práticas da “Rede Ecovida” no Brasil (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 58), realidade estruturada similar à *Praza* em termos de cultura imbricada à atividade econômica.

Os motivos pelos quais se vai e se compra em determinados locais são diversos e podem ser pelo produto, mas também há outras motivações dadas em termos de cultura e ligações: “porque clientas mesmo(...) Porque tamén van pola persona. Ni sempre van. Van polo teu artículo, pero tamén van pola persona” (EMF); e ainda em “Si, bueno(...) si gustaballe a forma que tiña eu, tiña, teño bastante moi bon carácter(...), atendo a xente moi ben e a xente tiña ese (...) hai xente que(...) algun viría por lastima tamén digo eu” (EHC); e ainda nos seguintes depoimentos:

Algunha xente protesta pola mercancía, pero son os menos. A xente sí ten confianza para dicir cando alguna froita lle saleu mal. Outros, os menos, tamén din cando lles saliu ben. Moita xente, normalmente maior, veñen por min porque converso bastante con eles” (EFH).

Claro que a clienta confía moito en ti, eu teño clientes e se che digo pois, o sabado por exemplo, se vou tomar un café as nove da mañá e se está a muller e o fillo, van a comprar e esperan a que veña eu, e o produto e o mesmo, o precio e o mesmo pero elas “dame uns bisteños que señan xa sabes ti”, se llos dou eu van contentas, se llos da a muller igual van a medias e se llos da o fillo (...) (ECH).

Assim, o contexto de circuitos de proximidade concebe as dinâmicas sociais relacionais de mútua necessidade, enquanto fundamento de interação na qual a “relação social passa a ser a base

sobre a qual se apoia a ação econômica, gerando vínculos que vão além do momento da troca, que se encerra em si mesma” (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 60). Dessa forma, a relação social imbricada com a troca passa a ser fundamento, e a dinâmica econômica pura passa a estar como um matiz e mais uma configuração de dinâmicas de relação social em intercâmbio.

A ideia de “circuitos de proximidades”, entretanto, é uma tendência observada na *Praza*, uma orientação ou vocação, não um feito rotundo, dado que o pensamento e caracterização dos “circuitos de proximidades” estão sustentados em uma cosmovisão que alcança a soberania alimentar e de emancipação social não postos na *Praza*.

A ideia da proximidade necessária ao redesenho dos sistemas agroalimentares não se restringe à dimensão espacial ou geográfica. Trata-se de construir espaços e relações de mercado que priorizem a proximidade espacial, mas que articulados a esta proximidade possibilitem a informação interpessoal, gerem e fortaleçam sociabilidades, bem como as relações de solidariedade e reciprocidade entre os atores envolvidos. Os Circuitos de Proximidade estão orientados pela busca fundamental da promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional, para o qual considera-se que, atrelada a uma busca permanente pela aproximação geográfica entre produção e consumo, encontra-se a busca pela proximidade social entre seus integrantes e a adequação cultural e ambiental à sua realidade e história de vida (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 63).

Ou seja, a *Praza do Mercado de Abastos de Compostela*, na acepção do seu sistema econômico, se configura como um território em disputa entre ideias, discursos e projetos divergentes, no qual, cabe salientar, há um terreno frutífero para diversas possibilidades configurativas em benefício dos setores populares e de base, visto que há uma tendência ao exercício das relações em termos de “circuitos de proximidades”. Isso é assim, em razão das dinâmicas sociais constituídas também como intercâmbio, e daí a atividade de compra e venda, e não o contrário.

É importante também sinalizar a ideia de que na *Praza* se observa certa dinâmica enquadrada no conceito de “circuito inferior da economia urbana dos países periféricos” (Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016), sendo que, do enquadramento de países periféricos, passa-se ao de região periférica (Galiza, na Espanha), na qual as diversidades de consumo espelham diferenças de produção. Ou seja, são dois níveis de consumo que correspondem a dois circuitos produtivos (Santos, 1973: 76) por um lado; essa realidade teórica, de outra parte, corresponde também à diferença entre as dinâmicas da *Praza* e as dadas em grandes superfícies comerciais.

No âmbito das dinâmicas da *Praza*, porém, se estão configurando distintas produções para variados consumos. Por exemplo, a fruta e a verdura que vêm de grandes produções e que são vendidas na *Praza*, ou os produtos das camponesas (*paisanas*) do coletivo das agricultoras/es e a oferta dos produtos ecológicos. Quer dizer que se trata de um espaço de trânsito, de fluidez na *modernidade líquida*, de Bauman (2003), que se configura em uma mistura de ofertas (e demandas) em processo de mudança e sem configuração fixa, de momento.

Também há que observar no tópico do sistema económico da *Praza* o que Simmel (1986) descreve como sendo a ruptura entre produtor e consumidor, na qual a trama relacional deixa de se dar com base ao conhecimento mútuo. Nesse sentido, o sujeito como agente social pertencente a um grupo cede lugar ao consumidor (terreno do desconhecido) onde a relação dialética é (de certa maneira) dirimida:

Es aquí que en relaciones más primitivas se produce para el cliente que encarga la mercancía, de modo que productor y consumidor se conocen mutuamente. Pero la moderna gran ciudad se nutre casi por completo de la producción para el mercado, esto es, para consumidores completamente desconocidos, que nunca entran en la esfera del auténtico productor... no debe temer ninguna desviación por los imponderables de las relaciones personales (Simmel, 1986:249).

Na descrita situação de dissociação relacional, o sistema econômico da *Praza* está, como já foi sistematizado, em um estado de liquidez na acepção de Bauman (2003), sendo que esta realidade é potencialmente positiva, porque nesta subjazem possibilidades mais favoráveis às dinâmicas de tendência popular, coletivas e cooperativistas e de propensão aos ideais dos “circuitos de proximidades” descritos por Perez-Cassarino e Duarte (2016). Nesse sentido, são crescentes os discursos da busca pelo caráter tradicional da *Praza*, tanto de parte dos coletivos dos compradores, como de agentes internos que continuam apostando pelo local com produtos de proximidade, ainda que parcializados, quer dizer, mesclando e oferecendo produtos locais e também de fora e de grandes superfícies produtivas. São exemplos, sem lugar a dúvida, de formas de aprender que estão presentes na *Praza*, conjugando aspectos internos com externos.

Também, há que atentar, entretanto, para a objetividade do projeto das indústrias culturais (como abordou-se na parte teórica) insertada na *Praza*, a qual vem imprimindo dinâmicas de homogeneização e configurando um novo nicho consumidor, centrando, em grande medida, no atrativo turístico, dentre outros.

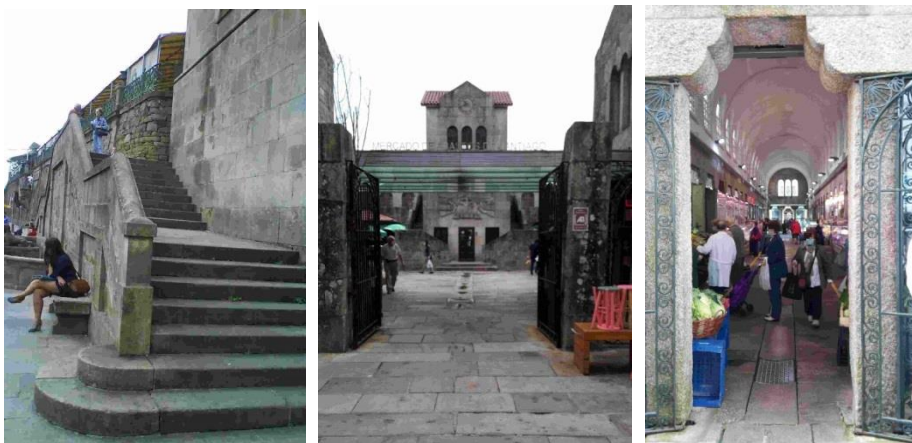
Esse ideal das indústrias culturais (IC) em projeto prático tem gerado grandes tensões e conflitos, e, de certa maneira, fratura a possibilidade de construção da aprendizagem de um mercado de proximidade sociocultural, visto que as IC apostam no desenvolvimento de setores (o turismo hegemônico, por exemplo) que estão chocando ou obstaculizando a diversidade do local versado em “mercados de reciprocidade” (Sabourin, 2009: 56) ou de “circuitos de proximidades” (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 49).

6.2.3. As infraestruturas

A *Praza* conta com sete acessos, sendo que há cinco portões de entrada ao nível de mercado, o quarto por ladeira (que vincula a *Praza* a *Rúa Virxe da Cerca*) e o quinto acesso dado por elevador, e outro pela escadaria que dá também para a *Rúa Virxe da Cerca*. O horário de funcionamento em termos de atenção ao público da *Praza* se especifica no turno da manhã, de segunda-feira a sábado, sendo que,

para o setor do peixe (*pescadería*), não há mercado nas segundas-feiras e para as camponesas (*paisanas*) e agentes agricultoras/es não existe horário estruturado de maneira formal; ainda que se tem a dinâmica das agricultoras/es que não têm horário formal fixo, igualmente certo é que às terças (“dia de peixe”, ainda que cada vez com menos presença de *paisanas* e agricultoras/es), nas quintas e sábados, este último como dia grande de mercado, são os que se dão com presença de camponesas e coletivo agricultora/or, insistindo em que é o sábado o dia com grande comparecimento de público.

Fotografias 40, 41 e 42: Acessos à Praça



Fonte: Produção própria 2017 e 2020.

Relativamente ao horário vinculado às mudanças modernizantes da *Praza*, tem-se o horário dos locais do pavilhão número cinco (*da nave 5*), que são os locais de restaurantes e do setor gastronômico (*hostelería e restauración* na prática social), mais a loja de vinhos (o local da *Viñoteca*), ainda que a denominação oficial discorra como “elaboração de produtos para envio a casa e de degustação”. O horário desses estabelecimentos amplia o horário de funcionamento ao turno da tarde/noite.

Todos los negocios de la derecha pertenecen al Mercado, esos abren con el horario interrumpido, pueden estar abierto hasta las 12:00 de la noche y de hecho Abastos es

uno de los negocios qué habría estado a la 1h y las otras tiendas suelen abrir hasta las 8:00 de la tarde y también están en la nave número 5, que también abren incluso los festivos aunque el Mercado cierre y también alguna noche, aunque el mercado cierre (EMA1).

Fotografias 43, 44, 45, 46 e 47: Estabelecimentos do setor gastronômico da Praça



Fonte: Produção Própria, 2017.



Fonte: Produção Própria, 2020.

Nas fotografías, tem-se a “Viñoteca do Mercado”, o lugar pioneiro na abertura do lugar de fala do setor que trouxe a gastronomia à *Praza*, inaugurando outra estrutura simbólica. Seguido do “Abastos 2.0”⁷⁰, este começou a tarefa das necessárias e difíceis reformas em um edifício público e de centralidade da cidade de Santiago de Compostela, desenvolvendo mudanças na infraestrutura arquitetônica e simbólica da *Praza*. Também se observam ofertas gastronômicas mais deslocalizadas, com inclusão de algumas não próprias do conceito de comércio de local, como a de *sushi*, como exemplo, e por último toda o pavilhão (a *nave* número 5). Esse referenciado setor tem gerado grandes mudanças nas dinâmicas da *Praza*, a contar pelas infraestruturas necessárias para o funcionamento deste tipo de local. Também se constitui em distintas e novas modalidades de comunicar o local social.

Abrir os boxes (*as casetas*) é de obrigatório cumprimento, estando reservada a possibilidade de multas por faltas leves no valor de 30 a 750 euros, se não se abre em 15 dias sem justificação (de acordo com o regulamento); entretanto, existem faltas justificadas, como baixas médicas, licenças maternais, dentre outras. Ademais, relativo ao horário, certo é que as pessoas trabalhadoras na *Praza* têm um horário muito mais extenso do que o horário de funcionamento de compra e venda, pois uma pessoa autônoma trabalhadora pode superar as 12 horas de trabalho em dias de intenso fluxo de gente, que os agentes da *Praza* chamam de “día grande”.

Tiña que levantarme as cinco da mañan pra estar ahi as seis. Martes, Xoves e Sábado. O Luns estaba ahi ás sete e media. E o Mércores o Venres tiña que madrugar tanto, tiña chegado a casa, que despois xa non ia a casa ia comprar en Mercagalia e tiña chegado a casa as dez e media da noite. Ti cres que eso e normal? Eso e vida? Pois eso foi o que fixen ahi no Mercado, a maioría das veces.

⁷⁰ Magago, 2010:

<http://www.manuelgago.org/blog/2010/01/16/abastos-2-0-unha-proposta-de-cocina-miuda-en-santiago-de-compostela/>

Porque tes que facer ti solas e tes moito, moito traballo ahí. A froita e moi, e moi esclava, he, aunque parece que non (EMF); eu chego as seis, seis e media da mañá, as oito e media, oito e cuarto, oito xa empeza a vir algunha xente(...). Si, tiven, tiven ofertas grandes, tiven pero bueno nunca me gustou cambiarme porque bueno gracias a dios vaime indo ben, a base de traballo vaime indo ben e non teño problema pero agora tamén che digo que igual estaba mellor de empleado máis tranquilo, igual traballaba aquel turno, mañán e tarde e olvidabaste de todo e neste caso non te olvidas porque tes que estar ao pé do cañón as vinte e catro horas os trescentos sesenta e cinco días (EHC).

Os boxes, que são os postos de trabalho, são licitados a cada 50 anos, como máximo, que é quando a Prefeitura (o *concello*) põe os boxes a licitação de concorrência pública. Ou também pode-se acessar por transferências por motivos de aposentadoria, fechar por doença, encerrar as atividades, dentre outras alegações. Ou seja, se acessa a um local na Praça por duas vias, ou por concorrência pública (*subasta* pública) ou por transmissão. Na atualidade, há espaços livres (fato que infelizmente é cada vez mais usual): “Alrededor de un siete por cento de casetas esta pechada, esta pechada, sin actividades” (EMA1).

Para solicitar um espaço na *Praza*, há que solicitar por meio de um formulário (instância geral) à empresa gestora (a cooperativa) ou à própria Prefeitura (*ao concello*) por meio de registro. Cópia do documento de identidade da/o solicitante, escrito indicando a atividade a que se pretende destinar o local e o “informe favorável” da empresa gestora da *Praza* são alguns dos documentos solicitados para se chegar a um boxe ou *caset*⁷¹.

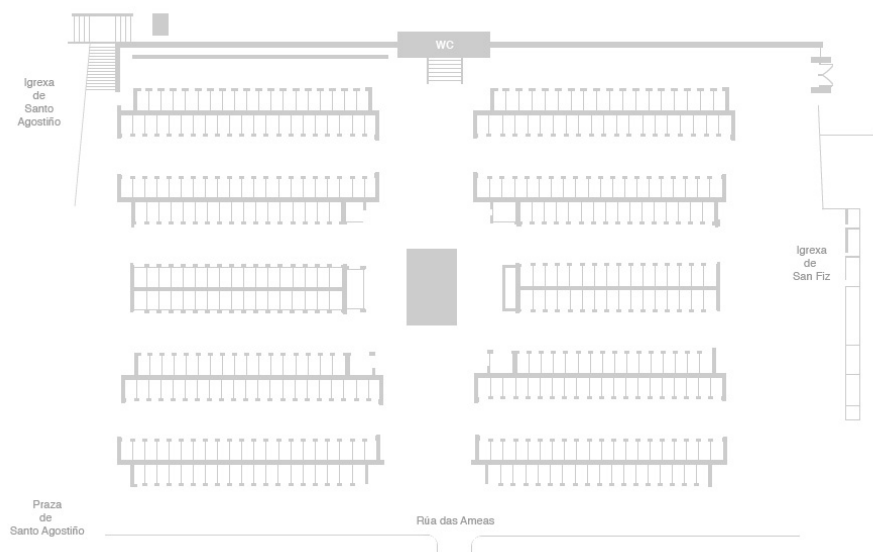
O prazo à licença definido pela normativa da *Praza* em termos de concessão de um (ou mais posto) é de 15 anos, ainda que haja a possibilidade de prorrogar por um período a (e a cada cinco anos)

71

http://santiagodecompostela.gal/e_santiago/tramites/tramite.php?txt=xestions&id_t=141&c=28&id=0&lg=cas

mais, chegando a um máximo de 50 anos somados em totalidade e contados a partir da data da concessão de cada posto. As solicitações de prorrogação se formulam segundo a normativa pelos próprios titulares com três meses de antecipação depois da finalização do prazo de vigor da concessão. A última concessão através de convocatória geral, quer dizer, de concurso público, que se deu foi em 2006, para o pavilhão cinco (*nave 5*).

Figura 17: Plano da *Praza*

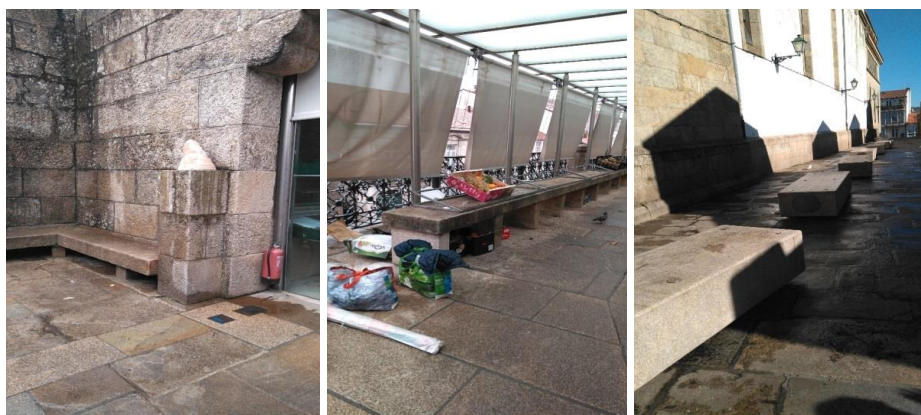


Fonte: Plano retirado da Página Web da Cooperativa da Praça.

Na atualidade a *Praza* conta com 8 módulos (*naves*) com 42 boxes (*casetas*) aproximadamente em cada um dos oito módulos, mais um módulo (*nave*) de nova construção que alberga a aula sociocultural também chamada de *gastrocultural*. A *Praza* também conta com banheiro, um espaço central para a administração, dentre outros. No mês de dezembro de 2020 tem-se o número de 7% de boxes (*casetas*) vazias, à espera de pessoas interessadas em instalar um negócio na Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

Ainda que os boxes sejam, só eles, os lugares que são licitados, há também a opção de exercer uma atividade de mercado nas pedras ou ocupando o espaço de mercado dentro ou aos arredores da *Praza*. Alguns bancos de pedras estão numerados, mas na atualidade esses números não representam nada, possivelmente a necessidade de numeração perdeu a função, mas há novos postos de pedras que foram introduzidos com a reforma de 2006, o que alude à necessidade de permanência deste tipo de espaços de trabalhos.

Fotografias 48, 49 e 50: Bancos de pedras, postos de trabalho



Fonte: Produção Própria, 2017.

Nas fotografias observa-se distintos lugares nos quais se permite a presença de camponesas e de agricultoras/es. Os bancos de pedras não passam por concorrência pública (*subasta* pública, mas, a depender do dia e da época do ano, há uma ocupação gerenciada. Trata-se de uma dinâmica instituída entre o coletivo trabalhador nestes espaços que comungam valores que podem ser entendidos como uma forma de autogestão, ainda que para a sua ocupação haja que pagar três euro por dia ocupado, pagamento que normalmente é feito ao pessoal de segurança e destinado à administração da *Praza*, conforme estipula a normativa.

A ordenação que rege o funcionamento da *Praza* (que veio substituir o “Regulamento dos mercados de abastos” de 1999) está baseada no documento “Regulamento Municipal da *Praza* de

Abastos”, publicada no BOP de *A Coruña* do día 6 de setembro de 2006⁷². Neste, se especificam cuestións como as condicións do funcionamento do mercado, como deben ser o uso e a ocupación dos boxes, dentre outros.

Os produtos do mercado são diversos e non há normativa que restrinja a actividade de mercado, mais além da especificación de ser venda na modalidade minorista (*al por menor*) e que sejam produtos da cadea oficial de produción, aínda que haja uma “licença especial” aos produtos do rural de cultivo campesino. Em termos de provedor tem-se “Merca Galicia” (para frutas e verduras), grandes empresas, mas também e inclusive cultivo familiar, que tanto pode ser de entrega no local ou que cada comerciante deva ir buscar nos lugares de orixe, mercados de peixes (*lonjas*), matadouros etc.

A rotina das persoas traballadoras da *Praza* é bastante estruturada e distribuídas en algunhas dinámicas semanais e outras cotidianas, entre outras trimestrais e anuais relativamente a burocracias administrativas (declarações anuais de fazenda etc.). Guardando as diferenzas propias de cada setor, e a partir de relatos amplos, pode-se dizer que abrir e organizar os postos, a compra de material e artigos para a venda e a data e limpeza, além da própria e genuína dinâmica de troca e venda. Esse esquema resumido, entretanto, non alcanza às especificidades trazidas pelas descrições a voz viva de cada pessoa e agente traballadora/or da *Praza* em como se dá um dia normal de traballo, sendo este exposto por parte de cada pessoa agente entrevistada ao ser indagada sobre como se dá um dia normal de traballo:

Pois, mirache. Chegas pola mañan (risas) e o primeiro que faz é mirar ooo, o que e a, aaa, vender para comprar ti...
Entonces eu chegava, mirava o que habia, compraba si gustaba ou esperaba un pouco, iba tomar un cafe, logo xa abria o mercao ou xa abria oo, a como e, a porta, xa

72

http://santiagodecompostela.gal/medi/tramites/Normativa_Municipal/1._Ordenanzas_Xerais/Contratacion/Regulamento_municipal_da_Praza_de_Abastos.pdf

encargaba as cousas que me gustaban, outras xa tiña dentro porque collin a víspera, si vas ali o mercado tes que ir a víspera eee, sin non chas poden traen pola tarde traenche pola mañan, se que, e despues tas ali a vendeeer, tomas un cafeiño, compras un bocadillo, tomas unha empanada porque nin comida no bar, non podes ir, recolles, xa van a ser as seis da tarde ou as cinco pra casa, o vas a Mercagalicia a comprar e máis pagas e pasas por todas. Erache (...) o traballo que eu tiña (risos) (EMF).

Como se lê, há nos relatos da cotidianidade grande carga emocional de pesar, esta consternação está vinculada ao trabalho necessário que está invisibilizado. Esse trabalho de montagem do boxe, posto ou *caseta*, sua manutenção (reabastecimento, limpeza e ordem), a busca por produtos de qualidade a bom preço, dentre outros, estão emergidos, dado que o visível é quase sempre a atividade de venda.

Facer compras de materias primas na mesma Praza; abrir o negocio e montar o escaparate (diariamente); montar as vitrinas cos pratos elaborados diariamente; facer as preparacions diarias; atender ós clientes; atender ó correo electrónico e ás redes sociais; facer pedidos ós provedores; recoller a mercancia das vitrinas e facer caixa (EMC).

A rutina miña é estar toda a mañán aquí, chegando ás 8. Os sábados chego un pouco antes. Montar o posto leva unha hora e algo. Vendo e sobre as dúas empezó a recoller ata as 3, 3 e media que marchamos. É unha rutina bastante estable. Ás veces compro antes de vir e outras ó saír (...)

Non se poden botar máis horas no traballo (EHF).

As condições climáticas da *Praza* são duras porque trata-se de uma estrutura arquitetônica semiaberta, na qual somente há condicionamento climático na nave de gastrocultural ou sociocultural e na administração. Quer dizer que o coletivo trabalhador e demais enfrentam umas condições climáticas árduas e próprias de tempos chuvosos e do inverno galego. As queixas do coletivo que sustenta a *Praza* com o próprio trabalho de mercado, porém, não transitam por estas vias, a climatológica.

Um tema que concentra uma série de conflitos e diferenças tem relação com a dinâmica da Praza e a presença das camponesas e agricultoras/es. Nesse sentido, há uma perspectiva de inclusão e solidariedade que ainda não foi instituída como prática, mas existe como sensibilidade:

Porque os da verdura, os da fruta, cando estaba antes, antes da Cooperativa. Antes, cando era polo Concello pagavan menos. Pero veo a Cooperativa e obrigou que todos paguen igual, pero non todos teñen os mesmos dereitos. Porque cando haxa un xamón no cesto da señora, da da paisana, chorizos, pescados, tamén non poden poñer, pescado todo eso como havia antes. Porque si mirades como ocorreu, hai fotos que o pescado estaba fora. Para que funcionen as casillas teñen que quitar tooodo de fora, si queren ter as paisanas que as metas nun pavillón. O sexa, que sii non dan enchido a Praza. Teñen que mete las paisanas nun pavillón, as xubiladas pa casa e as outras que paguen un pouquiño máis (pero tamos oito). E máis bonito comprar nunha casilla, que a señora esta, teña a sua auga, eu pa min que e mais decente. Ali pabellón das paisanas, o nave o no se que queiran chamar (...) (EMF).

Considera-se, porém, que não há forma de fazer acordos “porque a máis ahi, a ver, ahi non hai unidad” (EMF). Fazendo alusão à falta de união, um tema que gerou bastante controvérsia foi o destino que seria dado ao pavilhão cinco, a respeito do qual havia distintas opiniões e uma delas advogava por implantar um supermercado:

Porque ten e ti pica, e tudo e ti pica, aproveita e ese día, e, heee, Canto costa levar unha cousa desa a casa? A Plaza non funciona porque non hai un supermercado. E tudo mundo dice que non. Cando, cando queria vir o supermercado, xa ahi unha nave. Porque o final, o final. Eu vou ao supermercado hoxe. Por que? Quitando oo, sin. Porque dentro, ou tiendas que hai por ahi... Pero, si ti vas o mercado, vas o mercado perto, pois tes que ir o supermercado porque non tes o resto porque non o tes alí. Onde compra o resto? Si, pero o pescado e fruta e carne, pero tamen teñen no supermercado (EMF).

Uma outra questão que se tem na *Praza* e que é tema de reivindicação é sobre a necessidade de habilitar um estacionamento ou de buscar alguma alternativa para que os carros possam estar mais próximos da *Praza* para ampliar a clientela do mercado. É importante sinalizar que esta reivindicação é um dos poucos temas acerca do qual há consenso e unanimidade, que é a necessidade de que haja um estacionamento próximo para a clientela da *Praza*.

O sea, eu sempre pedín que subira o coche pola rampa a xente. Porque hai xente que ten que entrarche. Ahora a muller traballa, eu sempre dixen. Dixera antes pa tras, hem. A muller agora traballa más que a antes, entonces, gracias a dios, subir pola rampa, que ta todo aquilo o redor, subir pola rampa e salir por Hermán Gómez e ti podias facer un, unha compra rápida, me chamabas, mira pome eso, pome outro, a outra, aaa, entonces, ter un pouquinho o aparca. Pois falaron do aparcadeiro que puñeron a lá en Belvís, pois era un rollo después ten que ir alá e está aquí. Pues esa facilidad, eu penso que non interesa, pois mira, falei xa con todos os alcaldes... porque eso era estupendo. Mira, quitaballes tráfico, a Virxen da Cerca un cacho, porque sube pola rampa... Ti subias, deixabas eso libre, que poidas vir co coche, tala a tua compriña, media hora ou así, si tens todo encargado máis ou menos, tres cuartos de hora, e arrancas e sales por Hermán Gómezs (EMF).

A infraestrutura da *Praza* é um ponto que vem sendo ampliado nos últimos anos, tanto em relação a aspectos arquitetônicos, como podem ser a reforma e ampliação do edifício, como de dinâmicas de trocas como ofertar serviços à comunidade (local e de fora). A *Praza* conta com serviço de consigna, de entrega a domicílio, entrega a distância, entre outros. Essas novas bases organizacionais são sinais de adequação desse espaço tradicional às dinâmicas atuais.

Fotografias 51 e 52: Infraestruturas atuais que dinamizam a venda na *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2020.

Também, e de maneira fundamental, vêm sendo configuradas mudanças em termos de dinâmicas de horários de abertura (novos horários foram postos a partir do funcionamento dos locais de restaurantes), o que permite a circulação pela *Praza*, ainda que neste circuito gastronômico e de maneira específica. Tais precedentes e mudanças, entretanto, abrem a possibilidade de que seja retomado o debate de ampliação de horário, entre outras dinâmicas de nova incorporação e adequação aos tempos atuais: “unha cousa que eu sempre o dixen e non estou nada de acordo é co horario do mercado, a min o horario parece moi anticuado” (EHV).

Em relação aos meios de comunicação na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, estes estão divididos entre meios comunicativos interno e externo. Os internos são os relativos ao coletivo trabalhador na *Praza*: circular impressa que se entrega em mão, conversa direta desde a Cooperativa aos *placeros* e *placeras*, e também há sistema de correspondência por correio ordinário e virtual.

Como meios de comunicação externos, entende-se a comunicação estabelecida entre a instituição da *Praza* e a sociedade em geral. Esta comunicação se dá pela página web da Sociedade Cooperativa Galega (a empresa que administra a *Praza*) e demais *páginas webs do Concello*, também por meio de cartazes informativos estáveis e outros eventuais. Os anúncios fixos e atemporais comunicam informações estáveis e de interesse público geral, outros

são pontuais e informam de alguma mudança eventual, com informação concreta.

Fotografias 53, 54 e 55: Modalidades habituais de comunicar



Fonte: Produção Própria, 2018.

Uma das facetas da comunicação da *Praza* é através de propagandas promocionais, o *marketing*. A dinâmica desta linguagem comunicativa aproveita todo o espaço, tanto os próprios postos, a fachada do paredão, uma porta, de vidro, entre outros. É uma modalidade de comunicar em *marketing* para promover a dinâmica de venda.

Fotografias 56, 57 e 58: Comunicação propagandística



Fonte: Produção Própria, 2017.

As formas de interação comunicativa que foram apresentadas pelas pessoas trabalhadoras da *Praza* se configuram tanto na faceta negativa, como na positiva. Sequentemente, se ilustram formas de comunicação obstaculizada: “Si os dahí cando eu falava rianse de min, he, mire, si non hai quen, quen (...)” (EMF). Em outro relato, constata-se a limitação de contexto comunicativos coletivos horizontais:

Mira, o principio claro que fan unha reunión e din, mira vamos a(...) e unha vez que entra después xa, é coma todos os sitios (...) Porque de unha vez puñeronme... Pero fue, puñeronme de ..., pero después nunca che chamaban a reunión. Esa e outra (...) (EMF).

Conforme se observa nos trechos selecionados, o processo de comunicação é algo a melhorar – sendo a comunicação um dos fundamentos da aprendizagem, segundo Pichón-Rivière (2005). Para que a *Praza* continue um espaço de encontro e aprendizagem e permaneça como legado e herança, o coletivo desta terá que ser capaz de estabelecer uma dinâmica que promova a comunicação.

6.2.4. As instalações externas à *Praza*

Como instalações externas, tem-se três perspectivas que estão integradas. Primeiro, observam-se as instalações que falam do ramo de trabalho que estão vinculadas às próprias atividades de mercado, porém, que sua localização não está dentro da estrutura arquitetônica da *Praza*. Segundo (e com duas manifestações), as estruturas relativas à atividade que se reporta a espaço, com instalações que se tem dentro do edifício da *Praza* ou fora dela, mas que não são próprias da atividade de mercado, estas se apresentam em duas variantes.

Por fim, e relativamente à expressão “instalações externas à *Praza*”, há três possibilidades: 1) as instalações externas à *Praza* dentro do ramo de atividade de mercado e que estão localizadas fora do edifício da *Praza*, 2) instalações externas à *Praza* fora do edifício da *Praza* e que não desenvolvem atividade de mercado propriamente dita e 3) instalações externas à *Praza*, porém que estão localizadas dentro do edifício da *Praza* e que também não desenvolvem atividade de mercado de forma estrita.

Primeiro, como atividade de mercado com instalações fora da *Praza*, têm-se os locais anexos às atividades exercidas na *Praza*, como podem ser as oficinas de trabalho dos açougues (*carnicerias*), os quais não estão permitidos que se tenha dentro da *Praza*. Essa condição de funcionamento é posta pelo departamento de saúde do governo (*Xunta de Galicia, Sanidade*) desenhada dentro do grande espectro das normativas europeias.

Sobre essa matéria, recolheram-se testemunhos que representam exemplos de condicionantes estruturais na *Praza* que fazem com que as atividades tenham que ser ampliadas e que sejam mais custosas (desde o ponto do desgaste econômico e/ou físico):

(...) e a pesa, agora puñeron a ITV a pesa, sesenta euros o ano, e a de fora trae a pesa da cociña, después non sabe si pesa ben si pesa mal, pero en que mundo estamos? Ai vamos pa traz, he (EMF).

Si, home. (...) todo, o noventa e cinco por cento das cousas vexoas todas moi ben, todas as melloras, todas as melloras, hai un tres ou catro ou cinco por cen que non, que non...bueno que vexo mal, exemplo, vamos a ver nos antes un grupo de carniceiros tiñamos un obradoiro aquí(...) Tiñamos aquí nesa nave. Tiñamos ahi unhas casiñas. Bueno, tomamos eso por orden por numero por exemplo a min tocabame pois de duas da tarde as catro da tarde, a ti tocacache das catro da tarde as seis da tarde enton eles podian entrarche no establecemento e vixilarche como se facían as cousas porque era un sitio público, e podian entrar. Despois eso non valía, valeu dez anos e despois xa non valía, fixeronnos facer a cada un o seu obrador, o que podía o que non non podía facer o producto, a min agora si ti me queres ver no obrador tes que chamarme porque non estou alí se eu teño algunha anomalía non me das collido, xa, senon xa rectifico, ao collerme in fraganti pois (...) eu falo por min, eu gastei moitisimos cartos, eu gastei máis de trinta mil euros en facer un obrador, enton tiñamos aquí un obrador podianche vixilar a hora que quixeran a hora que tal pum pum e podianche coller como quen din coas mans na masa, cambiaronno (...) e ao carallo (...) Foi normativa da

Union Europea que non valía, non valía o común, tiña que ser individual e aí(...) (EHC).

Essa dinâmica amplificada da *Praza* relativa às instalações externas representa em grande medida contratempos ao coletivo trabalhador, entretanto, e também, enfatiza a ideia do trabalho não visto. A invisibilidade das atividades que estão subjacentes e silenciadas são fonte de tensão, tanto pela sobrecarga laboral, como pela ausência de reconhecimento do esforço e trabalho manejado para alcançar um produto final para a venda. Outra questão trazida por esta problemática tem relação com a perda de espaços sociais coletivos, na qual o processo de aprendizagem está mais potencializado, perdendo-se uma série de ferramentas obtidas no aprendizado em grupo.

Na segunda especificidade do externo e suas instalações (fora da *Praza* e fora da atividade de mercado), tem-se contextos como, e primeiro, a Prefeitura (o Concello de Santiago) como proprietário da *Praza*, segundo o setor dos provedores, como, por exemplo, *Merca Galicia*, vendas de pescado (*lonjas*), além de outras empresas provedoras e intermediárias e, de forma similar, engloba também o campo e a concepção identitária da ruralidade galega.

Em relação à Prefeitura (*Concello de Santiago*) como instalação externa à *Praza*, há que ter em conta que se trata da instituição proprietária e que na atualidade destina funcionários públicos que são encarregados de parte das dinâmicas administrativas que a *Praza* demanda; essa parcialidade se dá porque a gestão foi externalizada.

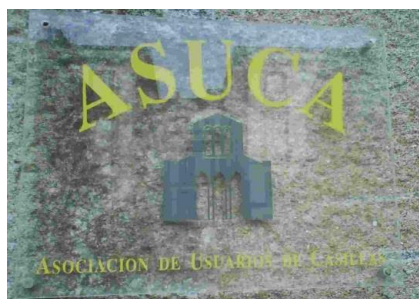
Considera-se *Merca Galicia*, como também as centrais maioristas de pescado e outros produtos do mar (*lonjas*), além de outros provedores (intermediários, empresas que trabalham com produtos vendidos na *Praza*) como instalações externas, porém anexas à *Praza* porque em grande medida são um aparato fundamental para o seu funcionamento. O campo também está englobado nessa acepção, ligado nas compras que alguns locais fazem ao setor da agricultura familiar e/ou de plantio próprio.

Nesse enquadramento descrito, os produtos do mar ganham uma acepção especial porque muitos pescadores têm vinculação familiar

direta com locais na *Praza*, resultante e uma simbiose muito própria do tecido social galego, tanto familiar como de conceito de “mercados de reciprocidade” (Sabourin, 2009: 56). As manifestações discursivas que sinalizam a vinculação direta entre a pesca e a atividade coletiva de venda na *Praza* emergiram por meio de alguns testemunhos recolhidos nas entrevistas: “A xente polo que más ven polo hoxe e polo pescado, porque eu xa non vexo posto de fruta revivido” (EMF); “La gente viene al mercado más por el pescado, es lo que llama la gente a la plaza” (EMP).

Na terceira acepção, tem-se as que estão localizadas na *Praza*, porém não direcionadas à atividade de mercado diretamente. Neste sentido, existem a Associação de Usuários de Casetas (ASUCA) e a Sociedade Cooperativa Galega (a empresa que administra a *Praza*). Ambas as instituições têm suas instalações e funcionamento dentro do edifício da *Praza*.

Fotografias 59 e 50: Instituições das/dos trabalhadoras/es da *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2020.

Tanto a Asociación dos Usuarios de Casetas (associação que reúne parte do coletivo que adquiriu a licitação de uso dos boxes/casetas) como a Sociedade Cooperativa Galega (empresa que administra a *Praza* para a Prefeitura (*concello* da cidade de Santiago de Compostela) estão localizadas no próprio espaço da *Praza*. Esta proximidade é potencializadora do processo representativo e, embora as dificuldades permaneçam, estão passando por um processo de ampliação da representatividade.

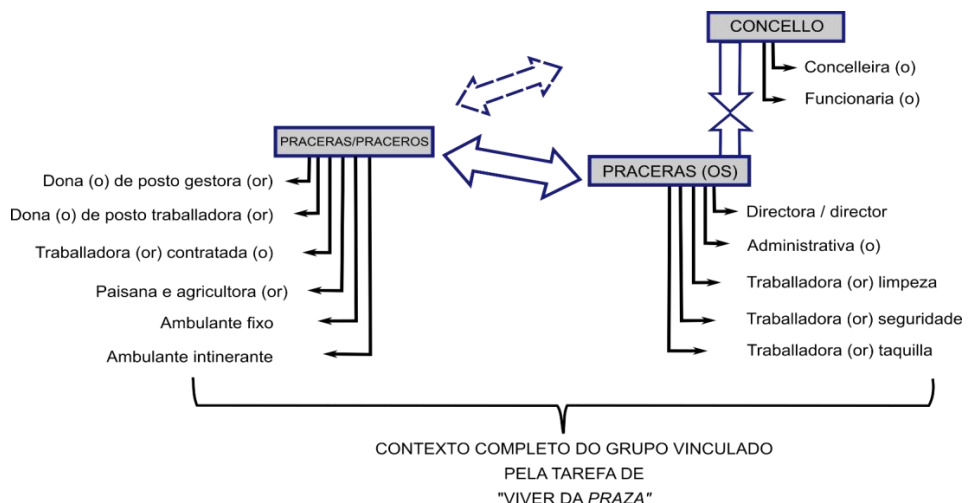
São exemplos de instalações externas à *Praza* a partir do enquadramento da atividade de compra e venda e/ou atividade de mercado; entretanto, é, em grande medida, interna, quer dizer, compõem a estrutura que configura a *Praza* como parte integrante, inter-relacionada, características e dinâmicas que chocam com o conceito de instalações externas. Assim, são, mais apropriadamente, instalações internalizadas.

6.3. SUJEITOS E OCUPAÇÕES NA PRAZA DE ABASTOS

A Praza está composta de uma amálgama de tipos humanos relacionados, em grande medida, às ocupações que exercem. Assim, no diálogo entre a trajetória individual de cada sujeito e a atividade exercida por eles se dá uma mistura de significados que resulta em diversidade cultural.

A Praza do Mercado de Abastos está constituída em uma dinâmica grupal, na qual a natureza do grupo está fundada em uma tarefa compartilhada. Em torno desta, configuram-se diversidades de dinâmicas e papéis específicos, sendo eles e de maneira ampla:

Quadro 19: Esquema dos tipos de trabalhadoras/es na Praza



Fonte: Produção Própria.

São doze ocupações que configuram diferentes tipos humanos no espectro da/do trabalhador na *Praza*: a) Dono da *Praza* (a *Praza* é pública e de propriedade do Município), b) Gestão da *Praza* em Cooperativa (diretora e administrativo), c) donas/os de postos que só trabalham na atividade de mercado de maneira eventual, são mais bem gestoras/es, d) donas/os de postos trabalhadoras/es em atividade de mercado, e) trabalhadoras/es contratadas/os por conta alheia, f) *paisanas*, g) agricultoras/es, h) pessoal de limpeza, i) pessoal de segurança, j) pessoal trabalhador em taquilla, l) trabalhadora/or informal, m) trabalhadora/or ambulante.

6.3.1. Tipos humanos que dinamizam a Plaza de Abastos

A comunidade abastiana é mais extensa do que o grupo das pessoas trabalhadoras em atividade de mercado. Acostou-se, entretanto, o estudo nas práticas educativas a serem estudadas como grupo dentro da comunidade⁷³ pela necessidade de enquadramento estabelecido e de recorte necessário para a abordagem grupal. Essa fez-se com a conformação do grupo de linha pichoniana, e assim consideraram-se as trabalhadoras e trabalhadores em atividade de mercado na *Praza* como coletivo grupal para abordar as dinâmicas educativas do grupo que trabalha com atividade de mercado. Para descrever, entretanto, a organização do grupo trabalhador em atividade de mercado, precisa que se acesse a esses outros agentes que orbitam ao entorno do grupo delimitado e estudado, como são, por exemplo, a administração, compradores, passeantes, visitantes turistas, dentre outros.

A Prefeitura (o *Concello*) é a dona da *Praza*. Antes também eram os administradores diretos, atividade que era desenvolvida por funcionários públicos. A administração da *Praza* foi externalizada e passou para a responsabilidade da “Sociedade Cooperativa Galega”

⁷³ Paiva defende o argumento de que a “comunidade não é o mero estar-junto num território, como numa aldeia, num bairro ou num gueto, e sim um compartilhamento (ou uma troca), relativo a uma tarefa, um *munus*, implícito na obrigação originária (*onus*) que se tem para com o outro” (2007: 9).

(atual empresa gestora da *Praza*), conformada por parte das pessoas trabalhadoras da *Praza* com esse fim específico. A necessidade para a conformação da cooperativa e a decisão de apresentar-se ao concurso público para gerenciar a Praza podem ser observadas nesses testemunhos:

Dixeronos que daba pérdidas. Pero entonces veu a Cooperativa e subeu todo. A Cooperativa foi porque o señor Bugallo (...) Pero, eee, a Praza daquela eeem, estaba polo Concello, entondes nos pagabamos moito menos todos, pero veu a Cooperativa, entonces o Bugallo dixo que, que a deixaba a unha empresa que, que non podía, aquí, que daba perdida. Daba perdida porque quere, porque antes el mandaba, o Concello mandaba tres, por poñer un exemplo, tiña dous outr tres guardas, non sei, xa non me acordo, habia un para medio día, xa non sei, creo que tiña tres guardias. Sei que tiña tres guardias pra o total, pero so da limpeza mandaba tres con un cargado. Tres personas con un cargado, agora ta na facendo dous sen encargado e cobran menos que con o Concello. Eso tamén hai que decirlo, esos dous que están ahi, ven a Plaza todos los días, cobran menos que do Concello e son dous e daquela viña catro. Non se pode meter tanta xente asi desa maneira, hai que saber donde as metes tamén. Pero como como (...) (EMF).

A cooperativa empezou no ano dous mil (...). Porque pasaba tipo (...), ao concello daballe perda pero non atendían as instalacións entón nos o que lle pediamos e que nos autogestionaran a nosoutros e nos pois (...) traemolo para aquí, pagamos un alquiler e nos vamos autogestionando, fixemos unha cooperativa porque había que facer cooperativa non valía sociedad (EHC).

Além do grupo da *Praza*, há outros agentes que se dedicam a ela, ainda que não em atividade de mercado propriamente dita, como, por exemplo, as pessoas contratadas da cooperativa, na qual há agentes sociais que trabalham na *Praza* na consigna, na limpeza, na segurança. Neste último, há mais pessoas da polícia local, que são agentes dependentes da Prefeitura (do *Concello*) da cidade de

Santiago de Compostela. Também, na organização da coletividade da *Praza* há agentes diversos, como, por exemplo, compradoras/es, visitantes, passeantes e turistas.

Assim, no contexto da atividade direta na *Praza*, há o coletivo trabalhador em atividade de mercado, dividido em categorias que abarcam os seguintes perfis: donas/os de boxes (*casetas*), contratadas/os, camponesas, agricultoras/es e ambulantes.

No citado contexto global de agentes da comunidade da *Praza*, entretanto, há três níveis nos quais estão os máximos representantes legais desta: primeiro, a Prefeitura (o *Concello*), como proprietária da *Praza*; segundo, a Sociedade Cooperativa Galega, como gestora e, também, responsável pela administração direta da *Praza*, e, terceiro, as/os donas e donos de boxes (*casetas*). Ainda que o estudo, porém, se centre no coletivo grupal trabalhador direto da *Praza* em atividade de mercado, igual, de certo, é que os agentes promotores da Instituição da *Praza*, como responsáveis últimos desse lugar representativo do local, constituem o coletivo global que em sinergias tece esse lugar de grande transcendência cultural.

Entende-se a *Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela* a partir de um contexto grupal, conforme Pichón-Rivière (2005), no qual a natureza do grupo está fundada em uma tarefa em comum: “viver da *Praza*”. Os agentes do grupo que compõem esta comunidade são classificados em 16 categorias ou tipos sociais, conforme está delineado à frente.

- 1 Instituição proprietária da *Praza do Mercado de Abastos de Compostela* e seu edifício é público, quer dizer que a *Praza* é de propriedade do Município (*Concello*) da cidade de Santiago de Compostela. Essa conformação como espaço público é um fator determinante para a conformação social popular da *Praza*, o que faz possível a sua categorização em lugar da cidadania e popular.
- 2 Empresa responsável pela gestão da *Praza*, a *Sociedade Cooperativa Galega* que, a partir do ano de 2000, alcançou adquirir a licitação para gestionar a *Praza*, que teve sua gestão

externalizada, deixando de ser administrada diretamente pelo seu dono e ente público, o Município (*Concello*), e passando a ser administrada por uma cooperativa conformada por algumas/ns trabalhadoras/es da *Praza* com este fim.

- 3 Donas/os de postos que não trabalham na atividade de mercado ou o faz de maneira eventual. São pessoas que gerem um negócio e têm a propriedade, acessaram a licitação e alcançaram a concessão de uso de um, ou até seis boxes (*casetas*), por um período máximo de 50 anos, adquirido por meio de renovação pela concessão adquirida por intermédio de mecanismo de licitação pública.
- 4 Donas/os de postos (*casetas*) trabalhadoras/es, perfil similar ao anterior, com a diferença de serem trabalhadores diretos e cotidiano, e não somente gestores de um negócio.
- 5 Trabalhadoras/es contratadas/o. São as pessoas contratadas (“por conta alheia”) e que desenvolvem a atividade de mercado, tendo uma/um chefe que passou pelo processo de licitação e acede a postos ou boxes (*casetas*).
- 6 camponesas, as mulheres que vendem na *Praza* o excedente da produção da agricultura familiar.
- 7 Agricultoras/es-vendedoras/es. As/os agentes sociais que plantam já com a intenção de vender na *Praza*.
- 8 Pessoal de limpeza. São as/os agentes sociais contratados para os labores de limpeza da *Praza*. Antes eram funcionários ou trabalhadores públicos, na atualidade são as pessoas contratadas pela cooperativa que gestiona a *Praza* com o fim de manter a limpeza de todas as zonas do local coletivo.
- 9 Pessoal de segurança (também contratado pela cooperativa) e polícia (agentes do Estado) destinados à zona da *Praza*.
- 10 Pessoal trabalhador em bilheteria, consigna etc. (também contratados pela cooperativa).
- 11 Trabalhadoras/es informais (fixas/os, que estão paradas/os e não são ambulantes), são consideradas/os “ilegais” ao exercer

uma atividade que não está reconhecida no regulamento, entretanto transitam e exercem atividade de mercado na *Praza*. As/os agentes especificadas/os neste ponto têm a característica de montar um posto e estarem paradas/os em uma zona ou espaço.

- 12 Trabalhadora/ores ambulantes. São similares ao descrito no ponto anterior, entretanto, estes perambulam por arredores e também dentro da *Praza* portando nas mãos os produtos que oferecem para a venda; têm mais caráter itinerante do que fixo;
- 13 Provedores, toda/o agente social que nutre a *Praza* de produtos para a venda (formal e informal).
- 14 Compradoras e compradores. Este lugar social está composto por diversidade de dinâmicas e se aglutinam com todos os perfis citados nesta abordagem, todas e todos os agentes sociais podem exercer esta dinâmica, ainda que haja um coletivo que está definido de maneira específica como “agente que compra na *Praza*”.
- 15 Passeantes, agentes sociais que passeiam na *Praza*, podem comprar ou não, ainda que a motivação maioritária e recorrente é a de transitar pela *Praza*.
- 16 Turistas, pessoas que passeiam na *Praza*, podendo comprar ou não, de forma similar ao anterior; entretanto, a característica que define este perfil se dá pela rotunda dinâmica de pessoas não autóctones, que podem proceder de outra região da Espanha (inclusive e também da Galiza) ou de outros países. Este perfil está fundado na dinâmica daquele que visita e que junto à prática de visitante compõe uma amálgama de práticas (busca de contato social, de dinâmica de aprendizagem ou experiência cultural, dentre outros).

6.3.2 Taxonomia de ocupações na Praza de Abastos

Esses são os tipos humanos da Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Porém, os perfis do grupo que trabalha e exerce a

atividade de mercado de maneira concreta, e que a desenvolve dentro do espaço da *Praza* e seu perímetro, são os do grupo de enquadramento pichoniano - pessoas em um tempo e um lugar determinado se organizam em torno a uma tarefa comum, compartilhada - (Pichón-Rivière, 2005), este grupo está composto por seis realidades caracterizadas em tipos humanos que são especificados e agora se lista.

- Dona/o de posto, boxe (*caseta*): tem a concessão de um e/ou no máximo seis boxes (*casetas*) e que a atividade maioritária é a de gestora/or de um negócio, sendo este aspecto o que caracteriza este perfil. Essas pessoas acederam ao período de licitação estabelecido (o último geral se deu em 2020), ou conseguiram o posto através de um traslado ou herança. Esse perfil pode apresentar-se como trabalhadoras/es autônomas/os ou compor uma sociedade limitada ou cooperativa. Relativo a esse perfil, poder-se-ia dar (como matiz a ser sinalizado) o aluguel a terceiro do espaço concedido por licitação, ainda que esta prática não se recolha como possível no regulamento, quer dizer, estaria fora da normativa e da legalidade estipulada. Neste perfil se exercem atividades de mercado com uma variedade de produtos e serviços, que vai desde insumos alimentícios (frutas e verduras, carne e pescado, grãos etc.), passando pela atividade de comércio de joias, brinquedos, tecidos até a prestação de serviços diversos, como o de reparo de guarda-chuva, de atividade no setor da restaurante (*restauración* e *gastronomía*), dentre outros. Esse coletivo (a parte dos matizes especificados) poderia ser tipificado de forma global como autônoma/o pequena/o empresária/o.
- Dona/o de posto ou boxe (*caseta*) trabalhadora/or: a característica definidora deste lugar é que são donas/os de postos que trabalham em atividade de mercado. É um perfil que se descreve quase que exatamente como o anterior, porém, somando a característica de trabalhar em um determinado ramo de atividade de mercado de forma direta. Ou seja, não estando somente no cargo ou função de gestora/or administradora/or e proprietário de um negócio, ou trabalham de maneira eventual na atividade de mercado, como os

descritos com anterioridade. Senão que somada à descrição anterior, tem-se como característica a de ser trabalhadora/or direta/o; podendo estar configurado este perfil, além de ser trabalhadora/or única/o ou também empregando a uma outra ou mais pessoas, estas de forma contratada por conta alheia. Possivelmente este perfil, o de trabalhadora/or dona/o de boxe (*caseta* ou posto), seja o perfil maioritário da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, junto com a contratação. O delineamento deste grupo estaria centrado nas características de ser uma/um proprietária/o-trabalhadora/or de atividade de mercado e que passou e alcançou a licitação do posto, boxe ou *caseta*.

- Empregada/o de posto: pessoas contratadas. Podem ter vinculação familiar ou não com as/os chefas/es, no caso, as/os donas/os dos postos ou donas/os de postos trabalhadoras/es. Essas pessoas estão contratadas por conta alheia, podendo ser trabalhadoras/es de base ou encarregadas/os e exercem a atividade de mercado dentro de um contexto especificado e de ramo de atuação.
- Camponesas: agricultoras que vão à *Praça* para vender o excedente da produção (produtos próprios e proveniente de agricultura familiar ou de subsistência). Este perfil está constituído, em sua totalidade, de mulheres. No momento atual e visualmente só foram identificados dois agricultores – de sexo masculino – que exercem atividade de mercado, os demais homens somente acompanham às camponesas. O perfil destas é relativo às pessoas que vão à Praça do Mercado de Abastos de Compostela para vender o excedente das suas produções agrícolas. Algumas vão por uma temporada e com apenas um produto (como é o caso de algumas “*pimenteiras*”, estas são as camponesas que vendem “*pimientos de Padrón*”), outras vendem alguns produtos específicos durante determinadas épocas do ano, outras vão todo o ano e vendem algo diferenciado e a depender da temporada. Normalmente há camponesas na *Praça* nos dias de grande movimento – dia de “venda forte” –, quer dizer, nas quintas-feiras e sábados, ainda que se observe que em alguns dias, como as terças – “dia de peixe” – de maneira esporádica e pouco

representativa, sim, pode-se dar a presença delas, ainda que cada vez em menor incidência. Quartas-feiras antes também eram considerados dias fortes e com grande presença das camponesas, porém a dinâmica está mudando e há poucas agentes nestes dias, ficando as quintas e sábados na qual essas mulheres exercem na *Praza* as suas atividades. As “paisanas”, além da definição devido às dinâmicas que desenvolvem na *Praza*, são entendidas como tais, ao haverem adquirido previamente uma autorização municipal para exercer a atividade de venda na *Praza*, havendo sido acreditadas com anterioridade na condição de agricultoras, com um tipo de produto que cultivam e que pretendem vender, as quantidades aproximadas, as épocas de colheita, dentre outros aspectos. Segundo o regulamento, devem pagar três euro por dia (à empresa que administra a Praça) para poderem ocupar um lugar na *Praza*, que pode ser um banco de pedra (que está devidamente numerado) ou montar por sua conta um expositor que varia de caixas de madeira e papelão a mantas ou plástico no chão, ou uma estrutura fabricada para o fim de servir como expositor, por exemplo, estando localizadas dentro ou nas imediações da *Praza*. Os produtos vendidos podem ser ovos, flores, sementes, alho, cebola, verduras em geral, dentre outros, desde que se entendam como toda variedade de produtos próprios da agricultura familiar e seja considerado como excedente da produção. Existe um livro de registro de “paisanas” que gestionavam a Prefeitura (o *Concello*) de Santiago e que na atualidade está a cargo da cooperativa que administra a *Praza*.

- Agricultoras/es-vendedoras/es: pessoas que plantam para vender. Trata-se de um grupo de pessoas que não são “paisanas” no sentido estrito da palavra e das dinâmicas e relações que desenvolvem, e o que fazem é plantar já com a intenção de vender, prática que no geral também se soma à compra de produtos para destiná-los à venda. Ainda que essa atividade se configure como a simples vista com a atividade de agricultoras e agricultores que vendem o excedente da produção no visível e se confundam com a identidade das “paisanas” (dada a mercadoria e estética dessas pessoas que podem ser vistas como “paisanas”,

que vendem o excedente de uma produção agrária), não se caracterizam assim porque na verdade são agricultoras/es e vendedores dentro do espectro e conceito de economia submergida. As/os agriculturas/es de forma geral estão na *Praza* nos dias de grande movimento, nas quintas-feiras e sábados, ainda que se observe que em alguns dias como às terças – “dia de peixe” – em que há um incremento no fluxo de gente em busca de pescado fresco. Também há outros dias na semana e de maneira esporádica, pouco representativa, no quais, sim, ocorre a presença de agricultoras/es. Quartas-feiras, por exemplo, antes, também, eram considerados dias de grande presença das agricultoras, porém a dinâmica está mudando e há poucos/as agentes agricultores nestes dias. É importante ter em conta que há pessoas que se desenvolvem na dinâmica de agricultoras/es e que são lidas e entendidas como *paisanas*, porém essa não é a realidade subjacente às formas visíveis, quer dizer que se configuraram na *Praza* dois lugares de fala diferentes, sendo que as “*paisanas*” estão sendo ressignificadas no papel das pessoas agricultoras.

- Trabalhadoras/es da economia submergida (fixa): existem atividades que são exercidas na *Praza* e seu entorno ou perímetro próximo, categorizadas como “ilegais”, quer dizer, que não estão contempladas dentro da normativas (leis, regulamentos, protocolos etc.) vigentes nem está seu funcionamento no regulamento da *Praza*. Uma delas é a venda ambulante. As pessoas que exercem essa atividade de mercado como ambulante vendem desde flores, roupas, sapatos, frutas, dentre outros. Em geral, se configuram como pessoas próprias de etnias minoritárias (ciganas/nos) ou como de procedência e origem estrangeira (com caracteres ou sinais latinos ou de origem muçulmana). Essas atividades que não estão contempladas na normativa podem ocupar o espaço da periferia externa da *Praza*, podendo inclusive ocupar os bancos de pedras (só no exterior), montar um expositor com material próprio (caixa de papel ou madeira) e também utilizam o espaço do chão coberto por uma tela ou plástico. As atividades exercidas por esses agentes estão descritas e versadas dentro do contexto de uma prática irregular (quer dizer, não está

regulada de maneira oficial) também nomeada de “ilegal”, mas igualmente certo é que são práticas que estão sendo dadas e que se conjugam e compõem as dinâmicas sinérgicas e socioeducativas que são desenvolvidas na *Praza* e que estão fortemente vinculadas aos diferentes perfis que transitam neste lugar iconográfico da cidade compostelana ou sociedade galega.

- Trabalhadoras/es da economia submergida e ambulantes: é o perfil que se configura quase totalmente como o anterior, somente no caráter itinerante. Essas pessoas agentes perambulam pelos espaços externos e também internos do mercado, sendo esta a característica itinerante, o que o define e constitui.

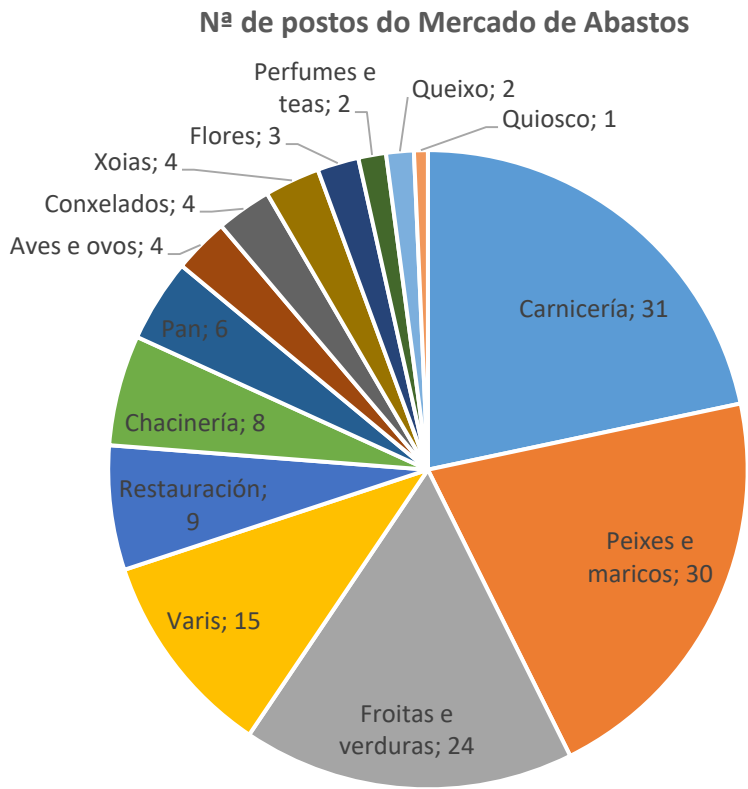
Como remate, a estrutura relacional a partir dos perfis estruturados é tão diversa como as próprias características dos tipos humanos presentes na Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Essas dinâmicas constitutivas e relacionais vão estar configuradas desde interações de amizade e companheirismo, passando por práticas de indiferença e omissão, também por dinâmicas de competitividade, rivalidade e provocação, chegando a alcançar inclusive atuações de aviltamento e ultraje, com forte carga depreciativa.

A Sociedade Cooperativa Galega (empresa que gestiona a *Praza* apresenta, através da sua página na internet⁷⁴, o coletivo trabalhador do mercado a partir de 15 categorias⁷⁵, sendo elas especificadas da seguinte forma: Aves e ovos, Bacallau, Carnizaría, Conxelados, Flores, Froitas e Verduras, Peixe e Mariscos, Perfumes e Tecidos, Queixo, Restauración, Xoias, Pan, Quiosco, Chacinaría e Varios. As descritas categorias e setores de atividades, em termos de números e representação global das variedades relativas aos tipos de ofícios e serviços, são as seguintes:

⁷⁴ Página web da cooperativa que gestiona a Praza: <http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/>

⁷⁵ Categorias de atividade dos postos da Praza: <http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/postos>

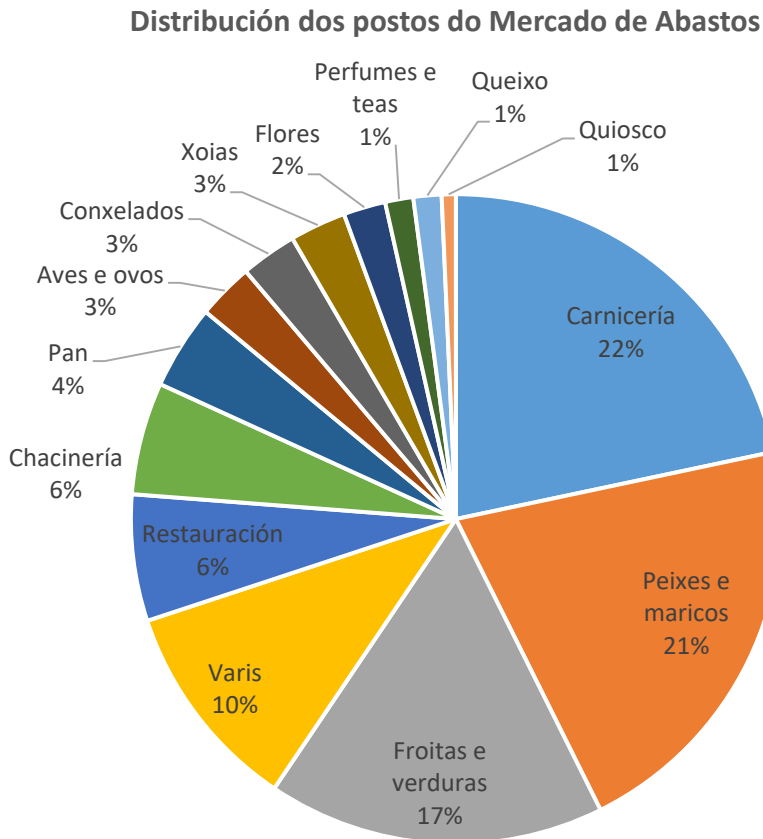
Figura 18 - Postos da Praza do Mercado de Abastos



Fonte: Produção Própria, a partir da Sociedade Cooperativa Galega.

Logo, a distribuição dos postos conforme as categorias descritas acima que são estipuladas e apresentadas pela cooperativa que gestiona a *Praza* em termos de quantidade, em porcentagem, dos ramos de atividade, está ilustrada na continuação.

Figura 19 - Distribuição dos postos da Praza



Fonte: Producción Própria, a partir da páxina web da cooperativa que gestiona a Praza.

A sistematizada presentación dada pola *Sociedade Cooperativa Galega* relativa ás actividades e produtos da *Praza* (dos postos) encontra algúns problemas no tocante à inclusión de actividades que, na etapa de campo, foram observados, porém elas não estão contempladas na configuración da páxina *web* como se apresenta a *Praza*. Isso se dá e, por um lado, ou porque o negócio fechou e já não se exerce a atividade na *Praza* ou por algum motivo de administración e gestión da páxina *web*. Também se encontrou a duplicación de

atividades conforme a caracterização da atividade ou produto comercializado. Na categoria “*Bacallau*” (com três negócios) e na “*conxelados*”, com dois negócios, que são os mesmos em dois dos três de Bacalhau. Repetem-se também “*Conserva do Camiño*” que se tem em matadouro e açougue (*carnicería*), por exemplo. Finalmente, não se encontra um perfil homogêneo das atividades que são desenvolvidas na *Praza*. Quer dizer que não há uma lista de produtos e serviços da *Praza* de maneira proporcional e vinculada à quantidade de postos apresentados com uma atividade principal e em relação a cada uma das licitações destinadas, dentre outros⁷⁶.

Por outro lado, há uma observação ou impedimento que é o maior obstáculo que se tem na maneira como se descreve e classifica as atividades ou os postos da *Praza*, que é a ausência de ilustração das atividades das “paisanas”, das pessoas agricultoras e das/os informais, entre outras possibilidades; porém, essa ausência de descrição se justifica porque a cooperativa que gestiona a *Praza* é uma empresa privada e as atividades não regradas, tidas como “informais” e ou “ilegais”, não deveriam dar-se (isso tendo como marco as normativas vigentes) e/ou não estão organizadas sob o guarda-chuva oficializado de empresa cooperativista. A figura das “paisanas”, entretanto, sim, é legal e está dentro de um marco “normalizado” e instituído, porém também não consta na imagem e discurso descritivo das atividades da *Praza*; e, também, se trata de um setor que não pode compor a cooperativa.

Esse contexto de ausência de relatos ou imagem é a ratificação do lugar de trânsito, silêncio ou apagamento característico da modernidade líquida de Bauman (2003), encarnados e ilustrados na cotidianidade abastiana, modernidade que não cristaliza as formas e atenta contra a concretização dos mecanismos sociais, quer dizer, a norma e padrão devem ser permanentemente líquidos, sem concreção.

Para poder perfilar as dinâmicas dos processos educativos na *Praza*, seria importante ter o perfil das/os agentes e das atividades que

⁷⁶ É possível que a ausência de informação se trate de falta de atualização da *página web*.

exercem como pessoas trabalhadoras da *Praza* (*placeras/os*). Assim, desenhou-se uma enquete que recolhesse também essa informação sobre o perfil da pessoa trabalhadora e a atividade ou produto utilizado, dentre outros. Para isso, buscou-se a proposta estruturada para uma abordagem dos dados em um questionário amparado no conceito de etnoconhecimento ou saberes populares – “Denominamos “conhecimentos tradicionais” ou “etnoconhecimentos” (...) conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos” (Cavalcanti, 2009: 3), dando reconhecimento ao lugar de fala das/dos agentes sociais trabalhadores da *Praza* para que cada um deles se definisse em relação à atividade que exercem em primeira pessoa e também contemplar as atividades exercidas fora dos boxes (*casetas*) ou postos e de espaços tidos como informais e/ou ilegais.

O questionário, contudo, não foi aplicado devido ao estado de pandemia por Covid-19. Assim, não se pode aceder a dados numéricos específicos; entretanto, o resultado alcançado relativo ao ramo de trabalho ou atividade foi suficiente para estipular tanto os perfis humanos de trabalhadoras/es, conjugados ao ramo de atividade, produto, setor ou serviço desenvolvido na *Praza*. Os perfis já foram sistematizados com anterioridade e são seis: dona/o de boxe (*casete*), dona/o de posto (*casete*) trabalhadora/or, empregada/o de posto, “paisana”, agricultoras/es-vendedoras/es, trabalhadoras/es da economia submergida e ambulantes.

Os diferentes enquadramentos de perfis e do que se faz na *Praza* podem ser lidos através das citações retiradas das entrevistas, como também do material recolhido em campo na etapa de observação, e são ilustrados à continuação. As atividades na *Praza* são as seguintes:

- Compra e venda de produtos naturais (tanto do campo, gado *vacum* e produtos do mar) que podem ser produtos de proximidades ou não. Nesta dinâmica do fazer tem-se os diferentes postos com as ramas de atividades apresentadas pela *Sociedade Cooperativa Galega*, a cooperativa que gestiona a *Praza*: *Aves e ovos*, *Bacallau*, *Carnizaría*,

Conxelados, Flores, Froitas e Verduras, Peixe e Mariscos, Queixo, Xoias, Pan, Chacinaría e Varios (Froitas Rosa, Frutas Alicia).

- Compra e venda de produtos manufaturados ou industrializados, os quais, a partir da *Sociedade Cooperativa Galega*, são: *Perfumes e Tecidos, Xoias, Varios (Bazar Santi, Bolsas e Complementos Barbara, Conservas do Camiño, El Cisne de Oro, Iacoliva Plaza, Pilgrim Bag, Sr Nilsson, Viñoteca do Merca)*;
- Compra e venda de produtos processados (alguns no próprio espaço da *Praza*) naturais e alimentícios (conservas, enlatados, dentre outros). De forma concomitante, tem-se os diferentes postos e as atividades desenvolvida na *Praza*: *Bacallau, Carnizaría, Conxelados, Restauración, Chacinaría, Varios (Cocina María, Conservas do Camiño, El Cisne de Oro, Iacoliva Plaza, Viñoteca do Merca)*;
- Venda de produtos de agricultura familiar ou hortas de proximidade cultivados para logo serem destinados à atividade de venda na *Praza*, mas também a produção de queijo e a colheita de mel, ovos, castanhas, frutos secos em geral, dentre outros. Essa atividade é também a de venda de produtos naturais, porém com produção ou coleta prévia já pensada para o fim da venda na *Praza*;
- Produção e venda de produtos artesanais, como a produção de artigos acessórios, por exemplo. Esses produtos, a partir da *Sociedade Cooperativa Galega*, são os seguintes: *Xoias, Varios (Cuarto Pexigo, El Cisne de Oro, Iacoliva Plaza, Pilgrim Bag, Reparación de Paraugas, Sr Nilsson, Zoclos)*;
- Venda de produtos de informação, atividade desenvolvida de forma específica pelo *quiosco* que está especificado dentro de “*Quiosco*” na óptica e delimitação da *Sociedade Cooperativa Galega*;
- Produção e venda de produtos semielaborados: embutidos, encurtidos, comidas etc.;
- Prestação de serviço. Como atividade que, não necessariamente, vende um produto, senão que presta serviços, tem-se restaurantes e lanchonetes (*hostelería y restauración*). Estes, a partir da *Sociedade Cooperativa Galega*;

- No aspecto concreto e simbólico, tem-se as “paisanas”, que por um lado vendem produtos naturais e de proximidade e, por outro, no terreno do simbólico, possibilitam o acesso a uma realidade histórica galega em todo o imaginário rural e campesino, dentre outros. Esses citados produtos concretos que são vendidos não foram cultivados nem coletados com o objetivo específico de venda, senão que de consumo familiar e se destina à *Praza* somente o que é excedente da produção, o que não é consumido pelo contexto e entorno familiar. A “paisana”, porém, também representam, no simbólico, pois elas alimentam o imaginário social da identidade galega rural, como principalmente simbolizam e significam um modo de vida em findo processo de desaparecimento;
- Também, a par das “paisanas”, todas as pessoas e agentes trabalhadoras/es da *Praza* representam e significam uma série de ideários que enchem o imaginário do que é ser galego, tanto do coletivo local como de fora. É a tarefa simbólica da difusão de aspectos identitários próprios ou particularizantes. De forma óbvia, esse labor não é uma atividade de compra e venda, nem prestação de um serviço de forma estrita.

Insiste-se e deixa explicitado que toda a *Praza* exerce a dinâmica de representar no cenário social as especificidades e o imaginário do que é o local e do que se se tem enquanto sujeito galego, o ser próprio da Galiza.

6.4. ESTRATÉGIAS E FORMAS DE COMUNICAÇÃO

Para Pichón-Rivière (2005), a comunicação é o trilho por onde o trem transita. Dessa forma ilustrada, entende-se a importância da comunicação nos processos educativos. Nesse sentido, uma modalidade comunicativa vigente tem adquirido grande transcendência nas dinâmicas sociais, posta pela tecnologia.

Trata-se de intercâmbio das redes sociais virtuais que têm gerado grande impacto em metalinguagem. É quando a linguagem das dinâmicas de cotidianidade tidas na *Praza* é transferida às redes sociais com diversidade de formatos, como, por exemplo, em

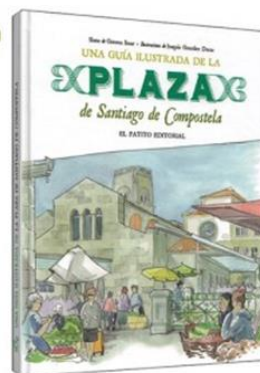
fotografias, vídeos curtos, pinturas, desenhos, poemas, diálogos, descrições.

Esses aludidos intercâmbios comunicativos funcionam em sinergias que, ao mesmo tempo em que transmitem uma realidade, a conformam. Esse tipo de intercâmbio é grande e está compondo certos imaginários recorrentes e cristalizados sobre a Praça.

Fotografías 51, 52, 53, 54, 55 e 56: Representações da *Praza*



(1. Fonte: García Henche, 2016⁷⁷)

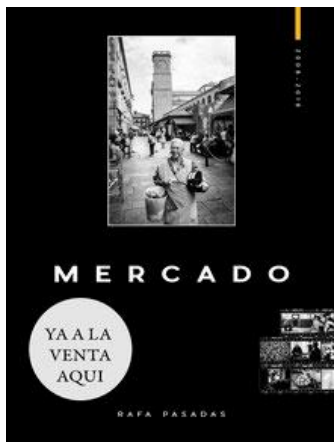


(2. Dorao, 2017⁷⁸)

⁷⁷ Blog: <http://bitacoradelahenche.blogspot.com/2016/11/plaza-de-abastos-santiago-de-compostela.html>

⁷⁸ Guia em aquarela: <https://joaquindorao.com/plaza-de-santiago>

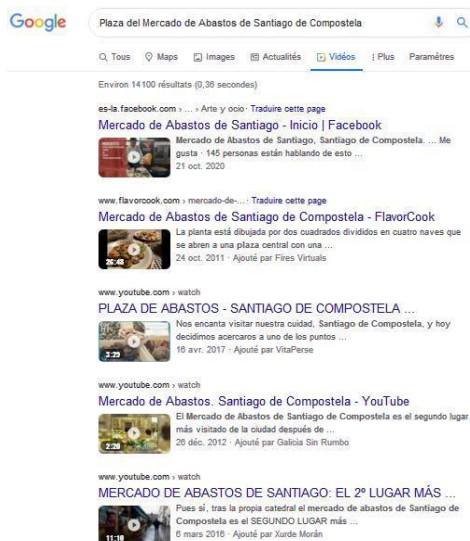
CAPÍTULO 6. A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela



(3. Fonte: Pasadas, 2019⁷⁹)



(4. Puy, 2013⁸⁰)



5. Vídeos localizado por google.



6. 754lindsay777, 201581

⁷⁹ Livro de fotografías: <https://www.rafapasadas.com/mercado/>

⁸⁰ Pintura a óleo em lenço:

<https://www.todocoleccion.net/arte-pintura-oleo/oleo-sobre-lienzo-artista-teresa-puy-perteneciente-su-serie-mulleres-no-mercado~x52656889>

⁸¹ Página web de opinión turística:

A *Praza* é tecida e narrada por uma diversidade de linguagens e por diferentes pontos de vistas entendidos como distintos lugares de fala, porém, estas linguagens narrativas estão interconectadas por uma estrutura identitária plasmada no que é próprio do local. Essas citadas narrativas são encontradas também na rede internacional de dados: 1. blogue, 2. aquarela, 3. fotografia, 4. pintura a óleo, 5. vídeos, 6. páginas de opinião, entre outras.

Essas narrativas feitas da *Praza*, na verdade, são uma maneira de descrever o outro, de caracterizar e denominar. Nos estudos de Banon (1993), a forma como se nomeia o interlocutor é um tema de muita sensibilidade porque, mediante a ação de dar nome, o que se faz é descrever, categorizar e qualificar socialmente. É, por fim, a maneira de definir a um e ao outro em contexto de valorar, como descreveu Banón Hernández (1996: 84), que afirma: “las personas somos muy sensibles al modo en que somos llamados por nuestros interlocutores, dado que con esa llamada se nos está categorizando socialmente y, por consiguiente, situando dentro de la jerarquía social, y se nos está proponiendo una definición de la situación” (Banon Hernández, 1993: 119). Quer dizer, a forma como está sendo narrada a *Praza*, ao mesmo tempo em que fala dela, a constitui e, por conseguinte, se forjam identidades, que tanto podem promover o grupo, como estereotipá-lo.

Os descritos exemplos fazem referência, também, às formas de expressão da comunidade abastiana, composta pela totalidade dos sujeitos que nela transitam, sendo que essas formas de comunicação suscitam um processo de diálogo em aprendizagem, retroalimentado pela cotidianidade no encontro com o outro; sendo que este encontro pode pressupor a convergência à ancestralidade comum, forjada pelo encontro com o outro, que é sempre um encontro consigo mesmo. Quer dizer que essas formas de instituir uma narrativa sobre a *Praza* e seus agentes estão facilitando o surgimento de emergentes que

https://www.tripadvisor.es/Attraction_Review-g187508-d2283240-Reviews-or405-Mercado_de_Abastos_de_Santiago-Santiago_de_Compostela_Province_of_A_Coruna_.html#REVIEWS

CAPÍTULO 6. A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela

possibilitam resoluções de problemas e conflitos coletivos históricos, assim, comunicando e promovendo uma aprendizagem social grupal.

PARTE III

REFERENCIAL ANALÍTICO - INTERPRETATIVO

CAPÍTULO 7

LUGAR INSTITUÍDO *VERSUS* LUGAR EMERGENTE

Síntesis en español

En este capítulo se describen las referencias bibliográficas sobre la Plaza del Mercado de Abastos de Compostela identificadas en el ámbito de los lugares instituidos. En él se desglosan los textos de lenguaje académico (por la condición del prestigio que ostentan) y, por otro lado, se contempla los otros lugares de habla en la cual se sustenta la vida real y cotidiana de la Plaza. Por tanto, se hace la lectura de los contextos literarios descritos y se cuestionan sus lugares de habla a partir de la crítica a la vida cotidiana (Quiroga & Racedo, 2003). A través de este enfoque se busca desvelar lo que subyace en los discursos dominantes, normalizados e instituidos como verdades.

También se especifica como la transmisión de conocimiento (educación social en Matrices de Aprendizaje Compartidas) puede constituirse en mecanismos de manutención y/o de resistencia de aspectos culturales consolidados en un modo de vida concreto. Para ello, se realiza una lectura crítica de la Plaza de Abastos desde los enfoques de género, lo rural y el concepto del “Otro”. De esta forma se desvela la realidad de la Plaza do Mercado de Abastos de Compostela como un lugar de invisibilidad (desvelado a través de la crítica a la vida cotidiana) y también de posibilidad de construcción de otras realidades y de potencialidad para (re)describirse (Rorty, 2010).

En este contexto vincular, la mujer abastiana, aunque invisibilizada o periferizada, es protagonista de la historia, donde ocupa un lugar “central” de marginalidad y resistencia. Componiendo junto al colectivo trabajador de la *Praza*, un espacio socioeducativo de posibilidades y de voces emergentes para la configuración de una nueva realidad, adaptada a las exigencias actuales.

O capítulo parte do enfoque de que existe um lugar discursivo instaurado sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como território comum, cotidiano e recorrente. Esse lugar instituído no qual a *Praza* é versada, significada e resignificada não somente é um *locus* comum, senão que representa ao mesmo tempo, além de sítio trivial e genérico, a negação da diversidade e, inclusive, representa o silenciar de outras vozes, marginalizadas ou omitidas. Isso se dá porque o lugar instituído, que se faz hegemônico através da dinâmica de construção, se deu em detrimento de diversidade de lugares, o que passou, obrigatoriamente, pelo predomínio de uns aspectos sobre outros, o que se dá em definitivo a partir de situações conflitivas.

Sob outra perspectiva tem-se o espaço do emergente que são as diversificadas vozes que também transitam na região do lugar instituído, ainda que de maneira recalcada ou periferizada. São lugares de resistência, lacunas, antagonismo, negação, de remodelar e restaurar, bem como de obstinação, renitência.

Nesse sentido, o lugar do instituído refere-se a zonas e aspectos difundidos sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela de maneira frequente, quer seja em âmbitos acadêmicos ou popular e cotidiano. Contrariamente, o lugar emergente está subjacente, está no interdito ou latente e também periferizado, são os outros, são as condições de subalternidade, os aspectos invisibilizados ou silenciados e outros estigmatizados ou folclorizados. De todas as maneiras, trata-se de constructos discursivos sobre a *Praza*. Como discurso, se entende o que Althusser (1988) descreve como a prática social da ideologia, definida, por sua vez, e nas palavras do autor como uma “‘representación’ de la relación imaginaria de los individuos con sus condiciones reales de existencia” (Althusser, 1988: 18), quer dizer, feita prática social que vai determinar o arcabouço imaginário do sujeito, em retroalimentação.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela, a partir do instituído *versus* emergente, está fragmentada e tem o seu processo de aprendizagem na dinâmica do pausado (em interdito) ou parcialmente paralisado, dado que a prática na *Praza* se constrói (está se constituindo) a partir de lugares estereotipados, configurando, dessa

maneira, o grupo abastiano como um espaço debilitado, frágil ou “doente”, nas palavras de Pichón-Rivière: “Ou seja, por trás dos sinais de uma conduta ‘anormal’, ‘desviada’, ‘doente’ subjaz uma situação de conflito da qual a doença emerge como uma fracassada tentativa de resolução” (Pichón-Rivière, 2015: 197). Contrariamente, a saúde, a vitalidade e a força de grupos como os da Praça do Mercado de Abastos de Compostela consistem no processo de aprendizagem ativa, “numa aprendizagem da realidade através do enfrentamento, manejo e solução integradora dos conflitos” (Pichón-Rivière, 2015: 199).

7.1. ABASTOS EM BIBLIOGRAFIAS: O LUGAR INSTITUÍDO⁸²

Compreender os tipos humanos trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, sua permanência e as manifestações socioeducacionais de vínculo, no processo comunitário grupal e como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, e sistematizar um conhecimento e dinâmicas históricas-identitárias (a partir do ângulo da herança e legado), pressupõem, também, compreender o histórico, espacial e organizacional expressos nos relatos imaginários e textuais. Assim, consultar a bibliografia sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela vai afiançar uma perspectiva panorâmica da realidade identitária que transita no atual da *Praza* – como os outros a definem – que, em grande medida, passa pelo silêncio e também pelos relatos que são ou que se fazem hegemônicos.

Neste sentido, fez-se uma revisão documental para ler este espaço que, desde o olhar do Outro, existe em interrogações – Como e quando surge a Praça do Mercado de Abastos de Compostela? Por que

⁸² Toda esta parte - incluindo os tópicos adicionais (Sondagens arqueológicas e indagações culturais; Tipologias arquitetônicas e dos ausentes do Mercado compostelano; Fragmentos urbanos, estilos humanos) - foi desenvolvida a partir do TIT de Andrade (2008) intitulado *A Língua das Mariposas: Para uma metodologia de estudo do falar das mulheres da Praça do Mercado de Abasto*, sendo revisada, ampliada e enquadrada como processo educativo neste estudo de doutorado.

ela se localiza na parte velha da cidade de Santiago de Compostela? Por que ela continua na parte velha? Por que este nome? Como se determinam seu funcionamento, os horários, as mercadorias vendidas? O que motiva a vinda e permanência das pessoas trabalhadoras que vivem dela? Por que tantas, quase somente, mulheres em determinados setores? Há, também, outras indagações. A resposta a todos os questionamentos suscitados foi buscada na interação social por meio de estudo de sistematizações teóricas, etnográficas e mediante revisão bibliográfica.

A procura de referências teóricas e o levantamento bibliográfico final da Praça do Mercado de Abasto de Compostela foi feita através da *internet* e em bibliotecas e arquivos físicos. A delimitação de tempo não se fez. Ou seja, durante todo o transcurso do estudo, o levantamento bibliográfico esteve aberto, haja vista a dificuldade para encontrar textos científicos na área humana, que foi significativa. O resultado surpreende pela escassez de textos acadêmicos no âmbito da análise social que tem a Praça do Mercado de Abastos de Compostela como foco. Certo é que o estudo da história do mercado de maneira geral é escasso (Guardia Bossols & Oyón Bañales, 2007) e, a respeito da *Praza* de maneira específica, é ainda mais somítico, bem mais acanhado.

Na rede de dados, em uma consulta feita como buscador de informação, no dia nove de abril de 2018, com a expressão de busca “Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela”, tem-se como resposta 115 mil resultados. Dentre esses (e das páginas consultadas) foram encontradas somente⁸³ duas possibilidades de leitura, uma de difusão e promoção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e outra de caráter jornalístico, mais centrada no âmbito do setor turístico. Tem-se, dessa maneira e a modo ilustrativo do imaginário veiculado, a página *web* da Sociedade Corporativa Galega

⁸³ As três referências acadêmicas sobre a *Praza* foram acedidas na rede internacional de dados através da ferramenta “Google acadêmico” (scholar.google.com).

do Mercado de Abastos de Santiago⁸⁴, um livro ilustrado com linguagem de viagem e lugares de visita⁸⁵ (Dorao, 2007) e o convite de bolsas para a realização de compras na *Praza* proposta pela USC⁸⁶, da qual a última convocatória encontrada foi do ano de 2014⁸⁷.

Esses são exemplos das possibilidades de leitura encontradas na atualidade na *internet*, no que toca ao tema da Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Os contatos com formadores de opinião (como são considerados jornalistas de viagens) e com instituições (como a Sociedade Corporativa Galega do Mercado de Abastos de Santiago e a Universidade de Santiago de Compostela), como também a literatura de relatos sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela etc. não são especificados aqui porque este informe se centra nos discursos produzidos na academia e instituições científicas. Nesse sentido, o percurso bibliográfico na Rede Mundial de Computadores atualmente não contempla nem dispõe de referências académicas amplas na área humana ou social, nem na específica seara da educação.

Todas as três referências discursivas como grandes tópicos encontrados sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela, a saber: a literatura de viagem-turística, as informações comerciais e as de conteúdo propagandista da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, como também as dadas por instituições com diferentes

⁸⁴ <<http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/>> (consulta feita em 05 de fevereiro de 2018)

⁸⁵ <<http://tienda.elpatitoeditorial.com/es/gu%C3%ADa-ilustrada-de-la-plaza-de-santiago-de-compostela>> (consulta feita em 05 de fevereiro de 2018) e <<http://www.santiagoturismo.com/rutas/mercado-de-abastos-a-catedral-do-sabor>> (consulta feita em 05 de fevereiro de 2018)

⁸⁶ http://xornal.usc.es/xornal/acontece/2014_01/noticia_0025.html e http://www.usc.es/export/sites/default/gl/perfis/estudiantes/descargas/Convocatoria_Mercado_Abastos_2014-2015.pdf

(consulta feita em 01 de junho de 2016).

⁸⁷ Com a crise, têm-se os recortes em educação que retiram essa política de vinculação com a Praza do Mercado de Abastos de Compostela promovida pela USC (Robles, 2016: 4).

focos e objetivos, pressupõem fontes importantes de pesquisa considerando o discurso destes em relação ao coletivo que compõe Praça. Nos citados contextos literários, há discursos sobre coletivos que transitam na *Praça*, por exemplo, os visitantes (ou turistas), compradoras(es), trabalhadoras/es, dentre outros, porém, e nos quais muitos desses relatos reproduzem uma visão na qual as pessoas e agentes sociais da *Praça* ocupam, muitas vezes, uma posição estereotipada ou homogeneizada.

O uso do termo “estereótipo” aqui empregado não supõe nenhuma valoração negativa. A própria definição da RAE estipula estereótipo como uma “imagen estructurada y aceptada por la mayoría de las personas como representativa de un determinado colectivo” (RAE, 2014), tratando-se de ilustrar uma visão ou percepção recorrente, um lugar comum de abordagem. Essa maneira de ler, entretanto, os coletivos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é somente uma leitura possível do lugar e dos coletivos especificados. Aqui se demanda fazer uma análise que se distancie das concepções estáticas e hegemônicas a respeito das características gerais e da realidade do contexto social e dos membros da comunidade grupal na Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Partindo dessas perspectivas, considera-se a forma de redescrição trabalhada pelo filósofo Richard Rorty, a partir de Ghiraldelli (1999), que consiste em redescrever os coletivos no seu contexto com base em novas linguagens.

A importância de entender pormenorizadamente as bibliografias acadêmicas que tratam do tema da Praça do Mercado de Abastos de Compostela consiste em que o relato científico adquire uma importância de poder, ante os relatos populares; nesse sentido, e também porque esses relatos científicos estão dados desde o discurso do Outro, como se verá. Ou seja, o coletivo estudado não tem voz direta. Quer dizer, os textos científicos encontrados não partem de uma abordagem para recolher a voz (ou o lugar de fala) das e dos

agentes da Praça do Mercado de Abastos de Compostela⁸⁸. Assim, suas histórias passam pela percepção e maneira de entender expressa por uma construção simbólica fundada na existência do Outro. Do mesmo modo, e por outro lado, os possíveis discursos do Outro também estarão nutridos de um pensamento hegemônico indiferente ao afim ou análogo, no sentido do sujeito da *práxis* direta de Freire (2003), no aqui-e-agora da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Dessa maneira, a identidade da *Praça* passa pela reflexão do que foi feito até hoje, por se redescobrir e se redescrever. É o que Pachón Soto (2007a) descreve como na reprodução do outro perpassado previamente pela leitura do próprio, que, ao definir a si mesmo, exclui o outro (Pachón Soto, 2007a:15).

A invisibilidade do conhecimento produzido por determinado coletivo, quer seja no contexto cultural, simbólico, histórico, social etc. é uma política de colonialidade do poder. Assim, condensando o olhar do Outro na construção bibliográfica, se aporta grande elemento de análise e entendimento do coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e seus processos comunitários grupais na atualidade.

Nas bibliotecas da cidade de Santiago de Compostela foram encontradas três referências textuais próprias da academia que abordam a Praça do Mercado de Abastos de Compostela: Chao Álvarez (2007), Rosende Valdés (2002) e León Pestonit (1998). Todos os textos, encontrados em bibliotecas físicas, abordam a Praça do Mercado de Abastos de Compostela desde a perspectiva predominante do patrimônio material e arquitetônico da cidade de Santiago de Compostela. Não obstante, acerca do patrimônio histórico imaterial e humano não foi encontrada nenhuma referência científica específica⁸⁹, durante todas as visitas às bibliotecas físicas.

⁸⁸ Exceptuado a e sistematização feita de forma parcial e básica no TIT de Andrade (2008) intitulado *A Língua das Mariposas: Para uma metodologia de estudo do falar das mulheres da Praça do Mercado de Abasto*.

⁸⁹ Faz-se importante registrar que não se afirma não haver bibliografia no âmbito da educação.

Igualmente, há de insistir que não há neste trabalho crítica ao estudo histórico-material. A abordagem se detém no questionamento da ausência, ou inacessibilidade a estudos no âmbito das ciências humanas e sociais ou com abordagem acerca da *Praza* numa perspectiva humana, antropológica, educacional, etnográfica etc. Trata-se de enquadrar o silêncio no dito, porém, no dizer parcial, quando este é lugar hegemônico, há, inevitavelmente, silêncio ou ocultação de partes.

A importância da revisão bibliográfica consiste em sistematizar de maneira crítica como estão definidos as atividades e os tipos humanos na Praza do Mercado de Abastos de Compostela, para poder inferir o imaginário que se construiu destes e para entender os processos comunitários grupais e as Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, manejadas pelo coletivo trabalhador na Praza do Mercado de Abastos de Compostela.

7.1.1 Sondagens arqueológicas e indagações culturais

O primeiro e mais recente estudo encontrado, sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela, é o texto “Sondaxes arqueolóxicas no Mercado de Abastos de Santiago de Compostela”, de Chao Álvarez (2007), que se baseia na escavação arqueológica feita em 2005 na parte sul da Praza do Mercado de Abastos de Compostela - procedida para a construção da nave que alberga o pavilhão (a *nave*) sociocultural ou *gastrocultural*.

A actuación arqueolóxica realizada en maio do ano 2005 xorde a raíz dun proxecto municipal de construír un novo edificio **na á sur** do mercado de abastos, entre as naves da praza e a igrexa de S. Fiz de Solóvio. (...) O ámbito físico de traballo quedou establecido a partir da superficie que ía ocupar o novo edificio proxectado pero con importantes limitacións causadas, por unha banda, pola necesidade de compatibilizar o traballo arqueolóxico co normal funcionamento do mercado e, por outra, as ocasionadas pola existencia de infraestrutura en uso (conducións eléctricas, sumidoiros, abastecemento de augas, etc.) que

non podían resultar afectadas (Chao Álvarez, 2007: 203-204).

No traballo de Chao Álvarez (2007), encontrámense abordagens referentes ás características arqueolóxicas e históricas de una determinada parte da cidade de Compostela, a saber: “... atendendo a catro momentos cronolóxicos definidos principalmente a través dos catro elementos arquitectónicos principais: a igrexa de S. Fiz de Solóvio, a muralla medieval, o Pazo de Altamira e o mercado do século XIX” (Chao Álvarez, 2007: 204). Os catro citados momentos históricos vão compor tamén o movemento social até a consolidación da Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Sobre a configuración física da *Praza*, a súa remodelación histórica e a actual, encontra-se o seguinte registro:

En 1535 foille permitido ao Conde de Altamira anhear e acondicionar o aceso ó cambio de mantelo limpo e en boas condicións, pero sen adquirir dereito ningún sobre esta porta. Este aspecto mantívose ata que en novembro de 1861 o Consello autoriza a súa remodelación para favorecer o aceso ao novo Mercado dende a Rúa da Ensinanza. O traballo remátase en decembro de 1862 e esixiu “a compra dalgúns solares, levantar muros de contención e construír un pretil sobre o paredón externo, quedando practicamente debuxado o seu aspecto actual”⁹⁰. Vemos, polo tanto, que nesa época xa estaba configurada a actual aparencia da zona, incluíndo o espazo de mercado de abastos (Chao Álvarez, 2007: 207).

Aquí o teórico sinaliza a configuración arquitectónica, ao mesmo tempo, de liña política, entender as palabras “esixiu” e expropiar, esta última de maneira implícita. Encontrámense en Chao Álvarez (2007) tres partes que falan da Praza do Mercado de Abastos de Compostela de forma específica: “Oríxem do mercado de abastos”, “O mercado de abastos actual” e “Mercado”. Na primeira parte, “Oríxem do mercado de abastos”, temos a concentración do comercio:

⁹⁰ Rosende Valdés, A. A., 2000. In: Chao Álvarez, 2007.

Coa intención de concentrar as actividades comerciais da cidade, na década de 1830 comézase cos primeiros pazos para construír un mercado nunha parte dos terreos do pazo, inicialmente con propostas menores que axiña buscan solucións máis globais. (...) Ante a carencia de espazos preséntase o 5 de abril de 1869 un proxecto que pretende construír unha praza de abastos que ocupe a totalidade dos terreos do pazo. Realízase a compra definitiva deses terreos o 15 de agosto de 1870, (...) remate a construción do mercado en marzo de 1873 (Chao Álvarez, 2007: 208).

Poder-se-ia considerar, com suporte na leitura do trecho transcrito, que a cidade, provavelmente, fosse toda ela um grande mercado, daí a necessidade de “concentrar as actividades”. Da mesma forma, com la idea de “ante a carencia de espazos”, se faz referência a uma escassez de espaço com relação ao contingente ou número de pessoas que trabalhavam com a atividade comercial na feira que se fez Praza do Mercado de Abastos de Compostela, sem valorizar o movimento de compradores. Essa sinalização por parte do estudioso endossa o conceito de amplitude da atividade de mercado que vai sendo restringida e/ou reordenada, dentro de uma lógica de ordem especificada.

No segundo segmento – “O mercado de abastos actual” – faz-se referência ao primeiro mercado, e ao segundo como permanência e seguimento do primeiro: “O primeiro mercado é derruído en 1973 e Joaquín Vaqueiro Palacios redacta o proxecto da actual praza que é executada por Raymundo Vázquez Fernández en 1941. Segue un esquema semellante ao primeiro (...)” (Chao Álvarez, 2007: 208).

No terceiro e último tópico, “Mercado”, há referência a momentos anteriores à construção da Praza do Mercado de Abastos de Compostela como estrutura, o que deixa evidente a existência do mercado (ou de atividade de mercado) independentemente de instalações para este fim: “Neste sentido, a canle de drenaxe rexistrada na sondase 8 coido que pode ter a súa orixe no primeiro galpón construído en 1853 como precursor da praza dos anos setenta” (Chao Álvarez, 2007: 222).

O teórico conclui que o resultado obtido não é suficiente e deixa o estudo à espera de melhor oportunidade. Transcrevem-se suas palavras e se remete a primeira citação feita neste trabalho, do artigo de Chao Álvarez: “O traballo realizado non é suficiente para poder tirar unha boa perspectiva da área. As sondaxes entulláronse e os restos quedan outra vez soterrados á espera dunha mellor ocasión” (Chao Álvarez, 2007: 222). Na citação, o autor introduz o ano de 2005 como marco investigativo e as motivações para o estudo arqueológico.

No texto estudado, além do elemento da concentração do comércio (que na verdade é simbologia de uma concentração de fato e em todas as esferas da vida), é presente na concepção da educação social, como conceito hegemônico aqui plasmado no arquitetônico. Tem-se, também, a expropriação (esta posta em entrelinhas), que é uma nova incidência de um Estado, feito instrumento de política e com poder para efetuar medidas desta. Além desses dois conteúdos, há outro subjacente, relativo à simbologia da construção cultural nas sociedades fragmentadas, na qual tapar, ocultar, silenciar, construir, pôr em cima e instaurar uma nova estrutura simbólica (no citado caso arquitetônica) é pauta normalizada.

7.1.2. Fragmentos urbanos, estilhaços humanos

O segundo texto encontrado é “Fragmentos urbanos de la Compostela ochocentista: la Plaza-Mercado” (Rosende, 2002). Aborda-se este como estilhaços. Ou seja, como destroços ou fragmentos, dada a representação social fragmentária encontrada no artigo.

É o documento acessado durante o transcurso desta pesquisa que contém um maior corpo de informações acerca da história da construção da Praça do Mercado de Abastos. Considerando o marco histórico-social da cidade como um todo e apresentando diversas fontes no que toca, por exemplo, aos antecedentes, proposta e efetivação do projeto de construção da *Praça*. Não poderia ser diferente, porquanto o texto analisado se insere em um projeto mais

amplo de memória histórica: “Este trabajo se ha realizado en el marco del proyecto Memoria Histórica de Compostela: arquitectura y urbanismo” (Rosende, 2002: 155).

Encontram-se espelhadas neste estudo afirmações comprobatórias de que a Praça do Mercado de Abastos era mais do que um espaço delimitado e específico, como se constata na nota agora transcrita: “Desde antiguo, la Plaza del Campo, situada en el cruce de los grandes ejes que atravesaban la ciudad de norte al sur y de este a oeste y que se dirigía en punta hacia a la Azabachería, actuó como espacio de mercado”⁹¹ (Rosende, 2002: 160). Ou seja, a ideia e consolidação da Praça do Mercado de Abastos foi feita para concentrar, também do espaço físico, até a atividade. A concentração que se quer e se consegue com a construção da Praça do Mercado de Abastos gera mais do que uma mudança importante na configuração da cidade, resultará em mudanças fundamentais nas Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas, o que vai determinar a própria conformação do processo comunitário grupal da *Praza*.

O estudo considera a construção da Praça no momento histórico da cidade a partir de alguns contextos: “En la década de 1770, momento en el que la ciudad de Santiago se dispone a elaborar unas ordenanzas destinadas a tener un gran alcance, su aspecto deja mucho que desear” (Rosende, 2002: 155). Com isso, intenta expressar é que a Praça do Mercado de Abastos de Compostela está pensada desde um contexto maior, âmbito este que é histórico e político.

Esses dados históricos e políticos concentram-se no discurso da ordem e da segurança das pessoas. Reflete, também, apenas por citar, não o protagonismo, mas a presença, por estarem descritas, de pessoas “não ilustres” (termos usados em outro contexto) neste processo de mudança, construção e remodelação da cidade: “Además, este

⁹¹ Destacar a expressão “espaço de mercado”, para descrever uma atividade de feira-livre, para definir a atividade geral, como também pensada em chave de transformação ao mercado consolidado e entendido com a herança simbólica histórica plasmada na atualidade.

escalonamiento en altura atenta contra la integridad del propio inmueble (...) y de las personas” (Rosende, 2002: 155).

No citado fragmento, quer-se justificar a mudança, porém sem passar pelo aspecto da concentração. A construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela obedece a questões muito diferentes das listadas aqui, de busca de preservação do material e do humano. O principal objetivo da construção dos mercados, como já descrito, é o de concentrar para controlar os recursos e a dinâmica econômica.

Uma ideia na história da construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, considerada na dissertação de Rosende Valdés (2002), é a concepção de “ordenamento”, de “limpeza” e de “racionalidade”, que culminará na reformulação que determinaria uma pseudo e imposta “nova forma de viver”, que soe ou retumbe a palavra “imponiendo”.

Aqui não se considera, nem se analisa, se essa narração será do que passou com as fontes materiais disponíveis, ou não. Faz-se esta leitura da “limpeza” por ser algo recorrente em todo o estudo e por ser uma concepção de importância no enquadramento proposto de agentes trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, dado que a ideia de limpeza tem sido, ao longo das histórias, um artifício e argumento discursivo usado para legitimar a exclusão e apagamento de determinados coletivos não desejados, “não ilustres”. Inclusive, na atualidade, este discurso é representado em algumas perspectivas a respeito do coletivo das *paisanas*, trabalhadoras ou de trabalhadores ambulantes e também com a implantação de novos ou diferentes setores.

Por outro lado, é de fundamental importância alcançar a tendência a fechar e/ou cobrir as feiras abertas que se dão na perspectiva dos ideais higienistas do século XIX, daí as arquiteturas que utilizavam o ferro, conhecida como “arquitectura del hierro” ou “os mercados metálicos” tendo a cidade de Paris como epicentro: “Pero, en la segunda mitad del siglo, fue en Paris donde se estableció el modelo” (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007), estando a Praça do Mercado de Abastos de Compostela inserida nesse âmbito.

Sendo assim, é válido dizer que a construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela resultou em uma real desconstrução nada acordada com agentes sociais históricos desta, como coletivos partícipes das dinâmicas de mercado. Fragmentando, porém, em continuação, assim tem-se justificações discursivas desenhadas a partir da limpeza e da ordem. A importação de uma estrutura metálica (fria e rígida), nos moldes franceses, sem considerar os aspectos locais, e a necessidade de concentrar para controlar a produção e difusão da produção, não está no texto descrito:

Nada tiene de extraño, pues, que el 18 de octubre de 1774, don José de Leis y Santillán, señor de Hedreiras y de Mira, Procurador Síndico Personero de la ciudad de Santiago y su distrito, se dirija al Real Consejo para denunciar el calamitoso estado en que se encontraba la ciudad, que por entonces no sólo era capital del Reino de Galicia y, como tal, la más poblada, sino que también era la más visitada por “naturales, y extranjeros” al albergar el sepulcro (...). Composición de entradas, calles y plazas, forman el cuerpo de la denuncia, que se extiende también a la necesidad de alineamiento y a la retirada de ese amplio elenco de elementos que entorpecen la red⁹² (Rosende, 2002: 157).

A edificação do Mercado de Abastos foi uma estrutura imposta, sem lugar para dúvida. Também e ao mesmo tempo um modo de vida imposto que, malgrado encontrar resistência, se instaurou. A menção sequente evidencia que os processos de mudanças como processos educativos, tanto no arquitetônico como no social e simbólico, se constitui como dinâmicas ideológicas, com determinações políticas, que marcam pautas comportamentais dadas ou impostas, ainda que albergando disputas e desmontando resistências:

(...) eran cuestiones higiénicas y de salubridad públicas, urbanísticas y de seguridad ciudadana que venían preocupando desde hacía mucho tiempo a la autoridad municipal (...). Fue de este modo como a lo largo del siglo

⁹² A. H. U. S. A. M. “Ordenanzas de policía cuanto a obras y fábricas de Calles de la Ciudad de Santiago”, fols. 2v.-4r. In.: Rosende, 202: 157.

XIX emergió una ciudad cuya trama estaba entretejida no sólo por grandes monumentos, deslumbrantes abordajes y escenográficos espacios, sino también por un tejido residencial renovado y unas pautas racionales de comportamiento. Con el nuevo siglo se acabará imponiendo un nuevo modo de hacer y vivir la ciudad, que ahora resulta más funcional, cómoda, agradable y monumental. No sin resistencia (...) (Rosende, 2002: 159-160).

Nesse sentido, os estudiosos Manuel Guàrdia Bassols e José Luis Oyón Bañales (2007) sistematizam em “Los mercados públicos en la ciudad contemporánea. El caso de Barcelona” reflexões a respeito de um sistema de comodidades desenvolvidas no âmbito da arquitetura, com enfoque econômico. Nesse enquadramento, os estudiosos enfocam e contextualizam de maneira crítica o discurso de um sistema de comodidades, sem ocultar a importância da função da polícia, que passa a ter o Estado - “administración” - e do enfoque econômico nos aspectos do desenho espacial das cidades, trata-se, enfim, de mudanças na mentalidade cidadã através de processos de aprendizagem social:

La primera renovación de los mercados estuvo estrechamente vinculada a la aparición, en la segunda mitad del siglo XVIII, de un nuevo “saber urbano” [...]. El embellecimiento de la ciudad debía significar menos la estética de las nuevas construcciones y más el desarrollo de un sistema de comodidades, basado tanto sobre un sistema de comunicaciones numerosas, fáciles y seguras, como en la distribución homogénea de los mercados, paseos, salas de espectáculos, iglesias... A estas ideas [...], se sumaron la progresiva medicalización del espacio urbano, la teoría y la práctica de la Administración o “Policía” [...]. Se configuró así un pensamiento urbanístico que adquirió cuerpo y vuelo con la ruptura revolucionaria (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007).

Retorna-se ao estudo do professor Rosende Valdés (2002), no qual este afunila a dissertação, centrando-se somente no que ele nomeia como “la construcción del primer gran Mercado de Abastos en

el Torreón del Pico de la Cerca” (Rosende, 2002: 160). Falando desse Mercado pretérito, o autor considera a história passada como determinante para o presente. Não só para o presente do atual Mercado, como para toda a cidade compostelana de hoje: “El Mercado decimonónico no existe ya, aunque el actual haya heredado más de un aspecto, pero sí sus imágenes, sus consecuencias y una historia que, de algún modo, antologiza el comportamiento de toda una época sobre la ciudad” (Rosende, 2002: 160). O importante a sinalizar é o relativo a “antologiza el comportamiento”. Assim, entende-se, não somente, a arquitetura física da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, senão que as dinâmicas sociais como herança, na construção dessa arquitetura simbólica do sujeito, além do histórico que deixa marca e determina as Matrizes da Aprendizagem Compartilhadas no processo grupal da construção da *Praza*.

Segundo o estudioso, o início do projeto era simples, “un cambio de situación”. A proposta de construção desta Praça do Mercado de Abastos de Compostela, entretanto, desembocaria em um centro de abastecimento de toda a cidade. Fica a dúvida, para o estudo dos excluídos, ou dos ausentes, na narrativa e descrição do texto, se isto sempre foi propósito e objetivo, ou se resultou como casualidade – “acabó ideándose como un organismo más complejo, capaz de centralizar el abastecimiento de la ciudad” – (Rosende, 2002: 161). Neste contexto, tem-se o estudo da voz científica com relação às expropriações de propriedades pessoais, na qual o conde de Altamira representa o personagem de maior protagonismo:

Su propósito parece firme, incluso se ha barajado la idea de expropiación forsoza.”; “era indispensable expropiar las tres pequeñas casas situadas a espaldas de San Félix, así como retraer aquella franja de veintiseis varas de profundidad de la propiedad condal, incluso recurriendo también aquí a la expropiación forsoza (...)”; “Mucho habían cambiado las cosas. En abril de 1869 el conde de Altamira de no sólo estaba dispuesto a deshacerse de su propiedad, si no que incluso este se podría obtener por un

precio ‘relativamente módico’⁹³” (Rosende, 2002: 162-164). *Grifamos*

As palavras “expropiación forsoza” – sinalizam a redundância da expressão – deixam clara a força e posição do Estado naquele momento. No que toca à voz coletiva contrária a esta construção, o texto faz constar apenas com uma frase, no fragmento dissertativo:

Ahora, en cambio, lo que se pretende es desviar la entrada por detrás del convento, más de ochenta varas, con el consiguiente perjuicio para los vecinos de este barrio, pero también para los de San Agustín y San Félix e, incluso, para la propia plaza, al dificultar el acceso al único punto de suministro hídrico de la zona⁹⁴. Por tal motivo, hay protesta vecinal. (...) (Rosende, 2002: 163).

Há que sinalizar o contexto do artigo e a não presença ou a presença sutil das vozes discrepantes. O último tópico do trabalho em questão fala do “Impacto urbanístico del mercado”, dando sequência ao que, uma vez mais, se identifica neste trabalho de enquadramento educativo como silêncio histórico dos sujeitos populares e da pluralidade de lugares de fala: “La construcción de una plaza de abastos, primero en el Pico de la Cerca y después en los terrenos de Altamira, generó una serie de consecuencias urbanísticas que irradiaron en todas las direcciones”, e ainda em: “más aún, el proceso de petrificación que se había venido desarrollado durante los dos últimos siglos, alcanza ahora su consumación” (Rosende, 2002: 172-177).

Com a conclusão do texto, salta a ideia de evolução, modernidade e progresso que ainda se expressa com as mesmas palavras e usos iguais que ignoram a rede de significado em termos de processos educativos, ao não dar voz a uma outra e possível leitura da história ou à narração desta. Consiste, portanto, no apagamento pelo

⁹³ A. H. U. S. A. M. Plaza-Mercado. –Su construcción (1a parte) 1870-1874, fol. 1r. In.: Rosende, 2002:164.

⁹⁴ Idem, “Expediente relativo a la construcción de las obras de la nueva plaza de abastos y remate de las mismas”, fols. 164r,y v. In.: Rosende, 2002:163.

silêncio e exclusão de lugares de falas: “Estas fueron las principales intervenciones sobre el espacio hasta entonces vitalmente bastante anodino y arquitectónica y urbanísticamente casi medieval, y que acabó siendo bullicioso, urbanísticamente moderno y arquitectónicamente novedoso, incluso, en el marco de la ciudad, todo un símbolo de progreso” (Rosende, 2002: 179).

A citada modernidade capitalista não chegou à Península naquele momento. No caso espanhol esteve freada por um sistema jurídico do antigo regime, e assim não alcançou dar passos até 1834, quando a atividade mercantil se liberalizou, permitindo assim comercializar com “todos los objetos de comer, beber y arder”, exceptuando o pão (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Neste contexto, também as leis de desamortização que a partir de 1836 brindaram às cidades a possibilidade de reordenar e “modernizar” (mudar) o contexto urbano, incorporando “modernas” (diferentes) estruturas, dentre essas, alguns mercados; porém, as limitações relativas à pouca capacidade econômica não permitiu implementar programas que possam ser correspondentes ao exemplo ou modelo francês (Guàrdia Bassol & Oyón Bañales, 2007). Quer dizer, a construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se deu dentro de um contexto próprio, nas condições determinadas desde o político à capacidade econômica. Ou seja, se matizou e se adaptou à realidade local galega (a um nível), fundada em aspectos pertinentes às posições dominantes, tanto políticas como econômicas.

O que não se conhece, não se fala nem se comenta, não se estuda, não está acessível, por fim, não existe. Silenciar, ocultar e apagar são, como consequência, partes de um todo que compõe a realidade histórica, social, política e socioeducacional dos coletivos humanos da Praça de Abasto. Nesse caso, o termo socioeducacional utilizado atende à educação como processo social de apreensão da realidade, Pichón-Rivière (2005), Quiroga (2012), Freire (1969) e Vygotski (2001). Dessa maneira, passado, presente e futuro são tecidos com suporte em ações práticas estereotipadas, porque nega a diversidade de lugares de fala. Conhecer para entender, analisar esse vazio, pode determinar a construção a partir do discurso antes velado pelas concepções hegemônicas, na emergência do que compõe

Matrizes de Aprendizagem dos processos educativos dos sujeitos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

Os dados mais significativos do texto, sistematizado acima, da autoria de Rosende (2002) para o estudo presente, como aspecto simbólico, consiste na presença sutil de elementos contestatórios da ordem social imposta. Termos como “pessoas não ilustres”, “no sin protesta”, “protesta vecinal” (Rosende, 2002: 163) vão sinalizar a sutileza com a qual se descreve o Outro que ora está ausente, ora sua presença se dá em nuances e de maneira maioritária se faz em ausências.

Ao elaborar o texto focando nos fragmentos urbanos, vislumbra-se um movimento de estilhaços, no qual se esmigalha e desagrega o sujeito histórico social entendido (construído no texto) como Outro, despossuído de voz, de vinculação e até de presença. A coesão do coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, entretanto, existe e se dá pela tarefa em comum de viver da *Praza*. Essa tarefa compartilhada é a que vem dando coesão ao coletivo trabalhador e tem que ver com uma condição concreta relativa ao lugar de fala popular dos sujeitos da práxis.

7.1.3. Tipologias arquitetônicas e dos ausentes do Mercado compostelano

O terceiro estudo encontrado a respeito da Praça do Mercado de Abastos de Compostela nas bibliotecas compostelanas também faz uma abordagem da evolução da *Praza*, considerando a tipologia arquitetônica com base nos dois momentos nomeados como: primeiro mercado, ou seja, o “mercado primitivo” construído em 1870, e o segundo ou “mercado atual”, levantado a partir do derrubamento do primeiro em 1937, conforme dados da autora.

Com o texto “Tipologías arquitetónicas del Mercado de Abastos compostelano” (León, 1998), tem-se a confirmação de que toda a cidade de Santiago de Compostela era um grande mercado disperso. Também, aparece de forma recorrente a referência à limpeza da cidade como justificativa para a construção da Praça do Mercado de Abastos.

Encontra-se nessa produção textual, entretanto, uma informação inovadora, que diz respeito à necessidade de concentração desta atividade comercial (de maneira mais evidente) e, também, do controle do trânsito de pessoas.

Ou seja, a construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá com base no motivo de “concentrar” a atividade e da livre, ou melhor, “circulação” das pessoas, segundo o texto, além da necessidade de limpeza e ordenança, palavras que dão nome às ações políticas socioeducacionais levadas adiante pelos agentes políticos de prestígio e poder, da época histórica em questão:

A mediados del siglo XIX en la ciudad de Santiago de Compostela la actividad comercial se encontraba dispersa en múltiples mercadillos en las calles asoportaladas (prueba de ello son los numerosos topónimos existentes aún hoy en la ciudad) por lo que se hacía necesaria la concentración de esta actividad, mejorando los servicios y por tanto poder así obtener mayores beneficios, solucionando a su vez la falta de higiene en las calles de la ciudad y los problemas circulatorios (León, 1998: 205).

Estas duas palavras – “*concentrar*” e “*circular*” – presentes no texto, como também “*classificar*” e “*controlar*”, vêm compor a concepção moderna de estrutura sociopolítica que segue vigorando na atualidade. Palavras que poderiam ser dialéticas se não se considerasse o marco econômico em que são postas. A necessidade de concentrar para uma melhor circulação obedece a um conceito ideológico de sociedade que mudou a configuração social do ponto de vista estrutural e arquitetônico (também simbólico), como demonstram os estudos. O impacto dessas concepções ideológicas, entretanto, expressas em termos de ações políticas, repercutiram em uma série de mudanças nas relações sociais e laborais e, de forma específica, influenciou as ações socioeducacionais na feira em face da configuração em Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Constata-se a construção de novas e diferentes Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas que terão que obrigatoriamente romper com o passado, ao mesmo tempo que só poderão ser construídas a partir desses MAC que estarão em plena construção através de

choques e mudanças. Esses impactos, malgrado o passar dos anos, ainda devem ser entendidos, estudados e sistematizados porque aportam luz às dinâmicas educativas e culturais da *Praza*, que são dadas no marco das diferenças e aprovação ou crítica das transformações.

Fatores como redes de distribuição, conformação de normativas e de leis para administrar o espaço de atividade de mercado, a separação entre o público e o privado, a diferença, separação ou “isolamento” entre a rua e o “mercado”, a limpeza e a urbanização das cidades, dentre outros aspectos, são elementos que vão dar forma a uma nova mentalidade social que foi transferida aos tempos atuais (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Essas novas mentalidades, entendidas como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas são próprias da sociedade em mudança da época, que vai ganhar corpo e forma de grupo com o coletivo das/dos trabalhadoras/es desse novo espaço.

Con el crecimiento de los intercambios y de las comunicaciones los mercados pasaron, progresivamente, a integrarse en redes más amplias de distribución, situándose de lleno en el campo de la economía, que en aquellos años estaba adquiriendo el carácter de una disciplina con leyes propias y autónomas. Las “exigencias de rendimiento, de eficacia, de satisfacción de las ‘necesidades’, tejían una red de prácticas, de reglas y de leyes que no dejaron de influir en la misma forma de los edificios”. Éstos fueron adoptando una lógica funcional que se desarrollaba en tres niveles de organización: “la célula de venta, el espacio de circulación y en la disposición de conjunto que responde a la voluntad de clasificar y controlar, pero también de aislar el mercado de la calle”. A la congestión generada por el crecimiento demográfico y de los intercambios se sumaba un cambio de actitud que tendía a establecer una distinción más nítida entre espacio público y privado (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007).

No contexto descrito, a orientação se direcionava para esvaziar as ruas da atividade de mercado. A perspectiva se dava no sentido de

pôr essas atividades em espaços limitados, restringindo essa atividade. A concepção era a de impor ao espaço público limitações e particularizar os mercados com grandes critérios de higiene e uma concepção de “urbanidade”. Assim, o mercado passa a ser um equipamento, também uma “escuela de urbanidad”. Esse contexto e padrão ideológico pautará todo o século, e vai absorver todos os países ocidentais (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Trata-se de uma transformação educativa e cultural em escala mundial.

Aqui, é importante aclarar que a concentração das feiras medievais em *prazas de mercado* obedece à necessidade do novo sistema em manter o controle da produção e, a partir dessa, igualmente, a de controlar a difusão da produção. Enfim, o caráter de controle e arrecadação constitui os objetivos relevantes desse construído edifício emblemático que hoje é a Praça do Mercado de Abastos de Compostela, forjado a partir de um processo longo, arquitetado por agentes políticos e setores sociais de grande influência, e dado através de vários anos. Os processos de mudanças profundas só podem ser dados assim, Guàrdia Bassols e Oyón Bañales (2007) descrevem como esse espaço social deriva de uma herança histórica, e também ilustra o nascimento de novas instituições e lugares de prestígio etc.:

El mercado fue el elemento que cimentó la ciudad europea de la baja edad media como realidad social y económica, y la modeló físicamente [...]. La primera función de los recién creados gobiernos municipales era justamente la administración económica de la ciudad y, dentro de este esquema, la regulación de los mercados era fundamental [...]. La buena ordenación del mismo era una preocupación constante del gobierno municipal que, durante cinco siglos, hizo esfuerzos constantes para asegurar la salud social y política de la comunidad urbana regulando la ética de los intercambios, garantizando el buen orden en el mercado, mediando en los conflictos, controlando los revendedores [...] (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007).

Por sua vez, o texto de Paula León Pestonit (1998) está dividido, além do resumo e da introdução, em duas seções que consideram os dois momentos históricos da Praça do Mercado de Abastos de Compostela especificados nos anos de 1870 e 1937. Na primeira, “Mercado de Abastos de Santiago de 1870 (Demolido)”, estruturam-se informações resumidas no tocante a três fatores de caráter arquitetônico ou relativos à própria edificação: primeiro da responsabilidade arquitetônica para a construção, segundo sobre os derrubamentos efetuados e, no terceiro, versa-se a respeito do material empregado para a construção do “primeiro Mercado”.

A respeito dos derrubamentos se faz importante pontuar as especificações apresentadas no aspecto que tem relação com outros espaços derrubados, para além, por exemplo, do tradicional e sempre considerado “*Pazo dos Condes Altamira*”: “Para la ubicación de la Plaza de Abastos, se derriba una casona gótica, una de las calles del barrio llamado Pincho da Cerca, y una serie de huertas entre la fábrica bajomedieval y la muralla” (León, 1998: 206).

Observa-se uma descrição arquitetônica em León (1998) que não estabelece vinculação com a importação de ideais franceses, na qual essa primeira seção é concluída com a concepção generalizada da importância da cidade de Santiago de Compostela como centro comercial, produtivo, de abastecimento e de consumo: “La amplitud del área de actuación del mercado de aproximadamente cinco mil metros cuadrados, hace pensar en la importancia de la ciudad de Santiago de Compostela como centro regional de abastecimientos y consumo, reafirmando su papel de centro de producción y de intercambio” (León, 1998: 206).

A segunda seção do texto de León (1998) “Mercado de Abastos de Santiago de 1937” segue um critério de explanação diferenciado da anterior. Dos três elementos da tipologia arquitetônica, considera-se somente o que se baseia na responsabilidade arquitetônica para a reformulação (ou nova construção) da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Antes, porém, se apresenta o motivo pelo qual a construção da *Praza* deve ser efetuada, que teria base na deterioração do edifício: “Ante el estado de deterioro en el que se encontraba el

mercado de abastos en el año 1937 la Corporación Municipal encarga a José María Banet, arquitecto Municipal y Joaquín Vaquero Palacios la redacción de los proyectos de reforma total del mercado” (León, 1998: 207).

A responsabilidade da reabilitação e reformulação da Praça do Mercado de Abastos de Compostela ficou a cargo final do arquiteto Joaquín Vaquero Palacios, sendo que a concepção que guiou esta reformulação continua baseando-se em critérios de limpeza, bem como efetuado com algumas mudanças arquitetônicas. Entretanto, após 67 anos (espaço de tempo existente entre a primeira construção da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e a reforma proposta) se constata, neste estudo de León Pestonit (1998) um novo aspecto a ser considerado, que se baseia na busca de elementos da aldeia para representar esta nova Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Observam-se aspectos novos e diferentes, próprios das matrizes de aprendizagem que devem ser construídas para serem compartilhadas; trata-se de um discurso vinculado a um certo imaginário do local, próprio de uma especificada ideologia em um determinado momento histórico. O rural galego já não poderá ser como antes, passará a estar imbuído do imaginário que a ditadura franquista dele pretendeu.

A importação do modelo francês não permitia esse matiz (da “aldeia e aldeãs”) na construção reformulada do mercado novo, aquele que trabalhou de maneira geral com os conceitos de limpeza e silêncio ou ocultação do próprio. Nesse novo contexto, se insere e personifica a presença da camponesa degradada (as agricultoras, as pessoas que vendem o que fica do que plantou, o excedente da produção passa a ter que carregar o aspecto do atraso) como imposição de presença, e o aspecto das agricultoras como elemento de resistência popular foi abafado, dado que no discurso oficial tratou-se de desconsiderar e pôr como folclorismo e rebaixamento o rural galego. Ou seja, dentro do mercado novo, se constrói, já desde o arquitetônico, a permanência de um coletivo antes pretendido ser apagado, entretanto modificado em seus fundamentos.

El autor trató de incorporar en la nueva obra elementos humildes de las construcciones aldeanas, de manera que el

edificio se integre de manera entrañable a la ciudad por ser un edificio realizado con aquellos medios primitivos y poblado más tarde con las gentes y los productos del campo; por ello realizó el proyecto en una escala íntima y con un sabor entre románico y barroco, estilos díspares pero que se conjungan en toda la ciudad de Santiago (León, 1998: 208).

Deve-se dar especial atenção à palavra “*humildes*”, no contexto acima transcrito “*humildes de las construcciones aldeanas*”. A ordenação e limpeza resultariam na construção de uma Praça do Mercado de Abastos de Compostela que excluía os humildes (e também o agrícola inserido), na nova Praça se redescreve e contextualiza os humildes, na construção de outro modelo social, dando uma nova configuração à Praça; trata-se de outros processos de aprendizagem social.

A ruptura já existente entre o campo e a cidade se incrementa, tendo-se, então, uma espécie de desmembramento e continuidade dessa separação que pode ser constatada com “un edificio realizado con aquellos medios primitivos y poblado más tarde con las gentes y los productos del campo” (León, 1998: 208), no qual se deve dar especial atenção à maneira de dar nome a um coletivo sempre existente na Praça do Mercado de Abastos de Compostela (e inclusive na feira prévia a esta), trata-se do coletivo fundador, pilar deste espaço social de intercâmbio, esse lugar e agentes sociais presentes em todas e cada uma das etapas da feira e do futuro da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, são coletivos despojados; as pessoas e os produtos do campo passam a ser inferiorizada de uma nova maneira ao estar catalogado como lugar dos “humildes”.

Há de insistir em que aqui já se nomeia essas pessoas como “gentes humildes y los productos del campo”, como se essas pessoas fossem imediatamente excluídas (e redefinida) dessa construção arquitetônica em si mesma, quando na verdade são os fundadores e agentes comunitários e pilares desse contexto social, que foram incluídos através da exclusão e reformulação das suas identidades, os sempre presentes, apesar de silenciados e estigmatizados, segregados, que ficaram fora na importação do modelo de mercado francês (como

modo de vida discursivo), sendo que essa segregação vai alcançar ênfase no período da ditadura. É, de forma similar, o que os estudiosos identificam com as consequências do regime ditatorial franquista e que destinou a Galiza ao lugar do atraso e da ruralidade como sinônimo de subdesenvolvimento; é, por fim, uma expressão prática da ideologia fascista implantada na Galiza.

Outro aspecto diz respeito à construção conceitual expressa entre o campo e a cidade. Como, também, a ideia dessa gente folclorizada, definida no lugar identitário do campestre e campestre na Europa moderna e nas diferentes “Espanhas”. A metáfora da demolição do Mercado Primitivo vale também no contexto de mudança educacional do arcabouço simbólico, no sentido da reconfiguração das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas nos processos de aprendizagem social na Praça do Mercado de Abastos Compostelano, na qual nem sempre se conjuga o que se tem e o que está por vir. Muitas vezes para construir algo novo se faz necessário destruir o antigo e na *Praza* se deu essa realidade não em benefício da maioria. Segundo Mattelart e Neveu:

La atención dispensada a la dimensión cultural del proceso de integración mundial y de los fenómenos de disociación que constituyen el reverso es cosa de actores tan diversos que el significado de la cultura como instrumento de pensamiento libre, como técnica de defensa contra todas las formas simbólicas de presión y de abusos de poder, se ha convertido en algo secundario, cuando no marginal (Mattelart & Neveu, 2004: 160).

Nessa realidade de homogeneização, aculturação no processo de integração mundial, na qual a cultura, embora seja aspecto constitutivo e central nas dinâmicas de dominação, é escamoteada, posta como secundária e marginal segundo o teórico. Nesse sentido, a cultura deve estar no centro da análise das dinâmicas sociais, como as que estão postas na *Praza*.

Os produtos comercializados na Praça do Mercado de Abastos de Compostela sempre foram e continuam sendo os mesmos em categorias: verduras, frutas, pescado etc. (ainda que se tenha a

dinâmica da ampliação e ressignificação dessas matérias). O que faz, entretanto, com que antes, em 1870, a *Praza* fosse um espaço central e moderno de comercialização, e em 1937 essa “mesma” *Praza* com os mesmos produtos passasse a ser um espaço de provisões do campo de maneira pejorativa (de pessoas “aldeãs e de gente humilde”) é de base conceitual ideológica e sociopolítica e, em consequência, adquire caráter de socioeducacional. Quer dizer, há todo um processo de aprendizagem social para esse construto diferente, novo e de depreciação do rural. Isso se entende no sentido da busca de educar uma sociedade em conceitos e parâmetros que antes não eram manejados, ou não da maneira “moderna” proposta (atualizada e adequada) - são novas Matrizes de Aprendizagem as que condicionam a construção social.

O espaço da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, com suas dinâmicas e processos educativos, é uma questão de conceito, de enquadramento baseado em um marco político, histórico, econômico e social que nada tem que ver, de maneira específica (em si mesmo), com os produtos mercados ou as pessoas que sobrevivem desta e compram nesta. O campo não é uma realidade estanque. O estudioso Raymond Williams (2001) no livro *El campo y la ciudad* adentra a questão que aborda esse conceito imbricado em uma realidade histórica constitutiva:

“el campo”, como ya vimos, a veces puede significar cualquier cosa, desde independencia hasta privación, y desde las fuerzas de una imaginación activa a una forma de liberación de la conciencia. En cada ocasión debemos cotejar estas ideas con las realidades históricas: a veces para confirmarlas, a veces para negarlas (Williams, 2001:360).

Dessa maneira, considera-se uma mudança importante na reformulação da Praça do Mercado de Abastos de Compostela o conceito do rural e das pessoas campesinas, desde um ponto de vista ideológico conceitual e socioeducacional que passa pelo moderno e centro de cidade a espaço rural de elementos do campo perifizado, ou ainda na conjugação desses dois, mantendo-se na segunda

realidade, de maneira folclórica ou folclorizada, pitoresca ou excêntrica.

Certo é que, no século XIX, o rural galego inicia uma crise e o sistema agrícola entra em ruína: “A partir de los años treinta del siglo XIX, la quiebra del estable sistema agrícola era evidente, alcanzando su techo la expansión de los dos cultivos intensivos en trabajo el maíz y la patata iniciándose la desarticulación del textil lencero, intensificando la movilidad geográfica de la población gallega [...]” (Martínez Domínguez, 2003: 2). Assim, desde o econômico, também se entende o novo lugar de periferização atribuído a um setor que foi cêntrico e motor socioeconômico.

Retomando a parte final do texto de León (1998), a autora ilustra a estrutura da Praça do Mercado de Abastos de Compostela e a disposição das naves e os variados produtos e mercancias que são expostos. A única referência, porém, às pessoas encontradas neste estudo, além da citação aos arquitetos, diz respeito aos “clientes”:

El mercado está compuesto por ocho naves (...). La primera de ellas se dedica al comercio de productos cárnicos. La segunda también a estos productos y a charcutería. La tercera y cuarta están especializadas en la venta de pescados y mariscos. La quinta se destina a frutas, hortalizas y flores. (...) un servicio de reposo de las compras gratuito para los clientes del mercado (León, 1998: 206).

Na citação anterior, descreve-se a organização da Praça do Mercado de Abastos de Compostela até 1998, ano de publicação do artigo estudado, na qual as naves albergam a estrutura de grêmio e de oferta de produtos similares. Na atualidade, a *Praza* mantém certo contexto de grêmio ou de categoria (as casas de venda de peixes estão juntas, por exemplo), ainda que não tão fortemente estável, têm-se outros setores, encontram-se lojas de frutas por todos os espaços de atividade de mercado, por exemplo (principalmente como traço itinerante). Também em León (1998) se tem ilustrados os antecedentes para a conformação da atual estrutura de variedade de serviços, como pode ser o de “reposo”. Hoje, por exemplo, tem-se entregas em

domicílio, como pode ser observado nas fotografias os enquadres que são o ontem reverberado no atual.

Fotografias 57 e 58 - Atualidade: numeração e especificação das naves e consigna

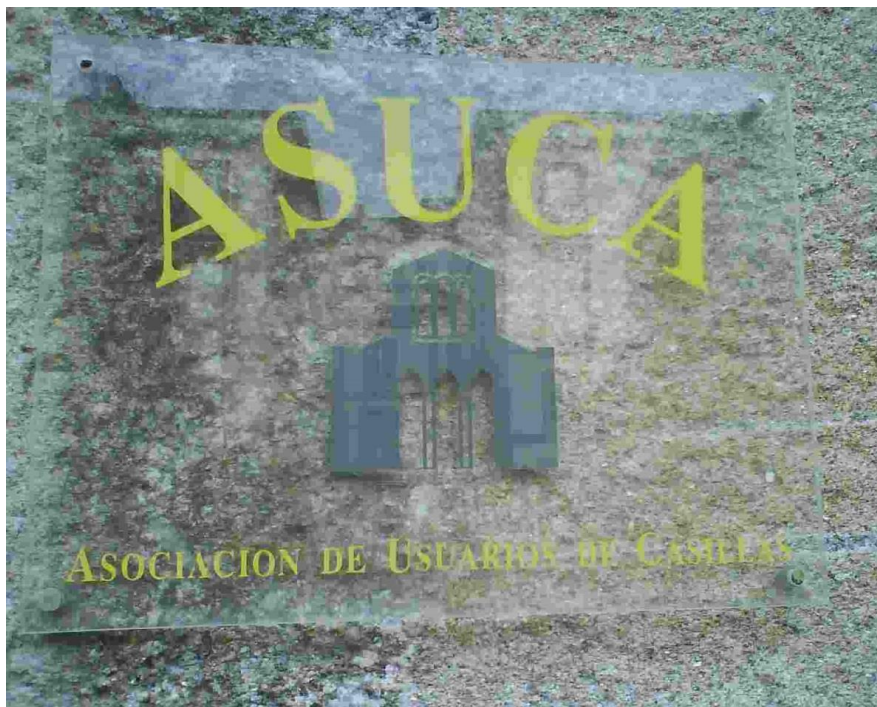


Fonte: Produção própria, 2009 e 2021.

O texto também alude a uma estrutura social coletiva horizontal, é a presença institucional e representativa nomeada de *Asociación de Usuarios de Casetas* (ASUCA): “en el centro de los edificios que conforman el mercado [...] se encuentra un pequeño edificio de dos plantas que sirven para albergar en su primer piso la Asociación de Usuarios de Casillas (ASUCA) y en el segundo servicios

administrativos [...]” (León, 1998: 206). A “ASUCA” continua existindo, ainda que esteja em processo de reativação impulsionada por coletivos de nova inserção na Praça do Mercado de Abastos de Compostela. A “ASUCA” vinculada a coletivos trabalhadores da *Praza* de maneira histórica, ainda que não chegue a concentrar a totalidade das pessoas usuárias de estandes (*casetas*): “La propia Asociación de usuarios de casetas, ASUCA, a la que no todos pertenecen, ha promovido un proyecto coordinado de actuación para los frentes de caseta” (Morenas, 1995: 77). Trata-se de um lugar representativo histórico com grande potencialidade na *Praza* de hoje, porque está conseguindo revitalizar o coletivo dos usuários dos boxes.

Fotografia 59 - Presença da Asociación de Usuarios de Casetas (ASUCA)



Fonte: Produção própria, 2009.

Fatores como a existência de atividade de mercado disperso, a aclaração da concentração e a inclusão de sujeitos sociais antes

invisibilizados (ainda que desvirtuados) são dados importantes trazidos pelo texto de León (1998).

De maneira simbólica, a demolição da estrutura do *Mercado Primitivo* se configura como uma reconfiguração significativa na prática social de dominação e aculturação, que vem a ser também uma política hegemônica, não muito diferente da que consistia em construir em cima de - “Durante la Antigüedad Tardía, observamos un fenómeno curiosamente reiterativo, consistente en la edificación de iglesias aprovechando anteriores construcciones” (Jiménez & Sales, 2004: 186) -, ou em outros contextos o de derrubar para reconstruir, prática recorrente desenvolvida pelos Romanos, por exemplo: “los legisladores se reservaban el derecho de conservarlos o destruirlos (había que estudiar caso por caso: dependía del lugar y de las circunstancias)” (Jiménez & Sales, 2004: 188). Essas dinâmicas são processos que respondem a matrizes de aprendizagem empregadas para a manutenção de aspectos culturais e que vão sendo dados no construto, tanto físico como simbólico, da história social da Praça do Mercado de Abastos de Compostela.

A ação alegórica de reconstruir a partir de um derrubamento, além de facilitar a incorporação de elementos antes periferizados, como pode ser a questão da agricultura, das pessoas agricultoras-vendedoras, também incorpora um matiz nos processos hegemônicos de construção cultural, que pode se valer do construir, pôr em cima e tapar, ou de derrubar-destruir e voltar a construir, ou reconstruir com outras ou novas significações. De todas as maneiras, claro está que a incorporação da diversidade local continua em interditos, dado que a incorporação de elementos do mundo rural se deu de maneira estigmatizada (“humildes”) e de maneira parcial, limitada e condicionada (“se suma elementos”), que parte inevitavelmente do lugar de um projeto já instituído. Isso não quer dizer, entretanto, que a presença do campo (e de coletivos campesinos) na Praça do Mercado de Abastos de Compostela seja resultado de um constructo de esferas de poder. Como se verá, será somente um matiz a ser considerado.

Os três estudos de textos encontrados em bibliotecas da Cidade de Santiago de Compostela, Rosende Valdés (2002), Chao Álvarez

(2007) e León (1998), abriram a possibilidade de acesso a outros textos científicos, por meio de suas referências bibliográficas que tratam da Praça do Mercado de Abastos de Compostela anexa à cidade de Compostela. Esses textos seguem a abordagem predominante da *Praza* como realidade material arquitetônica. Esse é o motivo pelos quais as leituras obtidas das citadas bibliografias não foram utilizadas neste trabalho, exceto dois livros - *Antologia Cultural de Galicia* (Lisón, 1979) e *A Terra* (Lorenzo Fernández, 1982).

Os dois livros compõem estudos antropológicos que consideram a oralidade como meio para se fazer discurso. Os volumes consideram a fala oral, seja na transcrição de cantigas populares, ou na transcrição de falas e diálogos destinados para o próprio embasamento teórico dos textos, dentre outras ferramentas etnográficas, sendo que é fundamental a pontuar que ambos abordam os aspectos rural-agrário-campesino e cultural nos enquadramentos de análises.

Em *Antologia Cultural de Galicia*, Lisón Tolosana (1979) faz o estudo do outro, de quem olha de fora a realidade sociocultural galega. Por sua vez, em *A Terra*, Lorenzo Fernández (1982) fala desde dentro do processo, do “nosso” como próprio, a ele mesmo como coautor da realidade sociocultural que descreve. O que se quer sinalizar é a ideia da vinculação com a terra, em um lugar de zona rural, e em outro a fazenda equivale à terra, como lugar de cultivo. A seguir se transcrevem segmentos ilustrativos das obras aqui brevemente comentadas: “todo lo escrito se refiere al primer período de estancia, y, claro está, a la zona rural. La razón de elegir Galicia [...] primero en su fuerte personalidad cultural, y segundo, [...] ningún antropólogo social se había interesado por el estudio de la región” (Lisón Tolosana, 1979: 11). Também em: “traballo etnográfico [...] recuperación dunha parcela fundamental da cultura material do país [...] noso campesino dá o nome de **terra** ó anaco de chan adicado ó cultivo, sexa este o que for; este nome equivale, polo tanto, ó de **finca**. (...)” (Lorenzo Fernández, 1982: 6-7). É nessa abstração da terra (o campo) como lugar coletivo, neste lugar, é que se tem a figura das *paisanas* e agricultoras na atualidade. Esses dois textos plasmam a identidade rural galega, pondo em evidência o rural como imaginário e substrato

basilar, tanto para a própria comunidade autônoma, como também para o imaginário identitário da *Praza* (o de fato e o construído).

De maneira similar, na busca bibliográfica, de produção científica sobre a Praza do Mercado de Abastos através de *Google* acadêmico os resultados são escassos. Esses falam também de maneira especificada da *Praza* a partir do viés predominante do patrimônio arquitetônico. Foram encontrados as *Obras de Rehabilitación en el Mercado de Abastos de la Ciudad Histórica de Santiago de Compostela*, de Morenas (1995) e alguns outros textos que não se centram na *Praza*, mas que fazem alusão a esta, em Monterroso Montero (2011) com “*El Centro Histórico. La creación de una conciencia cultural. El caso de Santiago de Compostela*”.

A revisão bibliográfica sobre a Praza do Mercado de Abastos de Compostela pode ser sintetizada na expressão de Bru Rovira (2006) “A ausência do relato traumatiza mais que o conhecimento”, estando, assim, as narrativas sinalizadas centradas nas questões próprias da arquitetura, pondo no lugar do invisível aos tipos humanos e a cotidianidade da comunidade e dos aspectos socioeducacionais destes, nos quais o espaço da *Praza* conforma aspectos ritualizados em cultura e identidade: “El espacio significa, con plena intensidad cultural, tan sólo en la medida en que es ritualizado. En una imprescindible relatividad sociocultural” Fernández, 1984: 255.

A leitura da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, porém, que se tece neste informe de tese, pretende alcançar o lugar de fala do coletivo trabalhador e para isso também maneja bibliografia compreendida no enquadre do etnoconhecimento. O etnoconhecimento é aqui entendido a partir de Jimenez, Tomé e Burrola (2016) como mecanismo dinâmico impulsionado pelo viés da linguagem, quando passado e futuro confluem em sinergias onde o conhecimento forja e transforma uma coesão identitária de comunidade grupal:

Se puede decir que el etnoconocimiento es un dispositivo dinámico, movilizado a través del lenguaje. Su reproducción y estructuración depende de redes de comunicación que fluyen del pasado al futuro y viceversa.

Se trata de una sucesión continua e ininterrumpida de conocimientos que se convierten y adaptan de manera paralela a las transformaciones de la identidad de cada pueblo (Jimenez, Tomé & Burrola, 2016: 186-187).

Cultura e identidade de cada povo em processo de aprendizagem convergem a um lugar comum, a comunicação. Nesse sentido, a sociedade da informação na qual se transita atualmente parece esquecer o passado, não tão distante da história humana, no qual a escrita não existia. Na ancestralidade e ao longo de muito tempo a cultura e os ensinamentos eram passados de forma oral e sobreviveram. Assim, é necessário pôr em valor os discursos orais como foco de entendimento e aprendizagem comunitária grupal em contextos de coletivos periféricos – retomando valor e compondo um lugar de transcendência social presente, com base nesses discursos.

Na Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dão narrativas históricas polifônicas, relatos de processos educativos praticados por meio da oralidade e que compõem, assim, uma opção de visibilidade e sobrevivência, ainda que sem deixar de ter a realidade do discurso aculturado como próprio, este sempre será parcializado.

Tem-se etnoconhecimento ainda como patrimônio cultural e de retomada de dinâmicas em processo de apagamento. Segundo Jimenez, Tomé e Burrola (2016), “etnoconocimiento puede ser un elemento clave para el desarrollo de una sociedad en constante cambio, al mismo tiempo que el progreso material y humano de los productores son aspectos sustantivos para la reproducción de las prácticas en extinción...” (p.: 188); assim alcança uma certa revisão, ao trabalhar com o conceito de discurso silenciado ou omitido, o discurso oculto, para Scott: “Nosotros hemos propuesto que la presión que genera una injusticia patente, pero no vengada, se expresa en el discurso oculto” (Scott, 2003: 261). Dessa maneira, no contexto das bibliografias gerais e científicas que entendem a Praça do Mercado de Abastos de Compostela no discurso oculto ou do enfoque do “Outro”, se fez necessário compreendê-la de outra maneira.

Essa outra possibilidade aqui se vislumbra a partir de um relato pautado no etnoconhecimento que se centra no saber social próprio da ruralidade, fundamentalmente, e também de novas atividades ou possibilidades econômicas, do turismo fraternal que entende a sociedade visitada como próxima, semelhante e parceira com função de aprendizagem social, posta em cenário do aqui-e-agora da Praça do Mercado de Abastos de Compostela:

Los conocimientos tradicionales son un capital intelectual sustantivo para la integración de las diferentes actividades productivas de las comunidades rurales... Dicha aportación del etnoconocimiento a las actividades económicas, no sólo se refiere a las actividades tradicionales, sino también a las innovaciones territoriales como puede ser el turismo, donde dichos conocimientos se reinterpretan de cara a las nuevas funciones sociales que adquiere el espacio rural (Jimenez, Tomé & Burrola, 2016: 200).

Essa outra maneira de compreender a Praça do Mercado de Abastos de Compostela se tem como narrativas históricas polifônicas vinculares, a partir da oralidade, do resgate e reconhecimento da sobrevivência. Esses aspectos são entendidos como resistência e permanência que se depreende a contar dos relatos recorridos nas entrevistas vinculares em profundidade que foram feitas a coletivos trabalhadores da *Praça*.

Com base nas abordagens sobre a Praça do Mercado de Abastos se conclui que a leitura dos processos educativos e das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas das/dos agentes sociais trabalhadoras e trabalhadores é também a leitura de um coletivo feito invisível em sua quase totalidade, mediante a ocultação, apagamento e silêncio, que segrega, despreza e emudece.

Un grupo de este modo abocado al silencio o neutralizado (gitanos, niños o delincuentes) puede considerarse un grupo “silenciado”, y las mujeres solo son un ejemplo entre otros. Según Ardener, el “silenciamiento” es fruto de las relaciones de poder que se establecen entre grupos sociales dominantes y subdominantes. Su teoría no implica que los grupos “silenciados” permanezcan realmente

callados, ni que sean necesariamente ignorados por la investigación empírica (Moore, 1996: 15).

A ausência de estudos a respeito do coletivo que há séculos trabalha na antes feira, hoje Praça do Mercado de Abastos de Compostela, é mais uma justificativa da necessidade de trabalhos científicos sobre a invisibilidade de pessoas, agentes sociais ou coletivos mediante a elaboração de discursos externos, imposto por moldes de enquadramento hegemônico, e nesse contexto, na atualidade, um novo panorama cobra força, que é o relativo à Praça do Mercado de Abastos de Compostela como “lugar turístico”, um exemplo do que aqui se chama de discurso externo, ampliado e com nova significação. Ou seja, é quando o olhar do “Outro” passa a ser próprio da visão do estrangeiro ou turista.

A Praça do Mercado de Abastos de Compostela representa o espaço de trabalho, de luta pela sobrevivência das atrizes e atores desta realidade, tanto no horizontal pessoal, como no vertical grupal, segundo a sistematização teórica de Pichón-Rivière (2005). Nesse sentido, o caráter socioeducacional das matrizes de aprendizagem – discursos – aporta uma visão ampliada dos processos históricos de formulação de conhecimento e desenvolvimento prático das distintas estratégias de sobrevivência. Estas, quer sejam em âmbitos laborais, interacionais ou socioeducativos, assediados e utilizados de maneira ampla pelos diversos coletivos e agentes sociais da *Praza*, são os que, enfim, conseguiram que o Mercado de Abastos continue vivo, ainda que, com o silêncio imposto, tenha ocorrido uma resistência que transitou entre o material e o simbólico. Assim, a permanência e resistência se configuram como estratégias práticas de luta, ressignificadas das dinâmicas do rural galego expostas e atualizadas na Praça do Mercado de Abastos de Compostela: “Todo productor rural realiza el proceso de apropiación de la naturaleza siguiendo una cierta estrategia” (Toledo & Barrera, 2008: 55).

Assim, a permanência, o êxito do fazer e do seguir existindo concebe a Praça do Mercado de Abastos de Compostela – além de assegurar a importância desse espaço de anamnese histórica e grupal, próprio do lugar das reminiscências de uma soberania popular

vincular. Isso se dá no prolongamento de um grupo que vem sendo ressignificado ao longo dos tempos sem estar isento de choques e conflitos, e justo pela superação destes aspectos de colisão e luta é que se forja a aprendizagem adaptativa à realidade. Esses agentes é que fundamentam a sua importância e seu legado nos processos de vínculo, que, de maneira cabal, é basilar nos processos comunitários grupais, e que, enfim, é o que garante a sua conservação e permanência à ocorrência dos anos.

7.1.4. Outros lugares literários instituídos

Esses outros lugares instituídos expressam uma Praça do Mercado de Abastos de Compostela a partir da literatura de viagem. Trata-se de uma abordagem do pitoresco, do exótico, curioso ou “singular” que inunda as redes.

As linguagens utilizadas para esse enfoque e abordagem da *Praza* passa tanto por relatos como por poesia, ou audiovisuais em curta metragem, também ensaios fotográficos, pinturas, bem como comentários em foros etc. Nesses diversos contextos, o que se tem são descrições de percepções do contexto social abastiano e de interações com o coletivo trabalhador no mercado.

De maneira majoritária se dão esses relatos sobre a *Praza* como “produto turístico”, quer dizer, feito um “conjunto de bienes y servicios con un perfil específico que contribuye a la satisfacción de los requerimientos del turista” (Ramírez, 2007: 43-44). Nesse sentido, a *Praza* deixa de ser própria e de função de abastecer, de suprir de produtos de alimentos (ou de dinâmicas simbólicas) - deixa de ser - e passa a compor o lugar do imaginário para a visão exterior. Ao falar de imaginário, se entrelaçam dois conceitos, o de imagem e o simbolismo, de acordo com Ramírez (2007), imagem e o simbolismo no prisma do turista.

Na atualidade, o turismo passa a ser consumidor, divulgador e também criador do contexto social visitado, e que vão impactar a vida da comunidade local objeto de “turisteo”: “Este período é caracterizado por uma sociedade pluralista em relação ao consumo em

massa de imagens e estereótipos, produzidos e incorporados à vida cotidiana de seus atores sociais” (Pereira & Spode, 2012: 1), que estão junto às dinâmicas dos fluxos de informação mais os padrões de uso tecnológicos reconfigurando imagens que passam a estar condicionadas ao lugar globalizado da fase pós-moderna (Pereira & Spode, 2012: 2). Esse lugar da globalização incide diretamente no enfraquecimento do cooperar e também de manter o lugar do “Outro”:

A homogeneização cultural é evidente na arquitetura moderna, no vestuário, na comida de rápido... A relação é globalizada e interminável. Todo mundo é basicamente igual... O desejo de neutralizar toda diferença, de domesticá-la, decorre... de uma angústia em relação à diferença, conectando-se com a economia da cultura global de consumo. Um dos resultados é o enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantêm teimosamente Outros (Sennett, 2012: 19).

Há uma certa distorção entre a realidade diversa, histórica e profundamente simbólica posta na Praça do Mercado de Abastos de Compostela e que é representativa da comunidade local. Na dinâmica maioritária transcrita, porém, em outros lugares literários sobre a *Praza*, essa realidade multifacetada é minguada, exercício que é notadamente vindo da dinâmica turística, nas palavras de Augé: “el viaje construye una relación ficticia entre mirada y paisaje” (2007: 91).

A afirmação do turismo está simplificando e obstaculizando o processo de aprendizagem social histórico que converge na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, porque não alcança a diversidade, antes está fundamentado na vereda do consumo para absorção rápida e esquemática.

7.2. A QUESTÃO DA MULHER E A PRAÇA DO MERCADO DE ABASTOS DE COMPOSTELA: O LUGAR DO EMERGENTE⁹⁵

A *Praça* é uma janela pela qual são vistos e entendidos os lugares sociais por onde transitam as mulheres galegas. Essas relações passam por diferentes lugares de fala e de aprendizagem. Atravessam o mundo trabalhador, o empreendedorismo, também no setor do mar, dentre outros aspectos que permeiam o imaginário local e também do “Outro”, dos visitantes ou turistas que encontram na Praça do Mercado de Abastos de Compostela um motivo de vinculação.

Um dos coletivos de grande importância na Praça do Mercado de Abastos de Compostela tem rosto e papel de mulher, porém esse lugar de fala não está acessível somente como um olhar. Qual é o perfil das mulheres trabalhadoras na *Praça*? Quais são as funções que exercem?

A análise de gênero na qual se considera a mulher como protagonista e narradora da sua história é base teórica desta parte do trabalho que se coloca atento às metáforas, aos apelos e aos espaços relativos à forma como as mulheres se descrevem, frisando no discurso e na tomada das sensibilidades das agentes sociais por meio do etnoconhecimento plasmado na oralidade e de processos de entrevistas em profundidade.

É por intermédio dessa dinâmica interativa e de escuta, tecida pela bibliografia teórica, que se tem a mulher trabalhadora da Praça do Mercado de Abastos de Compostela como conformadora de um dos pilares identitários fundamentais da *Praça*, compondo o lugar de fala de mulheres abastianas. Essas, quando falam, não expressam somente discurso em primeira pessoa, senão que são falares emergentes, são vozes que estão vinculadas a determinados lugares sociais representativos.

⁹⁵ A questão da mulher foi levantada e sistematizada de forma parcial e básica no TIT de Andrade (2008) intitulado *A Língua das Mariposas: Para uma metodologia de estudo do falar das mulheres da Praça do Mercado de Abasto*, sendo que foi ampliada para este estudo.

O emergente na teoria de Pichón-Rivière (2005) é o que aflora, emerge, o que se faz visível, o que aparece de uma estrutura que está subjacente. Quando as pessoas estão operando de maneira comunitária e grupal, se tem uma estrutura relacional entre os membros que dá lugar à manifestação e exteriorização de aspectos implícitos. Configuram situações ou assuntos novos que vêm à tona e são expressos por uma pessoa (ou mais) que se denomina porta-voz, na qual os temas explicitados estabelecem uma relação, uma articulação com uma estrutura implícita coletiva. O porta-voz é um veículo do emergente, uma relação, um papel social que alguma pessoa integrante do grupo assume (Pichón-Rivière, 2005) e traz à realidade coletiva grupal.

O tema das mulheres é emergente na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, e as mulheres trabalhadoras da *Praza* assumem, em muitos processos e dinâmicas do grupo trabalhador, a relação social de porta-voz que transcende a *Praza* e alcança o lugar de cultura popular local.

7.2.1. Revisão e empoderamento

O coletivo trabalhador majoritário na Praça do Mercado de Abastos de Compostela é feminino. A *Praza* é, sem dúvida, um espaço feminilizado, porém, além dos pontos de igualdade, as relações sociais, em termos de aprendizagem social, no lugar do estudo científico, cumprem um papel de significativa importância no que se estabelece como resgate e revisão.

Essa aludida revisão e empoderamento passa por um lugar vincular humano comum, que é o oral: “O fato biológico-histórico é que o *homo sapiens* é uma espécie que usa o discurso oral, manufaturado pela boca, para se comunicar. Esta é sua definição. Ele não é, por definição, um escritor ou um leitor” (Graff, 1995: 38). Na ancestralidade e ao longo de muito tempo, cultura e ensinamentos eram passados oralmente, por intermédio de uma ação e memória coletiva.

O sentimento de pertença a um grupo não pressupõe a presença atual de seus membros. Suas influências podem permanecer vivas, orientando o olhar do memorialista sobre o passado. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva (Frochtengarten, 2005: 3).

Trata-se da oralidade com função de resgate e do oral como pilar da memória histórica: “Assim a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, é fundamental na construção da história” (Smolka, 2000). Neste sentido, uma das partes que se adentra nos processos educativos de revisão e empoderamento se dá mediante a oralidade em um traçado concreto, atendendo às narrativas polifônicas recolhidas das entrevistas em profundidade para a reconstrução da diversidade de lugares de fala de coletivos populares e de processos comunitários grupais.

A linguagem, por exemplo, é um dos elementos centrais a partir do qual se deve repensar significados, identidades e políticas [...]. Questiona-se hoje radicalmente a visão hegemônica de representação segundo a qual o conhecimento, a verdade e a razão são governados por códigos lingüísticos essencialmente neutros e apolíticos. Verdade e ciência deixam de ser, neste contexto, noções fixas e incontestáveis para tornarem-se representações submetidas à constante problematização e crítica (Goergen, 1998: 56).

Essas narrativas são enfocadas com suporte na polissemia, na voz coletiva e no emergente, com base em de Pichón-Rivière (2005). Os relatos orais passam a ser entendidos e reconhecidos, assim, como discursos de agentes que trabalham na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, permitindo a compreensão de fenômenos sociais que escapam à observação fria, distante ou condicionada do pesquisador.

É aquela posta em contexto do etnoconhecimento entendido como “‘conhecimentos tradicionais’ aqueles produzidos por povos [...] transmitidos de geração em geração de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal [...]” (Cavalcanti, 2009).

A contemporaneidade, segundo alguns filósofos (John Langshaw Austin, Paul Grice, Richard Rorty, dentre outros), é o momento das revisões da modernidade. Dessa forma, se propõe, neste contexto de estudo, pensar em uma revisão (no sentido de olhar novamente e com outros olhos) o coletivo trabalhador da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, tendo como enfoque primordial os lugares silenciados ou periferizados. Esses, contudo, estarão vinculados e matizados pelos discursos das mulheres, ainda que em contexto diverso com outras vozes que configura o universo da *Praça* como lugar que integra e agrega a diversidade multifacetada. Daí a importância das entrevistas em profundidade como metodologia de recolha de informação, pois, entre temas diversos, observa-se uma rede maior de significados que devem ser considerados na descrição revisada.

Redescrever em termos rortiano é “uma tarefa da imaginação”. É com a imaginação que redescrevemos a nós, aos outros e ao mundo de modo que podemos nos ver incluídos, junto com indivíduos com quem até então pensávamos não ter qualquer coisa em comum, em um número crescente de grupos significativos para nós, podendo então, por isso mesmo, estender a tais indivíduos sentimentos de confiança e solidariedade, sentimentos reservados só para aqueles que consideramos “um de nós” (Ghiraldelli, 1999).

A leitura dos “tipos invisíveis”, nos quais a mulher está inserida como coletivo, representa a leitura de discursos construídos e ao mesmo tempo velados por uma ordem social, que põem a questão da mulher dentro e emoldurada na soma de variados coletivos que existem e reivindicam o não reducionismo (Carvalho, 2005):

[...] é que, para as feministas comprometidas com um projeto político, cuja aspiração seja lutar contra as formas

de subordinação existentes em muitas relações sociais, e não são contra aquelas vinculadas ao gênero, uma interpretação que nos permite entender como é construído o sujeito através de diferentes discursos e posição de sujeitos é certamente mais adequada que uma interpretação que reduza nossa identidade a uma posição singular, seja de classe, raça ou gênero. Este tipo de projeto democrático é também melhor servido por uma perspectiva que nos permita compreender a diversidade de maneiras em que são construídas as relações de poder [...] (Mouffe, 1999: 47).

Somente com o estudo do coletivo em foco, concedendo a devida ênfase à voz e visibilidade a este lugar comunitário grupal, pode-se considerar a possibilidade da coexistência de várias culturas educacionais em sinergia, de vertentes simultâneas e, por via do acesso a estas, é que se pode vislumbrar a emergência das variadas e possíveis releituras, reedições e descobrimentos desse lugar de vínculo que é a *Praza*.

Os coletivos da *Praza*, ignorados pela literatura científica ou lidos e compreendidos a partir do paradigma do moderno (desde o lugar do turista, por exemplo), acaba, dessa forma, por encapsular vozes e impossibilitar uma análise valorativa dos seus discursos, das práticas de vida que se reproduzem neste lugar social iconográfico (seja em estereótipos ou da vida cotidiana), como também e principalmente de manutenção e transmissão de saber, porém no ato de resistir de todo o dia, descrito pela estudiosa Comba Campoy García como “resistencia simbólica” (2015:29) a *Praza* emerge.

Ler e buscar como a história, por meio do discurso em oralidade, pode construir a diferença ou conjugar-se aos discursos oficiais, bem como opera no abrir à leitura do emprego de estratégias e negociações para operar com temas e espaços proibidos, dando, dessa forma, visibilidade à comunidade grupal das/dos trabalhadoras/es da *Praza*, que para sobreviver através dos anos em um contexto de tensão, discordância ou antagonismo, acedem ao lugar discursivo dos relatos pautados na resistência simbólica. Esse é um dos aspectos que fundamenta a realidade

abastiana, compondo a cultura materializada que hoje, por meio das políticas próprias das indústrias culturais tendem a reconfigurar-se, restando a diversidade local, porém não sem resistência.

A idea de subcultura, como variedade dunha cultura determinada por criterios como a idade, o xénero, a actividade económica ou a relixión, está ligada a unha orixe defensiva nun contexto hostil e incorpora, polo mero feito de existir, tácticas de resistencia simbólica (Campoy García, 2015:29).

Essa dinâmica de continuar existindo – flagrada na presença das mulheres camponesas (*paisanas*) que em grande sentido responde aos processos de transmissão de conhecimento –

educação. É o saber, este como resistência simbólica que configura o existir, e é nesta permanência (existir) que as dinâmicas do grupo trabalhador da *Praza* (nas suas diferentes facetas e configurado de maneira própria) são ressignificadas e continuam sobrevivendo.

O processo de revisão passa pelo oral como ação de empoderamento para alcançar a aprendizagem ativa à realidade que faz com que a Praza do Mercado de Abastos de Compostela continue ressignificada. A dinâmica de mercado vai de mãos com a oralidade – ambas as práticas constitutivas da *Praza*, como meio de resistência, revisão e empoderamento cultural. Esse empoderamento é o que Mattelart enquadra como direito à comunicação como direito humano, o qual, na *Praza*, não está de todo dado, senão que está posto como uma luta simbólica:

El movimiento social se apropia críticamente del concepto de derecho a la comunicación como parte integrante de los derechos humanos y los cuatro principios clave que lo fundan -diversidad, libertad, acceso y participación-, y lo reubica en el contexto más amplio de la filosofía de bienes públicos comunes, bienes a los cuales las personas y los pueblos tienen derecho en condiciones de equidad y de libertad que orienta la lucha en contra de la apropiación privada de la cultura, la comunicación, la información y el saber (Mattelart, 2011: 69).

Fotografias 60 e 61 - Pessoas conversando na *Praza*



Fonte: Produção própria, 2017 e 2020.

O direito dos povos, reconhecendo a importância da equidade e da liberdade, da diversidade e do acesso e participação nas dinâmicas coletivas, se constitui, na atualidade, como luta contra a concentração da riqueza cultural nas mãos de poucos. A reivindicação se faz em advogar pela socialização da cultura, da comunicação, da informação e do saber como bem comum.

7.2.2. Coletivo majoritário definido no Outro

A realidade da mulher abastiana transita entre a centralidade e a periferia. Neste sentido, a questão marginal do coletivo feminino, além da própria questão de gênero no contexto amplo da sociedade, está enquadrada dentro do que a estudiosa Carmen Blanco García (1995) descreve, segundo Simone de Beauvoir, com o caráter de epígrafe no “Outro” - “fazendo os homens suxeitos e centro e das mulleres outras e marxés” (Blanco García, 1995: 169) -, sendo que é na feira de maneira geral, e na *Praza*, em específico, que a mulher emerge com força simbólica de representação.

O conjunto desses “Outros” Blanco García (1995) representado, neste caso, pelas mulheres se dá em dinâmicas de heterogeneidade, é coletivo proscrito e invisibilizado dentro da

organização social vigente e ao mesmo tempo pilar da *Praza*. As mulheres, dentro desse coletivo já marginado (desconhecida e preterida), terão incrementados o caráter e a idiossincrasia de excluídas. A relação social do periférico tem valor simbólico negativo enfatizado, incrementando as diferenças em termos de gênero. Na voz de Blanco:

Mais son precisamente “as outras”, as marxinadas, as que van ser centro deste estudio, aínda que, a outro nivel distinto, moitos ou incluso a maioría dos feirantes masculinos sexan tamén “outros”, neste mesmo sentido de marxinados e raros dentro da estrutura social (Blanco García, 1995: 169).

O fato de a mulher ser um coletivo majoritário na Praza do Mercado de Abastos não é histórico, ou seja, faz parte e está desenhado e construído dentro da modernização dos processos identitários da *Praza* – entendido estes como Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas pautadas no vínculo negativo – desenvolvido na sociedade espanhola, galega e que, como consequência, na *Praza* se plasma essa configuração.

A excepcionalidade da presença das mulheres nos locais públicos como a feira é descrito por Lourdes Méndez (1998) como espaço próprio e especificado por e para esse coletivo feminino a partir da venda do excedente da produção, do que não foi autoconsumido - “[...] algunas campesinas intentan vender ciertos productos: es la “Feira das Mulleres” [...]. Sentadas sobre cestos, o bien de pie, ofrecen queso, huevos, unto [...]. Lo que venden es siempre el excedente de la producción no autoconsumida” (Méndez, 1988: 184); e é sinalizado pela estudiosa Carmen Blanco García (1995) nos aspectos pejorativos, discriminatórios, estes dados a partir de contrastes, em suas faces opostas, a saber, a “prostituta” e a “independente”. É desde a posição do desvio, do sair da norma que as mulheres trabalhadoras de espaços como a feira que as dinâmicas educativas são dadas na *Praza*. A professora Blanco afirma:

As feirantas representan ás mulleres que se viñan considerando excepcións, as outras máis outras, as

excéntricas, as que ficaban fóra dos papeis recoñecidos da Nai e a Filla. A cara oculta da feminidade que cando era nomeada identificábase coa prostituta: a muller pública, aquela que se deixa ver na feira das vaidades mundanas. A que sabe. A experta. Arrodeada sempre da ambigüidade daquilo que se admira e se teme: a bruxa, a sabia, a menciñeira, a muller independente (Blanco García, 1995: 16).

Ainda que a descrición da estudiosa se faça a partir do contexto de feira, igualmente certo é que esse aspecto de aprendizagem social foi pasado ao espazo da Praza do Mercado de Abastos de Compostela nas figuras das *paisanas* e agricultoras.

As citadas “reservas” também são entendidas nas condutas de transgressão, que rompem um lugar instituído. Uma vez mais, trata-se de resistêcia, de dúas forcas opostas que se dão na realidade social que é diversa: “Las gentes no siempre actuarán de acuerdo con las pautas rituales, si no que tratarán muchas veces de transgredirla, es más, intentarán sustituir los procesos rituales por otros” (Fernández, 1984: 266). Os procesos de aprendizagem social são constituídos e instituídos por intermédio de movementos de contrastes, em que forcas opostas disputam o lugar hegemônico (maioritário).

Nesse espazo da feira ou de actividade de mercado, além de se ter a muller definida sob regras androcêntricas, de critérios do “Outro” – no caso concreto esse outro está relacionado ao gênero, o masculino –, estas também são valoradas historicamente com pautas diferentes. Quer dizer, o que é tido como positivo para o homem é entendido como negativo para as mulleres.

O lugar do “Outro” é, ao mesmo tempo, o lugar do silêncio. As mulleres traballadoras da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, coletivo predominante em presenza na *Praza*, viveram e vivem uma profunda invisibilidade dos seus modos de vida e das actividades que desenvolvem diariamente neste espazo. Tanto é assim que as funções relativas ao âmbito do traballo, como ações sociais e educacionais, que geram e desenvolvem através da vivência coletiva, ou seja, no cotidiano da *Praza* em proceso grupal, não foram objeto

de estudo das ciências sociais anteriormente, dado que “os Outros” não foram enquadrados na entendida Sociedade da Informação e da Comunicação de maneira plena ou satisfatória.

7.2.3. Invisibilidade e silêncio na Praça do Mercado de Abastos de Compostelana

As mulheres da *Praza* representam a realidade do coletivo feminino carregado de papéis impostos, dentro de uma ordem social que debilita, fragmenta e emudece. Ou seja, a Praça do Mercado de Abastos é um exemplo da situação da mulher em diferentes contextos sociais no Estado espanhol e galego, no qual a invisibilidade ou silêncio é a ponta do contraponto. Não é que a *Praza* seja machista, senão que é a sociedade a que continua manejaando essas dinâmicas discriminatórias e, sendo assim, a *Praza*, como parte integrante de um contexto social mais amplo, vai refletir e conjugar nas suas dinâmicas essa realidade discriminatória.

No livro *Compostela única: un retrato de imaxes anteriores a 1965* (Ortigueira & Neira, 2013) tem-se imagens cristalizadas de uma *Praza* na Compostela de ontem e que cobram força no hoje, ainda que se apresente não mais em preto e branco. Na página 114 do citado livro de Ortigueira e Neira (2013), a presença da mulher se impõe e fala de uma sociedade construída, em grande medida, com identidade feminina, que subjaz ao discurso, mas que não pode ser ocultada, dados os registros fotográficos em que a sociedade, com uma forma concreta de relação e interação, é construída, quer dizer, essas matrizes de aprendizagem continuam transitando, malgrado a política do silêncio e ocultação.

Fotografia 62 - A mulher na *Praza*. “1950. Regreso da praza de Abastos por praza de Galicia. Foto Ramón Sánchez Estalote” (Ortigueira & Neira, 2013: 114).



Fonte: Ortigueira & Neira, 2013: 114.

A questão da mulher vai sendo configurada à medida que se dão mudanças sociais. A imigração, as guerras, por exemplo, e, fundamentalmente, no declive desse espaço que antes era de poder. Nesse sentido, a incorporação do coletivo feminino ao mercado laboral será chave na construção identitária, na qual a igualdade entre os seres humanos, independentemente de sexo, deveria ser o fim; notando-se, porém, como a incorporação da mulher à luz da realidade atual na Praça do Mercado de Abastos de Compostela se faz, em muitos aspectos, de maneira desconsiderada, delimitada no lugar de quem ajuda no negócio familiar, ou como ausência de espaço de poder. Assim, lavra as bases expressas na configuração da divisão vertical e horizontal do trabalho no enfoque de gênero (Benso & Cid, 2011).

Ao largo dos anos, as atividades de interação e aprendizagem social das mulheres, como podem ser as laborais, por exemplo, se restringiam a determinados setores ancorados e acorrentados ao suprimento das necessidades vitais, e nomeados, não como trabalho, se não como “ajuda”, com o objetivo de “contribuir” em aspectos econômicos, por exemplo. Dentro das atividades em que a mulher “ajudava” ou “contribuía” se encontravam tanto as atividades ligadas ao campo, como as de comerciantes:

Dende o Antigo Réximen o traballo das mulleres podíase considerar establecido nunha división vertical, posto que estaba en desvantaxe con respecto aos homes, e nunha división horizontal ao concentrarse as mulleres en determinados tipos de traballos e oficios mecánicos [...]. Isto quere dicir que as mulleres viñan desempeñando unha serie de traballos remunerados que tiñan un carácter de complementariedade para contribuir economicamente no fogar; tales como o traballo no campo, os oficios artersanais [...], comerciantes [...] (Benso & Cid, 2011: 73).

Na Galiza, entretanto, a condição da mulher vai adquirir aspectos e matizes particulares, próprios da configuração e formação em torno do agrário (também pela imigração masculina galega) – “ectivamente, la estructura económica de la región, do-minada por la agricultura, la pesca y su transformación, condicionaba el trabajo de

las mujeres” (Muñoz & Verdugo, 2019:179) –, no qual esta questão chegará a ser definidora do que é ser galego, ou do próprio da Galiza, o rural, a imigração, dentre outros aspectos de significação identitária cultural.

7.2.4. O agrário e rural: vestígios no suburbano

A questão agrária estará unida à feira, de maneira que ambos os termos e aspectos sociais vão se definir mutuamente. Esses dois aspectos estarão vinculados e conformarão o imaginário identitário galego que também é refletida na literatura, por exemplo, nos estudos de Blanco sobre a produção de Cunqueiro (1979), a estudiosa descreve: “(...) podemos afirmar que o termo ‘feirantes’, do título da terceira obra da trilogia, é equivalente ao vocábulo ‘xente’, que aparece nas outras duas, e ambos fan referência, em sentido estrito, á realidade evocada pola palabra ‘galegos’ [...]” (Blanco, 1995: 164).

Essa realidade do ser galego e ter o agrário como identidade é herdada pela *Praza*; também o ser mulher galega, como consequência, marcam a pauta de rural, porque o agrário define e conforma a *Praza*; ao mesmo tempo que constrói, ratifica e reflete e estará definido e de mãos dadas com aspectos de relação de gênero com o agrário, que vai intensificar a discriminação na contemporaneidade; o silêncio e o apagamento na atualidade que periferiza tanto o agrário como a mulher.

A realidade da mulher da *Praza* é multifacetada e está composta tanto de aspectos positivos como de uma diversidade de conflitos, choque e confrontações: “Todas estas contradicciones, surgidas de las confrontaciones de dos modos de vida, son vivamente sentidas por las campesinas” (Méndez, 1988: 125). Ainda nesse contexto hostil e adverso, as mulheres (e em especial as mulheres campesinas ou *paisanas*) representam e definem a *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela como nenhum outro setor.

A produção científica não reflete o grau de importância simbólica, nem identitária ou representativa da mulher da *Praza* de

Abastos; isso, por um lado, porque, por outro, a representação da mulher, a depender do grêmio, setor ou atividade, também vai marcar pauta no silêncio, entendida como invisibilidade, dentre outros aspectos, como pode ser a divisão social em vertical e horizontal do trabalho. Esses aspectos serão aglutinados e desembocarão nos aspectos do rural e da mulher no rural, compondo uma rede de significados que vem sendo transformadas e estruturando novas ou diferentes matrizes de aprendizagem que serão compartilhadas.

Como se viu, a bibliografia encontrada da Praça do Mercado de Abastos de Compostela centra-se em aspectos estruturais e arquitetônicos. As abordagens antropológicas, contudo, próprias das humanidades ou das ciências sociais, não foram localizadas, sendo que a bibliografia identificada ou se centra no aspecto físico e estrutural-arquitetônico; ou de outros relatos diversos não próprios do enfoque acadêmico: literatura de viagem, jornalísticos, propaganda do Mercado etc., que tendem a enquadramento único.

Assim, com base nas abordagens sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela se conclui que a leitura dos modos de vida das e dos agentes sociais trabalhadoras/res da Praça do Mercado de Abastos de Compostela é também a leitura dos modos de vida de um coletivo invisível em sua quase totalidade, por meio do silêncio ou do apagamento de possibilidades de existências, estando a mulher especialmente atingida.

De lo que estamos hablando es de la relación entre la educación - no los grados o títulos, sino la sustancia de una inteligencia desarrollada - y las vidas reales de una mayoría continua de gente afín; personas que no son objeto, por ningún motivo, de registro, de estudio o interés, pero que especifica, literalmente hablando, son miembros de nuestra propia familia (Williams, 2001: 222).

Assim, a ausência de estudos sobre a *Praça*, entendida desde o silêncio e apagamento de um coletivo, é também refletida por meio da ausência de estudos a respeito de tal grupo. Como também é o trato dado às atividades relacionadas com o rural, que se dá ou de

maneira estereotipada ou menosprezada na atualidade. Essa ausência é consequência, em primeira instância, de projetos, e depois de papéis sociais impostos desde estruturas alheias ao local. Corresponde à conversão do uso de um espaço-patrimônio (antes se fez uso político, na ditadura de Franco), e no momento atual para uso turístico, ou na recorrência a valores de uma leitura de identidade e cultura, por exemplo: “la conversión y la utilización del espacio y del patrimonio rural para un uso turístico se ha hecho a través de recurrir a valores como la autenticidad, la identidad cultural y la etnicidad” (Cánoves & Villarino, 2000: 66)”. É o que na literatura pichoniana é nomeado como a obstaculização dos processos de aprendizagem, que tem lugar quando a rigidez e o estereótipo se constituem como marca fundamental do grupo (Pichón-Rivière, 2005: 243).

O meio e o modo de vida do espaço socioeducativo da *Praza* continuam relegados ao esquecimento e a um constante apagar de suas atividades de trabalho e de sua história, que passa por uma história coletiva, porém também pessoal. A história da Praza do Mercado de Abastos de Compostela é também a história das mulheres. Entender, enfim, a Praza do Mercado de Abastos de Compostela pressupõe aflorar o coletivo que a constrói e a faz permanente nesta etapa moderna.

Dessa maneira, a narrativa do estudo adentra-se a modernidade com a busca das ruínas humanas, das pessoas que são história e que contam histórias aceitando a memória coletiva. Por consequência, é neste momento em que a ciência propõe revisões, no qual as mulheres trabalhadoras da Praza do Mercado de Abastos de Compostela podem contar em primeira pessoa a história da *Praza*, que passa obrigatoriamente pela história delas.

Como parte integrante do coletivo estigmatizado da antes feira, as mulheres da Praza do Mercado de Abastos de Compostela, após mais de um século de presença real e concreta, continuam existindo e aceitam a voz por meio de uma abordagem que enquadra seus modos de vida e suas práticas socioeducacionais (como Matrizes de Aprendizagem Compartilhada) como resistência,

práticas essas transmitidas e reforçadas ao longo dos anos e de gerações em gerações. É quando a dinâmica de diálogo funciona e é operada (*operativizada*) como sustento de um modo de vida.

Essa resistência também é constituída e transmitida por linguagem, relatos e discursos, porque a Praça além de um recinto de abastecimento, também é lugar de interação social de grande valor simbólico estabelecido por meio de linguagem, que não é somente empregada para transmitir informação, senão que institui um lugar de fala; assim, a linguagem ou o discurso “[...] ocupa uma posição central: a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive” (Gnerre, 1985: 5). Essa dinâmica interativa de fala, de linguagem simbólica, tem cumprido um papel de ligação intenso de aprendizagem social coletivo. Essa aprendizagem, que é promotora da autonomia, emancipação, participação e construção de capacidades empodera as mulheres trabalhadoras da *Praça* para a apropriação da realidade para transformá-la.

Esse empoderamento discursivo está nas dinâmicas socioeducativas na *Praça*. Tais relatos vão além da contagem de uma história de vida, se não que esses relatos representam o aspecto pichoniano de porta-voz de um grupo e seus fenômenos sociais históricos identitários.

A história real protagonizada pelas mulheres (e também pelos homens) da Praça do Mercado de Abastos de Compostela ainda está por ser revista e, neste sentido, a revisão e o resgate da memória passam também por rever o esquecimento e o prescindir da oralidade a partir dos conceitos do que se aceita ou não como objeto de estudo científico como expressão das elites: “a escrita foi controlada essencialmente por grupos reduzidos e as “culturas orais” existiram lado a lado com as tradições escritas dos grupos de elite” (Marcuschi, 1997: 130).

Marcuschi (1997), com base em Gnerre (1985), fala dos aspectos da oralidade contrapostos à escrita e sinaliza que o “engrandecimento da escrita” obedece, de maneira básica, a três fatores: etnocentrismo, supervalorização da escrita e tratamento

globalizante (Marcuschi, 1997: 130). A contraposição entre escrita e oralidade vai incidir na construção dos lugares discursivos de prestígio opostos ao lugar popular. De maneira contrária, “determinados imaginarios sociales se imponen junto al hecho de dirimir tales pugnas a favor de quienes los vehiculan” (Baeza Rodríguez, 2002: 28). É quando a busca discursiva do recalcado pode ser entendida como política de mudança: “hacer visible la invisibilidad o desvelar lo ocultado” (Pintos, 2004:39).

Segundo a socióloga Maria Angeles Durán (2006), o direito a esta revisão é justificado: “Las mujeres tienen derecho a hacer nuevas preguntas a la ciencia, y a considerar irrelevante buena parte del conocimiento que ahora reproducen las universidades y los centros de investigación solamente porque fue importante para sus antecesores” (Durán, 2006), desde uma perspectiva crítica Marcias Durán (2006) que sostem:

[...] no me cabe duda acerca de la necesidad de nuevos tipos de conocimiento, sentida y expresada por todos los colectivos sociales que tratan de acceder a la condición de sujeto histórico. [...] Si las demandas de conocimiento de los colectivos sociales que se consideran excluidos del corpus científico y cultural son reconocidas como “necesarias”, esta condición de “necesidad” se reviste de una “licitud” nueva, lo que Hill ha definido acertadamente como una “prioridad reconocida” (Durán, 2000: 328-329).

Sendo assim, “com a utilização dos testemunhos orais, o historiador pretende compreender os atores educativos e suas experiências de vida e reconstruir, a partir de uma situação particular, a maneira como os indivíduos “produzem” o mundo social” (Mogarro, 2015: 151).

7.2.5. Mundo camponês e relação de gênero

Faz-se necessário, através de análises mais detidas e detalhadas, leituras que contemplem essas esferas do social em termos de processos educativos, em que a definição agrária se agrupa às

questões de gênero, compondo uma rede de significado que vem sendo transmitida às gerações atuais e destas às futuras.

A questão da mulher na *Praza* está constituída a partir de processos históricos que convergem na conformação atual. Lourdes Méndez (1998), ao falar da evolução do trabalho agrícola indica que dentro de um mesmo marco subsistem dois modos de produção que são opostos, que vão configurar a sociedade galega em transição, na qual sobrevivem a tradição e um novo modo de produção capitalista (Méndez, 1998:150-151). Nesse contexto, há uma dissociação de atividades como ruptura de estrutura social, relativa ao prestígio e poder.

Nesse contexto da mulher abastiana emerge em uma trama na qual a tradição se põe em oposição à mudança, prestígio em contraste com segregação. Ou seja, nenhum novo modo de produção se instaura sem resistência e, nesse processo de luta, novas configurações sociais são desenhadas a partir do desmembramento e segmentação de um grupo ou classe, nesse caso, do coletivo campesino feminino e masculino. Acontece que nessa desconexão e separação, uma parcela do coletivo explorado é brindada com novas capacidades, proveito, conveniências, ganhos e possibilidades vantajosas, frutíferas e lucrativas. Dessa maneira, garante-se ou se pretende alcançar um certo nível de paz social, no processo em si mesmo convulso de permuta de sistema.

Essa fragmentação vai gerar novos espaços periféricos, ou reconfigurar e reforçar os que estão em curso. Assim, se entende a presença da mulher na *Praza*, como contexto feminilizado, em referência à proposta analítica de Yannoulas (2011), que consiste na utilização do enfoque de feminilização (“feminilización”) como predominância numérica de mulheres; e sob outra perspectiva, feminização (“feminización”) como associação de atividades como naturalmente femininas. Sendo que esses espaços (estereotipados) devem ser lidos como de sujeitos periféricos. Segundo Méndez (1998), trata-se da reprodução do lugar social destinado às mulheres, que se traveste de moderno, sem mudar a raiz da configuração e do papel social especificado:

No se les propone un nuevo rol de sustitución, si no un rol que nunca han abandonado realmente. El trabajo fuera de casa no era más que un intermedio, un imperativo de supervivencia. La sociedad en que evolucionan define su trabajo siguiendo las necesidades del momento, pero su lugar social dentro de las relaciones entre sexo está definido desde hace tiempo (Méndez, 1988: 210).

O que mudou foi o contexto social em que vivem porque “el lugar que ha ocupado las campesinas se ha transformado profundamente” (Méndez, 1988: 206). Para Scott (1989) propõe que as dimensões do masculino e do feminino, construídas socialmente, devem ser incorporadas à investigação, de tal forma que o gênero represente uma categoria de análise, mediante a qual seja possível compreender as relações entre sexo e a estruturação da sociedade fundamentada nas diferenças (Scott, 1989) em desigualdade e discriminação.

La división sexual del trabajo es una relación de jerarquía, poder, influencia y dominio, fundamentada en las relaciones de género, la cual fundamenta la creencia de que hay trabajos “naturalmente” adecuados para hombres y mujeres[...]. En esos contextos, ocurre la feminilización (Yannoulas, 2011), o sea, el aumento masivo de mujeres en la composición de la fuerza de trabajo de determinadas profesiones. Cómo ese proceso se deriva de las perspectivas de género de la sociedad, debe ser analizado por esta óptica (Lemos, Barufaldi & Salette, 2015: 65).

Para Méndez (1998) se configura uma metamorfose das conformações tradicionais em momento de transição, direcionado a um novo modo de produção. Nesse estado de mudança, na qual estão em jogo a tradição e um novo modelo social, são agudizadas as contradições e se põe em evidência o momento de fluidez no qual há a transição econômica e cultural de um lugar conhecido (tradicional) à um novo em pleno processo de construção:

[...] el cambio de modelo económico es irreversible, y campesinos y campesinas deben enfrentarse con esta difícil situación. [...] Esta sociedad en transición

económica y cultural mantiene un frágil equilibrio que oscila entre la tradición y los nuevos modos de producción [...] La venta de ternero y leche representa una llegada de dinero segura, mientras que cerdos gallinas, patatas y trigo cubren las necesidades alimenticias del grupo (Méndez, 1998: 151).

Nesse contexto de mudança profunda, as marcas dos papéis sociais, tanto os que se direcionam ao agricultor, como os destinados às mulheres (agricultoras ou não), também vão ser objeto de alterações estruturais: “En la Galicia de principios del siglo XX, las diferentes estructuras económicas del campoy la ciudad condicionaban que los mercados de trabajo rural y urbano fueran muy distintos, tanto para hombres como para mujeres” (Muñoz & Verdugo, 2019: 168). As manifestações e o contexto das diferenças de gênero são redesenhadas para atender a uma nova maneira de estar no mundo no qual há base para o desenvolvimento desigual: “hombres y mujeres no evolucionan en el campo de la feria de la misma manera” (Méndez, 1998: 186), porém, esta desigualdade deve ser lido em crítica à vida cotidiana.

A Praça do Mercado de Abasto de Compostela de antes – a da época de vidro e ferro –, luminosa, moderna, sinônimo de futuro e avanço social, deixou de existir; esse espaço passado passou, em certa medida, a ser ocupado por pessoas de classe popular, como também pelas camadas sociais periféricas, especialmente estigmatizadas, como podem ser as que vendem produtos do campo para sobrevivência, ambulantes, dentre outros. Esses, porém, estão sendo conjugados com outras atividades tidas como de prestígio. Se antes estava vetada às mulheres a presença nos espaços públicos, agora essa presença está permitida, ainda que com exigência.

CAPÍTULO 7 Lugar instituído Versus lugar emergente

Fotografias 63, 64 e 65 - Alguns espaços de trânsito da mulher na *Praza*



Fonte: Produção própria, 2021.



Fonte: Produção própria, 2019.

Ocupar os espaços periféricos, o que já não interessa às posições de poder e prestígio instituídas pela mudança e em camadas populares, essa é uma pauta recorrente para o gênero periférico, o que Caballero Camino (2016) chama de as “eternamente esquecidas”, ao abordar o surgimento do comerciante e da atividade comercial na Idade Média: “una masa inmensa, doblegada, muda. ‘Olvidada’... Y entre esa ‘masa inmensa’ se encontraban las mujeres, las ‘eternamente olvidadas’” (Caballero Camino, 2016: 134). Permanecer e redescrever esse espaço é, enfim, “coisa de mulher”, de quem aprendeu pela força a viver no silêncio e a transitar no proibido, é gerar uma nova identidade no local, através da ocupação, erigindo-se como pilar de um espaço social de grande transcendência.

A *Praza* é um contexto social em trânsito, na atualidade conjuga o tradicional e o moderno. É o que Lourdes Méndez (1998) fala no enquadramento da evolução do trabalho agrícola como vivo, desde um marco no qual subsistem dois modos de produção, ainda que opostos, e que vão configurar a sociedade em transição. Esse enquadramento também vale para os tipos humanos, de modos de vida diferentes que sobrevivem e conjugam a tradição e um novo modo de estar, mais conforme ao que se denomina como sociedade da informação e da comunicação. Nesse contexto que conjuga o passado com o moderno, há uma dissociação de atividades, no qual ora convivem, ora disputam o espaço, de sorte que a permanência como modos de vida é dada em disputas.

Em suma, dois tópicos vão marcar as pautas da originalidade do contexto da *Praza de Abastos de Santiago de Compostela*: as características rurais da sociedade galega, sua história e permanência simbólica; e a questão da mulher. Esses são os dois vieses de grande importância na leitura do processo grupal da configuração vincular e das Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas das trabalhadoras e dos trabalhadores da *Praza*, e em direção ao futuro, sendo que “a condição das mulheres dos agricultores de hoje situa-se na encruzilhada de duas grandes evoluções: a dos papéis femininos na sociedade, em geral; a do sector agrícola na economia global” (Silva, 1998: 87).

7.2.6. A mulher abastiana e a crítica à vida cotidiana

A percepção e compreensão da realidade feminina na Praça de Abastos é estereotipada. Essa realidade não passa por dispositivos de reflexão e, por esse motivo, se normaliza como estereótipo e/ou adquire o caráter velado, de silêncio e esquecimento, quer dizer, não reflexionado. Vygotski (2001) reporta-se à psicopatologia da vida cotidiana, ao analisar a anormalidade infiltrada na vida usual. Ele ensina: “El propio concepto de casualidad debe ser eliminado de la investigación científica porque debemos suponer de antemano que no hay acciones sin causa y que las formas más casuales e insignificantes de nuestra conducta están determinadas y condicionadas, en realidad” (Vygotski, 2001: 419). Ou seja, a vida cotidiana está tecida com dinâmicas em ação e não reflexão:

Hemos insistido que la vida cotidiana es predominantemente experiencia de acción. Podríamos decir que en esa particular organización de tiempo y espacio que es lo cotidiano el modo de vivir se transforma en un mecanismo irreflexivo y no consciente de acción. Vivimos realizando permanentemente acciones sobre las que no nos interrogamos (Quiroga & Racedo, 2203: 12).

O cotidiano passa a ser o lugar do instituído, marcado e determinado sem crítica, fundamentando-se na reprodução comportamental que a naturaliza. No cotidiano, há lugar para a normalidade dos processos sociais deteriorados, porém correntes e normalizados, que, justamente por ocupar o lugar da cotidianidade, é que continuam vinculados e veiculados. Esse estereótipo da realidade resulta em um contexto de aprendizagem obstaculizada ou paralisada:

O sujeito é “sadio” na medida em que apreende a realidade em uma perspectiva integradora e tem capacidade para transformar essa realidade, transformando-se ao mesmo tempo ele mesmo. O sujeito está ativamente adaptado na medida em que mantém um interjogo dialético com o meio e não uma reação rígida, passiva, estereotipada. A saúde mental consiste na aprendizagem da realidade, em uma relação sintetizadora e totalizante na resolução das

contradições que surgem na relação sujeito-mundo
(Quiroga, 2014: 8).

Nesse sentido, o cotidiano encontra na reflexão crítica da realidade a sua antítese. A crítica à vida cotidiana pressupõe, em primeira instância, entender o sujeito social na sua cotidianidade histórica, quer dizer, a partir das suas condições concretas de existência: “[...] los hombres inmersos en lo que es su vida cotidiana, lo que constituye sus condiciones concretas de existencia: un hábitat, un espacio, una organización social determinada, [...] una determinada modalidad de producir, una cultura” (Quiroga & Racedo, 2203: 7). Com efeito, a mulher galega na Praça do Mercado de Abastos de Compostela acarreta a relação de gênero própria do contexto do Estado espanhol atual, somada a essa a ruralidade histórica própria da Galiza, mais o periférico do feirante (como “feiranta”, sinalizada por Blanco, 1995). Assim, “El análisis de la vida cotidiana en una organización social concreta nos permite descubrir el proyecto que subyace y que organiza al proceso de socialización” (Quiroga & Racedo, 2203: 10).

Essa crítica à vida cotidiana pressupõe refletir e rever o lugar e o projeto destinado à mulher na Praça do Mercado de Abastos de Compostela de hoje. Nesse contexto de crítica é que Mary Beard (2018) problematiza sobre o enquadramento do poder, que está associado à ideia de valor e prestígio, de poder, à medida que é elitista e próprio de um artigo privado, pautado em moldes masculinos: “sin embargo, mi premisa fundamental es que nuestro modelo cultural y mental de persona poderosa sigue siendo irrevocablemente masculino [...]” (Beard, 2018: 58) no qual a teórica advoga modificar a estrutura, apresentando a palavra “empoderar” que representa e significa o direito a pensar de forma cooperativa.

Y eso significa que hay que tomar el poder de forma distinta; significa separarlo del prestigio público; significa pensar de forma colaborativa, en el poder de los seguidores y no solo de los líderes; significa, sobre todo, pensar en el poder como atributo o incluso como verbo (“empoderar”), no como una propiedad. Me refiero a la capacidad de ser efectivo, de marcar la diferencia en el mundo, del derecho

a ser tomado em serio, em conjunto e individualmente (Beard, 2018: 88).

O empoderamento das mulheres deve ser tido em conta de maneira transversal nos contextos sociais de aprendizagem, e de modo especificado na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, pois o tema da igualdade vem ganhando lugar de protagonismo e necessidade imperante ao longo dos anos, dado que nunca se alcançará um estado de justiça social sem a reparação e equidade de enquadramento de gênero.

Essa matéria da igualdade e do empoderamento toma forma institucional e força em 2010, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas criou a ONU Mulheres (entidade da ONU para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento da Mulher), sendo esse um avanço histórico em matéria de igualdade que ainda não chegou ao pé da rua. Quer dizer, a realidade da desigualdade continua vigente e silenciada em muitos aspectos da vida social da mulher, e o contexto da Praça do Mercado de Abastos de Compostela enxerga essa realidade desigual.

Assim, uma das possibilidades de mudança se dá nas políticas de ação positiva, que são medidas temporais desenhadas a favor das mulheres e da igualdade para corrigir situações de patente desigualdade de fato, relativamente à relação social entre homens e mulheres (Osborne, 1995: 40) em um mesmo grupo e contexto; trata-se de pôr em função de mudanças ferramentas para revisão e empoderamento para poder alcançar a aprendizagem adaptada à realidade diversa e em igualdade.

Tanto as políticas de ações positivas, como a oralidade como ferramentas de empoderamento e resgate, como também marcos institucionais como a CETFDCM (1979), a ONU Mulheres, são formas de avanço à condição da mulher. Afinal, são elementos simbólicos e substratos presentes no processo de aprendizagem social atual da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que aparecem em forma de emergente.

Nesse contexto, de análise e crítica da realidade social em chave de gênero, tem-se a crítica à vida cotidiana como reflexão dinâmica.

A crítica à vida se dá, antes de mais nada e primeiro, vivenciando a realidade, “experimentándola, viviéndola, ya que la práctica se constituye como primer momento de todo proceso de conocimiento” (Quiroga & Racedo, 2003: 13), e, em segundo lugar, questionando os lugares instituídos, a práticas sociais recorrentes e normalizadas: “En segundo término estableciendo una ruptura con la familiaridad acrítica, con el mito de lo natural, con el sistema de representaciones que la muestra como lo autoevidente, lo real por excelencia” (Quiroga & Racedo, 2003: 13).

Essa é a realidade emergente das mulheres da Praça de Abastos, que, apesar da situação relegada e silenciada por muito tempo e das condições de vida cotidiana presente, através de processos de aprendizagem social e cultural, se propõem outras formas de relação, centradas no respeito às suas singularidades, interesses, possibilidades e expectativas, enfocadas em deixar atrás os estereótipos e condicionamentos próprios de uma sociedade patriarcal, que ainda deixa marcas profundas na vida cotidiana da Praça de Abastos de Santiago.

CAPÍTULO 8

MATRIZES DE APRENDIZAGEM COMPARTILHADAS E PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS NA PRAZA DE ABASTOS DE COMPOSTELA

Síntesis en español

En este capítulo se analizan los procesos educativos que tienen lugar en la Plaza del Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, constituida por dinámicas educativas tejidas en el marco de la tradición y a través de matrices de aprendizaje compartidas entre las/os agentes sociales que la componen.

Las citadas matrices, elaboradas a través de la herencia y el legado, constituyen la base de las formas de vincularidad que fundamentan la convivencia comunitaria y los procesos de aprendizaje social en el contexto de la *Praza*, configurada como espacio representativo de la sociedad gallega. En esta perspectiva, en la *Praza* se experimentan dinámicas de aprendizaje social que marcan trayectorias vitales, sintetizadas en resúmenes biográficos, elaborados en base a los datos recogidos a través de las entrevistas vinculares en profundidad, que ilustran las experiencias, vivencias y conocimientos, personales y colectivos, del proceso de aprendizaje social en el marco de la Plaza de Abastos de Santiago de Compostela.

A formulação conceitual de educação trabalhada neste estudo é o de mecanismo de elaboração social, seguindo o enquadramento vigotskiano em diálogo com Pichón-Rivière (2005) e Paulo Freire, que fazem referência à constituição do sujeito histórico no processo socializador, à produção e ao desenvolvimento humano organizado culturalmente. Assim, a aprendizagem é a apropriação da realidade para transformá-la (Pichón-Rivière, 2005), se trata de uma aprendizagem que “instrumenta a las personas que aprenden a operar en la realidad” (Servillo, 2002: 3), na conceitualização da educação definida no “ámbito social y su carácter pedagógico” (Petrus, 1997: 9) fundamentada na “experiência social colectiva” (Vygotski, 2001:92).

O aludido enfoque cultural da educação, porém, configura-se em uma trama constitutiva de dois aspectos fundamentais, o individual e o grupal, que estão interrelacionados, porque “se trata de una relación dialéctica, de determinación recíproca, de interdependencia (...) entre el sujeto y su contexto social, vincular, grupal” (Quiroga, 2014:60).

A educação é sentida e vivida na historicidade de cada agente social a partir da constituição das matrizes de aprendizagens, nas quais foi através das próprias vivências com o mundo ecológico que cada atriz-ator organizou e significou seu universo de aprendizagem social, prisma trazido pela teórica Ana Quiroga (2012) na sistematização das Matrizes de Aprendizagem.

Ainda, porém, que a visão das pessoas da *Praza* sobre a educação denote as diferenças de lugares de fala e evidenciem as desigualdades, diversidade ou distinções que individualizam cada sujeito social, igualmente certo é que há uma cosmovisão grupal em lugares vinculares compartilhados. Essas representações, de variedades e contrastes, em unidade, estão tecidas e compostas nas dinâmicas coletivas da sociedade comunitária abastiana.

A descrita cosmovisão da educação passa pelo grupal e se especifica em matrizes de aprendizagem compartilhadas no sentido das abordagens quiroguianas ampliadas, em que, aqui e agora, as pessoas agentes sociais são a síntese de uma trajetória de experiências de aprendizagem (Quiroga, 2014: 66) coletivizadas, em sinergia grupal no itinerário social coletiva, trajeto este que é sociocultural,

quer dizer, coletivo e dialético. Nas palavras de (Quiroga, 2014: 60) a “subjetividad está determinada históricamente y socialmente, en tanto cada individuo emerge e se constituye de procesos interaccionales, en una dialéctica o interjuego entre sujetos”. Assim, a educação é o processo cultural, de aprendizagem, de apreensão e construção e de modificação da realidade.

Neste espectro da educação e a partir da horizontalidade, quer dizer, do ângulo das dinâmicas sociais na esfera do grupal, tem-se as matrizes de aprendizagem compartilhadas, em que se conforma uma maneira coletiva de perceber e atuar, que pode estar versada em herança e legado transmitidos e assumidos por coletivos históricos da *Praza*, conformando uma percebida e praticada tradição ou cultura que são, pela própria natureza, de lugar coletivo, na importância do cultural como elemento configurador das relações sociais (Sarlo, 2001: 14).

Esses lugares discursivos falam não de um “eu”, de uma experiência vital e social individual e especificada, senão desde lugares comuns, revisitados por diferentes sujeitos. São falas que estão reverberadas e sinalizam dinâmicas e percepções compartilhadas, que falam ao e do grupal. Essas manifestações discursivas são emergentes, expressam e anunciam um acontecer grupal que, em grande medida, é histórico, quer dizer, elas ultrapassam as dinâmicas dadas no aqui e agora, falam de um hoje constituído de história, neste caso, de uma história social galega.

8.1. DINÂMICAS HORIZONTAIS DE APRENDIZAGEM SOCIAL

Fala-se de transferência horizontal do conhecimento abstraído do ensinar uns aos outros, do aprender com e entre iguais (sem excluir o processo dialético que vincula o horizontal com a vertical e que fundamenta a composição e as dinâmicas de grupo e “se da una educación por lo social” porque “ciertos fenómenos colectivos son medio de educación” (Garcia Hoz, 1991:19). É nessa aprendizagem horizontal do conhecimento a partir de uma vincularidade histórica comum que se configura um dos elementos das matrizes de aprendizagem compartilhadas.

No grupo pichoniano, a heterogeneidade é um valor que referenda as dinâmicas de aprendizagem fluida, quer dizer que, quanto maior a diversidade, maior será a coesão grupal em torno da tarefa compartilhada que fundamenta o grupo (Pichón-Rifière, 2005). É por meio dessa prática, essa aprendizagem construída pela vivência coletiva, na construção grupal como “ensinagem” de José Bleger (1998) ou como o aprender a aprender pichoniano e também com a abordagem teórica freiriana na integração do ensino-aprendizagem, na unidade do ensinar-aprender como dinâmica prática unitária, em um todo e retroalimentada de Paulo Freire (2003) que se compreende a transferência horizontal do conhecimento ou aprendizagem horizontal.

Ao falar de aprendizagem horizontal, refere-se ao aprender dos outros, aprender da convivência, aprender com os outros. Essa aprendizagem horizontal vai supor e implicar que não existe esse conceito de autor ou tutor/professor em aprendizagem horizontal, que é o que sistematiza Paulo Freire (2009) ao descrever de forma crítica sobre o estar oficialmente e institucionalmente ensinando, senão mais bem que a busca deve ser a da “pedagogía da autonomía”, na qual são pessoas que têm a experiência prática, vivências, uma estrutura mental desenhada para dar respostas a problemas de convivências e que são postas em marcha para que se possa, em contextos, em situação, validar-se em um determinado entorno de vida e conviver e aprender em convivência. Aprender horizontal é de uma forma praticamente automática, de imitação, de reprodução do outro. Está-se, de fato, para aprender do outro e isso é o aprendizado horizontal, quando se faz referência a, por exemplo, aprendi de minha tia, aprendi do meu avô. Não seria uma aprendizagem impositiva, mas bem responde, ou pode responder à necessidade ou a um caso concreto, como é a necessidade de sobrevivência, a de ganhar-se a sobrevivência, adquirir algo para a vida ou também pode responder a um interesse não imediato que requeira aprender algo, adquirir ferramentas simbólicas amparadas no desejo de querer saber algo mais. Trata-se, por fim, de uma ação permanente de dois termos que estão relacionados de forma solidária - ensino e aprendizagem - e que se unem, fusionados de forma dialética em “ensinagem” (Bleger, 1998:59).

Nesse sentido, o que se tem são modelos de aprendizagem, quando os sujeitos que têm um determinado tipo de conhecimento vão formando ou transmitindo conhecimento que não passa por uma instituição escolar, que não passa por uma institucionalidade regrada ou exigência externa ao do coletivo em ação, os sujeitos da práxis. É por isso que, quando se fala de horizontalidade, se fala do que descreveu Paulo Freire (2009) com a educação não bancária, sendo que a educação bancária é própria daquela em que o professor deposita as ideias na cabeça dos alunos. De forma contrária, a educação horizontal responde a processos de sobrevivência ou de busca de sobrevivência; a ideia é relacionada a temas da aprendizagem sociocultural vigotskyana e grupal pichoniano, da aprendizagem no entorno e no seu meio e contexto, na qual esse entorno-contexto está conformado por aqueles que são iguais. É, enfim, uma aprendizagem significativa na medida em que é útil para a vida e de aplicação direta, e não para atender a uma exigência exógena aos processos da práxis e aos sujeitos históricos.

Como exemplo desse aprender horizontal, tem-se, não somente, dinâmicas atuais, senão que, como foi descrito no segundo capítulo deste informe, se dá também ao longo dos tempos que reverberam no hoje. Descreveu-se o intercâmbio (o *trueque*) dos primeiros assentamentos humanos, passando pela ágora, foro, “zoco”, a América Central, a feira medieval, dentre outras possibilidades, que incidem e constituem as dinâmicas dadas na *Praza* e que são forjadas por meio dessa ressonância que alcança e compõe a atualidade.

Morrison (1993), citado por Nogueira Fino (2001), ao ilustrar a teoria vigotskiana com a realidade de salas de aula saturadas, com grande número de alunas e alunos, sugere como possível solução para enfrentar esta realidade a de implementar “métodos que usam os próprios estudantes como recursos de instrução” (p. 9). Essa espécie de arranjo de ensino-aprendizagem é conhecida por aprendizagem mediada pelos pares e é um meio ““natural” de aprendizagem” (Nogueira Fino, 2001: 9). Assim, não se pode sinalizar essa forma de aprendizagem como fora do contexto escolar, senão que se trata, por fim, de uma forma de aprender, que se forja com o outro e que pode ser dada tanto em ambientes escolares e regrados, como não regrados -

exemplo deste último é o estudo da *Praza*. Dessa maneira, grande parte dos processos de aprendizagem na Praza de Abastos está classificada em dinâmicas de transferência horizontal de conhecimentos cotidianos e laborais normalizados como aprendizado cultural.

8.1.1. Processos horizontais e atividades de transferência de conhecimento

Os processos de transferência do conhecimento da comunidade abastiana estão fundamentados no aprender a aprender (Pichón-Rivière, 2005), na apropriação da realidade para transformá-la que está operada a partir de um grupo centrado em uma tarefa comum (tarefa comum que se tem de maneira inconsciente e que para a comunidade grupal abastiana é a de viver da *Praza*). Ainda que esse processo se constitua, de forma dialética, com avanços e retrocessos. Igual de certo é que segue sendo ativa a dinâmica do aprender, garantindo o avanço e a permanência desta instituição ao longo dos anos, instituição entendida como comunidade abastiana.

a) Dinâmicas culturais de transferência, formação

Por meio dos relatos recolhidos nas entrevistas vinculares em profundidade, podem-se levantar uma série de dinâmicas de transferência educativas e formativas culturais - “educación en sentido amplio entendemos como procesos de transmisión cultural (...) tenemos que asumir en ellos la presencia de categoremias como código de conducta (...) y conceptos tales como identidad, entre outros” (Lisón Tolosana, 2005: 12) -, que podem ser elencadas da maneira como está sequentemente.

- Olhando as outras pessoas trabalharem (observam como o outro faz e se imita ou se repete o mecanismo).
- Fazendo-trabalhando (uma vez se copia o trabalho do outro, se põe a fazer o trabalho de forma repetitiva).

- Obedecendo (pondo em prática as diretrizes ditadas por uma pessoa que sabe fazer o trabalho como um chefe ou um familiar, por exemplo).

- Rememorando (na utilização de mecanismos da memória para lembrar como se fazia a atividade de uma avó, um avô, mãe, pai, parente ou chefe, por exemplo).

- Estabelecendo o exercício de diálogos, tanto intergeracional, como intersetorial, como forma de transferir saberes.

- Pondo em prática com dinâmica de prova em erro e acerto (na tentativa de melhorar e/ou modificar uma dinâmica, se põe em prática o novo e valoram-se posteriormente os resultados; se forem benéficos, se repetem de maneira sistemática, senão são descartados).

- Por meio de estudo escolar (formação escolar que é passada à cotidianidade como habilidades desenvolvidas na e para a prática, ainda que muitas vezes não se tenha em conta a transferência de informação das habilidades para ferramentas do fazer, se há este mecanismo que vai da teoria à prática).

Essas dinâmicas de aprendizagens listadas não esgotam todas as possibilidades do aprender, quer dizer, esta lista não está fechada. É uma enumeração, entre outros processos de transferência de conhecimento e formação em “aprender a aprender” no qual “aprender/ensinar não tem o sentido limitado de recolher, transmitir informação, mas sim converter em ensino e aprendizagem toda conduta e experiência, relação ou ocupação, energizando a capacidade dos participantes para que (...) dinamizem suas potencialidades como seres humanos” (Cruz & Brant, 2005: 95). Os aspectos das dinâmicas de “ensinagem” abastiano sistematizados antes podem ser abstraídos dos testemunhos:

(...) un neno se ven contigo non lle podes deixar porse de espaldas cara ao expositor, de espalda así, cara así, de cara ao movil, non, ten que mirar, que aprenda como compras ti e máis que atenda a conversación, aprendelos e saber comprar e saber como se compra e pedir e facer todo fai falta, se non lle fai falta, non o usan, que o garden, pero

sabeno ademais e a educación e como tratarte de usted (EHC);

Xa veu a familia pronto tamén e fumos facendo todo, a actividad...despois fun aprendendo algunha xente que... a un irmao meu que está agora traballando por aí polos mercados, estivo aquí conmigo aprendendo agora está polos mercados está traballando, outros chicos máis, unhas rapaciñas que están por aí polo día traballando tamén estiveron aquí aprendendo conmigo, e nada máis, non hai moito mais que facer (risas) (EHC);

Si oh, si home (...) Aquí tamén pasa unha cousa, se eu fago o veciño xa fai entonces como eu fago porque como tanto me ten (EHC);

Hai que coñecer de todos os lados do mundo, sobretudo para saber o que pide a xente, coñecer de aquí pero sobretudo de fora e este luns fumos, os meus compañeiros, fomos a Vigo a unha de champans para probar o champán e para ver que cousas se están facendo e para saber máis entón eso dende fai un par de anos vou a catas, ferias, fago cursos (EHV);

(como aprendiste esas cousas?) Bueno home pois facendo cursos e traballando aquí (EHV);

Si, si claro, pola tarde, eu fai...creo que xa foi fai dous anos, o primeiro curso que fixen foi un curso do instituto galego do viño de bueno...son unha xente que fan uns cursos de viños e tal, aquí en Santiago, e de feito esos cursos hai que pagalos , pagaronmos os meus xefes, formación, cousa que eu agradezo porque non todas as empresas fan eso, que as empresas preocupense pola formación dos empregados está moi ben, eh e eso foi fai dos anos empecei o primeiro, fixen tres, o ano pasado fun facer un a Coruña que bueno só había en Coruña e tal e era un curso xa máis en serio, máis caro tamén (risas) mais caro tamén e aprendín un montón de cousas entón pois eso é un continuo, agora sempre que hai unha feria, sempre que hai unha cata, sempre trato de ir, facerme un pouco mais visible nese mundo, coñecer a elaboradores, a distribuidores, este luns por exemplo fumos a Vigo a unha clase cata de champanes, pero bueno, sempre...me refiro aquí temos cousas de Galicia (EHV);

Pois dun libro ou dous ou tres, de falar con xente e a nivel practico de pedirlle alguén que viña dun curso práctico que un día me ensinase como se facía iso pero en dez minutos e tirar para diante pero como todo o que fas sen saber vas probando (EHE);

Non hai unha formación específica, faste ti a ti mesmo, aprendes coa experiencia... a experiencia é moito... Case todos teñen este oficio herdado e vas aprendendo. Ó mellor non sobraba saber máis, pero coa experiencia é suficiente (EHF).

Outro punto relativo aos procesos de aprendizagem establece conexión com a estrutura funcional setorial que se faz como dinâmica obstaculizada. A *Praza* está espacializada por zonas nas quais não se tem tanta interação de setores e o que se dá é a separação por tipos de negócios, na qual o peixe e a comida preparada ou a fruta, por exemplo, estão separados. Essa separação o que faz é supor um obstáculo às dinâmicas de aprendizagem fazendo com que estas estejam limitadas. Com outra maneira de ordenação, poder-se-ia ter um acúmulo maior de possibilidades de aprender, com mais ampla interação da diversidade dos tipos de negócios na *Praza*. Essa configuração estrutural impõe a necessidade de criação de outros mecanismos de comunicação e aprendizagem, vinculados com redes virtuais como opção de resolução deste obstáculo, por exemplo.

Essa estrutura mais compartimentalizada não potencializa a aprendizagem do outro nem as dinâmicas de solidariedade, mais bem reduz dinâmicas e segrega, porque o acesso é reduzido aos setores afins e as possibilidades de diálogo se dão em microespaços de diálogos entre setores, o que não facilita a relação diversa comunitária grupal mais ampla.

Essa separação por setores, entretanto, observada na *Praza* não é específica desta. Em outros contextos do passado histórico desse lugar identitário, a separação setorial já se dava. Observa-se que a concentração vem sendo um traçado construído por sociedades divididas socialmente. Assim, é quando se observa a concentração em detrimento da diversidade e de maiores possibilidades de aprender.

Há que se ter em conta também que as descritas formas de aprender não são tecidas sem conflitos e questionamentos entre diferentes modalidades de saberes e de fazeres. Quer dizer que a aprendizagem horizontal é um processo que obrigatoriamente implica diferenças, impedimentos e divergências entre lugares de falas díspares e enfoques diversos, entre outros. Essas diferenças alcançam, entretanto, o diálogo necessário para estipular acordos e são superadas por práticas que convergem na unidade da comunidade grupal.

8.2. DINÂMICAS VERTICAIS DE APRENDIZAGEM SOCIAL

Sob outra perspectiva, saindo das dinâmicas da aprendizagem horizontal, a transferência vertical, utilizada no enquadramento deste estudo, se faz a partir da aproximação à literatura científica que trabalha com o conceito de educação ambiental (EA) trazido por Álvarez Iragorry, (2001) ao abordar o tema de conhecimento desde um modelo globalizante⁹⁶:

Los programas de EA resultantes de este modelo globalizante se ejecutan mediante la transferencia vertical y unilateral de información culturalmente sesgada, y dirigidos a personas cuyas percepciones y conocimientos propios (personales, tradicionales o de otro tipo) son desacreditados u omitidos y finalmente sustituidos por una visión tecnocrática y economicista de los problemas ambientales y de su solución (González Gaudiano, 1997; Escobar, 1998; Tréllez y Wilches-Chaux, 1999; Shiva, 1993) (Álvarez Iragorry, 2001: 3).

O modelo globalizante entende o conhecimento imposto desde instâncias e instituições burocráticas e superiores que se impõe sem ter em conta o sujeito da práxis e o quefazer histórico e posto na cotidianidade que obedece, no estudo da *Praza*, à configuração do

⁹⁶ Não foram considerados os conceitos transferências horizontal e vertical do teórico Álvarez Iragorry (2001), só o contexto de “modelos globalizantes”, de visão tecnocrática e economicista.

conhecimento obrigado por uma lei e/ou normativa instituída por instâncias de organizações superiores do aparato do Estado, processos entendidos como conhecimento exógeno. É a educação bancária descrita por Paulo Freire (2009), na qual o professor deposita as ideias na cabeça de um aluno, em uma relação e estrutura de ensino instituída de maneira hierarquizada entre aquele que sabe mais e os que sabem menos, em uma elaboração que entende o saber como estrutura de poder, não de liberação.

As dinâmicas verticais de educação e do aprender na *Praza* constituem parte de uma prática minoritária que normalmente se ajustam às normas de várias instituições, como são a Comunidade Europeia, o estatal (Estado Espanhol) ou autonómico (Governo da *Xunta de Galicia*) e a Prefeitura (o *Concello de Santiago de Compostela*), que estão conformadas em suas particulares e respectivas leis e normativas, entre outros padrões.

Ao falar de transferência vertical de conhecimento, se trata, enfim, de cursos ou formações obrigatórias para exercer a atividade na *Praza* e que as pessoas agentes sociais devem ter independência para entender ou estar de acordo (ou não) com a sua obrigatoriedade em possuir tal formação. Há nessa percepção de uma instância do aprender uma desvinculação entre o conteúdo e a posta em prática deste.

Nesse contexto e como exemplo, tem-se o curso de formação em manipulação de alimentos (que concede um diploma *de manipulador de alimentos*), com os seus devidos processos de renovação e que é uma formação obrigatória para todo o coletivo que trabalha com alimentos processados e não processados. Também há certas normativas que obrigam o acondicionamento dos locais de trabalho.

Esse tipo de contexto e dinâmica do aprender, como cursos ou normativas obrigatórias, tem gerado ansiedade e certa contraposição a esses processos. É quando se dão testemunhos que aludem a esse tipo de exercício social como prescindíveis e sem função na execução da ação cotidiana, ou que, antes de promover e facilitar a resolução de conflitos, a dificultam.

Essas ideias de falta de operatividade diante de uma formação obrigatória estão vinculadas ao conceito teórico descrito como “transferência negativa” - “se habla de transferencia negativa cuando un aprendizaje previo inhibe o dificulta la adquisición de un nuevo aprendizaje o bien obstaculiza la ejecución de una nueva tarea” (Chávez, Flores, González & Nieto, 2015: 18). Esse conceito teórico de processos de transferência vertical do conhecimento aglutinado com a dinâmica de transferência negativa pode ser observado no seguinte discurso:

Bueno que vexo mal, exemplo, vamos a ver nos antes un grupo de carniceros tiñamos un obradoiro aqui... Tiñamos aquí nesa nave... Tiñamos ahi unhas casañas. Bueno, tomamos eso por orden por numero por exemplo a min tocabame pois de duas da tarde as catro da tarde, a ti tocacache das catro da tarde as seis da tarde enton eles podían entrarche no establecimiento e vixilarche como se facían as cousas porque era un sitio público, e podían entrar. Despois eso non valía, valeu dez anos e despois xa non valía, fixeronnos facer a cada un o seu obrador, o que podía o que non podía facer o producto, a min agora si ti me queres ver no obrador tes que chamarme porque non estou alí se eu teño algunha anomalía non me das collido, xa, senon xa rectifico, ao collerme in fraganti pois (...) eu falo por min, eu gastei moitísimos cartos, eu gastei máis de treinta mil euros en facer un obrador, enton tiñamos aquí un obrador podíanche vixilar a hora que quixeran a hora que tal pum pum e podíanche coller como quen din coas mans na masa, cambiaronno (...) e ao carallo... Deixou de funcionar... Claro, fixemos aquí un grupo, moito máis barato, máis comodo, moito máis comodo porque agora teño que levar estos productos para alá, alá tiña aquí (...) xa se amasaba ahí, en dez minutos un cuarto de hora, xa marchaba, pola mañán ia para aí unha dous horas e facía os meus chourizos e non andaba, tiña todo aquí, da outra maneria ando de aquí para alá, cargar o coche...andar facendo cincuenta mil cousas... Foi normativa da Union Europea que non valía, non valía o común, tiña que ser individual e aí... Era mellor esto pero bueno... as normas están feitas así é aí que respetalas (EHC).

Essa percepção da falta de eficácia e validade prática de contexto formativo cultural liga-se à confrontação com a modalidade do aprender, dado que se trata de um grupo forjado no aprender em grupo, aprender no fazer, aprender no copiar e repetir e que a aprendizagem escolar e burocrática não costuma estar vinculada às atividades cotidianas desenvolvidas pelo coletivo trabalhador da *Praza*, ao menos não de forma consciente e/ou efetiva. É quando há uma dissociação do que se aprende em instituições escolares e do que se executa em uma prática social de aprendizagem como aprender a aprender.

Essa dinâmica e fenômeno remete, uma vez mais, à ideia da separação do trabalho manual e do intelectual já sinalizado neste informe. Também, no entanto, em grande medida, a formação escolar (em relação ao trazido pelas pessoas agentes entrevistadas) fala de uma abstração teórica da realidade, não de uma aprendizagem própria e voltada para a prática e que está desenhada para uma unidade do aprender e fazer, aludindo ao que Pichón-Rivière (2005) descreve como apropriação da realidade para transformá-la, vinculando as esferas do pensar, sentir e agir como unidade do aprender.

8.3. IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS SOCIOEDUCATIVAS NA PRAZA

A realidade ampla e diversificada da comunidade abastiana em termos de educação institucionalizada compõe um lugar cultural de representatividade e reflexo da sociedade galega e espanhola, que, no estudo de caso, está concentrado, composto e entrelaçado em um grupo específico que se relaciona de maneira direta e cotidiana, a saber, o grupo comunitário das pessoas trabalhadoras da *Praza*.

Trata-se, sem lugar para dúvida, das dinâmicas de convivência e sinergias em contexto trabalhista horizontal (composto por pessoas que são em sua maioria vendedoras e vendedores), e que, malgrado as diferenças profundas das etapas formativas institucionalizadas e escalonadas, compartilham espaço laboral, dinâmicas e objetivos imediatos.

A trajetória educativa-escolar das pessoas trabalhadoras da *Praza* é de grande diversidade. Essa heterogeneidade no aspecto da

formação escolar é tão proeminente que chega a abarcar desde realidades às quais não se acessou à escolarização, passando pelo acesso ao ensino fundamental e médio, alcançando o segundo grau (*bachiller*), também de acesso à formação profissional (FP), e até o ingresso em instituições de ensino universitário, tanto incompleto (interrompido), como concluído.

A formação escolar e seu nível formativo na *Praza* representa um lugar de confluência de variadas pessoas, com díspares trajetórias educativa-escolares. Para descrever essa realidade, ainda que não se disponha de dados estadísticos concretos sobre essas diferenças e composição do nível escolar das pessoas trabalhadoras na *Praza*, igual de rigoroso é que se tem a informação recolhida em campo desta citada realidade, quer dizer, de nível educativo escolar que estão representadas nas seguintes categorizações: sem acesso a educação escolar, educação primária, educação secundária e segundo grau (*bachiller*), formação profissional institucional (FP), estudos universitários sem concluir (interrompidos), em curso e concluídos. Assim, a partir das entrevistas realizadas (sem especificar os demais processos do estudo de campo), tem-se a seguinte realidade relativa ao nível educativo institucional das pessoas entrevistadas.

Quadro 20 - Perfil do Nível Escolar da Entrevistas

N. da entrevista(em ordem de realização)	Anos de trabalho na <i>Praza</i>	Sexo	Nível Educativo Escolar
1	34 anos	Mulher	Formação Escolar Primária
2	26 anos	Homem	Formação Profissional (FP)
3	41 anos	Homem	Sem Estudos Escolares
4	6 anos	Mulher	Segundo Grau (<i>bachiller</i>)
5	6 anos	Homem	Estudos Universitários (em curso)
6	5 anos	Homem	Estudos Universitários (sem concluir)
7 (Perdida)	7 anos	Homem	Segundo Grau (<i>bachiller</i>)
8	8 anos	Mulher	Estudos Universitários
9	30 anos	Mulher	Segundo Grau (<i>bachiller</i> , sem concluir)

Fonte: Produção Própria.

O quadro estruturado acima reflete a realidade da formação escolar das pessoas entrevistadas para o presente estudo e ilustra a existência de uma grande diversidade, ainda que esta configuração diversa não deixe de ser um reflexo de desigualdade de oportunidades (na comparação entre baixo e alto nível escolar como contradição).

A variedade ou pluralidade de nível de formação escolar no contexto abastiano não rompe com a possibilidade da construção da coletividade, justo o contrário, a fundamenta. O que se tem é a certificação de que a capacidade relacional de composição de um lugar trabalhista de necessidades compartilhadas suplantará supostos obstáculos e será instituída na potencialidade de vinculação deste coletivo tão diverso.

8.3.1. Resumo biográfico das trajetórias educativas

Sequenciando o texto, são mostradas as sínteses das histórias contadas, integrando assim um resumo biográfico de cada uma das pessoas entrevistadas e ilustrando as trajetórias educativas desde o lugar de fala, bem como se compõem uma pequena descrição do conteúdo revelado pelos discursos.

1) EMF

Sou uma senhora de 66 anos de idade, uma representante do setor da fruta e verdura da *Praza*, recentemente aposentada e que trabalhou durante 34 anos nesta. O meu acesso à *Praza* se deu quando eu ainda era uma criança, porque sou filha e neta de *paisanas*, estando configurada nesse entorno com o peso e a importância histórica dada por três gerações, ainda que o meu nunca foi ser *paisana*, sempre fui vendedora. Acho que isso de ser *paisana* está atrasado, é ir para trás. Há que ter um pouco de dignidade e que menos ter um teto e água para trabalhar, isso de ter as velhas aí para que lhes façam fotos não está bem. Eu fui à Alemanha e não vi isso lá, penso que temos que ir avançando, não ir para trás. Fui emigrante em França e Barcelona, ali sim ganhei dinheiro, fora daqui e como trabalhadora assalariada. Voltei à Galiza obrigada pelo meu marido, foi quando voltei de

Barcelona e ele pegou um boxe (uma *caseta*) para trabalhar aqui entre os dois. Foi assim que retornei à Galiza e à *Praza*, e permaneci aqui até me aposentar. Eu tenho como referência o ano em que comecei a trabalhar aqui como trabalhadora da *Praza* (placera) a partir da idade da minha segunda filha, que daquela tinha apenas três anos. Fui uma mãe valente, trabalhadora e solteira com dois filhos e te conto que aqui sofri, aqui chorei e aqui passei muitos anos da minha vida porque ao final fui eu que arrotei a dificuldade de levar o negócio na *Praza* e que ainda levava porrada se reclamasse, que é o que tinha ser mulher naqueles tempo. Dinheiro não ganhei, só o justo e necessário para sobreviver, só fui capaz de economizar quando trabalhei como assalariada estando emigrada. O percurso educativo escolar foi curto, mas feliz porque tive a melhor professora do mundo e me sinto privilegiada porque ao menos eu fui ao colégio, outros nem isso. De fato, a melhor recordação que tenho foi quando tirei nota dez na escola. Essa única professora marcou-me profundamente porque era justa, ela para mim foi um exemplo, muito boa, foi a única, mas a melhor claro, a única porém, muito boa. A pior lembrança que tenho vem do marido dessa querida professora, que a substituía quando ela, por algum motivo, não podia ir ao colégio. Esse senhor puxou forte da minha orelha por conversar, era assim um senhor ruim, o oposto da mulher que era tão boa, porém teve mau matrimônio. Na etapa da infância a relação com as companheiras no colégio era também muito boa, própria da professora que não permitia violência e cultivava a relação positiva entre todas, tratando as meninas por igual, ninguém era melhor que ninguém na classe dessa mestra. Aí é quando acaba a minha etapa da educação escolar, na infância. Na adolescência senti que deveria ir embora, necessitava sair, não queria estar na aldeia como as outras, aproveitei que tinha uma irmã lá na França e fui embora. Ali só trabalhei, nada de passear nem conhecer nada, ali estávamos para trabalhar, mas fui muito feliz. Tinha um chefe espetacular, ele era igual a minha professora e uma madrinha que tive antes da professora, era justo, não permitia que ninguém fosse tratado de forma diferente, somos todos iguais. Na *Praza* tive relações com as companheiras que vão de boas a ruins, ali riam-se de mim, das minhas opiniões e tive dias de chegar e querer ir embora para casa para chorar

e chorar, depois passou. Porém tive boas relações também, fiz amizade com muita gente, de todos os lugares e de todas as idades, até hoje tenho contato com alguns. Outro dia veio um rapaz de Japão que foi estudante na universidade, me deixou um presente com uma companheira de trabalho, ele não sabia que eu já não estava aqui, que já estava aposentada. A *Praza* mudou muito, tanto na estrutura (para melhor, está mais bonita, mais limpa) como nas vendas (para pior), ao menos para o setor da fruta que é muito escravo, é muito perecedora a fruta e dá muita perda econômica. Sou uma pessoa que gosta de aprender sempre, já participei de atividades formativas de idiomas por exemplo e confesso que não participei de mais porque o trabalho na *Praza* é muito escravo, que são muitas horas e tenho saído de casa às 5h da manhã e só retorno a casa tarde, as 10 da noite, nas terças, quintas e sábados que são de muito movimento. A tecnologia é algo bom para mim, uso bastante o *WhatsApp*, gosto de falar, de conversar, isso é o meu, e esse *WhatsApp* é também uma forma de falar mais. Meus filhos não quiseram trabalhar aqui, acho que de me verem tão amarga. Fechei o negócio, não quis transpassá-lo porque não gosto de enganar as pessoas jovens, a *Praza* não chega para viver dignamente e não vou enganar as pessoas. Para trabalhar aqui há que ser de outra tinta. Eu gostava muito do meu trabalho, muito. Se não fosse por algumas coisas, que já passou. Estar cara ao público é difícil, mas também te enriquece porque se conhece gente boa, há gente boa, muito boa, porém também há uns atropelos pelo meio e más organizações que há aqui pela Galiza, mas já passou. Eu tenho vontade de ver as pessoas jovens, a melhora vem das pessoas jovens, com boas ideias. Eu participei na *Praza* de muitas iniciativas, mas claro, as mulheres não valem para tudo, e o meu tempo já passou. Agora quero fazer o que nunca fiz, que nunca pude fazer pelo trabalho, vou à nataçã, marco para tomar café com as amigas e essas coisas (risos).

• **EMF:** Lucidez, sentido da realidade, essa é EMF. Uma mulher que pode ser definida com a “M” maiúscula da madureza, e que traz em si a consciência desmedida de quem viveu um contexto social profundamente díspar, sem ter perdido a alegria de viver. O processo heterogêneo que passa pelo ser galega a ser europeia conformou uma

mulher já senhora, autêntica e de opiniões muito firmes, realmente empoderada, sem deixar de ser despossuída. Essa senhora, que viveu a *Praza* por mais de 34 anos, é uma profunda conhecedora de si e do mundo que viveu - desfrutou e padeceu - das diversidades que teve que suplantar para seguir com valor e sem perder a alegria. Percorreu o processo dissonante da ausência à abundância, sem chegar nunca a ser uma voz reconhecida e autorizada pelos seus. Malgrado tudo isso, essa atriz social é uma representante do que foi e é ser mulher em um entorno marcado por diferenças de gênero, dentre outros, e que fez do resistir uma atitude, uma forma de vida. Herdeira de uma matriz de aprendizagem construída em matriz galega recorrente, que é o rural e a emigração, realidades que seguem pautando normas no hoje e que EMF descreve de forma genuína com o narrar da sua bela história.

2) EHF

Sou um jovem senhor trabalhador da *Praza* que leva 20 anos no setor da fruta e verdura. Minha história com esse lugar vem desde a minha infância porque meu pai e minha mãe são trabalhadores aqui da *Praza*. Quando eu era criança, nos dias em que não tinha escola, vinha e ficava por aí brincando, que eram outros tempos. Depois, já maior, quando eu era adolescente, vinha e ajudava um pouco, mas só nos finais de semana, porque meus pais queriam que eu estudasse. Minha vida escolar foi muito boa, éramos todos meninos, era um colégio religioso no qual tanto os alunos como os professores eram homens, nossa geração foi a última assim, depois já veio a escola mista. Nela eu gostava mais de fazer esporte, mais do que estudar, mas a escola era boa, um pouco antiquada, mas boa. Também gostava de Matemática, agora lembro que o professor que levava o esporte era o mesmo que dava Matemática, acho que o professor se envolvia um pouco mais com as crianças e também tinha uma relação mais próxima, pelo esporte, penso. Isso também me aconteceu no segundo grau (*instituto*), eu tinha matérias que eu deveria ter melhor rendimento, mas eu ia melhor em outras disciplinas e isso graças à relação com o professor. Gostava mais dos números, entretanto, haviam professores bons de letras e eu tirava notas boas em letras, mais do que nas de exatas. Quero dizer, acho que a relação que temos

com os professores ajudam ou não no processo escolar e isso vem para o bem e para o mal, no meu caso foi para o bem. Lembro de um momento muito feliz quando um professor me deu a nota máxima, um excelente, fiquei todo subido. Sou do tipo de pensamento que considera que a companhia também influencia muito, ainda que cada um tenha a sua forma de ser, também é certo que segundo com quem esteja você vai para um lado ou para o outro. Meus companheiros de colégio eram pessoas boas e eu não me dava mal com ninguém, ou seja, não tinha problemas, a escola era tudo bem, bem, bem, é que realmente éramos bons, penso que todos éramos bons rapazes, e se alguém se desviava também mandávamos nós. Nós andávamos todos no grupo e a maioria no grupo mandava para o caminho do bem. Isso é o que eu penso que não se faz agora. Agora cada um vai no individual, à sua bola, vai um por aí incomodando e ninguém se mete, e antes isso, pelo menos nós, nós não permitíamos. Quer dizer, se alguém estava abusando de outro não se permitia, como é um companheiro não deve abusar do outro. Essa é minha forma de ver o mundo, mas agora isso já não é assim, as pessoas olham para o outro lado. Na minha época não havia abusadores no nosso colégio, não havia disso, não se permitia abusar dos outros, mas o mundo parece ter mudado, agora vamos mal, muito mal, cada um anda sozinho, só com o seu, olham para o individual e não querem se meter em confusão, mas não se quer encarar os fortes, mas eu prefiro estar com as pessoas frágeis do que com os fortes abusadores. Acho que na vida temos que fazer por merecer e eu tentei fazer o bem, era aberto e tive amizades de todos os lados até acabar a formação profissional e decidir vir à *Praza*. Ao acabar de estudar na família falou-se de montar uma loja para vender frutas (*frutería*). Havia um local fora da *Praza*, porque naquela época a *Praza* era muito concorrida e dentro já não se tinham locais, pedimos ajuda e os meus pais me ajudaram para que eu pudesse montar um posto de trabalho e ali estivemos eu e a minha mulher durante dois anos. Depois vagou este e estamos aqui faz 18 anos. Não foi um processo custoso para mim o de chegar até aqui, foi mais bem fazer acordos, fazer a transferência e pagar certinho à Prefeitura (*Concello*) como se fosse um aluguel, ainda que seja da opinião de que a burocracia pode ser melhorada porque se paga a

muitos organismos. No meu local a pechincha (o *regateo*) não funciona, isso funciona com as *paisanas*, elas dão alegria à *Praza* e é uma tradição nossa, não são minhas concorrentes porque vendemos produtos diferentes e aqui temos espaço para todos. O que eu não gosto é que venham grupos grandes de turistas, eles querem olhar e não comprar, e isso incomoda, já outra coisa é quando veem de forma individual, isso já não me incomoda, e o que sim eu gosto é da visita das crianças, quando eles veem de excursão pelo colégio a conhecer a *Praza*, eles são os compradores do futuro, o nosso futuro em tudo. A minha rotina aqui na *Praza* é bastante estável, chego antes da 8h e recolho o mostrador às 15h para ir comprar e preparar a mercadoria para a venda do dia seguinte. Sou da opinião de que não se pode meter mais horas no trabalho e creio que esse trabalho vai morrer comigo, não penso em passar o negócio para as minhas gerações futuras, ajudar enquanto estamos aqui pode ser, mais não, é que este trabalho é muito escravo, prefiro que elas tenham a sua carteira assinada (a sua *seguridade social*), com férias e descansos, porque isso não se pode ter na *Praza*, mas eu estou habituado e não me vejo em outro lugar, não tenho vontade de ir embora daqui, além do mais tudo vai bem, a relação é boa, todos nos conhecemos, levamos toda a vida aqui e sigo aprendendo. Nesse nosso trabalho a experiência é muito, aprendemos a fazer e ganhamos juntos, normalmente, quando não se vende é geral, não depende de um. Quando não se vende o suficiente a sensação é ruim, como quando começou a crise, dá raiva, dá muito no que pensar, mas a *Praza* é uma tradição, já essas modernidades, não sei, acho que o telefone celular isola muito. Eu utilizo mais para estar conectado pelo negócio, para que os clientes me digam o que querem através do *whatsapp*, porque eles estão trabalhando e quando acabam vêm e já tem tudo separado, a compra feita. Também utilizo para ler a imprensa e o esporte. Conheço algumas redes sociais por minhas filhas, *instagram*, *snapchap*, há muitas delas, mas eu não uso. A juventude pensa que tem muitos amigos e não é assim, são somente conhecidos de redes sociais. Esse mundo virtual tem sua parte boa e outra ruim, a boa é que se pode ter informação no momento, já as redes sociais são ruins, isso deveria estar mais controlado. No que pese às mudanças dos tempos - que antes não havia supermercados, então a gente

comprava na *Praza* sim ou sim porém isso mudou - penso que este trabalho não vai desaparecer. A qualidade da fruta que nós temos eles não vão ter porque nos supermercados se trabalha a grande escala. O meu trabalho está bem e é o que tenho, preferia estar em uma oficina e no quente, sim, porém estou feliz e sim, tem um pouco de frio, mas isso para mim não é problema, o único problema é quando as vendas são baixas. Eu não tenho dúvida nenhuma que isso vai funcionar sempre, não há ninguém que possa fazer competência ao Mercado de Abastos, nem aqui, nem em Madri, nem em Barcelona. A *Praza* é única e é a nossa.

- **EHF:** É a constância e a ordem em pessoa. Um jovem senhor que desenvolve sua atividade como uma herança viva, porque a sua atividade se dá enquanto legado dos pais que ainda trabalham na *Praza*. É um senhor cortês, sério e atencioso com sua clientela. Também observador e correto, sabe a medida da relação que cada um necessita para estar confortável e funciona de forma muito acertada na busca do bem comum. Temos diante de nós a um trabalhador que dispõe da ajuda da sua companheira nos sábados, e que nos demais dias se organiza sozinho. O cuidado às mercadorias e à atenção aos clientes é sua premissa, busca ter produtos de boa qualidade, que estejam bem-cuidados e frescos. Entende que é fundamental ter produtos naturais da horta galega (sendo estes um bem e um valor cultural da *Praza*), e vai em busca desses produtos naturais e locais alguns dias da semana. Entende (ainda que de maneira pouco consciente) o seu lugar de trabalho como parte da cultura e de importância para a sociedade como um todo, ainda que não pretenda passar o negócio para outras gerações porque gostaria que as suas descendências pudessem ter férias e descanso, coisa que um autônomo da *Praza* não tem. Serenidade configurada em silêncio e na busca da boa relação com os outros é uma forma de respeito, além de entender a organização em grupo como pilar da *Praza*, esses são valores com categoria de pilar, de estrutura - o respeito aos outros e a estrutura de grupo - fundamentos de uma matriz de aprendizagem representativa de EHF, a sua forma de estar no mundo.

3) EHC

Nasci no interior da Galícia profunda (em uma *aldeia*) no seio de uma família numerosa de muitos filhos, entre homens e mulheres. A minha vida foi de trabalho, sempre. Naquela época não existia o conceito de criança, e isso não foi só para mim, todos os meus irmãos e demais viveram o mesmo. O de ir a escola era pouco, porque eu estava de crido e nos queriam só para trabalhar e não para levar à escola. Naquela época não te mandavam à escola, te mandavam para trabalhar no campo, andar com a enxada (*arado*), com as vacas, colher as ervas, apanhar o trigo e essas coisas era o que fazíamos. À escola ia-se muito pouquinho, e todos da minha família foram ser criados, todos. E passávamos fome, comida era uma aguinha fervida, sem batata nem nada. Vou te contar uma história, eu quando cheguei em Santiago eu estava ali na Rúa das Casas Reais chupando a casca banana e veio uma senhora e me perguntou “criança, como pode jogar fora a banana?”, quando ela passou uns metros fui pegar no chão e assim provei pela primeira vez uma banana, quando ganhei o salário do mês comprei três quilos e comi todas, que delícia, tá vendo, nem sabia como comer uma banana, a vida era muito dura naquela época. A minha infância foi ruim, não tem nada a ver com a vida das crianças de agora, antes era de muitos castigos, era ruim. Eu nunca tive uma bola nos pés, era somente trabalhar e trabalhar, nada mais, fui a um baile quando tinha 15/16 anos e nem sabia direito o que era isso. Era assim para mim e mais para todos os meus irmãos e irmãs, todos, e isso que éramos 12 e todos vivemos a mesma vida. Eu quando tive filhos quis que eles brincassem e que fossem à escola, de trabalhar nada, somente trabalhar fazendo os deveres e que estivessem limpinhos e cuidados, depois até carteira de dirigir tiveram e o meu sonho era dar um carro novo para cada um dos meus filhos, e dei. Dei aos meus filhos o que não tive, foi tudo diferente do que tivemos nós, na minha época até se comia no chão. Ir à escola e essas coisas é o melhor que um pai pode dar aos filhos. Eu ainda não tenho netos, mas tenho muito claro que no dia que os tenha direi aos meus filhos que devem levá-los à escola, que o melhor que se tem é aprender. No mundo em que estamos, que já avançou muito, o estudo é fundamental, que hoje até para meter uma laranja em um saco há que

ter preparação, há que ter uns estudos. Na minha época era diferente, valia para trabalhar e para trabalhar, eu vim do interior e não me pediram nada de estudos, o que me pediram era apenas que tivesse força, boa forma e a trabalhar e trabalhar, e nada mais. Essa foi a minha infância. Quando cheguei a uma certa idade me deu vontade de aprender um ofício e surgiu uma oportunidade em um açougue (*carniceria*), aí já era a adolescência que foi boa. Naquela época já ganhava, trabalhava muitíssimo, fazia muitas horas na empresa, mas ganhava. Trabalhava várias horas, eu, por exemplo, trabalhava de sete da manhã às três da tarde e depois pela tarde daquela havia trabalhos e ia a descarregar os caminhões de batatas e fazia o trabalho e ganhava para a pensão e mais para comer, era uma maravilha, isso sim era viver. Nessa época tive muitos amigos e que ainda conservo a dia de hoje. Depois fui servir ao exército (*fazer a mili*) em Madri, foram 18 meses. No princípio, como tudo na vida ao iniciar, era duro porque não se sabe de nada e não se conhece ninguém, falta a experiência e há que fazer guarda e manobras, treinamentos, depois aprende-se e vai tudo rodando. Dessa época tenho uma lembrança que guardo com muito carinho, quando me meteram no calabouço por quinze dias porque tive uma briga com um companheiro, mas no dia seguinte um tenente de Ourense me tirou o castigo e me mandaram para casa do comandante fazer algumas coisas na horta. Lembro disso com muita felicidade, foi o dia mais feliz da minha vida dessa idade, lembro e sempre seguirei recordando. Resumindo, cheguei no açougue (na *carniceria*) na *Praza* com 12 anos, interrompi porque fui servir o exército (fui para *a mili*) e voltei para a *Praza* e aqui estou até hoje. Pouco tempo depois de voltar já me coloquei sozinho, comprei um boxe (uma *caseta*), sempre tive as ideias muito claras e comecei a trabalhar o máximo que podia, fui aprendendo pouco a pouco, com a mulher ajudando, aprendi também com algumas pessoas, resumindo, só de autônomo levo trabalhando 41 anos, 49 de trabalho como carneiro. No início foi difícil, o que era meu chefe ficou chateado, com ciúmes, mas depois passou, foi difícil fazer uma clientela fixa, alguns chegaram até a me comprar por pura pena, para me ajudar mesmo, ser autônomo é muito difícil. É difícil porque não se pode ficar doente e ainda que enfermo terás que trabalhar igual, o autônomo

tem que trabalhar e trabalhar e trabalhar, quem pensar o contrário está equivocado, muito equivocado. Ser autônomo é difícil, porém é necessário porque se não se tem trabalho há que buscar por algum lado, o que não se pode é ficar de braços cruzados. Sempre fui muito ativo em organizar-me em grupo porque o coletivo é fundamental. Na época de conformar a Cooperativa para gestionar a *Praza* estávamos juntos, éramos todos homens muito capacitados, preparados e um grupo muito formal, sempre havíamos uns doze que funcionamos de forma profundamente unidos, como um grupo unido e coeso (*como unha pinha*). Eu me sinto de forma pessoal muito satisfeito, estou bem com os companheiros e me levo bem com 99% e sou feliz, me sinto feliz porque me criei aqui nisso, é a minha identidade, gosto do que eu faço e estou feliz. Agora meu filho está considerando a ideia de assumir o negócio, não tem certeza ainda, vamos ver no que dar. Gosto de falar com as pessoas, brinco e gosto do trato com os clientes, aproveito desses momentos e aos meus sessenta e dois anos estou maravilhosamente bem. Faço o melhor possível, procuro fazer bem e estou encantado, nota-se no meu rosto, com certeza. É um prazer ter clientes que vêm comprar faz mais de 30 anos, uma honra para mim, é uma demonstração de confiança e que confiem em mim me orgulha. Houve momentos de arrependimento também, mas no balanço foi positivo.

• **EHC:** Fortaleza é a palavra que melhor define EHC. Um senhor de 72 anos que viveu a Galiza de antes e de hoje e que por isso traz em si toda a fortaleza de quem sabe que a vida é constituída de erros e acertos, e por ele foi feita de processos de superação, de direitos que são afrontados, independente de que o momento seja positivo ou de grande dificuldade. É o que tem a capacidade de pôr em prática de maneira efetiva o que Pichón-Rivière define como a *adaptação ativa à realidade*, sendo EHC um representante iconográfico desse saber, em fazer.

4) EMP

Sou uma mulher que trabalha na *Praza* no setor do peixe, sou de origem sul- americana. Tenho três filhas, duas delas nascidas aqui na

Galiza. Minha infância e adolescência passei na Venezuela, tive uma vida normal de classe trabalhadora dali. Na escola tive problemas para superar algumas matérias escolares. Por ter dificuldade em Matemática, comecei a participar de olimpíadas e me sair bem, tão bem que chegava até a finalista, participei nesses concursos por 5 ou 6 anos, interescolares da rede pública de ensino no âmbito das matemáticas, lembro dos meus amigos me animando, gritando. Não se explicava como eu poderia ter notas ruins em Matemática e chegar tão longe nas olimpíadas, mas assim era. De jovem fui uma adolescente que cheguei a abusar dos outros, me envergonho em dizer isso, mas cometi assédio moral (*bullying*), ainda que naquela época isso não fosse sinalizado como um problema, hoje sei que não eram atitudes corretas, agora que penso e não sei dizer por que fazia aquilo. À parte isso, no colégio, foi muito divertido, tive uma infância bonita, penso que os primeiros anos da vida são sempre os melhores. Estudei só até acabar o segundo grau (*bachiller*) e cheguei a fazer cursos de auxiliar de contabilidade. Tive vários professores bons, mas lembro em especial de uma que sempre foi muito atenta comigo, tinha sido professora do meu irmão que faleceu de um acidente de carro, então essa professora me destinou muito afeto. Essa professora me marcou e eu deveria ter 8 anos. Como filha fui uma adolescente muito difícil, fiz com que a vida dos meus pais fosse dolorosa, fui um pouco rebelde até que me casei, me casei com apenas 15 anos porque estava grávida. Tive uma filha aos 16 anos, fui à escola grávida e algumas amigas não podiam mais andar comigo porque os pais proibiram, também meu pai ficou chateado. Foi muito difícil acabar os estudos estando grávida, mas os professores me ajudaram muito a segui estudando, ainda que me questionassem dessa situação, perguntavam que por que eu fiz isso, por que havia ficado grávida, e também me deram bons conselhos. Me esforcei muito para estudar, muito, tive medo de ser dona de casa, de ficar como minhas primas e vizinhas. A experiência de ser mãe foi muito bonita, foi difícil acabar os estudos estando grávida, trabalhei e estudei muito. Saí do meu país porque não queria seguir mal vivendo, vir para aqui e depois trouxe minha filha. Aqui trabalhei muito de garçõete, que diferente era tudo isso antes da crise, a crise econômica mudou isso totalmente, mas nunca pensei em voltar

ao meu país de origem. O meu marido trabalha na *Praza* como empregado de um posto de peixe há 10 anos, mas ele soube que ia vagar um posto, então foi uma transferência. A dona ia se aposentar, ela tinha três filhos, mas eles não queriam o local porque haviam estudado, mas aqui na *Praza* tem gente, principalmente no peixe, que leva duas e três gerações, e eu sou a única nova e bicho estranho. O peixe é todo uma tradição aqui e se eu chegasse a saber disso não me metia ali, mas meu marido é muito empreendedor e assumimos o negócio, mas eu cheguei ali como uma louca, não sabia de nada, demorava para limpar, não sabia limpar bem, as pessoas paravam para me dizer que quando eu aprendesse a limpar bem e rápido que eles voltavam, me perguntavam de onde era o peixe, como quem fala que como eu não sou daqui que o peixe não poderia ser daqui. Foi muito difícil, mas não tudo, porque o certo é que se aqui me mantive é também pela gente daqui. A chefe do meu marido se chateou, mas todos temos direito a trabalhar e a superar-se. Eu cheguei na *Praza* sem saber nada, enquanto os outros estão ali com empregados e com um posto que foram do pai e do avô. Ali me chamam de atrevida, mas depois todos saíram a copiar o que eu faço no mostrador. Agora eu sei tudo, os nomes, eu sei e busco no detalhe porque eu trabalho ali com o pescado e quero saber tudo. A *Praza* tem vida quando tem peixe, sem o peixe a *Praza* está morta. Aqui na *Praza* você vende sua cara, seu tempo, a fidelidade, o horário (aqui as pessoas são muito exigentes com o horário). Eu, tudo, aprendi aqui na *Praza* e vivendo e fazendo, parece mentira, mas foi assim, eu aqui lutei muito e no início tinha vontade de chorar, foi difícil, mas me mantive e se aqui me mantive foi por causa da gente. Isso sim, tenho que reconhecer que me meti a trabalhar aqui com a cara e a coragem e foi muito valor da minha parte, mas é graças às pessoas que eu sigo aqui, a gente se comportou muito bem comigo, me diziam, eu escutava “há que comprar naquela, temos que comprar nesta menina porque ela tem um bebê, temos que ajudar a ela”. A verdade é que as pessoas se comportaram super bem comigo e é por isso que sigo, e já estou aqui há seis anos.

• **EMP:** O setor do peixe e marisco é um dos setores mais tradicionais e vitais da *Praza* do Mercado, porém a entrevistada foi uma jovem de origem e procedência estrangeira e de nacionalidade venezuelana.

EMP que tem apenas 6 anos na *Praza* e aprendeu tudo o que sabe da venda e trato com as e os clientes e agindo, tanto sobre o produto e a forma de limpar, à burocracia e gestão do negócio, etc., aprendeu no dia a dia, aprendeu fazendo. Conta-nos EMP que no seu primeiro dia, o primeiro cliente pediu justo um polvo (*pulpo*) e que aquilo foi um *show*, que não sabia como limpar, que o *pulpo* escorregava entre os dedos, e lembra dessa etapa inicial como muito engraçada e reconhece que somente foi capaz de seguir na *Praza* porque as pessoas foram muito boas com ela, tiveram muita paciência.

5) EHV

Sou um músico que toca *rock and roll* em castelhano, que tem 27 anos e leva sete trabalhando aqui na *Praza*, promovendo o vinho galego. Lembro da minha educação na infância como se fosse um conto de fadas, era um colégio de freira (mas era laico e com classes mistas) e o jardim do convento era super bonito, tinha um escorregador e quatro coisinhas mais, era uma tranquilidade e tenho idealizado esse pátio. Eu tinha uma professora fantástica, a típica freira, era muito boa e nunca gritava, acho que por isso que eu gostava dela. Gostava muito da escola, principalmente na hora da merenda e do recreio, brincar no parquinho, são umas lembranças fantásticas e muito bonitas. Sempre, desde o jardim da infância (*parbularios*), tive muitos amigos, sempre gostei muito de falar, sim. A minha mãe sempre me fala que eu não parava de falar, comecei a falar muito cedo, com oito meses já falava, e nunca gostei de brigar, era amigo de todo mundo e gostava de falar com todo mundo, e agora que conto essa história estou revivendo e penso, poxa, que bacana, era uma vida muito boa. Na adolescência comecei a tocar em grupos com amigos e no meu tempo livre basicamente eu me dedicava a isso. Antes brincava de futebol com meus amigos, brincávamos ali diante da *Catedral* (que pecado), isso agora já não se faz, a polícia não deixa. Deixei o futebol e comecei a tocar muito e ia por aí, e tal, para conhecer outras pessoas. Íamos para festivais de músicas, acampar com os amigos, fazíamos *shows*. O tema da música era muito legal porque tocas e conheces o lugar e as pessoas são super agradecidas, encontramos gente que tem carinho em fazer as coisas, que se

empenham em fazer festivais de qualidade e pequenos, que vão crescendo devagarinho e de forma autofinanciada, porque não se queria depender das prefeituras (*concellos*), depois também há experiências ruins, como tudo na vida, por exemplo a Prefeitura que demora a pagar. Isso é um tema cultural, em outros lugares, em Portugal por exemplo, que está aqui ao lado, estão a anos luz de nós, eles levam o tema da cultura muito organizado, respeitam os músicos e o trabalho é sério, aqui temos a cultura da *pachanga* e da orquestra, em Portugal você fica assombrado com a profissionalidade. Detrás de um espetáculo há muitas horas de trabalho, ensaios e isso não se vê. Tenho um amigo que fala que nós saímos do lixo, ele deve ter uns sessenta anos e leva toda a vida trabalhando com música, nós vamos a pior, é uma situação difícil e falo da música, cinema, teatro, de tudo, da cultura em geral, e claro, para manter uma vida não dá, isso não dá para se manter, é insustentável e há que buscar outras coisas e tenho um trabalho para fazer aqui na *Praza* que é grandíssimo, grandíssimo, grandíssimo. Voltando à escola, quando terminei o segundo grau (*bachiller*), fiz um ciclo de cinema e produção e cheguei a fazer práticas em uma produtora de música, pagavam pouco, mas eu gostei muito porque a produção toca muitos temas, estudamos rádio, produção de programas de rádio, televisão, sempre gostei de cinema também, foi muito interessante porque a formação abarcava muitos temas e se podia saber um pouco de cada coisa. Depois de fazer esse curso me ajudou muito para tocar, saber o papel que tem o produtor, técnico de som, o *manager*, como funcionam as coisas dentro de um festival, como tem que faturar os músicos, entre outras coisas. Foi muito interessante porque a formação abarcava muitos temas. Cheguei a fazer também um ano de Sociologia na cidade de *Coruña* e depois voltei para aqui para fazer História da Arte, gosto muito de arte e tinha vontade de viver um pouco o ambiente universitário de Santiago e, claro, há que viver o ambiente universitário e eu sempre gostei de arte. Fiz dois anos de História da Arte na USC, mas, em dois lugares não se pode estar, então fiz dois anos e o terceiro ano já estava aqui mais dias. Primeiro estava no verão, depois durante o curso eu vinha aos sábados e não havia problema, mas depois comecei entre semanas, dois ou três dias estava aqui com os meus chefes, então claro, foi

impossível. Teve um ano que algumas pessoas vieram me cobrir no trabalho, mas aí já não cumpria com os professores, eu explicava que estava trabalhando e que não podia assistir às aulas, mas claro, com o plano novo havia que ter um mínimo de assistência às aulas e os professores não podiam fazer nada, então fui provar na UNED (universidade a distância), peguei poucas disciplinas para poder passar e me foi bem, aprovei as disciplinas, mas foi muito difícil, depois já não fui capaz de seguir porque estou aqui trabalhando, cheguei a ter meia faculdade de História da Arte. Tenho vontade de terminar, mas agora eu quero me dedicar e estar mais centrado neste meu trabalho, é que sei que são uns estudos que não vão me dar muita saída profissional, mas eu queria tê-los para que meus pais estivessem felizes porque eles querem que eu tenha um nível superior, ainda que eu faço História da Arte porque eu gosto, mas, claro, não tem saída profissional. Também comecei a me formar com os vinhos, os chefes me pagam a formação, eu gosto muito. Aqui temos vinho galego e a maior parte dos vinhos que gostamos de ter são de pequenas bodegas, de produtores pequenos. Ultimamente estamos buscando muito o perfil que os clientes pedem, que eles chamam de vinho natural, que seria o vinho ecológico e o biodinâmico também. O biodinâmico é uma tendência. É um pouco difícil de explicar, mas se trata de ter o menos impacto no meio ambiente e o tema biodinâmico tem mais em conta talvez os ciclos lunares, têm assim um pouco de misticismo também, de usar todo tipo de produtos naturais e cada vez mais se faz na Galiza, pelo que eu estou vendo entre os clientes é o que buscam. Na Catalúnia, no País Basco, fora de Galiza sei que está muito em auge, principalmente fora de Espanha, também em França e em Itália, muitos clientes que vêm por aqui já chegam perguntando por esse tipo de vinhos, em outros lugares estão muito mais estendidos, aqui estamos como anos atrás e cada vez sim que vejo que há mais elaboradores. E estive lendo um pouco sobre um pensador, penso que era alemão, o nome é Rodolfo Steimer, foi o que começou a impulsionar todo este tema da agricultura biodinâmica e não somente na agricultura, na pedagogia também, estive lendo sobre isso, sobre a pedagogia de Waldorf, se não me equivoco é a escola Waldorf. Esse local aqui na *Praza* é novo, o meu chefe estava buscando um lugar

para promover o vinho, ele estudou aqui em Santiago e conhecia a *Praza* perfeitamente. Ele queria já vinha do mundo da cooperativa com temas de vinhas e vinhos e tinha o interesse em promover o vinho, principalmente o galego. No princípio, creio que desde o princípio a ideia era a de ter uma seleção de vinhos galegos, não somente do seu vinho, senão a ideia de pôr em alça o vinho e de tudo um pouco, ele conhecia *bodegueros* amigos que já faziam vinhos neste perfil de bodegas pequenas e então conhecia muita gente neste âmbito e se começou a ter um vinho de cada zona aqui. E quando eu cheguei aqui era tudo diferente, era tudo muito rudimentar, tudo muito simples, depois se fez uma pequena reforma e depois se fez uma já bastante grande para dar um serviço e mais qualidade. Seguimos mantendo nossa postura, apostando pelo vinho galego porque é um patrimônio e mais em Galiza, mais quero dizer pela tradição que há, pela variedade, pela diversidade, têm-se uvas, elaborações próprias, sem dúvida é brutal o que temos aqui. Eu sigo descobrindo e valorizando cada vez mais, à medida que vou descobrindo e é tanto no vinho como com qualquer produto que se possa encontrar aqui na *Praza*, quero dizer, os produtos daqui, que apostam pelo local, há muitíssima variedade. Outro dia um senhor me falava que só em Galiza há umas cento e cinquenta variedades de castanhas. Sobre as uvas há também um monte de variedades e em Galiza e Portugal há uma parte com um tema muito importante que são as uvas autóctones. Conto-te que temos aqui uma estação etnológica em Ribeiro e creio que outra próxima a Pontevedra, tenho vontade de visitá-las. Isso é um patrimônio, uma herança que está aí e temos este tipo de centros que tratam de preservar, de estudar o tema das uvas. Sobre as dinâmicas administrativas, não sei muito, essas coisas sabe mais o meu chefe, eu como empregado não sei falar muito porque não sei muito, mas eu vejo e creio que falta comunicação entre a gerência e os *placeros*, falta acordo entre os *placeros*, isso já são suposições minhas, que cada um trata de olhar o seu e não no bem comum como é a *Praza*, que todos estamos trabalhando com todos, então trata-se de criar sinergia, sabe?! Acho que isso é super importante e acho que falta comunicação entre os trabalhadores da *Praza* (*placeros*) e não sei se há um objetivo comum, aí eu nisso já não sei porque eu aqui venho trabalhar e pouco

mais sei dizer. Mas, uma coisa que eu sempre disse e não estou nada de acordo é com o horário do mercado, me parece muito antiquado, isso de estar aberto às sete da manhã não entendo, tudo bem que há gente dos restaurantes que vem comprar, mas tem gente que tem horário contínuo e vem aqui comprar e encontra tudo fechado, o horário é muito ruim para as pessoas que trabalham, então ao final vão ao supermercado. Eu não quero dar ideia de machista, mas eu vejo o horário antiquado porque antigamente a mulher não trabalhava e antes eram elas principalmente que vinham fazer as compras, mas a dia de hoje a mulher trabalha, por isso que acho muito antiquado que não haja horário de tarde, também sei que pela tarde vão comprar produtos e que estão trabalhando, ainda que não estejam no mercado, mas acho que há que dar mais facilidades ao cliente com um horário mais flexível, mais amplo e mais do século vinte e um no qual todo mundo trabalha. Minha vida aqui na *Praza* é de uma rotina e a relação com as companheiras de outros postos é estável e muito boa. Eu estou trabalhando e melhorando com o passar dos anos, este último ano fiz alguns cursos de prova (*cata*) de vinho, basicamente de ir provando e isso é questão de ter a mente aberta, e estou estudando e me preparando para isso, é como se por a prova e então me sinto bem. Eu, como qualquer pessoa, nunca paro de aprender as coisas boas, nunca deixamos de aprender, que eu posso chegar a sessenta anos e seguir descobrindo novas coisas, isso sem dúvida, eu gosto disso, de verdade. E a cada pouquinho a pouco vamos melhorando e eu tomo isso como que a cada dia isso vai melhorando, que não vai ficar estancado, por isso também o que falamos é que queremos fazer reformas, mudar os vinhos, ter mais vinhos e não ficar estancados.

• **EHV:** O jovem EHV é um grande resultado da Europa moderna, essa entendida como Comunidade Europeia. Músico, estudante de arte com conhecimentos de Antropologia, é conhecedor de temas diversos, têm um nível de formação escolar alto e conjuga estes valores da educação regrada a um grande sentimento coletivo e sensibilidade social de promoção do local; é uma promessa. Representante de um setor moderno e de nova inserção na *Praza*, faz parte do coletivo de trabalhadores contratado e representa um projeto de grande valor de resgate que entende o próprio como tradição e um bem a cultivar e

difundir. É um empregado contratado, ainda que essa relação tenha muito de um contexto familiar galego. Músico, com muita sensibilidade e que busca formar-se para a atividade que desenvolve na *Praza* por gosto e vontade pessoal, ainda que esse trajeto formativo tenha sido iniciado para atender melhor ao cliente na *Praza* e poder vender e recomendar com mais propriedade o produto. É a cara visível de um grande projeto que escolheu a *Praza* para ser o lugar de início e que se fez morada.

6) EMC

Sou uma mulher de 58 anos, proveniente de Pontevedra, chefe de família e trabalhadora da *Praza* há oito anos. Lembro a minha infância como uma etapa deliciosa, com uma boa educação. Na infância, não me lembro de nenhuma professora nem professor em especial, mas sim lembro de que quando eu entrei no colégio eu era a menor, tinha somente três anos e lembro que estava no colo de todas as professoras e também das outras alunas maiores. A minha relação com as companheiras de colégio era boa, ainda que eu era muito tímida e introvertida e por isso me relacionava pouco com outras crianças. Tenho como uma lembrança especial dos momentos de brincadeiras e jogos, já a pior lembrança talvez seja a separação dos meus pais e meus irmãos. Na etapa da adolescência para mim foi complicada a vida, estava cheia de inseguranças e complexos, mas era nas amizades que tinha sossego porque éramos um grupo muito unido de moças e rapazes que organizávamos festas e excursões. Foi uma etapa divertida, muito, e durou enquanto durou esse grupinho genial. Nessa época de adolescente nos tempos que tinha livre era para sair com meus amigos e às vezes também fazíamos excursões familiares, assim se desenvolviam os meus momentos livres. Sem, dúvida o que eu me lembro com enorme carinho é dos amigos, sem dúvida. Comecei a trabalhar com 22 anos de idade e a vida laboral seguiu sendo desenvolvida fora da Galícia, mas em um determinado momento deixei o meu trabalho por conta alheia em uma empresa fora de Galícia e retornei a minha terra com a ideia de montar um negócio com um projeto próprio, e foi assim que iniciei meu trajeto na Praza do Mercado de Abastos de Compostela. Para começar a trabalhar na

Praza fui falar diretamente com a gerência daqui para ter informação, e sobre a burocracia para poder aceder a um posto etc.; penso que na conjuntura atual deveria ser mais fácil aceder a um posto na *Praza*, ainda que também penso que fazem tudo o que podem na gestão da cooperativa. Eu, de forma pessoal, sinto que respondem quando se pede algo e são muito acessíveis a todo mundo, ainda que eu não seja membro da cooperativa e desconheça o seu funcionamento. No meu trabalho, sou autônoma em tudo: de administrativa, de chefe de comunicação, de cozinheira, de atenção ao público (*dependienta*), de decoradora, sou totalmente autônoma. Faço compras de matérias primas na própria *Praza*, abro o negócio e monto a vitrine (diariamente), monto as vitrines com os pratos elaborados diariamente, faço as preparações diárias, atendo aos clientes, atendo o correio eletrônico e as redes sociais, faço pedidos aos provedores, recolho a mercadoria das vitrines e faço o caixa. Essa é a minha rotina de trabalho na *Praza*, muito intensa. Compro a matéria prima diretamente na *Praza*, também em diferentes lojas ou por distribuidores que me entregam no local de trabalho. Como levo pouco tempo trabalhando aqui, não vejo mudanças, também não tenho opiniões sobre as mudanças de períodos como a entrada na UE, nem da reforma da *Praza* porque eu ainda não estava aqui nesta época; já sobre o acondicionamento a melhorar e que é muito desejado, é um espaço de estacionamento. Considero que a *Praza* deveria contar com um *parking* mais perto para dar este serviço aos clientes. Se penso em algo que me incomoda do meu trabalho seria o frio no inverno, no mais me sinto bem no meu trabalho, a convivência com as companheiras e companheiros é boa, ainda que poderia melhorar. Nesse sentido, gostaria que cada pessoa se ocupasse das suas coisas e que se trabalhasse com mais profissionalidade. A relação com os clientes também é boa, além de muito boa, a relação é direta e pautada na confiança, nunca tive nenhuma queixa das compradoras nem dos compradores. Penso que as pessoas valorizam o espaço da *Praza*, sim, com certeza. Na vida escolar tive uma boa formação, ainda que muito focada na teoria, acho que é necessário um enfoque mais prático na educação. Na *Praza* não sei avaliar o nível da educação dos outros, desconheço. No meu caso eu passei toda a vida estudando e agora

necessito levar os meus conhecimentos à prática, por isso na verdade não penso que necessite mais formação, penso que sim tenho a formação suficiente para fazer o meu trabalho. Outra coisa por melhorar seria a vida social, mas atualmente está difícil de ser pensada, mas penso que uma boa comunicação sempre é útil e importante. Eu me informo com a rádio e a televisão, mas tenho redes sociais e utilizo aplicativos no telefone para o trabalho. Utilizo o telefone para o pessoal e o laboral, conheço e tenho conta no *Facebook* e uso quase diariamente, para uso profissional. De fato utilizo *internet* na *Praza*, para revisar correio eletrônico, *webs*, consultas, contabilidade, e outros, ofereço a forma de pagamento com cartão de crédito também. Considero que a tecnologia pode melhorar o meu negócio, penso que temos que nos adaptar aos tempos atuais, porém sem perder o norte. Na *Praza*, a clientela é variada, está mudando para um público mais jovem e há que adaptar-se. Eu acho que a *Praza* não vai seguir se desenvolvendo no sentido tradicional, penso que não, vai adaptar-se aos novos tempos. Alguns vendedores tentam atualizar-se aos tempos como podem, já a Gestão e a Prefeitura (*Concello*) fazem o que podem, mas não é suficiente. Algo importante para a melhor a *Praza*, insisto que seria ter um *parking* debaixo ou muito perto e horários mais flexíveis, ter um estacionamento seria uma facilidade para os clientes que vêm de fora e estaria bem poder estacionar, para mim este é o grande problema aqui, desde o meu ponto de vista. Sobre a possibilidade de permanência deste negócio, a verdade é que eu gostaria que meu filho encontrasse seu próprio caminho, se é aqui na *Praza* está bem porque teria um caminho um pouco feito. No tempo livre, quando não estou trabalhando, vou estar com a família, fazer Pilates, bricolagem (*bricolaxe*)... Me sinto bem aqui, estou fazendo o que eu gosto e vivo do meu trabalho, gosto do que eu faço.

- **EMC:** É uma mulher sossegada e com uma atitude de profunda educação para com as pessoas, demonstra ser tranquila e tem uma relação de seriedade no trabalho, mas ao mesmo tempo de muita leveza. Começou a trabalhar ainda jovem, com 22 anos de idade e, como muitas galegas, teve que deixar sua terra por motivos laborais, nesse sentido carrega consigo uma parte grande da história local que é

feita de idas e às vezes de vindas. O retorno à Galiza se deu no seu momento, e veio junto com a perspectiva de montar um negócio com um projeto próprio, iniciando, assim, uma atividade na *Praza* com sete anos de funcionamento. EMC é chefe de família e trabalhadora da *Praza*, uma pessoa multifacetada que vai de administrativa, chefe de comunicação, cozinheira; atenta com o público é autônoma, totalmente autônoma e com uma rotina bastante intensa, mas muito organizada e com o sossego de quem vive do próprio trabalho. Sente-se bem na *Praza* e isso dá para notar pelo olhar que irradia e na atitude de quem gosta do que faz.

7) EHE

Sou um urbano que por vontade de mudar de forma de viver, decidi ir ao campo, à casa familiar, e começar um negócio de cultivo da terra, ecológico, empregando modalidade de ferramentas artesanais. O ecológico foi por sentido comum, não sou ecologista, mas penso que deve ser de sentido comum resgatar isso e tentar viver de maneira mais saudável e harmônica com a natureza. Viajei muito, levava anos fora daqui e, um dia, de passagem, ao estar em casa no interior, surgiu a vontade de me firmar e montar algo assim, de origem, porque sou galego e o rural habita em mim. Eu nasci em um interior profundo (em uma *aldeia*) a 50 km de Santiago, em um hospital, digo que fui criado e cresci ali. Cheguei na *Praza* um dia por provar buscando uma forma de venda mais rentável, trouxe meus cultivos para provar e justo nesse dia foi uma má sorte porque ao chegar não havia ninguém, era feriado, acho que era o dia das Letras Galegas e a *Praza* estava fechada. Então já decidimos voltar outro dia e falamos com a diretora da *Praza* e já começamos com um posto aqui fixo, este posto onde estou; pensamos que a *Praza* era central, que íamos vender um montão, e nada, já sabemos que as vendas aqui são muito justas, paga gastos e pouco mais e às vezes nem isso. Lembro pouco da minha infância, não sou dessas pessoas que tem grandes lembranças da infância, porém penso que foi uma infância relativamente feliz, ainda que tenha estado muito tempo doente das amígdalas. Então, estava permanentemente doente e isso foi algo que me deixou muitas marcas. Antes fazia muito frio e nevava e na minha

casa sabiam que ia nevar porque eu ficava doente, sim, era assim. Vivíamos em um bairro pequeno, digamos que era fora do povoado. Depois nos mudamos um pouco mais para o centro da vila, isso quando eu tinha seis ou sete anos. Melhorei de saúde quando eu me operei, extirpação, me tiraram as amígdalas. Na medicina, o que se tomava naquele tempo era antibiótico, sempre, sim, muitos, muitos anos seguidos, cousa que obviamente influenciou em mim e segue influenciando. Eu sou o pequeno de três irmãos. O meu irmão maior nasceu em Venezuela, depois a minha irmã que já nasceu aqui, são três anos e mais três anos entre eu o pequeno. Meus pais eram daqui, foram, estiveram ali uns 10 anos e voltaram para aqui, retornaram porque meu pai quis voltar, minha mãe estava ali encantada, mas meu pai queria voltar e voltaram quando meu irmão tinha dois anos e aqui ficaram. O colégio era semiprivado e o diretor, e proprietário do colégio, era parente. Assim, minha infância foi de influência religiosa e também muito influenciado pela violência, eram hiper violentos. Era um colégio misto. Basicamente, o colégio era um internado, eu ia pela semana pela manhã, ia almoçar em casa, voltava à tarde ao colégio, e depois era o colégio que tinha internos, gente que estava ali, meses, anos (eu não fui interno). Havia crianças que não viam os pais por dois anos, os pais estavam na Alemanha trabalhando e eles pensavam que estavam fazendo o melhor aos seus filhos mandando ao internado, e ficavam ali, dois anos e ali se criavam, no colégio enquanto os pais trabalhavam. Também era um colégio que tinha fama de endireitar os meninos conflitivos, então havia muitas crianças arengueiras, mas eram adolescentes, eram adolescentes como todos, uns mais travessos do que outros, mas claro, apanhavam, batiam tanto neles, a gente acabava por se endireitar, melhor fazer o que dizem para que não me matem na porrada. Então, era assim, tinha uma figura onipresente, a do diretor, era super patológico, nas portas tinham janelas de vidro em todas porque ele andava pelos corredores e olhava, andava sempre ali como espiando o comportamento dos alunos. Era muito particular e às vezes, de repente, até no meio de uma prova, alguém poderia entrar na sala de aula e dizer “discurso do senhor diretor” então se abriam duas aulas que se juntavam e podíamos estar ali três horas, falava de higiene, reclamando das crianças, era tudo sempre negativo falando as

crianças e das famílias. Era um autoritarismo total, uma pequena ditadura escolar, e de repente, chegava este homem e começava com o seu discurso, criticava os professores. Eu lembro de meninas, principalmente meninas que caíam de fraqueza, sem o café da manhã, de pé porque não havia lugar para todos, o ambiente era carregado e elas desmaiavam e tiravam elas, mas o discurso não era interrompido, proibido interromper. Era algo incrível e é agora quando mais me vêm à cabeça essas influências, é do que eu mais me lembro, agora nestas alturas da minha vida, não sei se é porque tenho uma criança, uma menina que está no colégio, não sei, mas foi algo para que eu não atentava até faz muito pouco tempo, mas vêm essas lembranças, *flash-backs*, e tudo assim. E depois vida normal, com os companheiros bem, o colégio era misto (tinha homens e mulheres). As amizades que tenho na atualidade a maioria foi feita ali, eu tinha muitos amigos, felizmente. Fiquei nesse colégio até os 14 anos e tudo isso estava integrado na rotina, não era algo que fazia sofrer, formava parte da realidade que foi dos quatro aos quatorze. Na infância não lembro de nenhum professor porque tudo estava condicionado a essa figura, a atitude pedagógica da época era severíssima, mas sim tenho carinho por certas professoras que tive, mas lembro muito pouco, o carinho estava em casa. Na escola não havia, não se promovia a afetividade, era instrução e penso que isso foi a evolução de toda a etapa passada (ditadura). Algo que lembro de afetivo é que eu amo a música, sei que movia os braços e que fazia com muito jeito, depois no último ano de música me botaram pra fora do coro, eu gostava de cantar, mas acho que desafinava, então não pude cantar. Apesar dessas coisas, eu sempre estive bem, amparado, e tinha meu grupo de amigos, eu me relacionava com quase todos e fazia muito esporte. Na infância tinha algo que para mim, era a liberdade, na infância, a diversão e a felicidade, eram os verões na praia, aquilo sim que era vida. Isso para mim era a infância, aquilo era a minha infância, até me lembro de me banhar no mar no inverno. Também no interior (na aldeia), na casa dos meus avôs, passei bons momentos, mas a associação direta da felicidade infantil são os verões na praia. Ali também foi onde meu irmão teve um acidente mergulhando na praia e ficou tetraplégico, então, claro, meses hospitalizado, e eu isso sim que considero um fato

transcendental na minha vida e na vida da minha família, então, claro, te comento isso porque, claro, foi um fato muito relevante. Então, pois, no segundo grau, tenho gravado que nos primeiros exames perdi a avaliação e isso foi traumático, não entendia, não era capaz de assimilar esse fracasso, não entendi porque isso aconteceu e acho que isso marcou todo o meu segundo grau, não sei exatamente o que aconteceu porque eu tirava muito boas notas. De aí foi somente para baixo, repetia curso e só fui entrar na universidade adulto depois de fazer um curso noturno porque de dia trabalhava e já era muito maior. E entrei na universidade com 25 anos, mas pouco fiz. Comecei a fazer universidade a distância porque também estava trabalhando e quando chegou a época das provas deixei. Era essa necessidade que tinha pouco sentido, era mais o sentido de ter uma universidade porque se tinha um sentimento de inferioridade por não ter os estudos superiores e era isso que nos conduzia a querer ter estudos superiores. Representava *status* para os teus pais, sabe? Porque a maioria... é que eu acho que no meu interior, no meu interior, nenhum pai dos meus amigos foi à universidade, nenhum, zero. Alguns tiveram a vida boa, foi super bem, quase sempre, mas... não pelos estudos, nenhum, e claro, era uma obrigação ir à universidade, era como algo básico, uma exigência biológica. Eu não sei exatamente o que aconteceu com a parte acadêmica, não sei o que tirou a minha motivação porque eu era muito estudioso e ia bem, queria saber o que aconteceu, fico chateado de não saber, mas não por complexo, de verdade que não me importa nada não haver ido à universidade, mas eu queria saber o que aconteceu. Então, era aquilo, quem não estava na faculdade era quase como não ter um ensino básico, no contexto em que me criei, e depois todos os meus amigos, no interior (na *aldeia*) nenhum, nenhum terminou a universidade, mas depois o resto dos amigos que eu fiz em todos os lugares, acho que que todos fizeram, todos, todos estão licenciados. Acho que no final também é um estrato social no qual você se criou e no qual isso predomina, mais de interior, não sei. Bom, eu era e sou uma pessoa tímida mas sociável, muito sociável. Lembro que tive uma professora de Literatura maravilhosa, sim, incrível, me emprestou livros. Ela contava setenta anos ou mais e foi uma professora em todos os sentidos da palavra, uma pessoa que me

ensinou a amar o que ela amava e sabia que era a literatura, então essa foi definitivamente a professora que me marcou, lembro o nome dela... Não sei muito mais sobre ela, sei que o marido dela morreu e que o marido também gostava de poesia, e não sei muito mais, só sei que ela era muito elegante, educada, distante mas carinhosa.

- EHE

O agente social entrevistado narrou suas experiências dando voz a fenômenos sociais de grande transcendência na conformação do sujeito que emerge de dinâmicas sociais e que compõe na atualidade um conjunto de significados que supera a história pessoal e fala da sociedade, de sistema educacional e de dores (como problemas coletivos) que estão pendentes de serem sanadas. EHE viveu uma Galiza difícil e silenciada e que de alguma maneira terá que ser atualizada, ressignificada. Histórias de vida como as de EHE não são muito conhecidas e impactam, não somente pelo conteúdo do relato, senão e também pela retórica do narrar, uma tranquilidade de quem busca entender o acontecido e transformar em aprendizagem para empregar o melhor de si na educação da sua criança que, como ele mesmo e de alguma maneira afirma, é a que evoca, no aqui-e-agora (ao ter a filha) todas as possibilidades de reparação ao pensar nessas vivências e poder vislumbrar possibilidades de reparar e dar o melhor de si.

8) EHA

Perdeu-se a entrevista (áudios e transcrições) de EHA e, por este motivo, não se contou com os meios necessários para reconstruir um resumo biográfico deste agente social entrevistado através de entrevista vincular em profundidade, que se fez em dois encontros, no qual cada encontro se deu em mais de três horas. Nesta entrevista acedeu-se a um contexto discursivo que levantou várias hipóteses e que depois foram trabalhadas na construção teórica. Uma delas é a separação entre camponesas e agricultoras/or, que resultou no entendimento de um novo lugar de voz herdado das delas. Na atualidade “paisanas” (camponesas) e agricultores constituem-se como dois contextos discursivos diferenciados, no entanto, unidos por uma

mesma vincularidade, a do rural galego. Outra hipótese levantada nesta entrevista foi o lugar de periferia por onde alguns coletivos da *Praza* transitam, dentre outros temas que resultaram ser de profundidade investigativa.

- EHA: É um agricultor que vem de outra localidade, em mais de uma hora de trajeto, todas as quintas e sábados para vender os produtos que ele mesmo cultiva. Uma pessoa de mediana idade, que a raiz da crise econômica de 2005 deixou sem trabalho e decidiu recorrer à atividade de sua avó e mãe para poder sobreviver, ou seja, plantar para vender na *Praza* e assim garantir o sustento da família. Na cidade de origem de EHA há uma grande *plaza* que funciona bastante bem, me informa, e foi ali onde a avó e a mãe exerceram de *paisanas*-agricultoras. Entretanto, “santo de casa não faz milagre” me disse, ao tentar vender ali e não conseguir clientela, resolveu provar a venda em Compostela, onde, aí sim, encontrou acolhimento, cumprindo sete anos de trajetória que está tecida de força de vontade e estilo próprio. EHA é um trabalhador incansável que oferece produtos frescos da horta galega e, de quebra, um momento interativo de entretenimento, conjugando ternura e zombaria na fórmula “Dime nena, dime neno”, (Diga-me, garota; diga-me, garoto) seguida de um chiste. Quem passa pelo posto de EHA, com certeza, sai leve, com a bolsa cheia de campo e um sorriso fresco.

9) EMA

Eu sou uma mulher *paisana*-agricultora que leva a vida trabalhando na *Praza* faz mais de 30 anos, eu era do campo profundo (*da aldeia*) e venho à *Praza* desde os 18 anos com minha mãe. Lembro da minha infância muito feliz, muito feliz, feliz mesmo, eu era como o bebê da casa porque fui a única menina de dois filhos, sendo que meu irmão era 12 anos mais velho. Ao chegar em casa da escola somente lavava os pratos, naquele tempo ajudava-se em casa; tinha que me ocupar dos labores domésticos, como toda menina da época, mas não fui ao campo como muitas. Quando eu era pequena tinha muitas amigas e primas e elas sim trabalhavam muito no campo (*na leira*), tinha que levar a erva, tinha que encher o carro de erva, eu

não, eu somente ajudava na casa, o piso era de madeira e tinha que limpar, esfregar, coisas de casa, às vezes sim meu pai me levava ao campo, mas era com os cavalos, naquela época se lavrava com animais, não com máquinas. Na escola tinha uma professora que me batia - assim, dando um sopapo grande na cara - me golpeava porque eu era muito faladora, me batia forte assim no rosto e me doía muito. O tempo passou e faz uns cinco anos a vi pela rua, meu marido me animou para eu ir lá falar algo com ela, reclamar pela conduta feia, mas eu não fui. Antes era assim, na escola batiam, davam golpes, mas foi somente ela, os outros não, os outros o máximo que faziam era colocar para fora da sala, no corredor. Eu vivo perto da praia, eu não ia todos os dias à praia porque meu pai não me deixava, mas os domingos todos, mas não sou de família de marisqueiros, eu nunca fui mariscar e pensava desde pequena que eu não sabia mariscar, mas até seria melhor que eu fosse mariscar, ganhava mais e tem outras vantagens que na terra não temos. Eles têm o seguro subvencionado, trabalham vinte dias ao mês e cobram um salário bom, cobram bem e não têm a necessidade de investir, quero dizer, o mar te dá, ainda que também é certo que eles também têm que cuidar para que tenham mariscos (*sementar*), mas o benefício que têm é muito bom e, ademais, se aposentam aos 63 anos, antes que as pessoas agricultoras; além do mais, se eles têm uma dor nas costas, os médicos dão licença médica, mas as agricultoras e agricultores não, ter dor nas costas é normal, faz parte do trabalho, dizem eles. Uma recordação bonita que tenho era estar com as crianças, eu gostava muito, tinha uma vizinha com três crianças e eu sempre queria estar com elas delas cuidar. Também eu não tinha televisão em casa e esta vizinha sim, e eu ia ver televisão na casa dela, naquela época o mais legal era ver *eurovisión*, era o programa da época e da moda. Outra felicidade que eu tinha era no domingo, era o dia de comer um biscoito de chocolate e eu passava toda a tarde comendo um biscoitinho (risos). Uma recordação feliz, para não dizer o contrário, era ver o vendedor de sorvete passar todos os dias diante de casa, ele vinha em uma bicicleta, eu buscava pela casa toda um centavo (2 *pesetas*) para ver se comprava um sorvete e nunca comprei, ficava ali com cara de pena e não podia comprar e essa é uma recordação que eu tenho desde pequena, está aqui, cravada

na minha cabeça. Também não tinha boneca, fazia boneca de milho para brincar, o cabelo e tudo de milho. Na verdade, eu tive uma, uma boneca em toda a vida, foi o meu irmão que me deu de presente, mas ela ficou sempre dentro da caixinha e minha mãe nunca me deixou brincar com ela, aí quando nasceu meu filho eu dei para ele brincar e ele quebrou a boneca (risos). Naquela época, não se tinha nem duas pesetas e agora isso mudou e penso que está mal, é que não se pode ter tanto, nem tão pouco, e estou falando das crianças de hoje. Eu estudei, acabei o ensino fundamental todo e cheguei a começar até o segundo grau (*bachillerato*), mas aí neste ano comecei a trabalhar em uma fábrica de conservas (*conserveira de mechillóns*) e deixei o estudo, já tinha trabalho e não tinha vontade de estudar mais. Depois, ao ter crianças, tive que deixar o trabalho, eu tive três crianças em seis anos e um dos meus filhos teve um problema que tinha que ser operado. Assim tive que deixar a fábrica e comecei a trabalhar no campo (*na leira*); eu levava as crianças comigo e era uma ajuda para dentro de casa, minha mãe e meu pai trabalhavam e não podiam estar com meus filhos. Quando tive netos eu os cuidei, cuidei dos meus netos para que minha nora não perdesse o trabalho, mas naquela minha época era tudo muito mais difícil. Tenho minhas netas, uma com nove anos e outra cinco, eu peguei elas desde que eram bebês para que a mãe não perdesse o trabalho. A *Praza* antes era maravilhosa, era maravilhosa de movimento e não tem nada a ver com agora, pois antes éramos 80 pessoas no mínimo, oitenta pessoas de fora, assim nosso trabalho era vender de *paisanas* e isso era bonito, era muito bonito, agora é triste porque, porque somos poucas e tampouco há gente para comprar, agora as pessoas vão comprar no supermercado. Eu aqui busco ser muito atenta com os clientes e tenho todo tipo de clientes, há clientes mais melindrosos e outros normais, mas há de todo o tipo. Isso aqui é como uma relação psicológica, você tem uma relação com muitas pessoas e às vezes a relação é mais intensa do que algumas pessoas da nossa própria família, porque encontras sempre, sempre vêm aqui, sempre são as mesmas clientes, em sua maioria, são sempre as mesmas, que me conhecem e que vêm junto a mim desde faz muitíssimos anos, eu aqui tenho clientes que já eram da minha mãe, sim, sim, estou falando de gentinha muito boa. E olha que no princípio

eu não gostava nada, nada de vir à *Praza*, sabe, porque isso cansa muito, cansa muito, muito, sabe?! A minha mãe deixou de vir à *Praza* ainda jovem por um problema que ela teve, eu também já não queria que ela viesse porque estava com os ossos muito desgastados, sabe, porque antes ainda era pior, não havia roupa para abrigar-se, as *paisanas* se molhavam, tinha que ir lá longe pegar o trem. Agora que estamos na pandemia, já não está permitido que as idosas venham à *Praza*, está proibido, isso foi uma mudança muito grande, agora as que estão com a carteira assinada como autônoma e que tem os papéis ficaram, as outras para casa, já não as deixam vir, quem queira vir trabalhar tem que pagar a previdência social (*o seguro da agrária*). E isso, eu antes não gostava de vir. Depois você vem, e vem e cada dia e eu ia gostando mais, e cada dia eu gosto mais porque eu venho e enquanto eu estou aqui, ainda que eu tenha um problema grande, eu me distraio muito. Neste momento da minha vida estou passando por um momento muito difícil, tenho vontade de chorar e não sei o que fazer e não queria falar disso, mas saiu e vir à *Praza* me distrai. É assim, quanto eu tenho um problema eu vou trabalhar, eu vou ao campo (*para a leira*) e estou feliz, o problema não desaparece, mas eu fico feliz, me distraio. Iniciei a vir à *Praza* e isso é a minha vida, é o meu trabalho, vives dele, quero dizer, viver dele não, é mais bem uma ajuda, contribuis na casa para comer e para pagar o seguro autônomo. Às vezes consegues o suficiente para pagar o seguro, e outras vezes não, isso depende da época. Estou falando do seguro de autônomo da agrária, e há que pagar a cada mês, varia o valor a depender da data de quando se cadastra na Previdência Social (*quando se dá de alta*), mas são quase 300 euro e tenho que pagar para poder me aposentar um dia.... Tá vendo?!, no mar são mais vantagens, quero dizer que o setor do mar está super protegido e assim tínhamos que estar todos. Não tenho explicação por que o setor do mar está tão protegido, penso que é porque é um setor que se uniu, que são autônomos do mar. Sabe que na pandemia tivemos que jogar as coisas no lixo? E não estava permitido vir trabalhar. Eu sinceramente não vejo um futuro aqui na *Praza*, não vejo um mais além. Aqui estão fazendo muito para o turismo, de fato eu o que vejo que vai funcionar aqui é esse pavilhão de bares, eu não sei. Eu o que vejo é que estamos quatro aqui e a gente

jovem já não se vê, nem se vende nada. O nosso setor deveria estar um pouco mais ajudado, porque, claro, há que fazer muita inversão, uma estufa (*invernadeiro*) custa um montão de dinheiro e quando vem um temporal e o vento rompe o plástico não há ajuda para repor, quebra a balança e tem que jogar fora, um alface que não vendes, há que jogar fora, tudo são gastos. A nós, quando foi tudo isso da pandemia nem uma ajudinha para pagar a carteira (*o seguro*) e acho que isso não é pedir demais. Também a *Praza* poderia melhorar, eu sou da ideia de que querendo tudo pode ser feito, ainda que percas algo, perder sempre há que perder, mas querendo se faz muitas coisas. A qualidade do produto é dada pela terra (*finca*), é um produto que sai do campo (*da leira*) e vem para aqui, fresquinho do dia; isso mais que falamos com as pessoas, essa é a qualidade da *Praza* trazida por nós, as *paisanas*.

- EMA: É uma jovem senhora doce e tranquila que atende ao seu público de forma diferenciada, cada uma tem sua dinâmica: umas colhem a verdura, outras não, umas falam com palavras e outras com gestos, cada uma de uma forma, mas todas elas tratam-se por seus nomes, guardando uma intimidade e conexão desde um simples olhar até conversas pessoais. EMA é uma das *paisanas*-agricultoras com mais tempo na *Praza* atualmente, é filha e neta de *paisana* e ela mesma *paisana* é. A motivação desta galeguinha é contribuir na despesa da casa com algo de dinheiro e, ao menos, tentar pagar a cotização para um dia poder se aposentar, aí estão sua luta e sua fortaleza, concentradas na certeza de que o trabalho e a força de vontade são suficientes para seu caminhar. EMA demonstra a profunda conexão do rural galego com a força das contradições, entre um setor que foi desenvolvido na direção da garantia de boas condições laborais (o mar), e de outro que vem acarretando com o desprestígio histórico (a *leira*); para ela a união é que marca a diferença. Ainda assim, essa jovem senhora é todo um exemplo de valor, ternura e companheirismo, sempre dialogando com a cadência da linguagem de quem é e tem companheiras de trabalho, com esse olhar que fala e a voz que enxerga.

8.3.2. Abordagem dos trajetos educativos

Ao falar de trajetória educativa, maneja-se o conceito trabalhado por Caride, Grandaille & Caballo (2015), que entendem a educação como “una práctica que se hace *en* sociedad, *por* y *para* la sociedad, en todas las sociedades” e afirmam ainda que a educação “siempre ha sido “social”, a pesar de la tendencia reiterada a confinarla en las escuelas o a perpetuarla en sus pretensiones individualizadoras”. Assim, a trajetória educativa define e contempla um percurso social em trajetória vital, a qual contempla tanto aspectos da experiência escolar como demais aspectos das vivências sociais e relacionais, quer dizer, das dinâmicas do sujeito com o outro e com o meio, mediante processos grupais comunitários, de forma socialmente constituída e historicamente determinada, abarcando, como foi sistematizado no primeiro capítulo deste informe de investigação, os enquadramentos de Vigotsky (2001), Freire (2003), Pichón-Rivière (2005) e Quiroga (2014). É, enfim, a educação como elaboração cultural.

Nas entrevistas em profundidade, se acedeu a uma diversidade de histórias formativas, realidades que funcionam como “emergentes” sociais, nos quais as pessoas contadoras de histórias de vida seriam “porta-vozes”; e as experiências positivas e negativas trazidas por estas pessoas constituem as matrizes de aprendizagem de cada sujeito que também reverberam e compõem as matrizes de aprendizagem compartilhadas na *Praza*. Insiste-se na ideia de que o “emergente” pichoniano é um fato trazido por um sujeito na cotidianidade grupal e que na verdade esse fato posto, revelado, representa uma dimensão de certos processos sociais e históricos. Assim, o papel de “porta-voz” é lido como um membro do grupo que, em determinado momento, “denuncia el acontecer grupal, las fantasías que los mueven, y las ansiedades y necesidades de la totalidad del grupo. El portavoz es un rol en el cual el sujeto no habla solamente por sí, sino por todos”, ao conjugar a verticalidade e a horizontalidade do grupo (Pichón-Rivière, 1985: 158). Dessa maneira, as histórias narradas, ainda que sejam feitas como um relato pessoal e individual, fazem parte e representam uma cosmovisão social, de vozes coletivas e de lugares e dinâmicas

comunitárias recorrentes e reverberadas em distintos agentes sociais que compõem a comunidade abastiana.

Assim, a aprendizagem se dá a partir de certas referências, quer dizer, está constituída em cima de uma matriz coletiva especificada, as MAC. Essa modalidade de aprender se conforma e se fixa a partir das relações sociais e dinâmicas de relações históricas e ancestrais. Nesse sentido, para poder sistematizar algumas bases educativas dos processos, há que ter em conta tópicos que serão abordados na continuidade desta Tese, que se configuram como emergentes sociais (uma manifestação atual fixada em uma configuração prévia, é o que aparece de uma estrutura subjacente), que são abstraídos como pontos-chave de abordagem das entrevistas.

a) Personagens e cenários dos processos educativos

Na sequência, descrevem-se alguns relatos que se reportam à educação na perspectiva do sujeito da práxis freiriana e do aprender a aprender pichoniano, em que pode ser observado um relato que certifica características de fundamento educativo, de matrizes de aprendizagem (sublinhou-se):

Era moi recta pero nunca nos pegaba e avisaba, pero nunca nos pegou, e se algunha nena lle facia mal a otra ela collia a nena que facia o mal, mandavalle, puña de pé, puña as duas de pe e entonces a que facia mal tiña que dar un bico e eso que non volva a pasar, aqui somos todos igual, que non volva a pasar. Eso, tiño ela moi presente, non habia esta cousa que tiña agora, ela xa desde o principio xa controlaba todo, e tiña nena dos 6 a 14 que non era como hoxe, que e distinto. Ela era moi boa. De feito eu conocín as netas e aqui na Praza eu falaba sempre dele (EMF); Foi a única, pero a mellor claro, a única pero boa. A min me marcou moito. Xa tivera unha madriña que era así, xa miña madriña que morreu tería eu catro anos xa era así, tamén e logo un xefe que tuben en Francia, e ele era igual, era unha farmacia, un laboratorio, e el puñiaaa, a única extranxeira era eu. Pero, sempre hai unha persoa que estaba facendo algunha trastada, non, pos él asi collia

aquela persona e falaba diante de todos, “que eso que non volva a pasar” (EMF);

E hai xente... Mira, eu ainda onten falei con o rapaz de Japón, que veu, me buscou pero non me encontrou e deixoume un detelle. Por que? Porque eu sempre o tratei ben, e non o engañei. Que hai xente porque que e un rapaz novo, porque e un extranxeiro ten que dar calquer cousa, non, ti tens que tratar a xente toda igual, a xente e toda igual (EMF).

Como observado no discurso ora transcrito, há um cenário interno composto por personagens (madrinha, professora e chefe) que vem ilustrar uma conformação de matriz de aprendizagem e de composição de personagem no âmbito interior (verticalidade, a do sujeito), a qual a agente social traslada, a uma prática pessoal concreta que busca tratar as pessoas de forma igualitária, com justiça. Essa dinâmica revela um personagem interno da agente social, ao mesmo tempo em que é, sem dúvida, uma ilustração de dinâmica de aprendizagem social, uma educação cultural trazida pela agente entrevistada e que exemplifica o lugar da história de formação e aponta um padrão de pensamento e que se concretiza em dinâmica comportamental da agente, no momento presente. É uma matriz de aprendizagem, uma maneira como a agente entrevistada organizou e significou seu universo de aprendizagem social que foi transposto na *Praza* e revisitado na cotidianidade do contato com a coletividade.

b) A configuração rural e urbana da realidade educativa

A configuração díspar em termos de educação escolar não é um problema em si, mesmo porque se trata, em última instância, de manifestações de caráter diverso do coletivo grupal, que compartilham processos e atividades laborais em um espaço comum especificado. O não ser um problema ou obstáculo se dá principalmente porque as experiências e ferramentas adquiridas na instituição escolar não estabelecem uma aplicação direta e consciente nas atividades desenvolvidas na *Praza*. Nesse sentido, é um lugar discursivo bastante comum a ideia de que as ferramentas usadas na atividade de mercado

são aprendidas na interação e realização do trabalho, e não dadas a partir de instituições escolares.

Case todos teñen este oficio heredado e vas aprendendo. Ó mellor non sobra saber máis, pero coa experiencia é suficiente (EHF).

Non hai escuela, non hai escuela, metemola pata... Cando cheguei a unha idade quería aprender un oficio, surgiu de traballar nunha carnicería, estiven traballando e despois puxenme solo... (...) traballar na aldea, na aldea, o que é traballo de carnicería (...) aprendín, aprendín pouco (...) na carnicería empecei a traballar e ías aprendendo... (EHC); Podes plantar ao longo de todo o ano, baixo plástico si, e tamén sen plástico agás que teñas totalmente solagado o terreo pero podes plantar todo o ano un montón de cousas, que pasa? Que é intelectualmente tan complicado facer unha planificación axeitada e logo tendo en conta que as cousas non saen, hai que ter en conta que hai factores que non podes controlar que hai que controlar moito para ter produción constante todo o ano, hai que saber moito, moitísimo, e aínda sabendo moitísimo vas a ter un montón de problemas porque estas traballando con algo vivo con algo que realmente.. unha cousa e facer analíticas e logo hai de desenvolver un coñecemento, unha sabiduría e unha intuición empírica que eso collese nunha horta?! Collese con vinte ou trinta anos, non con tres. É moi complexo (EHE).

A ausência de estudos escolares responde a uma realidade de desigualdade e de falta de oportunidade, na qual algumas pessoas puderam aceder a educação escolar e outras não, e/ou na qual a alguns agentes foi garantido o direito a estudos regrados e a outros foi negado esse acesso e possibilidade:

No caso meu, ou no caso de moitísimos compañeiros meus, que diríache que un oitenta por cen non fumos a escuela non porque fomos, igual eramos tan listos como cualquiera pero o mundo era así, non había oportunidades para ir a escola, mandabamos traballar traballar e traballar enton a persona hoxe quen se defende hoxe en día un pouquiño (...) (EHC).

Há de se ter em conta, porém, que os motivos originais da desigualdade e a falta de oportunidades são externos às dinâmicas da *Praza*, quer dizer, não constituem problema endógeno; entretanto, também é certo que se trata de uma vinculação a umas práticas passadas e que se fazem presentes por testemunho daquelas pessoas que viveram em outra época da sociedade galega. Assim, as pessoas agentes com nenhum ou com baixo acesso escolar funcionam como porta-vozes de um fenômeno que emerge, para testificar um tempo que já passou, mas que continua existindo (nas matrizes de aprendizagem das pessoas que tiveram a descrita existência); essa realidade de desigualdade e da negação de acesso à escola estava posta como realidade cotidiana e que, na atualidade da Galiza europeia, essa dinâmica tende a ser lida como própria de um pretérito muito distante.

Isso não é, no entanto, de todo certo, porque como se encontram agentes cursando estudos universitários, também se tem agentes com grau de escolarização básico desenvolvendo atividades laborais na *Praza*, o que deixa evidenciado que essa suposta igualdade de oportunidade e acesso ao ensino formal não está sendo dada de forma instituída e plena, ou horizontalizada. Nesse sentido, a dinâmica do porta-voz traz uma realidade dialética, quer dizer, ao dar voz a sua vivência, o que se tem é a crítica ao fato atualizado.

A realidade do fenômeno escolar exposto na *Praza* alude, *grosso modo*, e tendo em conta o coletivo das pessoas, por exemplo (a partir de escala ou nível de escolarização, e esta relacionada à necessidade vital de adentrar práticas laborais para suprir necessidades vitais), coletivo este com ingressos adquiridos por meio do cultivo da terra para a venda dos produtos, assim retiram da *Praza* o sustento e nessa dinâmica dividida entre agricultura e venda na *Praza* não se disporia de mais tempo para uma atividade formativa. Quer dizer que, há, de certa forma, a busca de atividade laboral para suprir a necessidade de sobrevivência dada em detrimento de seguir com uma formação escolar, como dinâmica sobreposta.

No descrito processo não se trata de um fenômeno mecânico de transposição de uma dinâmica por outra - em um passado vivo ou a ideia de que “ou se trabalha, ou se estuda” - senão o que se tem é o

contexto de uma estrutura social condicionante, com uma elaboração discursiva na qual o trabalho campesino dirime o acesso ao grau elevado de estudo, e vice versa. Quer dizer que se tem um pensamento instituído no qual o trabalho campesino e o estudo escolar de nível elevado estão contrapostos de forma que se negam mutuamente: quem é agricultor-a é porque não estudou ou quem estuda o faz para não ser agricultora/or ou inclusive quem estuda o faz para deixar de ser agricultora/o, sendo estas formas de pensar instituídas:

Quen manda na *Praza* son os carniceros e os peixeiros e nós somos os paletos, os que non estudamos, ainda que eu estudei, estudei, he, teño os meus estudos, he e se estou aqui non e por non ter estudado, eh, que rematei o bachiller, pero nada, nós aqui somos o ultimo ou o nada para eles (EHA).

Não é que essas descritas formas de pensar não encontrem práticas e exemplo que a negam, senão que este é um esquema de pensamento geral que transita na realidade cotidiana da *Praza*. Ainda que igual decerto é que a necessidade de um trabalho vai romper com todos os esquemas de pensamentos, embora guardando sempre a margem para a ideia dominante de separação de trabalho pouco qualificado com a baixa ou nula escolarização.

Bueno, como apetecible, non che digo que sexa apetecible pero é necesario porque si ti non tes traballo tes que romper por algún lado, hai que romper, o que non se pode e quedarse de brazos cruzados, hai que romper polo lado que sexa, se tes un empleo atendeo ben atendido porque non che van a pagar por estar na cama, segundo os traballos están moi escasos, moi escasos, os bos e os malos menos para unha persoa... Se hai un traballo e para o que está un pouco preparado dende logo (...) (EHC).

Essa cosmovisão emerge de uma trama de significado socialmente constituída no qual o mundo agricultor é lugar de proscritos. Esta uma realidade e estrutura de pensamento que se dá na *Praza*, porém que não é própria desta, nem sequer da sociedade galega europeia, senão que se trata de um processo hegemônico histórico que estipulou a ruptura do trabalho manual com o trabalho intelectual. Se é, porém,

um esquema de pensamento que, ao não se conhecer seus fundamentos e origem, funciona como maneira de reduzir e menoscar a realidade e as pessoas que manejam o mundo rural em suas atividades, sendo que a *Praza* como um todo está enquadrada nesta comovisão do local e rural galego e alguns coletivos especialmente vinculados à imagem identitária do rural são especialmente degradados. Sendo que a questão do rural fica maquiada pelo dado de nível de formação escolar.

Como exemplo dessa realidade desigual de acesso a instituições escolares, tem-se o testemunho de duas pessoas entrevistadas, que abordam a falta de acesso (ou baixo nível de escolarização) por via das suas trajetórias vitais e da educação escolar. Os relatos feitos estabelecem correlação com a condição infantil, transpondo o ontem à realidade atual.

E outros non foron a escola, eu aínda fun algo, outros non foron nada. ... Como o que din, que, sobrevives, pero... Agora non sei de que se queixan os nenos, la verdad. Non sei de que se queixan, non sei de que se queixan (EMF); Moi pouquiña. Escola había moi pouquiña, escola había pero a nosotros non nos mandaban a escola (...) e que por exemplo eu a escola moi pouquiña porque estabamos de criados nas casas e para o que te querían era para traballar, non para mandarte a escola, non te mandaban a escola, mandábate a traballar... A infancia era ...para moitos era mellor, para moita xente, para moitos chavales era mellor para nosoutros era unha infancia moi mala, todo era traballar, traballar e traballar. O castigo, eu nunca vin unha pelota nos pés, desde que fun chaval nunca vin unha pelota nos pés, todo era traballar e traballar e nada mais e empezar a saír a un baile cando tiña quince anos, dezaseis, eu non sabía o que era eso (a escola), entendes? Pero era eu e os meus irmáns todos, somos doce irmáns e todos fixemos a mesma (EHC).

Nesse sentido, a história de parte da sociedade galega contada por pessoas idosas trabalhadoras da *Praza* está tecida em um lugar da infância muito diferente do que se tem instituído na atualidade, na qual a infância está amparada por uma série de leis, protocolos e

instituições que impedem que uma criança se dedique ao trabalho para a sobrevivência vital familiar e pessoal em detrimento do acesso a instituições de ensino.

Ainda, contudo, que a descrita realidade não se dê entre o coletivo mais jovem da *Praza* contemporânea (no sentido de falta de acesso à educação fundamental por motivos laborais) sim, se tem as necessidades (vitais) e possibilidades (materiais) em colisão no contexto rural. Quer dizer que, por meio do trabalho campesino, o qual está transposto na *Praza* pela atividade das *paisanas* e das pessoas agricultoras, para além da coletividade, dentre outras, se pode recolher a realidade de que a condição de pessoa agricultora na *Praza* pressupõe não haver acedido a níveis escolares básicos nem muito menos superiores. Ou seja, a configuração ideológica de divórcio entre o rural e os estudos formais se dá e não como “coisa do passado”, quer dizer que essa percepção é estrutural.

c) A percepção sobre a própria educação

Por meio das entrevistas reúnem-se algumas trajetórias vitais educativas que pressupuseram explicitar a opinião sobre a própria educação escolar. Assim, agruparam-se as opiniões da educação pessoal a partir de aspectos e perspectivas positivas e outras negativas. As opiniões positivas sobre a própria educação foram narradas da seguinte maneira:

A educación escolar foi estupenda, tive unha maestra estupenda, xa quixera ter unha maestra como aquelas, niña maestra foi moi boa, tube unha pero foi moi boa...Era moi recta pero nunca nos pegaba e avisaba, pero nunca nos pegou, e se algunha nena lle facia mal a otra ela collia a nena que facia o mal, mandavalle, puña de pé, puña as duas de é e entonces a que facia mal tiña que dar un bico e eso que non volva a pasar, aqui somos todos igual, que non volva a pasar. Eso, tiño ela moi presente, non habia esta cousa que tiña agora, ela xa desde o principio xa controlaba todo, e tiña nena dos 6 a 14 que non era como hoxe, que e distinto. Ela era moi boa. De feito eu conocín as netas e aquí na Praza eu falaba sempre dele... (EMF);

Era un colexio de curas. E todo ben, e ben, solo deporte, deporte, mellor deporte que estudar, pero ben. Era solo nenos, homens e nenos e homens profesores e alumnos. E al sair do noso colexio foi que empezo a haber nenas, nenos e nenas, a nosa quenda foi a última xa. O ambiente, era tranquilo, daquela non había... A min gustábanme máis ás dos números e, sen embargo, había profesores bos de letras e sacaba mellores notas nas de letras que nas de números. E e, é dicir, sí que ten que ver a relación que hai co profesor... Eu qué sei é una cousa que sale e gústanme...as letras non me gustan, as ciencias sí (risos)... Sí,sí,sí. Eu non teño mal recordo de nin do colexio, nin do instituto, eu non teño mal recordo de ningún lado. Eu sempre tiveron amizades en todos lados, así que. Facía tamén por ter. Eu era aberto, non sabes? (EHF); Como foi? Pois bueno como calquer neno, moi...feliz...tiñámois moitos amigos, ehhe non sei... non me gustaba moito ir ao colexio, era...sempre fun moi moi vago... Si, da infancia. Mira teño do colexio de parbularios, de infantil, hai unha monxa que foi a que me deu a min, acórdome dela que era Sor Monica Agente Social: E era bastante nova para ser monxa, porque había algunhas moito máis maiores pero era bastante nova e foi a que me deu a mín e si que lle gardo un recordo especial a hermana Mónica, a monxa Mónica... Pois non sei... Foi como, era a que nos daba sempre, era moi boa a verdade, era moi boa...a ver un colexio de monxas ten as súas cousas pero bueno, non sei, gardeille así un cariño especial... Era todo o mundo alí... Entón ese patio era como un jardín... era como no...era o jardín do convento, era super bonito, teño como moi idealizado, había así un columpio, catro cousiñas pero eramos moi poucos nenos, entón era como unha tranquilidade, estabase alí sempre, ehhe o que máis me gustaba era o recreo (...) (EHV);

De outra parte, as opinións negativas sobre a educación, que foram tecidas com suporte nas próprias experiências, saíram assim explicitadas:

Ai, dentro da escola foi o maestro que me colleurme da orella e tiroume adiante (...) Porque eu estaba falando, estaba no encerado, con unhas cuentas e veume falar e trrrriiii, colleume a orella e tiroume ali adiante, eu non cain, eh. El tiña costume da orella (EMF); A educación que recibín foi un pouco anticuada se a comparas coa de agora (EHF); Lembrome da escola, de algún maestro (...) O colexio era un colexio concertado (...) Y bueno pois moita influencia relixiosa e moita influencia da violencia, eran hiper violentos. Era un colexio mixto (...) queixándose dos nenos, era todo sempre negativo cara os nenos ou a familia dos nenos (...) era todo moi especial, como mesiánico, era un autoritarismo total, unha pequena dictadura escolar (...). a actitude tamen pegadoxica daquela época era de severidade y... pero, teño cariño cara certas mestras que tiven alí pero tampouco lembro un comportamento moi cariñoso pola súa parte, o cariño estaba na casa, a escola non era para cariño. Era así, sempre foi así, nunca tiven falta del pero todo na casa, na escola non había, non se promovía a afectividade, era instrucción, supoño que foi unha evolución de toda a etapa pasada (...). realmente non era xente que te motivase especialmente a aprender nada nin a facer nada, nin a facer nada fora da aula sabes? Non se, non se promovía a autonomía, nunca, era só instrucción (...). A educación era un pouco violenta, acordome de ver o director do meu colexio pegar verdadeiras palizas en alguns alumnos, palizas a estudantes internos (EHE); A educación que se da as persoas na escola actual hai falta dun enfoque máis práctico na educación (EMC).

As distintas realidades formativas relatadas, e que foram acedidas por meio das entrevistas, falam desde uma perspectiva pessoal, as quais, no entanto, compõem um universo social. Como já descrito, as vozes individuais falam por e para um contexto grupal - o da *Praza* - que é realidade como grupo que tem vivências formativas em um universo social de diversidade estabelecidos por intermédio de experiências históricas.

Em suma, a análise dos processos educativos aqui desenvolvida se deu a partir da concepção da “aprendizagem ao longo

da vida” (Caride, 2020), na qual esse enquadramento se tem em confluência com todo o recorrido no primeiro capítulo deste estudo, no segmento teórico que abordou o sujeito da prática (Freire, 2003), em situação (Quiroga, 2012) que se apropria da realidade para transformá-la (Pichón-Rivière, 2005) e que é socialmente construído e historicamente determinado (Vygotsky, 2001). Ou seja, se tratou de entender a trajetória educativa e dinâmicas sociais de aprendizagem como educação cultural e que nas palavras de Caride (2020) é educação de amplos horizontes pedagógicos:

Como propuesta y respuesta imaginamos una educación de amplos horizontes pedagógicos y sociales, individuales y colectivos, que se construya en, con, por y para la sociedad. Una educación que se substantive y adjetive sus identidades considerando las múltiples circunstancias (contextuales, personales, institucionales, ámbitos, temas, problemas, procesos, etc.) en las que inscribe sus teorías y prácticas... acogedoras e inclusivas de todo lo que representa lo social, cultural, formativo, etc. En ellas las denominaciones son múltiples y diversas, por lo que la Educación Social tampoco será ni podrá ser la que las abrace a todas, dentro o fuera de las escuelas, en las comunidades, las entidades y organizaciones sociales etc. (Caride, 2020: 52).

A educação descrita como horizontes pedagógicos e sociais amplificados, que abarca o individual e coletivo e uma diversidade de outros âmbitos (Caride, 2020) e que o próprio teórico afirma que não pode ser abarcado pela “Educação Social”, no estudo da *Praza*, foi entendida como sendo o lugar da educação cultural, tendo o presente estudo adentrado somente alguns dos seus aspectos e fenômenos, estes entendidos dentro desse lugar global tipificado aqui como educação cultural ou educação sociocultural.

d) Relevância da formação para a prática profissional na *Plaza*

A importância da formação a partir e para as pessoas entrevistadas vai depender de três aspectos.

- A história vital.
- A projeção que se proponha alcançar.
- De continuidade de um negócio herdado (aspecto conjugado aos outros dois).

Nesse sentido, tem-se dinâmicas que não percebem como valor e importância a possibilidade formativa institucional e o que se propõe é reproduzir as atuações já aprendidas na prática social e não a formação específica para a atividade na *Praza*:

Non, a maioría non... En plan de escola non... No demais tamén hai de todo pero moitísimo analfabetismo, moitísimo. E non collen escola, algún non colle escola, aínda que vote douscentos anos... Si, si, si, claro, claro pero vamos a cursos un dez por cen, cando hai cursos vamos un dez por cen... Non van porque “aprender non aprendo nada” “a min non me fai falta aprender nada, eu xa sei bastante” (EHC).

A formação específica para o desenvolvimento de atividades na *Praza* é valorada de forma escassa porquanto a maioria das pessoas considera que já contam com uma bagagem de conhecimentos que facilitam a sua atividade cotidiana, assim, a formação especializada (entendida como extra) é considerada como uma atividade que aporta pouco ao desenvolvimento profissional na dinâmica de trabalho da *Praza*.

Também se observam, no entanto, outras posições em relação à formação, como, num exemplo, aquelas que põem em valor o conhecimento especializado, pelo seu aporte à melhora dos serviços oferecidos. Nesse sentido, a motivação exposta pelo relato fala da necessidade formativa para atender melhor as/os clientes.

Si, aparte este ano estou tamén facendo un curso de sumellería, de servicio e tal, dende fai dous tres anos a parte do traballo estou estudando viño e a verdade que me encanta...Cada vez gustame mais enton e como algo (...) que vou aprendendo máis, a fin ao cabo é o meu traballo e gustame saber do que...sobretudo tamen para vender aquí

falo con máis confianza ao cliente, hai moitos clientes que non saben nada e hai moitos clientes que saben moito enton a min gústame ser humilde e falar do que sei pero teño que estar... Ter un pouco de nivel porque aparte así eu sei... si me queres comprar un viño eu podoche falar de calquera un pouco... Tenche que gustar. A min venme un pouco de... empezoume a gustar porque empecei a traballar con el e vin todo o mundo que o rodea, a xente que o rodea, os que o fan o viño, os que o beben, os co venden e tal... todo o mundo que hai que é super grande entón por aí empezoume a gustar e tal e que é un mundo super amplo (EHV).

Similarmente, tem-se a relação da necessidade de permanência do local para que este siga funcionando a partir da gestão de novas gerações, de um filho ou filha, por exemplo. Essa necessidade de garantir o funcionamento do local para as gerações futuras faz com que a formação (esta também relacionada à formação para a inserção de novas tecnologias) sejam relevantes e valoradas como uma opção positiva: “Se o meu fillo decide asumir o negocio (cousa que ele ainda non ten seguro e que eu tampouco) vamos ter que empezar con eso da tecnoloxia” (EHC).

Por fim, de todos os jeitos, nas três possibilidades antes descritas em relação à relevância da formação – na opção um sem relevância e nas duas outras opções com relevância (uma para a propriedade do saber e atender melhor o trabalho e outra para deixar a herança para novas gerações) - se tem a necessidade formativa a partir desta à vinculação da melhora no sentido de ampliar a capacidade de venda e alcançar melhores serviços para aumento de clientela e ingressos.

As percepções explícitas sobre a educação recolhidas na dinâmica de estudo de campo na *Praza* reúnem aspectos que transitam no lugar da estratificação social, na qual o prestígio está relacionado a ter mais educação escolar e o desmerecimento a não ter acessado ao estudo institucional (ou ter vivenciado pouco tempo deste).

Si, bueno...si gustaballe a forma que tiña eu, tiña, teño bastante moi bon carácter, dentro da miña ignorancia pois

teño bon carácter, atendo a xente moi ben e a xente tiña ese, quedoume ese...hai xente que...algun viría por lastima tamén digo eu (EHC).

Neste discurso, observa-se como a pessoa entrevistada se considera “ignorante” e atribui certas vendas ao sentimento de empatia que o outro - as/os clientes - possam ter; entretanto, não se enfoca no valor social aprendido e que pressupõe o desenvolvimento de ferramentas e capacidades, como pode ser o de “ter bom caráter e o de atender bem as pessoas”. A percepção de não ter educação por não ter certo nível escolar é um discurso e sentimento bastante recorrente na *Praza*.

As percepções inconscientes sobre a educação que emergem na *Praza* estão relacionadas à falta de conexão desta com as diferentes práticas sociais culturais-educativas desenvolvidas. De qualquer modo, não se tem a compreensão de que educação não se configura somente em dinâmicas de educação institucionalizada. Assim, a educação social ou cultural não é tida em conta na hora de explicitar opiniões sobre a relevância da educação.

No fragmento abaixo, entretanto, constata-se que o aprender a aprender a partir de dinâmicas sociais, sim, existe e é entendido como tal, como um processo de aprendizagem com o outro. Quer dizer que a ideia anti-hegemônica do aprender em sociedade também aparece nos testemunhos recolhidos em campo, entretanto esta é expressa como um ato falho e não está vinculadas à educação, senão ao saber. Esse aludido saber está muito mais relacionado ao saber-fazer do que ao conceito integral de educação:

Porque é necesario aprender, eu teño que aprender cousas de ti e ti podes aprender de min tamén, eu podo aprender cousas de ti tamén, podo, oe porque tal, mira esta chaqueta abotonada quedache mellor, se a pos abotonada quedache mellor, eu se cadra penso que estaba mellor así pero ao dicilo ti coño teño que, esta chica dixome que a chaqueta abotonada que me quedaba mellor, vou probar a ver, probó, cando mo dixó e efectivamente, teño que decirlle gracias, aprendin contigo, a chaqueta había que tal ou que ia mellor de esa maneira, pois hai que aprender de quen

sabe, ti igual, ti de chaquetas sabes mellor ca min, teño que saber que ti o da chaqueta dixechemo coa mellor intención e entendelo ca chaqueta e mellor abotonada, temos que aprender de quen sabe e cada día aprendemos unha cousa nova, ninguén sabemos... somos... bueno mulleriña bueno (...) Aprender temos que aprender todos todos os días, todos, todos pero en eso, en carnicería, en todo, temos que aprender, todos aprendemos que a todos nos fai falta saber (EHC).

Os processos educativos enquadrados como educação sociocultural descrita pela literatura vigotskiana, que no conceito freiriano é de educação da prática (*práxis*) e na teoria pichoniano é a apropriação da realidade para transformá-la - nomeada por Pichón-Rivière (2015) como “aprender a aprender” - e que Quiroga (2014) define como matrizes de aprendizagem - a forma como cada sujeito organiza e significa seu universo de aprendizagem social - não é fundamento para opiniões na hora de entender a relevância da educação em toda sua amplitude. Ainda que o aprender seja entendido também como dinâmica de uma prática social, como foi descrito no testemunho, esse aprender social não está vinculado à educação institucional-escolar.

e) Percepção sobre a importância da educação institucional

Os princípios de uma aprendizagem “bancária” estão fundamentados na repetição de informações. Paulo Freire, entretanto, ao criticar a concepção bancária da educação, alerta sobre as questões do formar ao ser humano, sendo que dar-lhe educação vai além de transmitir informação, mas bem se trata de processo educativo, de ser sujeito da própria história, consciente da responsabilidade social que se tem como agente transformador do meio em que vive (Peres dos Santos, Fernandes, Furlan, Batista & Pereira, 2009: 84). Trata-se, entretanto, de um modelo formativo fortemente arraigado na sociedade e superá-lo implica, certamente, mudanças paradigmáticas (Peres dos Santos, Fernandes, Furlan, Batista & Pereira, 2009: 87), porém a reflexão desta questão supera os objetivos deste estudo. Certo, todavia, é que a educação institucional é, a um nível, exigência

para o coletivo trabalhador da *Praza* e a percepção que se tem deste tipo de educação foi coletada pelas entrevistas em profundidade.

A educação institucional na *Praza* é sentida e descrita pelas entrevistadas/os de forma majoritária como inacessível e/ou rejeitada, na qual grande quantidade de pessoas trabalhadoras na *Praza* não querem e não veem necessidade de aceder a esta educação escolar e institucional, transmutando o conceito da educação escolar como um direito inacessível pela condição de existência fixada na ruralidade e ao mesmo tempo fortalecendo-se como coletivo no aprender na prática social, como lido no testemunho expressado da seguinte maneira:

Non van porque (...) algún dicecho así “eu non vou, a min non me fai falta nada, que eu xa sei bastante, eu agora non teño nada que aprender” (...) (EHC); Non hai unha formación específica, faste ti a ti mesmo, aprendes coa experiencia (...) Case todos teñen este oficio hereditado e vas aprendendo. Ó mellor non sobra saber máis, pero coa experiencia é suficiente (EHF); Non che informan nada, tes que informarte ti. Non che informan nada, informante castigándote, a min xa me castigaron dunha vez con cento cincuenta euros por culpa de unha normativa que tal, nova(...) eles non che poñen, eles veñen aquí e veñen coa normativa e se non tes a normativa ben, sancionante ou clausurante o negocio (EMF).

Como observado nos excertos, há, e por um lado, uma série de dinâmicas de ausência motivacional, na qual alguns agentes não têm motivos suficientes para aceder a educação institucional. O mais significativo desde relato, porém, é que as cargas laborais de agentes do agrário fazem com que a educação escolar seja inviabilizada. Nesse sentido, o necessário para romper com este esquema é, primeiro, um projeto social que efetivamente busque reverter essa realidade, e, em segundo lugar, estruturar modalidades de ensinar-aprender que possibilitem a camadas populares o ingresso e permanência nestas instâncias formativas.

f) A educação como uma prática sociocultural

Por outro lado, a educação social-cultural é posta, como já foi descrito, de forma inconsciente e sem vincular os fenômenos educativos-culturais à realidade educacional. Essas opiniões e percepções da educação cultural desvinculada da ideia de educação institucional são ilustradas com as acepções subsequentes, em que o fenômeno do aprender na prática não é entendido como educação. De maneira similar, porém, sim, há a ideia do aprendizado da prática, é quando o aprender é reconhecido, mas não tão vinculado de maneira explícita à educação. Repete-se a ideia, já comentada, na qual o que se aprende socialmente, quer dizer, fora de uma instituição escolar, não é (ou é como não se fosse) educação:

Eso vailo aprendendo co mostrador(...) O mostrador, eso aprendelo ti moi fácil, o vas aprendendo, tes que dibuxar, facer balances, o negocio hai que facerlle balance totalas semanas, todolos fines de semanas hai que facerlle balance, balance como fan os bancos aos decimales? Non, non, non van aos decimales pero balance, esta semana canto se gastou, canto se meteu, canto tal, canto se pagou, canto se debe, tes un balance, hai tes un marxen de trescentos, catrocentos euros, pero ten que haber cuentas, tes que facerlle balance ao negocio e ten que ter control, un control (...) Investigadora: E aqui falando da Praza cree usted, é a súa opinión, cree que a xente da Praza ten unha boa educación? Non, a maioría non (EHC).

No testemunho, evidencia-se um grau elevado de conhecimento técnico relacionado à gestão econômica de um negócio; entretanto, à frente, ao ser perguntado pela educação institucional, a resposta é que não se tem boa educação. Essa falta de vínculo do aprender na prática como aprender de fato é uma dinâmica ideológica recorrente. Neste sentido, o aprendido na escola é educação e o que é aprendido fora da escola não é entendido como educação, isto como discursos recolhidos relativamente ao esquema de pensamento predominante, porque, como já sinalizado, os *atos falhos* vão sendo explicitados no decorrer da conversa.

Neste marco, como foi dissertado nos capítulos teóricos, o sujeito é constituído de educação sociocultural vincular. Esse enquadramento se fez a partir da teoria sociocultural vigotskiana. O ser humano não vive somente das experiências atuais, senão que as recolhe das gerações passadas, constituídas socialmente para forjar e pôr em prática novas modalidades adaptativas de processos socioeducativos - enfatizando e dialogando com o enquadramento de Vygotsky (1991) com o aspecto do sujeito da práxis freiriano - como a formulação da *práxis*, da prática social na relação com o outro para a constituição do eu e a composição do social – direcionado a juntar estes dois com as sistematizações pichonianas e compondo, dessa maneira, o enquadramento vincular das dinâmicas do grupo abastiano - em mútua relação de necessidades compartilhadas - e também conjugadas com a incorporação das matrizes de aprendizagem quiroguiana (a forma como cada sujeito organiza e significa seu universo de aprendizagem social - esta MA abordando o grupo ao ampliá-las para as matrizes de aprendizagem compartilhadas - MAC), compondo uma trama vincular histórico ancestral – em que a educação sociocultural dá conta das transformações, evoluções e inovações (entre outros aspectos) que alcançam a contemporaneidade. Nesse descrito contexto amplo do estudo é que foram abordados os processos educativos da *Praza*. processos educativos.

6.3.3. Ideais intensas das entrevistas vinculares

Das trajetórias de vida apresentadas, elaboradas com base nos testemunhos recolhidos através das entrevistas vinculares em profundidade (também das entrevistas vinculares guiadas) se extraem as seguintes questões centrais, a partir da estrutura em blocos, dos questionamentos que guiaram as entrevistas:

- No 1º bloco entrevistou-se a diversidade de perfis relativos a sexo, idade, anos que levam trabalhando na *Praza*, categoria de trabalho, entre outras. Conclui-se que, de forma global que a *Praza* é um contexto diverso que conjuga multiplicidade de lugares de falas; entretanto, também há dinâmicas estereotipadas, aspectos de conformação estrutural e coletiva que resultam em obstaculização de

aprendizagem ao trabalhar como modelos rígidos, sendo eles relacionados a (entre outros): transferência geracional que, ainda que esteja sendo dada, é pouco significativa (quer dizer que a quantidade de pessoas de média e maior idade é a maioria em peso); também há o aspecto relacionado ao gênero e da presença majoritária das mulheres em alguns segmentos (agricultoras) e de escassa presença em outros (açougue/*carnicería*), sendo que essas questões da feminilização e feminização foram trabalhadas em capítulos anteriores. As descritas realizações de perfis da *Praza* resultam em dinâmicas sociais estereotipadas. De acordo com Pichón-Rivière (2005), quanto mais diverso é o grupo, maior coesão se tem na tarefa. Assim, os processos estereotipados devem ser revisados para favorecer a comunidade, garantir a diversidade grupal e a permanência da *Praza* como contexto tradicional.

- O 2º bloco reuniu as vivências do período da infância do coletivo entrevistado. As informações coletadas sobre a primeira infância, no cenário educacional escolar e também comunitário, indicam que os percursos vivências são igualmente diversos. O lugar de procedência aponta que há pessoas do interior profundo (*aldeia*), de interiores com maior estrutura de serviços à comunidade e também de contextos de cidade, sendo que a cidade é pouco representativa, tendo no agrário a origem majoritária, e diretamente relacionada à falta de meios e recursos suficientes para uma vida digna. Quer dizer que a maioria das entrevistas feitas adentrou o contexto da necessidade pela privação de meios de subsistência suficientes, sendo a necessidade o principal fator motivacional para o acesso e permanência laboral na *Praza*.

Por outro lado, as lembranças da infância e das/dos professores foram forjadas em vínculos, tanto positivos, como negativos, e estes indicaram matrizes de aprendizagem e papéis sociais que são atualizados na cotidianidade da *Praza*, nos valores que manejam na relação com o outro (tanto companheiras/os de trabalho, como clientes). Nesse sentido, há que se ter em conta o fato de que grande parte dos conflitos manifestados nos discursos tenta ressignificar e reparar o passado na atualidade. Quer dizer, as dinâmicas conflituas

são emergentes⁹⁷ sociais e sua abordagem deve ser feita não centrada no sujeito, senão na tarefa que vincula ao grupo trabalhador da *Praza*.

- No 3º bloco, tratou-se da educação na adolescência e, em consonância com o bloco anterior, coletaram-se informações do cenário da educação escolar, mas também comunitária. Na maioria dos casos observou-se que houve uma continuidade dos processos de ligação (vinculares) no percurso socioeducativo, e só em poucos casos deu-se a ruptura nos trajeto de matrizes de aprendizagem. Nessa etapa vital descrita pelas entrevistadas/dos, o que se coletou foi a ruptura de contexto social galego (a Galiza de ontem e a de hoje), sendo que a maioria enfatiza a diferença do passado próximo (o que eles viveram na infância) para a atualidade, duas questões ficam evidenciadas: a primeira, é que se melhorou muito, que se teve um avanço significativo em termos de realidade socioeconômica (do que era ser criança, a infância deles, e do que é ser criança hoje. Essa realidade de infância se faz relacionada a todas as dinâmicas, tanto de alimentação, escolar, labor, acessos, cuidado etc.); a segunda, contrariamente, se constata a perda de valores sociais solidários e a imersão em dinâmicas em que não se valora o que se tem atualmente. Essa realidade descrita pelas pessoas entrevistadas fala de dinâmicas sociais centradas na ruptura comunicativa geracional, na qual a geração atual não acedeu a informações dos contextos sociais passados e, assim, não tem ferramentas para abordar e apropriar-se da realidade atual, entendendo esta como um valor herdado, constituída com base numa história social. De maneira resumida, o sentimento generalizado é o de que o passado foi muito ruim (pela desigualdade, violência e falta de meios), mas que o presente, a atualidade, está imersa em excessos e falta de princípios, e por isso as relações e a sociedade como um todo estão degradadas. Foram essas as opiniões majoritárias recolhidas desde as entrevistas.

⁹⁷ “Lo que aparece en primer plano es para nosotros un proceso que tiene una determinación interna (...) los emergentes, que son los existentes de cada momento, a los cuales enfrentamos con una nueva interpretación” (Zito, 1985: 80).

Nessas descritas circunstâncias, e uma vez mais, conclui-se que há que facilitar espaços de encontros intergeracionais para que haja fluxo comunicativo e que se tenha fundamento para forjar dinâmicas do aprender que vincule passado e futuro, e assim aprender dos erros e valorizar, quer dizer, apropriar-se das riquezas simbólicas e materiais fundamentadas em um passado de escassos meios e que transitou para a sobrevivências com maiores recursos, sem, contudo, silenciar ou apagar, tanto as vozes e vivências, como os processos políticos e sociais vivenciados que conformaram a Modernidade.

Em relação às atividades laborais na Praça de Abastos se confirma que há um processo de grupo e trabalho no qual há duas realidades majoritárias, uma de pessoas de grande tempo de história laboral na *Praça* e outra de recente incorporação (de seis a oito anos), com processos intergeracionais (o fenômeno passado de geração a geração com linhagem familiar é minoritário) e de outros dados a partir de ligações mais amplas (quer dizer que as novas gerações se dividem entre endógenas e exógenas). Correspondente aos aspectos retirados deste tópico é que a burocracia não é um grande problema para o acesso à *Praça*, ainda que descrevam haver que melhorar esses mecanismos de acesso; outra informação é que as atividades desenvolvidas são constantes e estáveis e que as/os trabalhadoras/es desenvolvem múltiplas funções (limpam, vendem, fazem a contabilidade, gestionam etc.).

Um dos aspectos de centralidade recolhido neste bloco de relações laborais na *Praça* é o que trata das *paisanas*. As opiniões sobre a presença das *paisanas* estão divididas, não há unanimidade, por um lado; por outro lado, a opinião das próprias pessoas “paisanas”-agricultoras/es dão voz a uma realidade de necessidades. Todas as tensões e conflitos sobre a questão das “paisanas”-agricultoras foram consideradas como emergentes da questão do rural galego, o que foi abordado no teórico com suporte em distintas etapas (como na Idade Média e na ditadura franquista). Essa realidade das “paisanas”-agricultoras/es foi abordada como emergentes sociais de retorno, quer dizer, de realidades conflitivas do passado que encontram na atualidade uma oportunidade de resolução de conflito,

nos quais está subjacente uma trama de significado oculta que se vincula a temas constitutivos da sociedade galega.

Nessa parte, acedeu-se, também, a duas questões que são unânimes na *Praza*, a primeira é a reivindicação de um estacionamento próximo para atrair mais clientes e a segunda é a percepção de que o Estado (como instituição, independentemente de tom político-partidário) não têm um desempenho suficiente em atenção à *Praza* e às/aos trabalhadoras/as nesta, sendo as duas unanimidades a que a pesquisa aportou. Essas duas questões são entendidas desde os fenômenos educativos de constituição de ferramentas sociais como capacidade de operar em grupo direcionadas a mudanças coletivas que incidem na realidade cotidiana grupal.

Outras reivindicações, se bem que não sejam unânimes, são entendidas como majoritárias, relativamente ao frio (e da chuva) na *Praza* e que esta poderia estar mais bem condicionada. A outra se dá em relação ao horário de funcionamento, neste sentido, podendo-se afirmar que uma parcela majoritária considera que o horário não está adequado aos tempos atuais, porém, e de igual maneira, não há uma opinião a respeito de como adquirir os meios para a ampliação de horário, porque igual, decerto, é que o coletivo trabalhador majoritário, ao ser autônomo e aglutinar múltiplas funções, não dispõe de tempo para dedicar à ampliação de horário de atenção ao público. Esse é um tema central e que será necessário afrontá-lo em pouco tempo e que vai incidir tanto na dinâmica da *Praza*, como em uma diversidade de aspectos configuradores desta. Em suma, a configuração de reivindicações coletivas estruturadas nos discursos ilustram que há consciência geral de problemas comuns o que alude a práticas educativas coletivizadas. Também no manejo de reivindicações coletivas se configuram possibilidades de busca de resoluções de conflitos que sejam compartilhadas, o que enfatiza a configuração comunitária grupal e promove a construção socioeducativa de resolução de problemas afincado em aspectos coletivizados e em benefício comum.

- O 5º bloco abordou a atividade laboral e as relações sociais no contexto da *Praza*, procurando aceder aos sentimentos e emoções no

ambiente de trabalho. Nesse sentido, as conclusões se dão na necessidade de construir espaços para diálogo centrados na tarefa grupal, que é o que une o grupo abastiano - além da necessidade urgente de construção de espaços de comunicação. Também há que atender a necessidade de promover formas democráticas de lideranças, porque, de modo bastante recorrente, as lideranças são exercidas em modelos ditatoriais, segundo a maioria das entrevistas e a dinâmica de observação em campo.

Há um vínculo constituído, e neste se tem diversidade de formas de relações, tanto positivas como negativas; nesse sentido, para restar força aos aspectos contraproducentes, há que incidir em que a *Praza* é um organismo no qual o benefício é para todos, da mesma maneira que a perda e a perspectiva na tarefa que vincula e une o grupo é o trajeto mais apropriado para poder dirimir as diferenças de opiniões e conflitos instaurados.

- No bloco 6º, foram vistos os discursos educacionais, tendo-se recolhido as expressões relacionadas ao pensar e ao sentir dos processos educacionais. Nestes há uma diversidade de fenômenos que transitam entre os aspectos positivos e negativos das aprendizagens e seus processos. Como aquisição de ferramentas para aplicação prática no contexto das atividades de trabalho, há uma grande consciência destes mecanismos e de forma majoritária se assume que não há tanta necessidade formativa (estruturada) porque se aprende na prática, fazendo e com o outro. Alcançou-se também o imaginário de que há uma separação entre a educação institucional escolar e a educação social, da praxes cotidiana da *Praza*. Essa separação deixa, por um lado, a sensação de que o nível escolar é baixo (o que não é certo; porque o que se tem na *Praza* é uma diversidade da realidade de níveis escolares) e, por outro lado - e a partir do parâmetro da educação escolar percebida de forma errônea, como escassa - se rotula o coletivo trabalhador como “ignorante” e “sem conhecimentos”. Contrariamente às percepções, este bloco trouxe à luz a diversidade de ferramentas e de práticas educativas adquiridas no fazer da cotidianidade de cada agente social entrevistada/o, quer dizer, o que se tem configurado é um esquema de pensamento crivado de preconceitos (que como foi sistematizado não é algo endógeno à

Praza, senão que representa um forma de pensar hegemônica). Também, se alcançou a opinião de que a educação escolar é muito teórica e que deveria ser diferente, mais moderna (nestes termos) e voltada para a prática. Por fim, a necessidade de vincular teoria e prática é uma das grandes demandas (feitas de forma simbólica) na *Praza*.

- O bloco 7º, sobre o contexto da educação e as tecnologias, trouxe a informação de que as pessoas trabalhadoras na *Praza* fazem uso de forma ampla de tecnologia na cotidianidade (tanto de uso privado como de uso laboral), entretanto, esse uso laboral é diverso (em termos de intensidade) e está fragmentado. Por um lado, há a larga maioria que considera que não há necessidade, nem vontade, necessidade ou condições de implantar a tecnologia nos seus negócios; por outro lado, há as opiniões minoritárias que consideram que sim, que este é o caminho da permanência e do êxito e que haverá que criar as condições, tanto de funcionalidade, como de acessibilidade para a implantação das tecnologias nos seus respectivos negócios. Por fim, também considera-se que há um problema social no uso das tecnologias pela juventude e que o importante é aprender a fazer o uso adequado, sendo esta opinião fundada no saber diferenciar e conjugar a tecnologia às dinâmicas de comunicação direta e com o outro de forma presencial. Outra informação e sensibilidade trazida pelo processo de entrevistas aborda o tema da desaparecimento de negócios devido à chegada e popularização da tecnologia, como pode ser o desaparecimento da banca de revistas, que deixou de vender jornais e informação em imprensa.

A conclusão que se faz, a partir deste bloco, é que a tecnologia, se não for introduzida de forma equitativa entre o coletivo trabalhador da *Praza*, provavelmente vai repercutir na conformação de um contexto segregado e com incremento da desigualdade entre trabalhadoras/es da *Praza*, o que resultaria em debilitar os pilares do grupo. Nesse sentido, a introdução de tecnologia na *Praza* deve ser tema da coletividade e assentada na constituição de mecanismos socializadores de acesso e implantação tecnológica.

• O bloco 8º, última parte da guia da entrevistas em profundidade, fala das expectativas e perspectivas e os resultado ilustram opiniões desencontradas. Sobre a permanência da *Praza*, se encontra o tema de maior divisão em termos de opiniões; há tanto opiniões que consideram que sim, e outras que rotundamente preveem pelo não. Dentro das opiniões que falam da permanência, está o argumento do edifício público e tradicional e, contrariamente, nas que consideram que a *Praza* desaparecerá, está a escassez de clientes e de capacidade de manter-se com ingressos mínimos para seguir apostando na *Praza*. Também há uma posição intermediária (minoritária) e que prevê a permanência da *Praza*, mas com o fim e desaparecimento das maneiras tradicionais de atividade de mercado.

Também com amparo neste bloco, sobre a renovação geracional como herança de negócio, é minoritária a decisão e desejo de deixar como herança o posto de trabalho. Tal ocorre porque há grandes dificuldades de manter ingressos médios e também porque considera-se que a carga de trabalho é muito elevada e que o esforço não tem a recompensa econômica suficiente; também se questiona sobre a falta de diálogo e desejo de formas de comunicar mais democráticas. As expectativas recolhidas pelas entrevistas se tem em relação à permanência e manutenção do espaço vincular educativo e de emprego que é a *Praza*, mas somente para a atualidade, enquanto funcione o negócio nas mãos das/dos agentes atuais.

Sobre as opiniões de melhoras, há a reivindicação do estacionamento, como já foi sinalizado, também se pedindo mais espaços de comunicação, de que se valorize a ampliação de horário, que se busque mais adequação para o frio e chuva, que haja mais estratégias para amplificar, aumentar a clientela (buscando dar facilidades a esta) e que haja mais conduta profissional entre o coletivo trabalhador. O derradeiro aspecto importante sinalizado para a melhora da *Praza* é a necessidade de que pessoas jovens acessem à *Praza*, tanto como clientes, como donas/os de postos. Considera-se que a possibilidade do novo (novas ideias, mais energia e esperança) aporta à juventude um valor a ser buscado.

- A indagação final, deixando aberta a entrevista para qualquer contribuição que se considerasse oportuna. As entrevistas foram fechadas, agradecendo-se o tempo e a confiança destinados ao estudo e estabelecendo o compromisso de voltar para apresentar um resumo dos resultados finais.

6.4. MATRIZES DE APRENDIZAGEM COMUNS PARA A FORMULAÇÃO DE CONHECIMENTO

O substrato comum no qual se constituem as matrizes de aprendizagem de cada agente social, de forma majoritária, se nutre de uma base representativa comum, ou de pontos de confluências que são visitados para a construção das MA. Alguns desses citados lugares de convergências foram estruturados e desenvolvidos a contar dos tópicos que virão na sequência, sendo eles: ser nativa/o da Galiza; a identidade rural; a emigração; ser de classe popular; a questão de desigualdade de gênero. Esses pontos estarão na globalidade dos relatos das pessoas entrevistadas e todos eles vão compor, em alguma medida, esse lugar comum no qual se constituíram as histórias de vida individualizada e seu significado educativo.

a) A cultura galega

O ser galega/o é uma construção que endossa uma elaboração cultural unitária. O sentimento de pertença à sociedade galega como nativas/vos, quer dizer, o fato de ser galegas e galegos de nascimento, é um fator majoritário que compõe e fundamenta as matrizes de aprendizagem da maioria do coletivo trabalhador da *Praza*.

Essa matriz que diz respeito à procedência do sujeito social comunica e endossa a ideia de que a *Praza* é um lugar identitário que fala do ser galego e de ser uma referência da cultura galega, ao agregar alguns outros aspectos que estão sinalizados à frente.

A característica do contexto cultural de procedência e origem que está forjado, em grande medida, ao fato de haver nascido em Galiza, não limita, entretanto, que pessoas de outra procedência, tanto

na amplitude do Estado espanhol, como da Comunidade Europeia ou de outros continentes, estejam representadas na *Praza* e a componham. Esse coletivo, porém, é minoritário, e, ainda que não se tenham as matrizes de aprendizagem determinadas pelo lugar de nascimento, se aglutinam e/ou compartilham outros aspectos do cultural.

Nas entrevistas em profundidade, excetuando uma pessoa, as demais eram galegas. Essa representação autóctone majoritária alude a ferramentas de aprendizagem social que são postas na cotidianidade da *Praza* e que, ao não serem manejadas por pessoas de outra origem, resulta em menor inserção na comunidade abastiana.

b) A identidade rural

A *Praza* é um lugar que representa na atualidade um reduto importante do ambiente rural no *locus* urbano. É a dúvida de um espaço de grande desenvolvimento e de integração destes dois lugares representativos do cultural galego, porque se tem uma capital europeia – urbana - em um diálogo com a ideia do rural como fundamento social histórico, sem, contudo, deixar de ser contemporâneo. É uma realidade amalgamada que foi forjada sem prescindir de uma característica identitária marcante constituída a partir de matrizes de aprendizagem compartilhadas fixadas no conceito amplo do rural galego.

La identidad es una construcción, pero el relato artístico, folclórico y comunicacional que la constituye se realiza y se transforma en relación con condiciones sociohistóricas no reductibles a la puesta en escena. La identidad es teatro y es política, es actuación y acción (Canclini, 1994: 6).

O rural como base de conhecimento se expressa no discurso, nas ações e na forma de estar de alguns componentes da *Praza* de Abastos, principalmente nas *paisanas*, que em grande medida trazem ao mercado as práticas passadas e presentes da vida rural, que cristaliza na forma de vestir, na maneira de negociar, nas dinâmicas de interação, no uso do idioma local e na venda de produtos próprios, produzidos e cultivados na parcela e granja familiar. Na *Praza* de Abastos, o rural se amalgama com o urbano, porém conservando

sempre essa senha de identidade que fundamenta e ao mesmo tempo atua como a base de conhecimento que serve para compreender e interatuar com o mundo presente.

Abordou-se a questão do rural na *Praza* em outros capítulos deste estudo, como no terceiro, ao sistematizar a cultura das *leiras* europeias (Campoy García, 2015) como realidade no Período Medieval e também na Modernidade, em Beiras (1981), que rompe com a concepção do atraso do rural galego. Ambos os teóricos, entre outros, enfatizam a relação intrínseca entre a Galiza e o rural que a constitui.

c) A emigração

A emigração retrata uma experiência social fortemente arraigada na sociedade galega. A *Praza*, no entanto, é mais bem a representação dos que aqui ficaram e permanecem ou retornaram. Malgrado essa realidade do fazer do local permanente (destino e paradeiro), alguns testemunhos são ilustrativos desse lugar do êxodo como representação de quem emigrou e retornou, compondo assim um aspecto do imaginário do ser galego que também se encontra na *Praza*.

Outro movimento, o da imigração, também tem testemunho e está representado na *Praza* (ainda que de forma muito minoritária). O movimento inverso ao maioritário que alude a uma representação do ser galego, mas que é o lugar de fala daquelas pessoas que encontraram na Galiza uma terra para fazer própria e estabelecer-se aqui, desenvolvendo atividade laboral na *Praza* e compondo também um aspecto dialético (que conflui no movimento de emigar e imigrar) também encontra lugar representativo.

Portanto, a dialética emigração-imigração, em alguns casos, retorno, constitui uma fonte ampla de conhecimento. Para muitos agentes da *Praza* de Abastos, a leitura da realidade e a apropriação de novos saberes estão condicionadas por sua experiência vital em outros entornos, pelos mecanismos de compreensão do mundo que a experiência do emigrante e emigrada/o imprime, que acrescenta ao conhecimento cultural de partida um conjunto de novos saberes, que

facilitam uma percepção e transformação diversa e diferenciada da realidade, no que se refere a quem nunca vivenciou esta situação de abandono, de deixar a sua cultura materna. A ideia de emigração, do alheio, do estrangeiro, como espaço de realização pessoal e referência de aprendizagem e práxis está entre os agentes da *Praza*, em alguns casos como imaginário social, e, em outras vidas como testemunho de uma experiência, e, em alguns casos, como uma dinâmica cultural presente, que se torna visível na chegada de trabalhadores imigrantes à *Praza*.

A realidade da imigração não somente se considera como uma experiência vital em um contexto externo, senão e também contempla a imigração interna, que implica o traslado das pessoas de suas comunidades rurais aos centros urbanos, como Santiago de Compostela, um processo de mobilidade que implica o desenvolvimento de novos mecanismos de aprendizagem, permitindo a integração em um contexto cultural alheio, por suas práticas culturais, apesar de formar parte da mesma realidade macroterritorial.

d) A questão de gênero

A condição de ser mulher na *Praza* implica um esforço e uma dificuldade acrescidos, sendo que nenhum dos aspectos é próprio nem exclusivo da *Praza*, mas o que se tem é uma realidade que a permeia e condiciona suas dinâmicas. Neste estudo, no capítulo quarto, descreve-se sobre as questões de gênero imbricadas à questão rural. Essas especificidades estão incidindo e compondo matrizes de aprendizagem que se concretam em dinâmicas estereotipadas e que limitam o desenvolvimento do coletivo maioritário na *Praza*. A questão de gênero transcende o fato de ser mulher, se trata de uma dinâmica que envolve todo o coletivo e compõe uma realidade desigual e que fundamenta o aprender de todas as pessoas.

Conforma uma realidade que está fragmentação e que, por esse motivo, gera novos espaços periféricos, estereotipados. A presença da mulher na *Praza* está, a um nível, feminilizado, quer dizer que tem predominância numérica de mulheres, (“feminilización” em Yannoulas, 2011), mas, também, se observa a feminização

(“feminización”), conceito que fala da associação de atividades como naturalmente femininas. As *paisanas*, agricultoras, peixeiras e fruteiras têm uma configuração explicitada em feminino majoritariamente, enquanto no setor do açougue (*carniceria*) se tem a predominância de homens.

Os estereótipo e papéis, segundo Méndez (1998), é uma reprodução do lugar social destinado às mulheres, que se traveste de moderno, sem mudar a raiz da configuração e do papel social especificado. Quer dizer que a “división sexual del trabajo es una relación de jerarquía, poder, influencia y dominio, fundamentada en las relaciones de género” (Lemos, Barufaldi & Salette, 2015: 65), sendo que esta relação estereotipada obstaculiza a aprendizagem grupal e afeta todo o coletivo.

Essa questão de gênero também está arraigada a outro tema de transcendência. que é o rural galego, sendo que toda a carga discriminatória que se tem no rural fusiona-se à questão de gênero, configurando uma realidade na qual “hombres y mujeres no evolucionan en el campo de la feria de la misma manera” (Méndez, 1998: 186). Há que insistir, entretanto, no fato de que a *Praza* não é mais nem menos desigual em termos de gênero, senão que é permeada por todos os fenômenos e problemáticas sociais e que, como já descrito, se potencializa a visualização dessas dinâmicas, porque a *Praza* funciona como uma grande vitrine (um grande *escaparate*, mostruário).

A condição das mulheres agricultoras na atualidade “situa-se na encruzilhada de duas grandes evoluções: a dos papéis femininos na sociedade, em geral; a do sector agrícola na economia global” (Silva, 1998: 87) e essas questões estão sendo debatidas e emergiram em alguns testemunhos das entrevistas vinculares, ainda que se constata a inexistência de um debate amplo e aberto sobre essas questões, nem do papel da mulher, nem sobre a ruralidade. Isso é assim porque “Vivimos realizando permanentemente acciones sobre las que no nos interrogamos” (Quiroga & Racedo, 2003: 12), porém, entender o sujeito social na sua cotidianidade histórica, quer dizer, a partir das suas condições concretas de existência, é a dialética da crítica à vida

cotidiana (Quiroga & Racedo, 2003: 7). Dessa maneira, volta-se a frisar que o empoderamento das mulheres deve ser tido em conta de maneira transversal nos contextos sociais em geral de aprendizagem, e de modo especificado, também, na *Praza*, pois o tema da igualdade vem ganhando lugar de protagonismo e necessidade imperante ao longo dos anos, dado que nunca se alcançará um estado de justiça social sem a reparação e equidade de enquadramento de gênero.

e) Ser de classe popular

O enquadramento da classe popular refere-se à carência de oportunidades e configuração da pobreza (falta de oportunidade laboral e necessidade vital); essa questão é também um outro fator que representa a *Praza* como fundamento de aprendizagem (na apropriação da realidade para transformá-la, do enquadramento pichoniano); essa forma de aprender a aprender faz com que o coletivo trabalhador da *Praza* siga estabelecendo as ferramentas necessárias para subsistir, resistindo.

Outro aspecto de processo educativo que fala do ser um coletivo de classe popular é o aspecto de dissidente e que configura lugares de resistência (em Campoy García, 2015) e, ainda, também já abordado na parte teórica, estes entendidos como periferia social, ao considerar o conceito de “circuito inferior da economia urbana”, tratando a informalidade como espaços próprios de baixo estrato da economia das cidades suburbanas (Balduino, Pereira, Azevedo & Campos, 2016; Santos, 1979), sendo que os teóricos fazem este enquadramento a partir dos países periféricos, e, no caso da *Praza*, a periferia reside na condição de existência concreta, de uma parte do coletivo trabalhador, ao se tratar de um grupo de camada popular, muitas dessas pessoas têm uma situação de especial vulnerabilidade ao trabalhar com a economia submergida, e outras ao serem agricultoras/es. Essas/es últimas/os estão constituídas de uma carga simbólica que, em grande medida, entende o rural galego configurado como subdesenvolvido, como “atraso agrário” e culturalmente ignorantes, a partir de Fernández Prieto (2007).

A busca pela sobrevivência é fundamento da *Praza*, ao mesmo tempo em que configura matrizes de aprendizagem compartilhadas desenvolvidas por meio das atividades laborais na busca de subsistência, na ocupação de lugares que são instituídos por coletivos de classe popular - o que está na *Praza*.

f) A busca da sobrevivência

Esse é um tema de grande sensibilidade e que alcança de maneira frontal a realidade moderna de lugares caracterizados como “desenvolvidos”, como é a cidade de Santiago de Compostela, capital de província europeia, Comunidade Autônoma da Galícia, e que alberga a Praza do Mercado de Abasto, local que supera as dinâmicas individuais e locais de *Praza* e que alcança ser representativa do ser galego.

Esse lugar, além de ser recinto de mercado e de abastecimento, é também região de passeio, de uso turístico e de ócio, porém é certamente o recinto de sobrevivência de todas as pessoas trabalhadoras neste. Isso quer dizer que a busca da sobrevivência é o fundamento motivacional para que se tenha um mercado compostelano, por meio do qual se constituem todas as outras dinâmicas dadas na *Praza*.

Esse lugar de fundamento, entretanto, está sendo instituído de forma alegórica e folclorizada, forjado, principalmente, por intermédio da dinâmica de “turisteo”, uma tendência de converter a pobreza em “diversidade”. Essa diversidade, entre aspas, se faz, nesta análise, para abordar o tema da desigualdade e da falta de oportunidade que vêm sendo abstraído pelo uso errôneo da tradição e da cultura. Essa crítica ao “folclórico” é feita por Canclini:

La principal ausencia del discurso folclórico es no interrogarse por lo que les pasa a las culturas populares cuando la sociedad se vuelve masiva. El folclore es un intento melancólico por sustraer lo tradicional al reordenamiento industrial del mundo simbólico y fijarlo en las formas artesanales de producción y comunicación. Esta es la razón por la que los folcloristas casi nunca tienen otra

política para proponer respecto de las culturas populares que su "rescate" 'ni encuentran mejor espacio para defenderlas que el museo (Canclini, 1987).

Contrariamente aos *flashes* fotográficos (de fundamento no turismo e na visitação massiva à *Praza*), o que subjaz à atividade de mercado é uma necessidade vital de adquirir meios de vida para a subsistência; as pessoas trabalhadoras da *Praza* estão na luta por ganhar “o pão de cada dia” com os meios de que dispõem, os quais, majoritariamente, são aprendidos através da historicidade galega (de camponeses, por exemplo), onde alguns setores afrontam condições profundamente adversas, e essa realidade dramática não deve ser ocultada nem suavizada com os termos “tradição” e “cultura”.

Esse espectro relacional de problemas deve ser abordado em crítica à vida cotidiana, sistematizado por Quiroga e Racedo (2003), ao proporem a análise das necessidades dos seres humanos em uma estrutura social determinada. Assim, viver a experiência que oferece a *Praza* pela sua tradição e cultura está em um contexto díspar ao de hegemonismo cultural, opondo-se à lógica das indústrias culturais mediante questionamentos ao instituído.

la propuesta gramsciana de definir lo popular por su oposición a lo hegemónico (...). La oposición se produce entre dos estrategias de la cultura industrial contemporánea: por un lado, la existencia de un saber científico y tecnológico (microelectrónica, telecomunicación) que reorganiza los procesos productivos, su sentido cultural, y, junto con la monopolización del capital industrial y financiero, concentra en una pequeña minoría el conocimiento necesario para el control social; y otro, la producción -por parte de ese mismo sistema informacional y electrónico- de nuevas redes de comunicación masiva que están reordenando la vida comunitaria, usando a veces las tradiciones locales, los saberes folclóricos, pero subordinándolos a la, lógica de la industria cultural (Canclini, 1987).

A *Praza* é um lugar de sobrevivência, e o uso das tradições locais galegas e seus saberes dispostas nesta não deve ser subordinado ao critério das indústrias culturais. Assim, a crítica à vida cotidiana é a tarefa a que a coletividade está chamada a responder, e construir alternativas no sentido de apartar práticas de consumo do outro e forjar um lugar de aprendizagem com o outro - sinergia comunitária - na qual a coletividade resulte beneficiada.

CAPÍTULO 9.

PRÁTICAS EDUCATIVAS E CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE VINCULAR NA PRAZA DE ABASTOS

Síntesis en español

En este capítulo se abordan el tema de las prácticas educativas y sociales que fomentan la construcción de una comunidad vincular en la Plaza de Mercado de Abastos, es decir, el conjunto de relaciones que permiten configurar la comunidad abastiana. El análisis se fundamenta en la propuesta metodológica de Pichon Reviere (2005), que desarrolla un conjunto de vectores para la comprensión del proceso de construcción de un grupo, en nuestro caso, de la comunidad de convivencia y de intereses de la Plaza Abastos. Los mencionados tópicos o vectores pichonianos hacen referencia a: los procesos de afiliación, las relaciones de pertenencia, las dinámicas de cooperación, el ejercicio de pertinencia, la práctica de la comunicación, la conexión empática y el vector de aprendizaje.

La comunidad de las personas trabajadoras en la *Praza* organiza y significan su universo colectivo de aprendizaje social. En ella se desarrollan dinámicas de interacción que resultan de procesos comunicativos y educativos que se fundamentan y, al mismo tiempo, expresan las matrices de aprendizaje del colectivo de la Plaza, cuya existencia y situación, pasada y presente, está condicionada por la cualidad de los vínculos elaborados y experimentados en la convivencia cotidiana en el contexto del mercado. Un conjunto de dinámicas vinculares que expresan problemas, estereotipos, necesidades, dificultades y, de forma paralela, expectativas y esperanzas para la constitución de un grupo más cohesionado, cooperativo y solidario.

Santiago de Compostela é a cidade que alberga a Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Dessa maneira, muitas dinâmicas dadas na sociedade compostelana vão permear e incidir na *Praza*. Um desses fatores de transferir da cidade compostelana ao contexto da *Praza* diz respeito à realidade da dinâmica de intercâmbio, estando essa enquadrada, tanto em aspectos materiais como simbólicos, e inclusive virtuais, e que falam da diversidade de tópicos, como por exemplo: o intercâmbio econômico, a diversidade cultural e lingüística e de redes sociais virtuais, dentre outros.

As possibilidades de estipular uma lista de itens que aludam às formas ou dinâmicas de intercâmbios são praticamente ilimitadas (Morales Domínguez, 1978). Para a leitura de algumas trocas postas na *Praza*, entretanto, tem-se especificados em: o intercâmbio de mercadorias e destas por dinheiro, o linguístico e comunicativo, o de fluxo de gente (aprendizagem do outro) e das redes sociais virtuais.

A *Praza* é um lugar relacional de grupo e o comunitário é posto porque se trata de uma agrupamento de pessoas que estão inter-relacionadas pelas atividades que elas desenvolvem, vinculadas à condição de agentes trabalhadores na *plaza-Praza*. A comunidade vincular grupal da *Praza* se tem assim, pois há uma condição comum que coletiviza o lugar social e que individualiza e reúne às pessoas no grupo abastiano – ser trabalhadora e trabalhador da *Praza*.

Também, entretanto, há o fator de pertença sinalizado por Krause (2012) para a caracterização de uma comunidade. Pertença, similar a variante de Pichón-Rivière (2005), é o sentir-se parte de, estar identificado com e pela existência de significados compartilhados; ainda que a sugerida pertença esteja configurada de maneiras muito díspares na comunidade abastiana, como se verá na subsequente abordagem de enquadramento pichoniano.

Na seção teórica deste informe, foi sistematizado o caráter vincular e grupal da comunidade da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela. Nessa se dá a constituição do vínculo organizado no contexto grupal em torno de uma tarefa comum, a de “viver da *Praza*”. O citado vínculo de “viver da *Praza*” abrange a totalidade da relação entre as trabalhadoras e trabalhadores; na *Praza*,

conjugam-se inumeráveis formas e dinâmicas relacionais que não passam obrigatoriamente pelas citadas dinâmicas de compra e venda – “comunidad resulta de la semejanza y de la experiencia compartidas” (Garrido García, Alejos Grau & Rodríguez Sedano, 2001: 48), porém, sim, são dadas também em atividade de mercado, daí a abrangência da expressão “viver da *Praza*”, porque a atividade que vincula ao coletivo trabalhador é o meio para garantir a sobrevivência, uma forma de ganhar o necessário para a vida pessoal e/ou familiar, tanto no aspecto material, como no simbólico. E essa aquisição dos meios para a vivência e sobrevivência pessoal está perpassada por garantir ou facilitar (ou vender) a outras pessoas, agentes ou sujeitos sociais, o que eles necessitam. Essa dinâmica de troca é trazida para a cotidianidade como amnese social coletiva que é reforçada e ampliada.

A troca se faz presente pelo intercâmbio de bens, no entanto, esta se articula com elementos simbólicos e sociais, mediante a sociabilidade possibilitada pelo diálogo. Desenvolve-se, com efeito, uma dinâmica, não cíclica, mas sim em espiral, no sentido de que as relações se perpetuam no tempo e, no mesmo passo, se fortalecem e se ampliam (Perez-Cassarino & Duarte, 2016: 60). A troca dada hoje na *Praza*, a um nível, remete à vincularidade ancestral que é facultada desde os primeiros assentamentos humanos e transmitidas por via de processos dialéticos, em espiral. Nesse sentido, e como descrevem Perez-Cassarino e Duarte (2016), é na interação social do diálogo que essas relações vinculares de trocas diversas, tanto de bens, como simbólicas e sociais, são perpetuadas, fortalecidas e ampliadas no decurso do tempo. Esse trama relacional se dá no lugar da grupalidade comunitária, possibilitada pela existência de uma tarefa comum compartilhada.

9.1. VETORES PICHONIANOS

É por meio do trabalho em comunidade ou da experiência de laboratório social, conhecida como a experiência do Rosário, que se compreende a sistematização pichoniana que será utilizada no estudo

da *Praza*, ao assumir como enquadramento e modelo de leitura o procedimento do grupo operativo que “efetivou-se mediante o emprego de certas técnicas e teve como propósito a aplicação de uma didática interdisciplinar, de caráter acumulativo, que utiliza métodos de investigação da ação ou investigação operativa” (Pichón-Rivière, 2005: 122).

Do descrito contexto da experiência Rosário é que se abstraem os vetores do Grupo Operativo que é, acima de tudo, uma metodologia. No estudo da *Praza*, no entanto, não se aplicou a metodologia do Grupo Operativo (GO), senão que utiliza as sistematizações dadas nesse contexto do trabalho na comunidade do Rosário para ler o processo grupal na *Praza*.

Pichón-Rivière (2005) sistematizou categorias para descrever e analisar as dinâmicas grupais como ferramentas para avaliar o funcionamento de um grupo. Essas categorias são nomeadas pelo teórico de “vetores” e são seis: *pertenencia*, *cooperación*, *pertinencia*, *comunicación*, *aprendizaje y telé* (Pichón-Rivière, 2005: 268-270).

Os vetores de análise utilizados para sistematizar o estudo dos processos educativos das pessoas e agentes trabalhadoras/es na *Praza* se faz a partir do valor de interpretação dado pela operatividade, quer dizer e nas palavras de Pichón-Rivière: “O valor da interpretação é dado pela operatividade, ou seja, por sua função reestruturante com vistas ao objetivo do grupo” (Pichón-Rivière, 2005: 281). Para tanto, o emergente (os elementos que emergem do grupo) será a chave para adentrar o significado do processo grupal, como já se fez ao abstrair a tarefa que vincula o grupo, também ao abordar a questão da ruralidade (tema trabalhado em capítulos anteriores) na *Praza* e na Galiza. Assim, a interpretação pichoniana “consiste na decodificação do sentido do emergente. É uma entrega de significados ao grupo” (Pichón-Rivière, 2005: 284). Os aludidos seis vetores são sistematizados por Manigot (1998) como sete, dado que se abordam separadamente a “afiliação” e a “pertença”. Essa maneira especificada de dissertar em duas partes a matéria da afiliação e pertença será considerada no enquadramento abastiano.

Esses especificados vetores da categorização tipificada por Pichón-Rivière (2005) são os “seis vectores o fenómenos universales de los grupos” Iñón (1997: 3) que se dão por meio desses seis tópicos dos quais se abstrai o funcionamento grupal, sendo que para o estudo dos processos educativos da *Praça* serão considerados os seguintes tópicos: os processos de afiliação e pertença, cooperação, pertinência, comunicação, aprendizagem e *telé* (vetores pichonianos), mais os temas da atitude ante a mudança no manejo dos medos da perda e do ataque.

Sequenciando, descreve-se cada um dos contextos de abordagens aplicadas ao processo de campo e às entrevistas vinculares em profundidade e guiadas, sendo eles: processos de Afiliação, relações de Pertença, dinâmicas de Cooperação, exercício da Pertinência, prática da Comunicação, conexão da *Telé* e o Vetor da Aprendizagem.

9.1.1. Os processos de Afiliação

A afiliação é o vetor que indica o processo pelo qual se dá a identificação com um grupo para que se estabeleça a aproximação ao outro e a adesão à tarefa grupal. Quer dizer, trata-se do elemento necessário para participar em um grupo, que é descrito como vetor da “afiliação” segundo Pichon-Rivière (2005). Assim, a afiliação na Praça do Mercado de Abastos de Compostela se dá em sete dinâmicas, conforme vêm.

a) Por herança familiar. É quando o negócio e/ou atividade é passado de geração a geração em linhagem familiar direta, transferido em descendência entre mãe/pai a filha/filho (identificaram-se até três gerações neste processo: avó, mãe e filha). Essa dinâmica de afiliação que contribuiu para a manutenção de um modo de vida e preservação de saberes, como também de coesão cultural, está em processo de desaparecimento, pois é uma opinião bastante distendida a de encerrar a atividade na pessoa agente trabalhadora/or; assim, não se daria a transferência a outra geração em linha familiar.

b) Por via de rede e entorno familiar, de amizade em parentesco (parente políticos) ou conhecidos próximos (tanto direto como indireto). É o caso de pessoas que acedem a *Praza* por indicação ou existência de laços familiares que podem ser diretos, quer dizer, de proximidade grande, em primeiro grau de parentesco (matrimônio, filhos) ou de proximidade mais ampla (sobrinhas/os, primos, filho de primos, ou parentesco político etc.). Esse é um lugar recorrente na *Praza* e, possivelmente, esta seja uma das afiliações mais estendidas.

c) Por contexto social local (diversificado ou não). É quando se viveu a *Praza* como atividade social (por viver, estudar ou trabalhar na cidade de Santiago de Compostela, em zonas próximas à *Praza*, por haver sido comprador/acompanhante, dentre outros). Configura-se esta modalidade de acesso e entrada no grupo como um imaginário de reminiscências que forja uma afiliação na atualidade.

d) Por demanda de resgate de processos de cultivos ancestrais, como podem ser o cultivo e a posterior venda de produtos da agricultura familiar, o cultivo direto e local (ecológico ou não), de resgate e posto em cenário do artesanato, da manufatura, além de outros elementos desenhados como parte do local comunitário ou tradicional galego (pesca, queijo, gastronomia, dentre outros).

e) Por necessidade de sobrevivência. É quando a atividade de mercado se coloca como única possibilidade de alcançar ingressos para a sobrevivência da/do agente social trabalhadora/or na *Praza* (*placera/o*). Essa forma de afiliação, junto à de entorno familiar, possivelmente, sejam as duas maneira mais comuns de entrada no grupo da *Praza*.

f) Por acesso e desenvolvimento laboral. Quando a possibilidade de desenvolver e praticar o ofício de formação se faz possível por meio da posta em cenário na *Praza*. Essa forma de afiliação é muito ativa para a geração que agora está em etapa de aposentadoria e adentra um processo de desaparecimento ao não encontrar os mesmos condicionantes sociais que a configuraram no passado, encontrando dificuldade para poder permanecer ativa na atualidade.

g) Processo de afiliação por demanda de resgate de processos de cultivos simbólicos ancestrais e de necessidade de sobrevivência de um modo de vida. Essa forma de afiliação fala de um lugar social específico, a saber, as *paisanas*. Em processo de desaparecimento ou fenecimento, perda que culminou durante de período de pandemia da COVID 19. Na atualidade, não é possível valorar a possibilidade de que esta forma de afiliação volte a ser dada na *Praza*, uma vez passada a pandemia.

De maneira maioritária, a configuração do processo de afiliação na *Praza* se dá com a conjugação de dois ou mais vieses, ainda que um sempre estará configurado como o principal. A partir dos relatos recolhidos na etapa de campo das pessoas agentes sociais entrevistadas, conjugados com o período de observação, adentrou-se o universo sistematizado nas linhas anteriores.

Na *Praza*, e a partir do agente social entrevistado EHV, a afiliação está caracterizada por dois aspectos. Por um lado, se dá por intermédio de contexto e entorno familiar (indireto) e, por outro lado, de um contexto social local diversificado.

Ah vale...bueno pois eu nacín aquí en Santiago, son de aquí de Santiago, ehh nacín no ano noventa e un, teño vintaesete (risas), son do ano noventa e un e sempre vivín aquí en Santiago, de feito, estudiei ahí no colexio San Pelayo, despois estudiei no Compañía de María, que é o colexio que está ahí, moi cerca do mercado sempre... Parece que estaba xa destinado a traballar aquí (risas) (...). A ver o tema e que ao principio de todo cando se abriu este posto, ehheh o o o señor que o abriu, segue sendo socio de aquí (...). Bueno un señor, no bueno, un chico, un rapaz novo, é moi novo, no tan novo como eu pero é un rapaz novo, e é primo da miña nai, o sea é familia ehh... Galego si, de cerca de Pontevedra, ehh de feito, ehh bueno é primo de miña nai, meus avós son de alí, do concello de Barro, está cerquiña (...) (EHV).

No aspecto do entorno familiar o acceso do agente social entrevistado se dá porque o dono do local é parente da sua mãe; entretanto, também, estão presentes elementos simbólicos tecidos por

meio da realidade local, porquanto este agente viveu toda a sua vida na cidade de Santiago de Compostela da qual a *Praza* fazia parte como centralidade, e compunha assim a realidade do sujeito. Essa estruturação simbólica de matrizes de aprendizagem que atualmente cobra vida como afiliação está posta a partir de reminiscências e nestas são tecidos diferentes processos de afiliação.

Em resumo, entorno família e tradição social são os dois elementos que compõem o processo de afiliação abastiano ilustrado e presente no relato do agente social EHV. Como se observa, pode-se dar a conjugação de duas formas de dinâmicas associadas no processo de afiliação à *Praza*.

Em outra pessoa, porém, é possível ilustrar com o agente social EHE, no qual se tem o fator relacionado à demanda de resgate de processos de cultivos ancestrais, como são o cultivo e a posterior venda de produtos (de agricultura familiar, de produção ecológica, de aspecto definido como cultural, dentre outros). Nesse citado caso, a afiliação ao grupo das pessoas *placeras* abastianas pode adquirir um aspecto de afiliação desencadeada pela ação de resgate e posta em cenário de elementos deslocados ou periferizados que no novo momento histórico passam a ser buscados e colocados em prestígio, como lugar de valor a cultivar.

Estaba xa producindo e non encontraba vías e comercialización con boas perspectivas. A descuberta do ecolóxico para min foi moi sinxelo. Todo veu para min a raíz de que existía na familia unha casa no campo e que a min me gustaba moito e nun momento de tránsito, que viña de un lugar a outro e por circunstancias fiquei aquí e empecei a ver a posibilidade de pasar a vivir alí (...) e con intención de vivir en casa no campo e foi cando veu a idea de probar a cultivar e en ecolóxico, por sentido común (non por conciencia ecoloxista, que non o son, vaia), foi por sentido común. Se vas a producir alimentos, producirás alimentos de calidade, o intentarás e logo porque pensaba que era algo que sempre que tiña que ir gañando potencialidade comercial e presenza no mercado e na sociedade, veña, que iso está clarísimo (...). Son un urbanita que chegou no campo con 33 anos, sen idea de

facer nada (...). Non coñezo ningún compañeiro de profesión que lle vaia ben, ningún, cero, cero, e todo un perfil semellante ao meu, non, non e xente de campo (...) eee cando eu comecei na miña zona eramos cinco e solo quedou eu (...) e por que? Porque aguanto e porque fun o único capaz de xerar unha estrutura de venta, que diversifiquei moitísimo e agora xa non fago o que facía antes, pero non paro de mirar (EHE).

O primeiro aspecto e relativo à afiliação, especificado como de herança familiar, se faz visível pela experiência vital da pessoa entrevistada, a agente social EMF. Constitui um negócio e também atividade específica que foi passada de geração a geração em linhagem familiar direta, dado que a avó, a mãe e a pessoa agente social entrevistada permaneceram na *Praza* e com a mesma atividade em termos de setor e produto vendido (ainda que não no mesmo boxe, posto/*caseta*). Essa forma de afiliação à *Praza* está em vias de extinção, principalmente se consideradas algumas categorias de agremiação que na atualidade se encontra em descida no âmbito da *Praza*, como pode ser, por exemplo, o da venda de frutas e verduras (negócio do setor da *frutería*).

Axente social: Huumm, empecei e eu creo que era no oitenta eee, no oitenta e dous, me parece. Creo que foi no oitenta e dous, me parece. Antes (...) miña nai viña de paisana... Eu iso o de ir a colleitar e vir a Praza como seguen vindo agora para min iso esta no antigo, como miñas, miñas avoas (...) (EMF).

Investigadora: Pero a túa aboa e a túa nai chegaron a traballar de paisana, non si? Axente social: Si, si, si, era unha tradición, pero iso para min non me gustaba (...) (EMF).

Outro discurso recolhido em entrevistas também descreve esse lugar social de afiliação à Praça de Abastos, que é transmitida e construída mediante um processo de herança familiar. Essa realidade pode ser visualizada tanto com o testemunho anterior como também com o descrito no sequenciamento deste texto.

Xa empecei de neno, porque a miña nai leva toda a vida aquí na praza. Xa viña de pequeno con 5 ou 6 anos e empecei a axudar con 14 anos, máis ou menos. Axudaba os sábados, que era cando non tiña clase e o día máis forte. E logo traballando en serio dende os 21(...). Que como foi que comecei a traballar na “Praza de Abastos”? Pois, axudando á miña nai e logo seguindo ese camiño. Ó inicio facía o que miña nai me mandaba... Ó acabar de estudar na familia falou-se de montar una froitería. Había un local fóra da Praza, porque dentro non quedaban locais e pedímolos e os meus pais axudáronme a montalo. Ai estivemos eu e a miña muller durante dous anos. Quedou un libre de flores e collémolo e ata agora (un total de 18 anos) (EHF).

Um outro processo de afiliação se plasma por busca de acesso e desenvolvimento laboral. É o que se registra, por exemplo, da pessoa entrevistada agente social EHC. Constitui uma afiliação que se dá quando a possibilidade de desenvolver e praticar o ofício de formação se faz possível por meio do ingresso na *Praza*, porque esta foi, no passado, o centro de abastecimento e era o lugar por excelência no qual os ofícios tomavam forma, tanto como atividade formativa, como de prática e de ação para sobreviver (no mesmo processo de aprendizagem global). Esse perfil estaria representado, por exemplo, em algumas atividades, como a de vendedora de peixe (*pescadería*) e açougueiro (*carnicería*). Essa afiliação também se está dando de maneira pouco recorrente, ainda que não necessariamente em extinção como apagamento, ou seja, é provável que se tenha a dinâmica em vias de transformação.

Cando cheguei a unha idade quería aprender un oficio, surxiu de traballar nunha carnicería, estiven traballando e despois púxenme solo (...) traballar na aldea, na aldea, o que é traballo de carnicería (...) aprendín, aprendín pouco (...) na carnicería empecei a traballar e ías aprendendo (...) (EHC).

Yo empecé a trabajar ahí sin saber nada, nada de nada (risos) (...). Los pescados los mariscos (...) y me lo estudié, los buscaba los nombres el pescado el blanco, el

azul, todo (...). Yo llegué allí como paracaidista, como una loca (risos). Sin saber limpiarlo, me tardaba, la gente me decía no, no, no, yo ahí no paro que esa muchacha tarda muchísimo, lo siento, chao, y me decían cuando aprendas vengo. Fue muy duro y lo aprendí allí todo (...) pero bueno, se allí me he mantenido es gracias a la gente de aquí mismo (EMP).

O último aspecto de afiliação identificado e sistematizado para o estudo adentra o aspecto das necessidades vitais, quer de sobrevivência (imediata ou prolongada), quer por aspectos simbólicos (necessidade de permanência definitiva do ser e identitária no social), está última encarnada na figura das mulheres *paisanas* (ainda que sem apagar o aspecto da necessidade vital que também está subjacente a este papel social).

É quando a atividade de mercado se coloca como única possibilidade de alcançar ingressos para a sobrevivência à/ao agente social trabalhadora/or na *Praza* (*placera/o*). Essa realidade pode ser lida por meio da entrevista feita à pessoa agente social EHA, que descreve a sua chegada à *Praza* no período de crise econômica do ano de 2005 e comenta que ficou sem trabalho e teve que buscar algo para ganhar a vida, e como ele é filho e neto de *paisana*, decidiu plantar e vender na *Praza* (EHA).

Relativamente ao aspecto simbólico dentro da afiliação dada pela necessidade, há o coletivo das *paisanas* e as pessoas agricultoras/es. Essas agentes sociais, no caso das *paisanas* – todas mulheres – que são tipificadas como pessoas idosas aposentadas que vendem o excedente da produção, estão enquadradas como pessoas que necessitam estar na *Praza* por uma questão vital de permanência, a necessidade no aqui agora está expressa no aspectos simbólicos majoritariamente. Definidas como “se acostumaram a vir” ou “*si se lles proïben de vir morren*” estão em processo de desaparecimento acentuado e é flagrante a configuração da perda de um aspecto “tradicional” (iconográfico ou representativo da sociedade), quer dizer, ancestral e de modo de vida. Aqui se evidencia uma afiliação, igual a um modo de vida, em iminente desaparecimento. Ilustrando essa forma de afiliação, tem-se o modo de vida das mulheres

paisanas, que, normalmente, expressam o discurso que “Si deixo de vir a *Praza* eu morro”.

9.1.2. As relações de Pertença

A pertença diz respeito ao grau mais elevado e profundo de afiliação. Quer dizer, quando a vinculação ao grupo se dá de maneira mais explícita em função da tarefa grupal, que no caso de estudo se trata de “viver da *Praza*”. A pertença se configura na *Praza* a partir de três graus de propriedade, consoante vêm à frente.

a) Alta: quando a pessoa agente social está vinculada a ações e organizações dos processos de promoção e mudança da *Praza*. Esse estado pode estar configurado em duas vertentes, quer dizer, de maneira direta ou indireta. A direta é quando a agente social participa encabeçando processos organizativos e compondo espaços instituídos como representação legal. Já a indireta é quando a/o agente social participa ativamente, porém não se dá a configuração instituída em cargos representativos.

b) Média: quando a/o agente social se coloca como sujeito consciente e crítico, porém não participa nas dinâmicas de representação nem se dá a participação ativa, ainda que promova as ações em prol da *Praza* de maneira reflexiva e crítica. Esse perfil em geral é de pessoas de nova incorporação à *Praza* e de setores de nova inserção e/ou de resgate de uma dinâmica e atividade que deixou de se dar e agora retorna a funcionar. Essa configuração da pertença tende a desenvolver-se para uma pertença alta. Trata-se, dessa maneira, de um lugar social em disputa entre um grau mais alto de pertença ou a derivação aos estratos de pertença inferiores.

c) Baixa: quando o desenvolvimento da atividade é o que marca a pertença. Ir trabalhar na *Praza* e buscar não se envolver mais, além de apoiar as (ou algumas) iniciativas que se dão, ainda que sempre buscando “não arranjar problema”. Esse envolvimento e pertença se dá em geral por uma “telé” desenvolvida por algum agente social de pertença alta.

O grau de ligação baixa está relacionado a dois fatores básicos concentrados na dinâmica do vetor da pertença. Por um lado, diz respeito a uma rede relacional fragmentada (por aspecto migratório, por exemplo) e por uma cosmovisão social de percepção estranha ao lugar (pouca ou ausência de ferramentas para lidar com a realidade social) e, por outro lado, fala de uma matriz de aprendizagem que entende o silêncio e a pouca participação coletiva como maneira de autoproteção no intuito de “não se meter em problemas”.

Non crear problemas que xa hai bastantes (...), o mellor e cada un no seu (EHF).

Uno me decía, de donde es eso, yo de aquí de Ribeira, bueno, sí, eso no es de aquí, y yo, bueno ¿y de donde es, entonces? La gente, como yo soy de fuera, pues el pescado tenía que ser de fuera (...). Muchas veces yo llego y no digo nada, la gente anda cabreada (...) y yo prefiero ya pasar porque para tener una mala experiencia prefiero no entrar a nada (EMP).

Setores de nova incorporação ou ressignificados, com pessoas à frente do negócio com o perfil jovem ou de mediana idade, com arcabouço social e educacional atualizado e mais definido com a configuração de ser europeu, porém sem deixar de entender-se no regional e funcionar com a promoção do local e de aspectos próprios – de ser galegos – são, de forma geral, características das pessoas e agentes sociais que manifestam um grau de vincularidade média na afiliação ao grupo da *Praza*. Esse lugar e o grau de vincularidade mediana parecem tender a crescer com o passar do tempo, dado o constante processo de aprendizagem na apropriação das dinâmicas da *Praza*: “Eu ahí non me meto porque no me puedo entrar en problemas agora, tampouco sei se me van a aceptar porque son novo aquí” (EHE).

Um exemplo de pertença de grau alto na afiliação se configura na pessoa agente social EHV, o que demonstra que não se trata de uma dinâmica vinculada somente ao lugar de ser dona/o de posto, nem de tempo de presença na *Praza* de forma específica. Esse sujeito entrevistado aborda e participa com profundidade das questões da *Praza*, mesmo não sendo dono de posto. Assim, a vincularidade alta

fala mais de aspectos advindos e constitutivos das matrizes de aprendizagem de cada agente social, essa bagagem cultural que cada pessoa traz em decorrência da sua trajetória vital. Igualmente certo, entretanto, é que os coletivos mais tradicionais e com responsáveis à frente do negócio (dona/dono de posto) e com grande trajetória vital na *Praza* são pessoas que manifestam também essa intensidade de vinculação alta:

Investigadora: Canto tempo levava traballando na feira (...)? Canto tempo?

Agente social 1.: Trinta e catro (...). Eu tuven de vocal na Asuca e na Cooperativa (...). Eu o que quería era más harmonia con á xente eh, e facilitar as cousas á xente (EMF).

Agente social 2.: Que funcionaba e que había que arrimar o ombro e para tomar decisións, si ti, agora por exemplo hai xente que non está na cooperativa e non pode tomar decisións, se nos acordamos que hai que subir as casillas, temos que subilas e se decidimos poñer aí un cabalo blanco poñemos un cabalo blanco, eles non poden decidir, non teñen nin voz nin voto, eso é importante e se nosoutros acordamos hai que pintar, pintamolos, se temos cartos, se non os temos pediremos, pero eles non poden de color amarillo ou blanco, nosoutros podemos decidir do color que queremos, que decide a maioría (EHC).

Como remate, o quadro relacional em termos de pertença alta, mediana e baixa é ajuntado ao coletivo comunitário grupal da *Praza*, no qual a afiliação à tarefa grupal de “viver da *Praza*” pode estar mais ou menos explícita, porém sim é dada pelo vetor da pertença que se concretiza nas dinâmicas abastianas.

9.1.3. As dinâmicas de cooperação

A cooperação se dá na prática social de operar em conjunto; é quando a configuração do trabalho em grupo está fundada em cooperar (operar com o outro, operar em unidade grupal). Essa constitui uma possibilidade que têm os integrantes do grupo, quer

dizer que a cooperação pode ou não se dar. Na *Praza*, há condutas cooperantes e outras condutas que atentam contra o princípio de cooperação.

As condutas cooperantes desenvolvidas na *Praza* provêm das matrizes de aprendizagem dos integrantes do grupo abastiano e outras de aspectos de heranças simbólicas coletivas, de Matrizes de Aprendizagem Compartilhadas. As citadas condutas cooperantes são divididas, assim, em duas configurações, quer dizer, em duas vertentes configuradas a partir de fontes distintas. Assim e por um lado, temos as atitudes cooperantes dispostas: primeiro das matrizes de aprendizagem de alguns integrantes em cooperação e segundo de aspectos de heranças simbólicas coletivas (matrizes de aprendizagem compartilhadas) de cooperação.

Na outra banda, tem-se outros dois exemplos de cooperação que se polarizam (em positiva e negativa), em que a negativa ou negação desta cooperação se faz notória e é praticada na cotidianidade da *Praza*. São exemplos de condutas que atentam contra o princípio de cooperação ou que obstaculizam as dinâmicas grupais, e, de igual forma, provêm de aspectos de matrizes de aprendizagem de alguns integrantes e também das heranças simbólicas coletivas, da mesma forma em e primeiro, das matrizes de aprendizagem de alguns integrantes, contrárias à cooperação e segundo de aspectos de heranças simbólicas coletivas (das matrizes de aprendizagem compartilhadas), contrárias à cooperação.

O trabalho em cooperação, quer dizer, de operar conjuntamente, pode ser abstraído nas seguintes expressões retiradas das entrevistas em profundidade em duas origens de configuração, a saber: das matrizes de aprendizagem de alguns integrantes em cooperação e de aspectos de heranças simbólicas coletivas (MAC) de cooperação.

Por um lado, tem-se os testemunhos coletados das entrevistas e que falam da dinâmica de cooperação na *Praza*. É quando esta se dá em cooperação advinda das matrizes de aprendizagem de alguns integrantes:

Cinco ou seis xuntos porque algún sabía que o poñía eu ou que o poñía o outro e xa, xa tal...eu houbo (...) da boa acollida que tivo a xente nese sentido (...). Tiñamos e temos que mirar polo negocio, quen vai mirar por el se non vemos nosoutros? Eu non podo mirar solo polo meu, eu teño que mirar que todo o conxunto que todo vaia ben, se me quedo solo cos carniceiros non vou ben, se quedo solo non vou ben (EHC).

A cooperación originária de aspectos de heranças simbólicas coletivas (de matrizes de aprendizagem compartilhadas), alude, por exemplo, à maneira histórica de organização agrária galega em formato cooperativista, realidade sistematizada na seção teóricas deste estudo como realidade subjacentes às dinâmicas atuais.

De outra parte, os testemunho nas entrevistas que falam da dinâmica de ausência de cooperação, quer dizer, quando esta não é exercida, também é constituída a partir das matrizes de aprendizagem de alguns integrantes contrárias a cooperação.

Si os dahí cando eu falaba rianse de min, eh, mire, si non hai quen, quen... Porque a máis ahi, a ver, ahi non hai unidad. Aaa, a xente en galicia e moi individualista. Xa dixen antes, queren o bus e despois va no coche... Pues sei tamén, o sea, tan xuntos, pero tan enfrentados. E enfrentadas. E si ti dis eto xa o disen ali pero dín de outra maneira, que xa non dichesche ti, xa para roubarche. Entendes, ahí non hai unión, digamos que non hai unión (EMF).

Eso ahí xa non...eso sempre levano os xefes, eu como son empleado aí tampouco podo falar moito porque non sei moito, eu o que vexo, e que non che sei, moitas veces eu creo que falta comunicación, sobretudo, entre o que sería a xerencia e os placeiros, falta de acordo entre os placeiros, cada un, esto xa son suposicións miñas cada un trata de mirar para o seu e non nun ben común como é a praza, que todos estamos traballando con todos, eu a min venme a xente co queixo e co peixe e entón tratase de crear sinerxías sabes? É super importante eso (EHV).

Que a xente en vez de traballar en equipo non traballa, traballa individual. Aquí en Galicia hai moito de eso. Si e unha cooperativa ten que traballar en equipo, si e unha asociación igual (EMF).

Também nos aspectos de heranças simbólicas coletivas contrárias à cooperação tem-se as condutas próprias do sistema social vigente, no qual o individualismo e a competição constituem fundamentos e perpassam o sujeito social, incidindo em muitas dinâmicas na *Praza*.

9.1.4. O exercício da pertinência

A pertinência é a possibilidade ou habilidade dos membros do grupo para estar centrados na tarefa. De acordo com Iñón (1997: 5), a pertinência se mede por meio do grau de produtividade e de criatividade que o grupo é capaz de desenvolver. Para entender, porém, o contexto grupal da *Praza*, há que se ter em conta alguns fatores prévios à análise da produtividade e criatividade. São eles: consciência de grupo, consciência da tarefa em comum, individualismo e setorização.

a) A consciência de grupo está na *Praza* e posta de maneira global, porém, como dinâmica concreta, se dá uma certa fragilidade e contradição, pois se configura e se recolhe amplamente o conhecimento do grupo, mas, ao mesmo tempo, se tem a confrontação entre o coletivo grupal e o negócio pessoal. Nesse sentido, muitas vezes, a ideia do “meu negócio” suplanta a noção do grupo.

b) A consciência da tarefa em comum no enquadramento de “viver da *Praza*” não está posta de maneira manifesta. Assim, no aqui e agora abastiano, o que se tem de maneira global é a tarefa que vincula o grupo posta na faceta do implícito.

c) O individualismo – “ênfata a individualidade (...) Dá ênfase principalmente ao êxito; o indivíduo é considerado como a unidade principal de sobrevivência, sobrepondo-se em geral aos grupos (...) A pessoa individualista age segundo seus próprios interesses, dando

pouca importância ao contexto social em que se encontra” (Gouveia, Vasconcelos, Queiroga, França & Oliveira, 2003: 3) – como conduta hegemônica e própria do sistema dominante, é uma característica que vem incidindo e fragilizando a pertinência na *Praza*. Dessa maneira, o cultivo de condutas comuns, comunitárias e grupais não somente promoveria a tarefa comum, senão que comporia a dinâmica contemporânea global de reivindicação do coletivo.

d) Setorização (açougue, peixaria, fruteria etc.) como divisão interna do grupo é um outro fator que, ao ser mal focado, funciona como forma de fragmentar o coletivo grupal. A setorização deve ser assumida como diversidade grupal, não como divisão ou fracionamento.

A partir das problemáticas e matizes descritos pode-se abordar os aspectos da produtividade e da criatividade trazidos por Iñigo (1997) para entender, assim, a cooperação na *Praza*. Dessa maneira, e amparado-se também nas entrevistas vinculares em profundidade e guiadas, afirma-se que a produtividade, ainda que exista, está em decadência, e é um dos fatores de grande fragilidade da realidade grupal abastiana. Nesse sentido, destacam-se algumas abordagens retiradas das entrevistas e que falam da pouca rentabilidade das atividades desenvolvidas na *Praza*:

Eu naqueles momentos que me, que me separei inda se vendia e eu fun indo, pero, eu solo facia pa comida e pagar, eh. Eu ahi non fixen cartos. Pa comida pagar, collia algo pos nenos, eu ahi non fixe, ee, e traballaba como unha loca ahi. E, o sea, non, non e como si tes un sueldo e bueno, apartas para eso, pa eso. Eu cando gañei cartos foi cando traballei de empleada, ahi si. O en Barcelona ou en Paris eu ahí aforrei cartos, pero, traballando na Praza eu non aforrei cartos, eu perdín cartos na Praza (EMF).
Porque tes que facer ti solas e tes moito, moito traballo ahi. A froita e moi, e moi esclava, eh, aunque parece que non. A xente non, non se da conta do esclavo que e trablar na foita, e si non na vendas tiras, tiras cartos, e non se da conta de eso, después xa e moito imposto por pagar. O sea, eee, sacan as leis, e sancanas e ala, a todos igual. Non, hai que mirar. Si eu me fixera rica e si veran que eu tiña

propiedades si que me tiñan que aplicar o artigo. Pero eu non comprei, máis ben vendín. Para eso esta os negocios e eso es triste. Eu non comprei nada con toda a (...). Sinembargo comprei cando traballaba para outros e eso e triste, he (pausa-silencio) (...) entonces as casillas non hai quen nas queira, por que? Porque non hai negocio ahí. As que están, unha ta xubildada, o xa ta viuda, outra ta con homén, outra ta non sei que (...). Eu non vexo vida ahí, non vexo. E xa casi xa acabou (EMF).

As casillas non e, a ver, depende cual compras, pero as casillas son caras, pero despois tens que mantelas. Porque non e so a casilla, as casilla xa che vale cen euros, hai nas que valen máis, pero normal cen euros. Bueno, o mes, despois tes a auga, tes a luz, tes o autónomos, tes a hacienda, tes cada tres meses, porque nun e a pesa, agora puñeron a ITV a pesa, sesenta euros o ano (...) (EMF).

Por outro lado, a creatividade é una das maiores fontes manifesta de resistencia grupal, resistencia no sentido de obstinación e fortaleza. Essa aludida creatividade⁹⁸ se expresa, por exemplo, na conformación da cooperativa para gestionar a *Praza* (contexto abordado na parte teórica deste informe), como tamén nas dinámicas culturais e sociais que se incluí na cotidianidade, como, por exemplo, exposicións, apoio á empresas cooperativas ou de inserción, alén das campañas de *marketing*, da ampliación de servizos como a entrega en domicilio, consigna, a compra *on line*, *personal shop*, as campañas de *marketing*, promocións de natal, entre outras innovacións postas e desenvolvidas en función de mellorar a rentabilidade e o funcionamento da comunidade abastiana.

⁹⁸ A creatividade aquí descrita tem relación com dinámicas inovadoras que, entretanto, são recuperadas e actualizadas do pasado. Neste sentido, a cooperativa, sem deixar de ser um resgate de prácticas advindas da historicidade galega, envolve, tamén, procesos inovadores, creativos.

Fotografias 66 e 67: Dinâmicas culturais e sociais na *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2018 e 2020.

Para Pichón-Rivière (1970: 21), “a tarefa é o elemento essencial do processo grupal” (Pichón-Rivière, 1970: 21) na qual a centralidade se dá na “relação entre um grupo e seus membros com uma dada tarefa” (Pichón-Rivière, 1970: 22). A partir do enquadramento pichoniano, Fabris (2014) conclui que a “tarefa é o encaminhamento de um grupo ou de um sujeito em direção a seus objetivos; ela é, ao mesmo tempo, uma práxis e uma trajetória de caráter multidimensional e dialética” (p. 111). Quer dizer, e tendo em conta as nuances e variáveis descritas com anterioridade, o vetor da pertinência (este como a possibilidade dos membros do grupo para estar centrados na tarefa) na *Praza* deve ser promovido sob a consequência de colapso, se não é fomentada, a pesar dos exemplos de criatividade.

Outro tópico que deve ser entendido na abordagem da tarefa tem relação com a diversidade grupal, dado que Pichón-Rivière afirma que quanto maior é a diversidade mais coesa é a tarefa – “Cumpre-se, assim, uma das leis básicas da técnica de *grupos operativos* (‘quanto maior a heterogeneidade dos membros e maior a homogeneidade na tarefa, maior a produtividade’. Chamamos nossas didáticas de núcleo básico por inspirar-se nas conclusões das investigações no campo da educação dos adultos” (Pichón-Rivière,

2005: 172), ou seja, a diversidade grupal incide diretamente na configuração e funcionamento do grupo.

Encontra-se certa diversidade na *Praça*, ou seja, existem diferentes atividades e setores, há várias faixas etárias em convivência, em termos de origem, se tem representação diversificada, também na presença de sexo por homens e mulheres etc. Essa sinalizada diversidade, todavia, não está sendo configurada de maneira fluida, quer dizer que, ainda que seja certo que existe heterogeneidade na *Praça*, igualmente certo é que a diversidade em contexto está sendo acometida por uma série de fenômenos e dinâmicas que imprime uma rigidez ao fenômeno da diversidade.

A citada rigidez traduz-se na configuração de estereótipos, como podem ser postos nas questões de gênero, visualizada na dinâmica e construção social entre homens e mulheres, também nas configurações gremiais, em que determinado setor tem mais prestígio do que outros e, ainda, na questão da origem, a diversidade se dá de forma minoritária; em relação à variedade etária, se observa que, ainda que ocorra uma renovação geracional, esta é muito tímida, dentre outros aspectos dos processos que manifestam problemas na aprendizagem.

A obstaculização da diversidade por meio da configuração de estereótipos têm incidido nas dinâmicas grupais da *Praça* dando ensejo à rigidez rigidez, e, assim, favorecendo a aparição de tensões, deteriorando as relações e conduzindo o coletivo a conflitos que alcançam, inclusive, a ruptura de diálogo (suspensão da comunicação entre determinadas/os agentes).

9.1.5. A prática da Comunicação na *Praça*

Os processos de transmissão e recepção da mensagem que se configura na *Praça* são diversos, ainda que transitem entre o efetivo e o fracasso, ambos abstraídos em função da tarefa grupal de viver da *Praça*. Sendo a comunicação a via pela qual transita a aprendizagem, de acordo com Pichón-Rivière e a partir de Iñón (1997: 7), está-se adentrando um vetor grupal de grande transcendência.

Pichón-Rivière (2005) afirma que toda conduta fragmentada e não adaptada dentro das dinâmicas do grupo estará relacionada com o processo de comunicação e aprendizagem – “insistindo particularmente nos vetores de aprendizagem e comunicação, cujas perturbações são, a nosso ver, a origem de toda conduta desviada” (Pichón-Rivière, 2005: 171) – ou seja, para ler as dinâmicas e também para alcançar mudanças que sejam operativas, haverá que partir, de forma imprescindível, desse vetor pichoniano, para a comunicação (e também da aprendizagem, que será abordada no seguinte módulo).

O Teórico, ao afirmar que a “pauta estereotipada, que funciona como estancamento da aprendizagem e deterioração da comunicação” determina que é o estereótipo o lugar do adoecimento (problemas sociais), assim, é por meio da leitura dos lugares estereotipados na *Praza* que se pode entender como são os processos comunicacionais nesta.

Há esferas das dinâmicas cotidianas na *Praza*, na qual se observam estruturas estereotipadas, sendo estas postas em dicotomia: o rural/urbano, idoso/jovem, lugar de mulher/homem, tradicional/moderno, dentre outras. À continuidade, são aprofundados estes temas, já abordados na seção teórica e em capítulos de análise anteriores.

a) Rural/Urbano

A questão do rural é um tema de centralidade na *Praza* e funciona como um grande e fundamental emergente social, que não somente fala das dinâmicas da *Praza*, senão que incide em aspectos simbólicos constitutivos do sujeito de origem galega. Como foi sinalizado no segmento teórico, além das questões identitárias e estereotipadas a partir da ditadura franquista de degradação do rural (Beiras, 1981 e Campoy, 2015, entre outros), também há a pauta global de reivindicação do local e o campo como forma de resistência (Cabana Iglesia, 2013) divergente da modernidade, das indústrias culturais e da sociedade da informação e da comunicação, que de

certa forma tem imposto condutas hegemônicas que chocam com a diversidade e fragmentam o local Hopenhayn (2004) e Miller (2018).

Fotografias 68 e 69: Rural/Urbano



Fonte Produção Própria.

Esse aludido lugar de estereótipo do rural ou do campo como degradado, pobre e atrasado, contraposto à cidade e o moderno, produz mal entendidos nos processos de comunicação porque, e primeiro, a realidade demonstra que a dicotomia não tem fundamento porque a cidade não pode viver sem o campo, e, segundo, essa ideia do rural como lugar de atraso foi constituída a partir de um projeto político que ensejou esta realidade de atraso, no que antes era vanguardista. Por último, e em terceiro lugar, o rural que é reivindicado na *Praza*, de fato, é questão que a constitui, e assumir esse lugar estereotipado passa pelo reconhecimento da impossibilidade de permanência e existência da *Praza* elaborada em infinidades de aspectos da ruralidade e do local, como nos produtos vendidos e também na encarnação de modos de vida, como pode ser o das *paisanas* ou de setores e agentes sociais, como as/os agricultoras/es, dos negócios que apostam pelos produtos de proximidade.

Neste sentido, malgrado o diálogo com o rural e com as pessoas que encarnam o rural, este está profundamente adoecido (estereotipado), e a mudança e saída desta problemática passa por entender que o problema de comunicação neste estereótipo se funda no discurso dominante imposto ao coletivo dominado e

subalternizado e na determinação de superar essas dinâmicas com projetos de reparação.

b) Idoso/Jovem

Antes de adentrar a dicotomia idoso/jovem, há que se entender o contexto dessa realidade social, com amparo na faixa etária. Muitas vozes da e sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela falam desta instituição como lugar de gente idosa, tanto na faceta positiva como negativa. Por um lado, há o imaginário do ser idosa/o como aspecto depreciativo, como região do atrasado ou lugar ultrapassado. Por outro lado e também, de promoção, esta como instituição que mantêm viva parte de uma história galega, uma tradição do local mantida na permanência das pessoas idosas na *Praça*.

Da mesma forma há certa percepção da presença de pessoas idosas na *Praça* (direcionada de forma específica às *paisanas*) como valor e força para seguir lutando (trabalhando e permanecendo firmes, apesar da idade), é a materialização da ideia do valor do trabalho que Antunes (2009) aborda, a partir de Mészáros (1995), como um “novo sistema de metabolismo social: autodeterminação e tempo disponível” como realidade categórica nos tempos atuais, em que há dois princípios fundamentais:

- 1) o sentido societário dominante será voltado para o atendimento das efetivas necessidades humanas e sociais vitais, sejam elas materiais ou imateriais. 2) O exercício do trabalho, desprovido de suas formas distintas de estranhamento e alienação, geradas pelo capital, será sinônimo de auto-atividade, isto é, atividade livre, baseada no tempo disponível (Antunes, 2009: 260).

É quando a percepção que se tem das *paisanas* se apresenta como um trânsito que passeia tanto por aspectos positivos e negativos, sem alcançar uma cristalização e forma definitiva; é a *modernidade líquida* sistematizada por Bauman (2003).

Essas simbologias que impregnam o imaginário social sobre e da *Praça* em termos de idoso/jovem incidem na realidade cotidiana do trabalho, acrescida de aspectos previamente instituídos nas dinâmicas abastianas, como, por exemplo, o lugar de prestígio que alguns trabalhadores têm, este amparado em certa medida na trajetória histórica do trabalho na *Praça* (alguns, inclusive, como herança de um pai já com prestígio). Outros aspectos de prestígio também podem se dar no marco da relação de gênero ou a atividade e setor que desenvolvem na *Praça*.

Nesse enquadramento, os aspectos de ser idosa/o na *Praça* emergem como uma rede de significados, na qual há diferentes formas de diálogos entre as pessoas idosas com as pessoas mais jovens, um dos quais fala da contraposição entre esses lugares de fala.

Existem duas configurações opostas nessa dualidade relacional entre jovens e idosos. Na primeira, os idosos são pilares e lugar de êxito. Na segunda, os jovens de nova incorporação potencializam uma ideia de mudança que nem sempre é bem-vista ou aceita pelas pessoas idosas. Além desse matiz, há um fator fundamental sobre essa dicotomia. Assim, na relação estereotipada entre idoso/jovem, se tem a segunda forma de obstáculo comunicacional desenvolvido na *Praça*. Trata-se da afirmação e construção simbólica da *Praça* como lugar próprio de gente idosa e que por isso está condenada a desaparecer. Entretanto, ainda que de maneira pouco representada, há a presença e a inserção de pessoas jovens, tanto como compradoras/es, como coletivo trabalhador.

Essa questão etária na *Praça* se alinha, de certa forma, com a ruralidade, na qual a pessoa idosa é sobrepassada pelo atual/moderno, tendo-se, assim, a terceira idade isolada e degradada. Essa dinâmica o que faz é desvincular a comunidade, rompendo em duas partes que não devem dialogar para poder atender ao padrão ideal da SIC, na qual são poucos idosos que alcançarão compreender sua linguagem e emergir nesta linha “atual”.

Essa tendência, entretanto, de dividir em dois grupos etários (os velhos e os novos) e separá-los, isolando-os e inclusive os enfrentando (como se não houvesse possibilidade de diálogo entre

esses contextos humanos), rompe com todas as concepções grupais comunitárias.

Nessas concepções sociais advindas da materialidade das práticas (as comunidades grupais), em que a pessoa idosa é detentora do saber-fazer e da memória histórica de um povo, se dá o diálogo coletivo, ao reconhecer o valor que aporta às gerações mais idosas ao grupo e a dependência das novas gerações a estas, dependência em simbiose, na verdade, um vínculo, uma mútua necessidade. Esses valores, porém, estão sendo substituídos pelo discurso do moderno por ele mesmo, como se o valor social na Modernidade só pudesse estar concentrado nos agentes que geram “lucro”, e como se a memória passasse a ser instituída, já não como patrimônio imaterial de um povo, no domínio social que encarna a pessoa idosa para sua tribo, senão que se expropria este patrimônio e ou o degrada ou o transfere, por exemplo, à “memória” da virtualidade, aos lugares virtuais de acúmulo de informação dos dados em grande escala, dados massivos ou *big data* – toda a informação da vida em *internet* – concentradas e abstraídas do sujeito histórico que agora é aviltado, rebaixado e despossuído em “velho”, repercutindo na fragmentação do coletivo.

A expressão discursiva – “a Praça vai desaparecer porque é coisa do passado, só tem gente velha” – é também um esquema de pensamento que separa a pessoa idosa (como “velha”) da sua comunidade e a fragmenta, na qual esse fracionamento degrada uma parte (a idosa entendida como “velha”) e promove outra (jovem, tida como moderna), instituindo assim um modelo social sem memória, retirando o caráter social da memória e transportando-a ao domínio virtual. Se essa dinâmica se institui, a Praça tal como conhecemos, como lugar de herança e legado social e de representatividade do ser próprio da Galiza, se acaba, sem nenhuma dúvida!

O estereótipo posto na dicotomia lugar de velhos Vs jovens traz à luz a fragmentação do diálogo intergeracional, divisão esta que é um construto, não uma realidade involuntária. De fato, sim, há diálogo entre jovens e idosos, sim, há esta diversidade geracional na *Praça*, entretanto, igualmente certo é que há de se promover a

renovação sucessória para a subsistência – porque está debilitada – para que o mecanismo de herança siga seu curso de construção local, sem deixar de ser universal.

A comunicação nesse construto estereotipado (lugar de velho) é de necessidade ímpar e deve ser pensada no sentido de coletividade grupal, pois é na diversidade de vozes que está a potencialidade do coletivo, coletivo este que tem como um dos seus pilares de existência a presença das pessoas maiores, as idosas.

c) Relação de gênero

Outro lugar de estereótipo reside nas dinâmicas de desigualdade de gênero dados no cenário abastiano. Na *Praza* observam-se dois aspectos, já tratados na seção teórica e também analítica, e que estão vinculados também com a ruralidade, ponto abordado por Méndez (1998) em *Cousa de muller*. Esses aspectos de gênero se desenham na discriminação da feminilização (presença majoritária de mulheres em setores laborais) e ao mesmo tempo em feminização (setores de trabalho próprios das mulheres) trazida por Yannoulas (2011), dentre outros próprios da relação de desigualdade de gênero. É importante insistir, porém, na ideia de que a *Praza* não é que seja mais machista do que a sociedade no geral, senão que são justos estes modelos sociais que, como não poderia ser diferente, permeiam a *Praza*.

Nas relações de gênero exercidas na comunidade abastiana dá-se também e de certa maneira a configuração de estereótipos e estes falam do estado da comunicação que se tem na *Praza*. Nesse sentido, a comunicação está fragmentada, carregada de valores que devem ser enfrentados por meio da crítica à vida cotidiana (Quiroga & Racedo, 2003) e do enquadramento acadêmico da relação de gênero, ao entender que o instituído e normalizado deve ser objeto de reflexão crítica e diálogo nos quais se opera a mudança.

E, sim. Eeem, facer reunións máis a menudo e mirar os problemas de cada un, porque claro, xa sabemos que cada un ten os seus problemas na casa, pero, eeeh, a veces hai cousas que hai problemas que son daí, que sale, o sea. Porque, heem, volvo o de antes, non se trata todo o mundo

por igual. E si eres muller peor, eh. Cuidado con eso.
Pronte es, que as mulleres ainda temos moito que escalar,
eh (EMF).

No relatado acima, se tem a ilustração de que há a consciência do papel desigual que as mulheres ocupam e se trata de um conhecer em primeira pessoa um saber do sujeito da prática; também se trata de uma realidade sistematizada teoricamente. Assim, o que se tem pendente é o posicionamento de desenvolver projetos práticos para poder trabalhar estas questões na dinâmica grupal no sentido de mudança de pensamento para alcançar uma configuração mais equitativa.

d) Tradicional/Moderno

O estereótipo da dicotomia tradicional Vs moderno já foi introduzido imbricado com a questão dos idosos/jovens, entretanto, esta é somente uma manifestação da aludida faceta estereotipada. Sistematizou-se aqui, na parte teórica, o enquadramento trazido por Bauman (2003) sobre a modernidade líquida, na qual nada parece alcançar concreção, forma estável. Sendo que a *Praza* nega em princípio esta liquidez (devido ao forte caráter de tradição e modernidade que mantém), porquanto a dinâmica de liquidez tem permeado os processos educativos históricos, enfraquecendo o viés tradicional. Essa modalidade de inserção do moderno, que anula o local e o tradicional, é um curso recorrente, um lugar comum. O desafio reside, contudo, em incluir o moderno sem preterir o tradicional, posto como a herança histórica constitutiva da comunidade abastiana. Nesse sentido, tem-se o estereótipo do tradicional/moderno que, uma vez mais, deve ser comutado pela inclusão em “e” na dialética dos processos sociais, quer dizer, tradicional e moderno.

Ainda convém insistir no fato de que há outros estereótipos circulando na *Praza*, como o do lugar do pobre, das pessoas sem estudos, sem educação, entre outros. Essas manifestações estereotipadas, todas elas, estão direcionadas a problemas na comunicação (adoecimento das relações) segundo Quiroga a partir de

CIEG (2011): “Como é esta relação(...) em alguém que vive esse particular tipo de experiência denominada de doença mental? São formas empobrecidas, estereotipadas, parcializadas, distorcidas da relação. Deteve-se o processo de comunicação e aprendizagem. Cristaliza-se a dialética, a transformação recíproca entre grupo” p. 26).

Todas as esferas da cotidianidade descritas na faceta estereotipada devem ser encaçadas por meio da crítica à vida cotidiana (Quiroga & Racedo, 2003) para a mudança de atitude que necessariamente terá que romper com a dicotomia e aceitar esses fenômenos de maneira dialética, em que não se é ou se tem “um” ou “outro” fenômeno (e estes de formas separadas), senão que na dialética relacional em “e”, na qual os dois fenômenos são forjados em processo educativo. Nessa dinâmica espiralada, na qual se constitui o rural e urbano, os idosos e também os jovens, lugar de mulheres e homens em igualdade, do tradicional sem negar o moderno (e *vice-versa*), é que deve ser tecida a eliminação das relações estereotipadas e alcançar assim o diálogo necessário para que os processos educativos sejam fluidos e adaptados à realidade e em benefício da comunidade total, dos grupos, não apenas da parcialidade do grupo, vertente ou setor.

Além dos lugares estereotipados, e da tarefa compartilhada, pode-se entender a comunicação na *Praza*, também, a partir dos seguintes aspectos: os espaços de comunicação, os tipos de comunicação e o grau de efetividade da comunicação.

e) Tipos de comunicação e seus espaços

O espaços de comunicação na *Praza* são concisos entre trabalhadores. Ainda que a *Praza* seja constituída como um lugar de comunicação, como já foi descrito, igual de certo é que esta, em função da tarefa compartilhada, conforma uma situação de comunicação reduzida e obstaculizada. Quer dizer, não se tem lugares e momentos de diálogos amplos entre o coletivo trabalhador da *Praza*. Neste sentido, as instâncias representativas são as que estão dialogando pela coletividade, porém, esse fenômeno não é adequado,

deve-se estabelecer como dinâmica, para garantir a realização da tarefa em benefício de todos, a instituição de lugares estáveis de diálogo para construir processos de aprendizagem mais efetivos e em benefício de toda a comunidade abastiana. São poucos os espaços de comunicação e não é abarcada sequer a maioria, e deve ser pensada para a totalidade das pessoas agentes sociais da *Praza*.

Os tipos de comunicação exercida na *Praza* são próprios da diversidade, e a comunicação se dá entre campo e cidade, idosos e jovens, homens e mulheres, tradicional e moderno, entre pessoas da localidade e outras de procedência de fora da Comunidade Galega e estrangeira, com uso de diferentes idiomas (dando lugar de centralidade ao local galego), intersetoriais, extra-setoriais, entre a coletividade de pessoas trabalhadoras da *Praza*, entre compradores, caminhantes e visitantes, entre a *Praza* e a Administração Pública (Consello e Xunta), entre a administração da *Praza* (a Sociedade Cooperativa Galega) e a administração, entre outras possibilidades de tipos de comunicação.

Como se constata, com o elenco de comunicação desenvolvido, se garante a fala comunicacional, fundamento da aprendizagem e do bom desenvolvimento de qualquer processo grupal, porém, a qualidade dessa comunicação, enquanto promove ou não a necessidade vincular grupal e a tarefa que as convoca, é fator a ser objeto de mudança em alguns aspectos, como foi dissertado. Quer dizer que a diversidade dos tipos de comunicação não está articulada na coletividade grupal e o potencial comunicativo não repercute na configuração de espaços amplos de comunicação entre os distintos membros da *Praza*.

O grau de efetividade da comunicação é um fator a ser melhorado em função dos tipos de comunicação elencados. Ou seja, está garantida a existência comunicacional que se plasma em grande possibilidade e diversidade de expressões, porém, a depender do tipo de comunicação, se tem a configuração de diálogo estereotipado ou não (como foi descrito). Os aspectos estereotipados vão determinar em grande medida a não efetividade da comunicação.

Há muitos problemas de comunicação na *Praza* que falam de dois aspectos relacionados às dinâmicas advindas de construtos sociais e que são descritas, tanto como conformação de estereótipos, como de pouco espaço de comunicação.

- Problemas de comunicação por estereótipos:

Pero fue, puñeronme de vocal, pero después nunca che chamaban a reunión (...) e un día eu dixera a porque nunca me chamaba, eu non debo de estar dentro. “E dime unha, oische, eu vou me botar fora porque aqui nunca fan reunións”, dixera os outros. E nunca fan, eu botome fora. E dixenlle eu, e tens razón. Dixenlle eu, bueno, eu ocupada con miñas cousas (...). Colleron as nosas firmas e depois traballaban eles. Eso e como funciona aquí, a muller non son pa todo, hasta pa eso (Risos). Que contra (Risos). Eh si, eh, mira. Hai moito (...) (EMF).

O grupo de xente que estabamos antes eramos todos homes moi capacitados, homes moi preparados e un grupo moi formal, sempre había de doce que estabamos ou trece, nove eramos unha piña, unha piña (EHC).

- Problemas de comunicação por ausência ou pouca oportunidade de comunicação:

Moitas veces eu creo que falta comunicación, sobretudo, entre o que sería a xerencia e os placeiros, falta de acordo entre os placeiros, cada un, esto xa son suposicións miñas cada un trata de mirar para o seu e non nun ben común como é a praza, que todos estamos traballando con todos (...). É super importante eso entón moitas veces si que, ehh non sei, hai falta de comunicación entre os placeiros, eu non sei se hai obxetivos comúns, eu aí xa non sei, eu veño aquí a traballar e pouco mais pode decir, tampouco sei máis (EHV).

Os problemas de comunicação ilustrados com os testemunhos anteriores atestam que há tanto problema de comunicação fundamentado em estereótipos (de gênero - o caso ilustrado), como também de ausência de espaços de comunicação entre trabalhadores da *Praza* e espaços organizativos e diretivos-administrativos. Essa

dinâmica de comunicação deficitária deve ser trabalhada para desobstaculizar os processos de aprendizagem e para isso há que promover e garantir o diálogo.

9.1.6. A conexão da “Telé”

O vetor da *telé* é a afinidade (maior ou menor) que estabelecem as pessoas que compõem o grupo. A *telé* na *Praza* se dá a partir de alguns condicionantes sociais conjugados, tanto para uma maior afinidade, como para a configuração da faceta de menor empatia. Os aspectos acedidos para a configuração da *telé* são: proximidade de postos de trabalho, grau de prestígio na *Praza* e devido a aspectos de adjunção de papéis relacionados pela incidência e, de forma fundamental, o exercício das matrizes de aprendizagem.

A primeira manifestação da *telé* se observa no setor de trabalho. Nessa categoria e para entender a *telé*, constata-se ser possível forjar relações de empatia ou de grande distância. Esse exercício e atividade em dupla possibilidade é observado também no segundo contexto de manifestação da *telé*, a proximidade de postos de trabalho, na qual podem-se dar, de forma semelhante, uma *telé* positiva e mais próxima ou justamente o contrário, a manifestação distante e negativa da *telé*. Outro, e último aspecto no qual se observa a dupla dinâmica das facetas da *telé*, em maior ou menor qualidade de afinidade, é o grau de prestígio na *Praza*, o qual incide tanto para unir como também para distanciar.

Eran comerciantes, algúns eran amigos e outros non eran amigos, despois algúns fixeronse mais amigos, estas metido todos os días ao primeiro (...) e vas collendo unhas amistades e unha relación, despois os comerciantes cada un marcha para un lado ou para outro e non hai tanto pero hai, houbo, do cual levamonos do grupo ese primeiro, moi ben, moi ben, despois viñeron outros (...) para estar nestes sitios hai que estar (...) vas aprendendo algo dos políticos (EHC).

Em decorrência da manifestação da dinâmica produzida e observada em função do vetor da *telé*, afirma-se que o único fator

forte e que representa um padrão comportamental advém dos aspectos de adjunção e assunção de papéis dados na dinâmica grupal, pela capacidade do diálogo e pela incidência e exercício das matrizes de aprendizagem de cada agente social da *Praça*. Os fatores anteriores listados, porém, vão compor o cenário final da *telé*, de mais ou menos empatia.

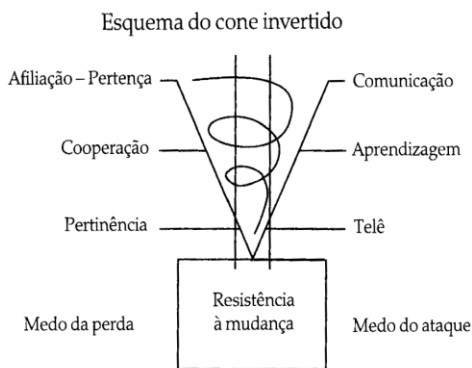
Na faceta distante ou negativa da *telé*, existe a composição de uma estrutura que pode ser tecida junto a outras estereotipadas. Essas dinâmicas conformam obstáculos na comunicação. Toda a problemática advinda da *telé* de base vincular negativa deve ser divisada como possibilidade de estabelecimento do diálogo, sempre em função da tarefa compartilhada, e desprender-se do “eu” de cada agente social da *Praça*.

9.1.7. O vetor da Aprendizagem

Segundo a teoria pichoniana, a aprendizagem é o processo de aprender a aprender a realidade para transformá-la, sendo que essa se dá pela capacidade de adaptação ativa à realidade. Não se trata de aceitar a realidade tal como esta se apresenta como vítima ou resignada, senão que se dá no enquadramento do sujeito pichoniano (bio-psíquico-social) que, atuando na realidade cotidiana de forma dialética, funciona ante o medo da perda e o medo ao ataque de maneira operativa, que é operacionalizada mediante os processos grupais. É a aprendizagem no sentido da práxis grupal que modifica o sujeito interno ao ponto de este ser capaz de operar na sua realidade cotidiana na grupalidade comunitária, em que esse processo se dá de maneira dialética, de acordo com a teoria de Pichón-Rivière (2005).

Para depreender o processo de aprendizagem abastiano, serão considerados, além dos elementos já sistematizados a respeito dos vetores do cone, os seguintes aspectos que também fazem parte das particularidades do enquadramento sistematizado por Pichón-Rivière (2005), que é a atitude perante a mudança (por meio dos dois medos, o da perda e do ataque).

Figura 6: O Cone Invertido e seus Vetores de Funcionamento



Fonte: Pichón-Rivière, 2005: 268

Na base do cone invertido (estrutura que ilustra a organização e dinâmica grupal pichoniana), se tem a “resistência à mudança”, intimamente ligada à estereotipia – “insistência sobre o caráter central da situação de estereótipo ou resistência à mudança” (Pichón-Rivière, citado em CIEG, 2011: 18), e que se define como negação e rejeição a situações nas quais opera a mudança, dificuldade de aceder a formas adaptadas, “adaptação ativa à realidade”.

Essa resistência à mudança está constituída e é operada na dinâmica grupal por meio dos dois medos básicos, que segundo Pichón-Rivière (1966) geram duas ansiedades basilares que são o medo da perda e o medo do ataque:

A tarefa consiste na elaboração de duas ansiedades básicas: medo da perda (ansiedade depressiva) das estruturas existentes e medo do ataque (ansiedade paranoide) na nova situação, provindo esta última de novas estruturas nas quais o sujeito se sente inseguro por carência de instrumentação. Estas duas ansiedades, coexistentes e cooperantes, configuram a situação básica de resistência à mudança, que, no grupo operativo, deve ser superada num acontecer grupal, no qual se cumprem os três momentos dialéticos de tese, antítese e síntese, por meio de um processo de esclarecimento que vai do explícito ao implícito (CIEG, 2011: 17).

No estudo da *Praça*, o que se fez foi, por meio dos elementos explícitos, buscar e sistematizar análises hipotéticas subjacentes ao evidente e explicitado. Ou seja, elaboraram-se hipóteses sobre as dinâmicas no grupo abastiano e seu funcionamento, elementos estes que “não se avalia com um critério tradicional de verdade, mas sim em termos de operatividade, na medida em que permite ou favorece a ruptura do estereótipo” (Pichón-Rivière citado em CIEG, 2011:17). Os estereótipos devem ser superados através da gratificação obtida pelo alcance, desenvolvimento e realização da tarefa grupal (viver da *Praça*).

Ana Quiroga () afirma que “as necessidades do sujeito são o fundamento de um processo de exploração do real à procura da fonte de gratificação. Esse processo é a aprendizagem” (CIEG, 2011: 31). Afirmou-se e estruturou-se a necessidade vincular da comunidade abastiana como sendo a necessidade de “viver da *Praça*”, quer dizer e baseando-se em Quiroga (2014), alcançar êxito nesta tarefa de “viver da *Praça*” pressupõe processos de aprendizagem, sendo que Pichón-Rivière (1988) aborda e define o vetor da aprendizagem da seguinte maneira:

O sexto vetor nos remete a um fenômeno básico - o da aprendizagem. É obtido pela somatória de informação dos integrantes do grupo, cumprindo-se em dado momento a lei da dialética de transformação de quantidade em qualidade. Produz-se uma mudança qualitativa no grupo, que se traduz em termos de resolução de ansiedades, adaptação ativa à realidade, criatividade, projetos etc. (CIEG, 2011: 18).

A citada “somatória” ao ser acumulativa, essa progressão do desenvolvimento é geométrica, portanto, esta “didática, a aprendizagem se estrutura como um processo contínuo, com oscilações, articulando-se os momentos do ensinar e do aprender... como um todo estrutural e dinâmico” (Pichón-Rivière citado em CIEG, 2011: 16).

O que viria a ser, porém, o processo inverso da aprendizagem? O que acontece quando o processo de aprendizagem está

obstaculizado ou paralisado? O mesmo teórico sinaliza que a obstaculização, paralisação ou ruptura dos processos de aprendizagem está fundada nos problemas de comunicação estabelecidos na estereotipia – para Pichón –Rivière “A tarefa consiste precisamente nesta abordagem, onde o objeto de conhecimento se torna penetrável por meio de uma elaboração que implica a ruptura da pauta estereotipada, que funciona como estancamento da aprendizagem e deterioração da comunicação” (citado em CIEG, 2011: 20).

O inverso aos processos de aprendizagem seriam a instauração dos processos dilemáticos, o surgimento de tensões, conflitos e problemas que não são solucionados e que deterioram as relações grupais, fragmentam e enfraquecem o grupo e geram o adoecimento da comunidade. Nessa perspectiva, foi sinalizado em passagens anteriores, por meio da leitura dos vetores pichonianos, como se encontra o grupo da *Praza*.

Trabalhar as dinâmicas deficitárias da comunidade abastiana, já descritas, pressupõe (a partir do enquadramento quiroguiano) trabalhar a instrumentalidade grupal para que os integrantes do grupo, centrados na tarefa comum, estabeleçam as dinâmicas de mudança, de crescimento, de aprendizagem e de comunicação, em que a instrumentalidade grupal quer dizer relação centrada nas necessidades da globalidade dos integrantes do grupo:

É esse trabalho... que permite a transformação da estrutura grupal, em reaprendizagem da realidade, reaprendizagem que consiste – em todos e em cada um – na modificação da relação mundo interno/mundo externo. Isto é instrumentalidade grupal. A interação centrada nas necessidades dos integrantes (Quiroga citado em CIEG, 2011: 28).

O grupo comunitário da Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela e seus processos e dinâmicas de aprendizagem, apesar dos aspectos a encarar, que estão fixos no exercício da expressão prática da resistência à mudança (medos da perda e do ataque), vêm encontrando a instrumentalidade grupal há mais de 150 anos e adaptando-se de forma ativa à realidade. De tal

modo, afirma-se que as dinâmicas interacionais amparadas na necessidade coletiva (a de viver da *Praza*) é um vínculo forte que vem sendo sustentado e consolidado de maneira suficiente para garantir a permanência adaptada, ou seja, a aprendizagem socioeducativa da comunidade grupal abastiana.

9.2. A COMUNIDADE VINCULAR NA PRAZA DE ABASTOS

Como se pode observar no preciso momento, o coletivo da *Praza* constitui uma amálgama de relações históricas tecidas por meio de realidades, tensões e projetos, nos quais os princípios de mistura e combinações marcam pautas comportamentais e incidem nas dinâmicas sociais que são dadas a partir dos três pilares, a saber: o educativo, o social e o laboral.

Esses três pilares, fundamentos conceituais do grupal na *Praza*, na verdade, estão postos como uma totalidade, são aspectos que estão inter-relacionados e podem ser definidos como a aprendizagem do real trazida pela teoria sociocultural vigotskyana e que reverbera e toma forma em diferentes enquadramentos teóricos, como em Paulo Freire (2003) com o sujeito da práxis, em Ana Quiroga (2012), com as Matrizes de Aprendizagem ou no englobamento pichoniano, nesta mesma linha:

La Psicología Social planteada por Enrique Pichón-Rivière implica y se fundamenta en una concepción del sujeto, el que es entendido como ser esencialmente social. Es decir, emergente... Para Pichón-Rivière el hombre se configura en una praxis, en una actividad transformadora, en una relación dialéctica, mutuamente modificante con el mundo... El carácter fundante de esta relación de transformación recíproca define al *sujeto de la praxis* como sujeto *esencialmente cognoscente* y sitúa en primer plano el análisis de los procesos de aprendizaje (Quiroga, 2014: 47).

Por um lado, o aspecto educativo fala do sujeito do conhecimento, do ser “cognoscente” pichoniano que é o mesmo sujeito essencialmente social, o viés social que constitui e incide no

coletivo. Por outro lado, o laboral que é a própria concreção da transformação, no aprendizado integrador da ação, no qual o laboral (na abordagem específica da *Praza*) fala da dialética, da mútua modificação do sujeito com o mundo em relação de constante transformação.

Assim, a concepção grupal do mundo educativo-social-laboral da *Praza* está constituída como aprendizagem a partir da apropriação da realidade para transformá-la (Pichón-Rivière, 2005). É o viver e o pensar como o ato de conhecimento que aludem a modelos do aprender (Quiroga, 2014). Os modelos do aprender podem ser, por exemplo, modelos rígidos, dolorosos, afáveis, invisibilizados, entre outros (Chatelain, 2011).

Esses descritos modelos do aprender, entretanto, dados na *Praza* vão arremeter também nas relações sociais desenvolvidas a partir dos perfis humanos configurados nela, de forma dialética. Quer dizer, e por um lado, cada agente desempenha um papel com funções a depender do cenário das relações e dinâmicas cotidianas que, tanto podem ser cooperativistas como segregadoras ou conflitivas. Os discursos subsequentes exemplificam alguns modelos do aprender na *Praza*:

Era moi recta pero nunca nos pegaba e avisaba, pero nunca nos pegou, e se algunha nena lle facia mal a otra ela collia a nena que facia o mal, mandaballe, puña de pé, puña as duas de é e entonces a que facia mal tiña que dar un bico e eso que non volva a pasar, aqui somos todos igual, que non volva a pasar. Eso, tiño ela moi presente, non habia esta cousa que tiña agora, ela xa desde o principio xa controlaba todo, e tiña nena dos 6 a 14 que non era como hoxe, que e distinto. Ela era moi boa. De feito eu conocín as netas e aqui na Praza eu falaba sempre dele (...). Foi a única, pero a mellor claro, a única pero boa. A min me marcou moito. Xa tubera unha madriña que era así, xa miña madriña que morreu tería eu catro anos xa era así, tamén e logo un xefe que tuven en Francia, e ele era igual, era unha farmacia, un laboratorio, e el puñiaaa, a única extranxeira era eu. Pero, sempre hai unha persoa que estaba facendo algunha trastada, non, pos él asi collia

aquela persona e falaba diante de todos, “que eso que non volva a pasar” (EMF).

Por outro lado, os modelos do aprender também estão determinados pelo marco socioeconômico do sistema global: “El proceso de aprendizaje tiene como horizonte las relaciones sociales, en las que destacamos el lugar fundante que ocupan las relaciones productivas, en tanto sostén de la estructura social” (Quiroga, 2014: 51). Quer dizer que há um sujeito social específico, com práticas especificadas e cultivadas para manter o sistema vigente, como podem ser a realidade do “turisteo” porque – “El mundo existe todavía en su diversidad. Pero esa diversidad poco tiene que ver con el caleidoscopio ilusorio del turismo. Tal vez una de nuestras tareas más urgentes sea volver a aprender a viajar, en todo caso, a las regiones más cercanas a nosotros, a fin de aprender nuevamente a ver” (Augè, 1998a: 16) – e as decisões de terceirizar a administração da *Praza*. Essas dinâmicas são reproduzidas sem a crítica à vida cotidiana que, assim, naturaliza os processos, reproduzindo práticas que não beneficiam a coletividade comunitária abastiana.

Em suma, o grupo do mundo educativo-social-laboral da *Praza* e as dinâmicas e percepções das/dos agentes sociais trabalhadores nesta está fragmentado e adoecido (em grande medida) manifestando dinâmicas de tensões e conflitos, tanto pela falta de diálogo, como por não centrar-se na tarefa comum (viver da *Praza*), elemento que une todas e todos; no entanto, também, por dar-se em um marco global de relações produtivas que impõe dinâmicas não aceitas como próprias nem efetivas para a coletividade no “conjunto de práticas criadas com o objetivo de fortalecer e tornar mais efetiva a vida em comunidade, melhorando as condições locais, principalmente para aqueles que se encontram em situações de desvantagem social” (Arns, 2010:4).

Igualmente certo é que há também a perspectiva integradora da realidade, com práticas cooperativistas e de coesão, com ações e dinâmicas transformadoras em benefício do grupal comunitário, e é nessas dinâmicas entre realidades, ora de tensões e conflitos, ora de encontros e de inclusão, que a *Praza* vem sendo tecida, sobrevive e é reinventada.

9.2.1. Relações vendedor – vendedor

As relações tecidas pelas pessoas trabalhadoras da *Praza* passam, em grande medida, pela atividade de compra e venda. Nesse sentido, as dinâmicas tecidas entre vendedoras/es e vendedoras/es se dão em um contexto de multiplicidade de ações, isto é assim porque o coletivo vendedor se desenvolve em diferentes locais que oferecem variados produtos (e/ou serviços). O fator das ofertas de venda é o primeiro elemento que marca a forma relacional entre vendedor e vendedor, no qual se pode ter sinergias ou concorrência por trabalhar com o mesmo setor e produto de venda, por exemplo.

Outro fator que incide na relação vendedora/or-Vendedora/or é a estrutura física e organizacional da *Praza*. Física porque a *Praza* está ordenada em pavilhões estanques; organizacional porque medidas institucionais e normativas de saúde fazem com que a diversidade dos setores não possam misturar (determinados setores por motivos sanitários, dentre outros, não podem estar em um mesmo pavilhão/*nave*). Quer dizer que a proximidade entre postos (tanto em função de setores segregados como de mesma atividade) geram tanto diálogos fluidos como atritos.

Si bien muchas obras permanecen dentro de los circuitos minoritarios o populares para los que fueron hechas, la tendencia prevaleciente es que todos los sectores mezclen en sus gustos objetos de procedencias antes separadas. No quiero decir que esta circulación más fluida y compleja haya evaporado las diferencias entre las clases. Sólo afirmo que la reorganización de los escenarios culturales y los cruces constantes de las identidades exigen preguntarse de otro modo por los órdenes que sistematizan las relaciones materiales y simbólicas entre los grupos (Canclini, 1990: 288).

Outro aspecto relacionado à dinâmica entre vendedoras/es se dá na composição de instituições representativas destas. Na *Praza*, conformaram-se duas estruturas representativas, uma é a ASUCA (*Asociación de Usuários de Casetas*) e a outra a Sociedade

Cooperativa Galega (a associação que administra à *Praza*). Ambas as instituições foram constituídas por grupos ativos na *Praza* para unir o coletivo trabalhador, os usuários dos boxes (*casetas*), ainda que nenhuma das duas haja conseguido reunir, debaixo das suas siglas, a totalidade das pessoas e agentes sociais. Na atualidade, entretanto, se está dando a renovação das lideranças nestes espaços, devido, em grande medida, à renovação geracional e ao ingresso de novos agentes trabalhadores com perfis diferenciados: “Asuca es a Asociación de Casillas. Eso era, eso xa havia antes, xa havia antes que a Cooperativa... ainda esta ahi. E agora parece que esta outros, eu non che sei (...)” (EMF).

Também, no testemunho abaixo, observa-se a relação de poder que há entre trabalhadores da *Praza* em função de um lugar de liderança a partir de posição nas citadas instituições:

E como si tuvieras medo a decir las cousas. Porque si lle din algo a aquel da directiva parecelle mal, porque si lle din a aquello después non lle compra e después, o sea, a xente cala moito porque después non lle compra, o problema e eso (EMF).

Todas as questões descritas incidem na relação vendedora/or-endedora/or, sendo que estas podem ser dadas tanto como identificação, proximidade e cooperação; como em diferença, distanciamento e, inclusive, hostilidade.

a) A comunicação e conflitos entre trabalhadores da *Praza* (*placeras/os*)

Na *Praza* se tem uma série de conflitos que são configurados a partir de bloqueios no processo de comunicação, obstaculizando, dessa maneira, a aprendizagem e impedindo as resoluções destes conflitos.

Tanto a sinalização de agentes que dão voz ao conflito, estes concretizados, por exemplo, como questões como a falta de ingressos ou de rentabilidade insuficiente para manter-se na *Praza*, ou a competência entre iguais, a separação gremial, a configuração de

estereótipos, a fortaleza de uns setores ou agentes (no terreno do grupo) vistos em detrimento de outros etc., são sinais de condutas e processos em que não se deu a abordagem adequada ao problema, e assim configura-se a tentativa frustrada de resolução.

Como observado, existem comunicação e aprendizagem na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, porém estas dinâmicas estão de certa maneira obstaculizadas, e fundamentalmente os bloqueios estão se configurando em dois âmbitos, nos setores de nova incorporação de locais de comida preparada (dispostas como lanchonete, ou *hostelería* e *restauración*), o que parece haver sido desbloqueado, como em âmbitos tidos como especialmente tradicionais, como o da pesca e da cultura do cultivo agrícola, em especial o cultivo: “Si os dahí cando eu falava rianse de min, he, mire, si non hai quen, quen... Porque a máis ahi, a ver, ahi non hai unidad” (EMF).

b) Tipos de lideranças na Praça

Outro aspecto a se ter em conta é a necessidade de revisão dos modelos de lideranças, em que a liderança democrática é o papel mais adaptado porque é o que assume o trabalho em grupo. Pichón-Rivière (2005) sistematiza vários modelos de liderança, entre eles: a autoritária, que utiliza uma técnica diretiva e rígida, o que possibilita o estereótipo de dependência; a liderança *laissez-faire*, que é o líder que delega no grupo a própria autoestruturação, assumindo de forma parcial sua função; a liderança demagógica - que tem conduta de impostura porque é de estrutura autocrática e demonstra uma só aparente democracia; a liderança democrática ou líder -coordenador-liderança na qual há um intercâmbio de ideias feita em processo dialético do ensinar e aprender. Esses modelos de lideranças sinalizados não são únicos e estanques em um grupo.

Um dos tipos de lideranças que se têm na *Praça* – a liderança autoritária, por exemplo – tem dado forma e promovido certas dinâmicas que podem ser entendidas como “interação patogenética”, exercida com formas de vínculos que, em grande medida, obstaculizam a solução de conflitos: “Aqueles formas de vínculos que

obstaculizam(...) a resolução dos conflitos, a aprendizagem, a discriminação e gratificação... reiteração de mensagens contraditórias, adjudicação e assunção de papéis, estilos de liderança, são formas de interação que podem dar lugar ao surgimento da doença” (CIEG, 2010: 28), quer dizer, de tensões, confrontações, desentendimentos e conflitos. Por um lado e continuação, há discursos que ilustram o tipo de liderança autoritária configurada na *Praça*:

Iba deixar. Entonces, perdona. Reunironse os cabecillas que hai por ali, da asociación da ASUCA pa facer unha cooperativa e a cooperativa claro que esta ben (...) Son os mesmo. (Risos). E que son os mesmos (risos). Mira, suben e baixan de postos (...) Pero mira, eu penso, penso moi distinto, (risos). Porque sabes o que pasa, e o que eu che decia antes, que a xente nova, en ves de mirar doutra maneira, o final cae na mesma cousa. Eso que eu boto de menos. Ao mellora a xente nova ven con moi boas ideas, pero, planteanlle outro color e, e va, pois terá razón, e xa esta, malo sera. Ala. Como din aqui, malo sera. E o final cae no mesmo, os novos. E que non, non se cambia tanto, é a mentalidad (...) Mira eu, cando estuben na Cooperativa pensei que xa non existía (a ASUCA), porque a verdade, ía ca tal, pero non, non. A verdade e que tampoco prantaba moito, pero bueno, ni oin falar dela e que inda existia, pero bueno. Entonces, eu ahi non sei, porque ao final a que leva as rendas e a Cooperativa. Pero por que ten a outra? Poi non che sei, non sei para que exista (...) hai xente boa, hai xente moi boa, solo son uns atropellos que hai polo meido, as mala organizacións que hai aqui en Galicia, después botanlle a culpa una os outro (risos), pero os que levan, a ver, os que teñen o mando son os que teñen que conducir, porque a xente son coma os bichiños, ti pone ali a caixa, abrelle catro burato e todo truuuu (...). Cada un colle un camiño distinto, non? Pero claro, si ta dentro da caixa non marcha. Risos (...) Ehe, que penso que xa falei moitas cousas, he... Eso es o que che dixen, habría que cambiar á xente. E cambiar todo o formato que hai, o inmueble si, pero, traer xente nova, borra este, porque si non, non cambia. Porque a xente ten un medo... E que non hai moito

que facer ahí, eh. E que a xente nova tiñana que traerla toda de dun, dun, dunha generación e que fora toda (...) (EMF).

Outro problema que se dá na *Praza* vincula dous conceptos de ideas. Primeiro, a de tipos de lideranza (e, neste caso, o modelo de lideranza autoritário), e, segundo, a concepción de problemas no proceso de comunicación. No testemunho seguinte, no qual expresións como “nunca me chamaram para as reunións”, “eu vou embora porque non nos reunimos” e mais o medo de falar, entre outros aspectos, sinalizan para un grande problema de comunicación asociado a un perfil de lideranza autoritaria:

Mira, o principio claro que fan unha reunión e din, mira vamos a... Estas van. Poñen eles, vamos a ta, ta, ta. Todo ben, vos entrades e unha vez que entra despois xa, he cumo todos os sitios (...). Porque de unha vez puñeronme na, na ASUCA. Pero fue, puñeronme de vocal, pero despois nunca che chamaban a reunión. Esa e outra. Na Cooperativa si, si eres vocal chamanche, eso es verdad. Pero na Azuca, e un día eu dixera a porque nunca me chamaba, eu nun debo de tar dentro. “E dime unha, oische, eu vou me botar fora porque aquí nunca fan reunións”, dixera os outros. E nunca fan, eu botome fora. E dixenlle eu, e tens razón. Dixenlle eu, bueno, eu ocupada con miñas cousas (...)... Eso e como funciona aquí, a muller non son pa todo, hasta pa eso. (Risos). Que contra (Risos). Eh si, eh, mira. Hai moito (...). E como si tuvieras medo a decir las cousas. Porque si lle din algo a aquel da directiva parecelle mal, porque si lle din a aquello despois non lle compra e despois, o sea, a xente cala moito porque despois non lle compra, o problema e eso. Algunha xente aunque quixera fala (...), pero outra non quere falar porque quere vender (EMF).

Por outro lado, tem-se testemunho ilustrativo de que tamén están configurados na *Praza* outros tipos de lideranza, mais voltados ao tipo de lideranza democrática. Esse modelo democrático é simbolizado por Pichón-Rivière como o mais apropiado para o grupo:

Viñamos de unha experiencia grande e bueno ahí estiben de secretario da cooperativa, pois eh oito anos. A cooperativa empezou no ano dous mil (...). Porque pasaba tipo como pasaba no (...), ao concello daballe perda pero non atendían as instalacións entón nos o que lle pediamos e que nos autogestionaran a nosoutros e nos pois con esa experiencia (...), pois traemolo para aqui, pagamos un alquiler e nos vamos autogestionando, fixemos unha cooperativa porque había que facer cooperativa (...). Home claro, non é igual concho, ou bueno...nosotros pensamos que estamos mellor así pensamolo igual estamos equivocados, penso que non, pensamos que non, ou penso eu, eu falo por min pero pensamos un grupo moi grande que non que nosoutros depois penso que que moitisma xente, non tivemos o apoio ao principio pero depois deronse conta (...). Pero depois como vimos que os que non querían, depois querían, xa (...) (EHC).

Essas questões, a serem revisadas, em alguma medida, já estão sendo reformuladas porque se observam dinâmicas de superação que estão sendo forjadas na interação com o novo. São revisões nos processos de aprendizagem grupal que vão sendo tecidas porque se deu um salto e concretizou-se a saída da resistência à mudança, em alguns aspectos, como, por exemplo, com a renovação da estrutura diretiva da *Asociación de Usuarios de Casetas* (ASUCA), também com a incorporação de novas linhas ou setores de comercialização (inserção da linha da comida preparada, *hotelería* depois de anos de obstaculização).

Ocorrem, pois, dinâmicas que impõem mudanças em uma diversidade de práticas, dado o acesso de novos membros ao grupo da *Praza*. Essas mudanças tocam em temas que vão desde questões materiais, como pode ser a mudança de horários e de produtos vendidos, por exemplo, como a incidência em aspectos que alcançam tópicos simbólicos constitutivos da estrutura relacional da *Praza*, como a inclusão de pessoas de fora das redes familiares, como também, longe do entorno familiar galego, estrangeiro.

c) Mudanças com novas formas de diálogo

Além do descrito, é necessário pontuar que a irrupção da pandemia por COVID-19, sem dúvida, já está facilitando processos de mudanças, o que exigirá grande coesão social e capacidade de acordos coletivos, bem como o manejo de modelos de aprendizagem cooperativa e democrática, dada a realidade de contenção ou limitação do trânsito de pessoas e desaceleração econômica. É quando um problema maior e alheio às dinâmicas do grupo estabelecido compromete o funcionamento e a sobrevivência grupal, com tamanha imponência que o grupo se vê convocado a tomar decisões implícitas e explícitas de reorganizar-se e manejar ferramentas de coesão, união e solidariedade.

Essas duas cotidianidades impostas pela irrupção da pandemia que acometeu a sociedade abruptamente, traduzidas tanto na contenção ou limitação do trânsito de pessoas, como na desaceleração econômica, exigem do grupo da *Praza* uma dilatada capacidade de coesão sociocomunitária para a superação das dificuldades. Essa citada ligação sociocomunitária terá que vir, obrigatoriamente, da revisão dos processos de comunicação e dos tipos de lideranças que se tem, fazendo promoção do modelo de liderança democrática.

Um exemplo desse contexto de pandemia tem-se na reunião de agricultoras e agricultores dado nas limitações postas pela Prefeitura (*Concello*) de Santiago de Compostela para a venda de produtos das hortas familiares⁹⁹. Foi uma assembleia, retratada nas seguintes fotografias.

⁹⁹ A citada problemática foi acessada por meio de redes sociais o dia 11 de setembro de 2020 por um comunicado do SLG e da FRUGA: <https://m.facebook.com/237745976376784/posts/1823715634446469/>

Fotografias 70 e 71: Assembleia de agricultoras(es)



Fonte: Produção Própria, 2020.

Essa reunião se deu entre agentes sociais trabalhadores da *Praza* do setor agrário junto com o *Sindicato Labrego Galego* (SLG) e a *Federación Rural Galega* (FRUGA) na qual foi sistematizada uma série de ações, como, por exemplo, escrever à Prefeitura (ao *Concello*) de Santiago questionando a limitação da presença das trabalhadoras e trabalhadores *paisanas* e agricultoras/es; também decidiram pela diretriz de ir trabalhar todas e todos o sábado seguinte ao dia da reunião ilustrada na fotografia. Após a reunião, representantes da Prefeitura realizaram a medição do espaço destinado às *paisanas*, agricultores e agricultoras, e deu-se, como resultado imediato, a liberação da venda para o setor especificado. As ações de pressão maiores não tiveram que ser levadas adiante.

Essa descrita dinâmica atesta que formas de diálogo horizontais estão sendo recuperadas, redesenhadas e tecidas na *Praza*, o que demonstra estarem se compondo distintas maneiras dialogais, facilitando os processos de comunicação e logrando aprendizagem, havendo sido possível a resolução de problemas e se efetivado, assim, a apropriação da realidade com a superação dos medos da perda e do ataque (ainda que certo é que este exemplo não é um feito majoritário e por esse motivo há que se trabalhar as formas de diálogo para que estas práticas sejam amplificadas).

9.2.2. Vendedores – Consumidores

Já se descreveu que o coletivo de vendedoras/es é um grupo diverso e, dentro desta dinâmica de multiplicidade, estão construídos. Da mesma maneira, o coletivo das pessoas consumidoras está posto em grande diversidade de lugares de fala. Assim, em termos de perfis de pessoas consumidoras, tem-se: moradores da parte velha da cidade de Santiago de Compostela, pessoas do contorno da cidade e de prefeituras limítrofes compostelanas, galegas/os que vêm à *Praza* para comprar pela qualidade de produtos ou relações de parentesco (entre outros), pessoas, tanto da geografia galega, como de fora dela, muitas advindas de todo o Território espanhol, como também de partes da Europa e pessoas provenientes de varios países, dentre outras especificações.

Ou seja, tanta diversidade de lugares de fala do coletivo das pessoas vendedoras e também dos consumidores resulta em uma diversidade relacional desmedida, que supera o objetivo deste estudo em sua descrição. São elencadas, contudo, algumas dinâmicas gerais que se dão na inter-relação desses coletivos, tais como: de proximidade e conhecimento dos gostos e produtos que costumam levar, como de distanciamento em pouca interação; de confiança ou desconfiança (de uma parte ou de ambas); de diálogo informal e de entretenimento, como também diálogo informal e direto (de uma parte ou das duas); entre outras possibilidades. Em suma, há relações sinalizadas como de promoção, confiança e reconhecimento mútuo entre vendedoras/es e consumidores; porém e também há relações pautadas na desconfiança e, inclusive, de hostilidade.

A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, como relacioal, grupal e comunitária, é um lugar de intercâmbio em diversos sentidos e com numerosas dinâmicas práticas fundadas em trocas. Dentre estas, a mais evidente e representativa é o intercâmbio de mercadoria por dinheiro, concretizada como atividade de mercado na dinâmica de compra e venda de mercadorias de todo o tipo, a prática de troca mais manifesta e estendida. A esse tipo de troca, entretanto, está subjacente uma série de outras permutas simbólicas, por exemplo, a de necessidades primárias, na troca de alimentos por

recursos para viver, de busca por dar a conhecer produtos locais, ou de diálogo, também de modo de vida, dentre outras.

O intercâmbio de mercadorias, e destas por dinheiro, é majoritário e se dá tanto de forma interna, como externa. Externa é a relação entre trabalhadores da *Praza* e provedores, assessores etc. Interna é entre agentes trabalhadores da *Praza* e pessoas que compram destes.

Fotografias 72 e 73: Intercâmbio, mercadoria e dinheiro



Fonte: Produção Própria.

A dinâmica vendedor-comprador na faceta interna se dá de três formas, a primeira, diretamente (vendedor-comprador), a segunda é por meio de um *personal shop*, acrescentando um agente à primeira dinâmica de dupla (*personal shop*-vendedor-comprador) ou e terceira,

de forma virtual, esta última multifacetada e que pode envolver uma diversidade de agentes. Por meio desse tipo de troca, todavia, se estrutura uma diversidade de outros intercâmbios, a depender do objetivo e do grau de relação que se tenha, este último, que pode ser mais íntimo ou mais distante (diálogos, trocas de favores, ajuda econômica etc.).

Esse intercâmbio direto (vendedor-comprador) passa por conversas despropositadas, no grau de troca com mais distância, sem palavras ou com dinâmicas discursivas simples – “como chove!” ou “este ano a pataca saleu cara” – passando a questões mais íntimas – “que tal a muller, mellor?” ou “despois teño que contarte unha cousa” – estas reproduções do discurso oral se apresentam no grau de intercâmbio em intimidade; entretanto, ambas as interações (distantes e vagas ou mais próximas e íntimas) são tecidas em processos de aprendizagem, em que a necessidade do diálogo se impõe como intercâmbio constitutivo da *Praza*.

E hai xente... Mira, eu ainda onten falei con o rapaz de Japón, que veu, me buscou pero non me encontrou e deixoume un detelle. Por que? Porque eu sempre o tratei ben, e non o engañei. Que hai xente porque que e un rapaz novo, porque e un extranxeiro ten que dar calquer cousa, non, ti tes que tratar a xente toda igual, a xente e toda igual (...). Pero mira, eu penso, penso moi distinto, (risos). Porque sabes o que pasa, e o que eu che decía antes, que a xente nova, en vez de mirar doutra maneira, o final cae na mesma cousa. Eso que eu boto de menos. Ao mellora a xente nova ven con moi boas ideas, pero, planteanlle outro color e, e va, pois terá razón, e xa esta, malo será! Ala! Como din aquí, malo sera. E o final cae no mesmo, os novos. E que non, non se cambia tanto, é a mentalidade (...) (EMF).

O fluxo de gente e a aprendizagem do outro gerada pelas dinâmicas de intercâmbios são das maiores e diversas dinâmicas, e representativa da *Praza*, sob a qual se dão inumeráveis trocas de comunicação e composição de aprendizagem entre agentes locais, nacionais e internacionais. Essas podem concretizar-se em dinâmicas

que passam por “passar o tempo”, por alcançar aporte emocional, ou adquirir conhecimento (de produto, do entorno, da comida, do outro, etc.) dentre outras.

O diálogo é um dos fatores fundamentais para a concretização da aprendizagem, sendo o que Pichón-Rivière (2005) descreve como unidade e interdependência: “Os processos de *aprendizagem* e *comunicação*: Ambos os aspectos formam uma unidade e são interdependentes. A comunicação é o trilho da aprendizagem” (Pichón-Rivière, 2005:70). Assim, sendo a *Praza* um lugar que alberga uma diversidade de pessoas provenientes de varios lugares e que buscam também interação e diálogo, as possibilidades de aprendizagem são imensas.

9.2.3. Vendedores – Gestores

Existem dois coletivos especificados como gestores da *Praza*, o primeiro é a empresa organizada em cooperativa que a gestiona, por meio de licitação pública que está composta por uma parcialidade de pessoas donas de postos na *Praza*, e o outro é a própria Administração Pública, o Estado, na esfera da Prefeitura/*Concello* de Santiago, que é proprietária da *Praza*.

Assim, a relação entre esses dois coletivos, a saber, vendedoras(es)-administração, por um lado, vai depender do enquadramento administrativo e, por outro lado, do perfil da pessoa vendedora (ou trabalhadora) que, como já foi dito, se dá em grande diversidade. Nessa multiplicidade, a relação que se tem entre estes dois agentes descritos é plural. Listam-se, entretanto, dinâmicas globais de interações:

- Todas as comunicações que podem ser elencadas em dinâmicas reivindicativas de direitos individuais.
- Diálogo como grupo organizado dentro da ASUCA (*Asociación de Usuários de Casetas da Praza*) ou da *Sociedade Cooperativa Galega* que reivindica seus interesses.

- Quaisquer interatividades que estejam relacionadas com problemas diversos na *Praza* de estrutura (reformas, consertos pequenos etc.), de disposição e ocupação do espaço físico, de eventos e festejos, como também de relação entre o coletivo trabalhador (*placeras/os*), dentre outros.
- Interloquções com dinâmicas relacionadas a serviços que a empresa que gestiona a *Praza* oferece, tais como consigna, vendas *on line*, entrega a domicílio etc.
- Menções de acesso a um posto de venda na *Praza*.
- E todas interações próprias do sistema legal e burocrático do sistema público estadual, entre outras.

A lista de dinâmicas de formas de comunicar descrita anteriormente faz referências a temas e formas comunicativas na relação entre agentes sociais da *Praza* e instituições e coletivos dirigentes e administradores, como podem ser a *Asociación de Usuários de Casetas da Praza* e a *Sociedade Cooperativa Galega* (empresa que a gestiona), ambas instituições que representam as dinâmicas dialogadas entre vendedoras(es) e gestores.

É importante sinalizar que a ASUCA e a Cooperativa, ainda que se constituam também com práticas da gestão em suas dinâmicas internas, são próprias do coletivo trabalhador da *Praza*. A instituição que não está debaixo do poder de gestão das *placeras(os)*, mas que sim tem total poder de gerenciar a vida deste coletivo é a Prefeitura, o *Concello de Santiago de Compostela*, e aqui reside uma das poucas questões unânimes que circula no imaginário das pessoas trabalhadoras na *Praza*, que é a percepção de que o Concello (a Prefeitura) não tem um correto desempenho com a *Praza*:

(...) dixo que, que a deixaba a unha empresa que, que non podia, aqui, que daba perdida. Daba perdida porque quere, porque antes el mandaba, o Concello mandaba tres, por poñer un exemplo, tiña dous ou tres guardias, non sei, xa non me acordo, habia un para meio día, xa non sei, creio que tiña tre guardias. Sei que tiña tres guardias pra o total, pero so da limpeza mandaba tres con un cargado. Tres

personas con un cargado, ahora ta na facendo dous sen encargado e cobran menos que con o Concello. Eso tamén hai que decirlo, esos dous que estan ahi, ven a Plaza todos los días, cobran menos que do Concello e son dous e daquela viña catro. Non se pode meter tanta xente así desa maneira, hai que saber donde as metes tamén. Pero como como os outros sin que falan (...). Eso xestionaba o Concello. Perooo, claro. Ahora o Concello ainda leva un tanto, creo que e un por cen das ganancias (EMF).

Eso sí, además de facer o traspaso, un ten que pagar certo diñeiro ó mes ó Concello, coma se fora un aluguer. Se embargo, son da opinión que a burocracia para obter un posto na praza é mellorable, porque pagas o traspaso á unha persoa, outra parte á praza, que é unha cooperativa e outra parte ó Concello (...). Non estou moi de acordo con que se meta tamén o Concello (EHF).

Ao concello daballe perda pero non atendían as instalacións entón nos o que lle pediamos e que nos autogestionaran a nosoutros (EHC).

A gente siempre se puede hacer más y mejor sobre todo mejor porque lo he hecho muy mal y estamos en reclamación por qué. Pero yo no puedo hacer la reclamación porque fue el Concello que licitó la obra entonces lo único que hace la cooperativa es pagar, pagar y pagar los desperfectos de la obra (EMA).

Co Concello, e que non che sei, co Concello o que vin foi aí o da nave que, tiveron un montón de tempo parada por eso porque non había un entendemento entre, fixeron unha reforma que creo que houbo, foi unha reforma de moitos cartos, estiveron un montón de tempo moitos casetos vacíos con xente que seguramente quere abrir os seu negocio e que polo tema de eso da burocracia eu non sei que permisos fan falta nin que se necesita nin nada pero si que moitas veces, eu entendo que as cousas non seran tan faciles, abrir un negocio nin abrir un tal pero moitas veces tampouco, non sei, non entendemos porque que o que falla para que non, e que non sei (EHV).

Os agentes sociais da *Praza* e o diálogo entre a institución pública, independentemente de partido político que a ocupe (ou a tenha

ocupado) consideram que a Administração Pública não promove a *Praza* de maneira satisfatória; consideram que as cargas econômicas são altas, que as atividades que promovem não são acertadas e muito custosas, e que não há demonstração efetiva de que desejem fazer com que a *Praza* seja um espaço melhor, mais próspero e vital. Essas são algumas das percepções que se tem a respeito do verdadeiro gestor (e proprietário) da *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela.

9.2.4. Vendedores - Turistas

O coletivo trabalhador da *Praza* concebe as dinâmicas turísticas a partir de dois lugares enfrentados, ainda que também se observe a terceira visão, a que modera as duas posições contrapostas. Por um lado, há coletivos que consideram que os turistas atrapalham as dinâmicas da *Praza*, que são um problema, porque ocupam o espaço e não compram. Por outro lado, há alguns coletivos que consideram os turistas como fundamentais e que de fato representam um setor de consumo significativo para seus negócios. Nesse descrito embate de posições, entretanto, há a terceira alternativa, que coloca o turista como um coletivo a ser gerenciado. Nessa perspectiva, se considera que o turista tem uma função de promover a *Praza* e que o fato de que haja interesse pela cultura e pelas dinâmicas galegas é algo positivo e que deve ser cultivado e reconhecido como positivo. Rejeitam-se, porém, os grupos grandes de turistas (aceitando-se somente visitas pessoais e individuais) e que o fluxo massivo de gente deverá ser gerenciado de alguma maneira no futuro, para poder garantir, assim, a atividade de mercado tradicional.

Afinal, a relação entre as/os vendedoras/es da *Praza* (como também dos demais setores do grupo que a compõe) em relação ao coletivo dos turistas está sendo dada por meio das dinâmicas em pleno processo de transformação.

Nesse marco de diversidade de percepções e atitudes em relação aos turistas, convém referir que a *Plaza* de Abastos é uma realidade histórica ancestral, onde todos transitaram, como já se descreveu na seção teórica, e que também fala deste lugar social de reivindicação da soberania popular (Salazar Vergara, 2003) como aspecto simbólico, de trânsito e de encontro de pessoas que, na atualidade, ganha força, tanto

com exercício de mercado como lugar de passeio da população local, como a dinâmica do turismo ou visitação e atividades, como a de passeantes.

Fotografias 74, 75, 76 e 77: Diversidade de trânsito e de encontro de pessoas



Fonte: Produção própria, 2017 e 2020.

O grande fluxo de gente dado na *Praza* não tem por que ser lido de forma estigmatizada ou renunciada, como se trata em alguns contextos teóricos com o nome de “gentificação” (Hernández Cordero, 2017), dado o fluxo de turistas que parece desconfigurar o local.

Em geral, os pontos de convergência incluem a referência ao fato de que todos esses conceitos mencionam o caráter imaterial dos bens culturais, sua intangibilidade, seu caráter simbólico e sua dependência de redes sociais para adquirir valor. Os pontos de divergência referem-se ao modo como cada um desses conceitos se relaciona com políticas públicas, com a possível missão humanista e política da cultura (...), com o papel do consumidor e com a cultura e seus aspectos de consumo, entretenimento, lazer e estilo de vida (Bendassolli, Wood, Krischbaum & Cunha, 2009:3).

Contrariamente, esses novos fluxos de gente pode pressupor a revitalização da *Praza* e a construção de novas dinâmicas de aprendizagem; porém, uma ou outra opção está posta e em disputa na atualidade das dinâmicas na *Praza*, se uma dessas práticas vai estar configurada de maneira definitiva (apagando a outra), em uma faceta, a negativa de “gentificação”, ou na outra, de lugar de centralidade e coesão social, é uma realidade que ainda está por ser definida. Constitui uma existência fluida ou de realidade líquida, na acepção de Bauman (2003), um lugar de configuração final a ser estabelecido.

9.2.5. Relações familiares

Outro tipo da dinâmica peculiar e que se dá na *Praza* diz respeito às relações intrafamiliares, de parentesco próximo ou parentesco político. Essa questão endossa a proximidade das relações, a coesão e manutenção do regulamento simbólico e local, muito característico da *Praza*.

Essa realidade está assente tanto na permanência de um mesmo negócio passado de geração a geração, como o de exercício de forma simultânea entre agentes do mesmo núcleo familiar, porém em

negócios e boxes (*casetas*) diferentes. Ainda que seja igualmente certo que esta realidade está em pleno processo de mutação, dada a inserção de novos locais e de pessoas procedentes de outros territórios, como também de outros setores de atividade de recente incorporação na *Praza*, igualmente certo é que a recorrência de vincularidades familiares é um traçado recorrente e se exprime como característica do local; insistir em que esta realidade de redes familiares tende a desaparecer porque o discurso de não passar o lugar a um familiar próximo é recorrente, devido ao peso laboral e dos poucos ingressos alcançados, dentre outros fatores.

As estratégias de transmissão do conhecimento encontram estímulo também no traslado de postos de trabalho de geração a geração. Nesse sentido, em relação às estratégias de transmissão por meio do questionamento feito a agentes sociais entrevistadas/os sobre a possibilidade da/do filha/o assumirem o relevo e trabalhar (ou não) na Praça, foram obtidos os seguintes relatos:

Non. De feito eles non quiseron, marcharon, ningún, xa vironme a min tan amargada que xa non quiseron máis. Eu empecei eu, que de feito collin aquilo más grande, pa que eeh, eu vin que non habia eeh. E triste, eh, que ti porque gastas os cartos, ahí esta, gastas a salud, gastas os cartos e non sacas pa diante, eu quería poñer o futuro pa un deles, porque eu investín ahí e sinembargo non me quixeron nada. Ahí non hai futuro. Que somos lerchos. Hai que ser moi lerchos para ta ahí dentro, eh. Porque os xoves que eu contestei pa eso... Non e como eu son, e que me facían. Ahi tes que ter, tes que ser doutra madeira. Pra traballar no mercado non ten que ser calquera, ten que ser de outra madeira. De feito algúns pechan, marchan (...). Non, xa llo digo eu que non. Axudar mentres estemos nós sí, máis non. Prefiro que teñan un bo traballo, coa súa seguridade. Isto é moi esclavo. Agora, antes de estar noutro sitio sí que prefiro que estén aquí... Gustaríame que tiveran un bo traballo, con seguridade e as súas vacacións (EMF).

Non, xa llo digo eu que non. Axudar mentres estemos nós sí, máis non. Prefiro que teñan un bo traballo, coa súa

seguridade. Esto é moi escravo. Agora, antes de estar noutro sitio sí que prefiro que estén aquí (EHF).

A transferência de postos de trabalhos é obsevada, inclusive, na venda agricultora, informal e ambulante. Quer dizer que transferência de postos de trabalho é uma prática bastante reproduzida, mais por necessidade vital do que por votande com outras motivações. Ainda assim, observa-se um redução nessa dinâmica de transferência de negócios, como se observou nos trechos anteriores.

9.3. USO E IMPACTO DAS TICs NA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE DE ABASTOS

A concepção de tecnologia utilizada para o estudo da Praça do Mercado de Abastos de Compostela transita pela abordagem estruturada por Simone Ballmann de Campos (2007) e extraída das concepções vigotskianas no enquadramento histórico e sociocultural, no qual a adaptação ao meio, como dinâmica histórica humana principalmente cara à sobrevivência induz, e pressupõe, adaptações. Ou seja, são processos de aprendizagem social: “En la concepción de la cultura como herramientas, la cultura se considera como un conjunto de herramientas para la organización de vida, a nivel colectivo e individual” (Even-Zohar, 1999: 28).

Com suporte nessas adaptações, e de maneira ampla, tanto o uso de signos como de instrumentos e tecnologias integra o citado processo de adaptação (Ballmann, 2007: 78), porque é componente de funções mentais humanas que são socialmente produzidas e transmitidas por meio da cultura: “as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas” (Vigotsky, 1998: 169). Dessa maneira, o conceito de tecnologias engloba tanto utensílios, como simbologias: “Define-se, então, tecnologia como a capacidade de desenvolver utensílios, aparelhos ou ferramentas, mas também diferentes simbolismos, tais como: a linguagem oral ou escrita, os sistemas de organização da atividade produtiva ou de relações humanas” (Ballmann, 2007: 78).

A atualidade embebida de tecnologia, tanto em contextos de sala de aula (trabalhado por Ballmann, 2007) como para o estudo de âmbitos gerais da sociedade, como o dos processos educativos na Praça do Mercado de Abastos de Compostela, o objetivo último desta se centra na utilização das tecnologias direcionadas para atender e favorecer a diversidade, a multiplicidade e a interação conectadas ao sistema social no qual as pessoas estão inseridas (Ballmann, 2007: 78).

Essa conexão da tecnologia com a cotidianidade citada pela autora nos seus estudos está representada e encarnada na Praça do Mercado de Abastos de Compostela em diversas representações e ferramentas modernas, como, por exemplo, o elevador, aclamado por muitos devido à necessidade de conectar a Rúa Virxe da Cerca com a *Praza*, facilitando o trânsito de gente e a locomoção de mercadorias na dinâmica da compra-venda, principalmente das pessoas idosas (pessoas maiores) ajudando na mobilidade deste coletivo. Também no serviço de pedidos por internet, implantado há mais de três anos, mas não sem disputas com o ingrediente de luta por alguns setores que viam a importância de dar essa opção à clientela, contra argumentos de que seria muito custoso e de pouca demanda, por exemplo.

Fotografias 78 e 79: Tecnologia da cotidianidade: elevador e serviço de entrega em domicílio



Fonte: Produção Própria, 2017.

Outro fator tecnológico de grande valor simbólico e sinergia conceitual implantado na *Praza* foi a máquina de autovenda de leite fresco. A elaboração da ideia que vinculava aspectos do gado *vacum* local, de produto fresco, com o consumo responsável local em embalagem reciclada, não teve a inserção necessária para a sua permanência e foi desativada. Essa proposta foi extraviada, não por fatores endógenos da *Praza*, mas sim por dinâmicas que chocaram com a lei do mercado de oferta e demanda, de rentabilidade econômica. Assim, há que se ter em conta que existem fatores relativos a implementação, desenvolvimento e fixação da tecnologia na *Praza* que estarão determinados não por elementos internos, senão por circunstâncias extrínsecas tanto da sociedade galega como global.

Fotografia 80: Proposta tecnológica que não vingou na *Praza*



Fonte: Produção própria, 2018.

Para a estudiosa Ballmann (2007) e outros autores, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) mudaram a

sociedade: “los fenómenos creados por una tecnología en permanente expansión, que está contribuyendo a transformar todas las formas de vida” (Sancho, 2009: 653). É um fato que existe um novo paradigma e que as pessoas estão permeadas pela tecnologia, independentemente de ter ou dispor delas (Ballmann, 2007: 82). Nesse novo contexto, sem relação com fatores de índole socioeconômica e cultural, os sujeitos tendem à elaboração de arcabouços mentais e cognitivos que integram e são desenvolvidos com suporte nas TICs, ainda que o sistema tenda a não considerar essas transformações. Nas palavras da autora,

Como todas as relações sociais estão permeadas pela tecnologia, mesmo não possuindo computador, os jovens de todos os meios socioeconômicos e culturais tendem a criar estruturas mentais e cognitivas que incorporam e se desenvolvem a partir das TICs, no entanto, o sistema educacional costuma desconsiderar, no cotidiano da relação (...), as mudanças na ordem das representações, do pensamento e das linguagens que permeiam esse novo paradigma social (Ballmann, 2007 : 83).

Assim, de maneira paralela à teoria, percebe-se que a integração das TICs na Praça do Mercado de Abastos de Compostela está em um processo fluido, de trânsito. Quer dizer, não está solidificada, não tem corpo ou formato definido, é a mesma proporção da modernidade líquida de Bauman (2003). Em outras palavras, ora consistente e compondo a realidade de maneira ligeiramente harmonizada, ora desarmonizando, como aparelhos ou mecanismos soltos que destoam da cotidianidade abastiana. As tecnologias, entretanto, não deixam de ser elementos que compõem uma nova heterogeneidade que é em si mesmo um aspecto positivo, como potencialidade, acrescido pelas TICs.

Fotografias 81, 82 e 83: Falta de integração entre elementos da TICs (estado de fluidez, em que a tecnologia ainda não alcançou o lugar instituído na Praça)



Fonte: Produção Própria, 2017.



Fonte: Produção Própria, 2021.

Dessa maneira, na atualidade, a tecnologia passa a ser, segundo Ballmann (2007), mais um recurso cultural que gera mudanças, no entanto, também enseja uma interatividade comunicacional tecnológica: “a interatividade comunicacional possibilitada pela tecnologia, vendo-a como mais um instrumento cultural que produz mudanças conceituais e sociais” (Ballmann, 2007: 82), enriquecendo o meio social. Nesse contexto, observa-se como diversos usos podem ser dados aos mecanismos atuais e de nova introdução na *Praça*,

como, por exemplo, o elevador (o seu contexto e perímetro) que passa a ter função de ponto de informação devido ao intenso fluxo de gente que essa tecnologia configurou. Não somente, todavia, nesse estado material, senão também em redes, quando a compra e venda virtual cresce (em fluxo de diálogo e comunicação que resulta em mais vendas) e consolida o sistema de entrega em domicílio. Quer dizer que as possibilidades de comunicação a partir das tecnologias tendem a ser amplificadas, porque amplificam o trânsito ou fluxo de gente em interação ou diálogo comunicacional, ainda que no citado exemplo não se tenha sabido potencializar a conexão entre o elemento tecnológico e seu diálogo com as dinâmicas cotidianas (no caso do elevador que anexa um mural informativo).

Fotografias 84, 85, 86 e 87: A tecnologia como recurso cultural de interatividade comunicacional



Fonte: Produção própria, 2018 e 2021.

Ainda para Ballmann, (2007) essa mesma tecnologia que origina mudanças nas condições de vida também pode propiciar privilégios para pequenos segmentos sociais. Assim, o caráter tecnológico manifesta e deixa evidenciados aspectos sociais e políticos utilizáveis por grupos de poder (Ballmann, 2007:84), impedindo e obstaculizando o uso e benefício social das TICs de forma comunitária e incrementando o controle e a dominação (dentro dos segmentos populares), garantindo, assim, às expressões sociais tanto dominantes como minoritárias uma primazia ou superioridade que rompe com a

diversidade e fragmenta e enfraquece os contextos sociais plurais e multifacetados que necessitam ter as comunidades grupais.

Dessa maneira, as TICs devem propiciar os laços com os processos de ensino-aprendizagem social, com os vínculos para o aprender a aprender e promover possibilidades para que as pessoas possam se desenvolver como agentes autônomos, como cidadania com direitos e deveres sociais” (Ballmann, 2007:84) e, mais do que nunca, em contextos comunitários e grupais.

As TICs na *Praza* estão sendo traçadas de forma bifurcada, porquanto não se tem uma receptividade muito densa. Isso quer dizer que nem todas as pessoas agentes sociais se somam às mudanças e possibilidades tecnológicas. Nesse contexto, observam-se dois tipos de reações.

a) Por um lado, há um coletivo de pessoas que são muito receptivas às TICs e que buscam por seus negócios em um novo e diferente nível de uso e desenvolvimento tecnológico, adaptando as atividades às dinâmicas modernas atuais (dinâmica minoritária). Compondo, dessa forma, um novo lugar social representativo que funciona como um entrelugar de fluidez (dado que ainda não está instituído, senão que se trata de um processo em movimento de construção fixação) entre os ofícios tradicionais e a modernidade.

b) De uma vertente diversa, há uma esfera de trabalhadoras/es da *Praza* que são resistentes à mudança e que rejeitam a tecnologia, sendo este um grupo bastante amplo. Esse coletivo de pessoas traz diversas argumentações para justificar a negação para a busca de inserção das TICs nos seus negócios.

A não aceitação da tecnologia se constitui, de certa maneira, como um fenômeno de resistência à mudança e esta dinâmica está sendo composta e cristalizada com amparo em dois esquemas de pensamento, sendo eles descritos na sequência.

a) Tem-se a tecnologia como elemento que dificulta a vida, em vez de facilitá-la. Essa dinâmica se dá porque não se trata de um coletivo que pode ser entendido como nativo nas TICs, e, assim, eles devem acessar este contexto moderno como aprendizagem do novo,

obrigatoriamente como encontro e aceitação de fenômenos novos e adentrar o terreno do desconhecido, trabalhando com as duas ansiedades básicas (medo da perda e do ataque) se for a escolha da aprendizagem.

c) Há também a percepção da tecnologia como um elemento que enseja ruptura com a tradição: “El aprendizaje vital o teórico implica una suspensión temporaria, una vivencia de pérdida del referente previo, en colisión con la experiencia o la información actual” (Quiroga, 2012: 13). Esse processo se constitui ante a impossibilidade de conjugar o novo com o velho e, na exigência de ter que conformar outro cenário, o medo da perda do já instituído se faz mais forte e a resistência à mudança ganha corpo e marca pauta em dinâmicas de negação. Para superar, da mesma forma que a dinâmica anterior, há que trabalhar as ansiedades básicas e aprender, apropriar-se da realidade para transformá-la.

As manifestações discursivas em torno dos dois grandes contextos ideológicos citados (resistência de adaptação ao meio mediante, este entendido como obstáculo nos processos de aprendizagem e a modernidade como promotora de desigualdade e fonte de perda de tradição) se fazem com frases como: não sei usar, não necessito, são muito caras, os clientes não pedem, entre outros. Todos esses discursos convergem numa dinâmica de resistência que vê as ferramentas modernas como inimigas.

A Modernidade, como um fator negativo, está associada também com processos de aprendizagem negados no passado e que, na cotidianidade, é renovado, atualizado. Essa falta de ferramentas e oportunidades, ao ser trazida para o aqui e agora, enseja um movimento de fixação no que se tem, no que é conhecido e, ao mesmo tempo, se nega a tudo o que possa atentar contra esse modo de vida conhecido, instituído ao correr dos anos e por meio de tanta dificuldade, dando a ideia de que se está rompendo com o que foi estabelecido com tanto esforço e sem meios para isso.

Essa privação de meios no passado é retomada em tensão para o atual, quando o coletivo, uma vez mais, apenas conta com meios

necessários para empreender a viagem de integração da tecnologia aos seus negócios e atividades.

Assim, o impacto das TICs na *Praza* propicia, recorrentemente, tanto experiências de promoção do grupo comunitário, como outras notáveis e admiráveis em setores mais individuais, estas últimas benéficas e que promovem a *Praza* a um nível. Por um lado, entretanto, algumas iniciativas que não alcançaram o êxito, e, de outro modo, a ausência por negação a uma nova realidade tecnológica, são aspectos a serem revisados. Nesse contexto, há que se ter em conta a noção de que a tecnologia não deve ser incorporada sem fundamento e objetivo preciso – não se trata de “estar ao dia”, de uma dinâmica de moda ou que há que dar-se porque por sim –, o que seria em referência a uma idealizada atualidade. Quer dizer, se não aporta valor, não vale. Se não se tem aplicação nem funcionalidade, a tecnologia é um gasto desnecessário e que ao mesmo tempo gera a subjetividade do fracasso.

Na *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela, as Tecnologias da Informação e da Comunicação podem ser motoras de avanços ou engendrar distintos modos ou dinâmicas cooperativas. De fato, existem algumas iniciativas que podem ser ampliadas e coletivizadas. No sentido de aportar relevância, Pancho (2009) sistematiza, a partir de Järvelä (2006), argumentações que denotam a importância da implementação das TIC, tendo em conta o contexto da educação formal e que, para esta Tese, se fez a adaptação com vistas ao estudo dos processos educativos e das dinâmicas sociolaborais na *Praza* de Abastos. À frente são descritas as possibilidades concebidas por Järvelä (2006) e que são expressas por Sancho (2009: 658-659).

- São suscetíveis de incrementar a autenticidade e o interesse pela *Praza*: a *página web* da *Praza*, promovida pela instituição que a gestiona - a Sociedade Cooperativa Galega - é exemplo desta possibilidade.
- Facilitam a elaboração de processos colaborativos e dinâmicas de grupo comunitário: apoiando-se no exercício de conexão posto por um negócio dedicado ao bacalhau e que conta com

vários postos interconectados por sistemas de áudio e de microfone, este é outro exemplo da presença das TICs e sua importância aplicada na *Praça*.

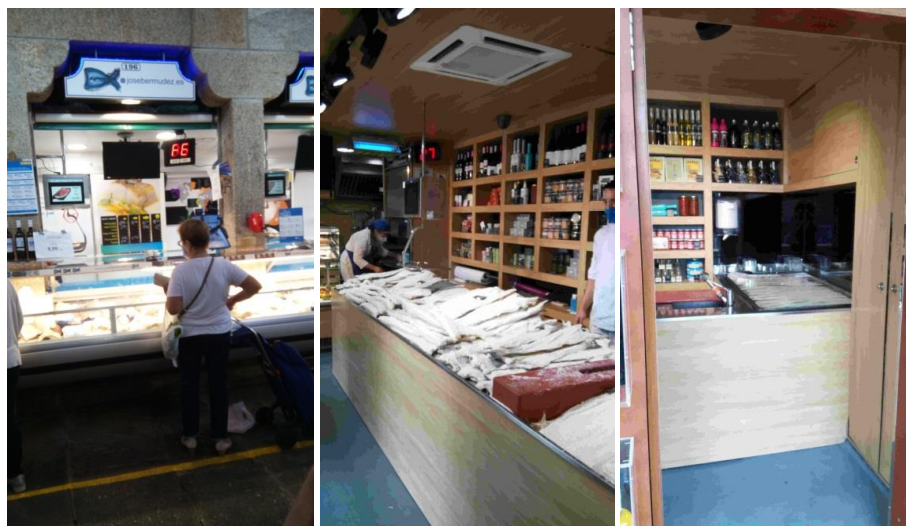
- Auxiliam no intercâmbio de conhecimentos e/ou de variadas perspectivas amparadas em um mútuo apoio, também de sinergias de “experiências pioneiras”, englobando diversos campos da atividade de mercado: ação da celebração anual do dia do mercado - campanha “*Quere o teu mercado*” - que conecta diferentes mercados públicos em rede de significações compartilhadas, é uma mostra dessa possibilidade trazida pelas TICs.
- Contribuem para dinâmicas de questionamento e resolução de problemas amparadas em aporte tecnológico, incrementando a capacidade do processo de aprendizagem em aprender a aprender: em termos de aprender a aprender, se dá o uso das redes sociais – do *WhatsApp*, por exemplo – no qual a comunicação é dinâmica e direta e se tem resolução de problemas como, num exemplo, de mercadoria buscada por um cliente que não se tem em um comércio, mas sim pode ter em outro local amigo. Esse é mais um exemplo do uso das TICs e suas possibilidades.
- Motivam a incorporação de formas inovadoras de interação, configurando novas dinâmicas de aprendizagem e superação de problemas na atividade de mercado: na *Praça* se dá a opção de entrega em domicílio e de compra *on line* e de *personal shopper*, propostas que foram implantadas para atender ao público que não pode ir à *Praça* no horário do seu funcionamento, por exemplo, dentre outras possibilidades.

É importante salientar que todas essas dinâmicas estão postas no terreno do possível porque o que se tem são iniciativas pontuais e básicas. Trata-se de um constructo provável, dado que a efetivação da melhora e do desenvolvimento dos processos educativos motivados pelas TICs na *Praça* somente poderão ser uma realidade, concreta e efetivada, se estas contribuem para a criação e consolidação de

espaços de diálogo inclinados para a vincularidade coletiva e em benefício do comunitário grupal.

Somente será realizável e frutífera a integração das TICs, se contribui de fato para a constante consolidação da construção do sujeito autônomo, crítico e emancipado na inter-relação do sujeito social na integralidade do horizontal (grupo) e do vertical (sujeito). Sempre e quando as TICs não sejam artigo de luxo empregado como um diferencial de locais específicos, porque isso fragmente a *Praza*, e a divide entre agentes sociais de primeira categoria e modernos, por um lado, e os “Outros”, como sujeitos ultrapassados e, de outra vertente, com o peso de serem rotulados como agentes de poucas evidências. Ou seja, as TICs representam oportunidades, alternativas e novas perspectivas a construir coletivamente.

Fotografias 88, 89 e 90: As Tics integradas na *Praza*



Fonte: Produção Própria, 2020.

Por fim, o impacto das tecnologias na *Praza* do Mercado de Abastos de Compostela se dá no sentido de ser uma realidade como possibilidade integradora, ante o estado atual que se faz como iniciativas individuais e pontuais. A questão das TICs na *Praza* como desenlace de conquista e sucesso está acima da capacidade

socializadora e vincular que se construa. Quer dizer, se as TICs se mantêm como iniciativa particular ou setorial, vão incrementar a imagem da diferença e condenar à personificação do atraso alguns setores e/ou a quem não aceda ao discurso tecnológico e o maneje.

9.4. FATORES QUE QUEBRAM AS RELAÇÕES NA PRAÇA DE ABASTOS

São diversos os temas de conflitividade na *Praça*, na qual se tece uma série de dinâmicas de hostilidade e confrontação que geram enfrentamento e divisão, enfraquecendo ou obstaculizando o diálogo e rompendo com a possibilidade de aprendizagem, derivando, assim, em processos de adoecimento grupal.

a) Papel e presença das *paisanas*

Há que se centrar a abordagem no conhecimento das dinâmicas que são exercício de fragmentação e incidem na diminuição da diversidade. Nesse sentido, deve-se evidenciar que existe uma diferença importante entre *paisanas* e agricultoras/es (não são os mesmos papéis sociais, não têm as mesmas dinâmicas, distinção que não se faz na hora de estipular críticas). Assim, mesclam-se dinâmicas e é forjado um argumento que questiona o outro pelo fato de ser “Outro”, sem deter-se na diversidade de papéis e suas práticas.

Quando se faz uma crítica ao coletivo das *paisanas* - “non pagan impostos e venden” ou “compraron como min no comiñón de Mercagalicia”, “non son paisanas”, “hai que acabar con eso das paisanas”. Sinalizar às *paisanas* é, dessa forma, problema, é, de acordo com a teoria pichoniana, um emergente social. O que se faz aqui é dar voz a um discurso histórico que buscou degradar o rural, que contrapôs o rural ao desenvolvimento e que afirma que o rural não tem cabimento em determinados contextos instituídos.

Dessa maneira, ainda que seja certo que o coletivo das agricultoras/es seja simbolicamente originário, e que em grande medida suas práticas derivem, sejam herdeiras e representem a ressignificação das *paisanas* na atualidade, igualmente certo é que há

pontos conflitivos, porque há dinâmicas e interesses que parecem chocar com coletivos que trabalham em boxes, nos postos formais (*casetas*), que têm uma carga tributária grande, pagam água, energia elétrica, etc. e os coletivos das *paisanas* ou agricultoras/es não assumem essa carga.

Insistir em que o rural galego está presente na *Praza* como particularidade cultural, e não somente está carregado de simbologias positivas (como o de região própria de qualidade, em *Galicia calidade*¹⁰⁰) senão e também é o emergente da separação, na qual de, um lado, se colocou o rural e, do outro, o desenvolvimento, conceitos que se negam mutuamente, creditando ao rural as características e o perfil de arcaico, não desenvolvido e de atraso instituído a partir do projeto político da ditadura franquista. Assim, essa emergência do rural é a reaparição de um passado presente que tenta ser atualizado no aqui e agora, passado evocado na tentativa de resolução conflitiva. Alguns discursos recorrentes ilustram as diferenças manifestadas com o coletivo das *paisanas*, e das *paisanas* com outros setores:

Eu sin, eu eeu o de o de paisana nunca me gustou, porqueeee penso que temos que ir avanzando un pouquinho e mellor si ti queres comprar e a vender, si queres pues colles un local e poste aa, a ver que menos que ter un teito que non chova por ti e que non de o sol por dentro, eu penso que temos que ir avanzando non para tras... quería, eu quería más, eu quería outra cousa. Eu eso o de ir a cosechar e vir a Praza como siguen vindo ahora para min eso esta no antigo, como miñas, miñas avoas. Non? Eu penso que hai que organizarse un pouco, o sea, o teu corpo tamén necesita estar, traballar si pero comodos, non, digo eu (...). Pero a tua aboa e a tua nai chegaron a traballar de paisana, non (...). Si, si, si, era unha traición, pero eso para min non me gustaba... Quedan as vellas, eh. Pues, que saquen fotos os turistas eh. Claro, eu fun a

¹⁰⁰ Projeto político e simbólico, estabelecido por meio de uma certificação, dentre outros, que busca indicar e instituir valor a alguns produtos de origem galega:

<https://www.galiciacalidad.gal/es/content/que-certificamos>

Alemania e nun vi eso, ala nun vin eso. Pois eu estamos decirche e que estamos moi atrasados. E siguen con eso, siguen con eso e eso non avanza. Hai que modernizarse, avanzar, que forón a copiar a Barcelona, pero eu en Barcelona eu non vin eso tampoco... pero eu non vin as paisanas, en Barcelona, eh. Mais teñen mercados antigos (EMF).

Há que se pontuar também o fato de que há um discurso recorrente que, de igual maneira, ilustra diferenças manifestas com o coletivo das *paisanas*, mas estas são dadas por parte do coletivo das pessoas agricultoras/es que consideram que as *paisanas* são concorrência injusta, ao considerar que as *paisanas* são aposentadas e têm uma renda fixa, e que deveriam deixar a atividade de mercado da *Praza* para as pessoas agricultoras que necessitam da renda adquirida por meio da atividade de venda neste lugar de centralidade.

b) Os vendedores informais

De outra parte, ao abordar a problemática do mercado informal. Giorgi (2020) adentra o termo **marginado**, cuja designação alude, de forma errônea, à ausência de protagonismo e/ou a estar fora, “à margem” de um sistema ou contexto social determinado: “La Sociología ha empleado el término "marginados" para designar estos sectores que parecen carecer de papel protagónico en la sociedad” (Giorgi, 2020: 1). Como bem sinaliza o estudioso, entretanto, essa análise é totalmente equivocada, porque os citados “marginados” na verdade compõem o contexto, são parte integrante e resultado de uma realidade, são um produto do sistema.

Fotografias 91 e 92: A venda informal



Fonte: Produção própria, 2020.

Na primeira fotografia, observa-se uma abordagem policial solicitando que a mulher se retire da zona externa da *Praza* devido - e de forma fundamental - ao material destinado para a venda, roupas, a continuação, na segunda fotografia, observa-se a senhora se retirando. Esse tipo de venda e artigo foi proibido e perseguido no período da pandemia de forma pesada, quando antes da pandemia se tratava de uma atividade que estava sendo dada, quer dizer, ainda que irregular - por não ter normativa que a gestionasse - esta atividade era exercida com bastante normalidade.

Em seguida observa-se a trabalhadora informal indo embora, não sem queixas, dores e choro, sentimentos compartilhados por algumas(uns) trabalhadoras(es) formais da *Praza* que dela tiveram pena e se solidarizaram, porém, sem poder fazer nada ante a realidade social posta a partir da pandemia.

Esses agentes sociais do setor do trabalho informal na *Praza* estão em situação de desvantagem, especialmente degradados nas dinâmicas da *Praza* (não pelo coletivo de demais trabalhadoras/es de forma global) senão do processo produtivo vigente: “No obstante, numerosos estudios muestran que lejos de estar ‘al margen’ de la

economía, son producto de ésta. Tienen una inserción particular en los procesos productivos ocupando un lugar especialmente desventajoso, por debajo del resto de los trabajadores asalariados en cuanto a su acceso al ‘producto social’” (Giorgi, 2020: 1).

Os coletivos periferizados da *Praza*, igualmente, a compoñem, e a configuración do desmembramento se constitui por meio de multiplicidades de lugares de fala, como podem ser: papel das mulheres, das pessoas agricultoras e das pessoas informais e ambulantes, dentre outros. Essas configurações de isolamento e marginalização tem alimentado processos de concorrência, enfrentamento e divisão.

Há testemunhos recolhidos das entrevistas em profundidade que ilustram o enfrentamento e a divisão entre agentes sociais trabalhadoras/es da Praça do Mercado de Abastos:

Si os dahí cando eu falaba rianse de min, eh, mire, si non hai quen, quen... Porque a máis ahi, a ver, ahi non hai unidad. Aaa, a xente en galicia e moi individualista... Pues sei tamén, o sea, tan xuntos, pero tan enfrentados. E enfrentadas. E si ti dis esto xa o disen ali pero dín de outra maneira, que xa non dixecheslle ti, xa para rouobarche. Entonces, aahi non hai unión, digamos que non hai unión (...). Eso e o que hai que controlar. Depois ta na casa. O meu era, era de, que eu compro tamén a esa xente. O meu non valia, valia o delas. Eso tamén che doi eh, que ti pagas impostos. “Ai non, ai non, canto es? Pues aquela señorriña.” Pois aquela señorriña... A min me doi, os nervios ali me jorobaron moito. Porque eu seu que, heee, gastos os cartos, poño o logo vai a xunto da vella que ta ali sentada , que ta ali cobrando e o meu non vale, mas vale o dela. Eso tamén e duro, he. cada dia, cada dia, cada dia, eso o aguantas de dentro. Que xa non, fai moito que non falo de eso, e eu sinto moito ainda, porque eu sufri porque alguma gustoulle cando marchei, porque ainda somos malas. Eu sempre falei asi, antes e agora, sempre falei asi. Pero bueno, eu fago por min. Teño o, a consciencia tranquila, e elas fan po dela (EMF).

Apesar dos discursos que ilustram manifestações de desunião e fragmentação, é necessário centrar-se na tarefa que vincula o grupo na busca de encontrar soluções que sejam inclusivas, estipulando regras e normas em benefício coletivo, pois na *Praza* as dinâmicas de subsistência passam pela conformação grupal.

É precisamente na luta pela sobrevivência que determinados coletivos desenvolvem uma diversidade de ações dentro da acepção global de “mercado informal de trabalho” - sobrevivência esta que remete ao lugar de soberania popular (Salazar, 2003) e de centralidade das *plazas* como herdeiras de um lugar vincular comum, compartilhado – expressando-se como mão de obra barata, de super-exploração, configurando modos de vida determinados, na carência e necessidade, também, sob fundamento de cultura:

En su lucha por sobrevivir desarrollan una multiplicidad de tareas asociadas al llamado "mercado informal de trabajo": recolección de desechos, venta callejera, servicio doméstico, trabajo; ocasionales (changas), tareas zafrales, etc., proporcionando mano de obra barata. Pero, en esencia se trata de una situación de sobreexplotación donde no interesa la preservación de los sujetos, ni siquiera por la fuerza de trabajo que ellos aportan. En estas condiciones se desarrolla una "cultura", una "forma de vida", cuyo "tema eje" es la preocupación por la supervivencia, sobre un horizonte de carencia e insatisfacción de necesidades básicas (Giorgi, 2020: 1-2).

Está posta, dessa maneira, uma situação conflitiva universal com o sistema que a conforma e mantém, e que é trasladada à coletividade abastiana, configurando dinâmicas de tensões e conflitos entre agentes que em muitos aspectos compartilham lugar de fala, quer dizer, enfrentamento e divisão entre iguais ou semelhantes, isto é, procedentes de camadas populares, que estão vinculadas por uma necessidade compartilhada – a sobrevivência.

c) A fragmentação gremial

O coletivo trabalhador, entretanto, não é consciente, de forma global, da condição de grupo e não enfoca as atividades da *Praza* a partir da tarefa compartilhada, de maneira geral. O que se tem, de maneira consciente, é uma certa relação gremial, entre setores de atividade (açougue, peixaria etc.) ou de proximidade (distância entre postos, condição de ser de baixa renda, de outra procedência etc.).

Esse sentimento setorial, não necessariamente é assertivo, colaborativo ou cooperativo. Muitas vezes o que se tem é concorrência por um mesmo mercado de consumidores ou momentos de hostilidade por falta de diálogo que resulta em distanciamento social. São mostrados na sequência os discursos das relações com as/os companheiras/os, tanto gremial, como por proximidade e de parentesco, tendo em conta a perspectiva negativa do processo:

A ver, eu tuben de todo, tuben compañeira boa, pero a maioria, non sabes que eu tiven unha que nunca me falou nunca, eu non sei que e, mas non me falou nunca... E collín unha depresión forte, eh. Tratei xa de non mirar para ela porque tiña algo que me jorovaba. Ali hai xente boa, pero tamén hai xente... Eu xa procuraba ter cousas máis caras e ela tiña máis barata, o sexa seria outro público; ela vendía máis, outra hora eu; ela tiña cousas que eu non tiña, outras que tiña eu. Na miña vida pasoume algo así, so con ela, e por que? Non sei! Eso sempre che afeta e pasolo mal. Eu tiven dous ou tres meses ali que tiña ganas de ir pa casa e chorar e chorar nada máis (EMF).

Pero como non fomos nin somos unidos, pois moitos non fumos porque non... porque podiamos ser unidos pero como sempre hai o de facer ou non o facer, aí estamos, e agora cando nos damos de conta (...) (EHC).

A comunidade da Praça, em grande medida, está fragmentada, “cada um no seu”. Entretanto, igualmente certo é que há na *Praza* alguns agentes sociais que alcançam trafegar sentimentos comunitários grupais, como dinâmicas (constantes ou pontuais, a depender da pessoa ou da circunstância e de suas matrizes de

aprendizagem). São agentes de prestígio dentro da história e das dinâmicas da *Praza* ou de matrizes de aprendizagem que convergem ao lugar de unir o coletivo em benefício comum. Esses dois aspectos incidiram, por exemplo, e entre outros, na conformação da cooperativa que administra a *Praza* na atualidade (a Sociedade Cooperativa Galega é a empresa que gestiona a *Praza* ao adquirir uma licitação pública), como também em muitas dinâmicas reivindicativas localizadas, por exemplo na limitação do trânsito de turista no recinto da *Praza*, que pode ser dado de forma pessoal e individual, mas estes turistas já não podem estar na *Praza* em grupos grandes e com guias turísticos.

Fotografias 93 e 94: Dinâmicas reivindicativas



Fonte: Página Web da Sociedade Cooperativa Galega, empresa que gestiona a *Praza*.¹⁰¹

Fuente: La Voz de Galicia, 2019.¹⁰²

O coletivo da *Praza* não busca, de maneira consciente, distanciar-se das diferenças e discrepâncias e centrar-se a trabalhar a partir da tarefa comum do grupo; também não há amplos espaços para

¹⁰¹ Página Web da Sociedade Cooperativa Galega, empresa que gestiona a *Praza*:
<http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/>

¹⁰² (Mosteiro, 2019). Recuperado de: La Voz de Galicia
https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/santiago/2019/07/21/praza-abastos-plantear-regular-visitas-grupos-saturacion/0003_201907S21C3991.htm

diálogo horizontal que facilite o entendimento do coletivo e a consciência deste. É nessa conjuntura que se dá cabimento à descrita trama relacional de conflito, porém e também de sinergias. A questão dos conflitos entre trabalhadoras(es) da *Praza* é trazida em alguns testemunhos recolhidos nas entrevistas:

Si os dahí cando eu falaba rianse de min, he, mire, si non hai quen, quen... Porque a máis ahi, a ver, ahi non hai unidad. Aaa, a xente en Galicia e moi individualista. Xa dixen antes, queren o bus e después va no coche... Pues sei tamén, o sea, tan xuntos, pero tan enfrentados. E enfrentadas. E si ti dis esto xa o dixen ali pero dín de outra maneira, que xa non dichesche ti, xa para roubarche. Entondes, aahi non hai unión, digamos que non hai unión (...). Que vaia pa casa, home, que se aburran na casa... Miña nai jubilouse aos sesenta e cinco tamén eee morreu con noventa e seis e medio. Pues dicen que si as botan que morren. A paisana, eso, eso, eso, si che o conto e que un dia, pero , todos los días están as paisanas, todos os días está a paisana, moito plantas. Porque as que traen verdura pola mañan, eso hai de ir a mirar. xa non veñen de Vilagarcia, veñen de Portugal, eh. As verduras da Plaza eiche son de Portugal, eh. Moitas, moitas non, pero moitas sin (EMF).

O relato descrito aponta para algo relacionado a interesses individuais que, ao mesmo tempo, estão tecendo uma teia coletiva de conflito. É certo que se trata, em grande medida, de enfrentamento entre semelhantes e agentes da mesma classe popular que compõe a *Praza*. Na verdade, é que são denúncias de dinâmicas que não endossam a tarefa coletiva de viver da *Praza*, o que gera diferenças e conflitos que devem ser encarados em benefício coletivo, para reforço da necessidade de viver da *Praza* em igualdade de condições, promovendo o rural e o local e o mercado de proximidade.

d) Carência de políticas públicas de regulação

O descrito anteriormente que alude desavenças entre trabalhadoras/es da *Praza* se faz, também, e em grande medida, pela

ausência por parte do Estado, da gestão da cotidianidade da Praça do Mercado de Abastos de Compostela, que é bastante contraditória em alguns aspectos. Em todo caso, o que é de extrema urgência e que vai incidir na permanência ou não da *Praza* como lugar tradicional é a gestão pública que se queira e que se efetive neste lugar social de grande transcendência.

O que está subjacente a estas dinâmicas conflituosas, descritas anteriormente, é a falta de políticas públicas ajustadas à realidade social rural e da venda de produtos do campo, com a conhecida dinâmica que permite a venda na *Praza* com o grande peso das cargas tributárias e com as normativas alimentares que dificultam a produção e venda do produto agrícola. Entretanto, a luta contra a instituição do Estado se tem como perdida, ou impossível de ser alcançada, dá-se lugar ao enfrentamento entre iguais ou se segrega e fraciona, incrementando a degradação às partes mais frágeis do coletivo grupal, configurando assim o lugar de “bode expiatório” descrito na teoria pichoniana, lugar que nada mais é que o depositário das frustrações grupais.

Por outro lado, o tema da informalidade não é uma questão de pessoas, senão de Estado, de políticas públicas ou falta delas.

Outro ponto a ser considerado, e que diz respeito às diferentes configurações dos perfis e papéis sociais da *Praza*, e relacionado com dinâmicas de enfrentamento e divisão, tem relação com as performances que entendem a presença de determinados agentes ou certos coletivos, negando a outros. Essa dinâmica está descrita e versada dentro do contexto de práticas nomeadas de “ilegais” ou questionadas desde um ponto de vista de uma ética pessoal, na qual o “meu” benefício ou necessidade é mais imediato ou importante do que o dos outros.

Assim, essas citadas práticas, igualmente, são dinâmicas configuradas em enfrentamento e divisão entre iguais ou semelhantes, e que partem do lugar de fala de um eu (verticalidade do sujeito) anteposto ao nós (horizontalidade do grupo), sem ter em conta que o contexto da *Praza* se fundamenta no grupal, não no individual. Dessa

maneira, é na capacidade de estabelecer soluções conjuntas e coletivas aos problemas comuns que se alcançará a resolução do conflito.

O desentendimento entre análogos está configurado em sérios conflitos no grupo, tanto de pontos de vistas diferentes ou díspares, como de interesses de grêmio (ramo de atividade) ou também os de raiz pessoal. É quando se conformam dinâmicas de colisão que tende a gerar dificuldades na criação de um vínculo positivo, propício para a prática da aprendizagem social.

Sem embargo, a *Praza* não está tecida somente de choques e conflitos. Existem dinâmicas de amizade, companheirismo, cooperação e afabilidade. Esses procedimentos e desempenhos benéficos são dados com suporte em condutas nutridas das ideias que entendem a *Praza* como um todo, um ente unitário, no qual o benefício de um gera benefício de todos, ou que, quanto mais forte seja a *Praza*, como instituição coletiva que evoca a ideia de soberania popular (Salazar Vegara, 2003), maiores serão as oportunidades econômicas, educativas, sociais e culturais para todas e todos.

CONCLUSÕES

Os espaços de *praza* são considerados como contextos sociais em vias de desaparecer (Guàrdia Bassols & Oyón Bañales, 2007). Não obstante esses prognósticos, a *praza de mercado de Abastos* – na condição de lugar de *plaza de mercado* tradicional – perdura como uma realidade ativa de cotidianidade, de manutenção de um modo de vida tradicional e de representação da sociedade galega como manifestação do local peculiar, projetando-se a um futuro mais remoto.

A *Plaza* é um produto histórico que se desenhou e foi sendo configurado a partir do aparecimento do ser humano e a busca da satisfação de necessidades, que deu origem à dinâmica da troca em espaços como o foro, *ágora*, *zoco* etc. Estes são lugares sociais que, de acordo com a literatura, se desenvolveram para facilitar o intercâmbio e a satisfação de necessidades.

A abordagem feita para acessar e sistematizar os processos educativos da *Praza* se valeu do método etnográfico, pondo em funcionamento uma série de ferramentas metodológicas qualitativas, compondo, assim, um estudo fundamentado nas concepções do sujeito social, organizado em grupo comunitário e detentor dos saberes e do discurso da sua realidade – etnoconhecimento – a que se recorre nesta investigação.

A base teórica que sustenta este estudo faz referência à comunidade e ao grupo com suporte na literatura científica descrita por Vigotiski, Paulo Freire, Pichón-Rivière e Ana Quiroga. Na investigação, não se faz referência à educação escolar ou institucional, pois se assume o conceito de aprendizagem social, marco no qual os processos educativos são focados com perspectiva ampla, como

aprendizagem coletiva que tem lugar nos múltiplos contextos da experiência e convivência humana, especialmente centrados na vida cotidiana como parte das dinâmicas sociais, culturais e de produção discursiva. Pelo indicado, foi preciso cruzar os referenciais teóricos dos citados especialistas e outros com ideias de ecologia social que giram entre a Educação e a Sociologia-Antropologia e nas quais a interpretação das dinâmicas da comunidade grupal se faz tendo em conta diversos fatores de ordem histórica, cultural, política, ideológica, econômica, social e ambiental.

De maneira mais concreta, neste estudo se entendeu a *Praza* desde a perspectiva da Educação Social, como um espaço contínuo de educação, dado por meio da práxis e na relação ecológica com outros seres humanos e com o entorno. Conforme essa orientação, a educação foi entendida em um sentido amplo que contempla todos os âmbitos da vida humana, e que se apresenta em três aspectos constitutivos: social-socialização, global-inculturação e o individual-construção pessoal (Vargas, 2002: 84), marco no qual a educação se constitui em um processo de socialização e elaboração cultural. Nesse sentido, se compreende a educação como um processo amplificado a diversas práticas sociais e culturais do grupo comunitário da *Praza*. Quer dizer, todos os âmbitos da vida abastiana foram compreendidos como espaços e oportunidades para as práticas educativas.

Em consonância com a ideia precedente, também se optou pela expressão *comunidade grupal* ou *comunidade de grupo*, na qual a educação é transversal, quer dizer, perpassa todos os fenômenos da vida da comunidade, cujo sentido não se limita ao fato de estar junto em um território específico, em aldeia, bairro ou gueto, mas se trata de compartilhar, de uma troca que está relacionada a uma tarefa, neste caso, a obrigação cotidiana de sobreviver da atividade da *Praza*.

Há que se destacar a dificuldade de abordar o tema da *Praza* e seus processos de aprendizagem social a partir da literatura disponível, porque não há perspectiva literária de estudo deste tipo de realidade em chave educativa. Neste sentido, a dificuldade de investigar esta realidade desde um ponto de vista educativo foi significativa, porque não se trata de estudar processos mecânicos de transmissão de

conhecimentos, senão de dinâmicas de caráter social e cultural, nas quais se integram fatores de conhecimento, de vínculo, de elaboração de identidades e de vivências emocionais.

Conclusão da literatura

A *Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela* é um universo social singularizado que está fixado como lugar comunitário vincular de ancestralidade, no qual seus agentes trabalhadores se caracterizam por compor um coletivo constituído por meio de desdobramentos históricos de reminiscências da experiência da humanidade, direcionados aos processos educativos particulares (sem deixar de ser universais) que incidem na atualidade e que possibilitam a permanência de lugares de vínculo como a Praza do Mercado de Abastos.

Por conseguinte, o elemento que aproxima e enleia as pessoas trabalhadoras na *Praza* é o vínculo, entendido como uma estrutura complexa de relação, atravessada por processos de comunicação e aprendizagem (Pichón-Rivière, 2005: 5). Assim, o sujeito em Pichón-Rivière (2005) é um “ser de necessidades que só se satisfaz socialmente e em relações que o determinam”. Assim, é a necessidade que move o ser humano para se relacionar com o mundo e com os outros em mútua satisfação de necessidades.

A diferença de outros estudos que centram a feira da Idade Média como predecessora das *prazas* e *mercados de abastos*, aqui, sem negar que esta também é legatária da feira medieval, considera-se a *Praza* um espaço de vínculo ancestral, entendendo esta como um espaço vincular conformado a partir dos primeiros assentamentos humanos, que em um processo dialético vem sendo ressignificado em cada época histórica, mudando ou matizando as dinâmicas da ligação daqueles que vivem do intercâmbio. Desse modo, a “atividade de mercado” é descendente do sistema de troca estabelecida na necessidade mútua de sobrevivência, que funciona como matriz vincular e que se dá em lugares, sociedades e épocas diferentes, e que também se faz presente na contemporaneidade.

A conformação originária do vínculo se deu como parte do processo de aprendizagem social, que na atualidade continua sendo posta em funcionamento, porque foi estruturada ao longo dos anos compondo uma matriz de aprendizagem compartilhada. Nessa perspectiva, depois da instituição do vínculo originário, mediante a tarefa de satisfazer necessidades, atendidas em trocas (intercâmbios) e os mecanismos de criação e transmissão de conhecimento, transportou-se a outras realidades como os mercados da Mesopotâmia, a Ágora, na Grécia, o Foro, em Roma, o *Zoco* nas regiões árabes e os mercados da Mesoamérica, que se singularizam por uma trajetória vincular constituída à extensão dos tempos e que também chegam à atualidade.

Na Mesopotâmia, além de se configurarem a transmissão e a mudança do vínculo originário, também foi concebida uma série de ferramentas que contribuíram para o desenvolvimento da atividade de mercado, como a escrita e o código numérico; na ágora, pode-se chegar a uma série de papéis sociais configurados no espaço de centralidade que era a ágora, na qual se desenvolvia a vida social e política da sociedade grega; no foro romano, duas referências se constituem e continuam em vigor na atualidade. Uma é o espaço que funciona como elo entre sujeitos de dentro da comunidade e de fora desta, como também se deu a configuração nos espaços de mercado de grupos dissidentes que transitavam dentro da sociedade romana; o *zoco*, por sua vez, traz aspectos do desenvolvimento da atividade de comércio e também de dinâmicas de silêncio, este dado como elemento de exclusão e controle das narrativas ocidentais; finalmente, na Mesoamérica, se fala de uma dinâmica simbólica do coletivo em duas dimensões: do outro como alheio e a experiência de aprendizagem do intercâmbio como um feito universal. Por fim, todo esse trajeto agrupado e interligado reforça a noção maioritária que considera as *plazas* como descendentes das feiras medievais. Conforme descrito em Guàrdia Bassols e Oyón Bañales (2007), nesta perspectiva, a Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela concentra elementos próprios de múltiplas épocas e dinâmicas culturais de ordem universal. Em resumo, a *Praza* não é somente uma tradição forjada a partir da feira medieval, senão uma

herança vincular, um legado comunitário constituído pelo vínculo na dialética dos processos educativos cambiantes das comunidades para seguir existindo, uma permanência fundamentada na apropriação da realidade por meio do incessante processo de aprender a aprender.

É a partir da contextualização histórica, cultural e social da ancestralidade, como herança humana ressignificada, que vem a ser configurada a *Praza* na contemporaneidade. Essa trajetória histórica de reminiscências não foi forjada somente na pré-história e na história antiga, senão que seguiu seu curso por intermédio da história medieval e do desenvolvimento de toda uma cronografia moderna (feiras, empórios, supermercados etc.), compondo uma trama de significado constituído de aprendizagem social, que segue seu curso de elaboração simbólica no diálogo entre o antigo e o novo.

As partes teóricas admitiram construir uma fundamentação conceitual do que é a Praza do Mercado de Abasto na sua dimensão universal e local. Por outra parte, a teoria tem permitido compreender que os processos culturais não estão afastados nem totalmente seccionados do que são os processos educativos, e que as dinâmicas educativas vão responder sempre a processos culturais e vice-versa; processos culturais que são também de aprendizagem coletiva, que vão ter uma configuração específica em função das pessoas e dos grupos a que se faz referência.

Também, a fundamentação teórica permitiu compreender que a construção social do mercado se baseia em matrizes de aprendizagem. Cada grupo tem suas matrizes de aprendizagem compartilhadas, uma ideia que também se aplica ao coletivo abastiano constituído por um grupo de pessoas que têm e compartilham uma forma específica de aprender, de transmitir e criar conhecimento e de transformar a realidade.

Definiram-se neste estudo as matrizes de aprendizagem ampliadas e compartilhadas como a forma em que cada sujeito organiza e significa seu universo de aprendizagem social e individual (Quiroga, 1997). Assim, no estudo do grupo trabalhador da Praza de Abastos se entendeu que cada sujeito tem as próprias matrizes de aprendizagem (individuais), que advêm de uma constituição histórica

e social compartilhada, quer dizer: matrizes de aprendizagem compartilhadas enquanto respondem a uma construção cultural de coletividade (Vygotski, 2001). Enquadrado em um contexto mais amplo, são entendidas como matrizes de aprendizagem compartilhadas as experiências de um grupo social (ou dos agentes sociais e sujeitos integrantes desse grupo) constituídas com base numa trama vincular histórica.

O grupo vincular abastiano conhece, compreende, analisa e se instala em sua realidade com base aos conhecimentos, práticas e visões do mundo estabelecidas na experiência coletiva e individual, e isto é um pertencimento cultural e social. Também se trata de uma pertença laboral que expressa uma forma de transformar o mundo e um modo de ser e estar na realidade, que influencia na maneira como as pessoas trabalhadoras na *Praza* estruturam e conformam as suas matrizes de aprendizagem compartilhadas para responder aos desafios da cotidianidade.

Por esse ângulo, entende-se a educação como herança, legado e processo. Nesse sentido, a realidade educativa da *Praza* está inserida em um movimento histórico universal, desenvolvido com procedência em matrizes de aprendizagem compartilhadas, em que foram tecidos processos grupais em torno de uma tarefa vincular de trocas de elementos de necessidades que, no caso da *Praza* atual, foi entendida como o feito de “viver da *Praza*”, a tarefa que fundamenta e vincula o grupo dos trabalhadores da *Praza* do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela.

Assim, o enquadramento educativo foi entendido e desenvolvido por meio de uma estrutura teórica fundamentada em sinergias educativas e socioculturais que alcançam ao grupo das pessoas trabalhadoras na *Praza*, compondo, dessa maneira, o estudo dos seus processos educativos no qual o passado se faz presente na contemporaneidade, em elementos e dinâmicas como:

- no vínculo atualizado na relação de mútua necessidade entre os trabalhadores da *Praza*;

- na necessidade e na troca, compondo o viver da *Praza*, nas atividades entre comerciantes e compradores;
- na satisfação das necessidades que estão configuradas na *Praza* como lugar de compra e venda de elementos necessários para a vida;
- por meio do desenvolvimento de ferramentas sociais em capacidades;
- por intermédio dos papéis sociais diversos, estes atualizados na diversidade de perfis que a compõem, observada no grupo das pessoas trabalhadoras;
- um contexto de ligação entre o interior e o exterior, este resgatado com a visita dos caminhantes e turística;
- na confluência de coletivos dissidente e silenciado, personificados nas *paisanas*, agricultores e ambulantes; e
- um lugar de centralidade, porquanto a *Praza* é o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago de Compostela.

Assim, mediante uma dinâmica histórica vincular de aprendizagem social se dá o processo de permanência, entendido como legado ou herança identitária de um coletivo, como o que estrutura a *Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela*.

Os conceitos de tradição e cultura são constitutivos da *Praza do Mercado de Abastos*, que é reconhecida como um espaço tradicional, pois: é um lugar de convivência que responde à lógica de construção de família estendida e própria da sociedade galega; é um espaço coletivo que se constrói e se mantém através do tempo; há transmissão geracional de conhecimentos, de práticas sociais e de dinâmicas de intercambio; finalmente, na *Praza de Abastos*, veem-se refletidos aspectos singulares da cultura galega, por exemplo, nos produtos que são vendidos, nos tipos humanos que a constituem e na língua que utilizam.

O enfoque educativo-vincular partiu da dimensão sociocultural vigotskiana na convergência com outros estudiosos como Pichón-Rivière (2005), Quiroga (2012) e Paulo Freire (2003) para este estudo.

Reunir os teóricos pressupôs a composição de um fundamento conceitual que considera as pessoas trabalhadoras da *Praza* como sujeitos de uma práxis sociocultural assentada em matrizes de aprendizagem (individuais e coletivas) que são constitutivas de dinâmicas vinculares. Nesse contexto, o papel que tem a educação: canalizada por meio de matrizes de aprendizagem, se dá como construção sociocultural e de conformação do sujeito coletivo, também como um modo de organizar espaços para a satisfação de necessidades vitais e simbólicas, além da apropriação de ferramentas que potencializam as capacidades das pessoas (Sen, 2009).

Seguindo a perspectiva teórica de Paulo Freire (2006), quem considera a educação como uma prática fundante do processo de construção humana, a *Praza do Mercado de Abastos* se estrutura por meio da práxis social, no viver de uma atividade laboral que ao mesmo tempo implica uma dinâmica constante de aprendizagem: formação social. Similar é o enfoque de Pichón-Rivière (2005), que define aprendizagem como a apropriação instrumental da realidade para modificá-la, sendo este um exercício cotidiano na *Praza de Abastos*, um espaço de aprendizagem imerso na constante adaptação ativa à realidade (Pichón-Rivière, 2005).

A construção do local e o próprio do ser galego respondem a um desenvolvimento histórico, condicionado por dinâmicas nacionais, internacionais e globais. Nesse marco, a trama histórica da Península Ibérica e do Estado espanhol abarca aspectos da história antiga, moderna e atual que compõem e incidem nas dinâmicas econômicas e socioculturais presentes da *Praza do Mercado de Abastos*. Esse processo histórico e cultural, fundamentado em dinâmicas educativas, dá lugar à conformação da feira, fato significativo de que a *Praza* não se desenvolve de maneira isolada, senão que responde a condicionamentos contextuais próprios da Península Ibérica, destacando especialmente o período da ditadura militar, que dá lugar à configuração de um tipo de estrutura de *praza de mercado* com um rural periferizado.

Malgrado os condicionantes, como, por exemplo, as ditaduras e alguma normativa de funcionamento atual, que negam ou, neste caso,

limitam o poder popular, a Praça de Abastos, em grande medida, é um espaço residual da soberania e poder popular, quer dizer, um lugar comum de tomada de decisões, de estabelecimento de reivindicações coletivas e de normas populares. Salazar Vergara (2003) concebe, entretanto, que a soberania social foi uma realidade nas sociedades romanas e gregas, dadas respectivamente no foro e na ágora, porém, no estudo da *Praza*, discrepa-se deste enquadramento, porque a soberania popular não pode estar constituída em contexto de diferenças entre homens e mulheres e em que se tenha a configuração da escravidão e das classes, dentre outros elementos de desigualdade. Assim, assume-se que a *Praza* é um espaço residual de soberania do poder popular, mas desloca-se o lugar de origem dessa dinâmica de normas e reivindicações coletivas instauradas para o espaço no qual se forjou o vínculo da troca, quer dizer que a “soberania” popular se constitui como uma realidade na sociedade pré-histórica, nos primeiros assentamentos humanos, onde se constituem a capacidade e o poder para decidir sobre o destino de maneira comunitária e em benefício do coletivo.

O enredo histórico da *Praza* também incide na atualidade, compondo um lugar de tradição e de projeto das indústrias culturais. As análises dos processos ligados à construção das IC recaem na *Praza* com aspectos que remetem à lógica da cultura como indústria e as formas como se percebe e se modifica a cultura. O conceito de IC foi útil para compreender as transformações na *Praza*, que vem sendo dadas com suporte nesta concepção própria da Modernidade, na qual as transformações são globais e advêm de fatores externos que cabiam à cultura local.

O conceito de Indústrias Culturais no marco do contexto de análise da Pós-Modernidade é abordado de maneira crítica, desde a produção conceitual de Matterlart e Pimme (1980) que consideram que se prossegue vivendo na Modernidade na qual o projeto da Sociedade da Informação e da Comunicação é uma nova modalidade de domínio e não uma nova era com outros fundamentos sociais. Nessa linha, Matterlart (2002) propõe a nomenclatura de “sociedades do saber e do conhecimento” como uma forma de valorizar a ideia de que, apesar da irrupção dos meios tecnológicos de informação e

comunicação, seguem presentes dinâmicas próprias da Modernidade, com espaços de resistência cultural e social em que se cultivam diversas modalidades de compreender e transformar o mundo, sendo a *Praza* um desses lugares simbólicos de persistência da herança e do legado identitário da cultura ágrafa da Galícia.

Assim, a cultura é entendida como um produto de processos educativos e sociais – teóricos e ideológicos – desenvolvidos na faceta da continuidade e/ou ruptura com as práticas tradicionais ou instituídas, que, no caso do Mercado de Abastos, geram transformações em uma dupla perspectiva; no cultivo e preeminência de um conjunto de dinâmicas tradicionais valoradas pelas indústrias culturais, ou bem na resistência ante elas.

Teóricos como Hobsbawm e Ranger (1983) trataram o tema das tradições inventadas, e consideram o cultural como um processo construído, o que sinaliza a outras possibilidades de elaboração cultural que estão sendo dadas na *Praza*, por um lado, à raiz de um projeto de domínio e, de outra parte, nas dinâmicas de resistência que configuram novas oportunidades e modos de aprender e configurar a cultura.

A abordagem teórica da Sociedade da Informação e da Comunicação entrelaçada com os fundamentos conceituais das indústrias culturais confluem no entendimento das dinâmicas da *Praza* em diversos aspectos: primeiro, dá fundamento a todas as argumentações que tecem a *Praza* como lugar tradicional e representativo da cultura local, que de fato é acertada, porém se trata de uma construção social, dentre outras possíveis, além de entender que esta conformação cultural não se dá de maneira involuntária, senão que está perpassada de ideologia, de confrontações entre formas políticas díspares de entender e organizar o mundo social, o que muitas vezes não representa a maioria dos saberes e formas de entender-se e definir-se, nem os interesses globais da cidadania, senão que representa os interesses de uma minoria com poder; segundo, se tem as indústrias culturais como projeto político prático, com desenhos e objetivos instituídos por instâncias burocráticas superiores que não dialogam com o sujeito popular; e terceiro, a cultura é uma

construção social e, sendo assim, sempre poderá ser revista e substituída por outras e novas maneiras de ser e estar nos grupos comunitários.

Um dos elementos mais significativos provenientes das indústrias culturais, nos termos de Lebrún (2014), é o turismo cultural, conceito relevante neste estudo e que facilitou a compreensão das dinâmicas de inovação cultural que têm lugar na *Praza*. Um espaço imerso em uma diversidade de transformações convergentes com as propostas das indústrias culturais, porém, também, outras que são de caráter mais conflitivo, o de resistência ao que se propõe desde a visão do turismo de consumo de elementos simbólicos e tradicionais. Cabe esclarecer que o debate não se centra no positivo ou negativo do turismo, senão no seu sentido e utilidade para as pessoas e os processos de empoderamento local, aspectos aos quais a perspectiva do turismo de consumo aporta pouco ou nada ao comunitário.

Uma conclusão relevante, que resulta da revisão teórica, é que se segue em uma dinâmica de conflito entre tradição e modernidade. A tradição como uma expressão da vida e identidade local transmitida pela via de processos educativos e sociais, e a modernidade como um elemento inovador global e de poder hegemônico que força a mudança e, inevitavelmente, deve ser assumido e introduzido entre as dinâmicas próprias da tradição, provocando rupturas que dão lugar a uma diversidade de visões que, no caso deste estudo, também confluem nas dinâmicas da *Praza do Mercado de Abastos*. Por esse motivo, o tradicional convive com a modernidade, em muitos casos com uma orientação conflitiva, em outros de resistência e também de confluência, ao passo que a Modernidade se vale do tradicional para seguir gerando uma cultura de consumo, que em termos econômicos resulta favorável para os coletivos locais que terminam assumindo este feito como algo inevitável.

Conclusões sobre a estratégia metodológica

O universo social da *Praza de Mercado de Abastos de Santiago de Compostela* foi acessado por intermédio do estudo etnográfico. Durante este aprofundamento na realidade social atual da *Praza*, nas

suas dinâmicas e em sua história, se comprovou que a maioria do material encontrado está em fonte primária. Dessa maneira, a elaboração, em grande medida, do processo histórico e a descrição dos fenômenos encontrados se fez com ferramentas etnográficas no enquadramento do etnoconhecimento. Tal significa expressar o fato de que o produzido garantiu o lugar de fala das pessoas agentes trabalhadoras na *Praza* no fazimento deste estudo. Nesse propósito, as técnicas etnográficas – observação encoberta e participativa, entrevistas em profundidade e a revisão documental – foram fundamentais porque proporcionaram a informação e os meios necessários para proceder a um relato da realidade social que carece de estudos prévios e de base documental científica adequada e suficiente. Em termos globais, as técnicas e instrumentos utilizados foram adequados e suficientes para a recompilação da informação e o alcance dos objetivos da investigação.

O enfoque metodológico, as técnicas e instrumentos de pesquisa aplicados foram os adequados para o entendimento da dinâmica educacional e sociocultural exercida pela comunidade de trabalhadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, também para uma descrição histórica. Demais disso, constituem ferramentas idôneas para sinalizar as características atuais da *Praza*. Foi procedido ao aprofundamento nos aspectos da cultura, da organização econômica e das infraestruturas da *Praza*, esta entendida como lugar social representativo da sociedade galega.

A aplicação de uma metodologia qualitativa de investigação permitiu aproximar-se à vida das pessoas e às dinâmicas coletivas de convivência e interação na *Praza*, mas, especialmente, às estratégias que desenvolvem as pessoas para gerar conhecimento, deles se servirem e transmiti-los às gerações mais jovens, com um jeito de perpetuar a tradição neste lugar emblemático de Santiago de Compostela.

Conclusões analíticas

Após o estudo, conclui-se que a *Praza* é um contexto escassamente estudado, porém que tem sido abordado desde uma

perspectiva especificamente arquitetônica e não desde o prisma educativo; ademais, os estudos sobre as relações e a convivência, os conhecimentos, as expectativas e a formação desses agentes que trabalham no mercado da Praça de Abastos são praticamente inexistentes, ou seja, quase não há informação científica sobre estes temas. Neste sentido, é apropriado o estudo deste contexto, porque contribui para uma nova perspectiva sobre o coletivo e o *locus* socioespacial da *Praça* que, apesar de sua relevância cultural e educativa, bem como de espaço para sobrevivência, não é considerada no marco dos estudos científicos, algo muito negativo, sobretudo por sua relevância no contexto da Galícia, por constituir-se como um espaço representativo da cultura galega e sendo o segundo lugar mais visitado da cidade de Santiago de Compostela, depois da Catedral.

Em termos de memória, o estudo de fontes sobre a Praça do Mercado de Abastos de Compostela aporta uma bibliografia sucinta de textos acadêmicos. Sendo assim, a *Praça* é um espaço social de conhecimento e de informação em que o esquecimento, obliteração ou silenciamento com instâncias de poder (como pode ser o lugar científico) faz parte da sua construção identitária e cultural. É quando a cultura e o esquecimento viajam juntos, configuram uma maneira sensível de esquecer, sendo esses dois aspectos últimos, cultura e esquecimento, uma realidade na qual as pessoas trabalhadoras na *Praça* transitam.

Na *Praça* se tem duas dinâmicas, uma de silêncio e invisibilidade, e outra de resistência. Para confrontar a realidade de silêncio e esquecimento se põem em função práticas educativas assentes no passado e na historicidade local, sendo que muitas delas transitam no resgate de atividades da ruralidade e do circuito de proximidade, como também na ocupação de espaços por mulheres. De outra parte, a *Praça* é um espaço de resistência, onde, apesar da lotação das dinâmicas e produtos das indústrias culturais e da sociedade do conhecimento e da informação convivem modalidades tradicionais de atuar na vida cotidiana e também maneiras singulares de compreender e transformar o mundo. Nesse sentido, a Praça do Mercado de Abastos de Compostela é um espaço

para disputa simbólica, discursiva e de conhecimentos que vai determinar a constituição futura desse lugar social.

A *Praza* integra diferentes coletivos com realidades e fundamentações socioculturais diversas, distinguindo-se: dono de posto (gestor), dono de posto (trabalhador), trabalhador contratada, paisanas, agricultor, informais (fixos), ambulante, administração da *Praza*, segurança, limpeza, *consigna*, administração pública. Nesse levantamento de perfis, conclui-se que a *Praza* alberga uma diversidade de modalidades de fazeres e labores, com multiplicidade de ofícios e serviços, com distintos níveis de educação escolar, de variada procedência e origem, idade, sexo, o que corrobora a conclusão de que a *Praza* é um grupo comunitário representativo da sociedade galega e que se expressa em grande diversidade de modos de vida tradicionais e atuais e que vem sendo atualizada ao introduzir novos setores, outros agentes e mecanismos tecnológicos.

Por outro lado, no setor que trabalha de forma específica em atividade de mercado – quer dizer, em intercâmbios de mercadoria e simbologias - se observa: a) dono de posto administrador – esse perfil faz referências às pessoas que têm a concessão de um local na *Praza*, mas que a função majoritária se dá como gestor; b) dono de posto trabalhador – é um perfil que se descreve quase que exatamente como o anterior, porém, somando a característica definidora à maneira contínua na atividade de mercado em atenção direta ao público – sendo este o perfil mais representativo do coletivo trabalhador na *Praza*; c) empregado de posto – são pessoas contratadas pelos dois perfis descritos anteriormente, que podem ter ou não vinculação familiar com os chefes, pessoas contratadas; d) *paisanas* (são agricultoras que vão à *Praza* para vender o excedente da produção, os produtos próprios e provenientes de agricultura familiar e de subsistência, perfil que está em processo acentuado de desaparecimento – possivelmente culminado pela pandemia (por covid-19) – e, se é assim, se está testemunhado a desaparecimento de um modo de vida; e) agricultores-vendedores – as pessoas que plantam para vender, um grupo descendente das *paisanas* e que são nomeados da mesma maneira pela sociedade; f) trabalhadores da economia informal – são perfis que exercem atividades na *Praza* e seu entorno,

ou perímetro próximo, e que desenvolvem atividades irregulares e estão assentados em um lugar específico – fixo; g) trabalhadores da economia informal e ambulantes – é o perfil que se configura quase totalmente como o anterior, diferindo somente no caráter itinerante, quer dizer, não estão assentados em um lugar fixado. Esses perfis descritos são os agentes trabalhadores da Praça do Mercado de Abastos de Compostela levantados por este estudo.

As atividades na Praça de Abastos se classificam em 15 categorias recolhidas da *Sociedade Cooperativa Galega* (empresa tercerizada que administra a *Praza* para a Prefeitura), estando elas especificadas da seguinte forma: *Aves e ovos, Bacallau, Carnizaría, Conxelados, Flores, Froitas e Verduras, Peixe e Mariscos, Perfumes e Tecidos, Queixo, Restauración, Xoias, Pan, Quiosco, Chacinaría e Vários*. Nessa lista oficial não se recolhem *paisanas*, agricultoras, informais nem ambulantes. Dessa lista de atividades, são os setores de maior representação a carne, seguida do peixe e depois a fruta e verdura, aludindo à concepção da *Praza* como representante do local tradicional. As atividades exercidas pelas pessoas agentes trabalhadoras na *Praza* compõem formas de aprender, quer dizer, que tanto o setor de atividade, como demais características (sexo, idade, descendência, por exemplo) vão condicionar os conteúdos e as estratégias de aprendizagem social e sua prática.

A presença da diversidade de atrizes e atores ilustra que a *Praza*, além de ser um lugar tradicional, para a qual confluem diferentes modos de vida (passados e atuais) e uma diversidade de práticas trabalhistas, é, também, de inovação; na qual se mantêm vivas as dinâmicas do antes e, ao mesmo tempo, se promovem práticas de inclusão de demandas tecnológicas e de atividades novas, que exigem instrumentos renovados e estratégias de transmissão de conhecimento e aprendizagem social.

Entre essa diversidade de sujeitos que integram a *Plaza*, destacam-se pelo seu significado simbólico as *paisanas* e agricultoras(es), que se constituem nas genuínas representantes de uma cultura agrícola e rural da Galiza. As *paisanas* são as que representam o local, as possuidoras do etnoconhecimento, que lhes

outorgam uma identidade diferenciada e única à *Praza* compostelana. Sem elas não seria a *Praza*, senão um mercado a mais. Essa forma de estar e de representar o local é a característica mais relevante desse coletivo em decurso de desaparecimento.

As paisanas aparecem na literatura de maneira anedótica, mas estas representam uma forma de conhecimento, do saber de uma cultura que não é própria deste espaço senão daquilo que se nomeia como cultura ocultada, silenciada e negada. São as personificações de um tempo no qual a sobrevivência estava garantida pela atividade da agricultura, por aquilo que se podia fazer com as mãos e as habilidades herdadas das gerações pretéritas. As paisanas dão conta dessa realidade passada e ainda presente de ruralidade, do campo, daquilo que, em essência, ainda configura a identidade galega.

A cultura da *Praza* se constitui por meio de uma multiplicidade de práticas educativas e de transmissão de conhecimento que, em grande medida, estão marcadas pela ruralidade e pelo tradicional como elementos de identidade. No contexto contemporâneo, de demarcada tendência à virtualização da realidade, a *Praza* de Abastos se configura como um espaço de reminiscências, de recordações, e postas em prática de saberes elaborados em um passado rural, que por meio das dinâmicas de intercâmbio e vincularidade retornam ao presente.

A *Praza*, além da função como espaço de reminiscência do passado tradicional e de cultivo de uma cultura ancorada no rural, também é um lugar de inovação no qual se praticam modalidades de intercâmbio e produção que utilizam a tradição como sustento e ponto de partida para a criação de uma cultura produtiva, que se torna hegemônica por sua capacidade de alinhar-se e responder às exigências das indústrias culturais e do sistema econômico imperante, marco no qual a cultura local-tradicional é um elemento a mais para a venda e negócio.

Na *Praza* do Mercado de Abastos as relações comunicativas para a formação de vínculo são também práticas educativas, através das quais os diversos agentes geram, intercambiam e transmitem conhecimento, dando lugar a um espaço educativo e de convivência

marcada por múltiplas formas de relação. Assim, se expressam na *Praza*, as relações educativas-comunicativas entre: homens e mulheres; idosos e jovens; entre pessoas da localidade e de outras procedências, de fora da Comunidade Galega e estrangeira (com uso de diferentes idiomas, dando lugar de centralidade ao local galego); entre a coletividade de pessoas trabalhadoras da *Praza*, entre compradores, caminhanes e visitantes, e de uma maneira menos personalizada, se geram interações da cultura do campo com a da cidade; o tradicional e o moderno; da administração Pública (*Consello* e *Xunta*) com o coletivo de trabalhadores da *Praza*, *placero*. Toda essa diversidade de tipos de comunicação, portanto, de geração de conhecimento e aprendizagem social é um valor porque, e segundo a literatura pichoniana, é na diversidade que reside o êxito da tarefa compartilhada, quer dizer que a diversidade de vozes e de formas de comunicar vai resultar em multiplicidades de formas e de possibilidades de resolução de problemas e conflitos. Desde um ponto de vista educativo, todas essas formas de relação e comunicação constituem o substrato para a criação de conhecimento que permite a manutenção e o funcionamento presente da *Praza* e sua projeção.

As relações educativas-comunicativas, próprias dos processos de aprendizagem social na *Praza* de Abastos se caracterizam por serem fluidas ou obstaculizadas.

- As interacciones comunicativas-educativas fluidas facilitam a interação cooperativa, o apoio mútuo e o sentimento de que se as atividades funcionam bem na *Praza* o benefício será para todos. As relações fluidas de comunicação se visibilizam em processos de colaboração como a cooperação entre açougueiros que fazem parte de uma sociedade que os vincula, e de forma mais cotidiana nos cafés que compartilham (convivência) a troca de produtos ou ferramentas (colaboração), as conversas que estabelecem e o apoio mútuo. As citadas manifestações são exemplos de dinâmicas de interações que falam das parcerias instituídas e que compõem a trama relacional em colaborações que beneficiam e fortalecem o grupo.

- A modalidade da comunicação obstaculizada está caracterizada por enfrentamentos e divisões, pugnas e ofensas mútuas, mediadas por

interesses e objetivos desencontrados e por dinâmicas individualistas que primam pelo negócio próprio e ignoram e/ou deslegitimam as atividades alheias. Essas interações obstaculizadas se manifestam, por exemplo, em configurações de lideranças exercidas sem considerar as vozes discrepantes, em conflitos que são forjados por interações ofensivas quando se descumprem as dinâmicas simbólicas instituídas, por exemplo, de limpeza (e que “deixa uma imagem ruim a toda a *Praza*”), também de uso de espaços de forma não consensuada (quando se considera que se ocupa um espaço que é de outro ou que deveria ser mais bem compartilhado); também quando o movimento de clientela é baixo e se dão dinâmicas de luta simbólica para ganhar a clientela (tanto rebaixando preços, como de palavras ofensivas). Ou seja, há também dinâmicas que não estão favorecendo a consolidação do grupo.

Na sequência, são sinalizados os elementos relevantes da relação educativa-comunicativa específica e particularizada entre os diversos agentes que dinamizam a vida cotidiana na *Praza do Mercado de Abastos*.

- A relação comunicativa-educativa e vincular entre mulheres e homens na *Praza de Abastos* retrata as desigualdades de gênero, isto enquanto a atividade da *Praza* está gerenciada majoritariamente por mulheres. Nesse contexto ainda se conserva a ideia própria do mundo agrícola, de que as atividades de venda e intercâmbio não requerem esforço, portanto as mais apropriadas para esta tarefa seriam as mulheres. Nesse sentido, sem lugar a dúvidas, se pode falar da *Praza* como um espaço onde se pratica a discriminação da mulher, em todo caso advertindo para o fato de que esta não é uma dinâmica própria da *Praza*, senão do contexto social global machista que se retrata também neste espaço social.

- Na comunicação entre idosos e jovens, conclui-se que a *Praza* não está habitada somente por pessoas maiores, que atuam como detentores da tradição, senão que também está configurada por um coletivo de jovens que, de forma apropriada com sua idade e suas aspirações, tratam de integrar inovações que garantam o funcionamento da *Praza*, como um lugar de intercâmbio econômico,

onde a herança cultural passa a ser um produto mais do *marketing* para animar o consumo. Nessa interação, geram-se conflitos que remetem à tensão entre tradição e modernidade, entre o conhecimento pretérito e a orientação futura da *Praza*, que em geral encontram harmonia no silêncio e na aceitação inevitável da mudança como um elemento inerente à vida da *Praza*.

- A comunicação entre pessoas da localidade e outras de procedência de fora da *Comunidade* Galega e estrangeira, ainda que pouco representativa, se dá na *Praza* que, no presente, constitui um espaço de confluência de uma diversidade de culturas, não somente no sentido de presença de turistas estrangeiros, senão também de agentes vendedores que encontraram em alguma atividade da *Praza* de Abastos seu meio de vida. Essa presença, em termos de conhecimento e aprendizagem social, implica contar com novos saberes e renovadas dinâmicas de compreensão da realidade que desde um ponto de vista positivo implicam um aporte, mas que também geram distorções na interação e na construção de relações de vínculo, principalmente pela deficiente abertura à diversidade, o que não facilita a troca fluida de saberes, muito menos o amplo diálogo, necessário para garantir a permanência futura da *Praza* em um contexto com elementos culturais renovados.

No marco de interação da diversidade, típico da *Praza*, vale destacar o uso de diferentes línguas, dando centralidade à língua local, o galego. Em termos educativos, este espaço é um local de resistência e cultivo da língua galega, fato que evidencia a sua importância como espaço de manutenção do próprio que dialoga com o “outro” ou diferente – personificado por turistas ou estrangeiros – em termos de igualdade cultural, sem complexos, na medida em que a língua galega é entendida como elemento constitutivo do espaço abastiano.

- Comunicação vendedores-vendedores se manifesta na *Praza* a partir de diversidades de variantes, como, por exemplo, entre trabalhadores do mesmo setor (açougue, peixaria etc.), como também a partir de distâncias entre postos de trabalhos (maior ou menor proximidade), idade, grupo familiar, situação de prestígio etc. Essas variantes vão estruturar tanto relações cooperativas como de

divergências e competitividade, sendo que o fundamento de tais relações será em última instância as afinidades tecidas (o vetor pichoniano descrito como a telé).

- Comunicação e vínculo não se referem apenas a uma construção interna, mas também a relações intersetoriais e extra-setoriais, entre a coletividade de pessoas trabalhadoras da *Praza*, entre compradores, caminhantes e visitantes. Quer dizer que o processo de comunicação e aprendizagem da *Praza* se tem tanto de forma endógena (do grupo trabalhador da *Praza do Mercado*), como exógena, quer dizer, de toda a comunidade abastiana que abarca tanto as pessoas trabalhadoras em atividade de mercado, gestão e provedores, como clientes, visitantes, caminhantes e turistas.

- Relações entre a *Praza* e a Administração Pública (*Consello e Xunta*) se tem um diálogo muito característico da *Praza* compostelana porque entre a administração da *Praza* (a *Sociedade Cooperativa Galega*) e a administração existe uma forma de comunicar que foi forjada a partir da resistência do grupo trabalhador à gestão privada. Dessa maneira, se construiu a alternativa de cooperativa que garantiu que a gestão terceirizada da *Praza* ficasse nas mãos de alguns agentes trabalhadores nesta.

Como remate, a relação comunicacional e as diferentes manifestações discursivas que marcam presença na *Praza* sinalizam aspectos positivos dados nas dinâmicas do comunicar, entretanto as incidências estão perpassadas também por certa segregação e configuração de estereótipos, o que deve ser solucionado, tanto com a ampliação de espaços de comunicação como com a estruturação de condutas mais dialogantes e menos isoladas. Garantir formas mais efetivas e horizontais de diálogo vai garantir os processos de aprendizagem coletivo em benefício social.

Transpondo as relações comunicativas personalizadas, a *Praza de Abastos* é também um ponto de encontro entre o tradicional e o moderno, na medida em que é herdeira das dinâmicas sociais que remontam aos primeiros assentamentos humanos (de troca pela sobrevivência) e da presença do moderno, como produto natural do desenvolvimento de culturas que, como já foi indicado, não está

isento de conflitos e embates discursivos e de interesses, que se não são controlados e dirigidos podem afetar gravemente a continuidade da *Praza*, esta como um espaço reminiscente do tradicional. Nessa mesma situação, se inscreve a relação entre campo e cidade, que, além de estar fusionada na *Praza*, avaliando a possibilidade de sinergias entre essas duas realidades, também sinalizam confrontações e esquemas de valores nos quais a cidade se sobrepõe e o campo é degradado.

As relações comunicativas-educativas e de criação de vínculo na *Praza* do Mercado de Abastos são condicionadas por dois fatores relevantes: por um lado, por estereótipos - preconceitos que as próprias *placeras* e *placeros* têm sobre suas(seus) companheiras(os) e, por outro, pela ausência ou pouca oportunidade de comunicação, na medida em que faltam espaços e momentos marcados para este tipo de interação, algo que reduz a possibilidade de construção coletiva do espaço da *Praza* e afeta diretamente o bom desenvolvimento grupal.

Considerando os vetores pichonianos sobre o funcionamento do grupo, aplicados à comunidade da *Praza* do Mercado de Abastos, conclui-se com o especificado seuentemente.

A afiliação-pertença no grupo da *Praza* se dá em sete dinâmicas, com a conjugação de dois ou mais vieses, são eles: 1) por herança familiar, que tem lugar quando a família outorga ou delega de forma implícita a gestão de um espaço de venda na *Praza* a algum familiar; 2) por via de rede e entorno familiar, que facilita a integração na conexão por parentesco ou pertencimento familiar, direto ou político; 3) de amizade ou conhecidos próximos que informam e facilitam os dados e os meios necessários para formar parte da *Praza*; 4) por busca da defesa do contexto social local (diversificado ou não), por demanda de resgate de processos de cultivos ancestrais, de resgate e posta em cenário do artesanato, da manufatura, além de outros elementos desenhados como parte do local comunitário ou tradicional galego; 5) por necessidade de sobrevivência diretamente relacionada com a possibilidade de uma ocupação laboral que reporte ingressos econômicos; 6) por acesso e desenvolvimento a um espaço laboral; 7) e por demanda de resgate de

processos de cultivos simbólicos ancestrais e de necessidade de sobrevivência de um modo de vida.

Junto a essas dinâmicas de afiliação, se tem a pertença descrita a partir de três graus: alto, médio e baixo. O envolvimento alto fala das pessoas que ascendem ao nível representativo do grupo da *Praza*; a média fala de posicionamentos de pertença significativa, mas que não se configura em estratos de representação; e a pertença baixa, que se descreve como um distanciamento voluntário, para evitar envolver-se em conflitos, limitando o sentido de pertença.

A afiliação (adesão), em função do nível alto, médio ou baixo, condiciona a integração das pessoas no grupo *Praza*, afetando também as dinâmicas de geração e transmissão de conhecimento, visto que a informação e o conhecimento gerado no grupo circulem de maneira efetiva em função do grau de afiliação ou integração dos vendedores, potencializando ou limitando a dinâmica da aprendizagem social.

A cooperação na *Praza* do Mercado de Abastos está constituída no sentido de operacionalizar a tarefa de viver da *Praza*, uma atividade em que participam todos os agentes deste entorno. A cooperação entre os membros da *Praza* está condicionada por múltiplos elementos, entre eles, as matrizes de aprendizagem compartilhadas, entendidas como bases gerais de aprendizagem e transmissão de conhecimentos semelhantes ou compartilhados também por aspectos de capacidade simbólica coletiva, que gera a construção de identidades compartilhadas, portanto de solidariedade implícita que tem suas origens na identificação e interesses culturais e econômicos compartilhados.

Na *Praza* há processos cooperativos potenciados pela tarefa comum de compartilhar, quer dizer, pela compreensão de que a *Praza* funciona na medida em que o coletivo funciona. Também têm lugar dinâmicas de cooperação motivadas por mecanismos históricos, por meio da atualização de ferramentas do passado, como a base cultural ágrafa do mercado original, que é recuperado e potencializado na conformação, por exemplo, da Sociedade Cooperativa Galega.

Também há dinâmicas que atentam contra a cooperação na *Praza*, estas fundamentadas na concorrência entre iguais, no desequilíbrio de prestígio entre setores e agentes, como também no enfrentamento e divisão popular mais próprios do sistema social e econômico vigente e que contrastam com a configuração do mercado de proximidade fundado em relações coletivas em que o benefício de todos fundamenta a qualidade das interações. Esses aspectos que dizem respeito à cooperação devem ser revisados e preteridos enquanto dinâmica coletiva para a manutenção de espaço da *Praza* como tradicional. A cooperação deve ser entendida como fundamento do grupo para o fortalecimento do vínculo e da promoção e permanência da *Praza*, espaço coletivo de diversidade, de reminiscência da soberania popular e como lugar tradicional onde confluem diferentes modos de vida popular próprios da geografia galega.

Na qualidade de vetor pichoniano, a pertinência, que é a possibilidade ou habilidade dos membros do grupo para estar centrados na tarefa, se configura na *Praza* a partir de quatro dinâmicas: 1) a consciência de grupo que está constituída de forma geral, ainda que muitas vezes a ideia do “meu negócio” suplante a noção do grupo; 2) não existe a consciência da tarefa em comum, pois o que se tem de maneira global é a concretização da tarefa que vincula o grupo posta na faceta do implícito; 3) o individualismo próprio do sistema dominante é conduta que vem incidindo e fragilizando a pertinência na *Praza*; 4) a setorização (açougue, peixaria, frutarias etc.) não como variedade e diversidade, senão como divisão interna do grupo que está fragmentando o coletivo. Essas são as dinâmicas construídas em torno da pertinência e devem ser objeto de revisão em função da tarefa comum para poder fortalecer as relações grupais.

Na mesma proporção ao vetor referido, a comunicação, descrita nos parágrafos anteriores, cabe indicar simplesmente que estas configuram as dinâmicas da aprendizagem social. Nesse sentido, a análise de cada uma das formas de interação comunicativa aponta a que há obstaculização no processo de aprendizagem e que, apesar dos aspectos positivos das relações elencadas, há dinâmicas

estereotipadas que devem ser afrontadas porque estas tem gerado diversos problemas grupais. As configurações estereotipadas – do rural atrasado e do urbano moderno, da *Praza* como lugar que vai desaparecer por ser lugar de velhos, as desigualdades de relações e prestígio entre mulheres e homens, a contradição e dificuldade de integrar o moderno ao tradicional e a possibilidade do novo preterir o velho – incidem na vida dos trabalhadores, fragmentando o grupo, motivando a divisão e no enfrentamento do coletivo que tem como fundamento a igualdade de condição e o trabalho comunitário em espaços coletivos populares.

O vetor da Telé é a afinidade (maior ou menor) que estabelecem as pessoas que compõem o grupo e a empatia constituída nas interações. Na *Praza* observa-se uma telé baixa e alta, ambas condicionadas pela proximidade de postos, categoria de trabalho e das relações pessoais de rejeição ou amizade. O desenvolvimento das relações empáticas facilita o fluxo de informação e conhecimento, proporcionando um substrato maior para o desenvolvimento ótimo dos processos de aprendizagem social, que serão mais ou menos efetivos, dependendo das relações e da qualidade do vínculo entre as pessoas. Nesse sentido, as dinâmicas de aprendizagem e cooperação também são maiores em função dos interesses e identidades compartilhadas, que na Praza de Abastos se caracterizam por serem compartimentadas, ou seja, divididas com base no papel que cada agente desempenha na dinâmica grupal.

Na experiência grupal e de vínculo destacados através dos vetores pichonianos, se observa a manifestação constante dos dois medos: a rejeição ao moderno sem justificação nem fundamento consciente (medo de perder o tradicional, destruído pelo moderno) e o medo ao ataque à trajetória social coletiva. Esses dois aspectos do medo se conformam na atualidade por meio de uma dinâmica de rejeição ao moderno sem justificação ou fundamento consciente. O medo da perda e do ataque da trajetória social coletiva, que são aprendizagem coletiva e meios de vida dos agentes da *Praza*, são as duas ansiedades que estão ocultas. Esses processos educativos ainda que subjacentes às práticas cotidianas são os pilares das dinâmicas abastianas, porque é através da superação dos medos que se constitui

um novo porvir, no qual o moderno é integrado ao velho (ao tradicional) compondo uma nova realidade, fazendo-se operar o fenômeno conhecido como processo de inovação.

Malgrado as ameaças e medos do coletivo comunitário da *Praza*, estes vêm encontrando a instrumentalidade grupal há mais de 150 anos e adaptando-se de forma ativa à realidade cambiante. Dessa forma, pode-se afirmar que as aprendizagens sociais e as dinâmicas interacionais amparadas na necessidade coletiva de viver da *Praza* constituem um vínculo forte, que vem sendo sustentado e consolidado de forma suficiente para garantir a permanência adaptada da *Praza* do Mercado de Abastos e sua base de conhecimento tradicional e cultural no contexto presente, ainda que dominado por um sistema econômico neoliberal apoiado nas visões próprias de uma sociedade da informação e a comunicação das IC.

Assim, se constata que o marco de conhecimentos em que assentam as transformações da *Praza* de Abastos responde aos princípios de uma cultura dominante, referenciada sobretudo na adaptação a esquemas que rentabilizam a cultura local e a transformam em mais um produto da indústria cultural; no entanto, também se sentem formas de resistência, configuradas em modos de vida endógenos, ligados à cultura local galega, cuja base de conhecimentos é fomentada e transmitida através da configuração de modos de vida populares e tradicionais que ainda permanecem ativos.

Assim, a permanência da *Praza*, além de estar vinculada a todo percurso ancestral de matrizes de aprendizagem compartilhadas, igualmente se constitui de resistência e de aquisição de ferramentas para aprender de forma adaptada à realidade, incluindo o contemporâneo e compondo a vinculação dialética entre o novo e o velho, produzindo processos de aprendizagem adaptados que potencializam sua permanência como um lugar significativo no contexto da cidade de Santiago de Compostela e da cultura galega em geral.

Na atualidade, toda essa descrita trajetória consolida um longo caminho de aprendizagem social, tecido de tensões e conflitos, entre diferentes concepções de mundo, que transitam entre o tradicional e o

moderno, o dominante e o dominado, o campo e a cidade, dinâmicas que endossam os processos de aprendizagem social construídos na história da *Praza*.

Assim, a Praza do Mercado de Abastos de Compostela foi configurada por via de processos socioeducativos que nunca conheceram uma volta ao passado, porque foram constantemente ressignificados pelo grupo comunitário, na vida, no mercado e na necessidade para sobreviver. Quer dizer que a forma vincular fundada na troca de artigos e produtos foi constituída ao longo do tempo, e engendrou matrizes de aprendizagem compartilhadas que sobrevivem e continuam ativas como ferramentas de produção e transmissão de conhecimento e que asseguram a sobrevivência deste espaço social.

Em termos de aprendizagem social e de transferência de conhecimento, na Praza do Mercado de Abastos se identificam diversas formas de aprender e de educar-se, centradas em atividades da vida cotidiana, que têm lugar através das estratégias de aprendizagem expressas a seguir.

- Olhando como as outras pessoas trabalham. Quer dizer, observam como o outro faz e se imita ou se repete o mecanismo. Em grande parte, os conhecimentos relacionados com a atividade na *Praza* são apreendidos dessa forma, sem a mediação de uma educação institucionalizada e à margem da necessidade de formadores especializados.
- Obedecendo. Ou seja, pondo em prática as diretrizes ditadas por uma pessoa que sabe fazer o trabalho, como um chefe ou um familiar que tem experiência. Nesse caso, o conhecimento e os saberes elaborados por meio da experiência são transmitidos sem mediação, de forma direta, sendo um elemento central para o aprendizado a obediência; ou seja, seguir e praticar as diretrizes e conhecimentos indicados.
- Rememorando, na utilização de mecanismos da memória para lembrar-se de como se fazia a atividade de uma avó, mãe, pai, parente ou chefe. A lembrança, a memória, relembrar o que se fazia e como se fazia no passado são

importantes fontes de conhecimento na *Praça*, onde os idosos, principalmente as mulheres do campo, integram continuamente o mecanismo da memória para trazer conteúdo do passado, para ajudar a resolver problemas do presente.

- Dialogando, estabelecendo o exercício de diálogo intergeracional e intersetorial como estratégia para a transferência de saberes. O diálogo, a conversação, constitui elemento relevante na vida quotidiana da *Praça*, onde os componentes de um mesmo grupo de atividade e, também, entre as diferentes faixas etárias, iniciam dinâmicas de troca de conhecimentos, que constituem uma das melhores estratégias de adaptação do Mercado de Abastecimento às demandas e condições atuais. Através do diálogo como estratégia de formação, os jovens aprendem com os idosos e os idosos com os jovens, principalmente, conhecimentos relacionados com a utilização das novas tecnologias e inovações integradas na *Praça*.
- Por meio da dinâmica de erro e acerto. Quer dizer, na tentativa de melhorar e/ou modificar se põe em prática o novo e valoram-se posteriormente os resultados. Se forem benéficos, se repetem de maneira sistemática; se não, são descartados. Essa estratégia de aprendizagem e transformação coletiva é utilizada de maneira constante, na medida em que a atividade da *Praça*, a venda de mercadorias, implica o teste constante de novos procedimentos que melhorem o desempenho de cada um dos pequenos negócios e da *Praça* como um todo.
- A formação escolar que é passada à cotidianidade para o exercício prático de habilidades apropriadas para a venda, o trato com os clientes, as relações sociais, a gestão burocrática etc. A educação escolar é um meio que proporciona uma cultura geral, bases e chaves de conhecimento que são colocadas em prática para se integrar à dinâmica econômica, social e cultural da *Praça*.

- Cursos oficiais de capacitação constituem outra modalidade de aprender e gerar novos conhecimentos. Esses cursos organizados oficialmente são acolhidos de acordo com os interesses dos coletivos demandantes. Neste sentido, não participam deles todos os membros da *Praza*, aliás, estes cursos motivam um coletivo minoritário, isto enquanto muitos *plazeras* e *placeros* não os consideram como uma necessidade, porque aportam pouco ou nada para a gestão dos seus respectivos negócios.

As pessoas que trabalham na Praza de Abastos se caracterizam pela diversidade em sua formação, alguns agentes não são letrados, alguns fizeram estudos institucionais e outros alcançaram até estudos universitários, portanto, não há um perfil homogêneo de formação. Neste sentido, nem todos os membros do grupo abastiano completaram a sua formação institucional básica, sobretudo os idosos, que assinalam que a sua aproximação ao sistema educativo, em muitos casos, foi quase anedótica, porque na época em que foram educados, as crianças trabalhavam e não existia este serviço nas suas localidades nem a obrigatoriedade de assistência.

Os conhecimentos que manejavam muitos agentes da Praza de Abastos, sobretudo as gerações mais velhas, baseiam-se na experiência de vida, em grande medida na vida agrícola própria do rural galego e, também, em muitos casos, na vida como emigrados econômicos em outros países. Neste sentido, se valoriza o aprendizado cotidiano fundamentado nas práticas experimentadas na *Praza*, em suas comunidades e suas experiências pessoais, um conjunto de saberes que são organizados em matrizes de aprendizagem que remetem às dinâmicas socioculturais compartilhadas.

Chama a atenção o fato de que a educação institucional escolar é pouco valorizada por muitos membros da comunidade da Praza de Abastos. Elas e eles têm uma percepção negativa de sua formação regrada e consideram que carecem de uma boa educação escolar. É de assinalar que, entre os idosos, vários não completaram o ensino primário, pelo que, quando se faz referência ao fato educativo, para eles a ideia de escola está ausente, ficando apenas a recordação das

suas experiências de aprendizagem não escolar, como as mais significativas do seu processo de aprendizagem pessoal e social. A infravalorização do ensino escolar coincide igualmente com a ideia de que esta formação é pouco útil para o cotidiano e o exercício do seu trabalho no mercado, que se baseia em aprendizagens que, na sua maioria, provém da prática, do ensaio e da experiência.

Com base na experiência cotidiana e suas condições pessoais de existência, cada sujeito da *Praza* organiza e significa seu universo de aprendizagem social e individual. Neste sentido, cada membro da *Praza* tem suas matrizes de aprendizagem, as próprias experiências, que, analisadas em um marco coletivo, remetem a pontos de inflexão e fundamentação compartilhadas. Nesse sentido, as matrizes de aprendizagem das pessoas da *Praza* do Mercado de Abastos coincidem em sua trama vincular histórica, como também em elementos centrais compartilhados como:

- A pertinência a uma cultura galega que é singular e diferenciada. Na *Praza* de Abastos, se sente essa cultura, que se expressa nos elementos materiais (o que se vende) e simbólicos, como a língua. Além das formas próprias de organizar o espaço e as relações pessoais. Essa identidade gera um sentido de pertença a um território e remete a uma maneira particular de ser e estar no mundo, ao um ser galego, que é uma das principais chaves para a compreensão do entorno local e alheio.

- A identidade rural que permeia os elementos e a experiência vital na *Praza* que, em todos os sentidos, remete para a ideia de estar em um espaço prolongado do rural galego, pelos seus produtos, pelos seus povos e, sobretudo, por esse sentido de tradição periferizada que se apresente quase de forma intrusiva no contexto da Modernidade. A terra, o camponês, o rural, o mundo dos produtos e os animais se fazem presentes na *Praza*, outorgando a este espaço e seus componentes uma singularidade irrepetível em outros espaços; uma identidade rural que também configura o pensamento e a percepção da realidade que, em grande medida, responde a chaves de leitura ancoradas na ruralidade.

- A experiência da imigração é outro aspecto central para a configuração das matrizes de aprendizagem compartilhadas. Isso porque a história e o processo de construção da cultura galega estão marcados pela emigração, pela saída do território local para buscar melhores condições de vida em outros espaços, às vezes com a ideia de voltar ou contribuir com algo para o crescimento e a melhoria da cultura de origem. A emigração, à margem do aporte econômico, como se evidencia na *Praza*, implicou também a integração de chaves de interpretação da realidade que diferem muito da compreensão daqueles que não viveram esta experiência. A realidade da emigração experimentada de forma pessoal por muitos membros da *Praza* transforma-se em uma chave de leitura cultural, enquanto, no imaginário galego, ainda está presente a lembrança de quem se foi e, no contexto atual, a realidade daqueles que chegam, em ambos os casos, ligados a dinâmicas de aprendizagem e geração de conhecimento que só a experiência de ser emigrante ou imigrante podem trazer.

- A questão da mulher como periferizada, O espaço da *Praza* está marcado pela ocupação de determinados coletivos periferizados e silenciados, como as mulheres. Em geral, é um espaço feminizado e de segregação horizontal que denota a ideia de que as mulheres e homens desempenhem diferentes tipos de trabalhos; no entanto, há de se deixar em evidência que a questão da mulher e sua maior presença se erige como fundamento de interação, motor de produção de diálogos e busca de conhecimento nesse universo social. Nesse sentido, a questão feminina na *Praza* não se limita à divisão sexual do trabalho, mas também está ligada a elementos e simbologia próprios do rural galego, ao papel da mulher na estrutura agrária. Esse fato constitui um ponto-chave para entender como pensam e como aprendem as pessoas neste contexto, majoritariamente povoado por mulheres, que exercem um trabalho culturalmente "periferizado". Marginal enquanto não responde às expectativas nem ao prestígio de outros trabalhos renomeados no marco econômico capitalista. Muitas das mulheres da *Praza*, à sua condição de mulher somam o fato de serem *paisanas* e agricultoras, o que implica um grau maior de marginalidade, enquanto exercem uma função de venda quase

periferizada na própria *Praza*. A compreensão das dinâmicas de aprendizagem e de transmissão de conhecimento estão condicionadas por esta percepção periferizada da mulher, sobre quando se constata que a *Praza* é um espaço cultural feminizado. A compreensão das dinâmicas de aprendizagem e de transmissão de conhecimento está condicionada por esta percepção da mulher sobre quando se comprova que a *Praza* é um espaço cultural feminizado. Insistir, porém, que não se trata de uma dinâmica endógena, própria das estruturas socioeducacionais da *Praza*, é senão mais do que um reflexo da sociedade.

- A carência de oportunidades e a pobreza são outros fatores que condicionam as formas de aprendizagem coletivas dos componentes da *Praza* do Mercado de Abastos, que na sua ação cotidiana são confrontadas com a visão de uma Galiza empobrecida, ancorada no campo, que para muitos é sinônimo de pobreza. Por outro lado, em sua maioria, os trabalhadores da *Praza* experimentaram ou estão imersos em uma realidade de grande dificuldade econômica e alguns até na pobreza, uma experiência pessoal e familiar que não é superada nem com suas atividades na *Praza*, e que para muitos é uma ocupação que se limita à sobrevivência. Essa visão e experiência de desigualdade social configuram as matrizes de aprendizagem enquanto condicionam o valor que outorgam ao conhecimento inacessível a partir da condição de existência que se tem, e também condicionam a valoração dos próprios saberes, em consequência das formas de interpretar a realidade e de atuar no mundo, que estão em muitos pontos destorcidas.

Os elementos partilhados permitem configurar uma identidade cultural e bases de conhecimento e interpretação da realidade que, inevitavelmente, são condicionadas pelos componentes das suas matrizes de aprendizagem partilhadas, que servem como chaves de leitura e interpretação do passado, do presente e do futuro. Essas matrizes compartilhadas de aprendizagem permitem configurar sua singular visão do mundo e dos câmbios que se operam na realidade, portanto, são as bases de organização do conhecimento que se expressam em toda dinâmica comunicativa-educativa.

A função que cumpre atualmente a Praça do Mercado de Abastos é a de resguardar a tradição incorporando o novo de forma adaptada. Quer dizer, modernizar os processos educativos sem preterir o tradicional que a fundamenta. Além disso, a *Praza* tem a função de vitrine, de mostruário, o que abre a possibilidade de debate coletivo, de pensar na identidade e na história do povo galego e promover mecanismos de decisão coletiva do que se quer perpetuar como identidade social construída através de mecanismos de educação cultural.

Uma questão conflitiva é a relativa ao lugar turístico, a *Praza* e seus componentes como elementos de observação e experiência turística, que não se limita à apresentação do próprio em termos culturais, senão à monetização da cultura como um produto de venda, em termos mais suaves como uma oportunidade e alternativa econômica, tornando-se, inclusive, motor de revitalização cultural. Nesse sentido, o fenômeno turístico na *Praza* é um aspecto novo que tem chocado as matrizes de aprendizagem coletivas que se fundamentam no tradicional, gerando diferenças, desacordos e controvérsias, posto que este fenômeno turístico novo, em grande medida, é a representação de uma ruptura com o local convencional e popular e a possibilidade de suplantação da *Praza* tradicional por um outro e diferente espaço; ao mesmo tempo, o turista tem sido fonte de riqueza, tanto para a cidade de Santiago de Compostela como para alguns setores da *Praza*, o que faz com que esta realidade não seja preterida da atividade de mercado, senão que está permeando, em grande medida, as dinâmicas atuais de interação, gerando novas possibilidades de aprendizagem social para a adaptação às singularidades da Modernidade e da sociedade globalizada da informação e da comunicação, mas também abrindo a possibilidade de perda do aspecto fundante da *Praza* assentada no local.

Certo é que a modernidade industrial desencadeia vários fenômenos e produz novos ou diferentes problemas sociais no âmbito das feiras como a *Praza*. A modernização pode gerar desestabilização de valores e lógica de exclusão (de jovens, na dialética idoso *versus* jovens; na relação de gênero, quando a mulher está sub-representada ou ocupando espaços de menos prestígio, na negação da Modernidade

pela tradição, criando um gueto concebido como lugar de atraso), como também espaços de trabalho de gueto como o referente à presença das *paisanas*, das agricultoras ou o trabalho das mulheres em geral, que, como nomeia Lourdes Méndez (1998), é compreendido como não trabalho ou trabalho de mulheres, e que não conceptualizado como trabalho. Em um sentido mais geral, existe o discurso que considera a *Praza* como “não moderno”, que tende a periferizar algumas atividades e sujeitos cuja identidade descansa na tradição.

As matrizes de aprendizagem próprias do coletivo de trabalhadores da *Praza* transformam e consolidam em base ao desenvolvimento dos laços de vincularidade entre seus membros, entendidos como a relação e vivências compartilhadas que geram a identidade de um grupo. São relações nas quais também se atualizam processos educativos institucionais e não institucionais que dão lugar ao cultivo do conhecimento originado na tradição e que, ao mesmo tempo, introduzem inovações que projetam este espaço de vida para o futuro.

O vínculo positivo, compreendido como a relação de benefício mútuo tende a fortalecer as dinâmicas cooperativas, ao mesmo tempo em que reforça os processos de aprendizagem individuais e coletivos; como as interações positivas, próximas e empáticas, predis põem a um maior intercâmbio e transferência de conhecimento. Em sentido contrário, o vínculo negativo obstaculiza o desenvolvimento e a fluidez dos processos de aprendizagem. Neste sentido, observou-se como as formas negativas e limitadas de interação estão enfraquecendo os vínculos e as possibilidades de aprender em conjunto, limitando as possibilidades para superar as dificuldades comuns e garantir a sobrevivência das pessoas e a permanência deste lugar social tradicional.

Referindo-se ao ponto precedente, cabe também assinalar e concluir que a comunidade grupal abastiana carece de meios e espaços de debate crítico e democrático. Isto é um fato que incide negativamente na construção de uma cultura da participação,

limitando as possibilidades deste espaço como um lugar da soberania popular.

Apesar dos fatores negativos que limitam a geração e a transmissão de saberes, constata-se que as possibilidades de transmissão de conhecimentos intergeracionais e a formação em capacidades para a adaptação aos novos cenários culturais, sociais e econômicos são altas. Neste sentido, é notável a abertura dos membros da *Praza* para a integração em uma cultura *tecnologizada*, mediada pelo uso de aparelhos de comunicação, que, de forma significativa, estão introduzindo novas formas de intercâmbio e venda de produtos. As tecnologias da informação e da comunicação não constituem uma limitação, mas são vistas como uma oportunidade, ainda que o acesso a estas novas dinâmicas não seja ainda geral, sendo os coletivos mais atrasados nestes processos aqueles que respondem a um perfil mais tradicional, que historicamente tiveram pouco acesso aos meios de sobrevivência, como os coletivos informais, dos agricultores e das *paisanas*.

Por outra parte, a renovação geracional ocorre de maneira tímida, ora por necessidade no contexto familiar, ora por necessidade vincular com pensamentos, valores e desejos de uma sociedade mais arraigada em valores do local, da sustentabilidade também e, paradoxalmente, no gastronômico e turístico. O relevo geracional na *Praza* está condicionado por múltiplos fatores, entre os quais se destaca a possibilidade ou impossibilidade de viver da atividade da *Praza* que, segundo indicam alguns trabalhadores da *Praza* (*placeras* e *placeros*), não é ótima, dado que não existe uma relação proporcional entre o trabalho que se realiza e os lucros que se obtém, o que leva a desejar outro destino e ocupação para as gerações novas, no sentido de que não destinem suas vidas em uma atividade pouco gratificante, como alguns consideram o trabalho na *Praza* e que muitas vezes somente é exercido por necessidade vital.

Finalmente e, em síntese, o objetivo principal de compreender quais são e como se dão as práticas educativas que garantem a vivência e prevalência da *Praza* do Mercado de Abastos compostelana,

desde a perspectiva dos agentes trabalhadores, foi atingido a partir dos objetivos específicos listados à continuação.

- 1) Contextualizar, de maneira histórica, cultural, social e educacional, os agentes da Praça do Mercado de Abastos de Compostela. Esse objetivo foi alcançado através dos capítulos dois, três, seis, sete e nove. Nos capítulos segundo e terceiro, se estruturou o desenvolvimento histórico da *Praza* enquadrado nos primeiros assentamentos humanos, no foro, na ágora, no zoco, na Mesoamérica e na Península Ibérica – e nos capítulos sexto, sétimo e nono, tecendo a análise interpretativa dos fenômenos educativos do coletivo e dos sujeitos da práxis.
- 2) Descrever a diversidade de atividades – *paisanas*, donos de postos, trabalhadores desses postos, administração, entre outros – desenvolvidas na *Praza*, e estabelecer, por meio das matrizes de aprendizagens, as relações dessas atividades com os processos de ensino e formação dos agentes que estimulam a vida nesse contexto. Esses foram depreendidos e assimilados nos capítulos primeiro, segundo, sexto e oitavo. No primeiro capítulo, se fez a fundamentação dos principais teóricos e teorias: Paulo Freire (2003), Vigotski (2011) Pichón-Rivière (2005) e Ana Quiroga (2012); também no segundo capítulo, ao estruturar o processo histórico da conformação das *plazas de mercados de abastecimientos* derivados do modelo francês e seu desenvolvimento na Península Ibérica. Também a partir da estruturação dos sexto e oitavo capítulos, nos quais foram feitas a descrição dos perfis da *Praza* e a leitura das matrizes de saberes que o coletivo trabalhador nesta manejá na relação grupal.
- 3) Compreender os vínculos educacionais dos vários agentes sociais que desenvolvem as suas atividades na *Praza*, entre os quais, vendedoras, vendedores, *paisanas*, organizadores e gestores desse espaço, sendo completados e entendidos nos capítulos um, dois, oito e nono; sendo que, no primeiro

e segundo capítulos, se fundamentou a teoria e esta é vinculada à concepção educacional e vincular, e, nos capítulos oitavo e nono, se estruturou a realidade das dinâmicas relacionais através dos pares dialogantes entre vendedores e vendedores, vendedores e turistas, vendedores e administração etc.

- 4) Sistematizar as práticas educacionais – conhecimento, informação e capacidades – dos distintos agentes trabalhadores da *Praza*, com o objetivo de saber: o nível de formação que têm, as estratégias usadas para transmitir conhecimentos por meio das gerações e ao longo do tempo, e as expectativas que se tem no plano socioeducacional, além de entender como se dá a renovação geracional. Esses foram objetivos alcançados nos capítulos sexto, oitavo e nono. Nos citados capítulos se procederam à sistematização e à leitura da condição de existência e as perspectivas que manifestaram as pessoas agentes trabalhadoras da *Praza*.
- 5) Descrever e categorizar o vínculo – as necessidades – educacionais como matrizes de aprendizagem do coletivo trabalhador da *Praza* como parceiros sociais em grupo, no enfoque pichoniano, que atuam na *Praza*, para entender as ações que vão garantir a sustentabilidade desse espaço socioeducacional no passo do tempo e no futuro. Esses objetivos foram divisados no primeiro, segundo, sexto, oitavo e nono capítulos. Nos dois primeiros capítulos, se estruturou a base teórica da abordagem vincular e grupal em função das necessidades, e nos três capítulos subsequentes se abordou a realidade grupal abastiana à luz da teoria sistematizada e das descobertas do processo de campo.
- 6) Conhecer as funções atuais do setor social da *Praza* no âmbito da dinâmica cotidiana, em termos educacionais e sociais – foi o objetivado nos capítulos quarto, sexto, sétimo e oitavo. Esses objetivos foram alcançados no plano teórico sistematizado no capítulo quatro ao entender os fenômenos modernos da *Praza* a partir da SIC e das indústrias

culturais; no capítulo sexto, efetivou-se a descrição do âmbito do estudo, a saber, a Praça do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, e nos capítulos sétimo e oitavo se fez a análise dos fenômenos educacionais e sociais que são gestados na cotidianidade abastiana.

Conforme exposto, pode-se chegar a completar que se respondeu às perguntas de investigação e aos objetivos listados. Como remate, a *Praza* se constitui como um contexto educativo e de relações vinculares através das quais se cultiva uma identidade social, e na qual a manutenção e atualidade ocorrem por meio da aprendizagem, da superação como adaptação ativa à realidade. Esse lugar identitário se organiza a partir do vínculo – inter-relação constituído por uma mútua necessidade compartilhada através de processos de comunicação e aprendizagem (Pichón-Rivière, 2005); e também por matrizes de aprendizagem compartilhadas, modalidade com a qual um coletivo organiza e significa o universo das experiências coletivas, o universo de conhecimento culturalmente construído (ampliado a partir de Quiroga, 2012). Assim, é através do vínculo que a *Praza* pode ser entendida na faceta adaptada no aprender, tanto a sobrevivência ao longo dos anos como sua permanência na Modernidade.

Apesar dos logros a nível de conhecimento, cabe informar sobre algumas questões que dificultaram a realização do estudo, entre as quais se destacam:

- A escassa literatura científica para a compreensão deste lugar social, que é estudada e enfocada desde perspectivas mais ligadas à arquitetura e muito menos a questões de ordem social e educativa.

- Outra questão que limitou muito o máximo aprofundamento foi a dificuldade para acessar os arquivos históricos e documentos que são propriedade da prefeitura (do *Concello*) de Santiago. A dificuldade não só radicou na possibilidade de acesso ao material, mas também nos custos econômicos que isso implicou no início do estudo.

- Também cabe destacar o difícil acesso aos dados primários, sobretudo à realização de entrevistas, devido ao tipo de ocupação das pessoas, muitas delas de presença esporádica na *Praza*, que no seu tempo de permanência neste local estavam totalmente ocupadas pelo seu trabalho, sem possibilidade de atender aos requisitos da investigadora.

- Outro fator limitante totalmente significativo para o desenvolvimento da investigação foi a irrupção do vírus covid-19 que, entre outras coisas, impossibilitou a aplicação do questionário projetado para esta investigação, ao mesmo tempo em que limitou a ampliação das entrevistas vinculares em profundidade, obrigando a desenvolver a base argumentativa da tese com os dados recolhidos até antes da pandemia.

Por fim, e apesar das dificuldades descritas, deixa-se expresso que este estudo alcançou descrever as relações vinculares de aprendizagem social que estão sendo dadas na Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela, mas não pretendeu dar por fechadas todas as possibilidades de configurações dos processos educativos, porque estes são vivos e estão em constante processo de mutação e conformações novas. Dessa forma, o estudo da *Praza* segue aberto por ser um espaço de aprendizagem vital que perdura.

Perspectivas

A Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela é uma instituição forte que tem suas estruturas, na atualidade, assentadas sobre dois pilares: a propriedade pública e a promoção cultural. Esses dois aspectos, entretanto, devem ser constantemente endossados por políticas que visem a garantir possibilidades sustentáveis de sobrevivências a partir de prismas fundamentados no etnoconhecimento, dos quais se retiram linhas de abordagens para a manutenção futura da *Praza* como espaço tradicional.

- Para a sobrevivência da Praza de Abastos no tempo é preciso operar com elementos da Modernidade para suplantar os aspectos

desfavoráveis e assegurar a manutenção e permanência da *Praza* como lugar socioeducativo.

- As dinâmicas da *Praza* devem ser adaptadas com modelos de turismo sustentado. Encontrar um lugar intermediário e garantir o benefício coletivo no aspecto do turismo é uma tarefa a que o coletivo de trabalhadores da *Praza* está chamado a atender.

- É preciso incidir em garantir espaços para recolha de queixas para a gestão coletiva mais acertada, participação e organização mais horizontal e democrática.

- Há que estipular processos de diálogos para que o setor da fruta e verdura conviva com a atividade de *paisanas* e agricultoras(es) de maneira mais equilibrada. De igual maneira, há que considerar possibilidades de garantir mais estrutura de funcionamento a esses coletivos.

- Há que se valorar de maneira dialogada a revisão do horário de funcionamento da *Praza*, e também há que se buscar habilitar espaços para estacionamento de veículos para clientes, bem como as políticas de *marketing* suficientes para que se amplie o grupo consumidor dos produtos da *Praza*.

- Há que se estruturar políticas participativas e que garantam a diversidade do coletivo trabalhador da *Praza* em diferentes aspectos, tais como equidade de gênero, diversidade de procedência, ampliação da representação etária e equilíbrio na presença de setores.

- É fundamental o exercício da liderança democrática, abandonando práticas de líderes ditatoriais e apostando por modalidades coletivas grupais de resolução de conflitos, sendo fundamental constituir novas e efetivas maneiras de comunicar.

À *Praza* está garantido o lugar no tempo futuro, de forma fundamental por ser de propriedade pública e por imperativo do projeto das indústrias culturais; o que não está totalmente elucidada é a feição que esta terá, em como estará organizada e quais as dinâmicas que vão permanecer vitais no devir.

Outra questão de mudança apresentada pela irrupção das SIC em indústrias culturais está relacionada ao fato de que o acesso às novas tecnologias não tem garantido que este processo de incursão tecnológica se dará de maneira coletiva, solidária e de uso e impacto positivo na cotidianidade das *placeras* e *placeros*. Essa questão deve ser trabalhada por projetos políticos, tanto no que concerne à atitude frente à mudança como na necessidade de desenvolvimento equilibrado no acesso e manejo das novas tecnologias para que não se conformem guetos. Se a opção for manter a configuração tradicional da *Praza*, a coletividade está convocada a assumir os aspectos de mudança, incorporando fenômenos novos sem descartar os tradicionais (o rural e o local), buscar o equilíbrio dos perfis e setores, garantindo, assim, a diversidade de vozes, além de estruturar a introdução da tecnologia na *Praza* de maneira equitativa.

À guisa de fechamento, atendendo aos argumentos trabalhados na tese, cabe exprimir a seguinte questão: nas mãos de quem ficará o resultado da riqueza cultural socialmente produzida na *Praza* do Mercado de Abastos? Esse questionamento é feito desde as abordagens teóricas de Mattelart (2011), que reivindica o princípio de solidariedade na construção das relações sociais (também econômicas), em contrapartida da economia regida pelo produtivismo e do que ele nomeia de ideologia da cifra. Nessa contraposição, junto a esse teórico, sugerimos o fortalecimento da instituição do Estado e a primazia da soberania popular, o que viria a ser um salto qualitativo nas dinâmicas de participação cidadã, de construção cultural coletiva e de aprendizagem social compartilhada.

REFERÊNCIAS

- ABC (23 de julho 2019). En Santiago planean regular el turismo en La Praza de Abastos. *ABC*. Recuperado de https://www.abc.es/espana/abci-santiago-planean-regular-turismo-praza-abastos-201907231657_video.html
- ABRACEN (s.d.). *Sobre a ABRACEN* [Página Web]. Recuperado de <https://abracen.org.br/sobre/>
- Acién Almansa, M. (1998). El final de los elementos feudales en al-Andalus: fracaso del «incastellamento» e imposición de la sociedad islámica. En M. Barceló Perelló & P. Toubert (Coords.), *L'incastellamento* (pp. 291-305). Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma.
- Aguilar Losada, E. (2014). *Las industrias culturales y creativas en España* (Paper Working 2014/13). Madrid: Cátedra UAM-Accenture en Economía y Gestión de la Innovación.
- Aguirre Baztán, A. (1995). *Etnografía: Metodología cualitativa en la investigación sociocultural*. Barcelona: Boixareu Universitaria.
- Albertos San José, A. (1999). *Crítica de Amartya Sen a la economía utilitarista*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra.
- Aliaga, F., Basulto, O., & Cabrera, J. (2012). El grupo de discusión: elementos para la investigación en torno a los imaginarios sociales. *Prismasocial: revista de ciencias sociales*, 9, 136-175.
- Althusser, L. (1988). *Ideología y aparatos ideológicos de Estado*. Buenos Aires: Nueva Visión.

- Altman, D. (2010). Plebiscitos, referendos e iniciativas populares en América Latina: ¿mecanismos de control político o políticamente controlados? *Perfiles Latinoamericanos*, 35, 9-34.
- Álvarez Iragorry, A. (2001). De la herencia cotidiana al tesoro perdido: nuevos desafíos en la educación ambiental para la conservación de la biodiversidad. *Interciencia INCI*, 26(10), 429-433.
- Amado, J. (1996). Características da cultura portuguesa: alguns aspectos e sua interpretação. *Revista Portuguesa de História*, 1(31), 48-65.
- Amado, J. (Coord.). (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amaral, V. (2007). A dinâmica dos grupos e o processo grupal. Natal: EDUFR. Recuperado de: http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/Psi_Ed_A10_J_GR_20112007.pdf
- American Psychological Association. (2010). *Manual de publicaciones de la American Psychological Association*. México D.F.: Editorial El Manual Moderno.
- Amezcu, M., & Hueso, C. (2004). Cómo elaborar un relato biográfico. *Archivos de la Memória*. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10481/50776>
- Amunátegui, C., & Carvajal, P. (2016). Hacia una protohistoria del comercio en el creciente fértil y su interconexión con el derecho. *Revista de estudios histórico-jurídicos*, 38, 37-45.
- Andrade, G. (2008). *A Língua das Mariposas: Para uma metodologia de estudo do falar das mulheres da Praça do Mercado de Abasto*. Santiago de Compostela, Galiza. (Trabalho de Investigación Tutelado). Universidade de Santiago de Compostela, Facultade de Filoloxia, España.

- Andrade Torales, M. (2006). *A Práxis da Educação Ambiental como Processo de Decisão Pedagógica: um estudo biográfico com professores de educação infantil na Galiza (Espanha) e no Rio Grande do Sul (Brasil)* (Tesis doctoral). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Andrés Gallego, J., & Blázquez Martínez, J. M. (1999). *História de la historiografía española*. Madrid: Ediciones Encuentro.
- Angrosino, M. (2012). *Etnografía y observación participante en investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- Anguera Arguilaga, A. (1986). La investigación cualitativa. *Educación*, 10, 23-50.
- Antunes, A. (1983). *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Almela Pérez, R. (2013). Categoría, Función y sentido de los gentilicios. *Anuario de Estudios Filológicos*, 36, 5-18. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4759915>
- Aracil, R., Oliver, J., & Segura, A. (1998). *El mundo actual de la Segunda Guerra Mundial a nuestros días*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Araújo Mourão, I. (2008). *Manual I Breve História do Sistema de Ceasas no Brasil (1960 a 2007)*. Brasília: MAPA.
- Ares Vazquez, C., Carballeira Anllo, X. M., Iglesias Sierra, P. (1988). *Diccionario xerais da lingua*. Coruña: Edicións Xerais de Galicia.
- Armas, J. (2003). El afianzamiento de la realidad urbana después del año mil. En E. Portela (Coord.), *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela* (pp. 82-125). Santiago de Compostela:

- Concello de Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.
- Ariño, A. (2002). Cultura. En J. Conill (Coord.), *Glosario para una sociedad intercultural* (pp. 77-88). Valencia: Bancaja.
- Arns, R. (2010). *Desenvolvimento Comunitário*. São Paulo: Instituto Crescer.
- Arroyo, M. (2009). *Pedagogía Social*. Cárceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones.
- Augé, M. (1998a). *Las formas del olvido*. Barcelona: Gedisa.
- Augé, M. (1998b). *El viaje imposible: el turismo y sus imágenes*. Barcelona: Gedisa.
- Augé, M. (2004). *Tiempo en ruínas*. Madrid: Gedisa.
- Augé, M. (2005). *¿Que es la antropología?* Barcelona: Paidós.
- Augé, M. & Colleyn, J.P. (2006). *Que es la Antropología*. Barcelona: Paidós.
- Augé, M. (2007). *Los “no lugares”, espacios del anonimato. Una antropología de la sobremodernidad*. Barcelona: Gedisa.
- Augé, M. (2008). Entrevista feita a Augel. Recuperado de <file:///C:/Users/usuario/AppData/Local/Temp/280-Texto%20do%20artigo-1129-1-10-20081211.pdf>
- Aurenche, O., & Kozlowski, S. (2003). *El origen del neolítico en el Próximo Oriente: el paraíso perdido*. Barcelona: Ariel.
- Austín Millán, T. (2000). Para comprender el concepto de cultura. UNAP. Educación, y desarrollo. 1(1). Recuperado de http://files.bitacora4.webnode.es/200000426-4cf834df2d/Austin-concepto_de_cultura.pdf
- Azeredo Grünewald, R. (2003). Turismo e etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, (9)20. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ha/a/wL5drZ99NFQhhjdFzMyyyMd/?format=html#>

- Baeza Rodríguez, M. (2002). *De las metodologías cualitativas en investigación científico social. Diseño y uso de instrumentos en la producción de sentido*. Concepción: Universidad de Concepción.
- Bajtin, M. (1987). *La cultura popular en la Edad Media y en el Renacimiento*. Madrid: Ediciones Península.
- Balduíno, J., Pereira, T., Azevedo, S., & Campos, F. (2016). *Importância cultural da feira livre para a população do município de Picuí-PB*. [III Congresso Internacional das Licenciaturas]. Recuperado de <https://docplayer.com.br/65248548-Importancia-cultural-da-feira-livre-para-a-populacao-do-municipio-de-picui-pb-apresentacao-comunicacao-oral.html>
- Balello, L. (2010). Noción grupal de vínculo y objeto teórico. *Área 3. Cuadernos de temas grupales e institucionales*, 14. Recuperado de <http://www.area3.org.es/Uploads/a3.14Balello.vinculoyobjeto.pdf>
- Ballmann, S. (2007). O Impacto das Tecnologias no Cotidiano Escolar: um saber necessário na educação contemporânea. *PerCursos*, 8(1), 77-86.
- Banón Hernández, A. (1996). *Racismo, discurso periodístico y didáctica de la lengua*. Almería: Universidad de Almería.
- Barfield, T. (2001). *Diccionario de Antropología*. Barcelona: Bellaterra.
- Barreiro Fernández, X. R. (1979). *El campesinado gallego en el siglo XIX* (Tese de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Barreiro Fernández, X. R. (2003). De la tutela eclesiástica a los inicios de la andadura burguesa (1808-1875). En E. Portela Silva (Coord.), *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela* (pp. 433-475). Santiago de Compostela: Concello de Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.

- Barreiro Fernández, X. R. (Ed.) (2007). *Século XX: unha economía, duas sociedades. O franquismo: atraso económico nunha sociedade destruída*. A Coruña: Arrecife Edicións Galegas.
- Barreiro, S. (2015). El “Feudo de Sangre” y el don en la Islandia Medieval: Algunas Reflexiones Metodológicas. *SIGNUM - Revista da ABREM*, 16(1), 28-40.
- Barreiro, X., Carballo, F., López, A., & Carreira, F. (1979). *Historia de Galicia*. Pontedeume: ANPG.
- Barros Guimeráns, C. (2006). Lo que sabemos de los Irmandiños. *Clio & Crimen*, 3, 36-48.
- Bartolomé, M. (2004). Identidad y ciudadanía: hacia una sociedad intercultural. *Bordón*, 56(1), 65-79.
- Basilio, M. (2004). O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *DELTA: documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*, 20 (especial), 71-84.
- Bauman, Z. (1999). Turistas e vagabundos. La globalización: consecuencias humanas. FCE. Buenos aires, 103-133.
- Bauman, Z. (2002). *La ambivalencia de la modernidad y otras conversaciones*. Barcelona: Paidós.
- Bauman, Z. (2003). *Modernidad Líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidad Líquida*. Barcelona.
- Bauman, Z. (2013). *La Cultura en el mundo de la modernidad líquida*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Bayer, R. (2014). *El grupo operativo y su concepción de la Psocología Social/Horacio Foladori*. Escuela de Psicología grupal y analisis institucional. Recuperado de: <http://milnovecientoosesentay ocho.blogspot.com/2014/12/el-grupo-operativo-y-su-concepcion-de.html>
- Beard, Mary. (2018). *Mujeres y poder. Un manifiesto*. Barcelona: Crítica.

- Becerra, G. (2015). Henrique Pichon-Rivière: los orígenes de la psicología social argentina. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, 5(1), 4-13.
- Beck, U. (2004). *Poder y contra-poder en la era global*. Barcelona: Paidós.
- Beiras Torrado, X. M. (1981). *O atraso económico de Galicia*. Vigo: Galaxia.
- Bendassolli, F., Wood, T., Kirschbaum, C., & Cunha, M. (2009). Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. *RAE*, 49(1), 10-18.
- Benjamin, W. (2006). *Obras Walter Benjamin (vol I)*. Madrid: Abada.
- Benso, C., & Cid, R. (2011). *Entre tradición e o cambio en Galicia: as mulleres na sociedade ourensá de comenzo do século XX*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense.
- Bernal, H. (2005). Sobre la teoría del vínculo en Enrique Pichón-Rivière. Recuperado de: <https://principiosdepsicoterapia.files.wordpress.com/2015/03/clase-1-bernal-sobre-la-teor3ada-del-vc3adnculo-de-pichon-riviere.pdf>
- Bernal, H. (2014). *Sobre la teoría del vínculo en Enrique Pichón-Rivière: una sistematización del texto Teoría del vínculo de Pichón*. Recuperado de <https://principiosdepsicoterapia.files.wordpress.com/2015/03/clase-1-bernal-sobre-la-teor3ada-del-vc3adnculo-de-pichon-riviere.pdf>
- Bernecker, W. (2009). *España entre la tradición y modernidad: Política, economía, sociedad (siglos XIX y XX)*. Madrid: Siglo XXI.
- Bertolucci, C. (1997). As formas do silêncio. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 3(1), 148-152.
- Beyer, R. (2014). *Portavoz y emergente*. Biblioteca de Psicología Social Pichoniana.

- Blair, T. (1998). *La Tercera Vía por Tony Blair*. Madrid: El País Aguilar.
- Blanco García, C. (1995). *Nais, damas, prostitutas e feirantas*. Vigo: Edicións Xerais.
- Bleger, J. (1998). *Temas de psicología: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Böes, C. (2016). Calando para resistir: um estudo do silêncio em Raymond Carver. *Textura*, 18(38), 275-289.
- Boni, P., & Moreschi, M. (2007). Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, 3, 137-157.
- Bourdieu, P. (1987). Los tres estados del capital cultural. *Sociológica*, 2(5), 11-17.
- Bourdieu, P. (1998). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1999a). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1999b). *Contrafuegos: reflexiones para servir a la resistencia contra la invasión neoliberal*. Barcelona: Anagrama.
- Brezinski, Z. (1970). *La Era Tecnológica*. Buenos Aires: Paidós.
- Britto, A., & Feres, N. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, 7(7), 237-250.
- Browne, M. C. (2012). *La Comunidad Realizada: Las Férias libres de Santiago Como Lugares de Valor Patrimonial*. (Trabajo fin de curso). Universidad de Chile, Facultad de Ciencias Sociales. Recuperado de <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/116736/Memoria%20M.%20Browne.pdf>
- Buarque, A. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira.

- Bucaille, R., & Pezes, J. (1989). *Cultura Material*. Enciclopédia Einaudi, vol. 16; Homo-Domesticção-Cultura Material, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Bueno Bravo, I. (2012). Objetivos económicos y estrategia militar en el imperio azteca. *Estudios de Cultura Náhuatl*, 44, 135-163.
- Bunge, M. (1980). *Ciencia y desarrollo*. Buenos Aires: Siglo Veinte.
- Buzzaqui Etxebarrieta, A. (2014). *El modelo grupal pichoniano, portavoz y emergente en el grupo operativo de Enrique Pichón-Rivière: Análisis crítica*. (Tesis doctoral): Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- Caamaño, J. & Suárez, J. (2003). *Historia de la ciudad de Santiago de Compostela*, p. 23-48. Ermelindo Portela Silva (coord.). Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- Caballero Camino, H. (2016). *Del medievo feudal al capitalismo moderno evolución social / evolución mental ¿por qué, filmer, llegó tarde? Razones de la anacronía de “patriarca”* (Tesis doctoral). Universidad del País Vasco, Donostia.
- Cabana Iglesia, A. (2013). *La derrota de lo épico*. Valencia: Publicacions de la Universitat de Valencia.
- Callejo, J. (2001). *El grupo de discusión: introducción a una práctica de investigación*. Barcelona: Ariel.
- Campbell, A., & Katona, G. (1979). En L. Festinger & D. Katz (Comp.). *Los métodos de investigación en las ciencias sociales* (pp. 31-66). Buenos Aires: Paidós.
- Campoy García, C. (2015). *O teatro popular de marionetas como medio de comunicación das subalternas. O caso do espectáculo de Barriga Verde na Galiza da Postguerra (1939-1960)* (Tesis doctoral). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Canclini, N. (1987). Ni Folklórico ni Masivo ¿qué es lo popular? *Revista Diálogos de la Comunicación, FELAFACS*, 17, 5-11.

Recuperado de: https://ilusionismosocial.org/pluginfile.php/530/mod_resource/content/3/garcia_canclini1.pdf

- Canclini, N. (1990). *Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo.
- Canclini, N. (1994). *Consumidores y Ciudadanos Conflictos multiculturales de la globalización*. México: Grijalbo.
- Cánoves, G., & Villarino, P. (2000). Turismo en espacio rural en España: actrices e imaginario colectivo. *Documents d'anàlisi geogràfica*, 37, 51-77.
- Capote, M. (2013). *Trabajo y comunidad en el Neolítico Antiguo: Los útiles de percusión de la mina de Sílex de Casa Montero (Madrid)* (Tesis Doctoral). Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- Caride, J. (2006). La educación social en la acción comunitaria. En X. Úcar & A. Llena (Coords.), *Miradas y diálogos en torno a la acción comunitaria* (pp. 157-194). Barcelona: Graó.
- Caride, j. (2017). Educación social, derechos humanos y sostenibilidad en el desarrollo comunitario. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 29(1), 245-272.
- Caride, J. (2011). La Pedagogía Social ante la marginación y la exclusión social. En R. Cruz y A. García (Eds.), *Aportaciones a la Educación Social. Un lustro de experiencias* (recurso electrónico). Huelva: Universidad de Huelva.
- Caride, J. (2020). La (in)sopoertable levedad de la educación no formal y las realidades cotidianas en la educación social. *Laplage em Revista* (Sorocaba), 6(2), 37-58.
- Caride, J., Grandaille, R., & Caballo, M. (2015). De la pedagogía social como educación, a la educación social como Pedagogía. *Perfiles educativos*, 37(148), 4-11.
- Caride, J., & Neira, P. (1998). Educación Ambiental y Desarrollo: la sustentabilidad y lo comunitario como alternativas. *Pedagogía Social*, 2, 7-30.

- Carlos Gil, A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- Carral, E., Carreira, X. C., Vila, B. M. & Torres, E. (2016). A inter-relação entre gastronomia, cultura, turismo e comércio local em Santiago de Compostela. Primeiros resultados. En M. L. Tibério; A. A. Marta-Costa, X. Pereiro, A. Barros, & S. Menezes, *III Seminário Alimentos e Manifestações Culturais tradicionais II Simpósio Internacional Alimentação e Cultura: Tradição e Inovação na Produção e Consumo de Alimentos* (pp. 262-280). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Carvalho, M. (2005). *Mulher e literatura* (Documentos de Tralho/Projeto Mestrado 1993-111, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia).
- Casares, J., & Martín, V. (2003). Evolución de la distribución comercial y de los hábitos de compra: del dualismo al polimorfismo. *ICE - Información Comercial Española*, 811, 323-347.
- Castaingts, J. (2004). Los mercados como campos y arenas Hacia una etnoeconomía de los procesos mercantiles. *Alteridades*, 14(28), 109-125.
- Castells, M. (1996). *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*. Vol. 1. México: Siglo XXI.
- Castells, M. (1997). *La era de la información: economía, sociedad y cultura. I. La sociedad Red*. Madrid: Alianza.
- Castells, M. (1999). *La era de la información: economía, sociedad y cultura. II. El poder de la identidad*. Madrid: Alianza.
- Castells, M. (2000). Internet y la sociedad red. *Conferencia de Presentación del Programa de Doctorado sobre la Sociedad de la Información y el Conocimiento. Universitat Oberta de Catalunya*. Recuperado de: <https://www.alfabetizaciondigital.redem.org/wp-content/uploads/2017/05/Internet-y-la-sociedad-red..pdf>
- Castro, C. (2008). *Industrias de Contenidos en Latinoamérica*. Buenos Aires: CEPAL.

- Cavalcanti, M. (2009). A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. *Revista África e Africanidades*, 1(4), 1-19.
- Cejudo Córdoba, R. (2006). Desarrollo humano y capacidades. Aplicaciones de la teoría de las capacidades de Amartya Sen a la educación. *Revista española de pedagogía*, 234, 365-380.
- Celigueta, G., & Solé, J. (2014). *Etnografía para educadores*. Barcelona: Editorial UOC.
- Chalmeta Gendrán, P. (1973). *El señor del zoco en España: Edades Media y Moderna, contribución al estudio de la historia del mercado*. Madrid: Instituto Hispano-Arabe de Cultura.
- Chao Álvarez, F. (2007). Sondaxes Arqueológicas no Mercado de Abastos de Santiago de Compostela. Mercedes López-Mayán Navarrete, Carlos J. Galbán Malagón (coords.). *Del documento escrito a la evidencia material*. Encuentro compostelano de Arqueología Medieval, 29(55), 15-32. Santiago de Compostela: Lóstrego.
- Chartier, R. (1999). *Cultura escrita, literatura e historia: coacciones transgredidas y libertades restringidas*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Chartier, R. (1995). *Sociedad y escritura en la Edad Moderna: la cultura como apropiación*. México: Instituto Mora.
- Chartier, R. (1955). *Aspects techniques de l'automation*. *Relations Industrielles*, 11(1), 44-56. Recuperado de: <https://www.erudit.org/en/journals/ri/1900-v1-n1-ri01171/1022663ar.pdf>
- Chatelain, G. (2011). Proceso de creación y Grupo Operativo. La reparación como tarea a través de la escritura: breve reseña del trabajo. Bahía: CIEG.
- Chayo, Y. (2004). E. Pichon Rivière, L. Vigotxky. El Materialismo Histórico y Dialéctico. El papel del trabajo en sus construcciones teóricas. [XI Jornadas de Investigación Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires]. Buenos

- Aires: Universidad de Buenos Aires. Recuperado de <https://www.aacademica.org/000-029/347>
- CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais) Enrique Pichón-Rivière (2010). *A trajetória dos Autores e de suas obras: revisão histórica (Enrique Pichon-Rivière e Ana Quiroga)*, pp. 18-25 (Documento de Trabalho).
- CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais) O sinistro, a depressão e o processo criativo (2019). *Artigo extraído e traduzido para o português do livro de Ana P. de Quiroga, – Enfoques y Perspectivas en Psicología Social, Ediciones Cinco, Buenos Aires, 1986*, pp. 6-14 (Documento de Trabalho).
- Compostela Monumental. *La asociación*. Compostela Monumental [página web]. Recuperado de <https://compostelamonumental.es/la-asociacion/>
- Conil, J. (2002). *Capacidades Humanas*. En J. Conil (Coord.), *Glosario para una sociedad intercultural* (pp. 29-34). Valencia: Bancaja.
- Cordeiro Gomes, R. (1999). A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. *Ipotesi: revista de estudos literários*, 3(2), 19-30.
- Cotán, A. (2016). El sentido de la investigación cualitativa. *Escuela Abierta*, 19, 33-48. Recuperado de: <file:///C:/Users/virtu/AppData/Local/Temp/37-Texto%20del%20art%C3%ADculo-187-1-10-20181127.pdf>
- Creative Nation: commonwealth cultural policy. (1994). Canadá. Recuperado de: <https://apo.org.au/node/29704>
- Crespo, R. (2016). La antropología social y cultural [Mensaje en un blog]. Recuperado de <http://cisolog.com/sociologia/la-antropologia-social-y-cultural/>
- Cruz, L., & Brant, V. (2005). Grupo de adesão ao tratamento: espaço de "ensinagem" para profissionais de saúde e pacientes. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 9(16), 91-104.

- Cuche, D. (2004). *La notion de culture dans les sciences sociales*. Paris: La Découverte.
- DCM (1998). Creative Industries Mapping Documents 1998. United Kindon. Recuperado de: <https://www.gov.uk/government/publications/creative-industries-mapping-documents-1998>
- Delval, J. (2002). Vygotski y Piaget sobre la formación del conocimiento. *Revista Investigación en la Escuela*, 48, 13-48.
- Dias, J. (1963). Cultura (conceito etnológico). En J. Serrão (Dir.), *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas.
- Díaz Munizaga, P. L. (2013). Industrias Culturales & Industrias Creativas, evolución histórica y conceptual, confluencias y divergencias. El caso de Santiago Creativo Plataforma para la exportación de la Industria Creativa (Tesis de grado). Universidad de Chile, Santiago de Chile. Recuperado de <http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/115940>
- Díaz Polanco, H. (1998). Derechos indígenas en la actualidad. *Boletín de Antropología Americana*, 34(1), 91-99.
- Díaz Polanco, H. (1999). Indigenismo, populismo y marxismo. *Asociación Nueva Antropología*, 3(9), 7-32.
- Dicionário de Psicologia Social (2006). Recuperado de <http://psicopsi.com/diccionario-de-psicologia-social-letra-P-proyecto-terminos-de-psicologia-socia>
- Domínguez González, D. (2008). Los poderes feudales: Las maneras de la extracción del excedente de la economía medieval. *Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*, 17, 121-134.
- Dorao, J. (2007). *Una guía ilustrada de la Plaza de Santiago de Compostela*. Santiago de Compostela: Patitio Editorial. Recuperado de: <https://joaquindorao.com/plaza-de-santiago>

- Duby, G., & Firpo, A. (1980). *Los tres órdenes o lo imaginario del feudalismo*. Barcelona: Ediciones Petrel.
- Duranti, A. (2000). *Antropologia linguística*. Madrid: Cambridge University.
- Durkheim, E. (1978). *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.
- Dussel, E. (2000). Europa, modernidad y eurocentrismo. En E. Lander (Ed.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales* (pp. 24-33). Buenos Aires: CLACSO.
- El Correo Gallego, Redacción. (04/07/2006). Los comerciantes de la Plaza no cederán su sitio al supermercado. *El Correo Gallego*, Recuperado de <https://www.elcorreogallego.es/santiago/ecg/comerciantes-plaza-no-cederan-su-sitio-supermercado/idNoticia-61343/>
- El Correo Gallego, Redacción. (26/01/2011). Becas de la Plaza de Abastos para que alumnos de la USC compren productos frescos: La cuantía es de treinta euros semanales, entre enero y junio. *El Correo Gallego*, Recuperado de <https://www.elcorreogallego.es/hemeroteca/becas-plaza-abastos-alumnos-usc-compren-productos-frescos-MBCG633395>
- El País, Redacción. (25/07/1980). *La grave crisis de Inglaterra*. Recuperado de: https://elpais.com/diario/1980/07/25/opinion/333324005_850215.html
- Escámez, J. (2002). Educación Intercultural. En J. Conil (Coord.), *Glosario para una sociedad intercultural* (pp. 132-139). Valencia: Bancaja.
- Even-Zohar, I. (1999). La literatura como bienes y como herramientas. En D. Villanueva, A. Monegal e E. Bou (coord), *Sin fronteras: Ensayos de Literatura Comparada en Homenaje a Claudio Guillén* (pp. 27-36). Editorial Castalia: Madrid.

- Fabris, (2014). A noção de tarefa, pré-tarefa e trabalho na teoria de E. Pichon-Rivière. *Psicologia Social e Trabalho*, (17)1, 111-117. Recuperado de: <https://core.ac.uk/download/pdf/268263472.pdf>
- Fernández Enguita, M. (1985). Cualquier día, a cualquier hora: invitación a la etnografía de la escuela. *Arbor*, 477, 57-90.
- Fernández, O. (2004). *Bronislaw Malinowski: la antropología y el funcionalismo*. León: Universidad de León, Secretariado de Publicaciones y Medios Audiovisuales.
- Fernández Prieto, L. (2007). *O franquismo : atraso económico nunha sociedade destruída*. A Coruña: Arrecife.
- Fernández Prieto, L. (1990). *A renovación texnolóxica da agricultura galega, 1850-1939. Estado, sociedade e innovación nunha economía campesiña* (Tesis Doctoral). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Fernández, S. (02.08.2017). La apertura de cuatro locales lanza al fin la polémica nave 5 de la Plaza. *El Correo Gallego*. Recuperado de <https://www.elcorreogallego.es/santiago/ecg/apertura-cuatro-locales-lanza-fin-polemica-nave-5-plaza/idEdicion-2017-08-02/idNoticia-1067324/>
- Fernández, S. (2018). Una antropología de la praxis. Análisis y reflexiones sobre usos y destinos del conocimiento antropológico. *Revista Praxis Comunal, UFMG*,(1)1, 119-140. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/issue/view/653>
- Fernández Sebastián, J. (2013). Continuidad y ruptura en la historia Intelectual. En F. Oncina (Ed.), *Tradicción e Innovación en la história intelectual* (pp. 51-74). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Ferrándiz, F. (2011). *Etnografías contemporáneas. Anclajes, métodos y claves para el futuro*. Barcelona: Anthropos.
- Figueiredo, R., & Arnoldi, M. (2006). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Folgueiras Bertomeu, P. (2016). *La entrevista*. Recuperado de <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/99003/1/entrevista%20pf.pdf>
- Fontana, J. (2001). *La Historia de los Hombres*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Freire, P. (2009). *Pedagogía de la autonomía: saberes necesarios para la práctica educativa*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003). *Pedagogía do Oprimido*. Madrid: .
- Freire, P. (1996). Prólogo. En: Moacir Gadotti, *Pedagogía de la Praxis*. Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Freire, P. (1969). *Papel da Educação na Humanização*. Recuperado de http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1127/2/FPF_OPF_01_0003.pdf
- Freitas, H., & Mascarolas, J. (2002). Da Observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. *RAE-eletrônica*, 1(1), 1-30. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482002000100006&script=sci_abstract&tlng=pt
- Frochtengarten, F. (2005). A memória oral no mundo contemporâneo. *Estudos Avançados*, 19(55), 367-376.
- Fuente, G. (2006). *Los Revolucionarios de 1868: Elites y poder en la España Liberal*. Madrid: Marcial Pons.
- Gama, L., & Passos, C. (2011). Práticas de etnoconhecimento na gestão participativa do turismo sustentável na Amazônia: Quilombo de Tapanagem (Oriximiná/PA, Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 5(3), 325-337.
- Gamboa, S. (2007). Epistemologia da educação física: as inter-relações necessárias. Maceió: EDUFAL. Recuperado de:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8647594/14614>

- García Atienzar, G. (2009). *Territorio Neolítico: las primeras comunidades campesinas en la fachada oriental de la península Ibérica*. Oxford: Archaeopress.
- García Atienzar, G. (2010). Las comarcas centromeridionales valencianas en el contexto de la Neolitización de la fachada noroccidental del Mediterráneo. *Trabajos de Prehistoria*, 67(1), 37-58.
- García, D. F. (2011). Breve cartografía de tres usos de la noción de CULTURA. *Nómadas*, 35, 245-255.
- García Garrido, J. L., Alejos Grau, C., Rodríguez Sedano, A. (2001). *Esquemas de Pedagogía Social*. Pamplona: EUNSA.
- García Henche, B. (2016). Plaza de Abastos Santiago de Compostela [Blog blogspot]. Recuperado de: <http://bitacoradelahenche.blogspot.com/2016/11/plaza-de-abastos-santiago-de-compostela.html>
- García Hoz, V. (1991). *Iniciativas sociales en educación informal*. Madrid: Rialp.
- García Jurado, F. (2016). *Teoría de la Tradición Clásica: conceptos, historia y métodos*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- García Marín, J. (2000). Socioloxía da educación: das caixas negras ós procesos de produción cultural. *Revista Galega de Ensino*, 26, 147-162.
- García Ruiz, M. V. (2009). *Málaga en 1487: el legado musulmán*. Málaga: Servicio de publicaciones, Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga.
- Garrido Arroyo, M. C. (2009). *Pedagogía Social*. Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones.

- Garrido Cabezas, N. (2017). El Método de James Spradley en la investigación cualitativa. *Enfermería: cuidados humanizados*, 6(0), 37-42.
- Gauche, S., Verdinelli, M., & Silveira, A. (2013). Composição das equipes de gestão nas universidades públicas brasileiras: segregação de gênero horizontal e/ou vertical e presença de homosociabilidade. [IV Encontro de Pessoas e Getão de Trabalho]. Brasília DF. Recuperado de <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR87.pdf>
- Ghiraldelli, P. (1999). *Richard Rorty: a filosofia do Novo Mundo em busca de mundos novos*. Petrópolis: Vozes.
- Ghiraldelli, P. (2002). Richard Rorty: da filosofia da linguagem à filosofia política democrática. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, 7(16), 9-28.
- Giddens, A. (1999). *La tercera vía: la renovación de la socialdemocracia*. Madrid: Taurus.
- Giddens, A. (2001). *Sociología*. Madrid: Alianza.
- Giorgi, V. (2020). *Pobreza, sobreexplotación y salud mental*. Recuperado de <https://studylib.es/doc/6351118/v%C3%ADnculo--marginalidad-y-salud-mental.-giorgi--victor>.
- Gnerre, M. (1985). *Linguagem. Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes.
- Goergen, P. (1998). Ciência, sociedade e universidade. *Educação e Sociedade*, (19)63, 53-79, Ago.
- Gómez-Redondo, C. (2013). *Procesos de Patrimonialización en el Arte Contemporáneo: Diseño de un Artefacto Educativo para la Identización* (Tesis doctoral). Universidad de Valladolid, Valladolid.
- Gonsalves, E. (2001). *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea.

- González, A. (08/07/2019). La Plaza de Abastos de Compostela revoluciona el ocio de la ciudad. *El Progreso*. Recuperado de <https://www.elprogreso.es/articulo/noticias/la-plaza-de-abastos-revoluciona-el-ocio-de-compostela/20170808000000680566.html>
- Gouveia, V. V., Vasconcelos, T. C., Queiroga, F., França, M. L., & Oliveira, S. (2003). A dimensão social da responsabilidade pessoal. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 123-131.
- Graff, J. (1995). *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Guàrdia Bassols, M., & Oyón Bañales, J. L. (2007). Los mercados públicos en la ciudad contemporánea. El caso de Barcelona. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, XII(744). Recuperado de <http://www.ub.es/geocrit/b3w-744.htm>
- Guàrdia, M., Oyón, J., & Fava, N. (2013). De mercado de barrio a mercadocentral: trabajo, parentesco y proximidad en torno al mercado del Born, 1876-1971. *Zainak*, 36, 231-246.
- Guber, R. (2011). *La Etnografía: método, campo y reflexividade*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (1994). *Etnografía: métodos de investigación*. Barcelona: Paidós.
- Henrique Pinto, G. L., & Gonçalves Gumiero, R. Auge y declive de la relación entre la SUDENE y la “Alianza para el Progreso”. *Revista CIDOB d’Afers Internacionals*, 120, 73-94.
- Hernández Cordero, A. (2017). Los mercados públicos: espacios urbanos en disputa. *Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, 83, 165-186.
- Hervés Sayar, H., Fernández González, A., Prieto, L., & Artiaga Rego, A. (1997). Resistencia y organización. La conflictividad rural en Galicia desde la crisis del Antiguo Régimen al franquismo. *Noticiario de Historia Agraria*, 13, 165-191.

- Hillebrand, E. (2007). La izquierda después de la “tercera vía”. *Nueva Sociedad*, 211, 22-30.
- Hobsbawm, E., & Ranger, T. (Eds.) (1983). *La invención de la tradición*. Barcelona: Crítica.
- Hopenhayn, M. (2004). Orden Mediático y Orden Cultural Una ecuación en busca de Resolución. *Pensar Iberoamerica: Revista de cultura*, 5.
- Horkeheimer, M., & Adorno, T. (1994). *Dialéctica de la Ilustración*. Madrid: Trotta.
- Horkeheimer, M., & Adorno, T. (1979). *Sociológica*. Madrid: Taurus.
- Huntington, S. (1997). *El choque de las civilizaciones*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Ibáñez Ruiz del Portal, E. (2014). *Aportaciones de Amartya Kumar Sen al pensamiento sobre derechos humanos* (Tesis doctoral). Universidad Pablo de Olavide, Sevilla.
- INFORME ESPECIAL 301, (1989). Recuperado de: <https://ustr.gov/sites/default/files/USTR%202014%20Special%20301%20Report%20to%20Congress%20FINAL.pdf>.
Ambassador Michael B.G. Froman (Office of the United States Trade Representative). *2014 Special 301 Report*. Recuperado de <https://ustr.gov/sites/default/files/USTR%202014%20Special%20301%20Report%20to%20Congress%20FINAL.pdf>
- Iñón, C. (1997). *Vectores del Cono Invertido*. Recuperado de: <https://es.scribd.com/doc/7105834/Vectores>
- Ivanoski, M. (2015). *Movimento Social, Escola e Formação: um olhar a partir do IALA Amazônico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Parana, Centro de Educação, Letras e Saúde, Brasil. Recuperado de <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2570>
- Järvelä, S. (2006). Personalised Learning? New Insights into Fostering Learning Capacity. En OCDE-CERI (eds.), *Personalising Education* (pp. 31-46). Paris: OCDE/CERI. Consultado el 2 de

- Noviembre de 2015, desde <http://www.oecd.org/site/schoolingfortomorrowknowledgebase/themes/demand/41176687.pdf>
- Jimenez, A., Tomé, H., & Burrola, C. (2016). Patrimonio biocultural, turismo micológico y etnoconocimiento. *El periplo sustentable*, 1(30), 180-205.
- Jiménez Guijarro, J. (2010). *Cazadores y campesinos: la neolitización del interior de la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Jiménez, J., & Melgosa, F. (Coords.) (2010). *Estudios de Turismo Rural y Cooperación entre Castilla y León y Portugal*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Jiménez, J., & Sales, J. (2004). Termas e Iglesias Durante la Antigüedad Tardía: ¿Reutilización arquitectónica o conflicto religioso? Algunos ejemplos hispanos. *Sacralidad y Arqueología*, 21, 185-201.
- Keohane, R., & Nye, J. (1988). *Poder e Interdependencia: la política mundial en transición*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano.
- Korstanje, M. (2006). El viaje: una crítica al concepto de “no lugares”. *Athenea Digital*, 10, 211-238.
- Krause, M. (2002). Hacia una redefinición del concepto de comunidad -cuatro ejes para un análisis crítico y una propuesta-. *Revista de Psicología*, 10(2), 49-60.
- Kroeber, A., & Kluckhohn, C. (1952). Culture: a critical review of concepts and definitions. *Papers. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology, Harvard University*, 47(1), viii, 223.
- Kvale, S. (2011). *Las Entrevistas en Investigación Cualitativas*. Madrid: Morata.
- Lara López, E. L. (2014). A fotografía como documento histórico-artístico y etnográfico: una epistemología. *Revista de Antropología*

- Experimental*, 5. Recuperado de <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/rae/article/view/2068>
- Lash, S. & Urry, J. (1998). *Economías de signos y espacio*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Latouche, S. (1975). *Linguística y economía política*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso.
- La Voz de Galicia. (22/05/2015). Una app permitirá realizar un «paseo virtual» por la Plaza de Abastos de Santiago. *La Voz de Galicia*. Recuperado de <https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/santiago/2015/05/22/app-permitira-paseo-virtual-plaza-abastos-compostela/00031432315315970541970.htm>
- Lebrún, A. (2014). Industrias culturales, creativas y de contenidos. *Consensus*, 2(19), 45-57.
- Leff, E. (2004). *Saber ambiental: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- Ley Orgánica 34/2002 de Servicios de la Sociedad de la Información y del Comercio Electrónico e Reglamento (UE) 2016/679 de 27 de abril de 2016 y en la Ley Orgánica 3/2018, de 5 de diciembre.
- Lemos, L., Barufaldi, R., & Salette, N. (2015). La Feminización del Área Contable: un Estudio Cualitativo Básico. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 9(1), 64-84. Recuperado de <https://www.semanticscholar.org/paper/La-feminizaci%C3%B3n-del-%C3%A1rea-contable%3A-un-estudio-Junior-Silveira/53c7a8c53e051041d7418b966d1f71411a648269>
- León, O. (2016). *Cómo Redactar Textos Científicos y Seguir las Normas APA 6.a*. Madrid: IBERGARCETA.
- León, P. (1998). Tipologías Arquitectónicas del Mercado de Abastos Compostelano. En VV.AA., *III Xuntanza de xovens investigadores: comunicacións* (pp. 205-209). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

- Lèvi-Strauss, C. (1988). *La Antropología como ciencia*. Barcelona: Anagrama.
- Lèvi-Strauss, C. (1998). *Estructuras elementales del parentesco*. Barcelona: Paidós.
- Lima, A. (2001). *Etnoconhecimento e educação de trabalhadores/as na Amazônia*. [I Encontro de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Norte, Manaus, 5 de dezembro]. Manaus. Recuperado de <http://nerua.inpa.gov.br/NERUA/P-01.htm>
- Lima, V. (2005). *As feiras-livres em Fortaleza: retrato da polissemia urbana* (Trabajo Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Brasil. Recuperado de www.uece.br/mag/dmdocuments/vicente_menezes_dissertacao.pdf
- Lisón Tolosana, C. (1971). *Antropología Cultural de Galicia*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Lisón Tolosana, C. (Coord.). (2005). *Antropología Horizontes Educativos*. Granada: Editorial Universidad de Granada.
- London, S. & Formichella, M. (2006). El concepto de desarrollo de Sen y su vinculación con la Educación. *Economía y Sociedad*, vol. XI(17), 17-32. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/510/51001702.pdf>
- López Facal, X. (2017). *Olímpio Pérez: unha historia da Compostela moderna*. Santiago de Compostela: Galaxia.
- López Melero, R. (2009). *Así vivieron en la antigua Grecia: un viaje a nuestro pasado*. Madrid: Anaya.
- Lorenzo Fernández, X. (1982). *A terra*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Macedo, K. (2002). Cultura, poder e decisão na organização familiar brasileira. São Paulo. *RAE Eletrônica*, 1(1), 1-12. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482002000100014&script=sci_arttext
- Madrazo Miranda, María (2005). Algunas consideraciones en torno al significado de la tradición. *Contribuciones desde Coatepec*, 9, 115-132.

- Magago, M. (16 de janeiro 2010). Abastos 2^o unha proposta de cociña miúda en Santiago de Compostela. *Capítulo cero*. Recuperado de: <http://www.manuelgago.org/blog/2010/01/16/abastos-2-0-unha-proposta-de-cocina-miuda-en-santiago-de-compostela/>
- Magalhaes, S., & Souza, R. (2012). A questão do método e da metodologia: uma análise da produção acadêmica sobre professores(as) da região Centro-Oeste/Brasil. *Educ. Real.*, 37(2), 669-693.
- Maher, C., & Zins, J. (1989). *Intervención psicopedagógica en los centros educativos*. Madrid: Narcea.
- Malinowski, B. (1977). *El Cultivo de la Tierra y los Ritos Agrícolas en las Islas Trobriand*. Barcelona: Labor Universitaria.
- Manigot, M. (1998). *Vectores del cono. Afiliación pertenencia*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.
- Marcuschi, L. (1997). Oralidade e Escrita. *Signótica*, 9, 119-145.
- Marini, R. (1974). *Subdesarrollo y revolución*. México: Siglo XXI Editores.
- Márquez Pulido, U.B. (2014). Valor de uso y espacio urbano: la ciudad como eje central de la conformación política, cultural y simbólica de las sociedades. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 59(222), 187-208.
- Martín-Barbero, J. (1991). *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Martínez Domínguez, B. (2003). La Formación de Capital Humano en Galicia (1860-1900): Alfabetización y atraso económico. *Revista Galega de Economía*, 12(1), 1-22.
- Martínez Miguélez, M. (1998). *La investigación cualitativa etonográfica en educación*. México D.F.: Trillas.
- Martínez Rodríguez, J. (2011). Métodos de Investigación Cualitativa. *Silogismos: Revista de la Corporación Internacional para el Desarrollo Educativo*, 8, 2-34.

- Martins Nogueira, C., & Nogueira, M. A. *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Marx, K. (1971). *El Dieciocho brumario de Luis Bonaparte*. Barcelona: Ariel.
- Marx, K. (2014). *El capital: crítica de la economía política I*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Mato, D. (2000). Des-fetichizar la “globalización”: basta de reduccionismos, apologías y demonizaciones, mostrar la complejidad y las prácticas de los actores. En D. Mato, & A. Maldonado Fermín, *Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización* (pp. 13-84). CLACSO.
- Mattelart, A. (1974). *La cultura como una empresa multinacional*. México D.F: Ediciones Era.
- Mattelart A. & Pimme J. (1980). Industria(s) cultural (s) genesis de una idea. Humanitas. En A. Mattelart, J. Pimme (Comps.); In. *Télévision, enjeux sans frontières*. Grenoble: Presses Universitaires. Recuperado de: http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1131318691578_1619685285_1144/Mattelart%20Industrias%20Culturales%20genesis%20de%20una%20idea.pdf
- Mattelart, A., & Pimme, J. M. (1980). *Television: enjeux sans frontières. Industries culturelles et politique de la communication*. Orne: Grenoble.
- Mattelart A., & Pimme J. M. (1982). Las Industrias Culturales. Génesis de una idea. En *Industrias Culturales: la diversidad en juego*. UNESCO. Recuperado de https://issuu.com/cristianbessone/docs/mattelart_y_piemme_-_1982_-_industriasculturales-g
- Mattelart, A., Delcourt, X. & Mattelart, M. (1984). *¿La cultura contra la democracia?* Barcelona: Mitre.
- Mattelart, A. (1988). *El Carnaval de las imágenes : la ficción brasileña*. Madrid: Akal.

- Mattelart, A., & Mattelart, M. (1997). Industria cultural, ideología y poder. En A. Mattelart, & M. Mattelart, *Historia de las Teorías de la comunicación* (pp.51-76). Barcelona: Paidós.
- Mattelart, A. (2002). *Historia de la sociedad de la información*. Barcelona : Paidós.
- Mattelart, A., & Neveu, E. (2004). *Introducción a los estudios culturales*. Barcelona: Paidós.
- Mattelarh, A. (2011). De lo Internacional a lo mundial: memoria de una trayectoria contradictoria. *Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación. Comunicación y desarrollo*, 116, 64-71
- Maturana Moreno, G., & Garzón Daza, C. (2015). La etnografía en el ámbito educativo: una alternativa metodológica de investigación al servicio docente. *Educación y Desarrollo Social*, 9(2), 192-205.
- Mauss, M. (1967). *Introducción a la etnografía*. Madrid: Istmo.
- Max-Neef, M. (1994) *Desarrollo a escala humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones*. Montevideo: Editorial Nordan Comunidad.
- Melleiro, M., & Gualda, D. (2005). La fotovoz como estrategia para la recolección de datos en una investigación etnográfica. *Ciencia y Enfermería*, XI(1), 51-57
- Méndez, L. (1988). *Cousas de Mulleres: campesinas, poder y vida cotidiana (Lugo, 1940-1980)*. Barcelona: Anthropos.
- Menezes, V. (2005). As feiras-livres em fortaleza- retrato da polissemia urbana. Recuperado de <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=37395>
- Mercado de Abastos de Santiago. (2012). *Mercado de Abastos de Santiago*. Sociedade Cooperativa Galega [página web]. Recuperado de <http://www.mercadodeabastosdesantiago.com/>
- Miller, T. (2004). *Política Cultural*. Barcelona: Gedisa.

- Miller, T. (17 de enero de 2018). Política cultural/ industrias creativas. *Cuadernos de Literatura*, 32, 19-40.
- Mitre, E. (1999). La Historia sobre la Edad Media. En J. A. Gallego (Coord.), *História de la historiografía española* (pp. 67-115). Madrid: Ediciones Encuentro.
- Mogarro, M. (2015). Os testemunhos orais na investigação histórico-educativa (2005-2014). En L. Marques & J. Pintassilgo (Coords.), *História de Educação Fundamentos Teóricos e Metodologias de Pesquisa: balanço da investigação portuguesa (2005-2014)*. Porto: CITCEM, HISTEDUO, Instituto de Educação Universidade de Lisboa.
- Moli, C. (1997). Vygotski, la educación y la cultura en acción. En A. Álvarez (Ed.), *Hacia un currículum cultural: la vigencia de Vygotski en la educación* (pp. 39-53). Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje.
- Monteiro, D. (2010). *As possíveis influências da Política Nacional de Saúde Mental no modelo de atenção dos ambulatorios psiquiátricos* (Tesis doctoral). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, Brasil.
- Monterroso Montero, J. (2011). El Centro Histórico. La creación de una conciencia cultural. El caso de Santiago de Compostela. *Actas del Seminario Centros Históricos: Pasado e Presente* (pp. 39-69). Recuperado de <http://www.ceida.org/sites/default/files/adxuntos-formacion/creaciondeunaconcienciahistoricamonterroso.pdf>
- Moore, H. (1996). *Antropología y feminismo*. Madrid: Cátedra.
- Morales Domínguez, J. (1978). La teoría del intercambio social desde la perspectiva de Blau. *REIS: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 4, 129-146.
- Moreno Fernandez, F. (2005). *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel linguistica.
- Moreno, R. (1975). *El sentido de la educación según Paulo Freire*. Madrid: Graf. Rolando.

- Morenas, J. (1995). Obras de Rehabilitación en el Mercado de Abastos de la Ciudad Histórica de Santiago de Compostela. *Informes de la Construcción*, 47(438), 62-84.
- Morrison, S. (1993). *Educational Computing for Intellectual Maturity*. Recuperado de: http://alcor.concordia.ca/~smorr/Intellectual_Maturity.html
- Mosteiro, M. (21.07.2019). La Praza de Abastos se plantea regular las visitas de grupos por su saturación. *La Voz de Galicia*. Recuperado de https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/santiago/2019/07/21/praza-abastos-planttea-regular-visitas-grupos-saturacion/0003_201907S21C3991.htm
- Mosteiro, M. (12.02.2016). Aumenta el desencuentro en torno a la nave 5 de la Praza de Abastos. *La Voz de Galicia*, Recuperado de: https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/santiago/santiago/2016/02/12/crece-desencuentro-torno-nave-5-praza-abastos/0003_201602S12C1995.htm
- Mosterín, J. (1993). *Teoría de la escritura*. Barcelona: Icaria.
- Mouffe, C. (1999). Feminismo, ciudadanía e política democrática radical. Trad. Hortencia Moreno. Debate feminista, São Paulo, Mexico, p. 29-47, 1999. Edição especial: *ciudadania e feminismo*.
- Moure, T. (2001). *La lingüística en el conjunto del conocimiento: una mirada crítica*. Lugo: Tris Tram.
- Muniz de las Cuevas, R. (1998). Estudios sobre a muller na sociedade agraria galega. En I. Muñiz, I. Miguélez, I. Villada, I. Martinez (Orgs.). *IV Xornadas Agrarias Galegas* (pp. 80-135). A Coruña: Edicións do Castro.
- Muñoz, B. (2005). *Modelos culturales. Teoría sociopolítica de la cultura*. Barcelona: Anthropos.
- Muñoz, F. & San Nicolás, M. (2010). *La cultura material como fuente esencial de conocimiento en Arqueología*. Madrid: UNED.

- Muñoz, L., Salomé, M. & Verdugo, R. (2019). Determinantes de la participación femenina en el mercado de trabajo en la Galicia rural y urbana de 1924. *Historia agrária*, 79, 161-186. Recuperado de: http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/185611/79/%2C_161-186.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Murdock, G. (1945). *Nuestros contemporáneos primitivos*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Neira, H., Seoane, M. & Vázquez, C. (2014). *Mercado de Abastos. Santiago de Compostela*. Santiago de Compostela: Xurdir.
- Noejovich, E. (1993). *La Cuestión del comercio y los mercados en América precolombina* (Documentos de Trabajo / Working Papers 1993-111, Departamento de Economía, Pontificia Universidad Católica del Perú). Recuperado de http://repositorio.pucp.edu.pe/index/bitstream/handle/123456789/46751/n_111.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Noesser, J. (14 de septiembre de 2011). L'Empire arabe, de 632 à 1258: Quand le monde musulman montrait le chemin à l'Occident. *Capital*. Recuperado de <https://www.capital.fr/economie-politique/l-empire-arabe-de-632-a-1258-quand-le-monde-musulman-montrait-le-chemin-a-l-occident-627126>
- Nogueira Fino, C. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(2), 273-291.
- Nogueira, C. & Maritins, C. *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nunes, N. (2017). Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil, O Princípio da Nona Ilha dos Madeirenses: Brasil. *Actas do Colóquio As Mobilidades no Espaço e no Tempo, Funchal*: Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da

- Economía, Turismo e Cultura, 215-254. Recuperado de: <https://app.box.com/s/ikdi9oiya4pjuoze95gisst95tkhps8/file/202581620650>
- Nussbaum, M. (2012a). *Las mujeres y el desarrollo humano*. Barcelona: Herder Editorial.
- Nussbaum, M. (2012b). *Crear capacidades: propuestas para el desarrollo humano*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- O'Connor, J. (2011). Las industrias creativa y culturales: una historia crítica. *Ekonomiaz*, 78, 24-47.
- Oliveira, S. & Cerqueira, R. (2012). A Questão do Método e da Metodologia: uma análise da produção acadêmica sobre professores(as) da Região Centro-Oeste/Brasil. *Educação e Realidade*, (37)2, 669-693. Recuperada de: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/qcTfgSfLbHLKN45ykmSw78J/?format=pdf&lang=pt>
- Orlandi, E. (2007). *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Ortigueira, J., & Neira, R. (2013). *Compostela única: un retrato de imaxes anteriores a 1965*. Santiago de Compostela: Andavira Editora.
- Osborne, R. (1995). Acción positiva. Amorós Puente, Celia (dir.). 10 palabras clave sobre mujer: Verbo Divino, 297-330. *Unidad Didáctica 1. Curso "Igualdad de oportunidades: aplicación práctica en el ámbito jurídico"*, p.40.
- Otero Ortega, A. (2018). Enfoques de Investigación. Métodos para el diseño urbano - arquitectónico. En R. García Pereyra, Métodos para el diseño del proyecto de Investigación. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/326905435_ENFOQUES_DE_INVESTIGACION
- Otero Pedrayo, r. (1969): Síntesis histórica do século XVIII en Galicia, Vigo, Galaxia. OTERO PEDRAYO, R. (1996): Temas ourensáns. Escolma de traballos de investigación referidos a Ourense e as súas terras, Ourense, Fundación Otero Pedrayo/Caixa Galicia.

- Pachón Soto, D. (2007a). Modernidad, Eurocentrismo y Colonialidad del Saber. Ponencia presentada en el “Seminario sobre el debate Modernidad y Posmodernidad y su incidencia en Colombia”, realizado en la Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Bogotá, Colombia, del 15 de febrero al 22 de marzo de 2007.
- Pachón Soto, D. (2007b). Nueva perspectiva filosófica en América Latina: el grupo Modernidad/Colonialidad. *Peripecias*, 63, 1-18.
- Paiva, R. (2003). *O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo*. Rio de Janeiro: MAUAD.
- Paiva, R. (2007). *O Retorno da Comunidade*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Pallares, M. & Portela Silva, E. (2003). Reyes, obispos y burgueses. En E. Portela (Coord.). *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela* (pp. 127-172). Santiago de Compostela: Concello de Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.
- Pasadas, R. (2019). *Mercado 2008-2018*. Santiago de Compostela: Cuarto Pexigo. Recuperado de: <https://www.rafapasadas.com/mercado/>
- Paz, O. (1968). *Libertad bajo palabra (1935-1957)*. Mexico: Fondo de Cultura.
- Pêcheux, M. (1978). *Hacia el análisis automático del discurso*. Madrid: Gredos.
- Pereira, B., & Spode, E. (2012). A pós-modernidade e o consumo de imagens no turismo. VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Recuperado de: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/a_pos_modernidade_e_o_consumo.pdf
- Perelló, C. & Carvajal, P. (2016). Hacia una protohistoria del comercio en el creciente fértil y su interconexión con el derecho. *Revista de Estudios Histórico-Jurídicos*, 38, 37-45.
- Peres dos Santos, R., Fernandes, R., Furlan, F., Batista, A. & Pereira, A. (2009). Crítica à “Concepção Bancária da Educação”

- Embasada na Neurociência Cognitiva, 68-89. Recuperada de: https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/critica_a_concepcao_bancaria.pdf
- Perez-Cassarino, J. & Duarte, A. (2016). Redesenhando os mercados: a proposta dos circuitos de proximidade. *Dossier, Espacio Regional Osorno*, 1(13), 49 -65.
- Pérez Gómez, A. (2012). La etnografía como método integrativo. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 41(2), 421-428.
- Pérez Serrano, G. (Coord.) (2000). *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural. Aplicaciones Prácticas*. Madrid: Narcea.
- Pérez Serrano, G. (2003). *Pedagogía Social Educación Social: construcción científica y intervención práctica*. Madrid: Narcea.
- Perry, A. (1986). Modernidade e Revolução. *Novos Estudos CEBRAP*, 14, 2-15.
- Petras, J. (2001). La Globalización: un análisis crítico. En: J. Saxe- & J. Petras, *Globalización, imperialismo y clase social* (pp. 33-57). Argentina: Lumen.
- Petrus, A. (Coord.) (1997). *Pedagogía Social*. Barcelona: Ariel.
- Pichón-Rivière, E. (1970). *Del Psicoanálisis a la Psicología Social* (Tomo I). Buenos Aires: Editorial Galerna.
- Pichón-Rivière, E. (1977). *La psiquiatría, una nueva problemática. Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Pichón-Rivière, E. (1980). *Teoría del vínculo*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Pichón-Rivière, E. (1985). *Teoría del vínculo*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Pichón-Rivière, E. (1988a). Nosso instrumento de trabalho. *O Grupo Operativo* (Material de Trabalho do CIEG, 2010). São Paulo: Martins Fontes.

- Pichón-Rivière, E. (1988b). *Pressupostos teóricos. O Grupo Operativo* (Material de Trabalho do CIEG, 2010). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichón-Rivière, E. (1992). *Psicoanálisis del Conde de Lautrémont*. Buenos Aires: Editorial Argonauta, Biblioteca de Psicoanálisis.
- Pichón-Rivière, E. (2000). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pichón-Rivière, E. (2005). *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pintos, J. (2004). Inclusión - Exclusión. Los imaginarios sociales de un proceso de construcción social. *SEMATA. Ciencias Sociales y Humanidades*, 16, 17-52.
- Pintos, M. (2014). Picheleir@s : un percorrido polas rúas e a historia de Compostela a través da vida cotiá dos veci. Santiago de Compostela: Positivas, D.L.
- Pirenne, H. (2011). *Las ciudades de la Edad Media*. Madrid: Alianza Editorial.
- Pomeroy, S. B., Burstein, S. M., Dolan, W., & Tolbert, J. R. (2001). *La antigua Grecia: historia política, social y cultural*. Barcelona: Crítica.
- Portela Silva, E. (Coord). (2003). *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela*. Santiago de Compostela: Concello de Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.
- Pujadas Muñoz, J. (1992). *El método biográfico: El uso de las historias de vida en ciencias sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Pulido Rafael, Á. (2003). Una visión sobre la etnografía educativa a través del caso de unos alumnos del etnógrafo que sustituía a la maestra. Universidad de Almería. Recuperado de: http://www.uhu.es/ago-ra/version01/digital/numeros/06/06-articulos/mono-grafico/pdf_6/rafael_pulido.pdf

- Pourtois, J. (1992). *Epistemología e instrumentación en ciencias humanas*. Barcelona: Herder.
- Prestes, Z. (2021). *Quando não é quase a mesma coisa* (livro eletrônico): tradução de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados. Recuperado de: https://books.google.es/books?hl=es&lr=&id=xEAxEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=como+grafar+vigotski+em+portugu%C3%AAs+do+Brasil&ots=M8Sefg9zfC&sig=ILDZqcjimKp3uKaNoCAqflkTr8&redir_esc=y#v=onepage&q=como%20grafar%20vigotski%20em%20portugu%C3%AAs%20do%20Brasil&f=false
- Puy, T. (2013). Oleo Sobre Lienzo de la Artista Teresa Puy perteneciente a su Serie Mulleres no Mercado. En Todocolección [Página Web]. Recuperado de: <https://www.todocoleccion.net/arte-pintura-oleo/oleo-sobre-lienzo-artista-teresa-puy-perteneciente-su-serie-mulleres-no-mercado~x52656889>
- Quintana Cabanas, J. (2001). *Pedagogia Social*. Madrid: Dykinson.
- Quiroga, A. (1997). *Matrices de Aprendizaje: Constitución del sujeto en el proceso de conocimiento*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.
- Quiroga, A. (2007). Del psicoanálisis a la psicología social. Un pasaje necesario. Madrid: Área3. Recuperado de: <http://www.area3.org.es/sp/item/157/Ana%20P.%20de%20Quiroga:%20Del%20Psicoan%C3%A1lisis%20a%20la%20Psicolog%C3%ADa%20Social>
- Quiroga, A. (2012). *Matrices de Aprendizaje: constitución del sujeto en el proceso de conocimiento*. Buenos Aires: Apuntes.
- Quiroga, A. (2014). *Enfoques y perspectivas en psicología social: desarrollos a partir del pensamiento de Enrique Pichón-Rivière*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.
- Quiroga, A., & Racedo, J. (2003). *Crítica de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.
- RAE. (2014). *Diccionario de lengua española*. Madrid: Real Academia Española.

- Ramírez, C. (2007). *Marketing turístico*. México D.F.: Trillas.
- Rebollo, A. (1993). Clasificación de las Formas Comerciales el "Producto-establecimiento". *Redistribución Consumo*, 10, 10-18.
- REGULAMENTO MUNICIPAL DA PRAZA DE ABASTOS. BOP (6 setembro 2006). *Concello de Santiago*. Recuperado de: http://santiagodecompostela.gal/medi/tramites/Normativa_Municipal/1._Ordenanzas_Xerais/Contratacion/Regulamento_municipal_da_Praza_de_Abastos.pdf
- REINO UNIDO, DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT. En: *Staying Ahead: The Economic Performance of the UK's Creative Industries* [online]. Reino Unido: DCMS - UK, 2007 [Referenciado el 5 de junio de 2008], Chapter 4, p. 96-102. Recuperado de: http://www.culture.gov.uk/images/publications/CreativeIndustries_Chapter4.pdf
- Restrepo, E. (2016). *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Bogotá: Envión Editores.
- Reynaert, F. (2015). *La Grande Histoire du Monde Árabe (D'Alexandre o grande à l'islamisme radical)*. Paris: Librairie générale française.
- Richardson, R. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Robles, B. (2011). La entrevista en profundidad: una técnica útil dentro del campo antropológico. *Cuicuilco*, (18)52, 1-8.
- Rodrigues, J. & Pires, M. (2015). O uso do etnoconhecimento para o turismo sustentável. *Tourism and Hospitality International Journal*, 4(2), 19-28. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/304461518_O_Uso_do_Etnocentrismo_para_o_Desenvolvimento_do_Turismo_Sustentavel
- Rodríguez, F. (2008). México y la Convención sobre la Protección y la Promoción de la Diversidad de las Expresiones Culturales de la Unesco. *Foro Internacional*, XLVIII(4), 861-885. México.

- Rodríguez, R. (2005). El hombre como ser social y la conceptualización de la salud mental positiva. *Artemisa en Linea*, 7(2), 105-111.
- Romero Rodríguez, D., Gradaille, R., Montero, P., Casal, M. (coords.). (2008). *Acción cultural e actuais tecnoloxías*. A Coruña: Diputación da Coruña.
- Rorty, R. (2010). *Filosofía como política cultural*. Barcelona: Paidós.
- Rosende, A. (2002). Fragmentos urbanos de la Compostela ochocentrista: la Plaza-Mercado. En C. , D. González & H. Martinez (Eds.), *Universitas: Homenaje a Antonio Eiras Roel* (pp. 155-179). Tomo 2. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Rovira, B. (2006). *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos*. Barcelona: RBA Libros.
- Sabourin, E. (2009). *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Sabourin, E. (2007). A questão da solidariedade e da reciprocidade na economia solidária. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE). Recuperado de: https://agritrop.cirad.fr/541162/1/document_541162.pdf
- Salazar Vergara, G. (2003). *Ferías libres: espacio residual de soberanía ciudadana*. Santiago de Chile: Ediciones Sur.
- Salvatierra Cuenca, V. (1995) (ed.). *El zoco: vida económica y artes tradicionales en Al-Andalus y Marruecos*. Madrid: Lunweg.
- Sánchez, M (1999). La Historiografía sobre la Edad Media. En J. Andrés-Gallego, J. (Coord.), *História de la historiografía española* (pp. 117-182). Madrid: Ediciones Encuentro.
- Sánchez Asiaín, J. (1999). *Economía y Finanzas en la Guerra Civil Española (1936-1939)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Sancho, J. (2009). Transformação das tecnologias da informação e comunicação em tecnologias da educação: componentes de uma

- trajetória incerta. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, 9(28), 651-669.
- Santos, M. (1973). *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados*. Barcelona: OIKOS-TAU.
- Santos, M. (1979). *Economía Espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (2004). *O espaço dividido*. São Paulo: Edusp.
- Sarlo, B. (2001). *Prólogo*. Williams, R. (2001). *El campo y la ciudad*. Buenos Aires: Paidós.
- Saviani, D. (2018). *Escola e Democracia*. São Paulo: Autores Associados.
- Scott, J. (1989). Gender: a useful category of historical analysis. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Scott, J. C. (1990). *Domination and the Arts of Resistance. Hidden transcripts*. New Haven and London: Yale University Press.
- Scott, J. (2003). *Los dominados y el arte de la resistencia*. México D.F: Txalaparta.
- Scurati, C. (1991). Identidad y prospectiva de la educación escolar. En V. García Hoz (Ed.), *Iniciativas sociales en educación informal* (pp. 61-77). Madrid: Rialp.
- Sen, A. (1995). *Nuevo Examen de la Desigualdad*. Madrid: Alianza.
- Sen, A. (2009). *La idea de la justicia*. Madrid: Taurus.
- Sennett, R. (2012). *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record.
- Seño Asencio, F. (2013). Acerca del valor patrimonial de los mercados municipales y plazas de abastos de nuestro entorno. Cuaderno de los Amigos de los Museos de Osuna, (15), 130-134. Recuperado de: <file:///C:/Users/virtu/AppData/Local/Temp/Dialnet-AcercaDelValorPatrimonialDeLosMercadosMunicipalesY-4736109.pdf>

- Senra, L. (2005). Alternativas feministas para un desenvolvemento sostivel. En VV.AA., *Pensares Galegos Mulleres Decisivas* (pp. 19-24). Santiago de Compostela: Fundación Galiza Sempre.
- Servillo A. (2002). *Taller 2º ciclo, Serie: Fichas de Estudios nº 1, Aprendizaje*. Buenos Aires: Universidad de la República, Facultad de Psicología. Recuperado de: file:///C:/Users/usuario/Downloads/taller_2dociclo_ficha1_pdf_18421.pdf
- Settis, S. (2006). *El futuro de lo clásico*. Madrid: Abada.
- Silva, A. (1998). O papel da mulher na agricultura. En I. Muñiz, I. Miguelez, I. Villada & I. Martinez, (Orgs.), *IV Xornadas Agrarias Galegas* (pp. 80-135). A Coruña: Edicións do Castro.
- Silva, P. (2003). *Etnografía e educação: reflexoes e propósitos de uma pesquisa sociológica*. Porto: Profedições.
- Simmel, G. (1986). *El individuo y la libertad: Ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Ediciones Península.
- Simmel, G. (1903). *Metrópoles et mentalité*. París: Éditions du Champ urbain.
- Sindicato Labrego Galego. (10 de setembro de 2020). SLG e FUGA Rexeitamos a Expulsión das Labregas da Praza de Abastos de Compostela [Mensagem no Facebook]. Recuperado de <https://m.facebook.com/237745976376784/posts/1823715634446469/> (10/09/2020) ¿como citar uma postagem em facebook?
- Smith, C. (1998). *Creative Britain*. London: Faber & Fabe.
- Smolka, A. (2000). A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultura. *Educação & Sociedade*, 71, 166-193
- Soares, J. (2003). Santiago antes de Santiago; En E. Portela (Coord.). *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela* (pp. 23-48). Santiago de Compostela: Concello de Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.
- Soares, J. & López, M. (2015). O uso do etnoconhecimento para o desenvolvimento do turismo sustentável. *Tourism and Hospitality International Journal*, 4(2). 19-28. f

- Soares, S. M., & Ferraz, A. (2007). Grupos operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 11(1), 52-57.
- Solano Pérez-Lila, F. (1982). Plaza mayor hispanoamericana. En. Plazas et sociabilite en Europe et Amerique Latina. Diffusion de Bocard.
- Soriano Sancha, G. (2013). *Tradición clásica en la Edad Moderna: Quintiliano y la cultura del Gumanismo*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- Soto, A. & Corral, J. (2018). La mayéutica como estrategia didáctica para la argumentación en el aula de clase. Recuperado de: <http://167.249.43.80/jspui/handle/11182/470>
- Soto Fernández, D. (2015). Del Manejo Multifuncional del Territorio a la Desaparición Productiva: cambios en los flujos de biomasa durante el proceso de industrialización de la agricultura Galega (1960-2012). Sociedad Española de Historia Agraria (Documentos de Trabajo). Recuperado de <http://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/138698/DT-SEHA%201505.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Soto Restrepo, A. (2018). *La mayéutica como estrategia didáctica para la argumentación en el aula de clase* (Tesis doctoral). Universidad Autónoma de Manizales, Manizales. Recuperado de <http://167.249.43.80/jspui/handle/11182/470>
- Tapia, R. (2004). Contribuciones para la construcción de la teoría sobre la ciudad latinoamericana. (VI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Bogotá, Junio 2014). Recuperado de: <https://upcommons.upc.edu/handle/2099/15692>
- Taragano, F. (2007). Introdução. *Pichón-Rivière teoria do Vínculo*. São Paulo: Edição Fonseca.
- Taylor, S. & Bodgan, R. (1986). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación. La busqueda de significados*. Buenos Aires: Paidós.

- Throsby, D. (2001). *Economía y Cultura*. Madrid: Cambridge University Press.
- Toledo, V. & Barrera, N. (2008), *La memoria biocultural: La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales*. Barcelona: Icaria.
- Torremocha, M. (2004). Ciudades universitarias y orden público en la Edad Moderna. *Cuadernos de Historia Moderna, Anejos*, 3, 137-162.
- Torres, L. B. (1985). *Ciudades Hispanomulsulmanas*. Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores, Instituto Hispano-Arabe de Cultura.
- Trilla, J. (1993). *Otras educaciones. Animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa*. Barcelona: Anthropos.
- Trilla, J. (1985). *La educación fuera de la escuela: enseñanza a distancia, por correspondencia, por ordenador, radio, vídeo y otros medios no formales*. Barcelona: Planeta.
- Tripadvisor (agosto 2005). Santiago de Compostela [Página Web]. Recuperado de: https://www.tripadvisor.es/Attraction_Review-g187508-d2283240-Reviews-or405-Mercado_de_Abastos_de_Santiago-Santiago_de_Compostela_Province_of_A_Coruna_.html#REVIEWS
- Ulrich, B. (2004). *Poder y contrapoder en la era global: la nueva economía política mundial*. Barcelona: Paidós.
- UNESCO (1982). Declaración de Mexico sobre las políticas Culturales. Recuperado de: http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php-URL_ID=1388&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=-471.html
- UNESCO (2002). *Declaración Universal Sobre la Diversidad Cultural*. Johannesburgo. Recuperado em: <http://www.educatolerancia.com/wp-content/uploads/2016/12/DIVERSIDAD-CULTURAL.pdf>

- UNESCO (2005). *Hacia las sociedades del conocimiento: informe mundial de la UNESCO*. Recuperado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000141907>
- UNESCO (2010). Políticas para la creatividad Guía para el desarrollo de las industrias culturales y creativas. Argentina. Recuperado de: <https://es.unesco.org/>
- Valdés, A. (2006). La triangulación como técnica de cientificidad de investigación cualitativa pedagógica y educacional. *REXE: Revista de Estudios y Experiencia en Educación*, (4)7, 11-37. Recuperado de: <file:///C:/Users/virtu/AppData/Local/Temp/Dialnet-LaTriangulacionComoTecnicaDeCientificidadEnInvesti-2314209.pdf>
- Valles Martínez, M. (1997). *Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Ed. Síntesis.
- Varela, J. (2019). El descubrimiento de América y el reparto del mundo. *Despierta Ferro*, 18, 8-13.
- Vargas Callejas, G. (2001). *Prácticas Educativas y procesos de desarrollo en los Andes: estudio etnográfico de la comunidad Quechua de Aramasí – Provincia Tapacarí, Bolivia* (Tesis Doctoral). Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Velasco, H., & Díaz, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica: un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Valladolid: Trotta.
- Verdugo, R. (2017). La política española de inmigración y los intereses económicos de España en el extranjero. *Papeles de Población*, 23(93). Recuperado de: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-74252017000300127&script=sci_arttext
- Villares, R. (2003). La ciudad de los “dos Apóstoles” (1875-1936). En E. Portela Silva (Coord.), *Historia de la Ciudad de Santiago de Compostela* (pp.447-557). Santiago de Compostela: Concello de

- Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago, Universidade de Santiago de Compostela.
- Vygotski, L. (1989). *El proceso de formación de la psicología marxista: L. Vigotski, A. Leontiev, A. Luria*. Moscú: Editorial Progreso.
- Vygotsky, L. (1991). *Obras escogidas I*. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor.
- Vygotsky, L. (1995). *Pensamiento y lenguaje*. Buenos Aires: La Pleyade.
- Vigotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. (2001). *Psicología pedagógica*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.
- Walter, B.(1991). *Para una crítica de la violencia y otros ensayos*. Madrid: Taurus.
- Weber, E. (2010). *La fin des terroirs. 1870-1914*. Paris: Livrairie Arthème Fayard/Pluriel.
- Willis, P. (1988). *Aprendiendo a trabajar*. Madrid: Akal.
- Williams, R. (1997). *Marxismo y literatura*. Barcelona: Ediciones Península.
- Williams, R. (2001). *El campo y la ciudad*. Buenos Aires: Paidós.
- Yannoulas, S. C. (2011). Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma nova categoria. *Temporalis*, 2(22), 271-292.
- Zito, V. (1985). *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière: Sobre el arte y la locura*. Buenos Aires: Ediciones Cinco.

ANEXOS

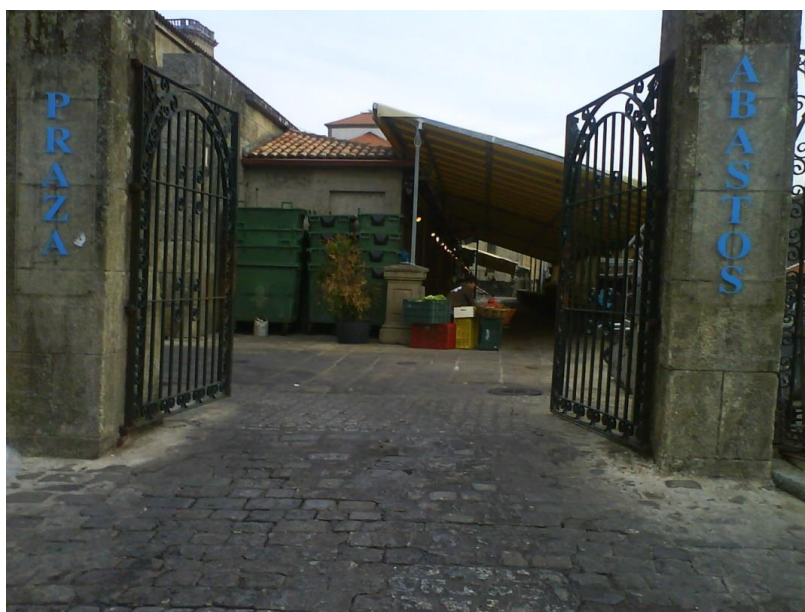
ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I.	Fotografias das portas de acesso à Praça do Mercado de Abastos de Compostela	777
Anexo II.	Caderno de campo de viagem (diário pessoal como turista-estudante)	779
Anexo III.	Enquete da tese	781
Anexo IV.	Caderno de campo (estudo de doutorado)	789
Anexo V.	Entrevista vincular em profundidade (teste de campo)	795
Anexo VI.	Entrevista vincular em profundidade aplicada	799
Anexo VII.	Carta de apresentação do projeto	807
Anexo VIII.	Primeira carta de apresentação para entrevista vincular em profundidade (trabalhadoras/es)	809
Anexo IX.	Carta de apresentação para o questionário	811
Anexo X.	Carta de apresentação para bibliotecas	813
Anexo XI.	Orientação para transcrição	815
Anexo XII.	Termo de acordo de transcrição	817
Anexo XIII.	Fotografias de Alguns setores entrevistados	819
Anexo XIV.	Segunda carta de apresentação para entrevista vincular em profundidade trabalhadoras	821

Anexo XV.	Carta de apresentação do projeto ao <i>Concello de Santiago</i>	823
Anexo XVI.	Entrevista a empresa xestora da praza	825
Anexo XVII.	Datas dos contatos com as-os agentes entrevistadas-os.....	827
Anexo XVIII.	Protocolo de aplicação do questionário	831

ANEXO I. FOTOGRAFIAS DAS PORTAS DE ACESSO À PRAZA DO MERCADO DE ABASTOS DE COMPOSTELA

Fotografias 95 e 96 - Portas de acesso à Praza



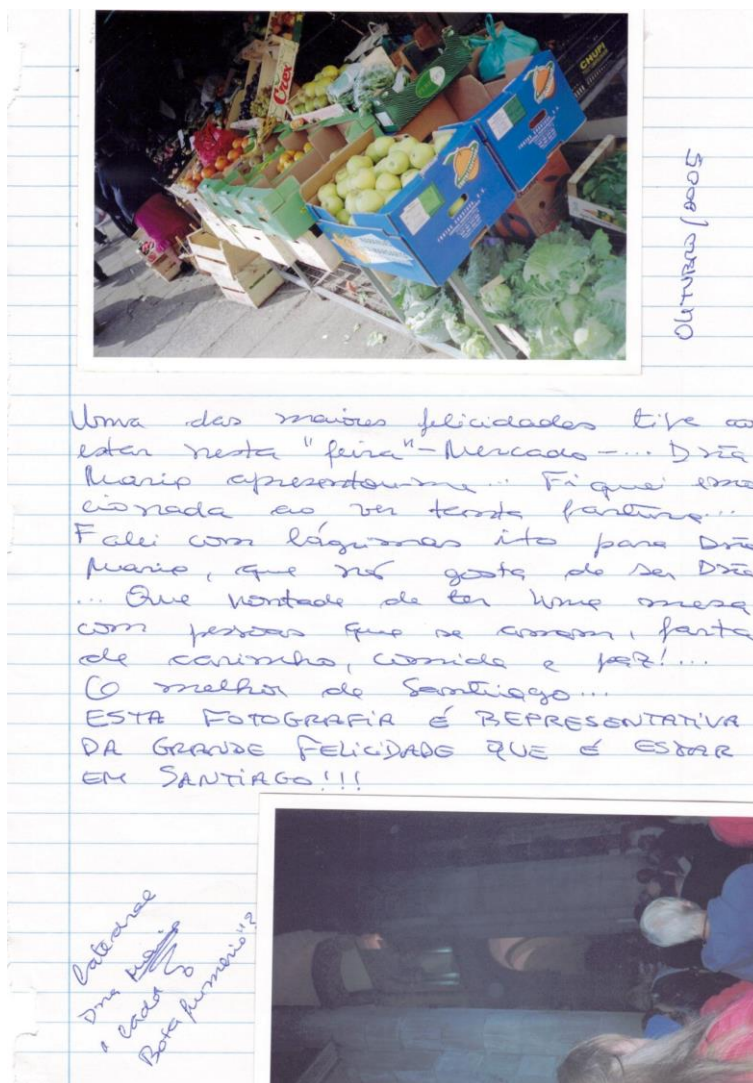
Fonte: Produção própria, 2018.



Fonte: Produção própria, 2018.

ANEXO II. CADERNO DE CAMPO DE VIAGEM (DIÁRIO PESSOAL COMO TURISTA-ESTUDANTE)

Fotografias 97 e 98 - Caderno de campo de viagem (diário pessoal como turista-estudante)



Fonte: Produção própria, 2005.

ANEXO III ENQUETE DA TESE

TRABALLADORAS E TRABALLADORES DA PRAZA DO MERCADO DE ABASTOS DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Este cuestionario forma parte dunha investigación de doutoramento sobre a vida na Praza do Mercado de Abastos, un estudo integrado no grupo de investigación en Pedagogía Social e Educación Ambiental (SEPA-interea), GI 1447 da Universidade de Santiago de Compostela. Gustaríanos pedir a súa colaboración para coñecer a súa visión como traballadora/or na Praza. O cuestionario é totalmente anónimo, enfocado ao estudo académico e sen ningún ánimo de lucro.

Moitas grazas pola súa atención e colaboración.

I DATOS DE IDENTIFICACIÓN:

1) Sexo

Dicotómica valores 0, 1, NA

2) Idade

Continua enteiros > 18 NA

3) Onde é que naceu?

Galicia/España/Extranxeiro NA

4) Onde mora na actualidade? Código postal de onde mora na actualidade

Rural / Non Rural NA

5) Casetas, Banco/calle, Restaurante, Ambulante (Ubicación do lugar físico)

ENCUESTADOR/A Si é posible marcar local ou ubicación no mapa da praza.

6) Nivel de estudos. *

7) Cal é a profesión que ten? *

- 8) De que traballas na praza? *

ENCUESTADOR

Pescadería/Carnicería/Restauración/Frutería/otras

- 9) Que linguas falas? (*galego, castelán, inglés, francés, alemán, portugués, outros*)

0-5 NA

- 10) Qué lingua falas habitualmente no teu traballo? . (*Gallego, castelán NA*)

0, 1 NA

FORMACIÓN

- 11) Vostede considera que é preciso ter formación específica para traballar na Praza de Abastos? (si, no).

1, 0 NA

- 12) Realizou vostede algunha formación para desempeñar a súa actividade na praza?

1, 0 NA

12.1 En caso afirmativo 12: A formación e os cursos que realizou son útiles a hora de desenvolver o traballo na Praza? Mucho, pouco, nada.

- 13) Como aprendio seu oficio? Autodidacta/experiencia, cursos, transmisión familiar *NA 0-3*

- 14) Só para os que se forman o se han formado. Que modalidade de formación? (educación a distancia*, online, presenciais)

0, 1, 2 NA

- 15) Para vostede, que formación le gustaría tomar para mellorar a súa actividade laboral na praza?

1, 0

- 16) Participa ou participou nas actividades de formación organizadas pola/o: (Xunta, Auntamento, Praza de abastos, asociación, outros)

5 categorías dummies. NA

- 17) Considera que os anteriores axentes poñen os recursos necesarios para mellorar a formación das persoas que traballan na praza?

0 1 NA

- 18) Valora o nivel de formación dos vendedores para realizar o seu oficio onde 1 é nada formados e 5 altamente formados.

- 19) Estratexias de formación dos outros vendedores. Considera que os vendedores aproveitan as oportunidades de formación que están ao seu alcance (internet, cursos praza, concello etc).

1 nada 5 moito Likert ordinal.

- 20) Valora a importancia da formación para o futuro da praza. Onde 1 é nada importante e 5 moi importante.

Likert ordinal.

II PERFIL E ACTIVIDADE LABORAL

- 21) Dedícase exclusivamente ao traballo na praza de abastos (si-no)

0,1 NA

- 22) Cántos anos leva traballando na Praza? N°

Numeros enteiros si é menos de 1 entón por 1

- 23) Alguén máis traballa con vostede no seu posto de venda? (si, no)

1, 0 NA

- 24) Si a resposta é si, quen?

*(irmá/n, marido, esposa/, pai, curmá/n, fillo/a, empregado, outro) **

- 25) Quen xestiona o realiza a parte burocrática do seu negocio?

*Xestoría, eu mesmo, un parente/un amigo NA . **

0, 1, 2 NA

III. COMUNICACIÓN, VINCULACIÓN E PARTICIPACIÓN SOCIAL NA PRAZA DE ABASTOS

26) Está satisfeito/a co seu traballo na Praza de Abastos? (si-non)

1,0,NA

27) Como é a túa relación cos outros vendedores da praza?

Onde 1 é moi mala e 5 moi boa

28) Cantos amigos/as tes na praza

Poucos, nengún, moitos

29) A que actividade se dedican os teus amigos da praza?

30) Consideras que os teus compañeiro praceiros preocupanse por ti.

Likert 1 ningún apoio, 5 moito apoio

31) Nunha escala do 1 ao 5 onde un e moi mala e 5 moi boa como é a relación entre os vendedores da praza.

Likert ordinal NA

32) Do 1 ao 5 onde 1 nada a 5 moito. Participación nas actividades organizadas polos axentes da praza (asociacións, concello, actividades varias etc.)

Likert ordinal

33) Forma parte dalgún órgano de coordinación, administración da praza de abastos?

(cooperativa socio, cooperativa xunta directiva, xestora, asociación.)

(si-non)

IV. CAMBIO E DINÁMICAS CULTURAIS NA PRAZA DE ABASTOS

34) Como valoras os cambios recentes na infraestrutura física da praza de abastos? Onde 1 é moi negativo e 5 moi positivo

35) Que opinión ten da integración de novas actividades (restaurantes, etc.)

Do 1 ao 5 onde 1 moi negativo e 5 moi positivo.

36) Que a praza de abastos sexa un lugar turístico e para vostede

(1 – 5 likert) onde 1 é moi negativo e 5 moi positivo.

37) Valora de 1 a 5 se consideras á praza de abastos un lugar 1 nada tradicional e 5 moi tradicional.

Likert ordinal

38) E cos cambios recentes (físicos e novas actividades) consideras que a praza seguirá sendo un espazo: onde 1 é nada tradicional a 5 moi tradicional

Likert ordinal

VII. NOVAS TECNOLOXÍAS

39) Que medio utiliza máis para informarse? Radio, tv, prensa, móbil, internet...

40) Dispón de publicidade/información por escrito para deixar a xente (Tarxeta de visita, Flayer, Triptico, baner, etc)?

41) En unha escala de 1 a 5 sinala seu nivel de manexo dos seguintes medios tecnolóxicos: ordenador, smartphone, internet, outros...

42) As novas tecnoloxías melloran a súa actividade laboral na praza de abastos?

43) Utiliza as seguintes redes sociais na súa vida cotiá?

Facebook

Whats app...

Instagram

Twiter

outros

44) Que ferramentas tecnolóxicas utiliza para publicitar e xestionar o seu negocio?:

Blogue

Páxina web

Whats App

Mensaxería móbil

Facebook

Instagram

Twiter

45) Vostede coñece o servizo de venda por internet que presta a Praza?

(si, non)

46) Vostede utiliza o servizo de venda por internet que presta a Praza?

(si, non)

47) Pensas que internet pode mellorar o teu negocio?

(si, non, non sabe)

48) Ten vostede o servizo de pago con tarxeta bancaria no seu negocio?

(si, non)

49) Utiliza o servizo de entrega de mercancía a domicilio?

(si, non, non coñezo)

V. PROCESOS DE TRANSMISIÓN DE COÑECEMENTO XERACIONAL

50) Sús fillas (os) ou algún familiar teñen interese por continuar como vendedores/as no seu posto?

(si, non, non sabe)

51) Ensina a alguén como funciona o negocio para que poida continuar con este traballo?

(si, non)

- 52) Ves na Praza un futuro e posibilidade laboral para súas fillas (os) ou familiares?

(Si, non, non sabe)

VI. EXPECTATIVAS

- 53) Crees que a xente de Santiago valora a praza de abastos?

(si, non)

- 54) Crees que as autoridades de Santiago valoran o traballo da xente de abastos?

(si, non)

- 55) A Praza de Abastos está adaptada a realidade da sociedade actual?

(si, non)

- 56) Que infraestrutura ou servizo melloraría o implantaría na Praza?

(aberta)

- 57) A Praza está preparada para manterse nun mundo tecnolóxico?

(si, non)

- 58) Cree que a Praza vai a continuar de aquí a 20 anos?

- 59) A praza de abastos era mellor no pasado ou está mellor agora?

Moitas Grazas!

ANEXO IV - CADERNO DE CAMPO (ESTUDO DE DOUTORADO)

n. 1

GUIA DE CAMPO

O contexto da investigação

Lugar: Plaza do Mercado de Abastos em Santiago de Compostela

Dia da visita: Lunes, 25 de abril de 2016

Período horario da visita: 12-13:30h

Posição: Observação encuberta

Categorias

1. Espacial e estrutural: Número de entradas, portões etc.;

Acessos;

Horários de funcionamento;

Puestos;

Ordenação e sentido deste;

Fluxo de gente, dias; X horário SEGUNDA MUY LENTO.

Condições climáticas; BOA

Puestos fixos, mistos e ambulantes; AMBULANTES NÃO

Acondicionamento; MELHORAVEL

Produtos; DIVERSIFICADO

Rotina;

Provedores;

Fluxo de gente; SEM PADRÃO

etc.

2. Pessoal e individual: 2.1. Trabalhadoras e trabalhadores

2.2. Compradores e visitantes

3. Social e coletiva: Formas de comunicação (verbal e não verbal);

Práticas idiomáticas;

Formas de cumprimento;

Rotinas coletivas;

Interações diversas;

Condutas prévias a compra X venda;

Forma de efetivar a compra X venda;

Mais indicadores de condutas?

RESUMO

DIÁRIO DE CAMPO¹⁰³

O objetivo dessa visita foi o retorno a um espaço visitado e observado anteriormente, nos anos de 2006, 2007 e 2008.

Abastos segue tendo como público trabalhador majoritário feminino com rasgos que fazem pensar que a faixa etária estaria no entorno dos

¹⁰³

Caderno de notas anexo

nomeados “maiores”, senhoras idosas. As mulheres que trabalham na Praça estão em diversos postos, fixos e em bancos, mas também há pessoas com meios próprios e ambulantes. Vendem toda classe de mercadorias, de roupas e plantas a frutas, verduras e pescado. Entretanto, aparentemente, existe um número superior de homens em diversas atividades, se comparado aos anos anteriores.

Fazia bom tempo, entretanto o fluxo de visitantes e compradores não era intenso. Observa-se vários postos fechados. Não sei se por descanso, por obras etc.

Os visitantes dividem-se em turistas e locais, dos quais a presença feminina segue sendo predominante. A atitude dos turistas é predominantemente de “passeio”, entretanto, importante observar esta atitude de “passeio” nos locais, sendo esta utilizada com uma função social de interação muito característica dos espaços sociais, por agentes locais.

Duas igrejas delimitam a Praça de Abastos pelas suas laterais (a de San Fiz e de Santo Agostiño), a muralha que bordeia a Praça pelo fundo que dá acesso à Rua da Virxe da Cerca e, diante da Praça, negócios diversos, principalmente restaurantes. Sendo assim, podemos afirmar que Abastos, que pode ser considerado como feira, supera seus portões e os seus arredores.

Observa-se pessoas com postos “fixos” ao redor da feira. Por exemplo, um senhor que afia faca (próximo a igreja San Fiz). Uma senhora que vende verduras no outro extremo de Abastos, próximo à igreja Santo Agostiño.

Levo em mãos o mapa da Praça muito bem delimitado, encontrado na página web da cooperativa da Praça. Revisar o funcionamento dos postos porque parece que as informações da web, relativas ao funcionamento dos postos, não estão atualizadas.

A diversidade de mercadorias em Abastos segue sendo um fator que destaca, igualmente sua setorização (É isso positivo? A concentração de produtos favorece os trabalhadores da Praça e aos clientes? De que maneira se dá essa divisão?)

Abastos conta com uma página web que figura como “Sociedade Cooperativa Galega”, está disponível em galego, espanhol e inglês. Quem idealizou e quem a mantém atualizada?

A categorização de postos da Praza se plasma em 15 categorias, cada uma delas com uma cor. Considero pertinente aportar mais uma categoria, a de postos disponíveis, somaria um total de 16 categorias. Estas estão elencadas na página web em ordem alfabética e adscrita a uma cor, sendo elas que enumeram a continuação: aves e ovos (cor bege), bacalhau (cor azul metálico claro), carniceria (vermelho), charcuteria (rosa claro), congelados (azul claro), flores (verde claro), frutas e verduras (verde escuro), pão (cinza), peixe e marisco (azul celeste), perfumes telas (rosa escuro), queiro (em tom mostaça), quiosque (rosa escuro, restaurante (cor vinho), joias (cinza escuro) e por último nossa categoria, a de postos disponíveis (branco).

A dia 26 de abril:

61 carniceria???

53 postos disponíveis

52 frutas e verduras

48 peixes e mariscos

Importante destacar que os números listados acima se baseiam nas casas como espaço físico, sendo que a mesma empresa pode ocupar muitas casas. Por exemplo, Bacalhau Bermudéz que ocupa 7 casas e Congelados Bermudéz ocupa 6 casas, sendo ambos da mesma família.

A quantidade de postos vazios deixa muito a pensar: dificuldades para permanecer funcionando? (elencar categorias de dificuldades); Dificuldade nas relações sociais (elencar); dificuldade para aceder a ocupar um posto? (listar barreiras legais, burocráticas, estruturais etc.)

Contactei com Pura, a trabalhadora da Praza, que tem um posto de frutas e verduras, e ocupa cinco casas, conforme indica o desenho da página web, e que indica que é um poste de “fruta”. Rever e buscar informação dos produtos, ver se coincidem as categorias da página web à apresentação direta-visual na Praza.

Pura foi a informante para o desenho de estudo do TIT em Filologia na USC. Na atualidade Pura perdeu a mãe e tem os filhos imigrados-interno, em Barcelona. A feirante, sempre comunicativa e atenciosa, se encontrou faz alguns meses imersa em uma forte depressão. Na atualidade, faz classes de yoga e toma medicamentos. Comentou que tem as pernas cansadas, que está muito cansada porque leva muitos anos trabalhando na Praça.

ANEXO V - ENTREVISTA VINCULAR EM PROFUNDIDADE (TESTE DE CAMPO)



Facultade de Ciencias da Educación
Departamento de Pedagogía e Didáctica
Grupo de Investigación SEPA-Interea
Liña investigación: Desenvolvemento Comunitario

Entrevista Nº: _____

Perfil: _____

☐ Traballadora-or Posto Fixo ☐ Traballadora-or Paisana ☐ Traballadora-or Ambulante ☐ Traballadora-or limpeza, seguridade, consigna, administración Cooperativa o Xunta Especificar:	Traballadoras e traballadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela	Dias das entrevistas: ____/____/____ ____/____/____ ____/____/____ ____/____/____

GUION DE ENTREVISTA EN PROFUNDIDADE

1º BLOCO: IDENTIFICACIÓN

1. Sexo
2. Idade
3. Estado civil
4. Número de fillos
5. Cántos anos leva traballando na Praza
6. Categoría de traballo

2º BLOCO: EDUCACIÓN - INFANCIA

1. En que lugar e ano vostede naceu?
2. Como vostede lembra a súa infancia?
3. Como foi a súa educación escolar durante a infancia?
4. Que profesor/a da escola recorda máis, por qué?
5. Cómo era a relación con seus compañeiros de clase?
6. Cal é a mellor lembranza da escola?

3º BLOCO: EDUCACIÓN - ADOLESCENCIA

1. E a escola na adolescencia como foi?
2. Qué amigos recorda de su adolescencia?

3. Como eran sus amigos?
4. Que facia vostede no seu tempo libre?
5. Que lembra con cariño desa etapa educativa? (si non asistiu oa colexio, a pregunta sería –qué recorda con cariño desa etapa vital?)

4º BLOCO: ACTIVIDADE LABORAL – PRAZA DE ABASTOS
(descripción de actividade laboral)

1. Dende cuando traballa vostede?
2. Como foi que vostede empezou a traballar aquí na “Praza de Abastos”?
3. Conteme como foi o proceso para conseguir ese espazo para traballar na “Praza de Abastos”?
4. Qué opina da burocracia para obter un posto na “Praza de Abastos”?
5. Conteme cousas de su traballo, qué fai?
6. Pode describime o que fai nun día normal, a súa rutina de traballo?
7. Como funciona a cooperativa da “Praza de Abastos”?
8. Cal é a súa opinión respecto deste xeito de xestión?
9. Como era a “Praza de Abastos” antes, Cuando vostede comezou a traballar aquí?
10. Vostede considera que a “Praza de Abastos” está acondicionada de xeito suficiente para desenvolver de xeito adecuado su traballo?
11. Qué opina de su traballo?
12. Qué é o que máis lle incomoda ou molesta do seu traballo na “Praza de Abastos”?

5º BLOCO: ACTIVIDADE LABORAL – PRAZA DE ABASTOS
(relacións sociais na Plaza)

1. Como se sente (sentimento, emocións) neste ambiente de traballo?
2. Se non traballase na “Praza de Abastos” en qué gustaría de traballar?
3. Como é a convivencia aquí na “Praza de Abastos” coas compañeiras e os compañeiros?
4. Como é a relación cos compradores?
5. Que fai vostede co seu tempo libre, cando non está traballando na Plaza?
6. Pensa que a xente valora, ten estima polos espazos como o da “Praza de Abastos”?

6º BLOCO: DISCURSO EDUCATIVO

1. A formación que vostede ten é suficiente para facer ben o seu traballo na “Praza de Abastos”?
2. Considera que vostede ten a formación suficiente para desenvolver outro tipo de actividade fora da “Praza de Abastos”?
3. Qué pensa da educación que vostede tuvo, recibeu na escola?
4. Cal é a súa opinión sobre a educación que se da as persoas na escola actual?
5. Pensa que os e as traballadoras/es da “Praza de Abastos” teñen unha boa educación?
6. Qué formación lle fai fallo para mellorar o seu traballo na “Praza de Abastos”?

7º BLOCO: EDUCACIÓN - TECNOLOXÍA

1. Qué opina sobre este mundo cheo de teléfonos, internet, redes sociais...
2. Ten teléfono móvil, para qué o utiliza?
3. Coñece Facebook, o utiliza?
4. Coñece ou utiliza algunha outra rede social?
5. Coñece e utiliza algunha aplicación de teléfono móvil para seu traballo?
6. Qué medio de comunicación é o que vostede máis utiliza para informarse?
7. Utilízase internet na “Praza de Abastos”, para qué?
8. Cree que as novas tecnoloxías poden mellorar o seu negocio?
9. Utiliza algún medio tecnolóxico para a divulgación e venta no seu traballo? (ex. pueden pagar en seu negocio con tarxecta, plataforma de internet)?

8º BLOCO: EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS

1. A vostede lle gustaría que os seus fillos e fillas fizesen o mesmo traballo que vostede fai?
2. Que é o que lle gustaría que fixesen os seus fillos?
3. Cree que así como se está desenvolvendo a sociedade, no futuro aínda vai existir esta “Praza de Abastos”?
4. Qué habería que facer para mellorar a “Praza de Abastos”?

5. Os vendedores e xestores se preocupan por actualizar e adaptar a “Praza de Abastos” a òs tempos que corren? Cómo?
6. O que a vostede atopa ou pensa que está faltando na “Praza de Abastos”?
7. Qué melloraría a relación entre as persoas que traballan na “Praza de Abastos”?
8. Cómo se melloraría a vida social (relación con clientes, compañeiros, xestores...) na “Praza de Abastos”?

Moitas Grazas!

Número de encontros/cotactos previos as entrevistas en profundidade: 1 ☐
2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

Número de encontros nos que se fixo as entrevistas: 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐

Lugar-es nos que se fixo as entrevistas:

Observacións:

ANEXO VI - ENTREVISTA VINCULAR EM PROFUNDIDADE APLICADA

	. Facultade de Ciencias da Educación . Departamento de Pedagogía e Didáctica . Grupo de Investigación SEPA-Interea . Liña de investigación: Desenvolvemento Comunitario	Entrevista Nº:
		Perfil:
1. Traballadora-or Posto Fixo 2. Traballadora-or Paisana 3. Traballadora-or Ambulante 4. Traballadora-or limpeza, seguridade o consiga 5. Administración Cooperativa o Consello-Xunta Especificar:	Traballadoras e traballadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago de Compostela	Días das entrevistas:

GUIÓN DE ENTREVISTA EN PROFUNDIDADE

1º BLOQUE: IDENTIFICACIÓN. Neste apartado buscase recoller informacións relativa ò perfil da-o axente social entrevistada-o con obxectivo estadístico. Importante informarnos que esta entrevista es totalmente anónima e ningunha información identificativa das e dos entrevistadas-os farase pública.

-
1. Sexo
 2. Idade
 3. Estado civil
 4. Número de fillas/os
 5. Cantos anos leva traballando na Praza
 6. Categoría de traballo (1. Aves e ovos; 2. Bacallau; 3. Carnizaría; 4. Conxelados; 5. Flores; 6. Froitas e Verduras; 7. Peixe e Mariscos; 8. Perfumes e Tecidos; 9. Queixo; 10. Restauración; 11. Xoias; 12. Pan; 13. Quiosco; 14. Chacinaría; 15. Varios)

2º BLOQUE: EDUCACIÓN – INFANCIA. Neste apartado buscase recoller informacións relativa a primeira infancia no canario educativo formal-informal. Para entender a base de relación (tanto en aspectos positivos como negativos) da conexión e do vínculo neste contexto inicial entre profesores e compañera-os de escola, en unión de elo con os procesos educativos sociais.

1. En que lugar e ano naceu vostede?

Resposta:

2. Como lembra vostede a súa infancia?

Resposta:

3. Como foi a súa educación escolar (ou social) durante a infancia?

Resposta:

4. Que profesor/a da escola recorda máis, por que?

Resposta:

5. Como era a relación con compañeiros/as de clase (e social)?

Resposta:

6. Cal é a mellor lembranza da escola (ou do contexto social)? E a peor?

Resposta:

3º BLOQUE: EDUCACIÓN – ADOLESCENCIA. En consonancia con o anterior, este apartado busca recoller informacións do cenario educativo formal, pero e tamén informal, co fin de entender a continuidade e, de ser o caso, a ruptura dos procesos vinculares no percorrido educativo, encanto matrices de aprendizaxe.

1. E a escola (a vida) na adolescencia como foi?

Resposta:

2. Como eran os seus amigos?

Resposta:

3. Que facía vostede no seu tempo libre?

Resposta:

4. Que cousas lembra con cariño desa etapa educativa? (se non asistiu ao colexio, a pregunta sería “que lembra con cariño desa etapa vital?)

Resposta:

4º BLOQUE: ACTIVIDADE LABORAL – PRAZA DE ABASTOS. O obxectivo deste apartado e o de alcanzar unha descrición da actividade laboral que vostede desenvolve na Praza, entendendo esas actividades do facer como procesos educativos e formativos persoal e tamén colectivo dado a partires de un proceso grupal e laboral.

1. Dende cando está a traballar?

Resposta:

2. Como foi que comezou a traballar na “Praza de Abastos”?

Resposta:

3. Cónteme, como foi o proceso para conseguir o espazo para traballar na “Praza de Abastos”?

Resposta:

4. Que opinión ten da burocracia para obter un posto na “Praza de Abastos”?

Resposta:

5. Cónteme cousas do seu traballo. Que fai?

Resposta:

6. Pode describirme o que fai nun día normal, a súa rutina de traballo?

Resposta:

7. De que maneira logra as mercadorías?

Resposta:

8. Cal é a súa opinión a respecto a forma de xestión en cooperativa?

Resposta:

9. Como funciona a cooperativa da “Praza de Abastos”?

Resposta:

10. Como era a “Praza de Abastos” antes, cando vostede comezou a traballar aquí?

Resposta:

11. Cales foron as mudanzas que experimentou o Mercado nos anos de entrada na UE? Antes e agora, cales son as diferenzas? A partir desas mudanzas, que cousas considera que mudaron para mellor? Cales para peor?

Resposta:

12. Considera que a “Praza de Abastos” está acondicionada como para desenvolver de modo adecuado o seu traballo?

Resposta:

13. Que opina do seu traballo?

Resposta:

14. Que é o que máis lle incomoda ou molesta do seu traballo na “Praza de Abastos”?

Resposta:

15. Que opinas dos compradores e das compradoras da Praza?

Resposta:

5º BLOQUE: ACTIVIDADE LABORAL – RELACIÓNS NA PRAZA DE ABASTOS. O obxectivo deste apartado, en continuidade con o anterior, e o de obter un relato das relacións afectivas e emocionais existentes nese contexto de grupo das praceras e dos praceros, entendendo as actividades laborais desenvolvidas como vínculo (dados a partir dos procesos educativos laborais) que une o colectivo especificado a partires de relacións sociais na Praza.

1. Como se sente (sentimento, emocións) neste ambiente de traballo?

Resposta:

2. Se non traballase na "Praza de Abastos" en que lle gustaría traballar?

Resposta:

3. Como é a convivencia aquí na "Praza de Abastos" coas compañeiras e os compañeiros?

Resposta:

4. Como é a relación cos compradore? Tedes protestas a respecto dese colectivo?

Resposta:

5. Que fai vostede no seu tempo libre, cando non está a traballar na Praza?

Resposta:

6. Pensa que a xente valora os espazos como o da "Praza de Abastos"?

Resposta:

7. Que accións mellorarían a relación entre as persoas que traballan na "Praza de Abastos"?

Resposta:

6º BLOQUE: DISCURSO EDUCATIVO. Procurase nesta parte recolleita as expresións relativas o pensar e o sentir dos procesos educativos encanto adquisición de ferramentas cara a aplicación práctica nun contexto de actividades laborais.

1. A formación que vostede ten é suficiente para facer ben o seu traballo?

Resposta:

2. Que pensa da formación que vostede recibiu?

Resposta:

3. Cal é a súa opinión sobre a educación que se da as persoas na escola actual?

Resposta:

4. Pensa que as/os traballadoras/es da “Praza de Abastos” teñen unha boa formación?

Resposta:

5. Cre que necesitaría formación para mellorar no seu traballo? Si, si, por que? Si non, por que?

Resposta:

7º BLOQUE: EDUCACIÓN – TECNOLOXÍA. O obxectivo dese apartado e o de compilar o entender, tamén o lugar e o uso dado as novas tecnoloxías no contexto de ferramentas estrañas, modernas o modernizante da contorna abastiana.

1. Que opina sobre este mundo cheo de teléfonos, internet, redes sociais...?

Resposta:

2. Ten teléfono móbil? Para que o utiliza?

Resposta:

3. Coñece Facebook, utilízao?

Resposta:

4. Coñece ou utiliza algunha outra rede social?

Resposta:

5. Coñece e utiliza algunha aplicación de teléfono móbil para seu traballo?

Resposta:

6. Que medio de comunicación é o que vostede máis utiliza para informarse?

Resposta:

7. Utilízase internet na “Praza de Abastos”? En que se utiliza?

Resposta:

8. Cree que as novas tecnoloxías poden mellorar o seu negocio?

Resposta:

9. Utiliza algún medio tecnolóxico para a divulgación e venda no seu traballo? (ex. Pódese pagar no seu negocio con tarxeta, plataforma de internet...)?

Resposta:

8º BLOQUE: EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS. Neste ultimo apartado buscase recolleita como se teñen a esperanza e as expectativas cara o futuro, relativa a permanencia e a manutención do espazo vincular socio educativo laboral que dáse en Abastos.

1. A vostede gustaríalle que os seus fillos e fillas fixesen o mesmo traballo que vostede fai?

Resposta:

2. Cree que tal como se está a desenvolver a sociedade, no futuro vai existir esta “Praza de Abastos”?

Resposta:

3. Que habería que facer para mellorar a “Praza de Abastos”?

Resposta:

4. Os vendedores, xestores e o Concello preocúpanse por actualizar e adaptar a “Praza de Abastos” aos tempos que corren? Con que medidas?

Resposta:

5. Que pensa vostede que falta na “Praza de Abastos”?

Resposta:

6. Como se melloraría a vida social (relación con clientes, compañeiros, xestores, concello...) na “Praza de Abastos”?

Resposta:

7. Despois de todo o que falamos, hai algo que vostede quere falar que non falou ou algún asunto que quería retomar?

Resposta:

Moitas Grazas!

Número de encontros/contactos previos ás entrevistas en profundidade:

1 2 3 4 5

Número de encontros en que se fixeron as entrevistas: 1 2 3

Lugares en que se fixeron as entrevistas:

Observacións:

ANEXO VII - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO



A/A.

Dña. Marta Rey

Gerente Plaza de Abastos

Santiago de Compostela

Germán Vargas Callejas, Profesor del Departamento de Teoría de la Educación, Historia de la Educación y Pedagogía Social de la Facultad de Ciencias de la Educación de la Universidad de Santiago de Compostela, en calidad de Director de Tesis de la estudiante de Tercer Ciclo Gilgleide de Andrade Silva,

Rosa María Verdugo Matés, Profesora del Departamento de Economía Aplicada de la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Santiago de Compostela, en calidad de co-tutora de la Tesis de Gilgleide de Andrade Silva,

tenemos a bien solicitar:

su colaboración en la realización del proyecto de Tesis Doctoral titulado “Discursos y prácticas educativas en la Plaza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensiones y conflictos en la sociedad del conocimiento y la información”. Una investigación académica cuyo objetivo central es *conocer y analizar los discursos y las prácticas educativas de los agentes sociales de la Plaza de Abastos de Santiago de Compostela, con la finalidad de comprender esta realidad singularizada por su anclaje en la tradición y su necesaria convivencia e integración en la sociedad del conocimiento y la información.*

Considerando nuestra reunión previa sobre el tema, a continuación integramos los aspectos específicos en los cuales precisamos y agradecemos su colaboración en la línea de **facilitar:**

1. la realización del **trabajo de campo**, que supone que la estudiante de doctorado estará presente en la plaza de abastos, desarrollando tareas de observación participante y contactando con las personas que trabajan en este entorno.

2. el desarrollo de **entrevistas en profundidad** con vendedores, vendedoras y otro personal de la plaza, elegidos a través del muestreo intencional, que implica contactar directamente con aquellas personas que en base a criterios previos sean consideradas relevantes para el desarrollo de la tesis.
3. la aplicación de un **cuestionario** a todos los vendedores y vendedoras de la plaza de abastos.
4. la **documentación** que pueda ser útil para describir la realidad de la plaza de abastos, tales como la cantidad de personas que trabajan en este entorno, su ocupación específica en la plaza, género...

El trabajo de campo (observación participante, entrevistas en profundidad, grupos de discusión y cuestionario, serán aplicados bajo en principio de no incidir ni crear molestia alguna en el funcionamiento de la plaza de abastos. Asimismo los datos recopilados serán tratados con fines estrictamente investigativos, lo cual garantiza la total confidencialidad y el respeto por las opiniones y posturas de las personas participantes. En ningún momento los datos serán utilizados más que para su finalidad fundamental, esto es: generar conocimiento sobre este espacio de interacción.

Por otra parte garantizamos que el presente estudio constituirá un aporte significativo para la documentación de la vida en la Plaza de Abastos, además de ofrecer orientaciones de carácter educativo y social para apoyar su sostenibilidad y proyección futura.

Agradecemos de antemano su colaboración y nos ponemos a su disposición para solventar cualquier cuestión relacionada con la elaboración de esta investigación, en caso necesario rogamos que se ponga en contacto con nosotros a través de las siguientes direcciones electrónicas german.vargas@usc.es (tel. 881813820) y rosadagaliza@gmail.com (tel. 8818 11589).

Atentamente

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas
Departamento de Pedagogía y Didáctica
Fac. de Ciencias de la Educación (Campus Vida)
Universidad de Santiago de Compostela

Profa. Dra. Rosa María Verdugo Matés
Departamento de Economía Aplicada
Facultad de Ciencias Económicas
Universidad de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, 29 de octubre de 2018

ANEXO VIII - PRIMEIRA CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA ENTREVISTA VINCULAR EM PROFUNDIDADE (TRABALLADORAS/ES)



FACULTADE DE CIENCIAS DA EDUCACIÓN
Campus Vida - 15782 Santiago de Compostela (España)
Toll: 881 813 753/13754
Correo electrónico: hesepe@usc.es
http://www.usc.es/sepa

A/A.

Traballadoras e Traballadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago

Germán Vargas Callejas, Profesor da Facultade de Ciencias da Educación da Universidade de Santiago de Compostela, en calidade de Director de Tesis da estudante de Terceiro Ciclo Gilgilde de Andrade Silva,

teño a ben presentar o proxecto de estudo e solicitar:

A vosa colaboración na realización do estudo de Tesis de Doutoramento titulada "Discursos e prácticas educativas na Praza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensións e conflitos na sociedade do coñecemento e da información". Unha investigación académica có obxectivo (entre outros) de:

- Estudar e contextualizar a nivel histórico, cultural, social e educativo a Praza de Abastos de Santiago de Compostela.
- Describir a diversidade das actividades desenvolvidas na Praza de Abastos e establecer as súas relacións cos procesos educativos e a formación dos axentes que dinamizan a vida neste contexto, entre outros, donos de postos, traballadores, paisanas e organizadores do medio.

Desde o punto de vista académico, o presente estudo constitúe unha contribución significativa para a documentación da vida na Praza de Abastos, ademais de ofrecer orientacións de carácter educativo e social para apoiar a súa sostibilidade e proxección futura.

Por este motivo, estaremos entrevistando de maneira voluntaria, totalmente anónima e có fin estritamente académico a traballadoras e traballadores da Praza.

Agradezo a súa colaboración e estou a súa disposición para resolver calquera problema relacionado con esta solicitude. Escríbeme á seguinte dirección de correo electrónico german.vargas@usc.es ou chamade ao 881 811 000 ext. 13820.

Atentamente,

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas
Departamento de Pedagogía e Didáctica
Facultade de Ciencias da Educación (Campus Vida), Universidade de Santiago de Compostela

Alumna Gilgilde de Andrade Silva
Estudiante de Doutoramento en Educación, Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, 17 de outubro de 2018.

ANEXO IX - CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA O QUESTIONÁRIO



A/A.

Traballadoras e Traballadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago

Germán Vargas Callejas, Profesor da Facultade de Ciencias da Educación da Universidad de Santiago de Compostela, en calidade de Director de Tesis da estudante de Terceiro Ciclo Gilgleide de Andrade Silva,

teño a ben presentar o proxecto de estudo e solicitar:

A vosa colaboración na realización do estudo de Tesis de Doutoramento titulada “Discursos e prácticas educativas na Praza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensións e conflitos na sociedade do coñecemento e da información”. Unha investigación académica có obxectivo (entre outros) de:

- . Estudar e contextualizar a nivel histórico, cultural, social e educativo a Praza de Abastos de Santiago de Compostela.
- . Describir a diversidade das actividades desenvolvidas na Praza de Abastos e establecer as súas relacións cos procesos educativos e a formación dos axentes que dinamizan a vida neste contexto, entre outros, donos de postos, traballadores, paisanas e organizadores do medio.

Desde o punto de vista académico, o presente estudo constitúe unha contribución significativa para a documentación da vida na Praza de Abastos, ademais de ofrecer orientacións de carácter educativo e social para apoiar a súa sostibilidade e proxección futura.

Por este motivo, **estaremos entrevistando de maneira voluntaria, totalmente anónima e có fin estritamente académico a traballadoras e traballadores da Praza.**

Agradezo a súa colaboración e estou a súa disposición para resolver calquera problema relacionado con esta solicitude. Escribideme á seguinte dirección de correo electrónico german.vargas@usc.es ou chamada ao 881 811 000 ext. 13020.

Atentamente,

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas

Departamento de Teoría da Educación, Historia da Educación e Pedagogía Social
Facultade de Ciencias da Educación (Campus Vida), Universidade de Santiago de Compostela

Alumna Gilgleide de Andrade Silva

Estudiante de Doutoramento en Educación, Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, 17 de outubro de 2018.

ANEXO X - CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA BIBLIOTECAS

A/A.

Bibliotecas de Santiago de Compostela

Germán Vargas Callejas, Profesor da Facultade de Ciencias da Educación da Universidad de Santiago de Compostela, en calidade de Director de Tesis da estudante de Terceiro Ciclo Gilgleide de Andrade Silva,

teño a ben presentar o proxecto de estudo e solicitar:

A vosa colaboración na realización do estudo de Tesis de Doutoramento titulada “Discursos e prácticas educativas na Praza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensións e conflitos na sociedade do coñecemento e da información”. Unha investigación académica có obxectivo (entre outros) de:

- . Estudar e contextualizar a nivel histórico, cultural, social e educativo a Praza de Abastos de Santiago de Compostela.
- . Describir a diversidade das actividades desenvolvidas na Praza de Abastos e establecer as súas relacións cos procesos educativos e a formación dos axentes que dinamizan a vida neste contexto, entre outros, donos de postos, traballadores, paisanas e organizadores do medio.

Desde o punto de vista académico, o presente estudo constitúe unha contribución significativa para a documentación da vida na Praza de Abastos, ademais de ofrecer orientacións de carácter educativo e social para apoiar a súa sostibilidade e proxección futura.

Por este motivo, **estaremos pasando no mês de xullo a setembro có fin de facer busca bibliográfica sobre o tema có fin estrictamente académico.**

Agradezo a súa colaboración e estou a súa disposición para resolver calquera problema relacionado con esta solicitude. Escribideme á seguinte dirección de correo electrónico german.vargas@usc.es ou chamade ao 881 811 000 ext. 13020.

Atentamente,

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas

Departamento de Teoría da Educación, Historia da Educación e Pedagogía Social

Facultade de Ciencias da Educación (Campus Vida), Universidade de Santiago de Compostela

Alumna Gilgleide de Andrade Silva

Estudiante de Doutoramento en Educación, Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, xullo de 2016.

ANEXO XI - ORIENTAÇÃO PARA TRANSCRIÇÃO

Orientación para la transcripción de audios: En el cuerpo de la entrevista, sólo se usan las iniciales de los participantes en mayúsculas cada vez que intervengan y se sugiere poner ponto e a parte cada vez que se cambie de voz, para facilitar el procesamiento de la información. Poner puntos suspensivos entre paréntesis “(…)” cuando no se entienda, no se escuche, etc, lo que se dice en el audio. K: es la inicial del nombre de la investigadora. J: es la inicial del agente social entrevistado. (...) Quando no se entienda y no se transcriba algo. (risas): si hay risas. A cada audio transcrito poner como encabezado el cuadro que se ten a continuación con los datos relativo a cada audio.

ENTREVISTA EN PROFUNDIDADE, nº 4

Vinoteca

Nome da transcritora	X
Data	abril de 2019
Duração da gravação	11 minutos e 21 segundo (audio n. 85)
Perfil	Vinoteca, homem, empregado assalariado, com mais trabalhadores, jovem

K:

J:

Orientação para a transcrição de entrevistas gravadas

Considerou-se os seguintes critérios como normas de transcrição, quer foram retirados a partir da sistematização feita por Nunes (2007) com as respectivas simbologias a serem tidas em conta na hora das transcrições que se apresenta a continuação:

K: Inicial da investigadora. En el cuerpo de la entrevista, sólo

se usan las iniciales de los participantes en mayúsculas cada vez que intervengan y se sugiere poner ponto e a parte cada vez que se cambie de voz, para facilitar el procesamiento de la información.

- X: Letra da inicial do(a) agente social entrevistado(a)
- (risos) Quando houver risadas
- (...) Quando se tenha qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o locutor ou o documentador não terminam a frase
- (.) Uso de ponto em contexto declarativo
- (?) Uso de sinal de interrogação em contexto interrogativo
- (!) uso de sinal de ponto de exclamação em contextos exclamativos
- () Incompreensão de palavras ou segmentos. Quando não se entenda bem o que se tem gravado (Poner puntos suspensivos entre paréntesis “(...)” cuando no se entienda, no se escuche etc., lo que se dice en el audio)
- (AE1:) Posteriormente as letras iniciais de cada Agente Social entrevistado(a) serão substituídas na hora de apresentar em anexo um trecho de transcrição como (AE1:) para marcar as falas dos(as) agentes sociais entrevistados(as) seguida de um número crescente e de dois pontos.
- (Quadro resumido a partir de Nunes, 2017: 237-238)

Cada áudio transcrito deve ter como encabeçado o quadro com a continuação, substituindo as informações que estão sublinhadas com os dados relativos a cada gravação a ser transcrita.

ANEXO XII - TERMO DE ACORDO DE TRANSCRIÇÃO

ACUERDO DE CONFIDENCIALIDAD POR LA COLABORACIÓN EN LA TRANSCRIPCIÓN DE AUDIO A TEXTO

En Santiago de Compostela, con fecha 5 de abril de 2019, entre doña Gilgleide de Andrade Silva, documento número X7269615-M, y por la otra parte, don/doña, ..., n. documento....., se ha convenido el siguiente acuerdo de confidencialidad:

CONSIDERACIONES

1. Se acuerda entre ambas las partes la transcripción de audios a texto.
2. Ambas partes reconocen que há la necesidad de tener acceso a información confidencial para ejecutar estas actividad de transcripción durante el periodo vigente de colaboración.

CLÁUSULAS

PRIMERA. OBJETO. El objeto del presente acuerdo es establecer los términos y condiciones por los que se regirán las partes para mantener la confidencialidad de la información y datos que han de intercambiarse con motivo de la transcripción de audios. Por información confidencial se entiende aquella información escrita u oral revelada de forma directa o indirecta, además de todo el contenido de los audios.

SEGUNDA. CONFIDENCIALIDAD. La información que se intercambia en el transcurso del proceso de transcripción se mantendrá en estricta confidencialidad, sea información procedente de alguna de las partes o de terceros. Se usará la información facilitada por la parte de Gilgleide con el único fin de ejecutar la colaboración de transcripción. No se revelará la información suministrada por la parte de Gilgleide a nadie.

TERCERA. MEDIDAS PARA EL MANTENIMIENTO DE LA CONFIDENCIALIDAD. Ambas partes se comprometen a tomar las medidas necesarias para garantizar el secreto y evitar la revelación y un uso no autorizado de la información confidencial. No se realizará copia alguna

de la información confidencial e será eliminado todo los audios al finalizar la relación de colaboración de transcripción.

CUARTA.DERECHOS DE PROPIEDAD INTELECTUAL. Ambas las partes reconocen que toda la información facilitada por las partes es de propiedad de Gilgleide. En consecuencia, LA AMIGA DE MARIA utilizará la información solo para los fines de colaboración en la transcripción.

En prueba de conformidad con cuanto antecede, ambas partes leído el presente termo de responsabilidad lo firman en el lugar y fecha que se indica en el encabezamiento.

Gilgleide de Andrade Silva

Nome pessoa transcriptora/fdo.

PD. TERMO ADAPTADO DE

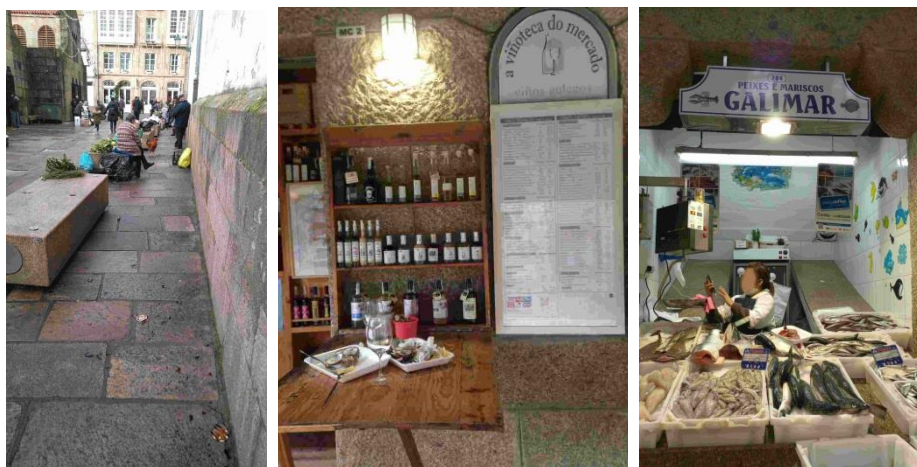
<https://transcripcionaudioatexto.wordpress.com/contrato-de-servicios-y-acuerdo-de-confidencialidad/>

ANEXO XIII. FOTOGRAFIAS DE ALGUNS SETORES ENTREVISTADOS

Fotografias 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105 e 106 - Setores entrevistados



Fonte: Produção própria, 2020.



Fonte: Produção própria, 2018.



Fonte: Produção própria, 2018.

ANEXO XIV. SEGUNDA CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA ENTREVISTA VINCULAR EM PROFUNDIDADE TRABALHADORASES



A/A.

Traballadoras e Traballadores da Praza do Mercado de Abastos de Santiago

Germán Vargas Callejas, Profesor da Facultade de Ciencias da Educación da Universidade de Santiago de Compostela, en calidade de Director de Tesis da estudante de Terceiro Ciclo Gilgleide de Andrade Silva,

teño a ben presentar o proxecto de estudo e solicitar:

A vosa colaboración na realización do estudo de Tesis de Doutoramento titulada “Discursos e prácticas educativas na Praza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensións e conflitos na sociedade do coñecemento e da información”. Unha investigación académica có obxectivo (entre outros) de:

- . Estudar e contextualizar a nivel histórico, cultural, social e educativo a Praza de Abastos de Santiago de Compostela.
- . Describir a diversidade das actividades desenvolvidas na Praza de Abastos e establecer as súas relacións cos procesos educativos e a formación dos axentes que dinamizan a vida neste contexto, entre outros, donos de postos, traballadores, paisanas e organizadores do medio.

Desde o punto de vista académico, o presente estudo constitúe unha contribución significativa para a documentación da vida na Praza de Abastos, ademais de ofrecer orientacións de carácter educativo e social para apoiar a súa sostibilidade e proxección futura.

Por este motivo, **estaremos pasando/contactando no més de febreiro polos postos de traballo, por whatsApp ou por email có fin de que nos contestedes a unha entrevista voluntaria, totalmente anónima e có fin estrictamente académico a traballadoras e traballadores da Praza.**

Agradezo a súa colaboración e estou a súa disposición para resolver calquera problema relacionado con esta solicitude. Escribideme á seguinte dirección de correo electrónico german.vargas@usc.es ou chamade ao 881 811 000 ext. 13020.

Atentamente,

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas

Departamento de Teoría da Educación, Historia da Educación e Pedagogía Social
Facultade de Ciencias da Educación (Campus Vida), Universidade de Santiago de Compostela

Alumna Gilgleide de Andrade Silva

Estudiante de Doutoramento en Educación, Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, 04 de xaneiro de 2019.

ANEXO XV - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO AO CONCELLO DE SANTIAGO

A/A.

Conselleira Marta Lois González

Germán Vargas Callejas, Profesor do Departamento de Teoría da Educación, Historia da Educación e Pedagogía Social da Facultade de Ciencias da Educación da Universidade de Santiago de Compostela, en calidade de Director de Tesis da estudante de Tercer Ciclo Gilgleide de Andrade Silva,

Rosa María Verdugo Matés, Profesora do Departamento de Economía Aplicada da Facultade de Ciencias Económicas da Universidad de Santiago de Compostela, en calidade de co-tutora da Tesis de Gilgleide de Andrade Silva,

tenemos a ben presentar o proxecto de estudo e solicitar:

A vosa colaboración na realización do estudo de Tesis de Doutoramento titulada “Discursos e prácticas educativas na Praza de Abastos de Santiago de Compostela: realidades, tensións e conflitos na sociedade do coñecemento e da información”. Unha investigación académica có obxectivo (entre outros) de:

- . Estudar e contextualizar a nivel histórico, cultural, social e educativo a Praza de Abastos de Santiago de Compostela.
- . Describir a diversidade das actividades desenvolvidas na Praza de Abastos e establecer as súas relacións cos procesos educativos e a formación dos axentes que dinamizan a vida neste contexto, entre outros, donos de postos, traballadores, paisanas e organizadores do medio.

Desde o punto de vista académico, o presente estudo constitúe unha contribución significativa para a documentación da vida na Praza de Abastos, ademais de ofrecer orientacións de carácter educativo e social para apoiar a súa sostibilidade e proxección futura.

Por ese motivo, **a estudante de doutoramento solicita có fin estritamente académico unha entrevista con vostede con a temática da Praza do Mercado de Abastos de Santiago.**

Agradecemos de antemano su colaboración y nos ponemos a su disposición para solventar cualquier cuestión relacionada con la elaboración de esta investigación, en caso necesario rogamos que se ponga en contacto con nosotros a través de las siguientes direcciones electrónicas german.vargas@usc.es (tel. 881813820) y rosadagaliza@gmail.com (tel. 8818 11589).

Atentamente

Prof. Dr. Germán Vargas Callejas

Departamento de Pedagogía y Didáctica
Fac. de Ciencias de la Educación (Campus Vida)
Universidad de Santiago de Compostela

Prof. Dra. Rosa María Verdugo Matés

Departamento de Economía Aplicada
Facultad de Ciencias Económicas
Universidad de Santiago de Compostela

Alumna Gilgleide de Andrade Silva

Estudiante de Doutoramento en Educación, Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, 29 de octubre de 2018

ANEXO XVI. ENTREVISTA A EMPRESA XESTORA DA PRAZA

1. Cal e o nome oficial da Praza?
2. Cal e o horario de funcionamento cara o público da Praza no xeral? E cal o horario de funcionamento do sector da hostalería?
3. Que é preciso para poder acceder a un posto na Praza?
4. En que consiste o informe favorable da empresa xestora da Praza?
5. Cal e o valor do aluguer da aula sociocultural da Praza? E cantas horas de uso tense por este valor?
6. Que ano a Praza inicia o formato de xestión en Cooperativa?
7. A partires da xestión en formato cooperativista, cantas xuntas directivas tivo a Cooperativa da Praza?
8. A día de hoxe, cantas casetas están en uso na Praza? E cantos postos hai dispoñibles?
9. A día de hoxe a totalidade de casetas licitadas son para particulares do sexo masculino ou feminino? Poderíame facilitar a números globais cantos homes e cantas mulleres están con unha ou máis casetas licitadas?
10. Cal foi o ano da última licitación xeral para o aceso as casetas? (antes da licitación da nave 5, a de gastronomía, que foi no ano 2017, non si?)
11. A Praza está organizada en cantas naves e casetas nestas, a números globais?
12. Teñen todas as casetas os mesmos prezos e características?
13. Cal o período da reforma moderna da Praza? Ano de inicio e conclusión? Nesta fíxose a construción da aula sociocultural?
14. Cal o valor total destinado a esa última e grande reforma que se fixo na Praza?
15. As pedras da Praza na cal exercen actividade as paisanas están numeradas, todas elas?

16. En total cantas pedras tense na Praza? Dese total cantas pedras foron acrecentadas na última reforma da Praza?

17. Cal o ordenamento actual que rexe a actividade da Praza?

18. O perfil maioritario na Praza é o de dona/o de posto traballadora/or? Ou máis ben sería o de persoas contratadas de forma allea?

19. Que tipo de rexistro na seguridade social tense na Praza? (autónomos, contratados en conta allea, rexistro como sociedades e cooperativas, como exemplo?)

20. Sobre o libro de rexistro das paisanas, poderíasme explicar como e o procedemento deste rexistro neste libro? Cal o protocolo para o rexistro das paisanas, si teñen que aportar documentación, etc?

21. Dende que ano tense este rexistro das paisanas? E cal o número global de persoas que estiveron rexistrada neste?

22. A día de hoxe cantas persoas están no rexistro de paisanas da Praza?

23. Poderíasme falar sobre o prêmio da lingua que a Praza recibeu? Que iniciativa premiou, ano de recepción do premio etc.

24. Poderíasme facilitar a número globais sexo e idade aproximada do colectivo de persoas paisanas?

25. Poderíasme facilitar a ordenación da Praza do ano 1999?

26. Poderíasme facilitar o documento que rexe a ordenación en vigor da Praza?

27. Poderíasme facilitarme as bases da convocatoria xeral e última para o aceso as casetas? Das dúas últimas, si es posible.

Moitas grazas pola atención e axuda, Gilgleide de Andrade Silva,
estudante do doutoramento en Educación da USC.

ANEXO XVII. DATAS DOS CONTATOS COM AS-OS AGENTES ENTREVISTADAS-OS

Lista dos contatos iniciais com as pessoas agentes entrevistadas da *Praza* e os dias nos quais foram realizadas as entrevistas vinculares em profundidade (período de coleta de dados em entrevistas)

24/09/2018 Prova de campo com uma agente social trabalhadora da *Praza*, a professora Rosa Verdugo estava presente para o observação e controle do processo. Ação realizada fora do espaço da *Praza*. Uma vez concluída a entrevista, fixou-se uma reunião para o dia seguinte (25 de setembro). Nessa reunião a professora fez as observações pertinentes para a correção dos aspectos de dinâmicas e interlocução à hora de fazer as entrevistas, como também de estrutura das perguntas no roteiro da entrevista.

15/10/2018 Primeiro contato por telefone com uma agente social do setor da peixaria (*pescadera*). Acende-se a essa agente trabalhadora por contato de rede pessoal;

22/10/2018 Encontro com a agente social trabalhadora da *Praza* para a prova de campo final, traz as correções feitas tanto pela professora Rosa Verdugo, como do diretor da tese Germán Vargas. Ação realizada fora do espaço da *Praza*;

25/10/2018 Primeiro contato por telefone com uma segunda agente social do setor da peixaria (*pescadera*). Este contato se deu através de uma cliente estável;

01/11/2018 Contato inicial com um agente social trabalhador do setor da fruteria. O contato foi propiciado por um comprador habitual, cliente estável;

01/11/2018 Contato inicial com um agente social trabalhador do setor da peixaria. Acedeu-se a essa trabalhadora por rede através de um comprador habitual;

01/11/2018 Contato inicial com um agente social trabalhador do setor da carne/açougue (*carnicería*). Esse contato inicial propiciado por um cliente estável;

05/11/2018 Primeira etapa da entrevista vincular em profundidade com os setores da frutaria e açougue (*carniceria*). Entrevistas realizadas no posto de

trabalho do agente entrevistado;

07/11/2018 Contato inicial com os setores da venda de vinho (*vinoteca*) e do setor de produtos ecológicos. Contatos propiciado por um agente com familiar na *Praça*;

12/11/2018 Segundo encontro de entrevista vincular em profundidade com o agente social do setor da frutaria (finalização). Entrevista realizada no posto de trabalho do agente entrevistado;

13/11/2018 Segundo encontro para a entrevista vincular em profundidade com o agente social do setor do açougue (*carnicero*). Entrevista realizada no posto de trabalho do agente entrevistado;

19/11/2018 Primeiro dia de entrevista com a agente social vendedora de peixe (*pescadera*). Entrevista feita fora da *Praça*;

20/11/2018 Terceiro encontro com o setor da carne (*carnicero*) para a entrevista vincular em profundidade (finalização). Entrevistas realizadas no posto de trabalho do agente entrevistado;

26/11/2018 Segundo dia de entrevista vincular em profundidade com a agente trabalhadora em peixaria (*pescaderia*). Entrevistas realizadas fora do lugar de trabalho da agente social;

04/12/2018 Primeiro contato direto com uma segunda agente social do setor da carne/açougue (*carniceira*). Contato feito através de uma cliente estável do negócio;

04/12/2018 Terceiro encontro de entrevista em profundidade (finalização) com a agente social do setor da pesca (*pescadera*). Entrevistas realizadas fora do lugar de trabalho da agente entrevistada;

04/12/2018 Contato inicial com os setores da venda de pão (*panadeira*), com o setor dos produtos ecológicos e com uma *paisana*. Contato promovido por uma pessoa ativista social que tem relações com agentes trabalhadores da *Praça*;

04/12/2018 Primeiro dia de entrevista vincular em profundidade com o agente social trabalhador na venda de vinho. Entrevista realizada no posto de trabalho do agente entrevistado;

05/12/2018 Primeiro dia de contato com um agente social do setor da venda de produtos ecológico (abordagem directa);

05/12/2018 Segundo dia de entrevista vincular em profundidade com o

agente trabalhador na vinoteca. Entrevista realizada no posto de trabalho do agente social;

12/12/2018 Terceiro dia de entrevista vincular em profundidade com o agente do setor da venda de vinhos (finalização). Entrevista feita no posto de trabalho do agente;

12/12/2018 Segundo dia de contato direto com a segunda trabalhadora contactada do setor da carne (carniceira);

21/12/2018 Primeiro dia de entrevista vincular em profundidade com o setor dos produtos ecológicos. Entrevista realizada no posto de trabalho do agente social;

28/12/2018 Segunda dia de entrevista vincular em profundidade com o agente social que trabalha com os produtos ecológicos. Entrevista realizada no posto de trabalho do agente;

04/01/2018 Terceiro dia de entrevista vincular em profundidade com o agente trabalhador com o setor dos produtos ecológicos. Entrevista realizada no posto de trabalho;

18/01/2019 Quarto dia de entrevista vincular em profundidade com o setor dos produtos ecológicos (finalização). Entrevista realizada no posto de trabalho do agente social;

14/03/2019 Primeiro contato com agente social trabalhador do setor da agricultura familiar (paisano/agricultor). Contato propiciado por um agente trabalhador da *Praza* já entrevistado. Primeiro dia de entrevista vincular em profundidade com esse agente social trabalhador do setor da agricultura familiar. Entrevista realizada no próprio espaço de trabalho;

21/03/2019 Segundo dia de entrevista vincular em profundidade com o agente social trabalhador do setor da agricultura familiar (Finalização). Entrevista realizada no próprio espaço de trabalho;

20/11/2020 Primeiro contato com uma pessoa do âmbito da administração da *Praza* para a possibilidade de que se concedesse uma entrevista. Contato propiciado por uma pessoa promotora de atividades de promoção da *Praza*;

15/12/2020 Segundo dia de contato com uma pessoa do âmbito da administração da *Praza* para a possibilidade de que se concedesse uma entrevista. Contato propiciado por uma pessoa promotora de atividades de promoção da *Praza*;

16/12/2020 Entrevista de formato estruturada a uma pessoa do âmbito da administração da *Praza*. A entrevista foi feita no próprio espaço de trabalho na *Praza*;

17/12/2020 Primeiro dia de contato com um setor da administração da *Praza* (segunda instância administrativa) para a possibilidade de que se concedesse uma entrevista. Contato propiciado por uma cliente estável da *Praza*.

ANEXO XVIII - PROTOCOLO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

PROTOCOLO DE APLICACIÓN CUESTIONARIO MERCADO DE ABASTOS

Indicaciones para el entrevistador:

- 1) Leer la presentación del cuestionario indicada.
- 2) Es necesario cumplir con las pautas de vestimenta y actitud no verbal hacia el entrevistado indicadas previamente.
- 2) Para indicar No sabe/No contesta se deja en blanco la pregunta.
- 3) Las preguntas con un asterisco rojo son obligatorias y tienen que ser contestadas previamente por el entrevistador.
- 4) En outros va: conxelados, perfumes, teas , Queixo (HAY 2), quioscos (HAY 1), Bazar Santi, Casal & Multari, Cocina María, Conservas do Camiño, Cuarto Pexigo, El Cisne de Oro, Froitas Rosa, Iacoliva Plaza, Pilgrim Bag, Reparación de ParaugaS, Sr Nilsson, Viñoteca do Mercado, Zocos